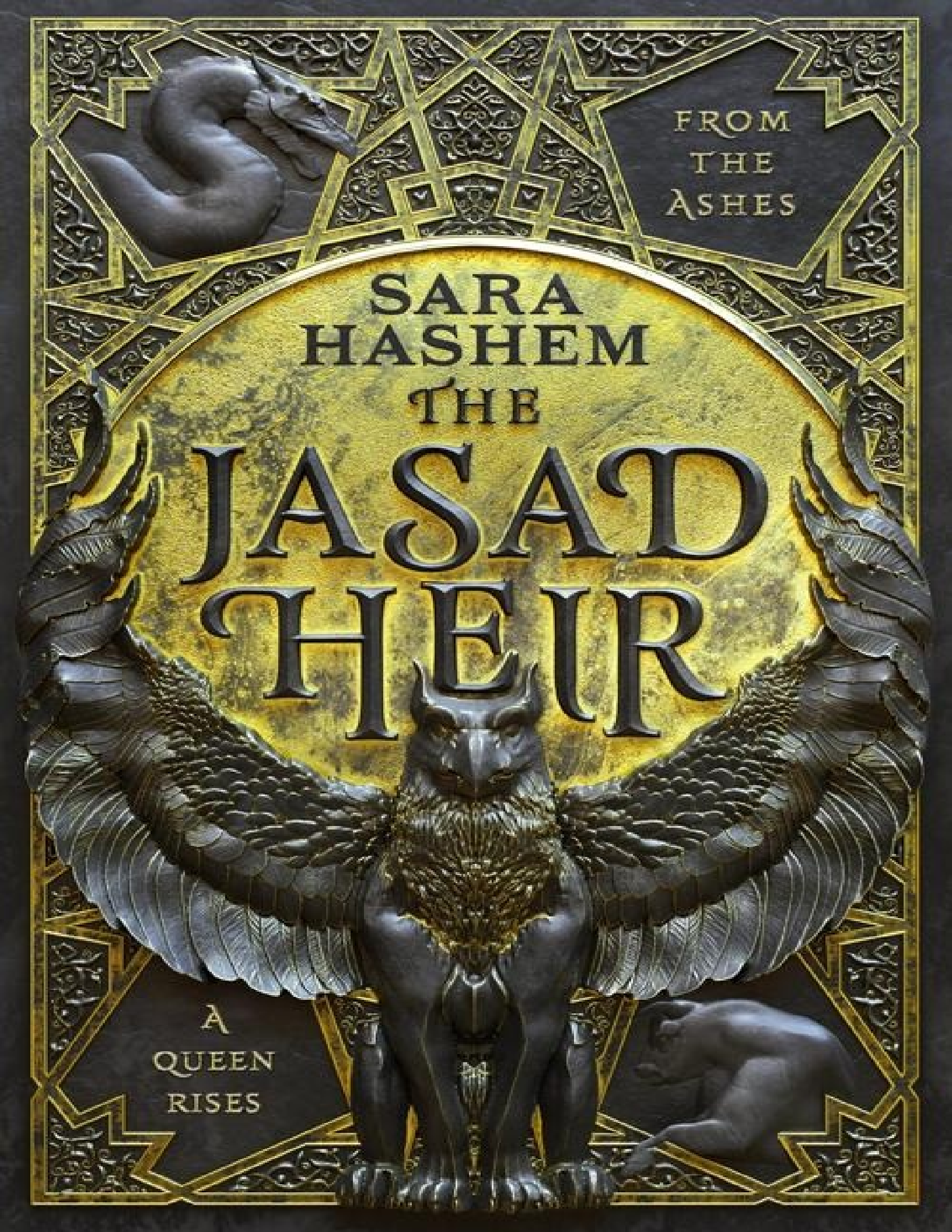
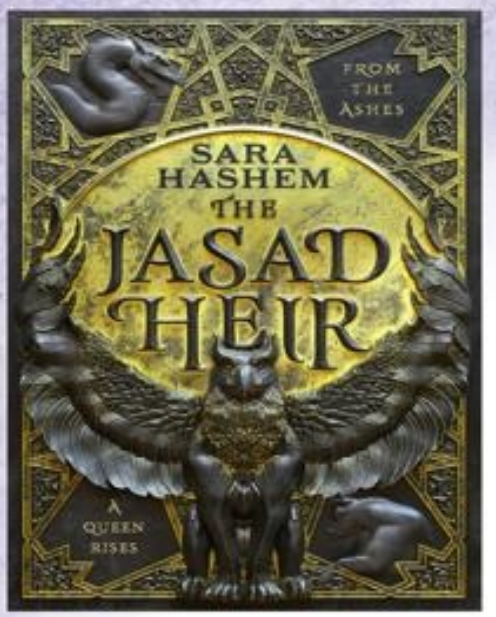
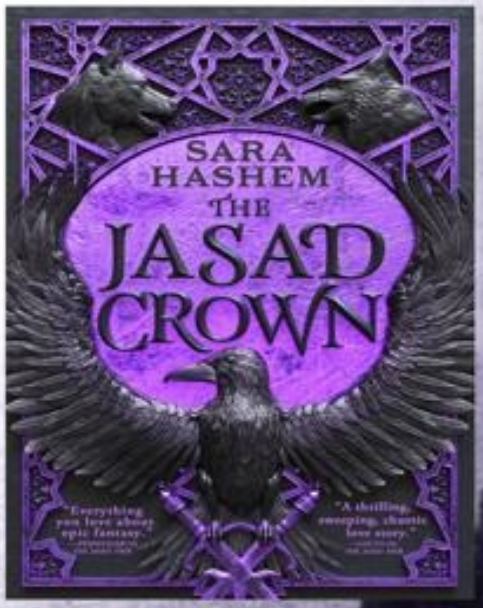

FROM THE ASHES
SARA HASHEM
THE JASAD HEIR
A QUEEN RISES

THE SCORCHED THRONE

ORDEM DE LEITURA





SINOPSE

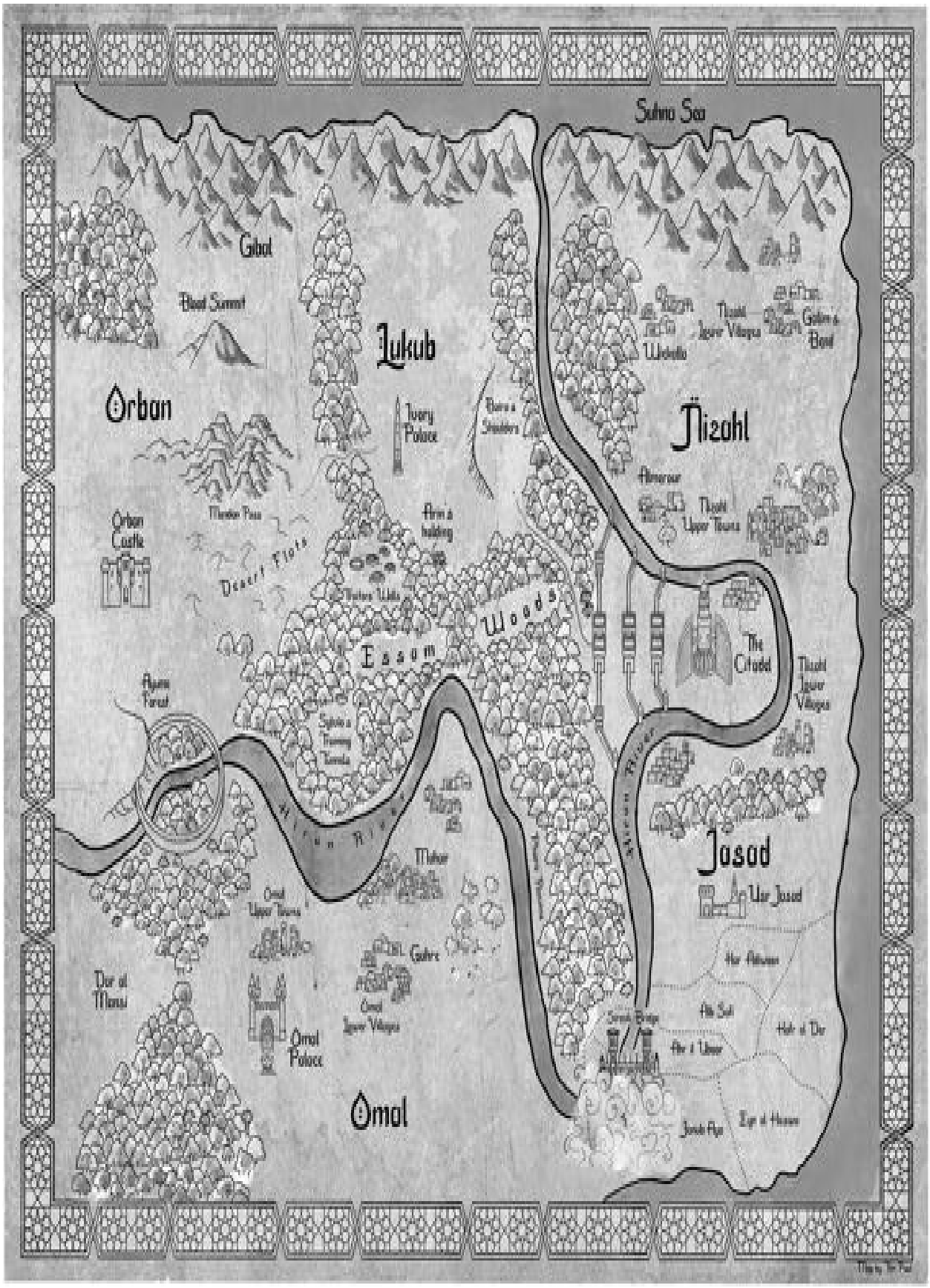
Dez anos atrás, o reino de Jasad foi queimado. Sua magia foi proibida; sua família real foi assassinada até a última criança. Pelo menos, é isso que Sylvia quer que as pessoas acreditem.

A Herdeira perdida de Jasad, Sylvia, nunca quer ser encontrada. Ela não consegue pensar em como os exércitos de Nizahl devastaram seu reino e continuaram a caçar seu povo - não se quiser permanecer viva. Mas quando Arin, a Herdeira de Nizahl, rastreia um grupo de rebeldes Jasadi até sua aldeia, ficar um passo à frente da morte se torna mais complicado.

Em um momento de raiva, a magia de Sylvia é exposta, capturando a atenção de Arin. Agora, para salvar sua vida, Sylvia terá que fazer um acordo com seu maior inimigo. Se ela o ajudar a atrair os rebeldes, escapará da perseguição.

Um jogo mortal começa. Sylvia não pode deixar Arin descobrir sua identidade, mesmo que o ódio se transforme em algo mais. Em breve, Sylvia terá que escolher entre a vida que deseja e a que deixou para trás. O reino devastado está em ascensão e precisa de uma rainha.

Para Hend, por ser a minha primeira leitora, amiga e irmã mais nova.
E para cada filha mais velha que escolhe ser corajosa.


Sulma Sea
Gilad
Blood Summit
Lukub
Orban
Ivory Palace
Horn o Shadows
Jizohl
Welvella
Thuzil Upper Villages
Golem's Bowl
Almarour
Thuzil Upper Towns
Orban Castle
Mirror Pass
Desert Flats
Arm's holding
Woods
Esaum
The Citadel
Thuzil Upper Villages
Ayuna Forest
Sybil's Training Tunnels
Ayuna River
Mahar
Jasad
Jasad Upper Towns
Gahre
Har Ahuan
Dar al Manu
Omal Upper Villages
Ahn Sul
Hah o Dar
Omal Palace
Ahn o Umar
Omal
Jasad Pass
Eye of Heaven

CAPÍTULO 1



Duas coisas se interpuseram entre mim e uma boa noite de sono, e eu só podia eliminar uma delas.

Caminhava pelas margens musgosas do Rio Hirun, apertando os olhos em busca de movimento. A sujeira, as horas tardias – eu já esperava por isso. Todos os aprendizes da aldeia lidavam com isso. Só não esperava ver os sapos.

— Digam as suas despedidas, pragas inúteis — gritei. Os sapos tinham desenvolvido uma estratégia defensiva que colocavam em ação sempre que eu me aproximava. Primeiro, o guarda de vigia soltava um alarme. Os outros se jogavam no rio. Por fim, o corajoso guarda de vigia pulava para salvar a vida. Um esforço tão admirável quanto fútil.

A sujeira estava incrustada profundamente sob minhas unhas. O luar se filtrava através de uma copa de árvores esqueléticas e, por um momento, minha mão parecia diferente. Uma mão muito mais bem cuidada, um pouco mais fraca. As mãos de Niphran. Mãos que podiam empunhar um machado ao lado do lenhador mais forte, trançar uma tempestade de cachos em delicadas tranças, cravar lanças nas mandíbulas de monstros. Nos primeiros anos da minha vida, antes que a dor pelo assassinato do meu pai se espalhasse por Niphran como podridão, antes que a sanidade dela entrasse em colapso, não havia nada que as mãos da minha mãe não pudessem fazer.

Ah, se ela pudesse me ver agora. Coberta de sujeira e enganada pelas baratas do rio.

Hirun soltou a sua névoa opaca, soprando vida nos ossos invernais

da Floresta Essam. Limpei as mãos no rio e deixei de lado os pensamentos sobre os mortos.

Um coaxar frenético soou atrás de uma raiz de árvore. Disparei para a frente, pegando o guarda que recuava. Ah, mas nunca eram os bravos que escapavam. Aproximei-o do meu rosto.

— Os seus amigos estão caçando grilos, e você está aqui. Eles valeram a pena?

Joguei o sapo mole no balde e suspirei. Faltavam mais dez, o que significava mais uma rodada de correr em círculos e torcer para que a lama não vazasse pelo buraco da minha bota direita. O fato de Rory ser um químico renomado não me impressionava, nem aquele aprendizado tão cobiçado. O que me impedia de jogar o balde fora e ir para a fortaleza de Raya, onde uma refeição quente e uma cama confortável me aguardavam, era uma dívida de conveniência.

Rory não fazia perguntas. Quando apareci em sua porta, cinco anos atrás, encharcada de sangue e tremendo, Rory cuidou dos meus ferimentos e me levou para a casa de Raya. Ele resgatou uma órfã de quinze anos, sem histórico ou antecedentes, de uma vida de vagabundagem.

O estalo repentino de um galho tensionou os meus músculos. Enfiei a mão no bolso e envolvi o cabo da minha adaga com os dedos. Dada a predileção dos soldados Nizahl por nos revistarem a esmo, eu costumava carregava a minha lâmina presa na bota, mas a usei para cortar meu pé de um grupo de samambaias emaranhadas e a deixei no bolso.

Uma rápida olhada nos galhos trêmulos não revelou nada. Tentei não deixar os meus olhos se demorarem nos bolsões vazios de escuridão entre as árvores. Já tinha visto horror demais se manifestar na escuridão para confiar em sua quietude.

Meu olhar se voltou para o lugar que mais temia; a fileira de árvores atrás de mim, cada uma marcada com marcas pretas idênticas e

assustadoramente precisas. O símbolo de um corvo abrindo as suas asas havia sido esculpido nas árvores que circundavam a fronteira de Mahair. Na lama da floresta, esses corvos permaneciam intocados. Atravessar as árvores marcadas por corvos sem permissão era uma ofensa punível com prisão ou pior. Nas aldeias mais baixas, onde os líderes do reino já estavam preparados para fechar os olhos às liberdades tomadas pelos soldados de Nizahl, o pior era geralmente apenas o começo.

Guardei a minha adaga no bolso e caminhei até a beira do perímetro. Tracei a asa estendida de um corvo com a unha do polegar. Eu teria trocado todos os sapos do meu balde para ter a coragem de raspar as unhas sobre o símbolo, arrancá-lo. Talvez essa mesma explosão de bravura fizesse a minha adaga cortar uma linha na casca, desfigurando os símbolos do poder de Nizahl. Não eram muros ou espadas que nos mantinham presos como animais, mas uma simples escultura. O poder de outro reino pairando sobre nós como ar envenenado, controlando tudo o que tocava.

Olhei para o guarda no meu balde e abaixei a mão. A coragem não valia o preço. Ou as lascas.

Uma espessa camada de gelo cobria a estrada que levava de volta a Mahair. Puxei o capuz quase até o nariz assim que cruzei o muro que separava Mahair da Floresta Essam. Entrei em um beco, serpenteando até a loja de Rory em vez de arriscar a estrada principal exposta – e regularmente patrulhada. A escuridão me envolveu assim que pisei no beco. Coloquei uma mão na parede para me estabilizar e deixei o odor pungente de estrume guiar meus pés para frente. Um gato sibilou debaixo de uma pilha de caixotes, curvando-se protetoramente sobre a carcaça meio comida de um rato.

— Já jantei, mas obrigada pela oferta — sussurrei, saltando para longe do alcance de suas garras.

Vinte minutos depois, joguei o balde cheio aos pés de Rory.

— Exijo uma renegociação do meu salário.

Rory não tirou os olhos da lista.

— Exija à vontade. Estarei lá atrás.

Ele desapareceu no cômodo dos fundos. Franzi a testa, pensando em segui-lo além da cortina e mutilá-lo com os cadáveres de sapo. O cheiro de lama e mofo havia penetrado permanentemente na minha pele. O mínimo que ele poderia fazer era pagar a mais pelo sabonete que eu precisava para mascarar o odor.

Organizei os cataplasmas, selando cada frasco cuidadosamente antes de colocá-los dentro da cesta. Uma das raras vezes em que me vi do lado errado do temperamento de Rory foi depois de ter esquecido de selar as pomadas antes de enviá-las com o menino de Yuli. Aprendi tanto sobre a propagação de doenças naquele dia quanto sobre a ética rígida de Rory.

Rory voltou.

— Vá logo. Durma um pouco. Não quero que a visão do seu rosto assuste os meus clientes amanhã. — Ele cutucou o balde, virando alguns sapos. A idade desgastava o rosto estreito e marrom de Rory. Os seus dedos longos estavam constantemente manchados com a cor do seu tônico mais recente, e um sulco permanente se formava entre as suas sobrancelhas espessas. Eu a chamava de "estágio da fúria" porque sempre conseguia avaliar o seu nível de fúria pelo número de sulcos que se formavam acima do nariz. Apesar de uma antiga lesão no quadril, a sua magreza não era sinal de fragilidade. Nas raras ocasiões em que Rory sorria, ficava claro que ele fora bonito na juventude. — Se eu descobrir que você cobriu o fundo com sujeira de novo, vou envenenar seu chá.

Ele empurrou um pacote embrulhado de qualquer jeito para os meus braços.

— Aqui.

Perplexa, virei o pacote.

— Para mim?

Ele acenou com a bengala pela loja vazia.

— Você está maluca, criança?

Com cuidado, retirei o tecido, meio que esperando que explodisse na minha cara, e revelei um par de lindas luvas douradas. Mais macias que a asa de uma pomba, provavelmente custavam mais do que qualquer coisa que eu pudesse comprar para mim. Levantei uma delas com reverência.

— Rory, isso é demais.

Mal consegui me impedir de colocá-las. Coloquei-as com cuidado sobre o balcão e corri para esfregar minhas mãos manchadas. Não havia mais panos limpos, então limpei as mãos na túnica de Rory e ganhei um tapa na orelha.

As luvas serviam com perfeição. Macias e flexíveis, acompanhavam o movimento dos meus dedos.

Levantei as mãos para o luz para inspecioná-las mais de perto. Elas, sem dúvida, valeriam um bom preço no mercado. Não que eu fosse vendê-las de imediato, é claro. Rory gostava de fingir que tinha a profundidade emocional de uma colher, mas ficaria magoado se eu trocasse seu presente apenas um dia depois. Não era difícil encontrar mercados em Omal. As aldeias mais baixas estavam sempre precisando de comida e suprimentos. Negociar entre si era mais fácil do que implorar por restos do palácio.

O velho sorriu brevemente.

— Feliz aniversário, Sylvia.

Sylvia. Minha primeira e favorita mentira. Juntei as mãos.

— Um presente de consolação para a solteirona? — Em cinco anos, Rory nunca se esqueceu da minha data de nascimento inventada.

— Eu dificilmente pensaria que o limiar da solteirona fosse tão baixo quanto vinte anos.

Na verdade, eu estava na metade dos vinte e um. Outra mentira.

— Você é tão velho quanto o próprio tempo. As idades abaixo de cem devem parecer todas iguais para você.

Ele me cutucou com a bengala.

— Já passou da hora das solteironas saírem.

Saí da loja com o ânimo mais elevado. Apertei meu manto em volta dos ombros, amarrando o capuz sob o queixo. Eu tinha mais uma tarefa a cumprir antes de finalmente poder me reunir com minha cama, e isso significava mergulhar mais fundo na silenciosa vila. Essas eram as horas em que a mente corria livre, quando a alvenaria oca se tornava os sussurros de shaiateen famintos e o barulho de insetos rastejantes os sons dos mortos inquietos.

Sabia como o medo sinuoso transformava sombras em formas horríveis. Eu não dormia uma noite inteira há muitos anos, e havia dias em que não confiava em nada além da respiração no meu peito e da terra sob meus pés. A diferença entre os aldeões e eu era que eu sabia os nomes dos meus monstros. Sabia como eles seriam se me encontrassem, e não precisava imaginar que tipo de destino eu teria.

Mahair era uma vila minúscula, mas sua história era longa. Suas crianças conheciam as histórias contadas por seus pais, mães e avós. A superstição mantinha Mahair viva, muito depois de o tempo ter virado uma nova página para seus habitantes.

Isso também me mantinha ativa.

Em vez de virar à direita em direção à fortaleza de Raya, me escondi na estrada secundária. Pedaços de massa encharcada de mel e gordura marcavam o local onde as filhas de halawany comiam entre as tarefas, sentadas na varanda de concreto da confeitaria dos pais. Desviando dos cachorros que farejavam a gordura, verifiquei se havia alguém que pudesse relatar os meus movimentos para Rory.

Tínhamos criado uma tradição de perdoar um ao outro, Rory e eu.

Se ele descobrisse que eu estava tratando Omalianos sob o seu nome, vendendo misturas inúteis para aqueles supersticiosos o suficiente para comprá-las – bem, eu duvidava que Rory pudesse perdoar tal transgressão. As "curas" que eu preparava para os meus clientes eram inofensivas. Ervas trituradas e licores alterados. Na maioria das vezes, as doenças que pretendiam afastar eram as mais ridículas do que qualquer coisa que eu pudesse colocar em um frasco.

A casa que eu procurava ficava a dez minutos de caminhada da fortaleza de Raya. Perto demais para ser confortável. Água pingava da beirada do telhado caído, onde um varal vazio se estendia de gancho a gancho. Uma peça de roupa íntima havia caído no chão. Eu a chutei para longe. Raya me ensinou anos atrás como esconder roupas íntimas no varal prendendo-as atrás de uma peça maior de roupa. Eu não havia entendido a necessidade de tanta discrição. Ainda não entendia. Mas o tempo era um recurso limitado naquela noite, e não o desperdiçaria acalmando o constrangimento de um Omaliano por agora ter a prova definitiva de que ele usava roupa íntima.

A porta se abriu de repente.

— Sylvia, graças a Deus — disse Zeinab. — Ela está pior hoje.

Bati as minhas botas incrustadas de lama na soleira da porta e entrei.

— Onde ela está?

Segui Zeinab até o último cômodo do pequeno corredor. Uma onda de incenso nos envolveu quando ela abriu a porta. Abanei a névoa branca que pairava no ar. Uma velha enrugada balançava para frente e para trás no chão, e marcas ensanguentadas cobriam seus braços, onde as unhas haviam arranhado profundamente. Zeinab fechou a porta, mantendo uma distância segura. Lágrimas brilhavam em seus grandes olhos castanhos.

— Tentei dar um banho nela, e ela fez *isso.* — Zeinab arregaçou a

manga de sua abaya[1], expondo uma miríade de arranhões vermelhos.

— Certo. — Coloquei a minha bolsa na mesa. — Te chamo quando terminar.

Subjugar a velha com um tônico exigiu pouco esforço. Aproximei-me dela e passei o braço em volta do seu pescoço. Ela rasgou a minha manga, a boca se abrindo para ofegar. Despejei o tônico em sua garganta e afrouxei o meu estrangulamento o suficiente para que ela engolisse. Assim que tive certeza de que não cuspiria, soltei-a e ajustei a minha manga. Ela cuspiu nos meus calcanhares e mostrou os dentes ensanguentados de onde havia rasgado o lábio.

Demorou alguns minutos. Os meus talentos, por mais duvidosos que fossem, residiam em enganar de forma eficiente e fugaz. Na porta, deixei Zeinab enfiar algumas moedas no bolso da minha capa e fingi surpresa. Eu jamais entenderia os Omalianos e a sua falsa modéstia.

— Lembre-se...

Zeinab balançou a cabeça, com impaciência.

— Sim, sim, não vou falar nada sobre isso. Já faz anos, Sylvia. Se o químico descobrir, não será por mim.

Ela era bastante segura de si para uma mulher que nunca se dava ao trabalho de perguntar o que havia no tônico que eu regularmente despejava na garganta de sua mãe. Retribuí o aceno de Zeinab distraidamente e coloquei a minha adaga no mesmo bolso das moedas. Poças de chuva fétida ondulavam na estrada de terra esburacada. A maioria das casas na rua poderia ser descrita com mais precisão como casebres, com os seus telhados de palha tremendo acima das paredes unidas por lama e pedaços irregulares de tijolos. Desviei de uma fileira de esterco verde de mula, cujo o cheiro úmido e herbáceo ardia em meu nariz.

As cidades altas de Omal tinham excrementos nas ruas?

A vizinha de Zeinab havia espalhado penas de galinha do lado de fora de sua porta para mostrar a sua boa sorte aos vizinhos. Sua filha se casou com um comerciante de Dawar, e o dote dela rendeu o suficiente para comer frango o mês inteiro. A partir de agora, as melhores roupas iriam adornar seu corpo. As carnes mais selecionadas e os vegetais mais difíceis de cultivar iriam para o seu prato. Ela nunca mais precisaria desviar de fezes de mula em Mahair.

Virei a esquina, distraída, contando as moedas no meu bolso, e esbarrei em alguém.

Tropecei, apoiando-me em uma pilha de tijolos de barro rachados. O soldado Nizahl não se moveu, apenas franziu ainda mais a testa.

— Identifique-se.

Asas pesadas de pânico se abriram na minha garganta. Embora nossos movimentos pela cidade não fossem restringidos por um toque de recolher oficial, poucos se arriscavam a passear tarde da noite. Os soldados Nizahl geralmente patrulhavam em duplas, o que significava que o parceiro desse homem estava incomodando outra pessoa do outro lado da vila.

Reprimi o pânico, estalando os seus membros trêmulos. O pânico era uma praga. Seu único propósito era se espalhar até destruir cada pensamento, cada instinto.

Abaixei os olhos imediatamente. Manter o olhar de um soldado Nizahl só trazia problemas.

— Meu nome é Sylvia. Moro na fortaleza de Raya e sou a aprendiz do químico Rory. Peço desculpas por assustá-lo. Uma senhora idosa precisava de cuidados urgentes, e meu patrão está indisponível.

Pelas rugas em seu rosto, o soldado estava em torno dos quarenta anos. Se fosse um patrulheiro Omaliano, a sua idade teria pouca importância. Mas os soldados Nizahl tendiam a morrer jovens e violentamente. Para esse homem sobreviver o suficiente para ver as

rugas em sua testa, ele era um adversário mortal ou um covarde.

— Qual é o nome do seu pai?

— Sou tutelada por Raya — repeti. Ele devia ser novo em Mahair. Todos conheciam o orfanato de Raya na colina. — Não tenho mãe nem pai.

Ele não insistiu no assunto.

— Você testemunhou alguma atividade que pudesse levar à captura de um Jasadi? — Embora fosse uma pergunta padrão dos soldados, com a intenção de incentivar a vigilância a qualquer sinal de magia, eu me encolhi interiormente. A prisão mais recente de um Jasadi acontecera em nossa aldeia vizinha há apenas um mês. Pelos sussurros, presumi que uma garota relatou ter visto sua amiga consertar uma rachadura no assoalho com um aceno de mão. Eu ouvira todos os tipos de elogios à garota por sua bravura em entregar a garota de quinze anos. Elogios e inveja; eles mal podiam esperar por suas próprias oportunidades de serem heróis.

— Não vi. — Eu não via outro Jasadi há cinco anos.

Ele franziu os lábios.

— O nome da senhora idosa?

— Aya, mas sua filha Zeinab é sua cuidadora. Posso levá-lo até elas, se quiser. — Zeinab era astuta. Ela teria uma mentira preparada para um momento como aquele.

— Não precisa. — Ele acenou com a mão por cima do ombro. — Vá embora. Fique longe da estrada dos vagabundos.

Uma vantagem dos soldados Nizahl mais velhos: eles tinham menos inclinação para as táticas de arrogância e interrogatório dos seus colegas mais jovens. Inclinei a cabeça em agradecimento e passei por ele em disparada.

Poucos minutos depois, entrei na fortaleza de Raya. Pelo cheiro de cera esfriando, não fazia muito tempo que a última garota tinha ido

dormir. Aliviada por meu aniversário ter sido esquecido, tirei as botas na porta. Raya havia se encontrado com os mercadores de tecidos hoje. Negociar sempre a deixava de mau humor. A única lembrança do meu aniversário seria um café da manhã com fiteer amanteigado[2] e folhado, acompanhado de melaço.

Quando abri a porta, uma onda de calor me envolveu. Pelo cabelo abençoado de Baira, *de novo não*...

— Raya vai arrancar as suas peles. O waleema[3] é daqui a uma semana.

Marek parecia absorto na lareira, cutucando as brasas com uma vara fina. Seu cabelo dourado brilhava sob o clarão. Uma confusão de tecidos e o início do que poderia ser um vestido estavam debaixo das ferramentas de costura de Sefa.

— Exatamente — disse Sefa, mergulhando um pedaço de carne queimada no caldo. — Estou afogando as minhas mágoas em caldo roubado por causa do maldito waleema. Olhe para este vestido! Este é um vestido do qual todos os outros vestidos riem.

— O que ele está fazendo com o fogo? — perguntei, optando por ignorar os seus problemas com as roupas. Pela manhã, Sefa entregaria a Raya um vestido perfeito com um sorriso encantador e olhos vermelhos. Um estágio com a melhor costureira de Omal não era um papel dado àqueles que desmoronavam sob pressão.

— Ele está tentando torrar as sementes malditas dele — Sefa fungou. — Fizemos o seu quarto cheirar a cozinha de taverna. Desculpe. Em nossa defesa, nos reunimos para lamentar uma morte terrível.

— Uma morte? — Sentei-me ao lado da lareira de pedra, esfregando as mãos sobre as chamas crepitantes.

Marek me entregou um dos cálices particulares de Raya. A mulher iria nos esfolar como veados.

— Ignore-a. Só queríamos abusar da sua lareira — disse ele. — Estou convencido de que Yuli está ensinando seu rebanho a me matar. Quase me jogaram direto em um canal hoje.

— Você fez alguma coisa para irritar Yuli ou os bois?

— Não — disse Marek, com tristeza.

Girei o cálice entre as palmas das mãos e estreitei os olhos.

— Marek.

— Eu posso ter usado os estábulos dos cavalos para... entreter... — Ele soltou um suspiro sofrido. — A filha dele.

Sefa e eu soltamos gemidos gêmeos. Esta não era a primeira vez que Marek se metia em encrenca por causa de um sorriso tímido ou uma palavra gentil. Ele era absurdamente bonito, loiro e de olhos verdes, magro de um jeito que subestimava a sua força. Para contrastar com a sua aparência, ele escolhera ser aprendiz de Yuli, o fazendeiro mais exigente de Mahair. Passando os dias carregando carroças e pastoreando bois, Marek tornou-se indispensável para todos os comerciantes da aldeia. Ele se esforçava para conquistar o respeito deles, pois havia poucas coisas que Mahair valorizava mais do que palmas calejadas e suor na testa.

Foi também por isso que toleraram a sequência de corações partidos que ele deixou em seu rastro.

Sefa, que não era de ser ignorada por muito tempo, continuou:

— Sua juventude, Sylvia, lamentamos sua juventude! Aos vinte anos, você está tendo menos aventuras do que as crianças da vila.

Esvaziei a água e passei o cálice para Marek, pedindo por mais.

— Tenho muitas aventuras.

— Não estou falando de quantas vezes você consegue matar sua figueira antes que ela permaneça morta — desdenhou Sefa. — Se você apenas tivesse me acompanhado na semana passada para soltar os galos na toca da Nadia...

— Nadia te proibiu permanentemente de entrar na loja dela — interrompeu Marek. Corajoso, interrompendo Sefa no meio de um discurso. Ele pegou uma semente enegrecida e a jogou de uma palma para outra para esfriar. — Deixe Sylvia em paz. A aventura não se encaixa em um único molde.

As narinas de Sefa se dilataram, mas Marek não se mexeu. Eles se comunicavam daquela forma estranha e silenciosa de pessoas unidas por algo mais denso que o sangue e mais forte que uma criação compartilhada. Eu sabia porque havia testemunhado centenas de suas conversas silenciosas nos últimos cinco anos.

— Não vou matar a minha figueira — levantei-me. — Estou cultivando o seu espírito guerreiro.

— Pare de me encarar — disse Marek a Sefa com um suspiro. — Desculpe interromper. — Ele estendeu uma semente quebrada.

Sefa deixou a mão balançar no ar por quarenta segundos antes de pegar a semente.

— Me ajuda a fazer a bainha desta manga?

Com um sorriso tímido, Marek ofereceu as palmas das mãos cobertas de fuligem. Sefa revirou os olhos.

Observei essa última troca de palavras com perplexidade. Nunca deixava de me surpreender a facilidade com que eles conviviam. Sua devoção incomum havia gerado perguntas dos outros pupilos do castelo. Marek morreu de rir na primeira vez que uma garota mais nova perguntou se ele e Sefa planejavam se casar.

— Sefa não vai se casar com ninguém. Nós nos amamos de uma maneira diferente.

A interna piscou os cílios, porque Marek era o único menino na fortaleza e tinha um rosto que o condenava a uma vida de suspiros melancólicos seguindo seus passos.

— E você? — perguntou a pupila.

Sefa, que sorria enquanto tricotava em um canto, ficou séria. Só Raya e eu vimos o olhar triste que ela lançou a Marek, a culpa em seus olhos castanhos.

— Estou ligado a Sefa em espírito, se não em matrimônio. — Marek bagunçou o cabelo da pupila. A garota gritou, dando um tapa em Marek. — Sigo para onde ela vai.

Para ressaltar a insanidade, a dupla simpatizou imediatamente comigo no momento em que Rory me deixou na porta de Raya. Eu era quase selvagem, pouco adequada para amizades, mas isso não os dissuadiu. Me adaptei mal àquela aldeia Omaliana, perplexa com os seus costumes mais simples. Esfregue o local entre os ombros e você morrerá cedo. Coma com a mão esquerda no primeiro dia do mês; não cruze as pernas na presença de anciãos; seja a última pessoa a sentar-se à mesa de jantar e a primeira a sair dela. Não ajudava o fato de minha pele bronzeada ser vários tons mais escura do que o oliva típico deles. Eu me misturava melhor com os Orbanianos, já que o reino ao norte passava a maior parte dos dias sob o sol. Quando Sefa notou como eu evitava usar branco, ela segurou a sua mão mais escura ao lado da minha e disse: — Eles têm inveja porque absorvemos toda a cor deles.

As coisas não eram muito mais fáceis em casa. Todos na fortaleza tinham um passado sombrio que assombrava seus sonhos. Eu não ajudei em nada ao quase arrancar o nariz de outra pupila quando ela tentou me abraçar. Apesar da palestra de duas horas que tive que ouvir da Raya, o incidente consolidou minha aversão ao contato físico.

Por alguma razão inconcebível, Sefa e Marek não ficaram assustados. Sefa ficou bastante chateada com o nariz, no entanto.

Pendurei minha capa cuidadosamente dentro do guarda-roupa e passei o dedo pelo colarinho comido pelas traças. Ela não sobreviveria a outro inverno, mas a ideia de jogá-la fora me deu um nó na garganta. Alguém na minha posição não podia se dar ao luxo de ter muitos apegos

emocionais. A qualquer momento, uma espada poderia ser apontada para mim, um grito de "Jasadi" acabando com essa identidade e com a vida que eu havia construído em torno dela. Afastei-me da capa, cerrando os dedos em punho. Rapidamente arranquei as raízes da tristeza antes que ela pudesse se espalhar. Uma órfã comum de Mahair poderia se apegar a essa capa surrada, a primeira coisa que ela havia comprado com seu próprio dinheiro, ganho com muito esforço.

Uma fugitiva do reino devastado não podia.

Virei as palmas das mãos para cima, testando as algemas de prata em torno dos meus pulsos. Embora as algemas fossem invisíveis a todos, exceto a mim, levou muito tempo para que minha paranóia diminuísse sempre que o olhar ocioso de alguém se detinha nos meus pulsos. Elas flexionavam com meus movimentos, como uma segunda pele sobre a minha. Somente minha magia aprisionada podia movê-las, apertando as algemas como bem entendesse.

A magia me marcava como uma Jasadi. Como a razão pela qual Nizahl criou perímetros na floresta e enviou seus soldados a rondar os reinos. Passei a maior parte da minha vida ressentindo-me das minhas algemas. Como era justo que os Jasadis fossem condenados por causa de sua magia, mas eu nem mesmo pudesse acessar a coisa que me condenava? Minha magia estava presa atrás dessas algemas desde a minha infância. Suponho que meus avós não poderiam ter previsto que morreriam e deixariam as algemas presas em mim para sempre.

Escondi o presente de Rory no guarda-roupa, sob as dobras do meu vestido mais longo. As meninas raramente arriscavam a ira de Raya roubando, mas um inverno rigoroso podia transformar qualquer um em ladrão. Acariciei uma das luvas, sentindo uma onda de carinho me invadir o peito. Quanto Rory teria gasto, sabendo que eu teria poucas oportunidades de usá-las?

— Queríamos te mostrar uma coisa — disse Marek. Sua voz me

trouxe de volta à realidade, e eu bati as portas do guarda-roupa, franzindo a testa. Que diferença fazia quanto Rory gastava? Tudo o que eu não precisava para sobreviver seria descartado ou vendido, e aquelas luvas não eram exceção.

Sefa se levantou, limpando o tecido solto do colo. Ela bufou ao ver minha expressão.

— Pelo túmulo contaminado de Rovial, olhe para ela, Marek. Você poderia pensar que estávamos planejando enterrá-la na floresta.

Marek franziu a testa.

— Não é que é mesmo?

— Vocês dois estão banidos do meu quarto. Para sempre.

Eu os segui para fora, passando pela fileira de varais esvoaçantes e pelo lamentável jardim de ervas. Construído no topo de uma encosta gramada, a fortaleza de Raya tinha vista para toda a vila, até a estrada principal. A maioria das casas em Mahair ficava empilhada umas sobre as outras, formando prédios baixos de três andares com paredes em ruínas e rachaduras no barro. Os aldeões criavam aves nos telhados, alimentando um suprimento constante de galinhas e coelhos que os ajudariam a superar a escassez mensal de alimentos. O gado vagava pelos campos que circundavam a Floresta Essam, cercada pelo muro de quilômetros de extensão que cercava Mahair.

Atrás do muro, a escuridão marcava a extensão da Floresta Essam. O luar desaparecia sobre as árvores que se estendiam até o horizonte negro.

À minha frente, Marek e Sefa desviavam o olhar da floresta. Eles haviam chegado a Mahair aos dezesseis anos, dois anos antes de mim. Não conseguia dizer se eles apenas haviam adotado os costumes peculiares de Mahair ou se esses costumes eram mais difundidos do que eu pensava.

No dia seguinte à minha saída de Essam, passei a noite sentada na

colina, observando o local onde as luzes de Mahair desapareciam no vazio da floresta. Escapar de Essam quase me matou. Eu queria confirmar para mim mesma que esta vila e o teto sobre a minha cabeça não eram um sonho cruel. Que, quando fechasse os olhos, não os abriria para os galhos farfalhando sob um céu sem estrelas.

Raya saiu furiosa da fortaleza de camisola e me arrastou para dentro, onde a ouvi me lamuriar sobre o risco de olhar para a Floresta Essam e atrair os espíritos travessos da escuridão. Como se a minha mera atenção pudesse evocá-los.

Passei cinco anos naquela floresta. Não tinha medo da escuridão. Era tudo fora de Essam em que eu não podia confiar.

— Vejam! — anunciou Sefa, apontando para um emaranhado de plantas.

Paramos nos fundos da fortaleza, onde eu havia plantado ilegalmente a figueira que comprei de um comerciante Lukubi no último mercado. Não sabia bem por quê. Cuidar de uma planta que me lembrava Jasad, algo enraizado que eu não poderia levar comigo em caso de emergência – era vergonhoso. Outro sinal da fraqueza que eu havia permitido que se instalasse.

As folhas da minha figueira estavam murchas, como se estivessem tristes. Eu cutuquei a terra. Será que elas estavam zombando da minha técnica de plantio?

— Ela não gostou. Eu disse que deveríamos ter comprado uma capa nova para ela — suspirou Marek.

— Com o salário de quem? Você é um homem rico agora? — Sefa me encarou. — Você não gostou?

Olhei para a planta com os olhos semicerrados. Será que a tinham regado enquanto eu estava fora? Do que eu deveria gostar? O rosto de Sefa se contraiu, então eu disse apressadamente:

— Adorei! É, ahn, maravilhoso, de verdade. Obrigada.

— Ah. Você não consegue ver, né? — Marek começou a rir. — Sefa esqueceu que é do tamanho de um dedal e a escondeu de você.

— Tenho uma altura perfeitamente normal! Não posso ser culpada por fazer amizade com uma mulher alta o suficiente para encantar a lua — protestou Sefa.

Eu me agachei ao lado da planta. Preso atrás de sua cortina de folhas amareladas, um cesto de palha trançado continha uma dúzia de doces de gergelim. Eu adorava esses quadradinhos quebradiços que lascavam os dentes. Eu sempre fazia questão de procurá-los no mercado, se tivesse economizado o suficiente para arcar com o custo.

— Eles usaram o mel bom, não o farináceo — acrescentou Marek.

— Feliz aniversário, Sylvia — disse Sefa. — Por cortesia, vou me abster de te abraçar.

Primeiro Rory, agora isso? Pigarreei. Em uma aldeia de estômagos vazios e campos moribundos, toda gentileza tem um preço.

— Vocês só queriam me ver sorrir com gergelim nos dentes.

Marek deu um sorriso irônico.

— Ah, sim, nosso grande plano foi revelado. Queríamos arruinar o seu sorriso que surge uma vez a cada quinze anos.

Dei um tapa na nuca dele. Foi o contato mais físico que eu consegui suportar, mas expressou a minha gratidão.

Caminhamos de volta para a fortaleza e nos acomodamos ao redor da fogueira apagada. Marek vasculhou as cinzas em busca de sementes sobreviventes. Sefa deitou-se no chão, com os pés apoiados na perna de Marek.

— Arin ou Felix?

Desabei na cama e comecei a tediosa tarefa de desembaraçar os meus cachos da trança desastrosa e emaranhada. Os doces de gergelim estavam guardados em segurança no meu guarda-roupa. A hora desses presentes não poderia ter sido melhor. Assim que Sefa e Marek

dormissem, eu pegaria o que precisava para minha viagem de volta à floresta.

— São nomes dos herdeiros Nizahl e Omal.

— Sylvia — Sefa me persuadiu, jogando uma semente na minha testa. — Você foi selecionada para comparecer ao Baile dos Vitoriosos de braço dado com um Herdeiro. Arin ou Felix?

Marek resmungou, cobrindo os olhos com o cotovelo. Fuligem manchava os cantos da boca dele. Nenhum de nós entendia por que Sefa adorava inventar intrigas de cortes distantes. Ela afirmava apreciar a estética do romance, mesmo que não acreditasse nele. Ela se casou com a aventura ainda jovem, quando percebeu que as loucuras da luxúria e do amor não tinham influência sobre ela.

Suspirei, cedendo ao jogo de Sefa. Felix de Omal não reconheceria um dia de trabalho árduo nem que ele se ajoelhasse a seus pés polidos. Eu havia ouvido seu discurso após uma colheita particularmente implacável. Ele trouxe suas roupas tecidas à mão e carruagens douradas, deixando para trás palavras tão vazias quanto o espaço entre suas orelhas. Pior ainda, ele deu rédea solta aos soldados de Nizahl, reservando sua resistência à intrusão para as classes altas da sociedade Omaliana.

— Felix é incompetente, covarde e acha que as aldeias mais baixas estão cheias de brutos — bufou Marek, ecoando a minha opinião tácita. — Eu hesitaria em deixá-lo encarregado de ferver água. Pelo menos os outros Herdeiros são espertos, embora ainda sejam tão desprezíveis.

Em "desprezível", os meus pensamentos se voltaram para Arin de Nizahl, o único filho do Supremo Rawain.

De cabelos prateados, implacável, Herdeiro e Comandante das inigualáveis forças Nizahl. Ele vinha treinando soldados com o dobro da sua idade desde os treze anos. Sempre pensei que a sede de sangue do Supremo Rawain não tivesse igual, já que não fora o seu coração

bondoso o responsável por assassinar a minha família, queimar Jasad até o chão e forçar todos os Jasadi sobreviventes a se esconderem. Mas se os rumores sobre o Herdeiro fossem verdadeiros, eu só podia ficar feliz por Arin ter sido um adolescente durante o cerco. Com o Herdeiro Nizahl liderando a marcha, duvidava que um único Jasadi tivesse sobrevivido.

A presença constante de soldados Nizahl era comum aos quatro reinos. Um sintoma incurável da supremacia militar de Nizahl. Mas a visão de seu Herdeiro fora de suas próprias terras significava a ruína: significava que ele havia encontrado um grupo de Jasadis, ou magia de grande magnitude. Lutei para reprimir um arrepio. Se Arin de Nizahl chegasse a um dia de cavalgada de Mahair, eu desapareceria mais rápido do que bebida em um funeral.

— Sylvia? — perguntou Marek. Marek e Sefa franziram a testa, preocupados, como sempre. Fios pretos caíram no meu colo enquanto eu desfazia a trança. Enrolei-os e joguei o tufo no fogo, onde o observei se transformar em cinzas.

— Desculpe — eu disse. — Esqueci a pergunta.

Como sempre, o pensamento de Nizahl curvava as garras do ódio em minha barriga. Eu não era mais capaz de enviar magia em ataques de emoção. Tudo o que me restava era a fantasia. Imaginei encontrar o Supremo Rawain no reino que ele havia devastado. Eu enfiaria seu cetro na parte mais macia de seu estômago, observaria a crueldade drenar de seus olhos azuis. O colocaria nos degraus do palácio em ruínas para que os espíritos dos mortos de Jasad se banqueteassem com ele.

— Ah, sim, um Herdeiro. — Fiz uma pausa. — Sorn.

— O Herdeiro Orbaniano? — Sefa ergueu as sobrancelhas. — Seus gostos pendem para o brutal? Uma sede por perigo, talvez?

Pisquei.

— Que perigo há em um bruto?

CAPÍTULO 2



Muito tempo depois que as pessoas decentes já estavam dormindo, eu saí sorrateiramente da fortaleza.

Envolvi a cesta com os dois braços enquanto descia a colina em alta velocidade. Meu capuz pendia sobre a testa. Cachos soltos se acumulavam na nuca, me aquecendo contra o vento. Eu odiava sair da fortaleza sem trançar o cabelo. A cortina de cachos era a arma perfeita para um inimigo que quisesse me balançar como um laço de gado. A visita improvisada de Marek e Sefa tinha apressado a minha agenda.

A noite caíra sobre Mahair, e uma névoa densa pairava sobre as lojas fechadas. Em três horas, Yuli acordaria os meninos que dormiam no celeiro para limpar a terra e soltar as vacas para alimentá-las. As crianças formariam fila do lado de fora da padaria, com bandejas de madeira treliçadas apoiadas nos ombros, para levar o café da manhã para as suas famílias. Mahair, como o restante de Omal, prosperava melhor durante o dia.

Parei no final da colina e examinei a trilha. Morávamos logo atrás da estrada dos vagabundos, mas eles sabiam que era melhor não me incomodar. Os soldados eram o verdadeiro problema. Não podia arriscar encontrar a patrulha outra vez. Eles trocavam de turno apenas duas vezes: uma ao amanhecer e outra ao anoitecer.

Depois de me certificar de que a estrada estava vazia, peguei a cesta e continuei andando. As rodas de uma carroça haviam deixado marcas enormes. Caminhei por dentro da trilha, escondendo minhas pegadas na terra solta. Uma precaução boba, considerando a rígida rotina de sono de

Mahair. Pouquíssimas casas ou negócios se preocupavam em investir em lampiões externas e, quando investiam, usavam aquelas em formato de concha, preenchidas com óleo suficiente para iluminar o entorno. O único lampião em toda aquela rua pendia de uma sacada, há seis prédios abaixo.

O que eu lembrava da minha infância em Jasad não encheria o bolso de um pobre, mas eu sabia que éramos um povo noturno. Assim como não havia duas aldeias iguais em Omal, cada wilayah[4] em Jasad mantinha costumes ligeiramente diferentes. À noite, filhas de famílias ricas trocavam as suas roupas tradicionais por roupas comuns e corriam umas atrás das outras por quilômetros. Homens se reuniam para chá e jogos de mesa, as suas risadas e gritos bem-humorados audíveis por toda a rua. E em cada wilayah, a magia varria o ar. Animava o céu, ressoava no chão. Nasci em um lugar onde magia significava alegria. Celebração e segurança.

Perdida em pensamentos, atravessei a rua. Uma figueira espinhosa caiu de debaixo do cobertor que eu havia jogado sobre a cesta.

— Pelo machado da Dania — xinguei, pegando a fruta vingativa com a barra da minha túnica. Os doces de gergelim haviam aumentado o volume dos suprimentos de emergência desta semana. Por que eu os coloquei na cesta? Como se eu estivesse com vontade de doces se a necessidade de fugir de Mahair surgisse. Imaginei-me deliciando-me com uma pequena guloseima enquanto me escondia em uma ravina cheia das cinzas dos mortos.

Um muro de tijolos de barro e palha em desintegração protegia Mahair da floresta. Tateei com cautela uma pedra fundamental. Nuvens de poeira explodiram com a pressão. Awaleen[5] que se danasse, mas eu odiava esta vila às vezes.

A muralha era uma relíquia de tempos passados, quando monstros

rastejavam entre as fronteiras dos reinos, alimentando-se dos traços de magia espalhados entre as árvores. Criaturas terríveis com chifres mais longos que meu braço e caudas como espadas polidas. Monstros mais ponderados, com rostos adoráveis e mãos convidativas, te atraindo com doçura para o seu fim sangrento. A magia permeou Essam durante a maior parte de sua existência e, onde a magia se estabelecia, os monstros surgiam.

Uma muralha dificilmente teria impedido os monstros de entrar na vila, mas suponho que sua presença dava a Mahair alguma paz. Esfreguei a poeira que cobria as palavras gravadas no calcário:

Que possamos levar a vida que foi negada aos nossos ancestrais.

Minha avó me contou que os monstros já estavam morrendo quando Nizahl invadiu a floresta em ondas poderosas e devastadoras, trinta e três anos atrás. O cerco foi longo e mortal. Monstros fugiram para aldeias nos arredores da floresta, massacrando populações inteiras.

Aproximei-me da muralha e continuei andando. A expurgação de monstros não foi a primeira parte da campanha de Nizahl contra a magia, mas, sem dúvida, foi a mais eficaz. Para os outros reinos, eles estavam enterrando os seus mortos não como consequência do cerco mal planejado do antigo Supremo, mas por causa da magia. A magia criava monstros, e monstros matavam sem discriminação.

Foi o primeiro golpe real na imagem de Jasad.

Afastei-me da muralha para me espremer entre as pilhas de palha que bloqueavam o caminho. As crianças costumavam se esgueirar para entrar em Essam, então bloqueios aleatórios foram erguidos ao redor da vila para contê-las.

Um burro tirou preguiçosamente uma mosca da orelha, dilatando as narinas ao me ver. Finalmente! Soltei um suspiro ao ver uma rachadura nas fileiras de tijolos. Preferia usar a muralha atrás da estrada de pedestres, mas o encontro com o soldado Nizahl me deixou nervosa.

A essa hora, a patrulha era mais difícil de despistar do que pulgas em um cachorro. O buraco mal cabia minha cesta, mas me permitiria entrar na floresta sem precisar arriscar a trilha principal.

O burro zurrou, irritado com minha presença prolongada. Meu coração deu um salto na garganta e eu rapidamente enfiei minha cesta pela fenda. Alguém poderia colocar a cabeça para fora para verificar se havia intrusos e me ver espreitando em suas terras.

Essa foi a desculpa que dei a mim mesma para quase arrancar o braço do corpo para passar pelo buraco. Não tinha nada a ver com a antiga superstição Jasadi de que burros zurram ao ver espíritos malignos. Absolutamente nada.

Peguei a cesta e continuei em direção à mata. Desviei dos galhos e das poças de lama, evitando por pouco esbarrar de cabeça em uma árvore. Detestava fazer a viagem mensal até a ravina, carregando a comida que julgava menos provável de perecer no mato úmido. Principalmente durante o inverno, quando o vento executava a sua vingança pessoal contra a minha capa fina.

Cheguei à fileira de árvores marcada com o corvo Nizahl. Era contra as regras cruzar a linha sem permissão explícita. Ninguém em sã consciência arriscaria invadir e dar aos soldados entediados e sanguinários uma desculpa para matá-los.

O corvo me encarou. Um desconforto percorreu o meu estômago. De repente, tomei consciência do silêncio da floresta. Da escuridão impenetrável.

Se não tivesse passado cinco anos da minha vida vivendo nestas florestas, eu poderia ter dado meia-volta e corrido de volta para Mahair.

— Você acha que é a criatura mais assustadora desta floresta, mas não é — eu disse ao corvo. — Eu sou.

Apertando a cesta com mais força, cruzei a linha de árvores marcadas por Nizahl e continuei caminhando. Esta viagem – e minha

invasão – eram necessárias. Eu vivia contra a vontade daqueles que queriam me ver morta pela magia em minhas veias. Não importava que minhas veias fossem o único lugar onde minha magia existia. As algemas significavam que eu não podia nem esmagar um mosquito com meus poderes, muito menos usá-los para me defender.

Olhei para meus pulsos. As algemas brilhavam com um prateado excessivamente presunçoso.

Quando dei um passo ao redor de um pedaço de musgo molhado, meu pé não conseguiu pousar. Um grito surgiu e morreu em meus lábios quando o chão cedeu.

— Ugh. — Tirei minha sandália encharcada da lama. A ravina ainda ficava a mais cinco quilômetros à frente. Suspirando, mudei a cesta para o outro braço. Eu teria que me apressar se quisesse voltar antes que Raya fizesse suas verificações matinais nos leitos.

À medida que me aprofundava na mata, os meus músculos começaram a relaxar. As rugas na minha testa e a tensão em meus lábios se suavizaram. Aquela mata... ela me conhecia como eu a conhecia. Os galhos acima pareciam acenar em saudação. Um bando de lagartos brancos passou por cima do meu pé e subiu pela lateral de uma árvore. O leve cheiro de podridão pairava na névoa, realçando as notas mais quentes de madeira e orvalho.

Eu cantarolei uma alegre melodia Lukubi que ouvi no duqan e revisei minhas tarefas para o dia seguinte. Os preparativos para o waleema deixaram Mahair em frenesi. Celebrar a Alcalah[6] não era pouca coisa. Estremeci ao pensar no fluxo de estranhos que inundou a vila durante o último waleema, três anos antes. Só a contenção me impediu de fugir para a floresta até que tudo acabasse.

Um respingo atingiu o meu tornozelo quando um doce de gergelim caiu da cesta e em uma poça. Pelos chifres retorcidos de Kapastra, esses

doces eram uma *maldição*. Abaixei-me, torcendo o nariz contra o cheiro de excremento e chuva. Talvez eu pudesse deixar as moscas aproveitarem este.

Endireitei-me, peguei a cesta e me vi cara a cara com o soldado Nizahl da rua de Zeinab.

Meu coração desacelerou. Cada batida ecoava em meus ouvidos.

— Sylvia, aprendiz do químico Rory, curandeira da pobre idosa Aya. Acertei?

Por uma fração de segundo, enquanto a segurança da floresta e o terror de ser descoberta se despedaçavam juntos, pensei: *quem é Sylvia?*

Um sorriso malicioso se formou em seus lábios. Ele estava esperando que eu mentisse. Minha aparência física não era suficiente para me condenar como uma Jasadi. Ele precisava de mais, e eu rastejei por um buraco na parede e dei a ele o que queria. Agora ele queria se divertir com uma desculpa esfarrapada para explicar por que eu havia me aventurado além das árvores marcadas por corvos no meio da noite, carregando uma cesta de comida.

A decisão, uma vez tomada, foi reconfortante. O medo recuou. Fazia muito tempo que eu não matava nada maior do que um sapo nessas florestas.

Endireitei-me, ficando de pé, olho no olho com o soldado.

— Então não é um covarde.

Ele piscou.

— O que você disse?

Adotei uma abordagem leve e coloquial.

— Eu não tinha certeza. A única coisa decente que posso dizer sobre sua espécie é que vocês morrem cedo. No entanto, aqui está você, com sua idade escrita nas rugas da sua pele. Ou você era um covarde ou inteligente demais para o seu próprio bem. — Enquanto falava, desamarrei o fecho da minha capa. Dobrei-a com cuidado e a coloquei

em cima da cesta. — Você me observou. Me seguiu longe o suficiente para que ninguém pudesse ouvir meus gritos.

O soldado Nizahl permaneceu imperturbável.

— Mesmo que pudessem ouvir seus gritos, eles não viriam em seu auxílio. Ninguém se importa com os gemidos da escória Jasadi.

Fechei os olhos por um momento. Com duas palavras, o soldado eliminou qualquer chance de ele sair vivo daquela floresta. Fingir inocência não importava agora. Assim que a acusação contra *Jasadi* fosse feita, somente uma corte Nizahlana poderia absolvê-lo. Este soldado me colocaria na traseira de uma carroça e me arrastaria para Nizahl, onde eu não precisaria de nenhuma mão para contar o número de Jasadis que sobreviveram ao julgamento. Eu havia aprendido ao longo dos anos que a maioria nem sequer sobrevivia à jornada. Os detidos morriam em acidentes convenientes ou em retaliação a ataques "não provocados".

A mão do soldado não se moveu do cabo da lâmina.

— Você nem vai tentar negar?

Eu mexi os pés. Levemente, apenas para confirmar o punho frio da minha adaga pressionando meu tornozelo.

— Faria diferença?

Ele soltou a espada do fecho, apontando-a para o meu peito.

— Renda-se pacificamente e você enfrentará um julgamento justo e imparcial nas cortes de Sua Sabedoria, o Supremo Rawain.

— É mesmo? — ri. — Há apenas dois meses, um comerciante Orbaniano que comercializava ilegalmente partes de corpos de Jasadi foi levado as cortes justas e imparciais do seu Supremo. Ele confessou ter esmagado e vendido ossos de Jasadi para aqueles ávidos por ingerir vestígios de magia. Os seus clientes, abençoados com o cérebro de uma pulga-de-cabra, acreditavam que os restos mortais de Jasadi eram repletos de benefícios à saúde. Sua preciosa corte libertou o comerciante com uma advertência e uma risada calorosa. Ele ajudou as pessoas a

comerem Jasadis e saiu impune.

A expressão do soldado não se alterou. É claro que não. Tudo o que ele ouviu foram mais lamentos da escória Jasadi.

Estiquei o pescoço.

— Identifique-se, soldado. Gostaria de saber que nome devo colocar no seu túmulo.

— Este é seu último aviso. Renda-se. E se tentar usar a sua magia em mim, saiba que isso resultará em uma execução sancionada.

— Então é "idiota Nizahlano".

O soldado investiu, brandindo a ponta larga da espada em um arco poderoso. Impressionante. Se acertasse, cortaria a minha cabeça com precisão.

Fazia muito tempo que eu não lutava para matar, mas meus instintos permaneciam. Rolei em direção ao soldado, agarrando seu braço armado e batendo-o contra meu joelho. Seus dedos espasmaram. Antes que ele pudesse soltar a espada, um golpe atingiu meu estômago, jogando-me para o lado. Eu me apoiei em uma árvore e tossi. Droga, ele não ia facilitar as coisas.

Não havia tempo para me recuperar. A espada cortou a poucos centímetros da minha orelha, quase cortando meu ombro. Eu me esquivei no último segundo, deixando a espada dele presa na casca da árvore. Tirei minha adaga de dentro da bota enquanto ele arrancava a espada da árvore.

Nós atacamos ao mesmo tempo.

Eu me movi com a velocidade vingativa de uma vespa, evitando seus golpes mortais. Cada vez que conseguia me aproximar, ele me evitava. Era uma dança frustrante. Perto demais para lançar a adaga, longe demais para cravá-la nele. Sua espada atingiu a barra da minha túnica, e o rasgo da minha manga cortou nossa respiração ofegante.

— Por que você não usa a sua magia? — rosnou ele. — Sua espécie

tem uma vantagem, mas você a desperdiça. Não vou considerá-la virtuosa por se recusar a usá-la.

— Fique tranquilo, eu adoraria usar a minha magia para arrancar a sua carne e ferver os seus olhos. Virtude. Ha! Tenho muitas fraquezas, mas a virtude não está entre elas.

Ele envolveu o punho da espada com as duas mãos e golpeou. Joguei meu peso para o lado, apoiando-me em um joelho. Antes que eu pudesse me levantar, a espada estava sob minha garganta. Ele agarrou um punhado do meu cabelo, puxando com força suficiente para fazer meus olhos lacrimejarem. Um hálito quente soprou sobre minha bochecha.

— Por quanto tempo você viveu naquela vilazinha nojenta, enganando a todos, fazendo-os acreditar que não passava de uma aprendiz? Mas eu pude ver a mancha imunda da sua magia. O fato de sua espécie continuar existindo é uma prova de como vocês se infiltraram insidiosamente em nossas sociedades. Os Jasadis são a podridão em nossas fileiras.

Minhas algemas se apertaram. Às vezes, reagiam a certos insultos ou emoções. Eram aleatórias e variadas demais para que eu conseguisse decifrar o padrão. Tudo o que faziam era me lembrar de que a minha magia existia, deslizando sob a superfície da minha pele, mas permanecia impossível de acessar.

Se eu tivesse a opção de enfiar a mão dentro do meu corpo e arrancá-la, não estaria aqui sentada, engolindo em seco com a lâmina na minha garganta.

— Então sugiro que você faça um trabalho melhor — eu disse, e cravei os meus dentes na mão que segurava a espada.

— Agh! — Ele me jogou para longe e eu me levantei em um pulo. Mechas do meu cabelo pendiam do seu punho.

Lancei um olhar para o céu. Em duas horas, o amanhecer iria riscar

o horizonte. Mahair acordaria para um novo dia e um novo grupo de soldados Nizahl chegaria para substituir a patrulha noturna. Quando esse soldado não aparecesse, seria uma questão de minutos até que o caos se instalasse na aldeia.

Eu não estou pronta para partir. O pensamento traidor encheu minha garganta de cinzas. Eu havia armazenado comida em uma ravina fedorenta com o objetivo específico de me preparar para uma situação como essa. Hesitar era um luxo que eu raramente me permitia. Mahair não era para ser permanente. Eu havia escapado dessa floresta cinco anos antes com sangue nas mãos e um objetivo claro: nunca mais seria presa novamente.

Mas não seria esse soldado que me expulsaria da aldeia. Ele não teria essa honra.

Chutei forte e rápido, acertando a curva do seu braço. Ele gritou quando minha bota bateu contra o osso. A espada caiu. Ele acertou o lado da minha cabeça com um golpe forte, mas eu virei o queixo em preparação. Avancei e enfiei minha adaga profundamente em sua barriga. O ângulo não poderia ter sido pior. Rapidamente puxei a lâmina através da resistência da pele e dos músculos, cortando-o de um quadril ao outro. Um ferimento menor no abdômen o deixaria se contorcendo em agonia por horas, e eu não sentia prazer em torturar.

Ele cambaleou, um grito espumando com o sangue em seus lábios. Suas mãos foram para o jato vermelho que jorrava de seu ferimento. O soldado caiu de joelhos.

— Seja grato por que, na morte, ninguém tentará vender seus ossos para fazer um caldo saudável. — Fiz uma careta para a adaga ensanguentada. Fazia tempo que ela não via tanta agitação.

— E... eles encontrarão o meu... corpo. — Ele cuspiu um bocado de sangue na minha bota. — Você não... escapará do julgamento.

Meus olhos secos ardiam quando os fechei. Mesmo à beira da

morte, aquele soldado achava que era moralmente superior a mim. Por não ter magia? Por ter nascido em uma família Nizahlana e eu em uma Jasadi?

Se ao menos ele soubesse a verdade. Se ao menos fosse capaz de acreditar nela.

— Quantos outros... você m-matou? Quantos? — ele perguntou com a voz rouca.

O segredo bateu contra o interior dos meus dentes, ansioso para atacar.

Limpei minha adaga com o pedaço da manga que ele havia rasgado e enfiei os dois na minha bota.

— Não tantos quanto você espera. Acha que temo o julgamento de Nizahl? — Dei um passo em direção ao soldado, repelindo as suas tentativas frágeis de me conter. Minhas mãos se pousaram em cada lado do seu rosto, embalando-o. — Seus soldados não podem me levar para o seu reino e me colocar diante de uma corte, porque eu não existo. De acordo com os seus textos de história, morri há quase onze anos. Morri queimada junto com os meus avós e uma dúzia de outros. Acredito que a minha coroa foi levada para ser exibida em um monumento de guerra. Diga-me, como os mortos podem ser julgados pelos vivos?

Ele me encarou, sem entender, por um segundo, antes que o sangue restante evaporasse do seu rosto.

— Impossível. Você mente.

— Com frequência. — Sorri sem humor algum.

— A Herdeira Jasad morreu no Cúpula Sanguinária. Todos viram o fogo consumi-la, assim como Malik e Malika. Você não pode ser ela. Ela morreu queimada.

— Você está certo, soldado — eu disse. — A Herdeira Jasad queimou na Cúpula Sanguinária. Ela era uma pessoa melhor. Suscetível a noções como honra e virtude. Ela teria tentado salvar a sua espécie.

Protegê-los de gente como você, mesmo que isso significasse a sua própria destruição.

"Mas o seu Supremo a matou. — Passei o dedo pela bochecha do soldado. — E Sylvia a substituiu. Eu não curo. Eu não lidero.

Apertei as mãos e torci com força. O estalo do pescoço do soldado ecoou na floresta silenciosa.

— E, ao contrário dela, sou excelente em me manter viva.

Ele caiu para a frente, seu corpo batendo no chão com um baque surdo.

Fiquei em pé ao lado dele pelo tempo que levei para acalmar minha respiração. Ele estava morto. Ele não me exporia. Eu o matei.

Pelo túmulo contaminado de Rovial, *matei um soldado Nizahl*.

Olhei para o céu e quase gritei. Eu tinha no máximo uma hora e meia antes de perder a proteção da escuridão.

Folhas secas sopravam nas costas do soldado sem vida. Eu não tinha as ferramentas adequadas nem tempo para cavar uma cova, e não podia deixá-lo ali – soldados Nizahl viriam rastejando por todas as aldeias mais baixas de Omal em busca do assassino. Até a ravina, escondida como estava, estaria comprometida. Só conseguia pensar em uma maneira de impedi-los de descer sobre nós como um enxame de morte.

Agarrei o soldado pelo ombro e o coloquei de costas.

— Você bebeu o equivalente ao seu peso em cerveja ontem à noite. Você se aventurou muito longe na floresta e tropeçou no rio. Todos sabem que as margens do rio exigem cuidado ao caminhar, e você foi tudo menos cuidadoso. Basta um passo em falso. Você foi encontrado flutuando na água, provavelmente perto dos diques sul, com o corpo quebrado pelas pedras sob a maré.

Não era o pior plano, mas também não era o meu melhor. Sentei-me de cócoras e apertei os lábios. Eu precisava de tempo para disfarçar

seus ferimentos e arrastá-lo até o rio. Havia pelo menos três quilômetros entre nós e a margem mais próxima. Mesmo que eu conseguisse terminar de arrumá-lo nas rochas antes da troca de turno dos soldados, não conseguiria voltar a Mahair a tempo. Eles me pegariam depois da linha das árvores e me jogariam na parte de trás da carroça mais próxima com destino a Nizahl.

Meu estômago revirou. Eu não conseguiria terminar isso sozinha. Precisava de ajuda.

Colocando minha capa sobre os ombros e pegando a cesta, dei mais uma olhada no corpo.

— Eu voltarei.

Então corri. Mais rápido do que corri em mais de cinco anos. Eu havia vivido naquela floresta, sim, mas não estava sozinha. Estava com a mulher que me resgatou após a Cúpula Sanguinária e me treinou para sobreviver. Uma Qayida que liderou o exército de Jasad em inúmeras batalhas antes de ser exilada. Hanim adicionaria uma dúzia de novas cicatrizes às minhas costas se soubesse o risco que eu estava correndo.

Serpenteei entre as árvores, expulsando o ar pesado pelo nariz. Dessa vez, não me preocupei em evitar a trilha principal, não quando a sorte claramente havia decidido cuspir nos meus esforços naquela noite. Corri morro acima até a fortaleza e circulei o jardim. Por favor, *por favor*, que Marek tivesse deixado a janela aberta. Ele tinha dificuldade para dormir sem uma brisa, mas era uma noite excepcionalmente fria.

A janela estava a alguns centímetros do gancho. Sem parar para processar meu alívio, empurrei a janela até o fim e passei pela abertura estreita o mais silenciosamente possível. Minhas botas deixaram marcas de lama no tapete de pele de javali.

Comemorei em silêncio ao descobrir que ele havia jogado Sefa bêbada na cama e adormecido em uma pilha de casacos. Tentar acordar Sefa sem acordar as outras garotas que dividiam o quarto com ela teria

deixado os meus cabelos grisalhos. Coloquei a cesta de lado com as mãos trêmulas.

Meu coração afundou ao contemplar as figuras adormecidas. Minha amizade com esses dois tinha acontecido contra a minha vontade. Eu tinha me esforçado muito para evitar criar qualquer vínculo que não pudesse ser rompido a qualquer momento. Aquela noite mudaria tudo. Esta noite, eu estava confiando neles.

E se eu estivesse errada, Mahair estaria perdida para sempre para mim.

Puxei o travesseiro debaixo da cabeça de Sefa. Olhos castanhos aterrorizados se abriram, relaxando apenas depois de reconhecer meu rosto encapuzado. Um chute no tornozelo de Marek, e eu tinha uma plateia confusa e sonolenta de duas pessoas.

— Quão rápido vocês conseguem correr?

CAPÍTULO 3



Marek e Sefa olharam para o corpo do soldado. Formigas rastejavam sobre o sangue seco em seu queixo.

Sefa falou primeiro:

— Seu trabalho com a adaga é excelente.

— Sefa! — Marek disparou.

— É mesmo! Você trabalha com animais; sabe como é difícil cortar tão fundo e tão longo na barriga. Ela fez isso enquanto estava sob ataque. É impressionante.

— Você estava? — perguntou Marek para mim. Os seus cabelos dourados espetados em todas as direções. — Sob ataque, quero dizer?

Eles não fizeram perguntas quando eu os arrastei para fora da cama e os forcei a correr a toda velocidade para dentro da floresta. Mesmo quando passamos pela linha de árvores marcadas com corvos, eles mergulharam atrás de mim sem hesitar por um segundo. Eu devia a eles parte da verdade. Pelo menos as partes que podia revelar.

— Sim. Ele teria me matado se eu não o tivesse matado. Rompi a linha marcada pelo corvo para coletar alguns ingredientes que esqueci para Rory, e ele não aceitou a minha explicação. — Apontei para a sua espada caída. — Eles vão me levar a julgamento se eu não mascarar a sua morte como uma queda acidental em Hirun.

A violência dos soldados Nizahl exigia pouca elaboração. Todos já haviam sentido o golpe de seu terrível poder em algum momento. O que os meus amigos não-Jasadi não precisavam saber era como ele me acusou de algo mais do que apenas invasão de propriedade. Eles poderiam

sentir mais compaixão pelo soldado se soubessem que tipo de mão o havia derrubado.

Descrevi o meu plano, consciente da minha corrida contra o amanhecer. Todos os meus instintos se rebelavam contra deixá-los ajudar. Se cometessem um erro, seria o meu pescoço. O trabalho em equipe, no entanto, era um mal necessário para levar aquela noite até o fim.

— Prepará-lo não será uma tarefa delicada. Se vocês duvidam da sua tolerância, podem esperar atrás daquelas árvores. Só preciso da ajuda de vocês para carregar o corpo dele até o rio.

— Isso é um mau presságio. Um péssimo presságio. O Alcalah está a apenas sete semanas de distância. Não deveria trazer prosperidade e boa sorte? — Sefa parecia paralisada pelo ângulo anormal do pescoço do soldado. — E se isso significar que os Awaleen estão mais perto de acordar do seu sono?

— Não seja tola. — Marek coletou galhos para espalhar sobre a terra encharcada de sangue. Uma premeditação impressionante. — O sono dos Awaleen é permanente. Se um torneio tão sanguinário e aleatório como o Alcalah pudesse influenciar os Awaleen, eles teriam saído de seus túmulos e nos matado há séculos. — Marek espalhou os galhos com mais força do que o necessário. A menção ao Alcalah deve ter aguçado uma ferida antiga. Eu me perguntei se Marek já havia se juntado às legiões de competidores que disputavam a posição de Campeão de seu reino. — Pense bem, Sefa. Se o Alcalah ou os seus Campeões tivessem o poder de trazer boa sorte, o Supremo o teria chamado de magia e o teria eliminado após a guerra. O que estamos testemunhando aqui é o resultado da arrogância de um soldado Nizahl.

Sefa estremeceu. Na pressa, ela e Marek haviam deixado a fortaleza sem nenhum escudo contra o vento. Ela parecia pequena e profundamente patética. Não daria certo – eu precisava dela pronta para

a ação.

Empurrei minha capa na direção dela.

— Evite sujá-la de sangue..

Quando me aproximei do soldado, uma mão avançou, impedindo o meu caminho.

— Sylvia, você não pode achar que tem força para quebrar as costas desse homem. — Marek cruzou os braços. — Eu já vi você se esforçar para levantar uma caixa de maçãs.

Eu engasguei com uma gargalhada. Ah, mas não havia graça alguma em ganhar um jogo que o outro lado não estava jogando.

— Você viu o que eu queria que você visse. Sefa, por favor, encontre o máximo de pedras pequenas e pontiagudas que couberem nos bolsos da capa.

— Deixe-me fazer esta parte — argumentou Marek.

Respirei fundo para me fortalecer, soltando o ar pelo nariz. Ele estava tentando ajudar, lembrei a mim mesma.

— Eu consigo lidar com isso. Sozinha.

Virando o corpo de bruços no chão, agarrei os braços e levantei o corpo. Sefa ficou verde. Eu não podia culpá-la. O corpo estava de joelhos, puxado para trás pelos braços, com o torso mutilado e manchado de lama apontado em sua direção. Uma visão macabra, sem dúvida.

— Pelo menos não pretendemos comê-lo — resmunguei para mim mesma. Marek me lançou um olhar perplexo.

Segurando com firmeza os cotovelos do corpo, coloquei a minha bota na base de suas costas. Sefa correu para as árvores, tapando os ouvidos. Marek observava com uma expressão cética.

Uma voz sinistra floresceu em minha mente. *Em questão de horas, você pode ter destruído a identidade que levou anos construindo. Você não consegue nem proteger a sua própria vida patética e sem sentido*, Hanim sussurrou em meu ouvido. Meus pensamentos mais sombrios sempre

falavam em sua voz. Anos se passaram desde a última vez que ouvi a minha antiga captora. O fato de eu ouvi-la agora não podia significar nada de bom.

Puxei os braços do corpo em minha direção. Quebrar as costas de um homem adulto naquele ângulo exigia uma quantidade considerável de força. Hanim comparou isso a fingir que eu estava tentando enfiar meu pé *através* da pessoa em direção ao chão logo à frente dela. Os braços precisavam ser puxados para trás e mantidos firmes. Caso contrário, os ombros se soltariam e as costas permaneceriam intactas.

Bati minha bota contra as suas costas. O estrondo fez as sobrancelhas de Marek desaparecerem em seus cabelos. Satisfeita, deixei o corpo cair sobre seus ossos quebrados e apontei para o corte na barriga do soldado.

— Este corte está muito limpo. Preciso que você faça parecer que ele sofreu os danos causados pelas pedras em Hirun.

Marek aceitou a minha adaga com um sorriso lento.

— Não consigo quebrar as costas de um homem adulto, mas com certeza posso fazer um corte mais feio.

Deixei-o agachado ao lado do soldado e fui procurar Sefa. Tropecei nela se desculpando com uma colônia de formigas por roubar as pedras atrás das quais elas se escondiam.

— Estou quase terminando — disse ela.

A suspeita se transformou em um peso no meu peito. Além de sua paranóia supersticiosa, ela parecia totalmente indiferente. Marek também. Eu os havia arrastado para fora da vila no meio da noite para me ajudar a mutilar o cadáver de um soldado e carregá-lo até o rio. Eu os vi reagirem com mais horror ao descobrir que eu sempre esquecia de regar minha figueira.

Eu me agachei, fazendo uma careta ao ver minha capa arrastando no chão. Ela engolia o pequeno corpo de Sefa.

— Fale claramente. Por que você está fazendo isso por mim?

Sem se intimidar com meu tom severo, ela soprou suavemente nas pedras em sua palma, removendo os detritos soltos.

— Apesar da sua forte resistência ao conceito, somos *amigas*.

— A amizade tem limites.

— Talvez.

— Eu não faria isso por você ou por Marek.

O canto da boca dela se ergueu como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Eu sei.

— Se eu for pega, serei executada. Você ficaria à mercê de uma corte Nizahlana por me ajudar.

— Se você espera acender uma chama de medo em mim, chegou tarde demais. Ela já foi acesa há muito tempo. — Sefa guardou as pedras nos bolsos. — Fique tranquila, Sylvia. Antes que isso chegue a uma corte, eu a seguiria prontamente para a morte.

Sefa e eu nos levantamos ao mesmo tempo. Somente um Jasadi precisaria de uma promessa tão perturbadora, mas Marek e Sefa não tinham nenhum traço de magia. Vivendo tão próximos como vivíamos, eu teria percebido. Que motivo eles tinham para temer Nizahl?

Avaliei Sefa como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— O que você não está me contando?

— Ora, Sylvia. Você pode ter a minha lealdade sem custo algum. — O resto das pedras caiu em seu bolso. — Mas você precisa conquistar os meus segredos. — Ela sorriu, o branco dos dentes brilhando contra a pele.

Prendi a respiração quando uma possibilidade avassaladora me atingiu. Uma possibilidade que se entrelaçava em tudo o que eu achava que sabia sobre Sefa e Marek. Marek, que enfatizava os *a*'s e os *l*'s quando falava com raiva. Que reclamava do clima em Mahair como se

fosse diferente do resto de Omal.

— Marek chamou o tomate pelo nome errado — eu disse de repente. Lembrando. — Uma semana depois de eu chegar à fortaleza, vi vocês dois na cozinha. Ele pediu para você passar um oota para ele. Os Omalianos chamam os tomates de "tamatim". Achei estranho e fiquei de olho nele durante o mês seguinte. Ouvi-o chamar uma série de vegetais por outros nomes. Nomes Lukubi, Orbanianos, Nizahlanos para vegetais. Ele disse que Yuli o estava fazendo praticar para os visitantes que vêm nos dias de mercado. Mas ele estava apenas tentando encobrir, não era? Ele estava tentando encobrir o primeiro deslize.

Sefa bateu com força para tirar o pó das mãos. Seu rosto estava indecifrável.

— O cadáver será mais difícil de carregar depois que endurecer. Temos que ir.

— Você estava tão preocupada com os seus próprios segredos que nem se deu ao trabalho de descobrir os deles — murmurou Hanim. — Patética.

Eu queria arrastar Sefa de volta e sacudi-la até que a verdade viesse à tona. Se o que eu suspeitava fosse verdade... mas não, eu não podia. Não faria isso. As vidas que levamos antes de chegar à fortaleza de Raya não eram discutidas. Contanto que os seus segredos não pudessem me prejudicar, não perguntaria. A curiosidade sempre era recompensada na mesma moeda.

Marek fez um trabalho louvável ao deixar as linhas da ferida irregulares e desiguais. Espalhamos pedras sobre a carne exposta do corpo. Com sorte, quando encontrassem o soldado, os peixes já teriam devorado a pele exposta.

A corrida até o rio pareceu eterna. Eu carregava a parte da frente, enquanto Marek e Sefa apoiavam o resto do corpo. As árvores se fechavam ao nosso redor ansiosamente, o solo afundando a cada dúzia de passos. Notei Marek tremendo. Quanto mais nos aventurávamos em

Essam, mais parecia que os dentes de uma besta grande demais para compreender estavam se fechando ao nosso redor.

Paramos apenas duas vezes para recuperar o fôlego, conscientes da brisa fresca da manhã e do céu ficando rosado.

Sefa começou a cantar, sua voz trinada abafando o som dos nossos passos.

— Os Awaleen vieram sem serem vistos, para inspecionar a terra vazia. Abundância, abundância!

— Sefa, por favor — gemeu Marek. Eu não reconheci a melodia, mas ele claramente sim.

— Acima das colinas e vales a oeste, Kapastra depositou a sua coroa. Mãe de Omal, Domadora de Feras do azul, abundância!

— Ela não vai parar — avisei Marek. Minha bota atravessou um tronco podre. Grilos saíram do buraco, pulando sobre a minha perna. Os seus chilros indignados se juntaram à melodia incessante de Sefa.

— Raio de beleza, mais afiado que rubi, Baira, Baira, Baira — entoou Marek secamente. — Para Lukub ela levou sua luz, abundância, abundância!

— A batalha pulsava nos ossos de Dania, e em Orban ela cantava a sua canção sangrenta. Abundância, abundância!

Um grilo pulou na bochecha do cadáver. Observei-o rastejar até o nariz dele e fiz uma careta. Eu conseguia prever o que viria a seguir na música. Ou melhor, quem não viria.

Nos primórdios, os quatro reinos originais – Lukub, Omal, Orban e Jasad – eram repletos de magia. Nizahl surgiu após o sepultamento dos Awaleen, criado para arbitrar a paz entre os outros quatro reinos. Mas os séculos se passaram, cada um levando um pouco mais de magia consigo, até que apenas a magia de Jasad permaneceu. Os exércitos de Nizahl cresceram, assustando Lukub e Omal, até mesmo Orban, ávido por batalhas. Mas não Jasad. Nem mesmo os exércitos de Nizahl tinham

chance contra a fortaleza inexpugnável de Jasad.

Pelo menos, não deveriam ter.

Para minha surpresa, a canção de Sefa continuou, embora mais suave e reservada.

— Rovial ouviu o zumbido de Jasad e entregou a sua alma para mantê-la acordada. Abundância! Abun...

— Silêncio. — Parei de andar e fiquei escutando. Lá estava, a melhor canção de todas; o gorgolejo de Hirun. Atravessamos as árvores e paramos derrapando na beira do rio.

— Ah — suspirou Sefa. — Nunca vi Hirun com as suas margens tão distantes.

Hirun serpenteava por todos os reinos como uma serpente poderosa, sustentando a vida por toda a terra. Em algumas áreas de Essam, o rio não se estendia mais que um tronco de árvore. Ali, a margem oposta do Hirun ficava a pelo menos 800 metros de distância. O reflexo da lua cheia ondulava em sua superfície escura.

— Eu o levo. — Marek rolou o corpo pela margem do rio, atento ao seu peso na terra úmida. Ele grunhiu enquanto carregava pedras para colocar ao redor e sob o corpo.

Eu podia sentir o olhar de Sefa perfurando a lateral da minha cabeça.

— Posso te fazer uma pergunta?

Meus dentes doíam de tanto rangê-los para responder.

— Acho que sim.

— Por que você precisava quebrar a coluna dele? Um pescoço quebrado não basta para parecer que ele escorregou? — perguntou Sefa. Eu só conseguia ouvir curiosidade em sua voz, mas ainda assim hesitei antes de responder.

— Se decidirem investigar a morte dele como homicídio, a coluna quebrada significa que estarão procurando por um homem.

Os seus lábios se separaram.

— Por causa da força necessária para causar tal ruptura.

— Sim. — Era muito estranho compartilhar essa parte de mim. O equilíbrio de nosso relacionamento havia mudado, e eu não sabia mais onde estávamos.

Se você fosse a garota que eu criei, acabaria com eles aqui, disse Hanim. Passei a mão pelo rosto. Quando ela iria embora?

Assim que Marek terminou de arrumar o corpo, Sefa o ajudou a sair da margem. Permaneci fora de alcance. Um toque naquele momento acabaria com a minha calma já abalada.

— Precisamos correr. O mais rápido que puderem. Não chegaremos a Mahair a tempo da troca de turno, mas precisamos estar dentro dos limites das árvores marcadas com corvos. — Eu cutuquei meu pulso, olhando para algum lugar acima das cabeças deles. — Obrigada. Este favor não será esquecido.

Corremos contra o amanhecer. Sefa tropeçou mais de uma vez, mas Marek permaneceu perto, segurando-a com firmeza. Concentrei-me em evitar as poças. Não havia como saber a profundidade delas, e elas já haviam causado muitos problemas. Um tornozelo quebrado era exatamente o que faltava nesta noite catastrófica.

Tentei tirar da cabeça minhas suspeitas sobre o passado de Sefa e Marek. Era um fio muito grande para desenrolar no meu estado mental atual.

Atravessamos as árvores marcadas por corvos sem incidentes. Um suspiro coletivo passou entre nós.

— Deveríamos andar o resto do caminho — disse Marek. — Estamos vestindo o suor dos culpados.

— Nenhum de vocês é culpado — eu disse rispidamente. — Se a questão for entre me proteger ou a si mesmos, façam uma escolha mais inteligente do que a que fizeram esta noite.

— Ela está tentando nos proteger ou nos insultar? — perguntou Sefa a Marek. — Nunca sei dizer.

— Ambos, eu acho.

— Todos nós ouvimos os rumores sobre os desaparecimentos aleatórios que aconteceram pelos reinos no ano passado — eu disse. — Este foi apenas mais um.

— Esses rumores não são verdadeiros. — Sefa olhou ao redor, mais alerta do que estava um momento antes.

— Talvez não, mas a existência deles pode nos dar algum tempo.

Quando chegamos ao fim da trilha, uma carroça passou ruidosamente por nós, cheia de pilhas de caixotes amarrados com corda de caule de água. O cheiro de aish baladi[7] fresco vinha da estrada principal, enquanto as crianças jogavam pães achatados e densos em cestas ou nas grades de madeira apoiadas nos ombros.

O aroma quente do trigo despertou minha memória. Quantas manhãs em Usr Jasad passei com migalhas nas roupas, queimando a língua com o aish baladi quente dos fornos do palácio? O pão era mais comum nas comunidades rurais de Jasad, mas minha mãe pedia aos padeiros que preparassem dois pães para nós todas as manhãs. Muitos dos costumes de Jasad foram adotados por outros reinos. A comida, a arte e as tradições de Jasad; belos espólios de guerra para os necrófagos que circulavam

Eu me afastei da padaria. Jasad havia desaparecido. Lamentar um reino que eu mal conhecia era um desserviço à vida que eu havia construído.

— É a minha vez de pegar o fūl[8] para o café da manhã — disse Sefa. — Se eu voltar para casa sem ele, Raya vai limpar a fortaleza com o meu pescoço.

— Não temos o pote — disse Marek.

— Hamada é legal. Ele vai me emprestar a panela extra dele.

— *Legal* — repetiu Marek com desdém. — Só azeite, sal e pimenta-do-reino desta vez, está bem? Ninguém gosta de limão no fūl, exceto você e Fairel.

Sefa revirou os olhos.

— Vou pedir puro para você temperar do seu jeito. Do seu jeito errado, devo acrescentar.

Paramos no carrinho de fūl. Hamada dispensou Marek e eu com um olhar, concentrando-se em Sefa. Enquanto ele despejava os feijões fumegantes de uma enorme jarra de metal em uma panela com tampa, observei os arredores. A troca de turno havia acontecido vinte minutos antes. Mesmo que concedessem ao soldado alguns minutos de atraso, eles não teriam esperado vinte minutos antes de chamar reforços. O medo cresceu em meu peito. Por que voltei? Eu deveria ter deixado o soldado e continuado fugindo. Sabia como me esconder nas terras selvagens de Essam. Eu tinha uma cesta de comida e uma vantagem. Poderia ter encontrado o meu caminho para as aldeias mais baixas de Lukub ou Orban e recomeçado. Que tipo de simplória eu era para tropeçar de volta para a jaula e torcer para que eles não fechassem a fechadura?

Eles bloqueariam qualquer entrada ou saída de Mahair. Todas as casas seriam vasculhadas em busca de Jasadis. O comércio seria interrompido. Eles poderiam até mesmo cancelar a waleema, uma das maiores fontes de renda da aldeia.

— Soldados desaparecem com frequência — murmurou Marek. Estremeci, surpresa ao vê-lo me observando abertamente. — Eles não vão desperdiçar recursos com uma aldeia Omaliana medíocre até terem certeza de que ele foi morto.

— Eles têm muitos recursos.

— Não com a Alcalah a apenas alguns meses de distância. Eles

desviam um enorme séquito de soldados para a floresta para proteger o Herdeiro Nizahl enquanto ele procura um Campeão.

Encarei Marek. As cicatrizes nas costas testemunhavam a meticulosidade da educação de Hanim. Ela garantira que eu estudasse os dialetos de cada reino, a língua comum entre eles, os seus hábitos e a sua história. No entanto, eu não tinha nem um pouco de conhecimento sobre o Herdeiro Nizahl. Hanim não falara sobre ele além de me dizer que me mataria sem perder o fôlego, a menos que eu fizesse a minha magia funcionar. Dado ao seu ódio fervoroso pelos meus avós e pelo Supremo Rawain, imaginei que fosse doloroso ver como o Supremo teve sucesso onde ela havia falhado. Ele criou um guerreiro, e ela... ela criou a pessoa que seria avistada de uma torre de vigia fugindo do campo de batalha com a comida dos outros soldados.

Um pouco do meu arrependimento diminuiu. Se eu tivesse corrido para a floresta e encontrado Arin de Nizahl, a questão do meu destino teria sido decidida instantaneamente. Jasadis não saíram vivos de um encontro com o Herdeiro Nizahl.

Como Marek sabia quantos soldados Nizahl desviou enquanto o seu Herdeiro escolhia o seu Campeão para a Alcalah? As minhas suspeitas anteriores voltaram com força total.

— Sem dúvidas você parece familiarizado com os costumes de Nizahl.

Sua sobrancelha levantada era expressiva.

— Assim como você.

— Tem certeza de que eles não vão dar o alarme a menos que encontrem um corpo? — Eu queria muito acreditar nele.

— Com certeza.

— Alguém pode pegar uma alça? — Sefa ofegou. Hamada havia enchido a panela até a borda com fūl. Sefa cambaleou e alguns grãos caíram pelo lado. Marek e eu pegamos as alças e voltamos para a

fortaleza ilesos.

Raya gritou conosco por dez minutos sobre o estado imundo de nossas roupas. Assim que ela terminou, nós três nos separamos. Eu fui tomar banho, Sefa foi ajudar no café da manhã e Marek foi se trocar para um dia de trabalho árduo.

Enquanto passava a toalha pelo corpo, desejei poder esfregar a tensão dos meus membros com pura força. Eu estava tensa de uma forma que não sentia desde meus primeiros meses em Mahair. Enrolei meus cachos molhados em calças de linho, amarrando as pontas na nuca. Nem mesmo deitar na cama me ajudou a relaxar. Do lado de fora da minha porta, uma agitação de passos e conversas sinalizava o início de um novo dia.

As meninas mais novas da fortaleza não gostavam muito de mim. Eu não tinha o toque gentil e carinhoso que vinha tão naturalmente para Sefa. Embora tentasse ser mais suave com elas, eu possuía os instintos maternos de uma barata sanguinária. No entanto, por alguma razão incompreensível, eu achava a presença delas reconfortante sempre que o medo me dominava. Raya preferia morrer a deixar essas crianças sentirem a pressão das responsabilidades que ela carregava em nome delas. Ela garantia que elas fossem livres para se preocupar com problemas urgentes, como quem poderia ficar com o vestido mais bonito das doações mensais ou quem poderia carregar a cabra maior por mais tempo. Essas meninas órfãs eram tão felizes quanto suas circunstâncias permitiam.

— Você não deveria esconder a realidade da vida que elas enfrentam fora desta fortaleza — eu disse uma vez, alguns dias depois de completar dezesseis anos. Eu estava afiando as facas da cozinha perto da lareira enquanto Raya contava os seus ganhos semanais pela sexta vez. — Quanto mais responsabilidades você colocar sobre os ombros delas, melhor elas se tornarão em carregá-las.

Ela ficou me olhando por tanto tempo que comecei a ficar tensa, apertando uma das facas com mais força. Olheiras escuras marcavam o espaço sob os olhos de Raya.

— Crianças não foram feitas para suportar os sofrimentos desta vida, Sylvia. Isso as destrói. Elas passarão a vida adulta fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para nunca mais sentir o peso do mundo.

A exaustão me consumia. Eu não dormia há dois dias, mas cada vez que fechava os olhos, via os soldados Nizahl entrando em Mahair com espadas e tochas.

Qualquer ilusão de segurança ali havia sido destruída.

Você é a Herdeira de Jasad. A segurança não foi escrita para você, disse Hanim.

Enfiei o rosto no travesseiro duro. Recitei mentalmente as ervas que levaria para Rory e planejei o melhor lugar para montar a nossa mesa para o waleema.

Quando nada mais funcionou, recorri a uma prática tão antiga quanto as cicatrizes nas minhas costas. Pressionei a palma da mão fria contra o coração e contei as batidas.

Um, dois. Estou viva. *Três, quatro.* Estou segura. *Cinco, seis.* Não vou deixar que me peguem.

Estou sozinha na frente de um vasto salão de baile. Uma plateia de Jasadis sem rosto espera ansiosamente pelo meu discurso. Meu corpete tem o formato de uma flor de lótus, enrolando-se em torno das minhas costelas. O símbolo iridescente de Jasad está gravado na minha saia. A cabeça de um falcão e asas douradas repousam sobre o corpo de um gato preto elegante. Um kitmer dourado, um felino de pura magia e lenda. O kitmer circula dentro do meu vestido, agitado.

Na minha cabeça repousa uma coroa.

— Rainha Essiya! A Herdeira perdida retornou para reunir Jasad! — grita um homem de sombras retorcidas e fumaça.

— A magia prosperará mais uma vez!

Tento fugir, mas estou imóvel sob o peso da coroa. Um fio dourado costura meus lábios. Eu suporto em silêncio a sua exultação, seu alívio, enquanto isso me atinge por todos os lados. Salvadora. Heroína. Rainha.

Vermelho escorre pelo meu queixo enquanto forço meus lábios a se abrirem, puxando os pontos com força. Um gosto de ferro enche minha boca, tentando abafar minhas palavras antes mesmo de elas saírem.

— Por favor, eu não sou quem vocês procuram! Não posso lhes ajudar! — Caio de joelhos.

Os pontos se rompem, belos fios dourados caindo no chão em uma pilha ensanguentada. Minha voz liberada ressoa no salão de baile vazio.

Um forte aperto me levanta.

— Essiya, você vai amassar o seu vestido.

O choque percorre meu corpo. Eu sou quase uma cabeça mais alta que minha mãe. Os ombros que eu costumava escalar têm metade da largura dos meus. Tenho curvas nos lugares onde ela é magra e sou forte onde ela é suave.

— Sou mais alta que você — é tudo o que consigo pensar em dizer à minha falecida mãe.

A risada de Niphran é música.

— Só um pouquinho. Você puxou à sua avó em forma.

O salão de baile se dissolve ao nosso redor. Ficamos na superfície de um lago congelado que se estende por quilômetros para todos os lados.

Chamas alaranjadas dançam nas pernas de Niphran.

— Um reino não pode cair enquanto a sua Herdeira ainda está de pé. Você não pode fugir do seu dever, ya umri. É uma herança de

sangue. — Vasculho em busca da fonte do fogo que corrói o seu corpo sem parar. Não há nenhuma. — Mais do que isso — Niphran continua, como se não estivesse queimando viva a meio metro de distância: — É uma herança por direito. Quem somos, quem poderíamos ter sido, a nossa identidade como reino... as pessoas que perderam seus lares não significam nada para você?

Bato o pé na superfície dura abaixo de nós, mas ela não se quebra. Estamos cercadas de água, e mesmo assim a minha mãe queima.

— Não me deixe — eu ofego. Eles já a levaram uma vez. Estendo a mão para Niphran, encolhendo-me enquanto o fogo se intensifica.

— Então me salve.

— Não vai rachar! — Eu caio, batendo com os punhos no gelo. Meus dedos se partem em vão. As camadas de gelo são muito grossas, muito profundas.

O inferno ruge, engolindo Niphran inteira, mas suas palavras são claras.

— Destrua-o.

— Não sei como! — Levanto os meus punhos para bater no gelo outra vez... e paro.

Meus pulsos estão nus. Onde deveriam estar as algemas, há pele lisa.

O fogo lambe o céu, consumindo a noite com seu brilho monstruoso. Ilumina milhares de pessoas-sombra, paradas na margem. Observando. Julgando.

— Essiya! — Niphran grita.

Eu me afasto depressa e jogo um braço sobre o rosto.

As chamas explodem. Somos consumidas.

CAPÍTULO 4



Quatro dias se passaram sem que ninguém pedisse a minha execução. Os dois soldados Nizahl que patrulhavam Mahair continuaram a sua rota, visitantes para o waleema continuavam chegando e eu continuei aterrorizando sapos para Rory. Se eu não tivesse hematomas e um tufo de cabelo faltando, poderia me perguntar se tive alucinações a noite toda.

A preocupação me assombrava implacavelmente. Eu não confiava na paz. Os soldados de Nizahl não iriam simplesmente esquecer o desaparecimento de um dos seus.

Dois dias antes do waleema, Raya bateu à nossa porta, mergulhada em um raro fervor de agitação. Nenhum de nós conseguia entender o porquê. Seus tecidos vendiam com sucesso impressionante no mercado regular, sem falar em um waleema que só acontecia a cada três anos. Nobres das cidades mais distantes dos quatro reinos enviavam os seus servos para licitar os vestidos extravagantes de Raya. Com todos ansiosos para se vestirem da melhor forma possível para as festividades de Alcalah de seus reinos, os vestidos eram vendidos por dinheiro mais do que suficiente para Raya trazer mais um ou dois órfãos das ruas.

Ao pé da colina, Marek carregava a carroça. A lona que normalmente cobria a traseira havia sido removida, dando-lhe espaço para empilhar as caixas.

— Você está atrasada. Rory provavelmente já reduziu os clientes às lágrimas. — Marek pulou no banco do cocheiro.

— Contanto que ele não tenha jogado sua bengala em ninguém, eu

diria que é uma boa manhã. Onde está Fairel?

Marek apontou para a figura da garotinha correndo a toda velocidade morro abaixo, com as costas curvadas sob o peso de uma cadeira de madeira. Disfarcei um sorriso. Raya dava a cada menina de sua fortaleza uma escolha: trabalhar ou aprender. A maioria optava por aprender, mas Fairel, de nove anos, ergueu o queixo e disse:

— Prefiro ser a melhor em uma coisa do que saber pouco sobre muitas coisas. — Nos três anos seguintes, ela assumiu seu papel de vigia das cadeiras de Nadia com a seriedade reservada para quem manuseia instrumentos de batalha.

Fairel se jogou na parte de trás da carroça, com a cadeira a tiracolo.

— Aqui! Estou aqui!

Balancei a perna enquanto partíamos, os dedos dançando no meu joelho. O medo encheu meu peito à medida que nos aproximávamos da praça principal. Outra razão para odiar a movimentada temporada de Alcalah era a ameaça de ser reconhecida.

Eu sempre mantinha meus ouvidos abertos para qualquer boato sobre a Herdeira de Jasad. Nem um único sussurro sugeria que o mundo achava que Essiya estava menos morta do que o resto de sua família. A maioria dos presentes na Cúpula Sanguinária perecera durante o ataque – incluindo Isra, a esposa do Supremo Rawain. Apenas a Rainha de Omal, o Supremo Rawain e Sultana Bisai haviam sobrevivido. Sultana Bisai estava morta agora, a coroa de Lukub havia passado para sua filha e os outros dois membros da realeza não cruzariam o caminho de uma órfã humilde. Isso não me impediu de verificar o peso reconfortante da adaga enfiada na minha bota sempre que Mahair recebia visitas.

A cabana azul erguia-se à nossa direita. Seus proprietários eram idosos e não tinham filhos. Poucos estavam interessados em comprar propriedades ali, não com uma fortaleza cheia de órfãos à esquerda e a estrada de pedestres à direita. Seria um lar excelente. Haveria espaço

para Sefa e Marek. Talvez um pequeno jardim para minha figueira.

Dirigi meu olhar para a frente. As reflexões fantasiosas de Sefa tinham claramente se infiltrado em meu bom senso. Ansiar pelo impossível era uma tarefa melhor para os tolos.

A carroça sacudiu quando o caminho ficou mais rochoso. As crianças que corriam atrás da carroça ficaram para trás, correndo na direção oposta. Atendendo aos avisos de seus pais contra se aventurarem na estrada deserta.

— Como você se sente? — Marek perguntou baixinho.

Eu sabia o que ele estava perguntando, mas não tinha uma resposta adequada aos seus ouvidos.

— Com fome. Maya não deveria ter permissão para preparar o café da manhã para ninguém além dos seus inimigos. Ainda tenho casca de ovo nos dentes.

Marek ficou em silêncio por um longo momento. Eu esperava que tivéssemos chegado ao fim da conversa.

— Cinco anos. Cinco anos de amizade, Sylvia. E somos amigos, apesar de seus muitos esforços para se distanciar de nós. Sim, eu percebi. Tenho talento para entender as pessoas, mas você... você me confunde. Cinco anos de amizade, e você sabe qual é a única palavra que eu usaria para descrevê-la? — Ele me olhou. — Suave. Apenas... suave. O que poderia ter sido o fim da história até duas noites atrás, quando eu vi você quebrar a espinha dorsal de um homem sozinha, sem pestanejar.

Suave. Examinei a palavra, testando se ela se encaixava. Isso me divertiu. Talvez o chicote de Hanim fosse reservado para meninas de maneiras suaves, e as cicatrizes nas minhas costas fossem uma recompensa generosa pelo meu temperamento moderado. Na minha primeira semana na pequena cabana de Hanim, joguei minha comida na parede e imediatamente comecei a chorar. Eu ainda era rebelde, cheia de rancor e indignação por ter sido menosprezada pela realeza. Embora

tivesse visto meus avós serem queimados com meus próprios olhos e ouvido o mensageiro declarar a morte de Niphran com meus próprios ouvidos, a realidade ainda não havia penetrado em meu peito. A capitã de guerra desonrada de Jasad permanecera silenciosa como um túmulo enquanto esperava que eu enxugasse as últimas lágrimas.

— Vá para o canto — ela disse —, e levante os braços.

Assustada com seus olhos vazios, mantive os braços levantados até que o grito em meus ombros se transformasse em um gemido. Contei as rachaduras na parede, memorizei as inscrições nas minhas algemas. A dor acabou se acalmando, tornando-se tão constante e esquecível quanto o pulso no meu pescoço. Encontrei uma maneira de pensar apesar dela.

Suave, de fato.

Sem se deixar abater pelo meu silêncio, Marek continuou:

— Você ouviu as notícias? Dizem que o Herdeiro Nizahl foi avistado perto da fronteira com Gahre.

A pontada de medo que suas palavras causaram no meu peito me irritou. Gahre era outra vila menor de Omal, a apenas uma hora de distância. A notícia de sua chegada teria chegado muito antes dos cavalos do comandante. Eu abri os punhos.

— Conversa de mercadores ociosos, tenho certeza.

— Sim — concordou Marek, lançando um olhar de soslaio para os meus dedos trêmulos. — É a vez de Omal representar Nizahl na Alcalah este ano. O Herdeiro provavelmente está agraciando as nossas humildes aldeias para encontrar o seu Campeão. — O tom irônico de Marek comunicava exatamente o que ele pensava de tal ideia.

Realizado uma vez a cada três anos, o Alcalah revigorava todos os reinos, desde a coroa mais alta até o vagabundo mais selvagem. O torneio consistia em três provas exaustivas destinadas a celebrar o sacrifício dos progenitores de nossos reinos. A localização de cada prova alternava entre os quatro reinos e culminava no Baile dos Vitoriosos. Se a

obsessão de Mahair pelo Alcalah fosse um indicativo, os reinos construíam as suas vidas em torno desse evento. Perdi a conta de quantas vezes ouvi os clientes de Rory circulando pela loja fantasiando sobre dançar no Baile dos Vitoriosos ou torcer na plateia de um dos torneios do Alcalah.

Nizahl era o único reino a não escolher um Campeão entre o seu próprio povo. Pouco depois de queimar Jasad, o Supremo Rawain generosamente anunciou o plano de Nizahl de promover a paz escolhendo um Campeão de um reino diferente a cada Alcalah. Além disso, Nizahl possuía uma vantagem injusta. Eles recrutavam os seus jovens para o exército desde a adolescência, e os seus soldados mais incompetentes poderiam se igualar com facilidade aos melhores de outro reino.

— Ele não escolheria um Campeão de uma vila inferior — eu disse. — Tenho certeza de que ele tem algum acordo com o Herdeiro de Omal. Um Campeão pré-selecionado que a família real favorece, talvez.

— Felix não consegue tirar o ranho do nariz. O Herdeiro de Nizahl com certeza não vai perguntá-lo o que ele acha de escolher um Campeão.

Soltei um gemido de desgosto diante da imagem.

— Todos os Campeões que ele escolheu venceram a Alcalah. Duvido que concordasse em treinar um incompetente só para obter favores políticos. Mesmo que o Herdeiro de Nizahl decidisse escolher um aldeão inferior, seria um desafio convencê-lo a aceitar um papel tão fatal.

— Por mais que adorassem especular sobre a Alcalah, os aldeões inferiores tinham bom senso demais para competir voluntariamente em um torneio que deixou mais da metade de seus Campeões mortos. Pelo menos, eu esperava que sim.

Marek deu de ombros, conduzindo a carroça por um trecho de lagoas fétidas que pontilhavam a estrada.

— Talvez valha a pena o risco. Se eles se tornarem vencedores,

ganharão uma comitiva de guardas, uma casa na parte alta da cidade em cada reino e riquezas para o resto da vida.

— Não vale a pena o risco, a menos que você seja um nobre desmiolado cujo único propósito ao competir seja se exibir e alegar que está celebrando o sacrifício dos Awaleen.

Os mitos por trás da Alcalah eram um completo absurdo. Os quatro irmãos originais eram seres de pura magia; a primeira magia. Os Awaleen criaram os reinos e os governaram por milênios antes de Rovial, o Awal de Jasad, enlouquecer e matar milhares. Loucura mágica, alegavam os contadores de histórias. A consequência inevitável de uma magia poderosa. Para conter o seu irmão e proteger os seus reinos, as Awaleen se entregaram a um sono eterno sob a Ponte Sirauk. O que exatamente a Alcalah buscava celebrar? O derramamento de sangue ou o enterro?

Consciente da minha crescente frustração, fiquei em silêncio, alisando a saia até os joelhos. A luz pálida do sol refletia intensamente nos meus punhos. Era uma bênção ser a única pessoa capaz de vê-las ou senti-las. Seu brilho teria feito buracos na visão periférica de Marek.

— Os dois últimos Campeões do Comandante eram um pedreiro Lukubi e um mendigo Orbaniano. Ambos se tornaram Vitoriosos.

— Marek, chega. — Eu não queria mais falar sobre Nizahl ou sobre a Alcalah. A raiva demorava muito mais para se dissipar do que para se acender, e eu não tinha energia de sobra.

— Dizem que olhar nos olhos dele pode congelar a magia de um Jasadi nas veias — continuou Marek. — Supostamente, ele pode sentir isso apenas pelo toque.

Só de pensar nisso, meu café da manhã de casca de ovo voltou à boca. Na maioria dos dias, eu era excelente em esquecer deliberadamente que os Jasadis eram caçados como animais raivosos. Não havia nada que eu pudesse fazer por eles. Mal havia algo que eu pudesse fazer por mim.

— O que você descreve é impossível. Quer dizer que o próprio Comandante tem magia? — Meu tom de voz ficou áspero, embrutecido pelo quadro pintado pelas palavras de Marek.

— É claro que não. Só estou dizendo...

— O que você está dizendo é traição. Já cometemos mais do que a nossa cota disso nos últimos dias, não concorda?

A multidão aumentava à medida que nos aproximávamos da praça principal. As pessoas ziguezagueavam ao redor da carroça de Marek, que se movia por entre uma multidão vestida de azul e branco. Assim que ele parou, respirei fundo e pulei da carroça. Mantive a minha capa bem enrolada e a cabeça baixa. Cada toque acidental de ombro ou braço me causava mil pontadas de repulsa. Não conseguia andar rápido o suficiente até a loja de Rory.

A campainha da porta tilintou. Esperei que Rory colocasse a cabeça para fora do aposento dos fundos. Quando um minuto se passou sem o clique da bengala de Rory, contornei o balcão e empurrei a cortina.

— Vá embora — disse ele sem se virar. Rory estava sentado em cima de duas caixas viradas, com três tigelas sobre a mesa e o balde de sapos a seus pés. Franzi o nariz com o odor. Pelos ossos empoeirados de Dania, eu estava atrasada. Ele nunca trabalhava com os sapos durante o dia, quando o cheiro de sangue e álcool azedo se espalhava pelo resto da loja. A menos que seu desgosto pela humanidade superasse seu bom senso.

— Calma, Rory — comecei, imbuindo a minha voz com uma paciência que eu não tinha. De todas as semanas para ele ter um ataque, tinha que escolher a semana do waleema? — Acho que você deveria... — Antes que eu pudesse continuar, uma cesta atingiu o meu peito. Rory não tirou os olhos das tigelas.

— Preciso de mais ingredientes — ele rosnou. — Não da sua opinião.

Olhei feio para o lado da cabeça dele.

— A última vez que fui a Essam de saia, a erupção na minha coxa levou uma semana para desaparecer. — Eu preferiria limpar os dentes com a cauda de um lagarto a vender para dezenas de estranhos, mas, ao contrário de Rory, eu não tinha o luxo de fazer birras caras. — Eu mesma cuido da loja. Você pode ficar aqui atrás.

Rory me ignorou, virando um sapo mole de costas. Inacreditável. Agarrei a cesta. Não havia como ferir a sua cabeça dura quando ele entrava nesse estado de ânimo. Lá fora, a estrada principal fervilhava enquanto aqueles que haviam chegado antes do waleema exploravam as limitadas ofertas de Mahair. Tantos visitantes com bolsos implorando para serem esvaziados. Amaldiçoando Rory baixinho, peguei a minha saia e me virei em direção à floresta.

— Pare! Jasadi!

O grito cortou o barulho da estrada principal.

Eu congelei. Minhas pernas ficaram tensas, preparando-se para uma corrida difícil e brutal. Dobrei os cotovelos na articulação, contraindo os músculos dos ombros. Mais um segundo e eu teria sido um borrão de tecido desaparecendo na floresta. Mais um segundo e eu não teria visto o pai do padeiro sendo jogado no chão.

A multidão se aglomerou atrás de mim. Braços pressionados contra os meus, empurrando e cotovelando para ver os soldados de Nizahl em pé ao lado do homem de setenta e poucos anos coberto de farinha. Não era a mim que eles tinham pegado. Era a ele.

Um soldado de Nizahl com o peito em forma de barril de cerveja se erguia sobre o velho magro. Adel, pensei. O nome dele era Adel. Ele sempre colocava gergelim extra nos meus pãezinhos.

— Você é acusado de posse e uso ativo de magia. Será levado para Nizahl, onde seu reino de origem será confirmado. Se a investigação o classificar como um Jasadi, você será julgado nas cortes justas e

imparciais do nosso Supremo.

— Por favor, eu... eu moro aqui há quarenta anos. Morei em Omal quase a minha vida inteira. Criei a minha família aqui. Minha magia não é nada, é apenas uma gota!

— Você admite que tem magia. Você admite que é um Jasadi.

— Eu só nasci em Jasad — ele gritou. — Décadas antes da guerra.

— Eu o vi usar a magia! — gritou a mulher que havia berrado. Não a reconheci. Ela devia ser uma das visitantes. — Ele tocou em um pão queimado, e ele se recuperou sozinho.

As minhas algemas apertaram os meus pulsos. Tolo; por que usaria a sua magia à vista de outras pessoas? Descuidado, tão desnecessariamente descuidado!

— Ele desqueimou o pão? Esse foi o crime dele? — disse uma voz furiosa e rouca. Yuli. Ele devia conhecer Adel há anos. Talvez até tenha contratado os filhos para trabalhar em suas fazendas. — Adel é um de nós.

Ele não é um deles. Ele é um dos seus, sibilou Hanim. *Faça alguma coisa, Essiya. Salve-o!*

Permaneci imóvel. Interferir só resultaria em duas mortes em vez de uma. Eu não podia ajudá-lo. Não lhe devia a minha vida só porque ele nasceu Jasadi e eu nasci Herdeira de Jasad. Ele deveria ter sido mais cuidadoso.

— Venha conosco. — O soldado Nizahl mais baixo levantou Adel, ignorando seus gritos devido ao aperto forte em seu braço. — Você pode apresentar as suas reivindicações a corte.

— Pare! Você está machucando ele! — o grito de Yuli se misturou a outros. Um pensamento estranho passou pela minha cabeça, ameaçando fazer o chão se inclinar sob mim.

E se todos já soubessem?

Se Adel tivesse vivido aqui antes da guerra, ele poderia ter contado

às pessoas que era um Jasadi. Facilmente, sem medo, nos dias felizes antes que sua identidade e local de nascimento pudessem atrair a morte. Em uma vila tão pequena quanto esta, alguém deve ter notado sua magia. A família de Adel era dona da padaria. Eles a administraram por décadas. Seria possível que Mahair tivesse decidido coletivamente não denunciar Adel, apesar das severas penalidades por abrigar um Jasadi conscientemente?

O pânico tomou conta do rosto pálido de Adel. Ele tremeu, forçando o soldado a segurar a mão dele com mais força. Vi isso acontecer antes mesmo que acontecesse.

Seja esperto, eu queria implorar a ele. *Aguente firme, Adel. Não deixe o pânico vencer.*

— Não! — gritou Adel. O ar ficou pesado, fluindo em direção ao Jasadi trêmulo. Como a faixa de um estilingue, a magia de Adel se esticou. Prata e ouro rodopiavam em seus olhos. No momento trêmulo em que a magia de Adel estava apontada e pronta, olhei para os soldados. Eles sabiam o que estava por vir. Estavam ansiosos por isso.

A magia de Adel explodiu.

A multidão gritou quando os soldados foram jogados no chão. Adel suspirou, olhando para eles com olhos incertos.

Se eu não estivesse presa no lugar, talvez tivesse puxado meu cabelo. Por que ele não estava correndo?!

Adel correu em direção à floresta. Se ele conseguisse passar pela muralha e pelas árvores marcadas com corvos antes que os soldados pudessem alcançá-lo, talvez tivesse uma pequena chance de escapar.

Ele é um homem fraco. Não sobreviverá na floresta. Se os soldados não o pegarem, outro predador o fará, disse Hanim. Eu podia sentir sua decepção como se ela estivesse ao meu lado.

A questão das habilidades de sobrevivência de Adel nunca seria respondida. O soldado Nizahl, de peito largo, levantou-se e sacou uma

lâmina curta do quadril. Adel corria em linha reta. O soldado levantou o braço.

Fechei os olhos.

Olhe!, Hanim gritou. *No mínimo, eles têm o direito de serem vistos.*

Eu olhei. Olhei enquanto a faca se enterrava entre as omoplatas de Adel. Olhei enquanto o velho padeiro caía para a frente, a poucos metros da muralha. E olhei enquanto o soldado Nizahl mais baixo alcançava Adel e enterrava o Jasadi sob uma tempestade de golpes e chutes violentos. Os golpes úmidos e carnudos eram mais difíceis de suportar para alguns espectadores do que os ossos quebrando. Quando o soldado se levantou novamente, uma massa sem olhos jazia onde antes estava Adel.

Um soluço irrompeu. A visitante que apontara o dedo para Adel evitou olhar para o cadáver, mantendo sua rebeldia.

Na beira da multidão, vi Rory. Ele estava olhando para Adel. Mãos com os nós dos dedos brancos seguravam sua bengala. O choque de Rory era por causa do nojo? Era tristeza?

— Vamos colocar o corpo dele na carroça — disse o soldado de peito largo. Sangue encharcava a parte superior da coxa direita. Adel o havia jogado *com força*. — Quando retornarmos, esperamos total cooperação para localizar os filhos dele. Qualquer resistência lhes renderá uma viagem para Nizahl.

O soldado mais baixo olhou com desconfiança para a perna do outro homem. Ela mal conseguia suportar o peso do dono. Eles murmuraram brevemente um para o outro antes de se virarem para nós.

— Ficarei aqui para garantir que nenhum de vocês tente proteger os filhos do Jasadi. Precisamos de um voluntário para ajudar a carregar o corpo até a carroça.

Ninguém falou. Só alguém com uma inteligência espantosamente baixa se voluntariaria para caminhar pela floresta com um soldado

Nizahl e o corpo brutalizado de sua vítima.

— Eu posso carregá-lo.

Cabeças se viraram para mim. Minha boca se fechou em um estalo. O que eu tinha acabado de fazer?

O soldado ileso observou a minha constituição e altura. Ele apertou os lábios e quase riu. Ele não queria me escolher. Eu era mais alta que ele e tinha ombros largos. Se houvesse um conflito, eu seria uma oponente mais feroz do que um padeiro idoso.

Tão confiável quanto o nascer e o pôr do sol, a arrogância dos homens era uma aposta vencedora.

— Tudo bem. Pegue a cabeça dele.

Pela primeira vez, afastar-me da multidão não trouxe alívio. Perguntei-me se Sefa e Marek estariam observando, gritando em silêncio comigo pela minha imprudência. Eles não entendiam. Achavam que eu pertencia à multidão de curiosos.

Hanim queria que eu me sentisse culpada pela morte de Adel, que tremesse de raiva justificada e sede de vingança, mas tudo o que eu sentia era desespero. Mais do que tudo, queria pertencer à multidão de espectadores. Eu não queria estar ali, deslizando minhas mãos sob os ombros de Adel e levantando-o da poça de seu próprio sangue. Sua cabeça rolou para o meu ombro, deixando rastros vermelhos e escorregadios ao longo do meu pescoço. O soldado encarou a floresta, segurando as pernas de Adel sob um braço curvado. Caminhamos. Mal notei quando passamos pelas árvores marcadas por corvos. Carreguei o corpo frágil de Adel e tentei não ver nada além do caminho à frente. O rio balbuciava à nossa direita, batendo suavemente contra as pedras que pontilhavam a pequena margem.

— Aqui — disse o soldado. Levei um susto; eu estava olhando para a parte de trás da cabeça dele e imaginando vividamente como seria afundar o seu crânio. Baixamos Adel até o chão. — Vou buscar os

cavalos. Fique com o corpo. — Ele me lançou um olhar de advertência antes de desaparecer entre as árvores.

Agachei-me ao lado do corpo de Adel e pressionei dois dedos contra as suas pálpebras, puxando-as para baixo. Sefa choraria. Ela era boa com emoções. Ela as acolhia conforme vinham, sem permitir que se prolongassem ou se aprofundassem. A raiva não se instalava dentro dela como cacos de vidro, cortando-a ao cair. Eu gostaria de ter suas lágrimas. Adel as merecia.

Mas, pelo túmulo contaminado de Rovial, como ele pôde ser tão estúpido? Ele confessou sua magia em segundos, usando suas preciosas reservas para selar seu destino. Pelo menos, se ele tivesse deixado que o capturassem, poderia ter tentado escapar durante a viagem para Nizahl.

Eu deveria ir embora. Não conhecia esse homem. O sangue dele não estava em minhas mãos.

É claro que você quer se esconder. É o que faz de melhor, zombou Hanim.

Cerrei os dentes. Eu precisava tirá-la da minha cabeça. O que a satisfaria? O que eu poderia fazer por essa Jasadi para me livrar da voz de Hanim?

Uma ideia me ocorreu. Uma ideia duas vezes mais idiota do que me voluntariar para carregar o corpo de Adel para a floresta. Mas se isso significasse me livrar de Hanim...

Corri para a margem do rio. Tirei as sandálias e pisei com cuidado entre as pedras. Hirun era um rio temperamental. Eu precisava confiar que ele não iria me desequilibrar e me puxar para suas correntes.

Pensei em como levar água de volta. Qualquer água que eu colocasse nas mãos iria derramar enquanto eu subia da margem do rio. O tempo não estava a meu favor. O soldado poderia voltar a qualquer momento.

Finalmente, mergulhei a barra da minha saia na água, encharcando completamente alguns centímetros do tecido. Corri para o lado de Adel,

levantando a saia para evitar que a barra absorvesse sujeira.

Minhas aulas com Hanim cobriam os rituais fúnebres de Jasad. Ela estava tão convencida de que poderia me moldar para governar um reino que Nizahl já havia eliminado da existência. Que desperdício do tempo dela e do meu.

Torci um pedaço da saia. A água escorreu pela mão de Adel. Passei para a outra mão dele, depois para os pés. Eles o haviam espancado até deixá-lo em carne viva. Cada gota escorria vermelha.

Cheguei ao rosto dele. Não recuei ao tocá-lo. Minha aversão ao contato físico era reservada exclusivamente aos vivos.

Eles haviam rompido seus olhos; sangue ainda escorria por baixo de seus cílios. Sua magia mal havia suportado empurrar o soldado uma única vez. Eu já havia me sentado em Essam, assim como fazia agora, ouvindo Hanim reclamar sobre como a magia de Jasad já estava enfraquecendo quando Nizahl atacou. Como em poucas gerações, nossas terras seriam tão áridas quanto os outros reinos, e as crianças de Jasadi nasceriam sem nenhuma magia em suas veias.

Molhei suas bochechas e testa com água. Eu havia rejeitado as mentiras de Hanim assim que me libertei dela, jogando-as em um canto escuro da minha mente. Mas, olhando para o rosto magro de Adel, com os ossos da testa esmagados contra o cabelo, era difícil não acreditar que suas palavras continham alguma verdade.

Espremei as últimas gotas da minha saia e as usei para limpar o sangue do queixo de Adel.

— Min dam Rovial, min ra'ad al Awaleen — comecei em Resar. Se estivéssemos em Jasad, alguém teria colocado um caroço de tâmara em sua língua. Uma despedida de seu corpo exaurido e um sinal de gratidão por tudo o que ele havia dado. Limpei uma pedrinha na minha jaqueta e a pressionei em sua boca. — Irja'a ila makan al mawt wal haya, ila awal al Awaleen. — *Retorne ao lugar da morte e da vida. Ao primeiro dos Primeiros.*

Eu esperava que Adel não se importasse que eu realizasse um ritual Jasadi. Ele passara a maior parte da vida em Omal. Jasad talvez não significasse nada para ele. Hanim não me ensinara os ritos fúnebres Omalianos, mas eu esperava que fossem, de alguma forma, semelhantes.

— Ila al mawt niwada'ak, wa na'eesh haya bakya fi fikrak. Yikun ma'ak... — Fiz uma pausa. — *À morte nós o deixamos, e viveremos o resto de nossas vidas em sua memória. Esteja com você...* o quê? Fechei os olhos, recitando a frase outra vez em busca das partes que faltavam.

— A'malak we ahbabak — disse a voz suave e comedida acima de mim. — Acredito que essas são as palavras que você procura.

Fiquei imóvel. Eu havia esquecido de ouvir os passos que se aproximavam.

Abri os olhos e vi botas a poucos centímetros da cabeça de Adel. Meu olhar subiu. Passou pelos corvos violeta bordados na barra de um longo casaco preto. Passou por um corpo magro e de ombros largos envolto em um uniforme Nizahlano mais elegante do que qualquer outro que eu já tivesse visto. As infames luvas pretas cobriam suas mãos. Uma fina cicatriz ia da parte inferior da garganta até a mandíbula. Se tudo isso ainda não fosse suficiente para me fazer reconhecê-lo, seus olhos teriam sido a prova definitiva: azuis claros e frios. Eu só tinha visto olhos assim uma vez antes.

Arin de Nizahl estava acima de mim, observando-me realizar os rituais fúnebres Jasadi em um homem assassinado.

Fui descoberta.

O mundo virou, deixando-me girando no vazio. A náusea subiu em meu estômago. Levantei-me de um salto, esquecendo o peso da minha saia. Como ele estava aqui? Quando ele chegou?

Abri a boca. Para explicar, para mentir, para gritar. Um sopro de ar passou pelos meus lábios, e nada mais.

Calma, Essiya. Lembre-se da primeira regra, murmurou Hanim.

Era tarde demais. O pânico já havia se espalhado. Eu estava paralisada.

Quando eu morresse, alguém realizaria os ritos Jasadi no meu corpo?

Um relincho suave acompanhou a aparição de dois cavalos conduzidos pelo outro soldado. Seus olhos se arregalaram comicamente ao avistar seu Comandante. Ele não sabia que ele estava chegando. Se a patrulha Nizahl não havia previsto a chegada do Herdeiro, então por que ele estava ali?

Uma onda de puro terror percorreu os meus ossos. O soldado morto. E se tivessem encontrado o corpo dele?

O soldado ajoelhou-se instantaneamente, visivelmente nervoso.

— Meu suserano.

— Presumo que ele seja seu. — O Herdeiro de Nizahl gesticulou em direção ao corpo de Adel.

O soldado engoliu em seco.

— Ele usou magia para nos atacar. Não tínhamos escolha.

— Vocês o amarraram? Vendaram seus olhos?

— N-não.

— Ele usou a magia uma segunda vez?

O soldado balançou a cabeça. Um tremor percorreu o seu corpo.

— Entendo. — O olhar do Herdeiro de Nizahl era frio. — Enterre o corpo e encontre-me no seu posto.

Enquanto falavam, os meus instintos se recuperaram aos poucos. O Herdeiro de Nizahl não estaria em Mahair por causa da morte de um único soldado. Ele também não poderia saber da minha verdadeira identidade, a menos que os mortos tivessem aprendido a falar nos últimos dias. Marek disse que o Herdeiro foi avistado em Gahre, então Mahair não era a primeira aldeia Omaliana em sua rota. Ele me viu falando Resar e realizando os ritos fúnebres Jasadi, mas não usando

magia.

Eu poderia salvar a situação.

O soldado recolheu o corpo de Adel e cambaleou por entre as árvores, deixando-me sozinha com o Herdeiro de Nizahl.

Quando ele se virou para mim outra vez, inclinei a cabeça.

— Peço licença a Vossa Alteza para explicar o que o senhor testemunhou.

O Herdeiro inclinou a cabeça, fazendo com que uma mecha de cabelo prateado se soltasse do laço na nuca.

— Você tem minha permissão.

— Eu não sou uma Jasadi. — Respirei lentamente. A verdade era a percepção. Eu não podia mudar minhas ações, mas podia alterar a forma como ele as interpretava. — Não tenho magia nem laços com o reino arrasado. Embora conheça Adel há anos, a verdade sobre a sua natureza permaneceu oculta para Mahair. Para mim. A selvageria de sua morte... me perturbou. Eu só queria lhe prestar uma gentileza realizando os ritos fúnebres de seu povo.

— É comum aprender os ritos fúnebres Jasadi na sua aldeia? — Ele parecia curioso. Conversador.

— Não. — Fingi hesitar. — Aprendi em Ganub il Kul, antes da guerra. Os meus tutores davam grande importância à compreensão das línguas antigas e às práticas de cada reino.

Um ou dois anos antes do cerco, Nizahl tentou promover a camaradagem entre os reinos criando um acampamento no meio de Essam chamado Ganub il Kul. O acampamento curaria as divisões entre os reinos, unificando centenas de suas crianças em uma educação compartilhada. É claro que ninguém das famílias reais enviou seus filhos. Meus avós zombaram da ideia e descartaram o convite floreado do Supremo Rawain.

Minha assistente favorita, Soraya, não fora tão indiferente.

— Desconfie da gentileza dos homens maus, Essiya. Ela sempre cresce a partir de raízes venenosas.

Na segunda semana da guerra, todas as crianças que ainda estavam em Ganub il Kul foram massacradas. Os assassinatos foram brutais, desumanos. E o Supremo Rawain culpou Jasad. Qualquer reino hesitante em apontar a sua espada para Jasad mudou de ideia depressa após Ganub il Kul.

— Seu sotaque é perfeito. Seus tutores devem ter ficado orgulhosos.

Observei o Herdeiro. Não consegui entender se ele acreditava em mim ou estava apenas entrando na brincadeira. Suas feições permaneceram suaves e perfeitamente educadas. Eu poderia estar descrevendo a melhor técnica de esfregar para remover uma mancha do algodão, pela reação dele.

— Na verdade, lhes causei grande sofrimento. Como pode ver, raramente uso as minhas habilidades.

— Ah — disse o Herdeiro, com um leve movimento dos lábios. — Sua primeira demonstração de honestidade.

Lutei para controlar a respiração. Ele não acreditou em mim. Quatro soldados Nizahl romperam a fileira de árvores. Dois estavam montados em cavalos, e os outros puxavam os seus. Eles olharam para mim, prontamente ignorando minha presença.

— Senhor — ofegou o primeiro a chegar, curvando-se. — Estávamos procurando por Vossa Alteza.

— Vocês me encontraram — disse ele. — Trazem notícias?

— Não, meu suserano. Foi como o ferreiro disse. O rapaz foi libertado.

Senhor. Vossa Alteza. Meu suserano. Quantos mais? Jasad tinha no máximo um ou dois títulos honoríficos para sua realeza.

A expressão do Comandante não mudou.

— Excelente. Passe-me as rédeas, Jeru. Acompanharemos a dama

até Mahair.

Eu havia conseguido recuar vários passos. O anúncio do Comandante me fez parar.

— Posso garantir que não é necessário.

Os soldados ficaram irritados com a minha resposta.

— Aceite a gentileza de Sua Alteza, garota — disse o musculoso.

O de cabelos cacheados – Jeru – entregou ao Herdeiro as rédeas de um cavalo preto. O Herdeiro me estudou com os seus olhos inquietantes. Eu queria arrancá-los da cabeça dele.

Curvando-me rigidamente, coloquei um sorriso gracioso no rosto. Havia apenas uma resposta certa. Eu não seria como Adel, reagindo primeiro e pensando depois.

— É claro. Obrigada, meu suserano. Aceito humildemente a sua oferta.

— Maravilhoso. Você anda a cavalo?

Enfiei os dedos vazios na minha capa. Qual era a intenção dele?

— Tive poucas oportunidades, mas posso me virar. Senhor.

Ele pegou um segundo par de rédeas de Jeru. Presumi que montaria, mas ele levantou a mão direita e começou a soltar os dedos da luva. Os soldados ficaram parados.

O Comandante estendeu a mão nua em minha direção.

— Permita-me. — Não havia como negar a sua intenção.

A voz de Marek. *Ele consegue sentir apenas pelo toque.*

Isso não era possível. Ninguém além dos Jasadis possuía magia. Mas por que mais ele tiraria a luva?

Contei minha respiração no ritmo dos meus passos e cerrei os dentes. A escolha era simples. Eu retiro minha magia da superfície e rezo para que as algemas funcionem como foram projetadas, ou eu me revelo como uma Jasadi e vivo o suficiente para gritar.

Pensei na piscadela do Supremo Rawain na Cúpula Sanguinária,

momentos antes dos gritos começarem. Gedo Niyar me empurrando para fora da mesa. Ouro derretido deslizando sobre os olhos de Teta Palia enquanto a sua magia envolvia a mesa. O rugido quando a mesa explodiu, matando Teta e Gedo e engolfando todos por perto em chamas.

Só mais tarde entendi por que os Malik e Malika escolheram um destino tão horrível para si. Contabilizar os corpos dos mortos quando jaziam em pedaços carbonizados e irreconhecíveis é uma tarefa árdua. Tarefa realmente complicada. O registro foi feito, e o nome de Essiya, de dez anos, foi listado entre os falecidos.

O pai dele já havia derramado sangue demais da minha família. Eu não concederia ao filho o mesmo privilégio. Aos poucos, minha magia diminuiu, o calor desaparecendo das minhas algemas. Meu peito ardia, como se eu tivesse engolido o sol.

Dei o último passo à frente e coloquei minha mão sobre a do Comandante.

Ele estava inesperadamente quente ao toque. Se eu não estivesse observando com tanta atenção, talvez não tivesse percebido o lampejo de perplexidade percorrendo o seu rosto estoico. Estava lá e sumiu, mas o significado era inconfundível.

O Herdeiro Nizahl não era um homem que costumava cometer erros.

Levantei as sobrancelhas em uma zombaria de preocupação.

— Aconteceu alguma coisa, meu suserano? Você está pálido.

Minha intenção era lançar uma provocação, embora parecesse que apenas os soldados rosnantes sentissem o peso da minha insolência. Seria do meu interesse manter-me longe do grandalhão, se não quisesse sofrer uma queda fatal do meu cavalo.

O Comandante permaneceu irritantemente imperturbável.

— Minha tez natural, eu lhe asseguro.

Para meu horror, ele segurou as rédeas do cavalo em direção ao

leste.

— Você não pode estar querendo ir até Mahair — disparei.

— Senhor! — explodiu o guarda. — Se me permitir responder a este insulto...

— Vaun. — O Comandante lançou um olhar de repreensão ao seu guarda. — Há muito tempo que pretendo visitar Mahair. Ouvi dizer que é uma aldeia honesta e trabalhadora. Será que me enganei com essa crença?

Olhei para ele. Marek estava errado. Todos estavam errados. O maior poder de Arin de Nizahl não residia em nenhuma habilidade sobrenatural. Se eu oferecesse qualquer resistência, levantaria suspeitas. Se eu concordasse, ele diria que sua visita a Mahair foi a meu convite. Ele estava três passos à frente em todas as direções que eu tomava.

Imaginei sua mente como mil pequenas serpentes, movendo-se em uma espiral rítmica e fervilhante. Uma armadilha dentro de outra armadilha, e eu estava presa nela.

— De jeito nenhum, meu suserano — respondi. — Mahair lhe dá as boas-vindas.

Entramos na aldeia, delineada contra o sol poente. A multidão de antes havia diminuído. Um silêncio pairou sobre os retardatários restantes. Se os cabelos prateados e a crista em seu cavalo não declaravam o Herdeiro de Nizahl, o ar inequívoco de autoridade o fazia. Seus soldados o ladeavam com as cores de seu reino, cortando espaço na rua.

Eu era a exceção. Uma plebeia Omaliana cavalgando na cavalaria do Herdeiro. Encolhi-me enquanto avançávamos, desejando que meu cabelo não estivesse preso para trás do rosto. Entre isso e minha oferta de

levar Adel para a floresta, meu anonimato havia sido comprometido de forma mais eficaz do que se eu tivesse dançado nua pela rua principal.

Parei meu cavalo quando chegamos à frente da loja de Rory.

— Estou sendo esperada aqui — eu disse. — Obrigada pela honra da sua escolta. — Puxei a minha perna para a lateral da montaria e me joguei no chão. — Espero que aproveite seu tempo em Mahair.

Quando o Comandante desmontou e entregou as rédeas a um de seus homens, meu otimismo incipiente de que aquele pesadelo havia acabado, morreu.

— Permita-me explicar a sua ausência prolongada ao seu empregador.

Ele esperava que eu o levasse a um cômodo repleto de evidências de magia? Eu apertei a alça da cesta e inclinei o queixo.

— Sua meticulosidade é um mérito de Nizahl.

Eu esperava que Rory tivesse deixado os seus experimentos com os sapos eviscerados espalhados sobre o balcão. Eu queria *algo* para atacar o Herdeiro, mesmo que fosse apenas o seu olfato. Passei à frente dele, dando uma boa distância de Vaun. O sino acima da porta tilintava a cada guarda que entrava. Uma cavalgada de desgraça uniformizada. Rory estava sentado em uma almofada surrada, organizando pomadas e rabiscando em seu caderno de registros esfarrapado. Quando entrei, o alívio relaxou seu corpo magro.

— Aí está você, Sylv... meu suserano!

— Seu nome é Sylv?

— Só duas vezes por mês — eu disse. Pelo túmulo contaminado de Rovial, que espectro desmiolado me possuiu?

— Sylvia! — Rory hesitou. — Perdoe-a, Vossa Alteza, ela é jovem e tola. Passe-me minha bengala, Sylvia, eu não consigo... — Ele se inclinou, derrubando o livro do colo.

Com um choque desagradável, percebi por que Rory estava tão

determinado a alcançar sua bengala. Ele a havia deixado de lado depois de se sentar na almofada e não conseguia se ajoelhar diante do Herdeiro sem seu apoio.

O Herdeiro de Nizahl pareceu chegar à mesma conclusão.

— Fique à vontade — disse ele a Rory. Fiquei brevemente surpresa por ele dispensar Rory de seu dever de se ajoelhar. Mas, afinal, o que era mais um suplicante quando se tinha milhares? — Sua aprendiz não falhou em seus deveres. Nós a atrasamos.

— Sem dúvida, está esquecido — disse Rory, apertando a bengala contra o peito. O farmacêutico tremeu como um potro recém-nascido. — Por favor, seria uma honra preparar um chá para Vossa Alteza e os seus homens.

— Sua Alteza desejava que eu retornasse em segurança — apressei-me em dizer. — Não podemos tomar mais de seu tempo.

A boca do Comandante tremeu. Meus esforços para ver as costas dele pareciam tão divertidos quanto transparentes. Fiquei aliviada quando Vaun virou a cabeça para falar baixinho no ouvido do comandante. Quando ele deu um passo para trás, o Comandante inclinou o queixo e disse:

— Outra hora. Aproveite a sua noite.

– Sylvia. — Um arrepio percorreu a minha espinha. Era o nome errado em sua boca, mas isso não me perturbou menos. Quando ele encontrou meu olhar, a raiva fugiu dos meus ossos, substituída por um terror pulsante. Seus olhos eram duros, mais frios do que a chuva na minha pele. Esqueci Rory, Adel, o soldado morto. Esqueci Mahair por completo.

Eu era uma Herdeira de dez anos sentada a uma antiga mesa de carvalho enquanto o céu irrompia em chamas e relâmpagos negros atingiam a terra. Eu tremia, morria de fome, coberta de cinzas e sangue na Floresta Essam. Estendia a mão para a mulher que se curvava sobre

mim, o sol a atravessando como se ela fosse pouco mais do que uma mortalha em sua superfície gloriosa.

Eu já havia encontrado a morte em todas as encarnações da minha vida, mas nunca a havia encarado até agora.

— Vossa Alteza. — Desviei o olhar.

O Comandante e os seus guardas recuaram. Esperei até que o estrondo dos cascos desaparecesse para me virar para Rory. Ele havia se levantado, mas duvidei que fosse o esforço que o estava deixando pálido.

Um silêncio pesado permaneceu no rastro do Herdeiro. Quando Rory enfim falou, foi baixo e atormentado pelo horror:

— Você os trouxe até Mahair.

Pisquei.

— Eu não os *trouxe* até aqui. Eu estava ajudando Adel, e eles me encontraram por acaso. Ele insistiu em me escoltar até a loja. O que você queria que eu fizesse, Rory? Empurrasse o Comandante para Hirun e roubasse seu cavalo?

Uma tempestade se abateu sobre o velho. Minha preocupação aumentou. A visão do Herdeiro de Nizahl certamente deixaria Mahair a uma histeria total, mas eu não esperava que Rory se juntasse a eles.

Apesar de suas birras, Rory se manteve firme como um homem da medicina e dos fatos, subserviente aos apelos da razão superior. Embora o Supremo não fosse amigo da ciência, eu duvidava que ele enviasse seu filho para fazer justiça contra um pequeno químico da vila.

— Rory — eu disse devagar. — O que você está escondendo?

A resignação pesava sobre a linha altiva de seus ombros.

— Não sou eu quem está se escondendo, Essiya.

CAPÍTULO 5



O chão tremeu sob meus pés. O instinto falou mais alto e eu empunhei minha adaga antes mesmo de poder pensar. Lágrimas brotaram dos meus olhos. Eu não queria machucar Rory.

A última pessoa a me chamar de Essiya foi Hanim. A exilada Qayida de Jasad me encontrou machucada e coberta de cinzas após a Cúpula Sanguinária. Como eu tremi de alívio ao ouvir meu nome na boca dela, antecipando uma rápida saída da floresta implacável de volta para Usr Jasad. Em vez disso, ela me manteve na floresta por cinco anos enquanto Jasad queimava.

O nome Essiya trazia escuridão para onde quer que fosse.

— Abaixe isso! — Rory gritou, batendo a sua bengala na minha perna.

As minhas palavras emergiram carregadas de pesar.

— Como você descobriu?

Eu fui tão cuidadosa. Mas não foi o suficiente. Hanim estava certa. Nunca seria o suficiente. Não importava para onde eu fosse ou o quanto tentasse, Essiya me seguiria.

— Eu a reconheci no momento em que a vi, faminta, ensanguentada e tremendo nesta porta. Filha de Niphran, Herdeira de Jasad. Essiya.

— Não me chame assim! — gritei. Meu sangue latejava nos ouvidos. — Como?

A preocupação coloriu a voz de Rory. Por ele ou por mim?

— Tenho uma história com Jasad, uma história que existia muito antes de você. Fique em paz. Só eu poderia ter reconhecido você à

primeira vista. A mão do destino a trouxe até minha porta naquela noite.

Eu não tinha percebido o quanto estava encostada na parede até que minhas pernas deixaram de me sustentar e me fizeram deslizar para o chão. Tonta, eu disse:

— Você me disse que o destino é um conforto para os satisfeitos e uma desgraça para os tolos.

Meus dedos estavam brancos em volta da adaga. Ela deveria estar cravada na garganta de Rory, contendo a verdade venenosa. Eu precisava de um minuto. Só um minuto, para organizar os meus pensamentos.

— O Comandante sentirá a sua magia. Ele a executará. —
Finalmente decifrei o tom estranho na voz de Rory. Ele temia por mim.
Eu estava pensando em cortar a sua garganta, e ele estava preocupado.
— Se ele descobrir quem você realmente é...

— Minha magia está escondida dele. Ele não vai saber que eu sou... eu sou uma Jasadi. — Engoli em seco. — A Herdeira de Jasad morreu com o resto da família real. Não há nada para descobrir.

Rory franziu os lábios.

— Você não pode ter certeza. Ele tem uma aptidão sobrenatural para...

— Ele tocou na minha mão e não encontrou nada, Rory. — Belisquei a pele entre as sobrancelhas. Uma enxaqueca torrencial se formou entre as minhas têmporas. — Não sou uma novata.

A confusão de Rory acalmou um pouco a minha tensão. Ele não sabia sobre as algemas. Eu ainda tinha alguns segredos.

— Não entendo.

Uma pergunta mais importante veio à tona. Uma que deveria ter feito cinco anos atrás, mas Rory não insistiu, e eu não ofereci.

— Por que você nunca me perguntou de quem era o sangue que eu carregava na noite em que cheguei a Mahair?

— Eu sabia que não era seu — disse ele baixinho. — Pouco me importava além disso.

Rory, que tinha ataques apocalípticos toda vez que um de seus experimentos dava um pouco errado, que criticava as temperaturas adequadas de armazenamento, que com frequência ficava com as mãos de cores diferentes ao vasculhar cestas de plantas que eu havia recolhido nos cantos mais úmidos de Hirun – aquele Rory não se importava?

Empurrei uma cesta de frascos embrulhados e me levantei.

— Não entendo. Por que você não se importou com o meu desaparecimento por cinco anos se me reconheceu? Ou com o fato de eu ter sobrevivido à Cúpula Sanguinária?

Rory apertou a bengala com mais força, mas o seu rosto permaneceu lânguido.

— Ainda há muito que não sabemos um sobre o outro, Essiya.

Meu maxilar se contraiu.

— Eu te disse...

— Minhas desculpas, Sylvia. — Havia desdém em sua voz.

A reação visceral que eu sentia sempre que ouvia o meu nome de nascimento era absurda. Ela não era uma entidade separada de mim, uma ficção nos contos de bardos. Mas também não era verdadeiramente real. Não mais.

— Responda à minha pergunta — rosnei.

— Cuidado. Não te devo respostas.

— Me dê mesmo assim.

Nós nos entreolhamos com cara feia. Por fim, com os dentes cerrados, Rory disse:

— Eu não queria saber.

— Não queria saber o quê?

— Como você sobreviveu — explodiu ele. — Seus avós mataram tantos na Cúpula Sanguinária. Eu não queria saber o quanto eles fizeram

para garantir que você escapasse.

Parei de repente, o choque me percorrendo.

— Você acha que... — Fechei a boca. É claro que ele achava que Malik Niyar e Malika Palia tinham organizado os eventos da Cúpula Sanguinária. Todos os outros acreditavam.

"O que exatamente você sabe sobre o que aconteceu na Cúpula Sanguinára?

Por um momento, Rory pareceu inseguro.

— O mensageiro entrou no salão com a notícia do assassinato de Niphran na Torre Bakir. Esfaqueada até a morte. A coroa Jasad usou o caos para atacar os outros membros da realeza, mas a dor pela perda da Herdeira fez com que a sua magia falhasse. Eles não conseguiam controlar o que criaram. Custou muitas vidas e levou à guerra.

Puxei as pontas da minha trança, evitando o puxão insistente das minhas memórias. Após a Cúpula Sanguinária, os estudiosos fizeram todas as perguntas erradas. Queriam saber se o mensageiro se referiu à minha mãe como "morta" ou "assassinada". Se ele havia chegado a cavalo ou de carruagem. Não por que o Malik e a Malika do reino mais bem-sucedido das terras se dariam ao trabalho de tentar assassinar os outros membros da realeza, especialmente em uma explosão tão imprudente. Por que eles arriscariam levar sua neta e segunda Herdeira a uma cúpula que pretendiam destruir.

A mágoa aguçou o meu tom. Apesar de toda a sua genialidade, Rory era tão suscetível às mentiras do Supremo Rawain quanto qualquer outra pessoa.

— Entendo. Porque meus avós aparentemente foram espertos o suficiente para orquestrar o massacre mais violento contra os membros da realeza visto em cem anos, mas não o suficiente para sobreviver. Vamos lá, Rory. Termine a história.

— Eu não acho...

— Continue a sua história, Rory. — Minhas algemas pulsaram em aviso. — Você não vai gostar da minha versão.

Rory suspirou, fazendo círculos nervosos em volta do cabo da bengala.

— O Supremo Rawain reuniu os outros quatro reinos contra Jasad. Eles encontraram uma maneira de atravessar a fortaleza. Sem um Qayida ou qualquer Herdeiro, Jasad caiu nas mãos das forças invasoras.

— Posso terminar para você. — Empurrei o balcão e a expressão do químico ficou tensa com inquietação. Ótimo. — Os exércitos de Nizahl reduziram Jasad a escombros. Eles jogaram corpos em buracos e queimaram as casas que deixaram para trás. Todos os Jasadi que sobreviveram estão escondidos, sua magia tornou-se um crime capital. — Eu tremi. Minhas algemas apertaram meus pulsos, aquecidas pela minha magia vibrante. — Ninguém perguntou, Rory! Ninguém se perguntou. Como uma fortaleza inexpugnável cai?

Uma vez expressa, a pergunta floresceu em minha mente como sangue em um lago límpido. Hanim não se importou com as mortes na Cúpula Sanguinária; ela também não se importou quando o cerco começou. Mas quando a maré da guerra virou a favor de Nizahl, o que a reduziu a uma raiva espumante foi a vitória do Supremo Rawain. Com meus avós mortos, ela acreditava de verdade que Jasad traria um novo amanhecer de liberdade política. Ela se imaginara deixando a Floresta Essam quando Jasad estivesse mais fraca, recebida de braços abertos pelo reino que a exilara, com uma herdeira conveniente para colocar no trono vazio e manipular.

Mas minha magia não funcionou. E quando a fortaleza caiu, as forças do Supremo Rawain foram reforçadas pelas de Omal, Lukub e Orban. A inveja da prosperidade de Jasad, de sua magia, havia se transformado em um ódio que ninguém poderia ter previsto. Ninguém, exceto o Supremo Rawain.

E assim a Herdeira de Jasad sofreu na floresta, enquanto o trono da magia permanecia vazio no reino recém-devastado. Em seu canto capturado, a menina gentil que conhecia um pássaro pelo seu canto e se acalmava ao toque de outro foi consumida pelo fogo.

Eu sou o que restou.

— A história dos Jasadis merece ser contada na íntegra — eu disse. — Eles não são algo desagradável a ser dividido em pedaços que você possa engolir.

— Eu nunca disse... — Rory parou de repente, franzindo as sobrancelhas. — O que você quer dizer com *eles*?

Uma leve batida soou na porta. Ambos ficamos em silêncio, nossa discussão cedendo lugar à trepidação. Teria o Herdeiro de Nizahl retornado?

O cotovelo do Rory bateu na minha barriga, me empurrando para trás de si. O que ele achava que faria contra o Comandante?

Ele poderia te entregar, sussurrou Hanim. *O químico trabalha com substâncias perigosas todos os dias. Imagine como seria fácil para ele ingerir acidentalmente uma dose letal. Ninguém suspeitaria de você.*

Matar Rory só causaria mais problemas. Mahair talvez não questionasse a morte acidental de um soldado, mas duas mortes acidentais no espaço de uma semana?

Rory passou cinco anos sem dizer meu verdadeiro nome. Ele não me entregaria ao Herdeiro agora.

— Rory? Você está aí? Ah, por favor, esteja aqui. A Senhora Nadia vai me arrancar a pele se eu voltar de mãos vazias.

Guardei minha adaga na bota enquanto Rory abria a porta. Fairel relaxou, aliviada, levantando a saia para entrar na loja. Cachos soltos balançavam em torno de seu rosto redondo.

— Você me deu um susto. Tenho uma lista da Senhora Nadia.

Tentei sorrir para Fairel. Rory resmungou:

— Fale com Sylvia. Maldito seja este dia — e desapareceu atrás das cortinas.



Ninguém acordou com meus passos pela fortaleza escura. Mantive meus passos leves. Amanhã era o dia antes do waleema. Provavelmente, este seria o máximo de sono que as meninas teriam nos próximos dois dias. Os gemidos das velhas paredes encharcadas provavelmente disfarçariam qualquer som que eu fizesse lá fora.

Com cuidado, fechei a porta enferrujada dos fundos atrás de mim e caminhei até a lateral da torre. Ajoelhando-me no chão úmido, enterrei os dedos na terra e arranquei as raízes da figueira até meus pulsos doerem e a terra formar crostas nas pontas dos dedos. Eu não deveria tê-la plantado para começo de conversa. Mesmo em pleno crescimento, essas árvores jamais seriam como as figueiras de Jasad. As figueiras costumavam atingir mais de trinta metros de altura nos jardins de Usr Jasad. Quando as árvores eram mudas, os arquitetos infundiam magia nos galhos, entrelaçando-os em padrões complexos e hipnotizantes enquanto floresciam.

Que tipo de idiota eu era para pensar que poderia ficar aqui para sempre? Tempo suficiente para uma figueira brotar, para a casa azul se tornar minha, para Rory me dar a sua loja. Mahair não me pertencia. Quaisquer raízes que plantasse só poderiam apodrecer.

Pisei no que restava da planta e espalhei seus restos mutilados pela encosta. As figueiras não tinham lugar aqui, e tinha sido cruel deixá-la ter esperança.

É isso o que ele quer, sussurrou Hanim. *Não importa quão dócil você finja ser, um animal selvagem mostra a sua verdadeira face em cativeiro.*

Pressionei a palma da mão sobre o coração e tentei me concentrar

na contagem. Eu não era uma prisioneira.

Um, dois. Estou viva. Três, quatro. Eu estou...

— Ah — ouvi uma vozinha. Fairel espetou a cabeça por trás dos arbustos, segurando um regador. — Achei que você pudesse ser a Raya. Foi você que arrancou aquela planta?

Olhei para a criança, completamente atordoada com a presença dela. Meu humor atual não deveria ser suportado por ninguém, muito menos por Fairel. Abracei a minha cintura.

— Entre, Fay. Já passou da hora de dormir.

Ela abaixou o regador até o chão. Seu queixo se projetou, e eu me preparei para a discussão.

— Você está chateada. Eu posso perceber. Por que você não fala comigo como fala com Sefa e Marek? É porque você acha que eu sou pequena? Vou fazer doze anos em dois meses e seis dias.

Não consegui me conter.

— Você acha que eu falo com Sefa e Marek?

— Mais do que comigo. Doze anos é uma idade avançada, sabia?

— Eu sei. — Quando completei doze anos, Hanim encantou leões para me perseguirem por Essam, para que eu pudesse praticar as minhas habilidades de escalada. Eu tinha que agradecer a ela pela minha capacidade de escalar uma árvore em menos de um minuto. Suspirei. — Você gostaria de dar uma volta comigo?

Fairel olhou para as ruas silenciosas além da colina.

— Agora? A patrulha vai gritar com a gente.

Então eu arrancaria a pele dos corpos deles e a daria para eles comerem. Quantas vezes eu me permiti ser menosprezada e humilhada por causa da segurança? Tudo por nada. Eu não podia sair um centímetro além da vila. Não quando o Herdeiro de Nizahl me colocou firmemente em sua mira.

— Eu vou te proteger.

Como você protegeu Adel? Hanim riu. Cerrei os dentes. Ela estava tão faminta pela minha culpa. Quando perceberia que eu não tinha nenhuma? Ela já havia me arrancado cada gota há muito tempo.

— Tudo bem. — A confiança no rosto de Fairel me incomodava. Mais do que a idade ou a maturidade, a capacidade de confiar continuava sendo a maior relíquia da juventude. Eu esperava estar longe antes de testemunhar o mundo tirar isso dela.

De todos os jovens pupilos da fortaleza, Fairel era minha favorita, indiscutível. Tanto que, quando ela segurou minha mão, eu a deixei segurá-la até o sopé da colina antes de gentilmente me afastar.

— Por que você sempre se afasta? — Fairel cruzou os braços em volta do corpo. Imitando o que eu tinha feito antes. Pelo trono escamoso de Kapastra, eu não conseguia imaginar um cenário mais desastroso do que Fairel imitando meu comportamento.

Entramos em um beco estreito, deixando a escuridão nos engolir. Nenhuma de nós precisou de ajuda para atravessar o caminho irregular. Uma chuva de pedrinhas caiu em nossos cabelos. Eu a conduzi para longe da parede deteriorada, desejando poder tirá-la daquela pergunta com a mesma facilidade.

Eu poderia ter mentido. Teria mentido, se fosse qualquer outra pessoa além de Fairel e seu tom magoado.

— Não tenho boas lembranças de ser tocada. Meu corpo reconhece isso como uma ameaça. — Nem sempre foi assim, mas Fairel não precisava saber o quanto eu adorava ser carregada nos braços de Dawoud quando criança. Eu passava horas agarrada ao principal conselheiro de Usr Jasad enquanto ele conduzia os seus negócios no palácio. Dawoud entrava nas reuniões comigo pendurada no seu pescoço e continuava a conversa sem pestanejar, como se a outra pessoa estivesse errada por notar a criança hiperativa de sete anos agarrada a ele.

Hanim havia sugado essas memórias de mim. Ela as deixou

cinzentas, para que tudo o que se seguisse pudesse ser escuro e vermelho escorrendo. Chicotes rasgando minhas costas e ombros. Noites pendurada pelos pés em um galho de árvore resistente, como um pedaço de carne nos ganchos do açougueiro, com uma adaga na mão para lutar contra animais curiosos. Naquelas noites, eu poderia facilmente ter me dobrado ao meio e serrado as cordas amarradas em meus pés. Outra camada do castigo de Hanim: saber que eu tinha a capacidade de me libertar, mas não a coragem.

— Eu nunca te ameaçaria — disse Fairel, horrorizada.

Ah, mas só essa criança conseguiria me fazer rir com o meu humor.

— Eu sei que você não faria isso. Mas o meu corpo interpreta a sensação da mesma forma, não importa de quem venha.

Um barulho ecoou do outro lado do beco. Coloquei a mão na frente de Fairel e escutei. Um rato correu ao meu lado, derrubando uma pilha de pedrinhas em seu caminho.

Só um rato. Conduzi Fairel para a frente, meu braço pairando protetoramente alguns centímetros atrás de suas costas.

O beco se abriu para a iluminação bruxuleante da luz do poste. Fairel virou a cabeça, absorvendo a quietude incomum da rua principal. Um cachorro enlameado correu até a frente do açougue, farejando os ossos descartados.

Os preparativos para o waleema estavam quase completos. Lanternas conectadas por fios de prata pendiam das sacadas que ladeavam a rua da praça, criando um teto de luz sobre a vila. Os lojistas estendiam tapetes de junco cuidadosamente trançados, tingidos em tons suaves de azul e branco de Omal. Incenso queimava em quase todas as sacadas, afastando o mau-olhado dos novos visitantes. Inspirei os aromas defumados de capim-limão e rosas e exalei com um sorriso.

No improvável caso de o Herdeiro de Nizahl não me matar, eu queria preservar meus momentos felizes aqui. Eu tinha poucos deles

restantes. Assim que o filho do Supremo olhou para o meu rosto, esta vila estava perdida para mim. Depois que seus cavalos limpassem as vilas mais baixas de Omal, eu desapareceria em Essam.

— Olhe. — Fairel disparou à frente, apontando para um toque de vermelho vibrante. — Eles estão quase terminando de repintar a parede.

Uma pintura se estendia sobre o muro mais alto e resistente da rua principal. Nela, os Awaleen se elevavam sobre nós. Esticamos o pescoço para as quatro figuras que representavam a primeira e mais verdadeira fonte de magia do reino.

— A história dos Awaleen é diferente em Omal — disse Fairel.

— Qual parte?

Fairel mexeu na manga.

— Mamãe me contou uma história diferente sobre como eles foram sepultados.

Eu parei. Fairel nunca falava dos pais.

Raya a trouxe para casa depois de uma ida ao mercado há quase três anos e jogou a menina de nove anos no meu colo. Como os mais velhos da fortaleza, Marek, Sefa e eu ajudamos com as novas meninas, especialmente nos primeiros meses, quando tudo o que elas faziam era chorar. Mas Fairel não chorou. Ela se apegou a mim instantaneamente, ignorando minhas inúmeras tentativas de trocá-la com Sefa. Seja por sua determinação de ferro ou pelo fato de ela ter quase a mesma idade que eu tinha quando vi meus avós queimarem, amoleci rápido demais.

— O que ela te disse?

Fairel passou o dedo pela parte inferior da imagem de Kapastra. A Awala de Omal foi desenhado com cores vivas e detalhes minuciosos. Criaturas serpentinas com caudas bifurcadas e olhos de réptil se enrolavam a seus pés. Rochelyas. Os repugnantes lagartos semelhantes a cobras eram o símbolo de Omal, estampado nas bandeiras do reino. A Domadora de Feras de Omal me encarou, como se sentisse meu desgosto

por seus animais de estimação favoritos.

— Os Omalianos acreditam que os Awaleen criaram o mundo inteiro. Os reinos, a Floresta Essam, o Rio Hirun. A magia de Kapastra trouxe a Omal o seu solo abundante e os seus animais dóceis. O machado de sua irmã Dania trouxe as feras temíveis e a emoção da caça a Orban. A beleza de Baira resultou na riqueza e fortuna de Lukub; o coração de Rovial derramou prosperidade em Jasad. É o que dizem os Omalianos — disse Fairel. Ela pressionou a palma da mão contra o tornozelo de Baira. — Mas mamãe me disse que o mundo e a sua beleza existiam antes dos Awaleen, e os quatro irmãos foram apenas os primeiros a entrar nele com magia. Ela concordou que eles trouxeram vida à terra e governaram unidos por muitos anos. Os irmãos brigavam muito, porém, então se separaram para encontrar seus próprios reinos. Eles viveram felizes por muitos anos.

Um cacho solto balançou em volta do nariz sardento de Fairel. Ela se moveu a mão para Dania, a Awala de Orban, que tinha o seu machado apontado para o céu. Baira tinha uma mão pressionada contra a sua pele escura como a meia-noite enquanto se recostava em seu trono, observando os seus irmãos com uma expressão travessa. E, por fim, Rovial, o Awal de Jasad.

— Mamãe me disse que nada neste mundo é para ser ilimitado. A natureza sempre dá um jeito de cobrar um preço. Acho que é verdade. Ela teve sete filhos. Mais do que qualquer outra pessoa na nossa aldeia. — Uma risada sufocada. — E eu fui o preço.

Ah. Minha surpresa chegou e se dissipou no mesmo instante. Fairel era Orbaniana. Eu supus que Raya a trouxera de outra aldeia mais baixa em Omal, mas a verdade fazia mais sentido. Austeridade e humildade não eram pilares da sociedade Omaliana, mas Orban se orgulhava de viver com os meios mais escassos, mesmo que isso significasse perder centenas de pessoas para a fome todos os anos. Eu não conseguia

imaginar o tipo de dificuldade que uma mãe com sete bocas para alimentar deve ter enfrentado para expulsar sua filha mais nova.

A mão de Fairel se fechou em punho.

— A magia dos Awaleen era ilimitada. Nenhum deles havia notado os efeitos da magia em suas mentes ao longo dos anos. Eles estavam ficando mais frios. Ise... Issen...

— Insensíveis?

Fairel assentiu, com as sobrancelhas franzidas de concentração. Ela parecia determinada a recitar a história exatamente como a sua mãe fizera. Minha mão se contraiu ao meu lado, impelida a alcançar a menina. *Sua mãe te amava*, quase disse. *Ela te enchia de histórias.*

— Os Awaleen poderiam ter permanecido no poder por muitos anos se não fosse por Rovial. O Awal de Jasad perdeu a sua humanidade para a loucura mágica. Ele já havia matado milhares quando os outros Awaleen perceberam. Sua maldade está na magia de todos os Jasadis.

Lutei para não recuar. Fairel dissera que jamais me ameaçaria, mas os Orbanianos herdaram a habilidade e a sede de batalha dos seus Awala. Hoje, eu era Sylvia. Amanhã, talvez eu fosse apenas uma Jasadi.

Com curiosidade, senti um orgulho enorme ao ver Fairel como uma mulher adulta com o poder de me desafiar.

Felizmente alheia aos meus pensamentos, Fairel continuou:

— Os Awaleen não podiam matar o irmão. A magia dele era forte demais para ser destruída sem destruir também os reinos e todos que neles viviam. Foi ideia de Dania conter a magia dele. Ela convenceu Kapastra e a Baira de que deveriam se sepultar com Rovial para garantir a sobrevivência de seus descendentes. Dania temia que a loucura mágica de Rovial acabasse afetando o restante deles.

Estiquei o pescoço para espiar meu Awal. Ele sempre era retratado de perfil, com o rosto virado para o lado, envergonhado. Mesmo Jasad, em seus dias de glória, hesitava em celebrá-lo. O sangue que ele

derramou durante os anos que antecederam o sepultamento, as vidas que ele roubou, eram uma mancha nos registros de Jasad. Eles ignoraram que a loucura de Rovial só se acelerou por causa de quanta magia ele derramou em Jasad, em seu solo, em suas árvores e em seu povo. Os outros reinos perderam mais de sua magia a cada geração após o sepultamento, mas não Jasad. Rovial deu mais de si mesmo, de sua magia, do que qualquer outro dos Awaleen.

No final, ele deu mais do que podia perder.

O resto da história permaneceu o mesmo em todos os reinos. Pedreiros e arquitetos trabalharam lado a lado para construir um túmulo para conter os Awaleen. Químicos de Lukub aperfeiçoaram uma poção para colocar os Awaleen para dormir, para que os séculos pudessem passar tranquilamente. Os quatro reinos, determinados a aprender com os erros de seus antecessores, nomearam um homem para criar um exército independente para equilibrar o poder dos reinos. Este novo reino seria conhecido como Nizahl e serviria como árbitro para os conflitos entre os outros quatro reinos.

— Os Awaleen foram enterrados sob Sirauk. Mamãe chamava isso de Ponte Sem Limites, mas meu pai dizia que era a Travessia da Morte, uma ponte envolta em tanta névoa e sombra que ninguém que começava a travessia conseguia terminá-la.

— Minha mãe... — Eu parei. Fairel esperou, com uma expressão aberta e inocentemente curiosa. Eu não tinha falado sobre minha mãe com ninguém além de Soraya. Enquanto meus avós recuavam ao ouvir o nome de Niphran, minha acompanhante me levava para ver minha mãe na Torre Bakir uma vez por semana. Eu acreditava que ela temia que um dia eu começasse a pensar em minha mãe da mesma forma que o resto do nosso reino. A Herdeira Louca de Jasad. A Viúva Lamentosa. Uma tragédia a ser jogada em uma torre e esquecida. — Minha mãe me contou que centenas de pessoas foram atravessar a ponte logo após o

sepultamento, pensando que poderiam sussurrar os seus desejos e os segredos para os Awaleen adormecidos. A ponte é tão longa que levou semanas até que alguém percebesse que nenhum deles havia terminado a travessia. — Seus corpos simplesmente desapareceram, devorados pela névoa que envolvia Sirauk.

Fairel estremeceu.

— Que horror. Então por que celebramos o Awaleen com o Alcalah?

Porque é da natureza da humanidade celebrar as coisas que querem matá-la.

Retomamos a caminhada. Eu nos guiei para fora da estrada principal, para a rua onde ficava a taverna de Daron e as tendas dos visitantes. Eu nunca traria Fairel por essa estrada em circunstâncias normais, mas a patrulha de Nizahl estaria ansiosa para provar seu valor ao Comandante, e não havia glória em importunar bêbados saindo da taverna.

— O torneio é uma lembrança. Agradecemos aos Awaleen por seu sacrifício e os honramos enviando nossos Campeões mais dignos para competir no Alcalah.

Fairel deu um tapa em um mosquito da orelha. Ela olhou para mim.

— Você acha que eu posso me tornar Campeã algum dia?

Parei de repente, boquiaberta.

— A maioria dos Campeões morre, Fairel.

— Eles morrem com bravura. É um sacrifício digno — disse ela. — Assim como os Awaleen.

Pensei no sapo de guarda no meu balde e me ajoelhei na altura dos olhos de Fairel.

— Não existe sacrifício digno. Existem apenas aqueles que morrem e aqueles que estão dispostos a deixá-los morrer.



Na manhã seguinte, fui direto ao duqan de Nadia para pedir cadeiras extras. Tinha-me esquecido de reservar duas cadeiras para o dia seguinte, o que significava que Rory poderia ficar em pé atrás da sua banca durante todo o waleema.

Três mulheres passaram por mim, com enormes potes de barro equilibrados na cabeça, andando de porta em porta, com as mãos livres para carregar maços de hortelã perfumada. Os lojistas varriam a poeira das escadas da frente e espantavam aranhas de seus toldos encharcados. Os filhos do açougueiro ajoelhavam-se no chão com um balde ensaboado, esfregando as manchas de sangue e espantando os cães. Um grupo de crianças com metade do tamanho das facas que empunhavam cortava as cascas dos talos de cana-de-açúcar picados. Ninguém olhou para o forno de pedra da padaria, frio por dias sem uso.

Os filhos meio jasadi de Adel, que nunca tinham visitado Jasad, escaparam da captura. Em um ou dois dias, o forno de pedra provavelmente seria aceso pelas mãos de um novo dono. Adel e sua família se tornariam mais uma história chocante de Jasadi, mais uma prova da falta de vigilância das aldeias mais baixas.

Cuspi a casca de uma semente de melão como se ela tivesse me ofendido e arregacei as mangas sobre as bainhas.

O sino da loja de Nadia tocou.

— Sylvia! — Fairel cumprimentou. Ela correu para buscar a sua patroa.

— Cuidamos dos nossos antes de qualquer um desses burros de Gahre — disse Nadia enquanto Fairel carregava duas cadeiras. Ela se recusou a deixar que eu pagasse, uma espécie frustrante de barganha reversa que os anciãos de Omal costumavam fazer com frequência. Aceitar sua generosidade sem discutir também seria motivo para ofensa,

então não fui embora até convencê-la a ir à loja do Rory para pegar três frascos de pomada grátis para seus joelhos.

Fairel me ajudou a carregar as cadeiras.

— É verdade, Sylvia? Você conheceu o Herdeiro de Nizahl? O Comandante?

Resmunguei. Fazia menos de cinco horas desde que eu tinha visto Fairel. A notícia tinha se espalhado tão rápido?

— Fay.

Ela mordeu o lábio.

— Desculpe, eu deveria ter me calado, mas é tudo tão emocionante, não é? Um Herdeiro na nossa aldeia, procurando o seu Campeão! As meninas dizem que ele tem uma aparência estranha. Bonito, no entanto. Muito bonito. Você já viu cabelo com uma cor tão estranha? Como o luar. O que você acha?

— Acho que você nunca é velha demais para levar uma surra. — Dobramos a esquina e avistamos a loja.

A cadeira de Fairel caiu de suas mãos, que de repente ficaram moles, e bateu no meu pé. Eu gritei e pulei para o lado.

— Fairel! O que deu em você?

Segui a fonte do estupor da garota. Parado na porta de sua loja, Rory mantinha-se rígido perto do Herdeiro de Nizahl e de sua guarda. Os três homens na retaguarda pareciam conter sorrisos irônicos, o que explicava por que Fairel estava pálida. As suas palavras haviam sido ouvidas.

Ela caiu de joelhos, tremendo como uma folha de outono. A visão me trouxe um gosto amargo à boca.

— Meu suserano, eu não tive a intenção de desrespeitar ninguém. Fofoca boba... você é muito agradável de se ver, verdade... só queriam dizer que seu cabelo era estranho. E seu rosto é simplesmente *adorável*, de verdade, o mais bonito que já vi. Prata é uma cor incomum para Omal,

veja bem...

Uma leveza de espírito não visitava Vaun desde a última vez que nos vimos. Ele olhou para a garota com cara feia. Eu me coloquei na frente dela, correspondendo ao seu olhar com o meu.

— Vossa Alteza. Vejo que escolheu continuar honrando a nossa humilde vila com sua companhia.

— A honra é toda minha — disse Arin. Ele acenou para Fairel. — Pode se levantar.

Fairel quase tropeçou na saia longa. Segurei o seu cotovelo, apertando com força para que ela não tivesse a inspiração de se prostrar outra vez. Sob o olhar firme do Comandante, ela se encostou em mim. Meus músculos se contraíram, resistindo à vontade de afastá-la.

— Prata é uma cor incomum em qualquer reino — disse ele. — Obrigado.

Quando não consegui mais suportar, tirei Fairel de cima de mim.

— Vá. Nadia está te esperando.

Fairel saiu correndo. O Herdeiro e eu nos entreolhamos. Seu cabelo estava preso na nuca, sem uma única mecha solta. Seus soldados não se esforçaram para se misturar à população, trajando os tons escuros e sobretudos de Nizahl. A rua estava estranhamente silenciosa. Apesar da curiosidade, os moradores de Mahair possuíam um saudável senso de cautela. Eles se amontoavam dentro de suas lojas e janelas, subindo uns nos outros para ter um vislumbre do Herdeiro e sua guarda.

— Sem dúvida Mahair não será tão emocionante quando você partir, meu suserano — eu disse, gesticulando para as vitrines. — Seja lá quando for essa triste ocasião.

O Comandante olhou para as lojas, causando uma confusão enquanto as pessoas se afastavam das vitrines.

— Então é uma sorte que eu pretenda permanecer em Mahair até o fim do waleema.

Eu me forcei a não reagir. Somente uma pessoa culpada reagiria mal a essa notícia. O tratado que Nizahl assinou com os outros reinos não permitia que eles machucassem qualquer pessoa – apenas Jasadis.

— Estou surpresa que você queira explorar as vilas mais baixas — disse eu, orgulhosa quando minha voz não falhou de raiva. — Não há muito o que encontrar em nosso canto de Omal. Certamente não um Campeão.

— Discordo — disse ele. — Há muito o que descobrir, se soubermos onde procurar.

O Comandante (*Arin*, seu nome era Arin, sua mãe não o havia nomeado Comandante ou Herdeiro de Nizahl) deu um passo em minha direção. Eu me preparei. Estava começando a perceber que cada troca com aquele homem era conscientemente direcionada, planejada para aprisionar.

Ele dirigiu as suas próximas palavras a Rory:

— Seus serviços como aprendiz devem ser incomparáveis, considerando que ela tem dois empregos.

Dois empregos? Olhei para Rory. Ele parecia igualmente perplexo. Só aceitava trabalho extra durante o verão, quando Yuli pagava bem pelos trabalhadores sazonais da fazenda.

Espere. Meu corpo inteiro ficou rígido. Ele não poderia estar se referindo à minha rota, poderia? Ele estava na vila há menos de um dia. Eu não tinha visto ninguém desde Zeinab e sua mãe. E se elas tivessem dito a ele que meus tratamentos eram como mágica? Pelas presas de Kapastra, talvez eu fosse uma vigarista muito boa.

— Meus serviços não são excepcionais, meu senhor. Eu só fui abençoada.

— Sylvia, onde está a cesta de ervas que eu pedi? — Rory perguntou. O suor se acumulava nas rugas da sua testa. Apesar da minha náusea crescente, contive um sorrisinho irônico. Quem diria que

Rory reagia tão mal sob pressão?

— Esqueci de ir buscá-la. Foi um erro meu. Vossa Alteza, se me der licença, há alguns itens...

Arin nem pestanejou.

— Ficarei feliz em acompanhá-la. Os meus guardas podem arrumar as suas cadeiras enquanto isso.

Os guardas se mexeram, descontentes por se separarem de seu Comandante. O olhar penetrante de Arin não admitia argumentos. Seria mentira dizer que eu não estava nem um pouco convencida. Rory fez um grande alarde sobre meu fracasso em dissuadir Arin de me escoltar para fora da floresta. Agora ele podia ver por si mesmo que não havia vitória em uma batalha de vontades com o Herdeiro. Era irritante como, sem esforço algum, havíamos sido levados à situação exata que procurávamos evitar.

— Você quase não causou nenhuma impressão nos outros aldeões — disse ele assim que passamos pela loja da Nadia. Eu não fazia ideia de para onde o estava levando. — Acho isso estranho. Uma menina órfã sem vínculos com esta aldeia até os quinze anos. Sem origens, sem história.

Fiquei quieta. Ele estava me sondando. Se soubesse de alguma coisa, eu seria amarrada na traseira de uma carroça.

— Devo ter uma personalidade esquecível.

Três passos. À distância, o tilintar do sino de uma carroça de frutas.

— Ou você tem magia.

Ele parou quando eu parei. Sua sobrancelha se arqueou diante da minha expressão.

— Você está chocada. Achou que eu tinha me deixado levar pelo seu espetáculo na floresta?

— Se eu por engano levei Vossa Alteza a acreditar...

Arin dispensou minha objeção com um gesto.

— Não se envergonhe.

Cravei as unhas nas palmas das mãos.

— Você não tem provas. — Como se ele precisasse delas. Como se alguém ousasse questioná-lo. Uma única palavra em sua língua tinha mais poder do que mil objeções ditas por mim.

— É verdade — ele admitiu. — Ou você é um exemplo de autocontrole, ou esses aldeões são tão ignorantes quanto burros.

Minhas algemas queimavam. Eu zombava dos aldeões todos os dias, provavelmente tinha expressado esse sentimento, mas eu *podia*. Eu era um deles.

— Se *inconscientes* significa que não brutalizamos velhos indefesos no meio da rua, então sim. Acho que somos. — Precisei de todo o meu esforço para não rosnar.

O Comandante inclinou a cabeça.

— Não é contenção, então. — Ele se aproximou de mim. Prendi a respiração, lembrando-me tarde demais da magia se acumulando contra minhas algemas. Ele sentiria isso fervilhando sob minha pele? Eu não seria capaz de contê-la rápido o suficiente.

Calculei minhas chances de sobrevivência. Encurralada como estava, ele poderia quebrar o meu pescoço ou cortar a minha garganta antes que eu pudesse conjurar qualquer tipo de ataque funcional. Eu conseguiria arranhá-lo, talvez, antes que o meu corpo se desfizesse a seus pés.

— Agora, seria uma questão simples se eu tivesse sentido sua magia perto do rio. A magia geralmente está ansiosa para se revelar. Quanto mais forte o poder, mais rápida a resposta. Basta um único toque.

Um dedo enluvado pairou sob o meu queixo. Embora ele não se movesse para diminuir a distância, minha apreensão aumentou. Um mundo de perigos vivia naquele centímetro de espaço.

— O problema é que sua magia não parece se comportar como

deveria.

Um dia antes, Marek balançou a cabeça e disse *suave*. Dez anos eliminando vulnerabilidades comuns e controlando minha violência. Dez anos que eu estava disposta a desperdiçar pela chance de esfaquear Arin de Nizahl no olho.

Cerrei os dentes com tanta força que quase os quebrei.

— Investigue como quiser, senhor. Receio que será um tempo mal gasto.

O Herdeiro de Nizahl retirou a mão.

— Talvez. Mas um temperamento que se inflama tão rápido quanto o seu deixa cinzas em seu rastro. Só preciso seguir a trilha.

CAPÍTULO 6



A manhã do waleema amanheceu em um caos completo e desenfreado. Daleel, uma das poucas boas cozinheiras da fortaleza, havia assado pães finos para o café da manhã. Apressei-me em fatiar o pão fumegante ao longo da lateral e coloquei ovos mexidos no centro irregular. Escapei com o meu sanduíche no momento em que a horda de garotas invadiu a cozinha.

Ao pé da colina, Sefa me avistou no momento em que a primeira carroça destinada à estrada principal partia com ela a bordo. Ela apontou um dedo de advertência para mim enquanto se afastava com um estrondo.

— Comporte-se! — gritou. Eu não falava com ela e Marek mais do que alguns minutos desde a noite na floresta. Normalmente, eu tinha dificuldade para conseguir um tempo sozinha na fortaleza, mas, nos últimos dias, me vi com excesso de tempo. Eles tinham sumido do jantar ontem, e eu flagrei Marek no salão sussurrando com urgência para Sefa na noite em que o Herdeiro chegou. Ao me aproximar, ambos se endireitaram às pressas e me desejaram boa noite.

O comportamento estranho deles me preocupava. E se a chegada do Herdeiro os tivesse deixado em pânico? Eles poderiam ficar tentados a me entregar e se proteger. Afinal, me ajudar a esconder um soldado assassinado não era muito melhor do que cometer o assassinato em si.

Acenei para a próxima carroça. Ficaria de olho nos dois, para que os laços de amizade não se rompessem de maneira misteriosa.

A carroça chacoalhava no chão acidentado, as caixas deslizando a

cada solavanco e inclinação. Pulei para fora assim que chegamos à multidão externa da praça. Barracas ladeavam a rua principal, apoiadas por mercadores vestidos com as cores de seus reinos. Eles gritavam quando eu passava, apontando para as suas frutas, joias e cachecóis. O ar fresco trazia música e as notas de açúcar queimado e gordura. Os visitantes das aldeias Omalianas baixas lotavam a rua principal em tons de branco e azul. Um grupo de crianças estava sentado em círculo, brincando com bonecas com as imagens dos Awaleen. Uma mulher com um lenço triangular vermelho amarrado sobre os cachos bateu em algumas mãos ladras de sua bandeja ghorayeba[9] e gritou por Yuli. Moedas amarelas costuradas no lenço tilintavam com seus movimentos.

— Será que se eu cantar uma canção para uma bela mulher, ela dançará? — Um homem mais ou menos da minha idade dedilhou o seu alaúde ao se aproximar. O doce dedilhar do instrumento me transportou para noites mais tranquilas, descalça em Hirun enquanto o rio fluía ao meu redor. Vários passos atrás dele, a sua parceira ria enquanto batucava seu tubluh. — Você dará à minha música a honra de mover o seu espírito e o seu corpo?

— Sem dúvida — eu disse. — Vou mover o meu corpo para bem longe.

Contornando o desanimado tocador de alaúde, quase derrubei um jovem que segurava uma bandeja cheia de xícaras fumegantes de chai vermelho acima da multidão. Os sons do alaúde e do tubluh me seguiram, a melodia tecendo-se pelo ar, entrelaçando-se com os gritos dos comerciantes ambulantes.

— Uma ula para a sua cozinha, ya anisa[10]? Gravada pelo melhor artista de Lukub!

— Abayas, abayas, venha experimentar sua nova abaya! Bordada pelo próprio Orbaniano Hany Barrow!

As minhas sobrancelhas se ergueram. Que comerciantes em pleno uso de suas faculdades mentais viriam a Mahair vindo de Orban ou Lukub? A fronteira mais próxima de Orban exigia seis semanas de viagem para o oeste, sem contar a travessia das planícies do deserto. Três semanas se cortassem Essam, mas esses atalhos raramente eram usados. Mais de trinta anos depois, o cerco dos monstros ainda estava muito recente. Presa entre Nizahl e Orban, Lukub, com suas fronteiras fechadas, havia recentemente expandido seu território para o sul, para dentro da floresta. A viagem de Lukub a Mahair levaria apenas uma semana viajando para o sul – mas somente se enfrentassem a floresta. Caso contrário, qualquer comerciante Lukubi com olhos nas aldeias mais baixas de Omal precisaria dar a volta por Orban ou Nizahl para chegar até nós.

Talvez eles pretendessem permanecer em Omal até o waleema nas cidades mais altas. Ouvi dizer que o palácio de Omal preferia realizar seu próprio waleema um ou dois dias antes do segundo julgamento de Alcalah.

Rory me dera permissão para explorar as barracas antes de me juntar a ele. Não tinha muito interesse em comprar bugigangas que não pudesse levar comigo quando fugisse, mas dar uma volta pela estrada me daria a oportunidade de procurar por Arin e a sua guarda. Comparei adagas de artesões de Gahre, provei geleias em pó e mastiguei nozes endurecidas em calda de açúcar. Mantive o meu autocontrole frugal até chegar a um comerciante com barris cheios de doces de gergelim. Devorei a pilha que Sefa e Marek me deram em um acesso de estresse.

Ah, o que isso importava? Enchi minha cesta e coloquei dez moedas na palma da mão do comerciante. Ou o Comandante me transportaria para Nizahl para morrer no julgamento ou eu fugiria dessa vila assim que ele partisse. A chegada dele mergulhou meu futuro já incerto em um vazio sombrio. Eu tinha conquistado o direito de encher minha barriga

com o máximo possível desses doces.

Marek se apressava atrás do balcão em forma de colarinho da taverna, servindo cervejas mais rápido do que deveria ser possível. Yuli deve ter emprestado Marek para o dia. Ele acenou, gesticulando convidativamente para um copo transbordando de cerveja. Balancei a cabeça para a oferta com um arrepio. A embriaguez sempre careceu de qualquer apelo. Meus instintos mais sombrios eram difíceis de controlar mesmo nos melhores dias; eu temia pensar no que poderia acontecer com minhas inibições reduzidas e minha língua solta.

Como eu já havia planejado espionar Marek e ele parecia à beira do colapso, peguei um barril cheio e montei um espaço para servir ao lado dele. Perdi-me na rotina de servir e encher copos. A atenção de tantos estranhos me irritava, mas eles eram melhores do que os residentes de Mahair, que tinham se encarregado de tentar fofocar comigo sobre o Herdeiro de Nizahl. Aumentar o nível geral de embriaguez da multidão seria bom para mim.

Quando a onda passou, Marek se jogou no chão, pressionando a bochecha contra o tapete bem batido.

— Sylvia, eu te amo — disse ele. — Vou te levar flores e doces de gergelim até o dia da minha morte.

Cutuquei a sua cabeça com a bota.

— Prefiro os doces e uma parte dos seus ganhos.

Marek riu, virando-se de costas para me encarar com olhos marejados.

— Que pouco Omaliano da sua parte me pedir dinheiro.

— Que pouco Omaliano da sua parte não aceitar.

Seu sorriso desapareceu devagar. Uma solenidade passou entre nós, pesada com palavras não ditas. Nenhum de nós pertencia a Omal, mas nenhum de nós reivindicava nossos verdadeiros reinos. Eu duvidava que Marek ou Sefa tivessem considerado a possibilidade de eu

ser uma Jasadi. Eu não tinha realizado um único ato de magia em todo o tempo em que eles me conheciam. Mas eles deviam suspeitar que eu era mais do que afirmava ser.

O substituto de Marek chegou para nos substituir. Descansamos nas cadeiras emprestadas de Nadia e assistimos a dois homens lutando na plataforma. As lutas eram minha parte favorita do waleema. Os artesãos de Mahair construíram uma plataforma elevada para as lutas que aconteciam entre a primeira e a última hora do waleema, com a última hora reservada para os competidores mais sérios. Peles de veado e couro fervido amorteciam a plataforma, impedindo que uma queda forte abrisse crânios. Homens e mulheres subiam ao ringue em busca de uma chance de vitória. Não havia celebração de Alcalah sem competição, e Mahair preferia o tipo físico.

— Você vai competir? — perguntei a Marek.

Ele deu de ombros.

— Talvez.

Eu reprimi uma risada. Ele estaria no ringue em menos de uma hora. Eu sempre quis competir. Aproveitar a tentadora oportunidade de ganhar o prêmio e comprar uma nova capa com nada mais do que uma hora de esforço. Mas eu não podia arriscar expor a minha habilidade.

Você quer dizer expor a sua selvageria, disse Hanim. *Eles te tratariam da mesma forma se soubessem que você poderia quebrar o pescoço de um homem sem pensar duas vezes?*

Enfiei um doce na boca, mastigando até abafar a voz de Hanim. Voltei para a barraca de Rory. Aplausos ecoaram enquanto os artistas pulavam de telhado em telhado, brandindo longas tochas para acender as lanternas penduradas sobre a rua. Uma névoa rosada iluminava o mosaico de fogo acima de nós. Crianças corriam atrás umas das outras, desviando de pernas e balançando cestas, com as suas risadas soando mais altas que a melodia alegre dos tocadores de alaúde. Mahair em toda

a sua glória.

Durante a hora seguinte, a minha voz ficou rouca enquanto eu explicava o propósito de cada óleo e pomada aos visitantes Omalianos, enquanto Rory roncava baixinho à minha direita.

Quando Fairel entrou no estande, eu estava pronta para jogar um pote na próxima pessoa que perguntasse por que usávamos gordura de sapo no gesso. Alguém havia tentado trançar o cabelo curto de Fairel em duas tranças. As tranças resultantes curvavam-se sobre suas orelhas como chifres de carneiro. Uma mancha do que eu fervorosamente esperava que fosse chocolate cobria seu nariz, e ela usava um vestido limpo e cuidadosamente costurado, tecido nas cores branca e azul de Omal. Eu a vira correndo entre as barracas a tarde toda, arrastando as cadeiras que Nadia emprestou aos comerciantes de Gahre. Sua ética de trabalho Orbaniana em plena atividade.

— Você está ocupada? — Ela vibrava de ansiedade. — Raya disse que eu posso assistir aos jogos se tiver companhia.

Um limão estremeceria ao ver a expressão amarga no rosto de Rory.

— Por que você iria com a Sylvia? Tem um monte de moleque se reunindo nas partidas.

Fairel abaixou os olhos.

— Sylvia é a minha única amiga, e eu quero assistir aos jogos com ela.

Rory e eu nos entreolhamos, compartilhando o desconforto de *eu* ser a única amiga de alguém. Ele acenou com a mão.

— Vá lá, vá.

Eu cerrei os dentes antes de pegar a mãozinha de Fairel e abrir caminho entre a multidão. Eu usava calças brancas largas que subiam até o abdômen e se ajustavam nos tornozelos. Duas fendas nas laterais da minha túnica me permitiam amarrá-la logo acima da faixa das calças. Embora vestidos fossem a roupa padrão para um festival, eu me vesti

assim para o caso de precisar fugir repentinamente.

Cada pessoa na plataforma dedicava a sua luta a Kapastra. Nenhum campeão Omaliano havia triunfado na Alcalah por mais de dez anos, mas a realidade não impediu que a excitação se espalhasse entre os aldeões. Mesmo que seu Campeão perdesse, o Herdeiro de Nizahl escolheria o seu Campeão de Omal. Um Omaliano tinha o dobro de chances de vencer a Alcalah, mesmo que o fizesse em nome de Nizahl.

A multidão se agitava, gritando quando uma mulher baixa com cabelo raspado derrubou o filho de Yuli no chão. Odette, a filha do açougueiro e a lutadora reinante do waleema.

— Por que você não luta? — perguntou Fairel. — Você é forte. Eu te ajudei a limpar os estábulos de Yuli em um verão, lembra? Você carregava as caixas mais pesadas e controlava os cavalos maiores.

Olhei para Fairel, surpresa. Tomei cuidado para não revelar a minha força; ela devia ter se aproximado de mim de forma sorrateira.

Eu estava perdida. Por que *não* lutava? O Herdeiro de Nizahl já estava em Mahair. Ele me conhecia como uma vigarista, uma órfã, uma mentirosa. A descoberta chegou à minha aldeia apesar do meu bom comportamento – tirando o recente assassinato de um soldado Nizahl. Por que não me juntar aos desafiantes? Sem dúvida a minha magia não reagiria de uma forma ou de outra.

Afastei as reflexões petulantes. Planejei guardar a autopiedade para o meu leito de morte, e nem um minuto antes.

— Não seria gentil com os outros — eu disse.

Fairel me lançou um olhar maduro demais para a sua idade.

— Desde quando você é gentil?

Minha boca se abriu. Fairel disse isso com naturalidade, sem hesitar.

— Gosto disso em você. Às vezes, não quero ser gentil, mas Raya diz que devemos tratar os outros melhor do que nos tratam. — Ela

franziu o rosto para imitar a carranca característica de Raya. — *Devemos valorizar as nossas diferenças e liderar com uma mão acolhedora.* Se alguém bate na minha mão acolhedora, por que eu não deveria bater de volta?

Eu ri tanto que soltei um grunhido, assustando o casal à nossa frente. Recuperei o fôlego, quase caindo em uma nova crise de risos ao ver os chifres trançados de Fairel.

— Ah, preciso dar uma olhada nas cadeiras! — gritou Fairel, saindo correndo antes que eu pudesse impedi-la. Enxugando lágrimas de riso dos meus olhos, fiquei em dúvida se deveria seguir Fairel ou caçar a vendedora de basboosa[11] com amêndoas torradas e encharcada com tanto sharbat[12] que eu já tinha sentido o cheiro a três barracas de distância.

Senti um formigamento no pescoço. Passei os dedos pela trança.

Alguém estava me observando.

Observei a multidão de foliões que se deslocava pela rua principal. Apostaria o meu cotovelo direito que o Herdeiro de Nizahl havia se juntado ao waleema. Ele estava em algum lugar ali.

Se as minhas suspeitas sobre Marek e Sefa fossem verdadeiras, Sefa poderia ter informações sobre o Herdeiro de Nizahl. Eu precisava entender como exatamente ele possuía a habilidade de sentir magia. Seria necessário o contato com as mãos ou seria algum contato pele a pele? Ele seria imune à magia?

Encontrei Marek, alegremente machucado depois da surra que levou de Odette.

— Onde está Sefa?

Ele ficou sério na hora.

— Por quê? O que houve?

Eu reprimi um gemido. Se não fosse tão irritante, eu poderia achar fofa sua constante proteção por Sefa.

— Peço a sua permissão para falar com ela, ó sábio Marek.

Marek revirou os olhos.

— Eu a vi com a Raya. Uma cliente está tentando reduzir pela metade o preço de um vestido com "costura instável". Ela provavelmente apreciaria um resgate.

Peguei a minha cesta debaixo da mesa e me esgueirei pela multidão, esforçando-me para encontrar a cabeça de Sefa. Mas Sefa não era a pessoa que vi se aproximando de mim, com um capuz cinza cobrindo seus cabelos prateados reveladores.

Como havia acontecido no rio, o resto do mundo perdeu suas cores, tornando-se cinza para delinear o Herdeiro de Nizahl em nítido relevo. Ele deslizou pela multidão. A cacofonia do waleema desapareceu à medida que os meus sentidos se estreitavam diante da ameaça.

Seus guardas usavam roupas igualmente sem graça. Os disfarces desmoronariam sob qualquer escrutínio, mas as pessoas circulavam pela brigada Nizahl sem dar uma segunda olhada.

— Vossa Alteza. — Abaixei a cabeça. — É uma honra vê-lo participar do nosso humilde waleema.

— A honra é toda minha, Sylvia.

Ele disse meu nome com um desprezo sutil. Uma acusação de seis letras. Um reconhecimento da minha mentira mais bem-sucedida.

A atenção de Arin deslizou para minha cesta

— Que belo pacote de balas de gergelim você adquiriu.

Eu o encarei. A predileção por doces que estragam os dentes não era exclusiva dos Jasadis.

— Parece que encontrei minha própria amostra do doce. — Ele enfiou a mão no bolso e eu fiquei tensa. Certamente ele não tentaria me machucar em um waleema lotado?

O Herdeiro de Nizahl tirou um doce de gergelim. A sua embalagem rosa distorcida despertou minha memória. A menos que fossem

solicitados, esses doces normalmente não eram vendidos com embrulhos individuais de papel. O embrulho protegia o açúcar endurecido de derreter, mas a tarefa árdua de dobrar o papel dissuadia a maioria dos comerciantes.

— Acredito que pertence a você.

Perante a minha perplexidade, Arin colocou o doce na palma da sua mão enluvada.

— Encontrei-o flutuando em uma poça a três quilômetros das árvores marcadas pelos corvos. Estranho, não é? Como um doce desses pode ter caído tão longe em Essam?

Ah, não. Ah, não, não, *não*. Um medo amargo subiu à minha garganta. Eu havia deixado cair um doce de gergelim na noite em que cruzei as árvores marcadas por corvos. Hesitei em pescá-lo na poça de cheiro forte. Segundos depois, o soldado Nizahl me confrontou. Nunca o recuperei.

Sua expressão era um verdadeiro exemplo de civilidade. Ele poderia estar me convidando para um chá em vez de me acusar de invasão de propriedade. Enquanto o Supremo manipulava com charme e grandes discursos, seu filho parecia esculpido em gelo puro.

Tudo dentro de mim gritava para que eu agisse. Enfiar minha lâmina em seu peito, jogar moedas em seus olhos e correr, qualquer coisa. Levamos o corpo do soldado para não muito longe de onde o doce caiu. Tudo o que eu podia fazer era torcer para que Hirun tivesse feito seu trabalho e levado o cadáver para outra parte do rio. Sem um corpo, esse pedaço de doce sozinho não poderia me ligar ao desaparecimento do soldado.

Adotando um tom inocente e natural, eu disse:

— Sou a única pessoa em Mahair que gosta de doces? Talvez um dos seus soldados estivesse com vontade de comer.

A cicatriz que cortava o seu maxilar refletiu a luz da lanterna

quando ele inclinou a cabeça. Uma ferida duplamente perturbadora pelo fato de ter sido feita com a intenção de matar. E, só pela aparência, deveria ter conseguido.

— Tente outra vez — ele disse.

— O que?

— Pense em uma mentira melhor. Você é capaz disso.

Cerrei os dentes. Se ele queria me irritar e me fazer revelar a verdade, precisava de uma flecha mais forte.

— Peço desculpas se minha honestidade não tem graça.

Ele guardou o doce de volta no bolso. Eu queria arrebatá-lo e enfiá-lo debaixo da bota. Graças às minhas algemas, me expor como uma Jasadi seria uma tarefa árdua. Mas eu havia ocultado a morte do soldado às pressas, sem metade do cuidado que havia tido em esconder a minha identidade. Qualquer uma das ofensas terminava com a minha morte.

Um laço invisível apertou o meu pescoço. Se ele pretendia minar devagar a minha sanidade, seu progresso não poderia ser criticado. Sempre imaginei a minha descoberta como um evento breve e brutal. Como o de Adel. Eu havia me preparado para o leão, não para o abutre rondando.

Seu comportamento implacável me enfureceu. O suficiente para minha língua se soltar e dizer:

— Quando terei provado a minha inocência para você?

— A sua inocência? — Embora seu sorriso não tenha se desfeito, o verniz de indiferença desapareceu. Ele me olhou como se a pura força de vontade o impedisse de me despedaçar.

Este homem vai te matar, sussurrou Hanim. *Se não hoje, em breve.*

Arin ergueu a mão enluvada. Não me mexi quando ele tirou uma folha da minha trança. Quando falou, foi quase reconfortante. Triste.

— Não se pode provar o que não existe.

Um grito distante.

— Os cavalos!

O Comandante virou a cabeça. Ele fez uma pausa, com o rosto inexpressivo, enquanto tentava ouvir algo além dos meus ouvidos. Permaneci imóvel, lutando para o convencer meu coração disparado de que não estávamos a segundos da morte.

— Senhor? — Jeru se aproximou arrastando os pés.

As trupes musicais abandonaram os seus instrumentos, mergulhando o festival em um silêncio confuso. O clangor das trombetas sacudia o ar.

O movimento se espalhou ao meu redor enquanto, um por um, os moradores de Mahair, bêbados e crianças, caíam de joelhos. Arin afastou o capuz.

— Visitantes — disse Arin.

CAPÍTULO 7



Os aldeões se dispersaram enquanto uma carruagem com o brasão de Omalia atravessava o centro da estrada, puxada por cavalos selados com correntes brancas. Rodas gigantes, laqueadas com brilhantes pedras azuis e brancas, lutavam contra o próprio peso enquanto giravam sobre a terra irregular. A carruagem parou em frente à plataforma, e dois guardas ladeavam a porta enquanto os degraus se abriam.

Inclinei meu corpo para trás da parede, fora de vista. Apenas Arin e os seus homens permaneceram de pé. Vi Fairel, confusa e suja, segurando um inhame grudento com melaço na mão.

— Fairel! — sibilei. Eu a queria bem longe de quem quer que estivesse prestes a sair daquela carruagem. Alheia, Fairel se escondeu atrás de uma das cadeiras, mordiscando seu inhame.

Um emaranhado de emoções me atingiu em cheio quando o Herdeiro de Omal desceu. Ele era menor do que eu imaginara. Procurei por qualquer semelhança familiar em seus cabelos escuros e cacheados ou no nariz orgulhoso abaixo dos olhos castanhos penetrantes.

À primeira vista, ninguém jamais presumiria que eu compartilhava o sangue do Herdeiro de Omal.

Meu pai nasceu Emre, Herdeiro de Omal. Três meses depois que eu vim ao mundo, uma flecha cortou sua garganta durante uma caçada para comemorar o aniversário da minha mãe. Embora Emre tivesse deixado uma Herdeira legítima – eu –, meus avós se recusaram a aceitar a possibilidade de que eu herdasse o trono de Omal antes de herdar o de Jasad. Com minha mãe de luto na Torre Bakir, ninguém impediu Malik e

Malika de renunciarem ao meu direito ao trono de Omal. Por sua vez, Omal estava ansioso para me tirar da linha de herança; imaginei que os rumores sobre o papel dos meus avós na morte de Emre tivessem influenciado nessa decisão.

Felix era sobrinho do meu pai. As leis da linhagem de Omal deveriam ter impedido que o trono passasse para ele, mas o assassinato da maior parte da família real na Cúpula Sanguinária complicou as coisas. Embora a Rainha Hanan ocupasse o trono até a morte, ouvi dizer que minha avó paterna praticamente se isolou em seu palácio. Deixando Omal nas mãos altamente incapazes de Felix.

Ninguém na aldeia gostava de Felix, e por um bom motivo. Pelas histórias que ouvira, ele tinha menos perspicácia política do que uma cabra raivosa. Eles claramente não estavam errados; devia haver quilômetros de espaço vazio naquela cabeça gigante dele se ele achava que entrar em Mahair em uma carruagem que valia mais do que toda a vila era a atitude certa.

Mas um Herdeiro idiota ainda era um Herdeiro, e planejei minha fuga. Se eu cortasse caminho pela estrada dos vagabundos, conseguiria contornar a multidão e correr para a fortaleza em menos de vinte minutos.

Arin encontrou Felix em sua carruagem. Felix saltou sobre seus sapatos brilhantes.

— Então é verdade. Ouvi dizer que você estava patrocinando as nossas aldeias mais baixas. Teria sido negligente da minha parte não o receber pessoalmente.

— Uma generosidade que não será esquecida tão cedo — respondeu Arin, em tom melífluo. — Mahair é maravilhosa. Uma verdadeira homenagem ao seu reino.

— Faz muito tempo desde a última vez que nós nos vimos. — Felix estendeu a mão para Arin. Eu me encolhi.

Como o Herdeiro do maior reino da terra podia ser tão desconhecedor dos costumes de Nizahl? Convidar um toque do Herdeiro de Nizahl trazia implicações perigosas. Uma criança com o mais leve traço de sangue real saberia. Duas coisas eram amplamente conhecidas sobre Arin: ele nunca era visto sem suas luvas e não tocava ninguém a menos que quisesse matá-lo. Fofoca fantástica, eu pensava. Apenas mais bobagem da vila. Agora me perguntava se Felix estava ciente da habilidade de seu colega herdeiro de sentir magia.

Franzi a testa. Como *Marek* sabia disso?

A mão enluvada de Arin fechou-se brevemente em torno da de Felix.

— De fato. Vamos para um lugar mais reservado para continuarmos o nosso reencontro?

Felix olhou ao redor.

— O waleema já acabou?

— Quase. — Os primeiros sinais de impaciência transpareceram na voz do Herdeiro de Nizahl. Ele olhou para a multidão ajoelhada. — Você deve estar cansado da jornada.

— Nada que uma bebida forte não resolva — disse o idiota real. Ele instruiu o cavaleiro a abrigar os cavalos com os de Arin e não "deixá-los sozinhos com um tratador de cavalos idiota".

Manobrar uma carruagem em um espaço tão apertado irritava os cavalos. Eles bufavam, batendo os cascos em um amplo círculo. Uma das cadeiras de Nadia estava bem no caminho das rodas da carruagem. Meu coração afundou. Eu sabia o que aconteceria assim que o cavaleiro puxasse as rédeas dos cavalos, mas era tarde demais.

— Pare! Pare! — gritou Fairel, lançando-se em direção à cadeira. Eu pulei, preparada para vê-la ser cortada ao meio. Yuli agarrou o vestido de Fairel antes que ela pudesse interceptar o caminho da carruagem. A cadeira se estilhaçou sob as rodas, e Fairel gritou. Assustados, os cavalos

empinaram, fazendo com que um guarda Omaliano colidisse com Felix. Eles caíram em uma pilha.

Empoeirado e vermelho de vergonha, Felix afastou a mão do guarda e se levantou com dificuldade. Ele olhou para Fairel com raiva

— Venha aqui.

Com o pulso acelerado, dei um passo para fora das sombras. A multidão se aquietou, observando Yuli soltar Fairel a contragosto. Curvada diante do Herdeiro de Omal, com as tranças soltas dos chifres virados para cima, ela era tão ameaçadora quanto um mosquito-do-rio.

— Peço sinceras desculpas, meu senhor — Fairel apressou-se em dizer. — As cadeiras... são de minha responsabilidade, veja bem, minha senhora me encarregou de trazê-las de volta em segurança...

Felix empurrou Fairel na frente dos cavalos.

Mais tarde, eu me perguntaria se teria agido de forma diferente se fosse outra pessoa que não Fairel, que era minha desde o dia em que Raya a trouxe para o castelo. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu poderia ter ficado escondida e simplesmente acrescentado essa raiva à minha coleção.

Os aldeões gritaram quando os cavalos agrupados chutaram Fairel, e o som de ossos quebrando ecoou pela estrada principal. Minha magia fervilhou, e eu segurei minha adaga, com as vísceras de Felix brilhando em minha mente. Eu estava indo em direção a Felix antes que os cavalos terminassem seu ataque ao corpo imóvel de Fairel.

Arin se moveu mais rápido. Eu não tinha dado mais do que um passo, e ele já estava lá, bloqueando o meu caminho. Ele arrancou a adaga da minha mão. Minha magia não aprovava, uivando enquanto os cavalos trotavam ao lado de Fairel, com os cascos vermelhos do sangue dela.

A pressão em meus punhos aumentou, uma dor familiar rugiu sob a minha pele e então... o impossível.

A adaga estremeceu no ar e voou. Minha magia zumbia, mantendo o curso da adaga. Engoli em seco, a visão incompreensível se tornando ainda mais confusa pela presença inalterada das algemas em meus pulsos.

Arin não se virou para ver a adaga cravada na coxa de Felix, nem mesmo quando o outro Herdeiro gritou. Ele não se virou para os gritos dos guardas ou para os soluços enquanto o médico da aldeia se agachava ao lado do corpo caído de Fairel.

Centímetros me separavam do Herdeiro de Nizahl. Fiquei perto o suficiente para ver a vitória sombria eclipsando o gelo nos olhos de Arin. Eu tinha conseguido; dado a ele a evidência de que precisava.

Um arrepio de horror percorreu a minha espinha. Tentei me afastar bruscamente.

Quando ele falou, as palavras roçaram minha têmpora.

— Se você deseja manter sua cabeça hoje, fique parada.

Sua mão fechou-se em torno do meu pulso. Minha magia lívida dançava sob a superfície da minha pele, mas não irrompeu pela segunda vez.

O Herdeiro virou-se para dez guardas de Felix que brandiam suas espadas em minha direção. Os aldeões que não estavam ocupados movendo os membros estendidos de Fairel para uma pele de bezerro esticada observavam com apreensão. Apreensão por mim. Eles pensavam que eu tinha atirado a adaga. Não tinham visto Arin derrubá-la da minha mão antes de ela voar. Um fio de alívio atenuou um pouco da náusea que me revirava o estômago.

Parabéns, foi apenas o Herdeiro de Nizahl que te viu usar magia! Gritou Hanim. *Ninguém importante.*

— Prendam-na! — gritou Felix. — Por seu ataque ao Herdeiro de Omal! Onde está o médico? Soltem a garota! Não veem que fui esfaqueado?

O grito repentino e estrangulado de Fairel me atingiu profundamente. Tentei ir até ela, mas Arin não afrouxou o aperto no meu pulso.

Os guardas Omalianos se moveram, mas os homens de Arin se aproximaram. Murmúrios surgiram da multidão. Herdeiros levantando armas uns contra os outros equivaliam a uma declaração de guerra.

— O que é isso? — perguntou Felix, e embora a sua comitiva o bloqueasse de vista, a sua voz embargada de perplexidade. — Mande os seus guardas recuarem! Eu estou atrás da garota, não de você.

Tentei puxar minha mão. Se eu fugisse para a floresta rápido o suficiente, poderia subir em uma árvore perto da curva de Hirun e esperar que meus perseguidores fossem embora. Ainda tinha comida me esperando na ravina. Ficaria na companhia dos fantasmas enquanto planejava meus próximos passos.

— Meus homens não estão protegendo a garota — disse Arin. — Eles estão protegendo seu reino de sofrer toda a ira da Cidadela.

— Saiam da frente!

Os protetores de Felix se afastaram, expondo o Herdeiro de Omal encostado nos degraus da carruagem. A adaga se projetava de sua coxa. Os guardas de Nizahl se desviaram para o lado, com as espadas apontadas para os guardas Omalianos. Felix me ignorou, o que foi melhor assim, pois minha expressão perplexa provavelmente arruinaria qualquer história que Arin estivesse inventando.

— Por quê? — perguntou Felix. — Quem ela é para você?

Avistei Rory no meio da multidão, cuidando de Fairel. Um osso se projetava da perna direita. Sefa ajoelhou-se ao lado dele, esfregando um líquido transparente sob o nariz de Fairel. Os olhos doloridos da garota se fecharam, deixando seu corpo imóvel. Rory enrolou um pano ao redor da fratura exposta com uma confiança que as suas feições petrificadas não compartilhavam.

Ambos pararam ao ver quem estava atrás da barricada dos guardas. Rory ficou da cor do osso que saía da coxa de Fairel, e Sefa tapou a boca com a mão.

Arin não reagiu. Na verdade, parecia que todos nós tínhamos desaparecido de sua vista. Olhos azuis claros se moviam de um lado para o outro. Eu me preparei, pois tinha motivos para me preocupar. Não era assim que funcionavam os cantos mais letais de sua mente? Perseguindo um milhão de futuros, provavelmente calculando o impacto de longo alcance de cada momento?

— Sylvia de Mahair está protegida contra danos pelas leis de anistia — disse ele.

Felix piscou. Ah, lá estava a nossa semelhança familiar: as caretas confusas.

— Como?

— Ela é a Campeã escolhida por Nizahl para o Alcalah.

O controle do Comandante sobre os seus soldados era louvável, pois nenhum deles vacilou diante desse anúncio desconcertante. Apenas o aperto de Vaun em sua espada se moveu, como se manter a arma apontada para frente exigisse toda a sua disciplina.

O chão tremeu quando Mahair se levantou como um só, o ar explodindo com suas exaltações. Eles se esforçaram para me identificar na conversa que se seguiu, todos correndo para afirmar que me conheciam.

— A protegida de Raya! A aprendiz de Rory!

Então:

— Campeã de Nizahl!

Os lábios de Felix se entreabriram.

— Você não pode estar falando sério. Uma pirralha de uma aldeia inferior? Uma que acabou de me agredir? Existem mil opções melhores.

— Eu a escolho — disse Arin. Fim.

Felix abriu e fechou a boca. No momento em que pensei que ele seria estúpido o suficiente para discutir, ele rosnou.

— Recuem! — gritou para os seus guardas. — Não podemos machucar um Campeão.

Arin soltou meu braço instantaneamente. Vaun e o guarda careca ultrapassaram o Herdeiro enquanto ele se afastava, abrindo caminho entre os espectadores. Os guardas Omalianos içaram Felix em uma pele de veado esticada, carregando-o alguns passos atrás de Arin.

Eu não era o Comandante. Minha mente não era adequada para enganos elaborados e previsões assustadoras. Poucos momentos atrás, eu estava preparada para abandonar Omal para sempre ou morrer. Não conseguia encontrar equilíbrio na espiral íngreme desse novo desenvolvimento.

Jeru e o outro guarda permaneceram.

— O Comandante gostaria que você aguardasse o retorno dele em um local reservado.

Eu hesitei.

— O quê? — Estariam eles respondendo a algum sinal invisível que ele emitiu? Teria ele planejado aquilo?

— Preciso ver Fairel — eu disse, com as palavras vindo de um lugar distante. — Rory não pode tratá-la sozinho.

— Isso não é um pedido — disse Jeru. — O povo não precisa de outro espetáculo.

— Você tem razão. — Dei uma risadinha. A histeria se fechava cada vez mais em meu peito, cristalizando-se em cacos sob o meu esterno. — Eles já viram mais do que o suficiente.



O aposento em que me jogaram ficava na fronteira de Mahair, com

um cheiro forte de gado nas proximidades. A porta se fechou com um estrondo, deixando-me sozinha com o meu pânico crescente.

— Não, não, não — repeti, andando de um lado para o outro no aposento. O Herdeiro de Nizahl não podia me nomear Campeã, não depois de ver a minha magia. Ele *sabia*... ele tinha as provas que buscava contra mim. O Comandante jamais atribuiria conscientemente a honra de Campeão a um Jasadi. Deve ter sido uma tática para atrasar Felix. Caçar-me havia exigido mais de dois dias inteiros de esforço; parecia justo que ele quisesse me matar.

Eu precisava sair dali. Para onde, na terra maldita da tumba, eles me levariam? Dezenas de mapas cobriam as paredes do aposento, com nomes e datas rabiscados em suas superfícies pela mesma mão. Uma única cadeira de espaldar reto estava enfiada perto de uma mesa larga o suficiente para acomodar uma xícara de chá. Uma cristaleira se estendia ao longo da parede esquerda.

Puxei as maçanetas do armário. As fechaduras estavam trancadas. Atrás do vidro, havia réplicas dos bens mais famosos dos Awaleen, alguns dos quais eu reconheci, outros dos quais fiquei feliz por não reconhecer. O galho de árvore que Dania lançou no coração de uma nova mãe. Um machado forjado para se parecer com o de Dania, enferrujado com sangue. A visão de uma boneca esfarrapada feita de pele de animal me repeliu um passo para trás. A boneca estava inclinada para a frente, com olhos infantis desenhados em sua pele rígida. Eu não me lembrava da boneca em nenhuma das histórias dos Awaleen.

Estudei as linhas rachadas de sua pele e franzi os lábios, distraída por uma vaga lembrança das aulas de Hanim. A boneca usava a bandeira de Orban da antiga Batalha de Zinish. Lukub havia vencido usando magia, o que Nizahl havia expressamente proibido em tempos de guerra. A magia que o capitão de Lukub utilizou para derrotar os Orbanianos durante a Batalha de Zinish era terrível demais para ser lembrada, um

mal que consumia a terra como uma poderosa pestilência. Alguns dos soldados Orbanianos haviam sido dilacerados, seus corpos deformados e condensados em...

... em pequenas bonecas humanas.

Desviei o olhar, pressionando dois dedos contra os lábios para conter a bile. Não era de se admirar que a batalha tivesse terminado daquela forma. Os Nizahl, que raramente sujavam as botas em disputas territoriais, haviam marchado por Lukub. Somente a política inteligente e ágil da então Sultana impediu que Nizahl destroçasse Lukub. A Batalha de Zinish levara a um acordo de paz entre Nizahl e Lukub. Um acordo que cada Supremo e Sultana subsequentes mantiveram.

É claro que a Batalha de Zinish ocorreu quando a magia era proibida apenas como arma de guerra. A paz era uma opção para eles. Paz que minha magia havia abandonado para sempre ao lançar uma adaga no Herdeiro de Omal.

Se eu pudesse repetir esta noite, nunca sairia do lado de Rory. Nós empacotaríamos tudo o que não tivéssemos vendido na barraca e voltaríamos para a loja. Talvez pudéssemos ter aquecido água suficiente para dois chás de menta na sala dos fundos e rido das crianças tropeçando umas nas outras na rua.

Eu não estaria neste aposentos de relíquias de guerra, em pé nas cinzas da minha segunda vida.

Fugir era a única opção. Mesmo que Arin se dignasse a ouvir uma explicação, sua misericórdia não iria além de adiar minha execução até depois do julgamento.

Andei pelo aposento. Se Arin mantivesse seu costume de dispensar os guardas, ele seria o único obstáculo entre mim e a liberdade. Seus guardas patrulhariam o perímetro e, mesmo que me vissem correndo, não iriam atrás de mim. Eles haviam jurado proteger o seu Comandante e iriam direto para ele. Quando percebessem que eu o havia matado,

bem, eu precisaria correr muito longe e muito rápido.

Olhei para as minhas roupas rasgadas e manchadas de sangue. Sefa ainda estava com a minha capa. A adaga que eu guardava na bota encontrara um novo lar na perna de Felix. Eu desapareceria sem levar nem um doce de gergelim comigo.

Lágrimas brotaram em meus olhos. Eu me sentia completa e dolorosamente sozinha.

Puxei as maçanetas dos armários outra vez. Joguei meu corpo contra o vidro, mas a superfície grossa não se dobrou. Se o armário pudesse suportar os séculos que se passaram, os meus insignificantes esforços não o quebrariam.

Os olhos da boneca pareciam me seguir. Zombando do meu fracasso.

Eu sabia o que precisava fazer, mas doeria. Seria demais esperar por uma solução sem derramamento de sangue, só uma vez? Pelas profundezas amaldiçoadas de Sirauk, eu não tinha chegado até aqui para ser frustrada por um painel de vidro. Minha magia permanecia adormecida, indiferente aos meus esforços. Eu não conseguia entender como ela havia escapado das minhas algemas, e não tinha tempo a perder esperando por duas impossibilidades na mesma noite.

Agarrei a fenda no canto inferior direito da minha túnica e puxei para baixo. Rasguei o pedaço necessário para envolver completamente meu cotovelo e antebraço.

O suor escorria pela minha testa. Fechei minha mão livre em torno do outro pulso e levantei meu cotovelo acolchoado até o nível dos ombros.

— Sem ossos quebrados — ordenei. A vida com Hanim me trouxe alguns hábitos estranhos, incluindo falar com o meu corpo como se ele pudesse me ouvir.

Golpeei o vidro com o cotovelo o mais forte que pude. A dor

explodiu em meu braço, reverberando por mim até que a senti atrás dos dentes. Usando a pegada no braço enfaixado para inclinar o lado direito para a frente, joguei o peso do corpo para trás do cotovelo a cada golpe. Se parasse agora, não recomeçaria. A agonia que irradiava em meu braço lutava com a realidade de confrontar o Herdeiro de Nizahl sem uma arma, e eu o golpeei até o sangue encharcar as tiras da túnica.

Uma rachadura se formou no vidro. Pequena, quase sem consequências em comparação com o tamanho do armário de armas. Recuei o braço, sufocando um gemido, e bati o cotovelo na fissura. A metade inferior do vidro se estilhaçou. Virei a cabeça enquanto cacos choviam no chão, cobrindo meu rosto com o braço ensanguentado. Ensanguentado, mas não quebrado.

Enfiei o braço pela vidraça, alcançando o machado enferrujado atrás da boneca Lukubi. As minhas unhas arranharam o cabo, os meus dedos se esforçando para segurá-lo. Será que eu tinha machucado o cotovelo para não alcançar o machado abandonado por Awaleen por poucos centímetros?

Passos soaram lá fora. Um murmúrio baixo retumbou na porta. Estiquei o pescoço em busca do machado, mas precisaria quebrar mais pedaços de vidro para alcançá-lo.

Xinguei e agarrei a primeira arma que consegui passar pelas bordas irregulares. Uma lâmina curta, com metade do comprimento do meu antebraço machucado, afiada apesar dos anos. Nem de longe tão boa quanto um machado.

Passos gêmeos soaram mais alto e depois desapareceram ao longe. Os dois guardas designados para a minha porta partiram sob as ordens do seu Comandante. Enfiei a lâmina na cintura da minha calça. O cabo cravado na parte inferior das minhas costas.

Ele estava aqui.

Tirei as tiras molhadas de tecido do meu braço e as joguei para o

lado. Eu tinha entrado no jogo dele desde o momento em que ele se colocou sobre mim no rio. A chata e modesta guardiã da vila. Uma garota ingênua o suficiente para realizar rituais fúnebres em um Jasadi caído ou inteligente o suficiente para esconder sua magia por cinco anos. Até que minha magia reagisse, eu era simplesmente Sylvia.

Minha magia destruiu a ilusão de Sylvia e a reconstruiu para representar apenas uma palavra: *Jasadi*.

Endireitei os ombros. A perseguição havia terminado, e o Herdeiro de Nizahl era apenas mais um monstro em meus calcanhares.

A porta se abriu.

CAPÍTULO 8



As sombras no aposento formavam a silhueta do Herdeiro de Nizahl. As lanternas tremeluziam com a rajada de vento que acompanhava a sua entrada. Ele fechou a porta atrás de si, tirou o casaco e o pendurou no gancho. Suavidade em seus movimentos, como se fôssemos dois companheiros se encontrando para uma refeição.

Eu suava tanto quanto um dos cavalos sobrecarregados de Felix. Temia a viscosidade da minha palma contra o cabo liso da lâmina.

Este não era como o soldado na floresta. Eu não conseguia avaliá-lo para encontrar pontos fracos a explorar ou formas de atacar. Eu era um pássaro voando no meio de uma tempestade, e o milésimo de segundo de surpresa entre meu ataque e sua defesa decidiria o resultado da minha fuga.

Quando ele finalmente olhou para cima, foi para olhar além de mim, aproximando-se da abertura rachada no armário de guerra.

Meu sangue batia em meus ouvidos.

O olhar do Herdeiro de Nizahl encontrou o meu. O que quer que ele tenha visto trouxe um sorriso frio aos seus lábios. Relíquias da história horrível de todos os reinos me cercavam, e apenas este homem gelou meu coração.

— Aí está você — disse ele. — Finalmente nos encontramos.

Reduzi a distância entre nós em um único salto. O terror agitava minhas veias, levando o impulso da minha lâmina oscilante. Se meu oponente fosse qualquer outro, meu golpe teria sido certeiro. Eu agi rápido e o teria atingido em um ângulo do qual não havia recuperação.

Minha maior dificuldade deveria ter sido retirar a adaga do aperto obstinado de seu cadáver.

Mas meu oponente não era qualquer outro.

Arin agarrou meus dedos em um piscar de olhos. Sem hesitar, ele torceu meu pulso para o lado.

Engasguei com um grito ao ouvir o osso sendo esmagado. Os meus membros ficaram flácidos em uma explosão de dor. A adaga caiu da minha mão com um estrondo.

Ele me puxou para mais perto, deslizando a mão até o meu cotovelo. A sua respiração tocou minha têmpora. Visto de fora, meu corpo curvado contra o dele, poderia parecer um abraço de amante.

— É só isso que você tem a me oferecer? — ele sussurrou.

Ele me jogou para trás. Bati no armário, e os cacos de vidro caíram ao meu redor. Quando cheguei ao chão, alguns pertences do armário caíram comigo.

Entre eles, o machado.

O vidro estalava sob as suas botas.

— Sylvia de Omal, eu a considero culpada de usar magia contra outra pessoa.

Estávamos pulando a parte das explicações, então. Eu me virei sobre o cotovelo com um gemido e agarrei o machado. Meu ombro, que já doía, estalou sob o peso da arma. Com um grunhido, golpeei as pernas de Arin.

Ele se esquivou, mas não rápido o suficiente. Uma satisfação tomou conta de mim ao ver o corte sangrando em sua coxa esquerda.

Isso durou até ele pisar com força na minha mão. A agonia obscureceu meus sentidos, e o machado caiu do meu punho frouxo.

Mas é claro que ele não tinha terminado. Arin se agachou ao lado da minha cabeça e, na minha lucidez falha, ele era a própria morte, chegando para ceifar minha alma. Para terminar o que o Supremo

começou e destruir a última da linhagem real de Jasad. Eu o agarrei, como um coelho moribundo preso nas garras de um abutre, sem me importar com o vidro quebrado que se cravava cada vez mais fundo na minha pele.

O Comandante jogou um joelho sobre o meu corpo contorcido, prendendo as minhas mãos mutiladas acima da minha cabeça.

Fiquei imobilizada, incapaz de resistir enquanto ele levava a mão enluvada à boca e agarrava o couro com os dentes. Ele puxou cada dedo meticulosamente, e a luva se soltou. Ela caiu sobre meu peito, e minha magia fervilhou, quebrando-se contra minhas algemas.

— Não há mais onde se esconder — ele disse baixinho, e colocou a mão nua na lateral do meu rosto.

Os ossos do meu pulso estilhaçado implodiram sob a tensão insuportável das minhas algemas. Eu estava sendo devorada viva de dentro para fora enquanto a minha magia me atacava, buscando uma saída que não existia. Lágrimas escorriam pelas minhas têmporas, acumulando-se entre os dedos do Arin. O que ele estava fazendo com a minha magia?

Um anel azul sobreviveu nos olhos que ficaram completamente negros. Seus lábios se abriram, seus traços inundados de admiração.

— Como você está escondendo isso? — disse ele, em voz baixa e acusatória. — Eu consigo sentir... como você consegue...

A porta se abriu, quase hesitante, e vislumbrei Jeru empalidecendo antes que Arin rosnasse uma ordem, e outra onda de agonia dispersou os meus pensamentos. Ele estava me esfolando viva com nada mais do que um toque abrasador. Que tipo de crueldade era essa? Que tipo de assassinato?

Um toque suave na minha testa me obrigou a abrir os olhos outra vez. Niphran sorriu para mim.

— Posso ir para casa? — chorei. — Por favor?

Sua pele era feita de fragmentos do sol, seus olhos inconstantes, roubados da superfície do mar.

— Lute.

Eu me contorci fracamente. A mão de Arin se aprofundou, enrolando-se em meu cabelo. Seus olhos estavam vazios, engolidos pela escuridão.

— Eu não posso!

O Herdeiro de Nizahl tinha magia? De que outra forma ele poderia fazer isso?

— Ele está reagindo à sua magia, e isso está roubando sua sanidade — disse Niphran. O sol dentro dela brilhou mais forte, me cegando. — Ele vai te matar se você não resistir.

Afundei na espuma furiosa da minha magia. Ela me golpeava, ficando mais enfurecida a cada tentativa ineficaz de me libertar. Seu toque sugava a minha magia sem nenhuma forma de liberação, deixando-a guinchando sob a minha pele.

— Não resista a quem você é — murmurou Niphran. O sol a engolfou, um inferno branco irrompendo e inundando o quarto com um brilho insuportável. — Essiya.

Eles já levaram o suficiente. Nizahl não destruirá o que sobrou da minha família.

O chão tremeu sob os meus pés. Choveram detritos do armário enquanto os mapas na parede tremulavam descontroladamente. Gritei com mil vozes enquanto algo se desintegrava dentro de mim. Um sussurro de alívio diminuiu a pressão nas minhas algemas, e Arin voou contra a parede do lado oposto do aposento. Ele se segurou antes de bater no chão.

A terra balançou, inclinando o armário para a frente.

Não foi o rosto de Niyar ou Palia que conjurei enquanto o armário rangia, mas a careta de Rory. A risada musical de Sefa. Marek esfregando

a fuligem de seus amendoins torrados e oferecendo um punhado a Fairel.

Alarme passou pela expressão de Arin, agora desprovida de seu delírio. O armário tombou para a frente. Tive tempo suficiente para fechar os olhos antes que algo colidisse com o lado do meu corpo, lançando-me no vazio.



Nadei em círculos na escuridão aveludada do lago. As criaturas dançando ali embaixo eram muito mais intrigantes do que qualquer coisa que me esperasse na superfície.

Acorde, disse um peixe descontente com seis caudas lilás. Ele usava a voz de Rory.

Franzi a testa e nadei em direção a um grande bolti com o nariz austero de Dawoud. *Você não pode dormir mais, Essiya.*

Quem era Essiya?

Comecei a dizer ao bolti Dawoud que ele estava enganado – meu nome era Sylvia, provavelmente –, mas a água entrou em minha boca, sufocando-me. Chutei para cima, alcançando a superfície cintilante e minguante da água. Quase lá. Se eu pudesse apenas alcançar a luz do sol...

Com um suspiro, levantei-me em um salto. Um grito surgiu e morreu na minha garganta. Pressionando a mão contra o coração acelerado, lutei para me acalmar enquanto os meus olhos se adaptavam à penumbra do meu novo ambiente.

O aposento das relíquias havia desaparecido. Este cômodo era menor, contendo apenas um espelho, uma cadeira de balanço e o catre embaixo de mim. Nenhum armário de guerra ou armas. Trepadeiras grossas e musgosas serpenteavam sobre o chão de terra, explicando o cheiro de decomposição úmida. Os muros haviam sido erguidos

diretamente ao redor do chão da floresta. Eu cheirei, procurando por um cheiro de estrume ou ovos podres para determinar minha distância de Hirun, e imediatamente me arrependi. Um odor repugnante me fez engasgar. Se isso era a morte, minha alma não tinha ido para nenhum lugar bom.

Na remota hipótese de ainda estar entre os vivos, levei a mão ao nariz, inalando o ar em pequenas e cuidadosas tragadas. Pelo tamanho das videiras que serpenteavam pelo chão, esse cômodo havia sido construído há muito tempo. Talvez ele tenha gostado tanto de me matar que me levou para um lugar novo para fazer isso de novo.

Estiquei a mão para coçar o ombro e estremeci. Os meus pulsos. O Comandante havia quebrado o direito e esmagado o outro, e eu me lembrava claramente das algemas triturando os ossos de ambos até virar pó. Perplexa, eu os girei. Nada; nenhuma dor. Pelos cabelos abençoados de Baira, eu enfim tinha enlouquecido?

Minhas roupas rasgadas haviam sido substituídas por um simples vestido de linho. A ideia de um dos guardas de Nizahl despindo as minhas roupas enquanto eu dormia me fez ranger os dentes. Lancei um olhar avaliador ao redor do cômodo mais uma vez, procurando por qualquer coisa que pudesse usar como arma.

Como a sua última tentativa bem-sucedida de matar o Herdeiro, Hanim retrucou.

Quem disse alguma coisa sobre tentar matá-lo de novo? As minhas intenções começavam e terminavam em sair daquele cômodo. Virei-me na cama, colocando os pés no chão. Eles pousaram sobre uma superfície bulbosa e elástica. Franzi a testa. Estranho, por que as videiras estariam...

Olhei para baixo e gritei. Minhas pernas recuaram violentamente, batendo meus joelhos contra meu queixo.

Estendido no chão ao lado da minha cama estava o soldado que eu matei.

Um osso de seu pescoço quebrado se projetava da pele cerosa. Insetos corriam pelo corte aberto sob sua barriga. Meu estômago revirou quando seus lábios pulsaram, abrindo-se brevemente quando uma barata escapou para sua bochecha.

Eu já tinha visto muitos cadáveres, mas nunca tão avançados na morte. Que nojo. Ele deve ter sido um pesadelo para os guardas carregarem. Estiquei a perna para pular por cima dele quando algo muito mais perturbador chamou minha atenção.

No peito do soldado havia um doce de gergelim embrulhado.

A porta se abriu. Jeru e Vaun entraram, indo para lados opostos da moldura. Eles ficaram em posição de sentido.

Arin passou por eles. Com o cabelo penteado para trás e o colete meticulosamente amarrado sob o casaco, era difícil imaginar que alguém com tanta compostura tivesse quase me estrangulado até a morte.

Sua atenção encontrou meu rosto e se fixou nele, erradicando a pequena esperança que eu tinha de que talvez o corpo do soldado estivesse nesta sala antes de eu chegar. Arin queria uma reação.

Tive uma fração de segundo para decidir qual delas eu deveria dar. Eu poderia fingir inocência, fingir choque e horror diante do cadáver mutilado e talvez começar a chorar. Eu poderia oferecer ao Herdeiro uma angústia contida e perguntar o que havia acontecido. Todas as opções que considerei fracassaram, porque todas inevitavelmente levavam à mesma consequência: minha morte. Ele havia declarado isso na sala de guerra.

Eu me abaixei e peguei o doce do peito do soldado. Estudei-o entre dois dedos, levando-o ao nariz para cheirá-lo. Sujidade e açúcar.

— Acho que você perdeu isso — eu disse, casualmente.

Nenhuma resposta. Eu poderia muito bem ter falado com uma pedra. Ele queria uma reação? Bem, éramos dois. Joguei o doce no chão. Ele caiu na bota dele.

— Eu não gosto muito de doces.

Vaun deu um passo à frente, com a mão no punho da espada. Jeru agarrou o seu cotovelo.

— Fora. — Arin não levantou a voz nem tirou os olhos dos meus. Vaun, com uma expressão amarga, ajeitou o cotovelo e saiu furioso. Jeru o seguiu, fechando a porta atrás dele.

Estávamos sozinhos.

Mordi o lábio. A vontade de quebrar o silêncio me atormentava, uma relíquia infeliz do meu tempo com Hanim. O silêncio era perigoso. Quanto mais ele ficava quieto, mais inquieta eu ficava. Forcei-me a manter o olhar fixo nele. A escuridão havia desaparecido, substituída por seu azul plácido. Não restava nenhum traço da selvageria que eu havia testemunhado em sua disposição fria. Uma pergunta surgiu e insistiu, forçando-se a ser formulada.

— Fairel está... — Pigarreei. — Fairel está viva?

Arin sentou-se em uma cadeira de madeira de espaldar longo, cruzando o tornozelo sobre o joelho. A sua mão enluvada pendia frouxamente sobre o joelho dobrado.

— Sim — disse ele. O alívio me invadiu, e eu suspirei. Queria insistir mais, perguntar sobre o estado de saúde dela e a sua recuperação. Mas meu afeto por Fairel me mergulhou nesse desastre, e eu não conseguia seguir em frente enquanto ela pesava sobre mim.

Ela estava viva. Raya e as outras meninas não deixariam nenhuma de suas necessidades insatisfeitas. Os aldeões viriam a fortaleza com comida e suprimentos. Apesar de sua apatia em relação a Adel, os aldeões de Mahair sabiam como apoiar os seus. Se ela tivesse morrido nas mãos de seu próprio Herdeiro, a aldeia nunca teria se recuperado. As aldeias mais baixas toleravam muito da coroa de Omal. Matar seus filhos seria a faísca que acenderia a chama do ressentimento.

Fairel seria cuidada. Eu não podia fazer mais nada por ela.

— Como é que eu estou viva?

Ele inclinou a cabeça. O polimento perfeito de sua expressão havia desaparecido, deixando um leve desgosto em seu lugar. Se as suas ações no aposento de guerra serviam de indicação, poucas emoções eram fortes o suficiente para dominar o controle de Arin de Nizahl sobre seu corpo. O que significava que o leve desgosto mascarava um ódio muito mais profundo.

— A sua magia te salvou. Te reconstruiu. Você dormiu por onze horas.

Que conceito absurdo. Minha magia não conseguia nem tirar uma pedra presa na minha bota, quanto mais reparar ossos quebrados e reconstruir pele nova.

Falei sem pensar:

— Minha magia tentou me matar.

Um silêncio tenso precedeu suas palavras cuidadosas.

— Você fala como se a sua magia tivesse vontade própria.

Uma mosca zumbia sobre as entranhas expostas do cadáver. Eu estava sem planos. Se nossos papéis fossem invertidos, sua língua afiada poderia virar a situação a seu favor, tecer redes brilhantes para escapar de seu destino certo. Mas minha própria língua era bruta, sem fluência na linguagem das serpentes. Eu era versada em subterfúgios e fugas, e ele havia provado de forma bastante definitiva que eu não tinha a mínima chance de vencê-lo em nenhuma das duas coisas.

Precisava mudar o rumo das perguntas dele. Expor as minhas algemas e o controle que exerciam sobre minha magia poderia fazer com que o Herdeiro hesitasse por um momento, mas a lei era clara: eu possuía magia, e a sua presença me corromperia, independente de eu exercê-la ou não.

Você não pode mencionar suas algemas. Qualquer informação que você der a esse homem, por mais insignificante que seja, voltará para assombrá-la,

advertiu Hanim.

Pela primeira vez, concordei com ela. Ninguém tinha motivos para acreditar que Essiya de Jasad estava viva. Se Arin *suspeitasse* da minha verdadeira identidade, ele cortaria minha garganta no mesmo tempo que levava para piscar.

— Por que estou viva?

— Ótimo — disse ele. — Você chegou à pergunta certa.

— Você sabia que eu era uma Jasadi no momento em que me conheceu.

— Não faço acusações de forma indiscriminada.

Eu puxava os fios da manta, mantendo a luva dele escondida da minha vista. Não conseguia esquecer o peso dela caindo sobre meu peito, a dor vermelha de sua mão nua.

— Por que não permitir que os guardas do Herdeiro de Omal me matassem no festival? Teria sido justamente merecido, e sua tarefa cumprida com eficiência.

Uma solução mais perfeita não poderia ter se apresentado. No entanto, ele me bloqueou antes que eu desse um passo em direção a Felix. O preço da magia era minha cabeça. Que diferença fazia qual espada a cortaria?

— Seu destino está em minhas mãos. Não na guarda desajeitada daquele vagabundo — disse ele. Seu olhar encontrou o meu. — Não nas suas.

Fiquei com uma sensação de calor escaldante, depois de frio. Ele achou que eu tinha derrubado o armário de propósito?

— Satisfaça a sua arrogância, então. Você é meu árbitro para a vida após a morte. Acabe com isso de uma vez por todas.

— Seu domínio infantil das suas emoções não lhe trouxe nenhum crédito. Eu poderia ter visto você morta mil vezes desde que cheguei, mas aí está você, insolente como sempre.

Eu me desloquei para o lado oposto do catre. O arranhão espesso das vinhas sob meus pés foi uma substituição bem-vinda pelo corpo do soldado, e me levantei.

Arin não reagiu quando me aproximei. Por que ele reagiria? Meu cabelo caía pelas minhas costas em nós desgrenhados, e eu estava perdida nesse vestido que parecia um saco. Eu era realmente a filha de Niphran. A louca da torre dá à luz a louca da floresta. Seria muito fácil para ele bloquear um ataque. Colocar a bota na minha garganta e pressionar.

— Você poderia ter me visto morta mil vezes, mas não viu.

Se eu fosse o Comandante de Nizahl, o que me manteria em uma obscura aldeia Omaliana para caçar uma Jasadi impotente por tanto tempo? Que benefício eu poderia obter preservando a vida dela?

O jogo dele era deliberado, livre das armadilhas incendiárias da emoção.

Antes de chegar a Mahair, os rumores situavam Arin em Gahre. Se ele tivesse encontrado o corpo do soldado, então devia estar viajando para o sul, ao longo de Hirun. Ao longo dos limites das aldeias mais baixas.

Pensei no inexplicável gabinete de relíquias de guerra, a léguas de distância da Cidadela. Nosso primeiro encontro... os guardas não mencionaram a libertação de alguém? As camadas se entrelaçaram e me atingiram com tanta clareza que coloquei a mão na parede para me apoiar.

— Isso não tem nada a ver comigo, tem?

Eu ri, o som estridente e excessivamente alto. Eu tinha entrado no jogo dele como Essiya, uma garota que merecia tanta atenção do Herdeiro de Nizahl. Mas Sylvia não era nada. Não havia nenhuma razão lógica para que o próprio Comandante do exército de Nizahl dedicasse sua energia à minha captura.

A verdade está sempre nos primórdios, murmurou Hanim. *Qual é a verdade básica dele?*

Arin de Nizahl treinou milhares de soldados para identificar e combater os Jasadis. As árvores marcadas por corvos, as patrulhas e os julgamentos eram a sua prerrogativa. Enquanto o Supremo apenas conquistava e matava, o seu Herdeiro transformou o poder de Nizahl em um domínio político sobre os outros reinos.

Duas obrigações poderiam expulsar o recluso Herdeiro de Nizahl de seu reino: escolher um Campeão para Alcalah e caçar uma ameaça Jasadi de extremo perigo. Presumi que a obrigação errada o trouxera até ali.

— Há outro Jasadi. Talvez um grupo — eu disse. Aos poucos, as peças se encaixaram. Eu não conseguia acreditar em como tinha sido estúpida. — Você usou o disfarce de escolher um Campeão para caçá-los sem ser detectado. — Os mapas abundantes se acumulavam no aposento de guerra, cobertos de linhas e rabiscos. — Você está atrás *deles*... eu sou apenas conveniente.

Aproximei-me. Uma manada de veados atropelou o meu peito, alertando-me: *Você não aprendeu nada?* Mas se as minhas suspeitas estivessem certas, eu não tinha nada a temer. Ainda não. Inclinei-me para o espaço do Comandante, agarrando os braços de sua cadeira. Olhei para ele, arrepiando os cabelos em sua têmpora com minhas palavras.

— Estou viva porque você precisa de mim, não é? — perguntei, aproximando-me o suficiente para contar os seus cílios prateados. — E você está *furioso*.

Arin sorriu, puxando sua cicatriz com força.

— Até que enfim.

CAPÍTULO 9



Arin se levantou. Recuei, tropeçando na borda do tapete puído, mas ele passou por mim.

Ele se ajoelhou ao lado do soldado. Um dedo enluvado de preto bateu na garganta do cadáver.

— No começo, fiquei intrigado. Um pescoço quebrado, uma coluna partida e uma facada dissimulada de quinze centímetros numa zona do tronco com músculos espessos. Que excesso. Com que finalidade?

Cruzei os braços sobre o peito. Será que ele queria me enervar ou me bajular?

— O que eu não questionei foi o uso de magia no assassinato. Somente um Jasadi teria a capacidade de estripar e quebrar as costas de um soldado experiente. — Arin moveu a mão para o colete do soldado. Ele enfiou a mão no bolso. — E então encontrei isto.

Arin abriu a palma da mão, revelando fios emaranhados de cabelo preto e encaracolado.

Não é qualquer cabelo. Pelos ossos empoeirados da Dania, aquele javali Nizahlano morreu com um punhado do meu cabelo.

Meu couro cabeludo ardeu com uma dor fantasma. Depois que eu o mordi, ele não tinha usado o cabelo para me jogar para longe? Eu tinha visto os fios presos em seu punho, mas presumi que ele os tivesse deixado cair. Quando ele teve a chance de colocá-los em seu colete? Por que ele faria isso?

— Quando a derrota se torna uma possibilidade, os soldados Nizahl são treinados para coletar evidências de seu assassino. — Arin

virou a palma da mão. Os fios flutuaram sobre o peito do soldado. — Eu estava procurando uma Jasadi com cabelos negros, longos e cacheados, e uma predileção por doces de gergelim. E quem eu vi no rio, falando Resar sobre um Jasadi morto?

A *única* vez que tentei ser gentil...

Você não estava sendo gentil. Achou que isso me tiraria da cabeça, Hanim bufou.

— E então? Não me deixe em suspense. — Saber que ele não tinha planos imediatos de me matar ajudou muito a soltar a minha língua.

O canto da boca de Arin se contorceu. Como devo ter parecido patética para ele. Como um inseto correndo tão rápido de um sapato que se aproxima que tropeça de costas, braços e pernas se contorcendo no ar.

— Você é anormalmente forte. Mente bem o suficiente para enganar uma vila inteira. Apesar das suas tentativas de provar o contrário, acredito que possui uma mente ágil. — Ele se ergueu em toda a sua altura, e a mudança foi inconfundível. Esse era o momento que ele havia previsto quando os guardas de Felix apontaram suas espadas para nós. A encruzilhada que ele já havia percorrido e planejado.

— Você treinará e servirá como a minha Campeã para o Alcalah. Quando terminar as provas, a liberdade será sua.

Minha respiração ficou presa. Devo ter ouvido errado.

— Liberdade? — mal consegui pronunciar a palavra.

— Eu não vou te caçar. Cada vila em cada reino te aclamará como a Vitoriosa de Alcalah e te oferecerá lar e abrigo. Você receberá uma comitiva de guardas pelo resto dos seus dias, e lhe oferecerão mais riqueza do que você pode gastar em dez vidas. — O sotaque Nizahlano se alongou enquanto ele falava. — Eu te ofereço uma nova vida.

Eu mal ousava acreditar. Jamais precisaria abandonar essa identidade. A fama de Sylvia como a Vitoriosa de Alcalah garantia a eliminação definitiva de Essiya. Afinal, seria impensável que a Campeã

sob a bandeira de Nizahl fosse também a Herdeira morta do reino que Nizahl brutalmente arrasou. Que riqueza e liberdade poderiam superar tal lealdade.

De quem seria esse sangue tão frio?

— Você deve estar realmente desesperado para pegá-los — eu disse —, se está disposto a me oferecer isso.

As infinitas possibilidades se estendiam diante de mim. Eu poderia retornar a Mahair com dinheiro suficiente para comprar a loja de Rory e uma casa própria. Alimentar os protegidos de Raya e cuidar de Fairel. Eu poderia comprar um cavalo – um estábulo cheio deles – e levar Marek aos lugares que ele sonhava em visitar. Viver aventuras com Sefa.

Eu poderia visitar Jasad.

Não existe Jasad, disse Hanim asperamente. *Por que você iria visitar as Terras Arrasadas?*

Foi um tapa da fria realidade. Hanim tinha grande prazer em me contar sobre a guerra entre Jasad e Nizahl. Quando a maré da guerra virou a favor de Nizahl, Hanim desenhava runas frenéticas aos nossos pés. A poeira rodopiava no ar e se fundia em imagens em movimento da guerra. A centenas de quilômetros de distância, vimos as chamas carbonizarem os grandes pilares do palácio. Crianças eram arrancadas de suas camas aos gritos enquanto cascos de cavalos trovejavam em wilayah[13] após wilayah.

— Como posso confiar na sua palavra? — perguntei. — Você só precisa fazer um gesto em minha direção após o término dos testes, e uma dúzia de seus homens estará sobre mim.

— Você está sugerindo que eu ordenaria a execução da nossa Campeã depois que ela conquistasse a vitória de Nizahl? — perguntou ele. — Que eu desonraria meu reino ao revelar que nossa Campeã é uma Jasadi e admitir que permiti que uma abominação representasse o nome

de Nizahl?

Ele deu de ombros.

— Tudo é possível, eu acho.

Arin pegou uma fita dourada do travesseiro. Ela deve ter caído do meu cabelo enquanto eu dormia. Ele deslizou a tira de ouro entre os dedos.

— Permita-me lhe poupar mais tensão e responder à sua próxima pergunta. O que a impede de fugir? Nenhuma supervisão é perfeita. Você poderia muito bem decidir abandonar o incômodo do teste e simplesmente desaparecer.

Desta vez, foi ele quem diminuiu a distância entre nós. Ergueu os braços e fez uma pausa. Estava me dando uma oportunidade de me preparar contra o instinto de recuar.

A irritação com o seu comportamento contraditório fervilhava. Arin me daria aos lobos sem um segundo de arrependimento, mas não ultrapassaria os limites do meu corpo.

Juntando as longas madeixas do meu cabelo com as luvas, ele disse:

— A decisão é sua, suraira. Não serei o seu guardião. No entanto, Sayali e Caleb podem ter um interesse maior na sua participação. — Ele entrelaçou os meus cachos com destreza. A fita de seda deslizava pela parte de trás do meu pescoço recém-libertado.

Suraira?

Eu não conseguia me concentrar com ele tão perto. Os meus músculos estavam tensos, preparados para o ataque.

— Nunca conheci uma Sayali ou um Caleb — consegui dizer.

Ele riu baixinho.

— Minhas desculpas. Você os conhece por outros nomes. — Ele terminou de amarrar o meu cabelo. Uma pressão aveludada de couro no meu queixo guiou o meu olhar para o dele. Mais frustrante do que as manobras distorcidas da mente de Arin, era sua beleza abandonada

pelos Awaleen. Tentar ignorá-la de tão perto era como encarar o sol e fingir não sentir o cheiro dos olhos queimando. Cataloguei cada faceta dele como se estuda a agudeza e o formato da foice do carrasco. Os contornos fortes do maxilar, a linha elegante do pescoço. Eu queria desfazer aquela bela ilusão e revelar a fera que vira no aposento de guerra.

— O Sumo Conselheiro da Cidadela procurou por muito tempo sua enteada e o seu amante loiro depois que o deixaram para morrer e esvaziaram os seus cofres. Se a sua localização fosse revelada a ele, imagino que seriam enforcados por seus crimes. Mutilar e roubar um Sumo Conselheiro é punível com nada menos do que isso. Eles nem precisariam levar em conta a deserção do amante dela do exército.

Meus olhos se estreitaram. Eu não tinha a mínima ideia do que ele estava falando. Eu não me associaria a nenhum Nizahlano, muito menos a fugitivos. Abri a boca... e fiquei completamente imóvel.

Se você espera acender uma chama de medo em mim, chegou tarde demais... Antes que isso chegue a uma corte, eu a seguiria prontamente para a morte.

Cravei as unhas nas palmas das mãos.

— Sefa.

Seu "amante" loiro não podia ser outro, senão Marek. Eu não questionara a história deles? Não me perguntara sobre o conhecimento específico de Marek sobre os costumes de Nizahl? Para ser justa, nem mesmo os limites mais remotos da minha imaginação poderiam ter conjurado a possibilidade de Sefa ser enteada do Sumo Conselheiro do Supremo.

— Você colocaria a vida deles em função da minha obediência?

Como uma pedra na superfície de águas calmas, a eficiência brutal de seu plano me atingiu como uma onda. Se eu fosse embora, ele levaria Sefa e Marek para Nizahl para responderem por seus crimes. Crimes que

eu duvidava que tivessem qualquer base na verdade. Sefa chorava ao ver cães vadios mancando e ensinava as meninas em nossa fortaleza a trançar o cabelo. Ela não brutalizaria e roubaria sua família. Marek... Marek poderia, mas não sem um motivo.

Se o Sumo Conselheiro fosse parecido com o Supremo, acorrentaria as suas carcaças nos portões da Cidadela. Sua carne seria um banquete para os carniceiros.

Uma miragem parada à beira do rio, uma mão nua estendida para a minha. Uma decisão impossível. E assim como eu estava presa naquele momento, agora estava totalmente encurralada.

— Centenas de vidas dependem da sua obediência — respondeu Arin. — São duas entre muitas. A sua está entre elas. Se você não triunfar na Alcalah, a proteção que lhe é concedida como Campeã desaparecerá. Felix é um homem orgulhoso. Não haverá segurança para você em lugar nenhum de Omal. Se alguma patrulha a capturar em outro reino, Felix terá o direito, como o seu verdadeiro Herdeiro, de arrastá-la para julgamento em suas cortes. — Ele não precisou terminar. Nós dois sabíamos que Felix jamais me permitiria viver o suficiente para ser julgada depois que eu o esfaqueei na perna e o humilhei.

Havia mais. Tinha que haver. Uma dúvida pairava teimosamente em minha mente.

— Por que eu?

Ele se afastou, libertando-me de seu estranho feitiço. Um momento de silêncio se passou e eu cerrei os dentes. Outro exemplo de informação que ele considerava privilégio só dele. Ele preferia me manipular para onde queria, me deixar presa em meias verdades e suspeitas.

— Você foi uma escolha do destino, não minha. Enquanto eu caço os Jasadis que massacraram uma legião de inocentes de Orban a Lukub, eles caçam você.



Depois que Arin saiu, os guardas me vendaram e me conduziram para fora do cômodo. Agucei os ouvidos em busca do murmúrio do rio ou do estrondo das carruagens, qualquer sinal de nossa localização. O farfalhar das folhas sob os meus pés não me deixava muito com o que trabalhar. O ar fresco substituiu o odor fétido da decomposição, e me perguntei quem ficaria com a miserável tarefa de enterrar o soldado deteriorado.

— Vamos demorar muito? — reclamei. Caminhar às cegas à mercê dos guardas Nizahl estava me dando nos nervos.

Um deles suspirou.

— Não muito.

— Não a mime — respondeu o outro. O careca? — Tronco. — Eles me empurraram para a esquerda.

— Você o viu, Wes — disse Jeru, na defensiva. — Nunca vi nosso suserano em tal estado.

Tentei diminuir minha presença. Eles falavam como se tivessem esquecido que eu estava entre eles. Fiquei curiosa para ouvir o que tinham a dizer na ausência de seu mestre.

Uma pausa significativa, então:

— Eu já. Já o vi em um estado semelhante, quero dizer. Fui nomeado para a sua guarda quando ele tinha dezesseis anos.

Pelo visto, isso significou algo para Jeru, porque ele esbarrou em mim.

— Achei que só o Vaun estava presente naquele momento.

— Vaun está ao seu lado desde que ambos tinham idade suficiente para empunhar uma espada. Eles eram amigos muito antes de Vaun se tornar o seu guarda. Eu também estava lá quando aconteceu.

"Você deveria acreditar mais no nosso Herdeiro — continuou Wes,

severo. — Acreditar que ele é capaz de tal coisa...

Perplexa, enquanto tentava entender o que poderia ter acontecido com Arin aos dezesseis anos, levei um segundo para entender.

— Ai, céus, você achou que a *luxúria* dominou o seu Herdeiro? — A simples ideia do gélido Herdeiro de Nizahl permitindo que um desejo físico superasse o seu controle implacável me fez rir.

— Ele estava em cima de você. O erro poderia ter sido cometido por qualquer um — disparou Jeru. — Wes tem razão. Eu deveria ter imaginado.

Não consegui me conter. Irritar os homens Nizahlanos era simplesmente divertido demais.

— Você está chamando seu Comandante de frígido? — Estremeci com o aperto resultante no meu braço.

— Você ultrapassou os seus limites — Wes cuspiu.

Os acontecimentos dos últimos dois dias me levaram ao delírio.

— Então redesenhe os limites, soldado. Não ouviu? Eu sou a sua Campeã. As regras mudaram. Não, elas desapareceram. — Eles me levantaram outra vez. Os saltos dos meus sapatos de couro de bezerro emprestados roçaram o topo espinhoso de um arbusto.

Os sinais farfalhantes da natureza se dissiparam em um silêncio sinistro. Nossos passos mudaram, adquirindo um eco.

— Se isso te traz alívio, Jeru, Wes está certo — eu disse. Distraída, arrastei os calcanhares, perplexa quando o couro de bezerro deslizou sem se prender em terra solta ou poças. O terreno havia se tornado plano e liso. Semelhante às estradas que levavam às cidades altas de Omal. Onde estávamos?

— Seu Comandante dificilmente foi movido pela paixão, embora eu suponha que sentir minha magia tenha mudado isso. — Sua reação febril ainda pairava no cofre de perguntas sem resposta. Como a disciplina mais rigorosa poderia se transformar em tamanha mania? O espectro de

Niphran dissera que ele estava reagindo à minha magia. Seria uma anomalia de nascença? Como algumas crianças pressentem a morte ou uma tempestade se aproximando... era assim que ele pressentia a magia?

Mas então, por que a minha magia reagiu ao seu toque?

Jeru e Wes ficaram tensos. Continuei, imperturbável. Se eles já não soubessem que eu era uma Jasadi, logo descobririam a verdade.

— Acho que ele ficou irritado por eu ter tentado esfaqueá-lo.

Wes engasgou.

— Você *o quê*?

— Ah, não se preocupe. Ele me desarmou imediatamente. O máximo que consegui fazer foi acertá-lo de raspão com o machado.

— Raspão — repetiu Jeru, vários decibéis acima do seu registro normal. — É um milagre você ter sobrevivido tanto tempo.

— Você não tem ideia — eu disse. — Onde estamos?

A venda caiu. Afastando o cabelo do rosto, observei os arredores. Estávamos parados no centro de uma clareira entre quatro árvores imponentes. Virei-me devagar, sentindo um desconforto percorrer-me a espinha com a simetria anormal. A chuva nos perseguira assim que começamos a andar, mas estávamos completamente secos naquele bolsão de espaço. A chuva batia numa barreira invisível no topo das árvores e escorria pelas paredes invisíveis.

Girei no vazio, buscando a chuva que não caía. Extraordinário. Para que uma esfera de proteção se entrelaçasse com tanta perfeição na trama da floresta, uma dúzia de Jasadis deviam ter reunido sua magia.

Eu não reconheci o que nos cercava. Se tivesse dormido de verdade por onze horas, eles teriam tido tempo de me tirar completamente do território Omaliano. A maior parte de Essam não era reivindicada por nenhum reino.

— Se você já terminou — disse Wes. — Afrouxe os músculos e contraia os joelhos.

Eu já tinha ouvido essas instruções antes, geralmente logo antes de Hanim me empurrar de um penhasco. Lancei um olhar interrogativo para Jeru. Ele apontou para os meus joelhos.

O chão desmoronou sob nós e eu caí direto.

Aterrissando nos calcanhares, tossi com a explosão de poeira. Os guardas caíram no chão suavemente.

Ele queria me treinar no subsolo? Pelo sopro abençoado de Baira, eu precisaria de um milagre esta noite. Cada minuto que passava tornava minhas perspectivas de fuga cada vez mais improváveis.

Não que isso importasse. Improvável ou não, eu não planejava passar uma única noite nesta... sepultura viva. Eu tinha uma relação complicada com a sorte, mas depois dos últimos dias, ela estava em dívida comigo.

Eles me conduziram por uma série complexa de túneis. Os corredores se estreitavam à medida que andávamos, até que precisei abaixar a cabeça para não roçar o cabelo no teto. O ar estagnado fazia cócegas no meu nariz. Azulejos de alabastro cobriam as paredes, cujas bordas emanavam uma luz iridescente. Passei os dedos pelos azulejos brilhantes com um certo espanto. Havia evidências de magia por toda parte. A quem pertenciam aqueles túneis? Nem mesmo os wilayahs mais ricos de Jasad teriam despendido a quantidade de trabalho e dinheiro necessária para construir tudo aquilo sob Essam. Uma rede subterrânea dessa escala estava além de suas excentricidades.

No momento em que comecei a pensar que o objetivo era me sufocar, o corredor terminou na soleira de uma imponente porta prateada. Ao longo da moldura redonda da porta, havia letras douradas intrincadas, entrelaçadas umas às outras. A escrita era... Resar? Olhei para as letras, tentando decifrar alguma palavra. Eu não suportava esse estilo de escrita Resar, em que as palavras eram escritas para parecerem elegantes e, como tal, tornavam-se quase ininteligíveis.

Antes que eu pudesse decifrar mais do que a palavra "*nahnu*" Jeru e Wes estenderam os punhos em uníssono e bateram duas vezes. Um grito agudo soou quando a porta se abriu.

Quando hesitei na soleira, Wes cutucou meu braço.

— Vá em frente.

Com um medo pesado, atravessei a porta. A visão que me acolheu quase me fez cair de joelhos.

Bem acima de nós, um teto de vidro rodopiava com nuvens fofas. Elas moviam-se ao redor de um vento invisível, flutuando a meio caminho de cada lado da enorme sala, onde um pátio verdejante e animado ultrapassava as paredes. O pátio de Usr Jasad.

Cada detalhe do palácio havia sido capturado. Sete pilares dourados erguiam-se em direção às nuvens, sustentando o toldo que contornava a fachada do magnífico palácio. Abaixo deles, a escadaria se estendia por quase quatrocentos metros de largura, com um corrimão no primeiro pilar e o segundo no último. Chamas prateadas dançavam sob os degraus translúcidos, seguindo os passos dos que subiam. Eu havia passado incontáveis horas correndo por aqueles degraus, tentando escapar das chamas. Guardas uniformizados de Jasad patrulhavam ao pé da escada. No pátio em frente à Usr, crianças perseguiam um coelho que saltava no ar, fora de seu alcance limitado.

À sombra de uma figueira, Niyar folheava seu livro. Palia estava nos degraus do palácio, observando-o com as mãos na cintura.

As cenas eram vivas. Como se eu pudesse estender a mão para acariciar o coelho ou colher um figo maduro dos galhos pendurados.

A miragem oscilou quase imperceptivelmente. O polegar de Niyar parou na página; os braços das crianças piscaram e desapareceram. Um piscar de olhos, e a cena recomeçou. Um momento perfeito, em loop infinito.

— Estes túneis foram descobertos um ano antes do cerco.

Acreditamos que foram construídos como uma escola para Jasadis talentosos durante o reinado de Niyar e Palia — disse Jeru. — Para aqueles cuja magia os tornava candidatos promissores para o exército Jasad.

O queixo de Palia se ergueu diante de algo – uma brisa, o canto de um pássaro, o riso das crianças – e as rugas permanentes em sua testa se suavizaram por um breve instante. Meu coração se apertou. Nunca pensei que veria minha avó outra vez.

Um tapete macio substituiu a terra solta, absorvendo os nossos passos. Permiti-me lançar outro olhar demorado ao espectro do meu avô. O seu anel real refletia a luz do sol, o kitmer dourado brilhando em seu dedo. Lutei para não me virar quando saímos para o salão.

— Este quarto é seu — disse Wes, gesticulando para uma porta indistinguível das outras doze que se alinhavam no corredor. — A cozinha fica ao virar da esquina, três portas depois do banheiro. Você se apresentará ao centro de treinamento ao raiar do dia. Há apenas uma saída, e ela é monitorada. Alguma pergunta?

Várias, mas comecei com:

— Como você acha que eu vou ver o raiar do dia em um quarto subterrâneo sem janelas?

Wes olhou para Jeru. Sua boca se apertou.

— Sua... espécie. Tem sintonia com a natureza.

Assenti, sombria.

— Claro. Na maioria das manhãs, o sol, na verdade, eu a chamo de Beatrice, toca o meu ombro e me convida para tomar chá com ela e as montanhas. Ela é bastante fofoqueira. Tragicamente, porém, não sei quão bem minha "sintonia" resistirá a várias camadas de terra e pedra.

A tosse que Jeru abafou com o punho parecia suspeitosamente próxima de uma risada. Se Wes azedasse ainda mais, eles poderiam espremê-lo sobre um caldo.

— Alguém virá buscá-la — disse ele.

— Excelente. — Abri a pesada porta com o ombro, tossindo por causa da nuvem de poeira resultante. O quarto era sem graça, superficial: paredes em ruínas e pisos nus, com um frio constante, e uma mesa circular perto do guarda-roupa com duas cadeiras de madeira robustas. Minhas costas doíam só de olhar para a cama estreita no centro do quarto.

Jeru e Wes permaneceram do lado de fora da porta.

— Recebemos instruções para não entrar em seus aposentos em hipótese alguma — explicou Jeru. — Para o seu conforto.

Meu conforto, que se traduzia aproximadamente como "não há guardas no quarto, então Vaun não pode te sufocar enquanto dorme".

— E se eu estiver morrendo?

— Por que você estaria morrendo?

— Talvez um inseto tenha entrado na minha garganta. Estou sufocando, com espuma na boca. Vocês vão assistir da soleira da porta?

— Sim — disse Wes. — Tente não engolir nenhum inseto.

Cheirei os lençóis, aliviada por não conseguir detectar o cheiro enjoativo de mofo. Como eu os lavaria? Como tomaria banho? A menos que os soldados pretendessem transportar bacias para meu uso diário. Imaginei Vaun jogando a água do meu banho em seu uniforme e me senti animada por um segundo.

Os guardas saíram, fechando a porta atrás de si. Desabei na cama irregular, com o maxilar doendo por esconder minha tensão daquelas cobras Nizahlanas. Eu havia memorizado os nossos movimentos enquanto caminhávamos pelo complexo, mas não fazia ideia de como sairia quando chegasse à saída. A queda era de quase dois metros e meio. Mesmo se eu conseguisse fugir, para onde iria? Não tinha a menor ideia de para onde em Essam eles me levaram. Nizahl mantinha a sua vigilância sobre os reinos, mantendo centenas de locais secretos

espalhados por Essam. A maioria estava desocupada, mas sem saber ao certo onde ficavam os locais e quais estavam ativos, os reinos foram compelidos a se comportar. Eu poderia correr diretamente para uma fortaleza Nizahlana movimentada assim que fugisse.

Uma parte de mim se perguntou se não seria mais prudente permanecer no complexo até que uma forma mais razoável de fuga se apresentasse. Imediatamente, descartei a possibilidade. O Herdeiro de Nizahl alegou que precisava de mim para competir no Alcalah e capturar aqueles misteriosos grupos Jasadi, mas eu duvidava muito que ele me tolerasse viver as seis semanas entre agora e o banquete de abertura dos Campeões. Assim que Arin encontrasse uma solução que não exigisse a minha existência contínua, ele se livraria de mim com a mesma brusquidão eficiente de um capitão decapitando um cavalo de guerra aleijado. E se ele descobrisse que eu já fui Essiya de Jasad... Estremeci.

Eu não depositaria a minha vida em uma promessa do Herdeiro de Nizahl. Sefa e Marek ficariam bem. A essa altura, eu tinha certeza de que eles já haviam deixado as suas vidas em Mahair e fugido. As ameaças de Arin contra eles não se cumpririam.

Tirei os sapatos, fazendo uma careta ao ver seu estado de desgaste. Mal serviam para fugir pela floresta. E, se fosse para acreditar em Arin, não era apenas dele que eu estaria fugindo. Esses misteriosos grupos Jasadi que estavam "me caçando" também estariam me perseguindo. Aqui estava o problema: eu não acreditava nele. Por que um grupo Jasadi estaria interessado em mim? Exceto por algumas exceções recentes, eu não tinha magia, e apenas Rory sabia meu nome verdadeiro. Arin queria me usar como isca, quando minha proximidade com esses Jasadis era mera coincidência. Supondo que eles tivessem descoberto que eu era uma Jasadi, duvidava que o interesse deles fosse mais do que passageiro. Ele provavelmente exagerou a ameaça apenas para me desencorajar a fugir.

Decidida, vesti as roupas que haviam deixado. As costuras estavam esticadas; elas obviamente foram feitas para acomodar uma mulher de dimensões mais diminutas. As calças foram projetadas para ficarem folgadas no corpo de quem as usasse, então me serviam bem, mas não eram desconfortáveis. Arranquei as mangas apertadas dos meus braços e as usei para prender meu cabelo em um coque alto. Eu não teria tempo para desacelerar por causa de galhos prendendo na minha trança.

As cores trouxeram o gosto de cinza à minha língua. Preto e violeta. Eles me vestiram com as cores de Nizahl.

Por que não fariam isso? Você é a marionete do comandante agora. Ele pode fazer com você o que quiser, disse Hanim.

— A vontade dele é forte. Sempre é, nos hipócritas — eu disse para o cômodo vazio. As paredes cinzentas ecoavam as minhas palavras vazias. — Mas a vontade dos condenados é ainda mais forte.

CAPÍTULO 10



Seis horas. Seis horas agonizantes eu esperei, com o ouvido colado à porta. Escutei os padrões das patrulhas deles. Saí para me aliviar no meio do caminho e me deparei com um corredor vazio. Eu quase saí naquele momento, mas encontrei o quarto guarda na curva.

— O banheiro fica na direção oposta — ele disse.

Eu não ouvia passos há quarenta minutos. Pela minha melhor estimativa, era madrugada. Talvez o guarda responsável por patrulhar meu quarto tivesse adormecido.

Com uma série de desculpas na ponta da língua, abri a porta. Silêncio. Uma espreitadela no corredor confirmou minha esperança: os guardas haviam ido embora.

Desamarrei uma das mangas rasgadas do meu coque e a enrolei nos nós dos dedos. Eu odiava não ter a minha adaga. Mesmo assim, qualquer coisa podia ser uma arma nas mãos certas, e aquele comprimento de manga estrangularia um guarda com pelo menos metade da eficácia de uma corda.

Mantive-me colada às paredes. O silêncio do complexo me enervava. Décadas de poeira rodopiavam no ar estagnado e faziam cócegas no meu nariz. O fundo da minha garganta coçava com um espirro.

Levantei dois dedos e os pressionei contra o canto interno dos olhos. A vontade de espirrar diminuiu. Soraya me ensinou o truque alguns dias depois de se tornar a minha assistente. Ela me pegou saindo do Usr, com o kahk[14] açucarado enfiado nos bolsos e os sapatos

abandonados para ir brincar em Hirun. Em vez de me repreender, Soraya colocou os meus cachos atrás das orelhas e disse, com um sorriso conspiratório:

— Da próxima vez que você tentar escapar de Urs, me leve com você.

Quando a fortaleza caiu, Soraya foi queimada em Usr Jasad. Dawoud também.

E em vez de ressurgir das cinzas para salvar o resto do seu povo, você se escondeu, Hanim incitou.

Entrei no centro de treinamento com mais força do que o necessário. Evitei com cuidado as imagens em movimento dos meus avós e o seu palácio nas paredes. Por que eu devia mais a Jasad do que a Adel ou a qualquer outra pessoa? Eu não conseguia acessar a magia que nos diferenciava do resto dos reinos. Eu havia vivido fora de Jasad por mais tempo do que dentro dele. Eles não tinham direito à minha proteção ou à minha vida só porque eu havia nascido na linhagem errada.

Na metade da travessia dos tapetes, um brilho na minha visão periférica me fez parar. Um baú de madeira gravado, quase do tamanho da minha cama, ocupava a parede esquerda.

Dei uma olhada rápida no centro de treinamento vazio.

Apoiei o ombro na tampa e puxei. Com um clique suave que soou como um rugido aos meus ouvidos nervosos, o baú se abriu. Um verdadeiro arsenal ocupava o espaço lá dentro. Lanças de arremesso, lanças de caça, dardos, bestas, três tipos de machados e todos os tipos de espadas e adagas conhecidos pelo homem.

Uma semelhança ficou clara à medida que eu examinava. Essas armas pertenciam a Jasad. Todos os seus cabos ostentavam algum aspecto do kitmer, desde a cabeça de falcão no corpo felino até as asas douradas. O Herdeiro de Nizahl pretendia me treinar como Campeã de Nizahl usando as armas de Jasadi.

As minhas algemas apertaram e as minhas unhas se cravaram na madeira diante da comédia doentia daquilo tudo. Um Jasadi normal se recusaria a levantar uma arma forjada por ele em nome do inimigo, mas a *Herdeira* de Jasad? Essiya preferiria ter morrido a humilhar toda a sua família de forma tão espetacular.

Olhei para os meus punhos e afastei da cabeça o espectro da Herdeira de Jasad. Ela *havia* morrido, em todos os sentidos.

Enfiando as duas adagas na bota, deixei o baú de armas aberto e corri para a porta prateada. Jeru e Wes bateram ao mesmo tempo. Bati com os nós dos dedos e parei. A porta não reagiu.

Joguei meu peso contra ela. A parte inferior raspou contra a pedra, rangendo a cada centímetro que eu empurrava para abri-la. Sutil.

Não desperdicei minha vantagem esperando para ver se alguém ouvia. Entrei no corredor estreito e corri. Pelo trono escamoso de Kapastra, como alguém poderia viver voluntariamente nesta tumba?

Você amoleceu em Mahai, Hanim ralhou. *Escute só, ofegante depois de uma corridinha!*

Por fim tropecei no local onde havíamos descido para o complexo. A luz vazava pelas bordas de um círculo no teto de terra. Alto demais para pular. Procurei uma corda, um ponto de apoio, qualquer coisa que pudesse usar para escalar. Nada além de terra esfarelada.

A frustração uivava quanto mais eu procurava. Era assim que eles me pegariam. Não me esquivando deles com habilidade e esperteza em Essam, mas em um beco sem saída, como um rato com a cabeça enfiada em um buraco. Puxei uma das adagas da minha bota e golpeei a parede. Ele havia me prendido em Essam, assim como Hanim. Planejava me usar, assim como Hanim. Eu queria rir; quem poderia imaginar que o Comandante Nizahl e a Qayida de Jasad tinham tanto em comum?

Golpeei a parede com minha adaga outra vez. A lâmina cravou na pedra, resistindo ao meu puxão. Sério? Quase usei a segunda adaga para

esfaquear a primeira, até que a inspiração me atingiu com a força de um touro raivoso.

Meu acesso de raiva me fez perder uma adaga, mas também criou um ponto de apoio.

Verifiquei a firmeza da adaga na parede e puxei a outra lâmina da bota. Recuei, avaliando a distância entre o chão e a adaga. Então corri para a frente e saltei.

Minha bota direita prendeu o cabo da lâmina. Torci meu corpo e balancei minha outra adaga, usando meus segundos de vantagem para apunhalar o centro do círculo. A terra se desintegrou. A luz da lua inundou a abertura.

Cheguei ao chão com um sorriso. Quase lá.

Guardei a adaga livre na bota e dei outro salto correndo. Dessa vez, não me virei. Estiquei os braços para cima até que as minhas mãos encontraram a borda do círculo. Fiquei pendurada no ar, grata por ter tido a precaução de libertar os meus braços da restrição das mangas. Grunhindo, contraí os músculos do estômago e puxei a cabeça e os ombros através do círculo. Agarrei o chão, puxando o resto do meu corpo para fora e para a terra firme.

Com um bufo triunfante, chutei a terra para dentro da abertura. Escapar daquele complexo amaldiçoado era o mais perto de uma experiência de parto que eu jamais pretendia chegar. A lua brilhava com intensidade, passando pelos galhos nus que farfalhavam acima. A única testemunha do meu feito impressionante.

A estranha bolha de proteção entre as quatro árvores simétricas não resistiu quando a atravessei. Assim que a atravessei, o vento insuportavelmente frio me castigou. A escuridão se espalhava em todas as direções para onde eu olhava.

Cada fio de cabelo da Raya ficaria branco se ela me visse. O simples fato de olhar na direção da floresta à noite a assustava, e ali estava eu.

Devorada pela escuridão.

Comecei a correr para o leste. A cada passo, a preocupação superava a minha alegria. Se Arin não tivesse me transportado através de Hirun, eu estaria correndo na direção das montanhas. Caso contrário, o leste seria minha melhor chance de localizar o rio.

Flexionei os pulsos e saltei sobre um lago do tamanho de uma vaca. Por que as minhas algemas haviam apertado no centro de treinamento? O que havia perturbado a minha magia? Quase treze anos com essas algemas, e eu ainda não havia discernido um padrão reconhecível nas reações da minha magia. Antes do incidente com Fairel, eu teria ignorado. Minha magia tinha um longo histórico de me decepcionar.

Era impossível não pensar em Hanim enquanto corria por Essam, navegando na escuridão apenas por instinto. Ela me acordava no meio da noite para corridas exatamente como esta. De olhos vendados e com frio, eu caminhava um quilômetro e meio a partir do casebre protegido que chamávamos de lar. No fundo do escoamento do rio, Hanim apontava para uma extensão de terra congelada e me ordenava que cavasse um buraco largo e longo o suficiente para me deitar usando apenas a minha magia. Raciocinar com ela era inútil. Qualquer lembrança dos meus poderes aprisionados a enfurecia. Então, eu me ajoelhava e cavava, com os músculos doloridos de frio, até meus dedos ficarem inúteis e ensanguentados ou o sol nascer. O que viesse primeiro.

Um uivo distante arrepiou os pelos dos meus braços. A Floresta Essam não tratava os seus hóspedes com ternura após o anoitecer.

Outro uivo, mais próximo desta vez. O céu se abriu em cortinas de chuva. Um calafrio percorreu minha espinha. Eu escutei atentamente através do barulho da chuva. O ar ficou mais pesado, e meus passos apressados não conseguiam afastar meu medo crescente.

Eu estava sendo observada.

Tropecei em uma raiz exposta e me segurei em uma árvore. Meus

dedos dançaram pela superfície áspera, procurando um apoio. Havia padrões gravados na casca. Estranho, parecia quase como...

Ofegante, recuei. Não era... não podia ser. Esta árvore não deveria estar ali. Seu lugar era do outro lado de Essam.

A chuva caía sobre o meu corpo trêmulo. Tateei freneticamente pelos sulcos grossos, esfregando o rosto no ombro. Quanto mais eu procurava, mais fácil era respirar outra vez. O que eu estava pensando? Esta árvore parecia um pouco parecida, mas...

Sob a palma da minha mão esquerda, as estrias na casca se moveram. Tracei os sulcos artificiais e agachei-me, com o coração apertado, para confirmar o que eu já sabia.

Gravado na superfície elevada da casca havia um número torto.

1.822

Eu choraminguei, tropeçando para trás em um leito de espinhos. A árvore se esticou, mutando, os números ficando mais altos e largos. Eu rastejei de volta com os cotovelos. A árvore se erguia acima de mim. Uma tela no céu, engolindo-me inteira. Os galhos se entrelaçavam, torcendo-se como serpentes em um ninho.

Da base da árvore, uma poça preta viscosa escorria, espumando em direção ao meu corpo prostrado. Bati no meu corpo, tapando os ouvidos e apertando os lábios para impedir sua entrada. As sombras sob a árvore se fundiram. Uma mulher com carne pendurada em cordas mofadas em seu corpo e uma garganta aberta cheia de vermes pairou sobre mim.

Hanim.

Considerei isso um sinal de vitória pessoal, pois só comecei a gritar quando as larvas caíram no meu rosto.

Essiya, sibilou ela com o corte na boca. *Quão fundo você consegue cavar?*

Eu me debati contra as amarras invisíveis que me prendiam ao chão. Como isso podia ser real? Ela não deveria estar ali.

Até onde você cavou?

Dedos nodosos, apodrecidos na raiz, dançavam pelo meu pescoço. O cheiro pútrido da decomposição invadiu meu nariz. Eu me contorci, engasgando, o que a encantou.

Quanto tempo levou?

Eu rosnei, e seu comportamento mudou em um instante. Ela se inclinou para o meu rosto e rugiu, encharcando-me de icor e raiva. Eu gritei, prestes a revelar as respostas que ela buscava.

Levei 1.822 dias para cavar um buraco. Três metros de profundidade. Dois metros e meio de largura.

Eu havia gravado os números na árvore com minha adaga. 1.822 dias passados com Hanim. 1.822 dias desejando ter morrido com o resto da minha família.

Você estava certa. Fiquei feliz por ter praticado cavar aquele buraco.

1.822 dias planejando minha fuga.

Era uma excelente sepultura.

CAPÍTULO 11



Eu estava gritando, com os olhos bem fechados, quando o cheiro de carne podre desapareceu abruptamente.

Fiquei paralisada no chão. Ela tinha sumido? Enfim criei coragem para abrir os olhos. Os insetos haviam desaparecido, assim como o espectro de Hanim.

Com o coração na garganta, forcei-me a sentar. O corte na garganta de Hanim havia se aberto nas bordas, curvando-se como um segundo par de lábios abaixo do queixo. Não poderia ser o seu cadáver de verdade – a magia da morte havia sido erradicada séculos atrás, em um raro momento de acordo entre os reinos. A aparência de Hanim havia sido replicada em cada detalhe. Os seus longos cabelos negros, sempre presos em uma trança severa, e o jeito como uma sobrancelha era ligeiramente mais cheia e longa que a outra. Eu quase tinha me esquecido de que Hanim já fora bonita.

Alguém havia conjurado uma imagem dela. Alguém que sabia como ela morreu... e quem a matou.

Os perigosos grupos Jasadi. E se ele estivesse dizendo a verdade?

Outra preocupação se alojou como uma flecha em meu estômago. As "legiões" que Arin alegava terem sido massacradas pelos grupos. E se os rumores sobre os desaparecimentos acontecendo pelos reinos não fossem rumores?

Você achou que os Jasadis não te machucariam?, disse Hanim, e o meu corpo inteiro estremeceu até que percebi que a voz dela estava dentro da minha cabeça. *Você diz que não lhes deve nada. Se não é aliada deles, é inimiga*

deles. Você não tem o luxo da indiferença na guerra.

Guerra. Sacudi a lama das palmas das mãos com a mesma força com que desejava afastar os delírios de Hanim da cabeça. Nizahl havia derrotado Jasad em suas próprias terras. Os Jasadis estavam dispersos, caçados, amedrontados. Quaisquer histórias sobre eles tramando uma nova guerra vinham da boca de lunáticos. Eles estavam em menor número e em desvantagem. A única guerra que restava era a da sobrevivência.

Um galho se partiu. Virei-me. O marionetista do cadáver tomado pela magia ainda devia estar por perto. Por que pararam antes de me matar?

Ao longe, um novo som arrepiou os pelos dos meus braços.

Ruídos de cascos.

A compreensão endureceu em meu eu peito. Havia apenas uma pessoa cuja presença assustaria um poderoso Jasadi e o faria cessar o seu ataque.

— Que esta noite seja amaldiçoada até os túmulos — eu rosnei, levantando-me com dificuldade. O mundo girou.

Eu não conseguia fugir dele. Conhecia Essam melhor do que quase todo mundo, mas ele também. A minha melhor chance era encontrar Hirun e torcer para que aparecesse uma ravina ou um barranco. Mas, com a sorte trabalhando contra mim, eu provavelmente encontraria o Jasadi tentando me matar.

Eu me lancei pela floresta, sem me importar com o estalar das folhas e com a minha respiração ofegante. Ele saberia para onde eu estava indo, não importa quão bem mascarasse os meus rastros. Galhos finos batiam em meu rosto e braços nus, deixando finas linhas brancas em minha pele. Bolsões de lama salpicavam o chão, aumentando à medida que eu viajava para o leste. A lua cintilava entre os galhos, iluminando lascas de Essam entre as extensões de sombra.

O cheiro de ovos estragados e resina azedava meu nariz. Sim, sim! Hirun estava perto.

Mas o mesmo acontecia com as batidas dos cascos.

O vento carregou sua voz suave pela escuridão.

— Você deve ter um apetite por fracasso.

Perto demais. Ele estava perto demais. Balancei os braços. Meu coque se desfez, cobrindo a minha visão com cachos. Eu só precisava chegar ao rio. Não podia estar longe.

Um filete de lama atingiu a minha bota, me lançando para a frente. Caí direto na beira de um barranco íngreme e escuro como breu. Arquejei, jogando o meu peso para longe do penhasco em ruínas e caindo no chão. Idiota! Eu tinha me esquecido dos pequenos penhascos que se curvavam ao redor da margem oeste de Hirun, corroendo Essam com linhas sulcadas e irregulares.

Meus dedos roçaram a superfície áspera do tronco de uma árvore. Consegui me levantar com dificuldade, mantendo-me agarrada à árvore. O rugido abafado de Hirun saudou os meus ouvidos como a mais doce canção.

Ele não podia trazer o cavalo. Estava escorregadio demais para arriscar cavalgar. Ele quase certamente se aproximaria a pé. Infelizmente para ele, eu não pretendia ficar esperando.

Coloquei a adaga entre os dentes e tirei as botas. Elas caíram da borda, batendo nas pedras abaixo. Observei-as desaparecer com o coração pesado. A última coisa que eu trouxera de Mahair – sumira.

Você terá muitas oportunidades de ser sentimental lá do túmulo. Escale! disparou Hanim.

Um fino chinelo de couro de bezerro cobria a sola do meu pé e se curvava sobre os meus dedos. Fiquei grata por sua proteção enquanto encontrava um ponto de apoio. De olho nas pedras no fundo da margem do rio, comecei a subir.

A única habilidade que desenvolvi como Herdeira de Jasad veio da minha afinidade por escalada. Às tardes, eu me esgueirava de Usr Jasad até o pátio externo e escalava as nossas imponentes tamareiras e figueiras. Eu subia até o topo e acenava para a Torre Bakir, imaginando que Niphran pudesse me ver da sua janelinha. Que Niphran quisesse *me* ver.

Com um gemido, me joguei no primeiro galho grosso o suficiente para suportar meu peso. Joguei a perna por cima e enterrei o rosto na árvore, sem me importar com as estrias e a seiva endurecida que se acumulavam em minha bochecha. Que a escuridão me engolisse da vista dele. Que ele se esquecesse de olhar para cima. Melhor ainda, que ele deslizasse na lama e caísse direto na margem do rio.

Lá embaixo, passos lentos cruzavam o local onde a lama me impedia de pisar. Prendi a respiração.

— Esta é sua última oportunidade de minimizar o dano que causou esta noite — disse Arin. Sua voz se aproximou, e eu me esforcei para não mexer a cabeça. Será que ele me viu ali em cima? — Mostre-se, suraira.

Suraira outra vez. Anotei para investigar o significado da palavra Nizahlana se eu vivesse para ver um novo dia. Eu era fluente na língua original de cada reino, mas certas palavras dialetais me escapavam.

Uma longa pausa. Uma aranha passou por cima do meu cotovelo e chegou ao meu pulso. Não ousei respirar.

O relincho suave do cavalo dele me deixou perplexa. Será que ele o trouxera para cá? O terreno mal suportava o peso de um humano.

— Eu estava enganado na minha avaliação inicial de você. Uma Jasadi capaz de esconder a sua magia de uma vila inteira é contida. Esperta. Mas você insiste em correr no escuro, perseguindo monstros que não está preparada para enfrentar. — Seu tom endureceu, perdendo a falsa amabilidade. Cada palavra soava como o golpe de um machado. — Você quer ser caçada? — Um galho quebrou em algum lugar abaixo de

mim. — Então, terei prazer em realizar o seu desejo.

Um grito estrangulado rasgou os meus dentes enquanto uma dor lancinante cortava minha panturrilha.

— Filho da... — Minha mão voou para a perna, e lá, centímetros acima do meu tornozelo, estava uma adaga. Ele me *esfaqueou?*

A adaga latejava com o sangue que escorria do meu ferimento. Deixando de lado a minha tentativa frustrada de me manter escondida, puxei um braço da árvore e me virei para vasculhar o chão em busca do Herdeiro. Como ele atirou uma adaga com tanta força e precisão que ela acertou a minha perna?

O meu estômago se revirou. Com as rédeas em uma mão e segurando o galho mais baixo da árvore atrás de si, Arin estava na sela do cavalo. O penhasco curvava-se a poucos metros de seus cascos. Se ele se assustasse, poderia arremessar o cavaleiro para o alto.

O luar serpenteava por seus cabelos prateados, soltos do laço meticuloso. Sem o casaco, liberto de sua máscara perpétua de polidez, Arin de Nizahl era um monstro por inteiro.

E ele estava olhando diretamente para mim.

A morte sempre me assustou mais do que o normal. Eu a vi roubar todos que amava. Guiei sua mão para tirar a vida de outras pessoas. Mas uma coisa me assustava mais do que a morte: ser capturada. Perder-me na vontade de outro, sentir o meu propósito esmagado e remodelado para se encaixar nos planos de outra pessoa. Hanim havia despedaçado a Herdeira de Jasad. Ela precisava de uma arma, então me transformou em uma. Na noite anterior à minha fuga, pressionei uma adaga contra a veia pulsante em meu pescoço. A morte era uma porta, eu disse a mim mesma. Uma fuga. Um corte, e eu estaria livre.

Matei Hanim naquela mesma noite.

Arin era forte demais para eu matar. De que adiantava a oferta da minha liberdade se fosse uma mentira, uma armadilha encharcada de

mel para o urso insensato?

Eu não ficaria presa outra vez. Havia me cortado, sangrado e lutado pela minha liberdade. Eu arrancaria sua cabeça dos ombros com os dentes antes de aceitar as suas algemas.

Agarrando o cabo da adaga, arranquei-a da perna, enterrando o grito no ombro. Uma atitude tola, sem dúvida. Dependendo da profundidade da adaga, removê-la sem um torniquete à mão colocaria todo o membro em perigo.

Outra adaga bateu a centímetros da minha mão. Arin se aproximou, enrolando a ponta de uma corda na base da minha árvore.

— Não é mera cautela que está silenciando a sua magia, é?

Contive o meu gemido. Ó beleza abençoada de Baira, será que o seu objetivo era evocar a minha magia me perfurando com adagas? Não entendi como ela me curou da última vez, e duvidava que se desse ao trabalho de me salvar duas vezes.

Minha perna doeu em protesto enquanto eu me arrastava para o galho seguinte. Sangue escorria pela casca como seiva grotesca. O ferimento sangrava de forma abundante, lambuzando a parte de trás do meu calcanhar. Tudo o que eu queria era encostar a testa na árvore e recuperar o fôlego, mas não tinha tempo. Apoiei um braço em uma forquilha grossa de galhos. Com o outro, joguei a adaga ensanguentada direto no Herdeiro.

Minha mira foi certeira... de certa forma. A adaga passou voando por Arin e cortou o flanco do cavalo. Ele relinchou, empinando-se. Se Arin estivesse sentado, teria sido jogado diretamente para a margem do rio, com o corpo esmagado contra as pedras do fundo.

Soltei um som ininteligível de frustração quando a corda em sua mão se esticou. Ele desceu do cavalo com uma graça desconcertante e pousou na base da minha árvore. Seu cavalo galopou em direção à floresta.

— Você não pode usar a sua magia. Alguém ou alguma coisa a bloqueou. — A risada de Arin, desprovida de qualquer calor ou humor, me arrepiou. Ele se afastou da minha árvore e, para o meu horror, começou a subir na que estava bem ao lado. — Como você deve estar miserável.

Por que ele estava subindo na árvore *ao lado* da minha? Fiquei paralisada, sem saber se subia mais alto ou se me jogava no chão e o ultrapassava a pé. Ele se equilibrou em um galho paralelo ao meu, e percebi as suas intenções uma fração de segundo tarde demais.

Uma nova adaga atingiu o meu braço, prendendo-me à árvore. Gritei, e a agonia repentina ofuscou a minha visão.

Você não fará isso, Essiya, ordenou Hanim. *Não permitirá que o Herdeiro do Supremo termine o que seu pai começou.*

As minhas algemas se apertaram. Engoli um soluço. Tudo doía. Obriguei-me a olhar para a adaga. Uma boa notícia: ela não tinha atingido o osso.

Mas a próxima poderia. Ele cortaria e cortaria e cortaria até que eu me rendesse derrotada. Minha magia bloqueada era um experimento para ele, mais uma corda para puxar e torcer. Ele achava que isso me curaria. Eu não sabia como explicar que minha magia se importava menos com meu sofrimento do que ele.

— Não ficarei presa de novo — sussurrei.

Um caminho para o fim surgiu diante de mim. Uma maneira de terminar isso, de um jeito ou de outro.

Enfiei a manga rasgada na boca e agarrei o cabo da adaga. Uma respiração. Duas. Arranquei a adaga do braço, com o meu grito abafado reverberando nas costelas. Minha mão convulsionou. Ah, doeu, doeu... com os olhos embaçados, observei a adaga cair no chão.

— Você pode descer e acabar com isso quando quiser — disse Arin.

Cuspi a manga da minha boca. A fúria dissipou a névoa de agonia

da minha mente. Ele estava tão seguro, tão confiante de que venceria. Por que não estaria? Derramar sangue Jasadi era o seu direito de nascença.

Pela primeira vez, o rancor me motivou mais rápido que o medo. Descolei-me do tronco da árvore. Com o braço ileso, afastei-me da raiz do galho. Voltei correndo para a beira do galho, diretamente acima da margem do rio. Uma rajada de vento forte e eu cairia pela lateral e me espatifaria nas pedras abaixo.

— O que você está fazendo? — O espanto transparecia em seu tom áspero. Ele deslizou até a base da árvore e deu um passo em minha direção.

— Pare! — gritei. — Mais um passo e eu me jogo. Você pode pensar que a minha magia pode curar algumas facadas, mas será que ela pode recompor um corpo quebrado?

Em um piscar de olhos, a sua expressão se acalmou e se firmou. Eu queria dar um tapa. Será que ele descartou a frustração como um cílio perdido ou apenas a empurrou para longe?

— Você perdeu muito sangue. Imagino que tenha alguns minutos até desmaiar. Não serei rápido o suficiente para te segurar — disse ele.

— Ótimo.

Ele deu um passo à frente. Será que ele achava que eu estava fazendo ameaças vazias? Fechei a mão livre em volta do galho e me joguei para o lado. Fui lançada ao ar.

O galho estalou ameaçadoramente, curvando-se sob o peso do meu corpo. As veias da minha mão saltaram com o esforço de segurá-lo. Pendurei-me no galho e senti uma vontade inexplicável de gargalhar. Se era assim que a loucura mágica se parecia, eu entendia por que Rovial queria incendiar o mundo.

Arin se aproximou depressa, mas não o suficiente. Se ele desse mais um passo e eu o soltasse, me chocaria contra as pedras antes que ele me alcançasse. Uma névoa já começava a invadir a minha visão.

Ele permaneceu impassível. Continuou como se estivéssemos sentados para compartilhar uma refeição agradável juntos.

— O que você quer?

O que eu queria dizer era "Sua cabeça decepada girando em um espeto".

O que saiu foi significativamente pior.

— Liberdade. Liberdade de verdade. — O galho gemeu. Deslizei mais para baixo, apertando os meus dedos encharcados de suor no último minuto.

— Eu te ofereci liberdade e você fugiu.

Bufei. O meu coração bateu mais devagar, ficando tão pesado quanto o resto de mim.

— Não preciso de suas promessas vazias, Comandante. Jogue as suas nuvens para o céu. Manterei os meus pés plantados na terra.

— Como posso convencê-la de que minha palavra é verdadeira?

Olhei para ele com franca perplexidade. Eu havia me preparado para morrer no rio, sabendo que a oferta de liberdade do Herdeiro não significava nada. Seria outro jogo?

Ele começou a falar antes que eu pudesse formular uma resposta coerente.

— Centenas de pessoas desapareceram nos últimos sete anos, levadas por dois grupos. Quarenta e sete delas foram encontradas mortas. Provavelmente mortas pelas mesmas pessoas que as levaram... rebeldes Jasadi que se autodenominam Mufsids.

Em algum momento, ele se aproximou. A floresta se estreitara sobre Arin, envolvendo-o em sombras, e eu não conseguia distinguir quanto disso se devia à minha fraca lucidez. Mufsids. Eu nunca tinha ouvido esse nome antes.

— Você disse... dois. — Minha boca resistiu à árdua tarefa de formar uma frase. Pisquei e, quando abri os olhos, havia escorregado até

o último centímetro à esquerda do galho.

— Os outros são os Urabi. Um segundo grupo Jasadi, menos violento que os Mufsids. Os Mufsids e os Urabi perseguem os Jasadi pelos quatro reinos, competindo para recrutá-los para sua causa. Aqueles que os Mufsids não conseguem recrutar com sucesso, eles assassinam. Os Urabi roubam os seus alvos sem deixar rastros, quer venham voluntariamente ou não. Ambos os grupos só competiram pela mesma pessoa se ela ocupasse algum cargo importante em Jasad. Nobres, oficiais do exército, membros do conselho.

Cargo importante?

Um alarme distante soou atrás do muro do meu cansaço.

— E você acha que... eles querem... a mim? — Precisei de todas as minhas forças para não fechar os olhos. Se fechasse, eles não reabririam, e eu estava começando a me preocupar por ter cometido um grave erro de julgamento. E se tudo o que o Herdeiro disse na cabana fosse verdade?

— Tenho certeza de que sim. Assim que eu concluir o meu plano, a liberdade será sua. Se não acredita na minha honestidade, acredite na minha derrota. Se for revelado que permiti que uma Jasadi se tornasse Campeã de Nizahl no Alcalah, isso arruinará a minha reputação e o meu trono.

O ceticismo se estampou em cada linha do meu rosto. A melhor maneira de garantir que ninguém descobrisse sua traição era simplesmente se livrar de mim depois que ele capturasse os Mufsids e Urabi.

Ele arrancou o próximo espinho de incerteza antes que eu pudesse falar.

— Você estará constantemente cercada por guardas se vencer a Alcalah... guardas independentes de todos os reinos que não obedecem a nenhuma ordem além da sua. Nem mesmo à minha.

Não importava. Nós dois sabíamos que, se ele quisesse me matar,

mataria.

No entanto, eu me esforçava para acreditar que ele arriscaria mergulhar seu próprio reino em turbulência ao assassinar a sua Campeã. Se ele acusasse outro reino de me matar, seria motivo para guerra. Nem mesmo Felix, cuja a inteligência eu admirava menos do que a de um porco no cio, ousara encostar a mão em mim depois da declaração de Arin.

O mundo balançou. Os meus dedos se esticaram em volta do galho. Eu não conseguia mais manter a escuridão sob controle.

— Eu acredito em você — eu disse arrastando as palavras.

Minha última lembrança antes de minha mão afrouxar e meu corpo cair foi do Herdeiro Nizahl correndo, deslizando na trilha de lama, e da colisão de nossos corpos na beira do penhasco.



Ele estava vivo. Sangrando bastante, mas vivo.

Ótimo. Os seus cálculos não falharam.

Arin expirou, revirando os ombros com uma careta. O rio batia em suas pernas. A Jasadi jazia imóvel contra ele. Ele a havia alcançado em um ângulo preciso, usando a curva da margem para deslizar até as pedras em vez de cair direto.

A lua oferecia pouca luz para que pudesse vê-la. Arin virou-se para o lado, deitando-a dentro de uma poça rasa. Ainda nenhum movimento. A água batia nas pedras, levantando os seus cabelos em uma nuvem de cachos negros que circundavam o seu rosto. Combinado com a palidez mortal de sua pele, o efeito provocou uma rara pontada de inquietação no Herdeiro de Nizahl.

O sangue se espalhou no rio a partir dos ferimentos em seu braço e perna. Ela não estava se curando.

Nada poderia ser fácil com ela. A possibilidade de sua magia não a curar por si só lhe ocorrera, mas ele esperava estar enganado. Arin tirou as luvas e hesitou. Da última vez que tocou em sua magia, ela o havia consumido. A perda total de controle não era uma lembrança que esqueceria tão cedo.

O peito dela mal se levantava. Se ela morresse, ele perderia a sua melhor chance de atrair os Mufsids e Urabi para o Alcalah.

Pedras afiadas cravaram-se nos joelhos de Arin enquanto se aproximava da garota. Com um certo desgosto, agarrou as mãos da Jasadi. Se estivesse acordada, ele não tinha dúvidas de que ela arranharia as suas palmas até deixá-las em carne viva. Ela tinha o temperamento de

um ganso enlouquecido. Todas as interações que teve com ela o convenceram por completo de que não estava lidando com uma mulher estável.

A fome o tomou assim que as suas mãos se tocaram. Uivando através de Arin, cravando-se nele como mil lâminas afiadas. Os seus dentes cortaram seu lábio inferior.

A magia dela... era forte. Forte demais. Ele deveria ter percebido, assim que a tocou na Sala das Relíquias, que havia algo de errado com a magia dela. Ninguém conseguiria esconder um poder desse calibre de uma aldeia intrometida de Omalianos. A menos que uma força separada impedisse a expressão da magia dela. Isso o deixava intrigado, e ele detestava ser intrigado.

As bordas rasgadas de sua pele se tocaram. Ver suas feridas se fecharem o surpreendeu tanto quanto da primeira vez. Sua magia se agitava sob seu toque. Assim que a cor voltou à pele dela, Arin soltou as mãos, expirando ruidosamente. A violência reprimida percorreu seu corpo, enchendo sua boca com gosto de ferro. A influência da magia dela. Arin não sentia satisfação pela brutalidade em si, nem os impulsos primitivos costumavam dominá-lo. Essa sede de sangue era um produto da magia dela. Ele não sabia como, mas pretendia descobrir.

— Senhor? Está aqui — o chamado de Jeru mal se elevava acima do murmúrio do rio.

O rio puxava a Jasadi, ansioso para levá-la embora. Arin agarrou seu braço e imediatamente recuou. Ela havia rasgado as mangas de sua túnica? Fugir para a Floresta Essam sob o cerco do inverno, com os braços expostos às intempéries, era uma maneira extremamente eficiente de acabar com sua vida. Arin agarrou um punhado do tecido em sua gola e a arrastou para as rochas ao seu lado.

— Você é filha de um burro? Se os Jasadis estiverem por perto e ouvirem você chamando pelo seu Comandante, a prioridade deles será

encontrá-lo. — A voz indignada de Vaun era muito mais perceptível.

— Você não acha que o cavalo sem cavaleiro já os alertou?

— Olhe. Tem sangue nesta árvore. — Ren.

Não demorou muito para que avistassem Arin e a Jasadi no fundo da margem. Para o crédito de seus guardas, eles esconderam sua reação à cena bizarra de Arin segurando a Jasadi inconsciente pelo colarinho. Jeru deslizou pela encosta, com uma corda amarrada em volta da cintura. O choque finalmente apareceu em seu rosto ao ver a cena completa à beira do rio.

— Meu suserano, você está ferido.

— Nada está quebrado ou cortado. Peguem a garota e mandem-na de volta para os túneis com Ren imediatamente.

Jeru obedeceu, curvando-se para pegar a Jasadi nos braços. Assim que ele a levantou, ela começou a se contorcer.

— Não, não! — ela gritou. Os seus olhos se moviam depressa por trás das pálpebras fechadas, perseguindo ameaças invisíveis. — Não me toque. Não!

Jeru lutou para segurá-la. Ela se desvencilhou dos braços dele. Jeru mal conseguiu impedi-la de bater a cabeça nas pedras.

— Devemos amarrar uma corda nela? — perguntou Jeru, desesperado. Ela o havia jogado até os joelhos.

Arin franziu a testa. Como ela conseguia ser tão irritante até dormindo?

Ela ainda se contorcia, de olhos fechados.

— Por favor, por favor — choramingou, com tanto terror que fez Arin e seu guarda hesitarem.

Segredos. Tantos segredos. Ela estava envolta neles.

— Segure os ombros dela — disse Arin com raiva. Seus ferimentos estavam começando a exigir atenção.

Jeru fez o que ele pediu, apesar dos novos espancamentos da Jasadi.

Eles não conseguiriam tirá-la da margem do rio se ela não ficasse quieta.

A voz arrastada dela ecoou em sua cabeça. *Eu acredito em você.* Como se Arin quisesse ganhar a sua confiança. Ela era cáustica e contraditória. Cada vez que abria a boca, levava Arin ao limite de sua paciência. Essa Jasadi era o equivalente humano a tinta derramada sobre as linhas meticulosamente desenhadas de seu mapa. Se ele conseguiria evitar quebrar o pescoço dela até o fim do Alcalah era uma pergunta para a qual Arin não tinha resposta.

— Diga a Wes para colocar um pano frio na testa dela para reduzir o inchaço — disse Arin. Seu braço doeu quando o dobrou.

— Que inchaço? — Jeru apertou os seus ombros contorcidos.

Arin atingiu a Jasadi. Sua cabeça foi jogada para o lado.

Por fim, ela ficou quieta.

CAPÍTULO 12



Olhei para os guardas através do olho que o Comandante deles não havia machucado. O hematoma parecia muito pior do que realmente era, mas eu sentia satisfação com a expressão culpada de Jeru cada vez que ele olhava para mim.

Os outros guardas me ignoraram. Wes, que eu havia acordado esta manhã e encontrado pairando sobre mim com um pano frio (ao que eu respondi confusa: "Eu engoli algum inseto?" e imediatamente ganhei suas costas se afastando), colocou uma colherada de mingau farináceo e claro na boca. Vaun e Ren conversavam em voz baixa do outro lado da cozinha.

Cutuquei o mingau. Ele voltou ao lugar. Pelo machado voraz de Dania, eu já tinha comido uma comida horrível de verdade enquanto vivia com Hanim, mas isso? Se era isso que os Nizahlanos comiam no dia a dia, não era de se admirar que fossem um povo tão raivoso. Estavam famintos.

— Você deveria comer — disse Jeru, quebrando o silêncio.

— Então me dê comida. — Empurrei a tigela para longe. A colher caiu com um estrondo, espalhando mingau sobre a mesa. — Isso é vômito de vaca.

A tensão percorreu os tendões grossos do pescoço de Vaun. Ele não olhou na minha direção, e me perguntei se era para evitar me desmembrar.

— Ajuda se você adicionar sal. — Jeru empurrou uma pequena travessa em minha direção.

— Eu realmente preferiria comer o sal.

Vaun se virou. Ren colocou a mão em seu peito.

— Algum problema? — Arin surgiu das sombras, encostando-se na entrada arqueada da cozinha. Os guardas se levantaram de repente.

Ele usava o casaco preto do primeiro dia em que o conheci. Os corvos violeta bordados nas mangas me deixavam levemente enjoada. Nenhum laço do colete estava fora do lugar. A única imperfeição na aparência refinada do Herdeiro de Nizahl era o hematoma roxo na maçã do rosto.

Eu poderia ter suposto que as marcas de nossa viagem a Essam terminavam ali, em um hematoma insignificante, se não fosse por ele encostado na parede. Para qualquer outra pessoa, encostar-se seria algo casual, que não valeria uma segunda olhada. Mas eu não conseguia imaginar o herdeiro Nizahl, sempre tão tenso, encurvado, muito menos *encostado*. Ele carregara meu peso morto enquanto deslizávamos pela margem do rio. As rochas poderiam ter arrancado sua pele das costas.

Apalpei o canto do meu olho roxo e tentei não me sentir presunçosa.

O espectro da noite anterior pairava na cozinha, tornando o ar mais denso. A minha tentativa de fuga não havia ajudado o meu relacionamento com os guardas.

— Não posso viver assim — eu disse, um pouco alto demais. — Esta comida mal é adequada para vermes.

Ignorando o olhar assassino de Vaun, listei as minhas queixas. Elas se acumularam ao longo das horas.

— O banheiro foi claramente projetado para funcionar com magia. Você viu? Abominável. Só o meu fedor atual poderia ser usado como arma. Não tenho vestimentas, e a única companhia que me é permitida é um punhado de soldados cujas habilidades de conversação atingiram o auge no útero.

Arin desabotoou o casaco.

— Bom dia para você também.

Franzi a testa, gesticulando para as paredes sem janelas.

— Não vi nenhuma evidência de nenhuma das duas.

Jeru emitiu um som entre uma risada e um soluço estrangulado. Ele cobriu a boca.

Arin inclinou a cabeça para Jeru e Wes.

— Há pacotes perto da escada. Levem-nos para o quarto dela.

Pacotes?

— São para mim?

— São para os vermes. — Ele olhou para a minha tigela. — Já terminou?

Afastei-me da mesa.

— Evidentemente.

Caminhamos até o centro de treinamento. Eu brincava com as mangas da túnica emprestada, ainda muito apertada nos meus bíceps. Evitei as paredes cobertas de pássaros e minha família morta.

— Há quanto tempo sua magia está bloqueada?

Minha cabeça se virou depressa em sua direção. Arin disse isso como se dissesse "Você tem magia" ou "Eu a escolho". Absoluto. Com a convicção de alguém que nunca fala em vão.

— Você acha essas perguntas ousadas e abrangentes satisfatórias? Pegar o destinatário desprevenido e arrancar a verdade dele? Essa é a sua estratégia?

Ele não piscou.

— Em geral, sim.

— Posso perguntar como você chegou a essa conclusão?

— O poder que senti quando te toquei na Sala das Relíquias deveria ter me despedaçado — disse ele baixinho. Eu me contive. Ainda não tínhamos discutido abertamente os detalhes do que acontecera no

aposento de guerra. — Em vez disso, mal me impediu de te matar.

Niphran estava certa, fiquei maravilhada.

— Você costuma ficar tão impressionado quando sente magia?

— Nada era típico do meu comportamento. — Os olhos azul-claros perturbadoramente me observavam. — A sua não é uma magia simples.

Outra distração. Imaginei que os tutores do Herdeiro de Nizahl deviam ter enlouquecido com as suas evasivas especializadas em dar respostas claras.

Ele continuou:

— A magia Jasadi não pode ser escondida de mim. Eu deveria tê-la detectado no rio, quando você colocou a sua mão na minha. No mínimo, deveria ter reagido ontem à noite. Dor e perigo são duas das maneiras mais seguras de ativar a magia. A sua reage à minha de maneiras incomuns. Posso senti-la, posso atraí-la para perto, mas ela não sairá dos limites do seu corpo.

Ele franziu a testa para uma teia de aranha em cima do baú de armas antes de voltar a sua atenção para mim.

— Foi assim que cheguei à minha conclusão.

— Seu toque ferveu a minha magia. Quase me matou — eu disse, secamente.

— Salvou você. Duas vezes.

Aham.

— E como um toque não-mágico pode fazer uma coisa dessas, Vossa Alteza?

Um vislumbre de aprovação passou por seu rosto. Eu o havia levado para a minha própria armadilha.

— Em circunstâncias normais, não. Eu sinto magia porque sou imune a ela, e posso drenar a magia de um Jasadi com o mesmo toque que parece acender a sua.

Não tentei esconder o horror estampado no meu rosto. Ele

conseguia drenar magia com um toque?

As minhas algemas se apertaram com a força repentina da minha magia. Quantos Jasadis ele havia roubado da vantagem pela qual eram caçados? Quantos sentiram a sua magia arrancada deles no momento em que mais precisavam?

— Eu não entendo.

Ele me observou com frieza.

— Não precisa.

— Explique o que quer dizer com "drenar magia" e eu responderei a sua pergunta.

A surpresa passou pelos olhos do Herdeiro, desaparecendo antes que eu pudesse persegui-la. Ele esperava que eu perguntasse como seu toque se tornara uma arma. E, de fato, eu deveria ter perguntado isso. A mecânica de como ele drenava magia não me afetava; minhas algemas o impediam de fazer mais do que puxar minha magia para a superfície. Pelos túmulos amaldiçoados. A estúpida parede móvel me desequilibrou. Afetou o meu julgamento.

— A magia Jasadi não é um poço sem fundo. Cada Jasadi tem um suprimento finito do qual pode extrair. Imagine que um usa a sua magia com moderação, aliviando as tarefas diárias. Outro gasta sua cota em alguma exibição espetacular. Para o primeiro Jasadi, repor a sua magia não é um problema, pois ele nunca chegou ao fundo do poço. Aquele que drenou sua magia ordenando que um cavalo voasse ou que chovesse deve esperar, impotente, até que o tempo renove seu suprimento. — Ele levou a mão enluvada à têmpora, tocando-a com um toque leve como uma pena. — Eu possuo a habilidade de drenar o poço temporariamente. O tempo ainda reporá a magia deles, mas até lá...

— Você já deve tê-los capturado ou matado. — As minhas algemas estrangulavam os meus pulsos, tão urgentemente a minha magia pulsava em minhas veias. Seria uma reação a Arin ou às palavras de Arin?

— Sim. — Ele permaneceu sereno diante da minha aversão. Se eu não tivesse ouvido o ódio em sua voz na noite passada, poderia ter acreditado em sua indiferença. Mas pelo menos agora eu tinha uma resposta para o porquê de minha magia reagir tão fortemente ao seu toque. Ele não podia drenar a minha magia, mas podia trazê-la para os meus punhos.

Ele tirou um lenço do casaco e o passou sobre a teia de aranha.

— Sua vez.

Eu queria que ele se engasgasse com seus próprios intestinos enquanto eu os alimentava com pedaços deles. Ele não merecia meus segredos.

Então não os dê a ele, insistiu Hanim. Ela parecia animada por eu ter escolhido fazer uma pergunta em nome dos Jasadis, em vez de por mim mesma. *Fuja outra vez e junte-se aos Jasadis que ele está caçando.*

Um balde de água fria abateu-se sobre a minha raiva só de pensar nisso. Não, eu já havia tomado a minha decisão. O meu melhor caminho para a liberdade era através do Herdeiro de Nizahl. Eu não tinha esquecido o que Arin disse ontem. Os Mufsids e Urabi só perseguiam o mesmo Jasadi se tivessem ocupado um posto importante em Jasad. Ou suspeitavam de quem eu era... ou, de alguma forma, já sabiam.

— Não me lembro de uma época em que minha magia fluía livremente.

Ele cruzou as mãos atrás das costas.

— Isso pode ser consertado?

Balancei a cabeça. Se ele insistisse, eu não sabia se conseguiria inventar uma mentira capaz de resistir ao seu escrutínio.

— É uma crueldade incomum. Sua magia parece forte.

Quase ri. Se ele soubesse. Os meus avós não teriam algemado uma magia comum, nem Hanim teria ficado tão desesperada para liberá-la. A magia anormal definia minha vida.

— Você saberia. Crueldade incomum é a sua especialidade.

Arin prosseguiu sem fazer comentários, embora eu tivesse certeza de que o assunto sobre o que suprimiu minha magia seria revisitado. Ele pareceu enfiar as novas informações na teia assustadora de sua mente até reunir todos os fios.

— O Banquete dos Campeões será realizado em Lukub em seis semanas. De lá, partiremos para o primeiro teste em Orban. Temos até lá para prepará-la para essa função.

Ele caminhou até o canto do ambiente e se agachou em frente ao baú de armas que eu havia roubado ontem.

Nuvens se moviam devagar no céu falso acima de nós.

— Ainda não entendo por que preciso competir como Campeã para atrair os grupos que você procura. Se forem os mesmos que me atacaram na floresta, já sabem onde estou.

Cruzei os braços sobre o peito, resistindo à vontade de estremecer. O cadáver em decomposição uivando com a voz de Hanim me assombraria para sempre.

Arin congelou. Endireitou-se, virando-se para mim, e só a perplexidade me impediu de recuar.

— Que ataque?

A severidade do seu tom me surpreendeu. Contei o confronto com a miragem do cadáver de Hanim. Arin andava de um lado para o outro, e eu quase o via tecendo essa última revelação em sua teia.

— Você não reconheceu o cadáver nem viu o seu invocador?

— Isso. — Uma meia mentira. — Ele desapareceu ao ouvir o som do seu cavalo. Acha que o agressor pertencia aos Mufsids?

Arin balançou a cabeça.

— Eles não te matariam a menos que você já tivesse recusado a oferta de se juntar a eles. Você falou com alguém que não conhece?

— Apenas o Herdeiro de Nizahl e quatro de seus guardas mais

hostis.

Arin inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto. Lembrando-se de todos os motivos pelos quais precisava me manter viva?

Ele girou nos calcanhares e caminhou outra vez em direção ao baú de armas. Eu o segui, fingindo ver as armas pela primeira vez. Levantei um escudo claramente feito para alguém nascido de gigantes e cambaleei sob o seu peso. Pintadas na frente, as asas do kitmer se estendiam para o alto enquanto ele voava em um poderoso clarão. Seu bico se abria em um bramido. O orgulho de Jasad. O primeiro companheiro de Rovial.

Arin escolheu uma adaga curva do baú, pesando-a na palma da mão. Abaixei o escudo para apoiá-lo na minha perna. Arin e as adaga não eram...

Com uma rapidez quase sobrenatural, Arin ergueu o braço e arremessou. Tive tempo o suficiente para vislumbrar a forma borrada da adaga cortando o ar, direto para o meu peito.

Não pensei. Em um movimento rápido, bati palmas, agarrando o cabo antes que a adaga pudesse se enterrar no meu coração.

Levei a adaga aos olhos, verificando se não tinha tido alucinações com o Herdeiro de Nizahl me usando *mais uma vez* para praticar tiro ao alvo. Rosnei:

— A sessão de esfaqueamento de ontem foi insuficiente para você?

— Fascinante — disse ele. — Esse foi um instinto aprendido. Quem ensinaria uma menina órfã a pegar adagas?

— Você mirou no meu coração! E se ele tivesse acertado o alvo? — perguntei. — Você estava disposto a me matar por um palpite?

— Você consegue sentir a sua magia?

Inacreditável!

Eu virei a adaga e a arremessei. Ele a pegou com uma mão só.

Eu sorri.

— Agora você aprendeu que uma órfã também pode atirar adaga.

Não é *fascinante*?

Arin jogou a adaga duas vezes frustrada no baú de armas. Para seu crédito, ele não pareceu incomodado por eu ter jogado uma adaga nele. Arin ergueu o queixo, estudando-me com concentração singular.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

Prendi a respiração, paralisada por milhares de pontadas de pressentimento. Reprimi o instinto que gritava para eu balançar o escudo na cabeça dele e correr. Meia década escondida arruinada pelas intrigas de estranhos. Esses grupos não apenas me implicaram como uma Jasadi, mas também garantiram ao Herdeiro que havia mais em mim do que aparentava.

— Não tenho muitos nomes, Vossa Alteza. Tenho apenas um.

Arin arqueou uma sobrancelha. Fiquei em silêncio, com uma expressão apropriada para a ocasião: um pouco perplexa, um pouco ansiosa. A mentira era uma forma de arte que eu achava ter aperfeiçoado. Era fácil me moldar ao que os outros queriam ver, mas Arin havia exposto as falhas nesse conjunto específico de habilidades. Pelo visto, a minha raiva, quando despertada o suficiente, era a última coisa verdadeiramente honesta que me restava.

O Herdeiro de Nizahl ergueu os lábios. Eu tinha visto mais expressividade nele nos últimos dez minutos do que nos últimos três dias juntos.

— Tenha o seu prazer, suraira. Toda verdade tem o seu tempo.

Um pressentimento percorreu o meu pescoço com o dedo. Se ele queria me abalar, conseguiu.

Arin bateu no baú aberto e seguiu em frente.

— Estas ferramentas se tornarão as suas companheiras mais queridas nos próximos meses.

— Você acredita mesmo que seis semanas e algumas armas me ajudarão a me tornar uma Vitoriosa? Os outros Campeões estão

treinando desde o último Alcalah. Eles têm três anos de vantagem.

— Você tem uma vantagem que os outros Campeões não têm.

— Você deve estar se referindo ao meu charme irresistível, já que estabelecemos que a minha magia não funciona.

— No entanto, foi a sua magia que esfaqueou Felix e salvou a sua vida duas vezes.

Ele pegou um cutelo enferrujado, estendendo o cabo em minha direção. Peguei a espada curva, cortando o ar de forma experimental. Eu tinha dezenas e dezenas de perguntas em mente, todas momentaneamente substituídas pela alegria infantil de brandir uma espada. Passei o dedo pelo kitmer esculpido na lateral, com a cabeça de falcão erguida.

— Você me permitiria empunhar armas Jasadi, mesmo em particular? — Era sua maneira de esfregar minha covardia na minha cara? Se fosse, era um esforço desperdiçado. Olhando para o kitmer, imaginando os Jasadis que empunharam essas armas antes de mim, não senti... nada. Eu sabia o que deveria sentir. Hanim não tinha tido vergonha de me lembrar como eu falhei com Jasad, como os Jasadis sofreram com minha incompetência. A vergonha é um sentimento perigoso de se manipular. Puxe a corda muitas vezes e ela acabará se rompendo em apatia.

Arin deslizou o lenço sobre o cabo empoeirado de outro sabre.

— Eu preferiria que meu tempo não fosse desperdiçado na peneira da sua animosidade por Nizahl — disse ele. — Será melhor para nós dois sem a intrusão da lealdade dividida.

A espada encostou-se pesadamente nas minhas pernas.

— Nizahl nunca terá qualquer parcela da minha lealdade.

Mais uma vez, Arin não reagiu ao insulto. Às vezes, eu me perguntava por aquela imitação de paciência. Aquele silêncio contido dele.

— Eu não quis dizer Nizahl — disse ele. — Pegue a espada.

CAPÍTULO 13



A primeira semana testou os meus limites. Quão rápido eu conseguia correr em terra firme? Quão ágil eu conseguia ser em águas turbulentas? Quão longe eu conseguia lançar? Todas as noites, caía na cama convencida de que havia atingido o pico da exaustão, apenas para ser desmentida na noite seguinte. Se não fossem os desenhos que Jeru entregava no meu quarto, eu teria considerado os exercícios mais uma peculiar maldade do Comandante.

— O que é isso? — perguntei enquanto abria as páginas na minha cama. Jeru permaneceu obedientemente atrás da soleira. Giz branco salpicava o topo de seus cachos.

— Um grupo de artistas Lukubi criou os desenhos do torneio que remontam a séculos. Um presente para Sultana Vaida. A Sua Alteza achou que você deveria estudá-los.

— No meu tempo livre? — Eu estava intrigada, apesar de tudo. Desembrulhei a tira de pele de coelho que envolvia os pergaminhos. Algumas páginas estavam amareladas pelo tempo. — Como eles chegaram às mãos do Herdeiro?

— Ele pegou emprestado dela.

É claro. Porque a governante de Lukub, considerada a Sultana mais cruel desde a Coroa Uivante, era amiga de Arin. Ele pegou emprestados os pergaminhos preciosos dela e provavelmente a aconselhou sobre as melhores técnicas de tortura durante uma refeição farta.

Jeru desviou-se para o corredor antes que eu pudesse insistir.

Os esboços estavam divididos por julgamento e, em seguida, por

ano. Folheei as imagens do primeiro teste, a minha curiosidade se transformando em apreensão a cada novo conjunto de Campeões. O número de Campeões caiu de cinco para quatro repentinamente, e eu sabia que os esboços inferiores haviam sido feitos após a Cúpula Sanguinária.

Tracei os desenhos sombreados do cânion arborizado de Orban. O artista usara uma faca para cravar sulcos nas árvores, os Campeões de rostos sombrios posavam sob os seus galhos sinistros. Ayume era uma floresta Orbaniana onde o primeiro teste seria realizado, repleta dos horrores causados pela antiga magia de guerra de Dania. Dania era uma caçadora mestre, tão austera na vida quanto brutal na batalha. Os Orbanianos a homenageavam com uma prova que testava a resistência física no coração da floresta onde ela travara sua batalha mais infame.

Um canto do pergaminho lascou quando virei a página. Giz preto cortava a capa, e as palavras *Dar al Mansi* intitulavam o topo. O segundo teste havia mudado nos últimos anos. No novo, os Campeões entravam em uma vila abandonada em Omal e lutavam contra as criaturas mágicas liberadas dentro de suas fronteiras. Os Campeões não só precisavam atravessar a vila inteiros, como também precisavam adquirir três troféus com as suas mortes para prosseguir. O segundo teste servia como uma celebração macabra de Awala Kapastra e seus animais de estimação cruéis, realizada em seu reino natal.

Segui a linha das asas de vidro flamejante de Al Anqa'a com a unha do polegar. Os esboços retratavam os Campeões no segundo teste sendo levados pelo enorme pássaro enquanto as garras mais afiadas do que qualquer espada se fechavam em torno dos Campeões indefesos. Aqueles que escapavam de Al Anqa'a eram dilacerados e devorados pelo nisnas, uma criatura macabra de aparência humana com membros desajeitados de um lado e espinhos de carne pendurados do outro. O artista delineou os outros monstros à espreita na periferia, observando

com inveja os nisnas alcançarem um Campeão primeiro.

O que ele esperava que eu aprendesse com isso? Passei do segundo teste, enojada, para o terceiro. O terceiro teste seria realizado entre os dois últimos Campeões restantes. Em homenagem ao talento de Awala Baira para ilusões, os Campeões receberiam elixires para trazer visões surgindo ao seu redor. Em um poço de areia movediça, o Campeão com a vontade mais forte analisaria o que era real e o que eram alucinações antes que a areia os engolisse por completo ou que o outro Campeão o derrubasse.

Dez minutos depois, invadi o centro de treinamento e joguei as pinturas em cima do baú de armas. Jeru e Wes interromperam a esgrima, exibindo o cansaço de pais de primeira viagem levando o filho aos berros à loja.

— Onde ele está? — perguntei.

Wes franziu os lábios.

— Não está aqui. Por quê?

Apontei para os esboços.

— Se Lukub for o anfitrião do Banquete, então o terceiro teste será em Nizahl.

Os guardas trocaram um olhar.

— Sim — disse Wes devagar. — O teste de Baira será realizado em Nizahl.

As sobrancelhas grossas de Jeru se uniram.

— Você é a Campeã de Nizahl; achou que conseguiria evitar visitar o reino pelo qual está competindo?

A pergunta rondava a minha cabeça. No turbilhão de mudanças, não parei para pensar que encontraria o Supremo Rawain outra vez. O homem que massacrou a minha família, que estripou Jasad, receberia a glória da mesma Herdeira que ele não conseguira matar.

Saí sem dizer mais nada. Meu entorno entrava e saía de foco. Se eu

falhasse na Alcalah, o ego de Felix não descansaria até que a minha cabeça estivesse erguida no mastro da bandeira de Mahair. Se eu vencesse, receberia a imunidade de uma Vitoriosa, mas estaria cuspindo no túmulo de cada Jasadi abatido por uma espada Nizahl. O que eu poderia ter suportado, não fosse o fato de que, pelo visto, dois grupos de Jasadis provavelmente suspeitavam que eu era a Herdeira. Talvez eles fossem até estúpidos o suficiente para me querer no comando de sua causa inútil. Qual outro motivo poderia ter para me perseguir? Sem dúvida não era a atração da minha magia.

Em algum momento, escorreguei pela parede do corredor. Eu me enrolei meus braços em volta dos joelhos, e uma parte de mim percebeu que esse ataque poderia ter sido adiado pelos dez passos que levei para chegar ao meu quarto. Comecei a rir.

Se Arin soubesse o verdadeiro motivo da competição entre os Mufsids e os Urabi, se ele pensasse por um segundo sequer que a Herdeira de Jasad estivesse viva e morando a dois corredores de distância dele... ri ainda mais alto. Eles teriam que raspar o que restasse de mim das paredes. Ele não era um homem que jogava com as probabilidades, e o risco de que os Mufsids ou os Urabi me capturassem e dessem legitimidade à sua causa era grande demais.

Talvez não tivessem esperança de me recrutar. Era bem possível que quisessem apenas me matar. Para se vingarem merecidamente da Herdeira que os havia abandonado.

— Cuidado, senhor — disse Vaun, mas a voz parecia vir de um túnel estreito. — A espécie dela ataca durante os ataques.

Eu a treinei para liderar Jasad, e ele está te treinando para traí-lo. Que liberdade você pode ganhar depois disso? Para onde pode ir sem que Essiya a siga? As palavras de Hanim se infiltraram em meus pensamentos, até que eu não conseguisse distinguir o que era meu do que era de Hanim. Percebi vagamente uma silhueta se aproximando de mim no corredor.

Encolhi-me, aproximando os joelhos do peito. *Espero que você pereça na primeira prova. Sylvia é inútil, e se você tiver sucesso como Campeã de Nizahl, Essiya também será.*

Como eles sabiam onde me encontrar? Por que conjurariam o espectro podre de Hanim se pretendiam me recrutar? Eu não conseguia imaginar por onde começar a entender tudo isso. Havia apenas uma verdade em meio ao caos.

Eu nunca deveria ter ficado em Mahair por tanto tempo. Eu não teria amado Fairel nem me importado com a boa opinião de Rory. Sefa e Marek teriam permanecido intocados pelos horrores de seu passado.

Tudo que você toca, estraga, disse Hanim.

Quando a voz de Hanim ficou rouca e o riso desconexo parou, eu me acalmei aos poucos. Os meus pensamentos despedaçados se entrelaçaram, com as suas costuras vermelhas com o veneno de Hanim, mas minhas mais uma vez. Eu me levantei da minha postura, esfregando meus músculos formigantes para recuperar a sensibilidade. Eu tinha medo de quanto tempo poderia ter passado.

As sombras se moveram e eu quase gritei ao ver a figura escura sentada em uma cadeira perto da parede oposta. Minha visão se ajustou à luz fraca. Eu me vi olhando para o rosto impassível de Arin.

— Você voltou? — ele perguntou.

Encostei a cabeça na parede. Vaun não estava à vista, e me perguntei há quanto tempo Arin estava ali.

— Eu nunca saí.

Ele se levantou, a barra do casaco ondulando em volta das botas.

— Sim, você saiu.

Naquela noite, andei de um lado para o outro. Descalça na pedra

fria, com o cabelo solto da trança, com as mesmas roupas sujas do treinamento. Percorri os corredores, perdendo-me no intrincado labirinto de túneis que serpenteavam pelo complexo. A luz azul dentro das muralhas me seguia, lembrando tanto os raios dourados da fortaleza de Jasad que mordi o lábio. De vez em quando, avistava um dos guardas pelo canto do olho. Eles estavam de vigia à distância. Eu estava grata pelo espaço.

No meu primeiro ano em Mahair, eu me esgueirava pela vila todas as noites até o nascer do sol. Memorizando rotas de fuga, encontrando os cantos para me esconder quando os soldados Nizahl passavam. Os perímetros da vila pareciam enormes. Passei dez anos confortável na opulência e magnificência de Usr Jasad, seguidos por meia década vivendo em uma árvore oca infundida com a magia de Hanim para caber exatamente dois catres e pilhas de pergaminhos.

— Volte para o seu quarto. Agora. — A voz de Vaun o entregou antes que ele virasse o corredor.

Eu estava exausta demais para lidar com Vaun. Os outros guardas me deixaram em paz. Por que ele não podia?

— Você primeiro.

Seus lábios se curvaram para trás e ele se aproximou de mim. Ignorei a vontade de provocá-lo ainda mais e respondi com raiva:

— Não consigo dormir. Caminhar me acalma.

— Eu não pedi a sua opinião inútil. Volte para o seu quarto. Se sair de novo, eu mesmo a arrastarei até a Sua Alteza.

O ódio tomou conta da minha letargia. Eu odiava todos os soldados de Nizahl, mas Vaun... Vaun representava um tipo que eu desprezava acima de tudo. O tipo de soldado que se emocionava com o poder que as cores de seu uniforme lhe conferiam. O tipo para quem infligir sofrimento não era um subproduto da necessidade, mas o objetivo. Vaun era um soldado que ficaria sabendo sobre comerciantes vendendo ossos

de Jasadi e daria uma piscadela para os infratores.

Olhei para minhas algemas. A prata se moveu, apertando meus pulsos. Minha magia estava perturbada. Por quê? Por que agora e não durante o café da manhã, quando Vaun me chamou de prostituta de cachorro?

— Não recebi ordens do seu Comandante para ficar no meu quarto o tempo todo — eu disse. Não recuei diante de seu hálito fétido nem me encolhi diante de suas tentativas tristes de se fazer mais alto do que eu.
— E certamente não recebo ordens suas.

Wes apareceu atrás de Vaun. O guarda mais velho esfregou os olhos e bocejou.

— Vaun, chega. Jeru e Ren estão de guarda. Não recebemos ordens para confiná-la.

Vaun não se mexeu. Ah – agora eu entendi. Virei o queixo e encontrei o olhar exasperado de Wes.

— Ele está me provocando. Ele quer que eu o ataque para ter uma desculpa para me arrastar até o Herdeiro.

A ruga na testa de Wes se aprofundou. Ele estendeu a mão para o braço de Vaun. Antes que pudesse fazer contato, Vaun colocou a mão na minha cintura.

Fiquei mais tensa do que se ele tivesse cuspido na minha cara. Afastei a mão dele.

— Não me toque — eu sibilei.

Mantenha a calma, Essiya, Hanim advertiu. *Ele está te provocando.*

A próxima mão estava no meu braço. Tentei passar por ele, mas ele agarrou o meu cotovelo. Sua outra mão foi até minha barriga, logo acima do umbigo. Qualquer sinal de compostura se esvaiu em nada.

Hanim jogou um pano.

— Pressione sobre o ferimento e pare de chorar. Você não deveria ter deixado ele te pegar.

Virei o rosto para o meu cabelo. Ela odiava ver as minhas lágrimas. Eu quase não chorava mais, mas a dor... essa dor eclipsava qualquer outra que eu já tivesse sentido. Meu sangue escorreu pelas minhas mãos, encharcando o pano em segundos.

Hanim agachou-se ao meu lado e afastou minhas mãos da barriga. Uma inspiração profunda assobiou por entre os dentes.

— Pelo machado enferrujado da Dania, Essiya, o que você fez?

— Eu q-queria que ele chegasse perto o suficiente — gemi. Lágrimas quentes escorreram pelas minhas têmporas e pelos meus cabelos. — Cortei a cabeça dele. Como você disse.

Eu perdia e recuperava a consciência enquanto Hanim se aproximava, enrolando o meu torso em tiras de linho e pele de coelho. Uma bolha de felicidade se elevou sobre a minha agonia. Ela se importava. Ela não queria que eu sofresse.

Uma ardência na minha bochecha me fez abrir os olhos. Hanim me deu outro tapa.

— Você não vai morrer — ela retrucou. Seu olhar era implacável. — A morte não é para quem tem dívidas.

— Sylvia! Sylvia, pare!

Percebi braços envolvendo meu peito, me segurando. Vaun estava no chão, segurando o nariz sangrando. Empurrei Wes para longe. As minhas costas bateram na parede.

— Eu disse a ele para não me tocar. — Eu soava delirante até para os meus próprios ouvidos. — Eu disse a ele.

Vaun se levantou e enrolou o punho no meu cabelo. Ele puxou com força, me derrubando no chão.

— Ela será levada para Sua Alteza.

Wes observou Vaun manobrar meu corpo chutando pelo corredor com uma certa descrença. Ele não o seguiu.

Vaun me arrastou pelo corredor com as duas mãos em meu cabelo. A pedra arranhou e rasgou minha pele, e ele se movia rápido demais

para que eu tentasse me levantar. Mantive as mãos em meu cabelo, tentando minimizar a pressão contra meu couro cabeludo. Cada vez que eu resistia, ele puxava com mais força, e meus olhos lacrimejavam.

Ele soltou uma mão para empurrar uma porta. Fui jogada sobre um tapete azul grosso.

— Meu suserano, peço desculpas por interrompê-lo tão tarde da noite. Descobri a Jasadi explorando os túneis e se comportando de forma evasiva. Quando a questionei, ela se tornou violenta. Ela claramente tem a intenção de lhe causar mal.

Usei a parede para me içar e me levantar. Sentado em uma poltrona perto da janela, com a aparência de quem planejava se recolher para dormir, estava o Herdeiro de Nizahl. Sem olhar para cima, fechou o texto no colo e o colocou de lado.

— Ele está mentindo — eu disse, mas a resposta saiu cansada e sem energia. Que importância tinha? Ele não acreditaria na palavra de uma Jasadi em vez da de seu próprio guarda.

Arin me ignorou.

— Ela expressou essas intenções para você?

Vaun se mexeu.

— Não, é claro que não, mas...

— Ela estava portando uma arma quando você a prendeu?

Vaun e eu ficamos igualmente perplexos.

— Ela quer lhe fazer mal, senhor!

— Tenho certeza que sim. — Ele bateu no braço do sofá. A visão da mão nua de Arin foi surpreendente. — Muitos têm. Prender todos eles seria uma tarefa realmente difícil.

— Ela...

— Ela não se irrita com facilidade — disse Arin. — Além de seus acessos e falhas de humor, a Jasadi não é propensa a reações raivosas.

Franzi a testa. Falhas de humor?

— Ele colocou a mão na minha cintura. — Olhei diretamente para Vaun, sem me preocupar em esconder a minha satisfação vingativa. Ele me arrastou até o Herdeiro apenas para ter sua própria legitimidade questionada. — Quando eu disse a ele para não me tocar, ele colocou a mão na minha barriga. — Falei a última parte com os dentes cerrados, resistindo ao instinto de abraçar a minha cintura. — Eu sou uma arma para o Herdeiro, e você vai me tratar com a dignidade que você dá a uma espada, se não a uma pessoa. *Você* não deve me empunhar.

O olhar de Arin se voltou para Vaun e endureceu. Embora a sua voz não tenha mudado, um arrepio gélido percorreu o ambiente.

— Você colocou as mãos nela.

Vaun abaixou o queixo, o que imaginei ser a versão Nizahl de torcer as mãos.

— Eu não tinha outra opção, meu suserano. Ela não queria voltar para o quarto.

Eu queria me lançar sobre ele, rasgar seus tendões com os dentes e pisotear seu peito até transformá-lo em um banquete para os cães.

— Estou aqui porque *escolhi* estar, não porque você me prendeu, seu porco cheio de pus...

Fiquei em silêncio quando Arin se aproximou. Ele vestia uma camisa preta fina e calças, roupas leves em comparação com suas habituais camadas de preto e violeta. Cabelos prateados caíam ao redor de seu queixo, destacando o hematoma que desaparecia em sua maçã do rosto. Sua capacidade de intimidar não foi suavizada por suas roupas descontraídas. Vaun se ajoelhou, abaixando a cabeça.

— Perdoe-me, meu suserano. Agi sem consultá-lo.

— Sim, isso parece óbvio — disse Arin. — Saia. Discutiremos isso em um momento mais apropriado.

Vaun ergueu os olhos.

— O que devo fazer com a garota?

— Você deve fazer o que eu peço e somente isso. — Outra vez, Arin permaneceu perfeitamente agradável, mas Vaun empalideceu como se o Herdeiro tivesse pedido pessoalmente a sua decapitação. — Vá.

Massageei a raiz do meu cabelo com uma careta. Primeiro o soldado Nizahl na floresta, agora Vaun. Meu couro cabeludo tinha levado uma surra nas últimas duas semanas.

Permaneci perto da porta, evitando cuidadosamente olhar para Arin. Não queria arriscar sair para o corredor com Vaun ainda por perto, então examinei o quarto do Herdeiro com calma. Não havia muito para ver. Um guarda-roupa alto, uma cama apenas um pouco maior que a minha, uma pequena mesa quadrada não mais larga que um livro e uma mesa maior coberta de tinteiros e mapas parcialmente desenrolados. Eu me perguntava o que ele achava da mesinha. Elas já foram um item básico em todas as casas de Jasadi, dobradas e guardadas atrás dos móveis até que um convidado chegasse. O anfitrião colocava um pires e uma xícara aromática do tamanho da palma da mão com ahwa[15] naquela mesa, talvez colocasse um prato de biscoitos ou kunafa[16] ao lado. Eu adorava o cheiro do ahwa, embora na única vez em que o provei, eu o tenha cuspido imediatamente. Mas Soraya ainda me trazia xícaras vazias da cozinha para que eu pudesse cheirar o resíduo escuro como uma vela.

Nos últimos dias, Jasad não me saía da cabeça. Cercada por Nizahlanos não era o ambiente ideal para ficar pensando na minha antiga casa.

Uma pequena caixa no canto da mesinha continha o selo real de Nizahl e um frasco de cera. Peguei-a. O selo era de ferro puro, pesado na minha mão. Na parte inferior, havia duas espadas entrelaçadas. Um corvo emergia onde as espadas se encontravam, com as asas abertas para os lados. Tracei seus contornos, hipnotizada.

— Cuidado — disse Arin. — Cera queima.

O selo escorregou da minha mão. Eu o deixei cair, tentando afastar a névoa que cobria meus sentidos. Conversar com o Herdeiro já era cansativo em um dia bom, e hoje estava longe de ser um dia bom.

— Para que você usa isso? — Levantei o selo, esperando que ele o arrancasse da minha mão e me jogasse para fora do cômodo.

— Meus mapas. — Ele confirmou parte da minha previsão e estendeu a mão para pegar o selo. Eu o deixei cair na palma da mão dele, tomando cuidado para manter distância de sua pele nua.

— Posso vê-los?

Arin me observou por um longo minuto. Empertiguei o queixo, antecipando algum comentário sobre a minha alfabetização ou inteligência.

Ele se virou para a mesa de mapas. Pisquei para as suas costas.

— E então? — disse ele. — Venha ver.

Tropecei nos pés na pressa. Dezenas e dezenas de mapas estavam espalhados pela ampla superfície da mesa. Um jarro cheio de um líquido de lavanda estava no canto, junto com os tinteiros.

Eu não conseguia acreditar que ele estava me permitindo ver aquilo. Os mapas do Comandante eram quase tão infames quanto as suas luvas. Alguns dos esboços foram, sem dúvida, colecionados pelos espiões Nizahl espalhados pelos reinos, mas eu duvidava que ele os valorizasse muito. Sua natureza não parecia permitir nada menos que a perfeição absoluta. E, é claro, a perfeição absoluta só poderia ser alcançada por ele.

— O que você quer ver?

— Qualquer coisa. Tudo.

— Decida.

O nome saiu voando da minha boca em asas temerárias:

— Jasad.

O Herdeiro hesitou. Achei que ele recusaria até que puxou um pergaminho escondido no fundo da pilha organizada e o abriu sobre a mesa. O mapa cobria os mapas menores abaixo dele. Adequado, já que Jasad possuía todo o território a leste de Hirun e ao norte de Sirauk. Onde antes ficava o reino, ficava o novo nome aprovado por Nizahl para Jasad.

Terras Arrasadas.

Minhas algemas estrangulavam os meus pulsos. Pelo menos isso eu conseguia entender: minha magia reagia à dor. Dor por um reino que eu mal conhecia antes de perdê-lo. Antes que fosse usado para me definir e me condenar.

— Consigo sentir a minha magia — disse eu com o distanciamento que usaria para comentar sobre o tempo. Relatar as flutuações da minha magia fora um dos seus primeiros requisitos após a minha tentativa de fuga.

Arin passou o polegar sobre a área onde Hirun dividia as wilayahs do sul de Jasad. Eu poderia ter pensado que ele não estava interessado, se não fosse pelo leve arquear da sobrancelha esquerda.

— Primeiro Fairel, depois os seus amigos, agora um mapa das Terras Arrasadas. Você não notou nenhuma conexão?

Tristeza. Raiva. Medo. Mas eu geralmente sentia os três sem que a minha magia reagisse.

— Não.

Arin cantarolou. Ele não acreditava em mim. Isso teria me incomodado se eu não estivesse tão confiante de que minhas conjecturas não importavam. Elas eram como os esboços feitos pelos espiões: olhados rapidamente e descartados em favor da própria habilidade de Arin.

— Por que você me defendeu? — Ao olhar de Arin, eu esclareci. — Com Vaun.

Ele me encarou, apoiando o quadril na mesa. Concentrei a minha

atenção no mapa de Jasad. Eu não queria perguntar, mas sabia que a pergunta me consumiria. Já havia mistérios suficientes assombrando o meu sono.

— Eu não *te defendi*. Eu defendi as minhas leis. — Ele bateu em um pergaminho escrito em espiral, pregado na frente da mesa. *Primeiros Decretos de Arin de Nizahl, Comandante em Poder e Herdeiro.*

Era uma lista de revisões imediatas ao código de conduta dos soldados Nizahl. Examinei a lista depressa, com as sobrancelhas se erguendo a cada linha. As disposições contidas naquele pergaminho impediam os soldados Nizahl de atuarem como a autoridade final no julgamento de um Jasadi. Se um confronto com um fosse inevitável, o soldado deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar danos ou morte. Somente se a vida do soldado fosse perdida é que eles teriam permissão para usar a força letal.

Lembrei-me do soldado responsável pela morte de Adel empalidecer ao ver o seu Comandante. Agora fazia sentido. Uma aldeia inteira o vira e seu parceiro violarem o decreto do Herdeiro e espancarem Adel até a morte por apenas jogar o soldado a poucos metros de distância.

A próxima linha me fez rir.

— Qualquer maus-tratos físicos ou emocionais aos prisioneiros Jasadi, incluindo, entre outros, espancar, amarrar, cortar, cuspir, usar iscas para atacar animais, ameaças sexuais, violência sexual... — bufei. — Vaun preferiria tocar sexualmente um peixe morto.

— Ele impôs as mãos a uma prisioneira. Suas intenções são irrelevantes.

Meus dentes cravaram-se fundo o suficiente no meu lábio inferior para tirar sangue.

— Pare de me chamar de prisioneira. Estou aqui por escolha própria.

— Achei que isso facilitaria as coisas para você. Pensar em si mesma como prisioneira poderia remover um pouco da culpa por trair sua própria espécie. Ou a culpa está além de você?

Ele pensou que poderia cutucar a minha lealdade, mas eu não tinha nenhuma. Não mais. Onde poderia haver lealdade, vivia apenas um arrependimento ecoante. O rosto pálido de Niyar enquanto ele me ordenava que fugisse, o grito de Palia atrás de mim. Minha mãe, assassinada sozinha em sua torre. Os corpos que nunca enterrei.

Lealdade não significava nada quando se tratava dos mortos.

Arin continuou:

— Por outro lado, talvez seja um sinal de sua astúcia o fato de você se importar tão pouco. Jasad sempre foi condenado. Um reino tão atolado em traição é o arquiteto de sua própria ruína. — Ele se curvou sobre o mapa, apoiando o peso nos nós dos dedos.

Atolado em traição? Agora eu tinha certeza de que ele queria uma reação. Jasad era o único reino sem políticas de corte distorcidas e mentiras enganosas.

Virei-me para encará-lo. Era o mais perto que já tínhamos chegado sem que alguém sangrasse ativamente. Eu ficaria feliz em consertar isso.

— Ninguém segue os seus decretos. Por que seguiriam? Seu pai controla as cortes, e os soldados sabem que qualquer Jasadi que capturarem será morto imediatamente. Jasadis são culpados por existirem.

A cicatriz curvada sob seu maxilar refletiu a luz do lampião.

— Você nega a sua natureza?

O desgosto impregnou as minhas palavras.

— Que natureza? Se você se refere à minha tendência à violência, ela não é maior que a sua.

Para a minha surpresa, um pequeno sorriso curvou o canto dos seus lábios.

— Talvez. Mas nunca chegará o dia em que a minha natureza superará a minha mente. Não há magia em minhas veias que se torne venenosa e me leve à loucura.

Balancei a cabeça. O que eu estava fazendo, desperdiçando o meu tempo argumentando com o filho do Supremo Rawain? Rawain dificilmente foi o primeiro Supremo a trabalhar contra Jasad – foi apenas o mais bem-sucedido. A magia Jasadi era odiada e temida há séculos, e era apenas uma questão de tempo até que inventassem uma desculpa para invadir com força o suficiente para superar a sua culpa. A Cúpula Sanguinária matou uma dúzia de membros da realeza, incluindo a esposa do Supremo Rawain: a mãe de Arin.

Ele nunca suspeitaria do que eu sabia ser verdade. Arin nunca acreditaria que seu pai estava por trás das mortes na Cúpula Sanguinária.

— Para alguém tão convencido de sua própria genialidade, você parece negligenciar uma falha bastante evidente.

Ele ficou quieto. Recusando-se a me abordar. Eu não me importava.

— Você acha que sua mente é uma tela em branco, onde você pode construir suas próprias redes de informação do zero, através da lógica e da razão puras. Você ignora que cada criança entra em um mundo completamente único, baseado em verdades diferentes. Nós construímos nossa realidade sobre os alicerces que nosso mundo estabelece para nós. Você entrou em um mundo onde a magia é corrosiva e os Jasadis são inerentemente maus. Eu entrei em um onde transformar um sapato em uma pomba fez minha mãe rir. Você já considerou, em sua mente infinita, que as pessoas verdadeiramente brilhantes são aquelas que entendem que as realidades que construímos já foram construídas para nós?

Meus músculos se contraíram de antecipação. Se eu tivesse falado com tanta impertinência com qualquer outro Herdeiro ou membro da

realeza, estaria de joelhos com uma espada na jugular. Até o meu avô teria me dado uma surra, ou pelo menos me banido para os meus aposentos.

Arin, com uma expressão pensativa, despejou o líquido de lavanda do jarro em um cálice e o passou.

— Aqui.

Com uma dose considerável de perplexidade, aceitei o cálice. Melhor que uma espada. Cheirei a bebida. O cheiro queimou o meu nariz, muito mais forte do que qualquer cerveja nas tavernas de Mahair. Sob o olhar atento de Arin, inclinei o cálice na boca e engoli com uma careta. Argh. Comer terra depois de uma chuva fresca provavelmente teria um gosto melhor.

— Você não é o que eu esperava — disse Arin. Ele esvaziou o cálice e o colocou de lado, com descuido. Percebi, constrangedoramente devagar: aquela não era a sua primeira bebida da noite. Cada uma dessas bebidas provavelmente era tão forte quanto três cervejas. Mesmo em um estado de razão diminuído, o homem possuía mais moderação do que todo o reino junto.

Eu o odiava por mais razões do que jamais conseguiria nomear. Mas a sua contenção... me enfurecia além da conta. Como prever os padrões de um rio que nunca transborda, nunca vaza ou flui?

Os anos de disciplina de Hanim não conseguiram controlar a minha natureza reativa. Que treinamento ele deve ter suportado para se tornar assim?

Arin estendeu os braços em volta de mim. Recuei, consciente de suas mãos nuas. Mas ele apenas desenrolou um novo mapa, ajeitando-o sobre o primeiro. Respirei fundo. Seria...

JASAD, proclamava o novo mapa, com letras em negrito e dourado. Uma linha serpenteava ao redor da fronteira onde outrora se erguera a nossa fortaleza impenetrável, protegendo Jasad de Essam e de quaisquer

ameaças externas. A fortaleza estava protegida pela magia de cada cidadão Jasadi, permitindo-nos passar livremente por ela, como se não passasse de ar brilhante. Qualquer outro encontraria forte resistência.

Tracei as linhas de Usr Jasad, seguindo-a até as minúsculas letras que prendiam a Torre Bakir. Meu lar, depois o da minha mãe. Desci, atravessando as fronteiras das doze wilayahs de Jasad. Uma emoção indescritível surgiu em meu peito. Jasad existira. Fora real, um dia. Mais do que as *Terras Arrasadas*. Fora conhecido por mais do que o seu destino.

— Leia os nomes das wilayahs — disse Arin.

Estremeci, encolhendo-me diante do mapa. O Herdeiro de Nizahl não me mostraria isso por gentileza. Ele tinha segundas intenções. Mas qual?

Pensei rápido. As wilayahs eram nomeadas em Resar, a língua morta de Jasad. Ele já sabia que eu era alfabetizada em Resar, graças aos ritos fúnebres que realizei para Adel. Que benefício ele poderia tirar de me ouvir ler os nomes de doze wilayahs tão diferentes em Jasad?

Seu sotaque é perfeito.

Pela beleza abundante de Baira, como eu não a notei? Meu sotaque... ou a falta dele. As wilayahs tinham pequenas diferenças dialetais em seus discursos e pequenas variações em seus sistemas de nomenclatura. Se ele soubesse a qual wilayah eu pertencia, começaria a selecionar a lista de possíveis figuras importantes que eu poderia ser.

Uma ideia desabrochou.

— Har Adiween — comecei. Movi meu dedo ao longo das wilayahs enquanto falava. — Janub Aya, Eyn el Haswa, Kafr al Der, Ahr il Uboor. — Continuei até a última wilayah, escondida bem ao lado da Ponte Sirauk.

— Que estranho — disse Arin quando terminei. Os seus cabelos caíam como carretéis de seda entre os dedos quando os afastou do rosto. — Você parece ter desenvolvido um sotaque desde a última vez que

falou Resar.

Abri bem os olhos e dilatei as narinas. Indicadores sutis e minúsculos de medo. Eu tinha tecido mentiras em torno de Mahair com a mesma habilidade com que um halawany[17] tecia açúcar, mas eles não eram Arin de Nizahl. Eles não tinham os sentidos apurados contra a falsidade.

— Eu... eu não tenho sotaque. Eu falei errado. Você me deixa nervosa.

Arin inclinou a cabeça.

— Uma réstia de verdade em meio a uma torrente de mentiras. Mas qual é qual?

— Não estou mentindo. Eu não era ninguém em Jasad.

A firmeza de sua convicção se opôs à minha, me desfazendo. Eu queria atacar, forçar o espectro da descoberta e da morte certa em seus ossos até que as sombras na parede se tornassem indistinguíveis das de seus pesadelos. Mas Arin não era Hanim, nem qualquer outro adversário contra qual eu tivesse cerrado os dentes e vencido.

Ele era minha descoberta. Ele era a morte certa.

Minhas algemas apertaram quase além do ponto de tolerabilidade. Arin se aproximou. Se ele me tocasse naquele momento, minha magia o dominaria, assim como havia feito na Sala das Relíquias. A pulsação enfurecida dela percorreu minha pele.

— Eu me pergunto do que você é capaz — ele murmurou.

— Tenha paciência, meu suserano — eu disse. — Você ainda pode descobrir.

Desta vez, quando o Comandante se moveu em minha direção, foi como um raio. Ele me girou, prendendo os meus braços atrás das costas.

— Isso é uma promessa? — Sua voz era o sussurro de uma espada experiente saindo da bainha, suave e mortal. — Diga-me, Sylvia de

Mahair, como uma "ninguém em Jasad" aprende a ler a antiga língua de Nizahl?

O que?

Ele puxou os meus braços, apontando para o pergaminho pregado na mesa. *Primeiros Decretos de Arin de Nizahl, Comandante em Poder e Herdeiro.* O horror me invadiu em ondas espessas.

Todo o decreto foi escrito em uma língua que Nizahl não falava há duzentos anos.

Eu estava tão distraída com os mapas que esqueci de fingir que não conseguia entendê-la.

— A Cidadela registra todos os novos decretos na língua original de Nizahl. Suponho que lhe ensinaram uma língua morta em Ganub il Kul — murmurou ele em meu ouvido. Sua risada sarcástica me arrepiou.

Arin soltou os meus braços.

— Se você tem alguma ambição na arte da mentira, sugiro que planeje com mais cuidado. Poucas coisas são mais decepcionantes do que uma vigarista descuidada.

A dispensa foi inconfundível. Eu já havia usado toda a minha cota de descuido e não iria gastar mais ignorando-o. Fugi do quarto, parando na porta. Olhei mais uma vez para o Comandante. Gravei em minha memória a sua imagem naquele momento, em pé diante do mapa-múndi. Seu conquistador imponente.

Se os ossos de Jasadi pudessem falar, eles alertariam Arin de Nizahl que nada permanece intocável para sempre.

CAPÍTULO 14



Foi preciso jogar uma tigela pesada na cabeça enorme de Vaun durante o jantar para que Arin permitisse que os guardas me levassem para a superfície.

— Limpe sua cabeça — ele ordenou do alto de seu cavalo. Ele estava partindo para mais uma viagem. Vaun e Ren montaram em seus cavalos. — Não temos o luxo de acalmar cada birra sua.

Consegui não atirar pedras em suas costas que desapareciam, confortando-me com o calor do sol contra a pele. Eu não vinham à superfície há dez dias. Wes e Jeru me acompanharam na caminhada, chutando uma pedrinha para frente e para trás. Isso me lembrou Soraya e Dawoud durante nossos passeios à tarde pelo jardim do palácio. Fiz uma careta, afastando a lembrança como se fosse uma mosca incômoda. Em Mahair, eu raramente pensava na minha vida em Usr Jasad. Certamente não havia permitido que as lembranças invadissem a minha consciência. Aquela parede móvel e as armas Jasadi deviam estar me perturbando mais do que eu pensava.

Meu silêncio contínuo perturbou os guardas.

— Fica mais fácil quando você melhora — disse Jeru. — O começo é sempre o pior.

Até Wes se sentiu inclinado a oferecer palavras de conforto.

— Os treinos de caça à meia-noite no nosso primeiro ano... — começou Wes, provocando um gemido em Jeru. — Não consigo contar quantas vezes me perdi nesta floresta, seminu e confuso.

— Segurando uma lança — acrescentou Jeru. — Uma vez, acordei

tarde e peguei um esfregão. Nosso líder de unidade me encontrou balançando-o para um pardal.

— Espere. Você ouviu isso? — Jeru parou.

Wes franziu a testa em concentração.

— É o rio.

Jeru se virou.

— Não, achei que tinha ouvido... vou alcançá-los. — Ele correu para as árvores antes que pudéssemos responder.

Wes e eu retomamos a caminhada em um silêncio muito menos confortável. Não costumávamos passar tempo juntos sem a presença estabilizadora de Jeru.

— A família de Jeru é muito rica? — perguntei, sem pensar duas vezes. A técnica de interrogatório repentino pareceu funcionar para o Herdeiro.

Wes me olhou.

— Não.

— Ele é um homem gentil — observei. — Um risco na Cidadela.

Por um longo momento, pensei que Wes não responderia. Contei as pegadas que as nossas botas deixavam na lama. Ele respondeu no número quarenta e seis.

— A família dele vem de uma aldeia pobre nas províncias do sul de Nizahl. Ele se qualificou para isenção do serviço militar e...

Por mais que eu odiasse interromper e correr o risco de Wes se fechar novamente, não consegui conter meu choque.

— Há isenção de serviço militar em Nizahl?

— Sua Alteza, o Herdeiro, tornou isso lei há cinco anos. A menos que haja uma guerra ativa, os Nizahlanos podem solicitar isenção caso as suas circunstâncias se enquadrem nos critérios estabelecidos por Sua Alteza. As províncias do sul estão em crise de fome. Jeru era necessário para proteger a sua família da inanição.

— O Supremo permitiu essa lei? — O ceticismo coloriu a pergunta. O Supremo Rawain adorava nada mais do que encharcar a terra com sangue jasadi e jogar adolescentes na boca aberta do exército. Uma lei que proporcionava alívio aos plebeus – a população mais fácil de recrutar – desviava-se de seu plano.

— Sua Majestade não teve escolha — respondeu Wes, e eu teria apostado todas as cadeiras de Nadia que ele parecia presunçoso. — As leis de Nizahl limitam os poderes do Supremo sobre o exército. Uma vez que o Supremo nomeia um Comandante, essas responsabilidades são transferidas. — Ele sacudiu o sapato para soltar-se das garras de um arbusto. — O Comandante encontrou Jeru horas antes de sua execução.

Execução? O que, pela saia sagrada de Dania, Jeru poderia ter feito para merecer perder sua cabeça cacheada?

— Ele assassinou alguém? Queimou uma vila inteira?

— Ele roubou um saco de aveia.

Abri a boca e depois a fechei.

— Eles acusaram Jeru, embora o verdadeiro culpado fosse o filho de doze anos do pedreiro. O pai da criança havia perdido o braço em um acidente, e a sua irmã mais nova não comia havia três dias. A criança roubou a aveia. Jeru contou à patrulha que foi ele. Felizmente, a Sua Alteza tinha um encontro com um dignitário da aldeia. A criança reconheceu o brasão real em seu cavalo e implorou por Jeru. Seu suserano perdoou Jeru e lhe ofereceu uma posição na academia.

— E a família dele?

— Sua Alteza criou um sistema nimwa para a aldeia deles. Ele distribuía a cada família uma quantidade semanal de grãos e leite. A família de Jeru vive do salário dele.

Nimwa. O dialeto Nizahl soava mais áspero ao sair da língua de Wes. Isso me lembrou de outra palavra.

— Wes, o que significa *suraira*?

As suas sobrancelhas grossas se uniram em uma ruga em forma de U. Parecia surpreendê-lo sempre que eu demonstrava algum tipo de pensamento inteligente. Não estava claro se isso era consequência das minhas constantes reclamações ou de seu próprio preconceito.

— Dizem que Suraira é um demônio do infortúnio que protege Sirauk — disse ele. — Alguns Nizahlanos acreditam que Suraira mora sob a ponte e emerge durante a travessia para forçar os humanos à morte.

Esfreguei os braços, passando por cima da carcaça de um coelho parcialmente comido.

— Forçar?

Wes suspirou, provavelmente desejando ter escolhido dormir em vez daquela conversa.

— Ninguém sabe ao certo o que acontece na travessia. Suraira cria às suas vítimas, uma imagem de beleza, decadência, liberdade de seus sofrimentos e fardos. Ela as induz a pularem da ponte e mergulharem no abismo. Todo reino tem histórias bizarras sobre a travessia de Sirauk; Suraira é apenas uma das de Nizahl. Como você ouviu esse nome?

Aparentemente, por ser comparada a um demônio traiçoeiro e causador de infortúnios por seu Herdeiro.

A névoa borrifou meu rosto quando cruzamos a última fileira de árvores. O jorro de Hirun nunca havia cantado tão docemente. Corri à frente, abandonando meus calçados para trás. O primeiro respingo de água fria nos meus tornozelos foi o paraíso.

Eu entrei mais fundo. Este rio serpenteava por todos os reinos, e ninguém jamais havia viajado de uma ponta à outra. De tudo o que veio e se foi, Hirun permaneceu inalterado. O único eixo verdadeiro em uma terra de areias movediças.

— Sylvia! — gritou Jeru. Sua voz soou distante. A água subiu pela minha cintura. Meus pés me levaram mais longe do que eu pretendia.

Uma bola de terra compactada atingiu a água e explodiu na minha cara. Um caroço voou para dentro da minha boca. Eu engasguei, batendo no peito, e perdi o equilíbrio.

Os gritos de Wes e Jeru se dissiparam enquanto o rio catapultava meu corpo leve. Eu me debatia, lutando para manter a cabeça acima da água turva. Um tronco flutuava à minha frente, bem no meu caminho. Esperando alegremente para me decapitar.

Eu me abaixei. A água gelada me cobriu. Minha saia se arrastou, puxando-me para mais fundo. Eu a chutei e bati as pernas. Quando o rio fez uma curva, usei o impulso para me lançar em direção à margem.

Mãos se estenderam, puxando-me para terra firme. Eu as empurrei assim que meus joelhos tocaram a terra seca e engasguei.

— Como vocês correram tão rápido? — perguntei, rouca. Afastei o cabelo molhado dos ombros, estremecendo de desgosto com as teias verdes emaranhadas nos fios. — Eu deixei vocês na margem oposta.

Os dois agachados na minha frente não eram Wes e Jeru.

— Pela vaca chifruda de Rovial — gemi. — Vocês dois estão determinados a morrer?

Marek sorriu.

— Sentimos a sua falta também.

Balancei a cabeça, deixando de lado a alegria ao ver meus dois idiotas favoritos.

— Um pouco de bom senso, uma *gota*... é tudo o que peço. Se os guardas encontrarem vocês...

— Não vão — garantiu Sefa. — A menos que você planeje ficar descansando por muito mais tempo.

Tardiamente, lembrei-me de que as minhas pernas estavam cobertas apenas pela fina camisola branca que eu usava por baixo da saia. Meu cabelo se soltou da trança, pendendo em ondas molhadas ao meu redor.

— Você planejou isso? — Nem Marek nem Sefa tentaram me tocar outra vez, um gesto que eu apreciava agora mais do que nunca.

— Estamos procurando por você desde o waleema — disse Marek.

Um medo profundo tomou conta do meu estômago ao ouvir a menção daquela celebração amaldiçoada. Um nome bateu contra meu crânio, pedindo educadamente para ser liberado.

— Fairel. Ela está... ela... como ela está? — Não percebi que a minha mão havia encontrado meu coração. Contei as batidas na minha cabeça, o meu corpo tenso como se estivesse antecipando um golpe.

— Ela ainda está se recuperando — disse Sefa, e eu quase desmaiei de alívio antes que ela terminasse a frase. *Ela está.* Fairel ainda existia, ainda vivia, e o resto eram detalhes.

— Ela e Rory vão usar bengalas iguais — disse Marek. — Ela sente sua falta, mas está animada por conhecer uma Campeã.

Balancei a cabeça, com um sorriso carinhoso nos lábios. Talvez ela enfim parasse de reverenciar os Campeões quando se lembrasse de ter visto um deles enfiar pão queimado em seu vestido para escondê-lo de Raya.

Um líquido turvo escorreu pela minha nuca. Espremi a lama do cabelo e parei.

— Espera aí, você jogou aquelas malditas bolas de terra?

— A terra era necessária para chamar a sua atenção, já que aqueles dois guardas não saíam do seu lado. Eu não esperava que minha mira fosse tão boa. — Sefa me cutucou com a ponta de sua bengala. — Ande e reclame, vamos.

Dei um tapa na bengala.

— Não posso ir embora.

— Eles não vão te encontrar, Sylvia — disse Marek, e a ferocidade de sua convicção me assustou. — Nós vamos te proteger.

Observei a postura combativa de Marek, a vigilância cautelosa de

Sefa na outra margem. Oh, céus. Um mal-entendido fundamental ocorrera em algum lugar entre o waleema e o agora. Será que eles passaram mesmo as últimas semanas me procurando?

— O Comandante não me sequestrou. — Diante de seus olhares incrédulos, continuei: — Estou treinando para ser a sua Campeã.

Sefa ficou boquiaberta.

— Diga que você não pretende *mesmo* competir no Alcalah. Achamos... achamos que você estava ganhando tempo. Esperando uma oportunidade para escapar.

Caminhei em direção ao norte, até o local no rio onde havia caído. Mantive algumas árvores como cobertura entre nós e Hirun, caso os guardas aparecessem. Não ajudaria ninguém se esses palhaços fossem acusados de atacar a Campeã de Nizahl.

— Ele está te ameaçando? — perguntou Marek. — Ele não pode machucá-la se você recusar o papel. Recusar uma honra não é um crime punível.

Inclinei a cabeça para trás e ri.

— Não faltam crimes para escolher, caso o Herdeiro queira me prejudicar. — Eu tinha certeza de que ele mantinha uma contagem atualizada. Qualquer que fosse a minha expressão, Sefa deve ter ficado alarmada, porque ela me empurrou um embrulho nos braços antes que eu pudesse falar.

— Eu lavei. — Era a minha capa, limpa e consertada. Minha garganta apertou. Sefa balbuciou: — Foram necessárias três esfregadas para limpar o balde depois que a sujeira e a lama escorreram da sua capa infernal. Não tem feito muito sol, então a coitada demorou alguns dias para secar. O cheiro está bom?

Não confiei em mim mesma para falar por um longo momento. A imagem de Sefa de joelhos em frente à bacia d'água, esfregando as mãos em carne viva contra minha capa...

— Está perfeito.

— Você pode se esgueirar perversamente pelas esquinas de novo — disse Marek, com um sorriso de carinho fraternal que eu mal conseguia suportar.

Uma torrente perigosa ganhou força dentro de mim. Minhas algemas queimavam meus pulsos como tornos. Eu fiz uma observação casual sobre isso.

— Sua gentileza seria melhor empregada em outra pessoa.

— Impossível — disse Marek. — Nunca conheci ninguém que precisasse mais dela.

Isso era muito pior do que eu poderia imaginar. Eu não merecia isso. A lealdade poderia ser quebrada. Esses tolos destrutivos me amavam.

Amor. Hanim zombou de mim. *Um novo nome para uma velha loucura.*

Quando Arin ameaçou expor Sefa e Marek, a tática era apenas uma parte de um plano muito maior. Sem a oferta da minha liberdade, sem a ameaça dos exércitos de Felix, eu teria ido embora. Eu poderia ter procurado maneiras de garantir a libertação de Sefa e Marek, negociado e ameaçado poupá-los da corte de Nizahl.

Mas eu não teria me trocado por eles.

Saí da cobertura das árvores, aproximando-me de Hirun com um gemido abafado. A noite havia caído e a silhueta do rio espumava na escuridão.

— Podemos te esconder — disse Sefa, afastando-se depressa de Marek. Ela falou rápido, como se antecipasse uma objeção. — Marek e eu sabemos como nos mover sem sermos detectados. Dominamos a arte do desaparecimento.

— Sefa! — exigiu Marek. — Não!

Sefa mergulhou no rio, fora do alcance de Marek.

— Somos Nizahlanos, Sylvia. Tenho certeza de que já percebeu. O

que você não sabe é que, depois que fugimos de Nizahl, passamos dois anos vagando entre as aldeias Orbanianas e Lukubis, sobrevivendo com o que conseguíamos trapaceando ou roubando.

À minha direita, Marek afundou no chão, cobrindo a cabeça com os braços. Um sapo pulou em seu ombro, o peito inflando com um coaxar. Uma risada incrédula escapou dos meus lábios.

— Quer dizer que você e Marek eram vagabundos?

Sefa assentiu vigorosamente.

— Pior. Sua rota não é nada comparada às nossas enganações. Roubamos tudo: joias, roupas, ferramentas agrícolas. Depois, vendíamos tudo na aldeia vizinha. Enganávamos para entrar nas casas, encantávamos comerciantes e curandeiros. Repetidas vezes, durante anos.

Passei a capa para o outro braço e peguei o sapo do braço de Marek.

— O que mudou?

Por fim, Marek se manifestou, levantando-se com dificuldade. Ele apontou para Sefa.

— Vá em frente, conte a ela. Conte a ela o que mudou.

O sapo se contorceu em minhas mãos, perturbado pela tensão entre os dois. Soltei-o em uma pedra e, com inveja, observei-o se afastar correndo. Sefa se jogou na margem do rio e mordeu o lábio inferior.

— Houve um... incidente... em uma das aldeias Orbanianas.

Marek se virou na minha direção.

— Por "incidente", ela quer dizer que fomos pegos em uma armadilha. Enquanto eu visitava um mercado, Sefa foi espancada quase até a morte. Roubei uma carroça e mal consegui escapar da patrulha. Ela estava à beira da morte quando chegamos a Mahair.

— Temos levado vidas decentes desde então — interrompeu Sefa, ignorando a ira de Marek. Eu não podia culpá-lo por sua frustração; Sefa atraía o perigo com uma frequência alarmante. — Podemos escondê-la

dos soldados de Nizahl.

Eu ainda não entendia.

— Por que vocês deixariam Nizahl, para começo de conversa? Sefa, seu padrasto é o Sumo Conselheiro.

O efeito sobre Sefa foi instantâneo. Seus olhos ficaram opacos e vazios. O brilho desapareceu de seu rosto. Ela parecia tão completamente vazia que eu quis retirar minhas palavras.

Marek se moveu, bloqueando minha visão de Sefa. A hostilidade emanava dele.

— Como você sabe sobre o Sumo Conselheiro?

Ter essa conversa na beira do rio, onde qualquer um poderia se esgueirar por trás de nós, deixou os meus nervos à flor da pele.

— O Herdeiro de Nizahl disse que vocês eram procurados por agredir e roubar o Sumo Conselheiro. — Ocultei o motivo pelo qual ele havia compartilhado a informação comigo. Eles acreditariam que eu havia sucumbido à oferta do Herdeiro apenas para salvá-los.

Marek esfregou o rosto com as duas mãos.

— Ele não disse mais nada? — Não consegui perceber a suspeita subjacente em sua pergunta.

— O que mais ele deveria ter dito?

O fugitivo de cabelos dourados abaixou as mãos. A sua boca se contorceu com amargura, e eu me preparei. Marek podia ser incrivelmente cruel quando lhe convinha.

— Menos de duas semanas, e você já fala como ele.

Meus ombros ficaram rígidos.

— O que você quer dizer com isso, Marek?

— Sylvia. — Sefa interrompeu o insulto áspero que eu planejava lançar a Marek. Tirando a tensão em sua expressão, ela parecia quase recuperada a menção do Sumo Conselheiro. — Posso explicar depois. Mas, por favor, venha conosco. Deixe-nos ajudá-la.

Massageei as têmporas.

— Você acredita que estou resignada ao meu próprio destino? Se Felix não me encontrasse, o Herdeiro de Nizahl encontraria. — Pensei nos Mufsids e em Urabi. Sua determinação em capturá-los superava o seu compromisso com a lei do próprio pai. — Ele é um caçador devotado.

E você está determinada a existir apenas como presa, murmurou Hanim. *Complacência se escreve com as letras do seu nome... Sylvia.*

Sefa recusou-se a aceitar a derrota.

— Há lugares sobre os quais ouvimos falar durante as nossas viagens. Terras perdidas para as montanhas e Essam, além do alcance de qualquer caçador. São apenas rumores, mas...

— Sefa — arquejei.

— Escute-me!

Senti um arrepio na nuca. Virei-me, mas era tarde demais. Vaun derrubou Marek no chão. Ren agarrou Sefa, puxando-a para si com uma adaga em sua garganta.

Arin se materializou do arco escuro das árvores, com as mãos atrás das costas.

— Se ela não ouvir, sem dúvidas, eu ouvirei.

Marek lançou um insulto obsceno ao Herdeiro, e as suas palavras foram sufocadas quando Vaun bateu o rosto no chão.

— Sai de cima deles! — gritei. Corri para a frente, mas o grito de Sefa enquanto a adaga de Ren se cravava na linha sob seu maxilar me fez parar. Virei-me para Arin. — Eles não têm nada a ver com isso!

— Considerando que eles estão vagando pela floresta em busca de você desde o waleema, eu discordo.

— Você não pode machucá-los. Temos um acordo!

Na minha visão periférica, vi Marek parar de se esforçar para me encarar.

— Sim. — A atenção de Arin se desviou para além de mim, avaliando os arredores. — Eles serão mantidos em uma instalação segura em Nizahl até que o Alcalah termine. De lá, podem irritar os meus soldados o quanto quiserem.

— Não — sussurrou Sefa. O braço de Ren a envolveu pela cintura enquanto os seus joelhos cederam. Terror puro se espalhou por seu rosto. — Por favor, por favor, não. Ele vai me encontrar. Ele pode ir para onde quiser, acessar qualquer prédio. Ele vai matar Marek!

— Seu desgraçado — Marek cuspiu. Vaun ficou roxo, e o estalo de seu punho contra o queixo de Marek ecoou na floresta escura. Ele ergueu o punho outra vez, e Sefa gritou quando a cabeça de Marek atingiu o chão.

Fios de agonia serpenteavam pelas minhas algemas.

— Pare! — gritei.

Eles morreriam. Seriam colocados em uma carroça para Nizahl e nunca chegariam ao seu destino. E eu não teria como saber.

Meus dedos se curvaram contra a pressão que crescia em minhas veias.

Marek cuspiu sangue diretamente no rosto de Vaun. O tolo cabeça-quente ia se matar, e a única pessoa que poderia detê-lo parecia pouco disposta a intervir.

— Sylvia! — Sefa gritou.

O chão tremeu. Acima, um bando de pássaros deixou seu poleiro em uma explosão. A pressão diminuiu em minhas algemas. Desta vez, a onda de magia estava mais limpa. Menos agonizante enquanto se espalhava, procurando uma saída.

Desta vez, parte dela conseguiu.

Ren gritou ao ser catapultado para trás, caindo em Hirun com um respingo. A corrente o levou avidamente. Os músculos de Vaun travaram, embora seus olhos ainda se movessem confusos. Marek o

empurrou para o lado, e o guarda caiu com facilidade. Meu estômago vazio se contraiu.

O olho que não havia inchado no rosto de Marek se arregalou. A respiração de Sefa estava muito rápida, saindo com dificuldade de seu corpo trêmulo.

— Estou morta? — ela deu um tapinha na garganta.

— Você é uma Jasadi — Marek sussurrou.

Arin parecia ter se esquecido dos dois guardas. Ele chutou a canela de Vaun, mas o guarda só conseguiu tremer. Um brilho calculista surgiu no olhar do Herdeiro. Marek se levantou cambaleante, ajudado por Sefa. Antes que pudessem ir mais longe, Arin levantou casualmente sua espada.

— Eu não recomendaria fugir — disse ele.

Marek desdenhou, empurrando Sefa para trás.

— Vá! É só uma espada.

Tateei em minha capa, uma ladainha de maldições nos lábios. Uma única lâmina era tudo o que ele precisava. Sefa cortaria os próprios membros antes de deixar Marek morrer, e Arin provavelmente sabia disso.

Sefa tinha virado os bolsos para fora quando lavou minha capa. Será que ela tinha devolvido tudo ao seu lugar original?

Meus dedos se fecharam em torno de uma forma sólida e fria.

Foi extremamente satisfatório que minha magia sobre Vaun se quebrasse no mesmo instante em que Arin sentiu a ponta da minha lâmina pressionada contra a sua lateral.

— Vaun, se você der um único passo, o seu Herdeiro estará morto antes que a lâmina deixe seu corpo — eu disse.

— Vou alimentar os cães com os seus ossos — rosnou Vaun. — Jasadi imunda.

Empurrei a adaga contra o plano duro do estômago de Arin,

rasgando o seu colete preto. Arin olhou para a lâmina, depois para mim. Ele franziu os lábios, parecendo vagamente irritado.

Há duas dúzias de maneiras pelas quais ele poderia desarmá-la, disse Hanim. *Metade delas envolve a sua própria lâmina enterrada no corpo.*

Falei rápido.

— Minha magia responde na presença deles quando responde a poucas outras coisas. Eles sabem sobre minhas habilidades agora. Eles podem revelar minha magia se você os enviar para Nizahl. Qualquer confiança é fácil de trair sob a pressão certa.

— Um argumento sólido para matá-los — disse Arin. Sefa estava com os braços em volta da cintura de Marek, segurando-o. Eles nos observavam com a cautela de galinhas no matadouro.

— Ou mantê-los nos túneis.

Arin piscou, e eu aproveitei a minha vantagem.

— É a opção mais prática. Eles são a única pista que temos da minha magia, e dificilmente conseguirão espalhar meu segredo pelos túneis.

O caminho mais rápido para persuadir Arin estava na lógica, e pelo vinco que se formou em sua testa, eu o convenci.

— Por que perder uma moeda de troca desnecessariamente? — insisti.

— E se eles escaparem?

— Eles não vão.

Arin avaliou os Nizahlanos trêmulos. Prendi a respiração, a palma da mão escorregadia em volta do cabo da adaga. Essam estava estranhamente quieta, esperando comigo.

Embora a sua voz fosse suave, o vento carregava as suas palavras como gelo caindo de um céu em ebulição.

— Não desperdice esta misericórdia — disse Arin. — Ela não será concedida duas vezes.

Ele abaixou o braço. O alívio me percorreu. O argumento para poupar as suas vidas havia triunfado. Uma vitória tênue. Se Sefa e Marek se mostrassem muito problemáticos, a balança de Arin mudaria a favor da morte.

— Vaun, acompanhe-os até os túneis — disse ele. — Lembre-se, é claro, de que eles são nossos convidados. Nenhum mal pode ser feito a eles.

O treinamento de Arin aparentemente valeu seu peso em ouro, porque Vaun conseguiu se curvar, apesar do protesto expresso em sua expressão severa. Acenei para Marek e Sefa. Suas falhas eram muitas, mas Vaun não desobedeceria a uma ordem direta de seu Herdeiro.

— Vossa Alteza — disse Vaun. Ele apontou para a adaga que eu ainda segurava no abdômen de Arin.

— Ah — disse Arin, tendo considerado a minha ameaça insignificante o suficiente para esquecê-la. Fiz uma careta e guardei a adaga de volta no bolso da capa. Marek e Sefa caminhavam à frente de Vaun, apoiando-se um no outro.

Arin se virou. Pelo jeito como as suas sobrancelhas se ergueram, ele não tinha me olhado direito até aquele momento.

— Perdi minha saia no rio — disse eu, com ar recatado.

— Você está segurando uma capa.

Cruzei os braços.

— Tenho certeza de que isso nunca foi uma preocupação sua, mas a lã é um material difícil de lavar. Sefa passou horas... — Interrompi-me com um bufo. Era inexplicável a eficácia com que ele despertava a minha ira. — Estou mantendo-a seca.

Ele tirou o casaco e o estendeu para mim. Fiquei olhando, sem entender.

— Está frio, e você está tremendo. — Um toque de defensiva surgiu em sua voz. — A doença consome mais tempo do que eu tenho

disponível.

Revirei os olhos. Seu precioso tempo. Aceitei o casaco, passando os braços pelas mangas compridas. Como Arin era uma cabeça mais alto do que eu, o casaco caía até meus pés, em vez de minhas panturrilhas. O olhar de Arin permaneceu em meu pescoço por mais tempo do que o normal. Quando ele se inclinou para frente, eu me encolhi, apertando a adaga com mais força. Eu meio que esperava que ele fechasse as mãos em torno da minha garganta. Em vez disso, o que ele fez foi muito mais desconcertante.

Ele dobrou minha gola para baixo.

Exigente demais, ao que parece, observou Hanim. *Podemos usar isso a nosso favor.*

Pelos túmulos amaldiçoados, eu jamais o entenderia. O homem mal se mexia diante de uma lâmina erguida, mas não tolerava uma única gola torta.

— Vamos trabalhar para aprimorar a sua estratégia de ataque — disse Arin. Ele acariciou o corte irregular que eu havia feito em seu colete com o polegar e a testa franzida. — Você vai precisar quando Ren sair de Hirun.

Todos na fortaleza sabiam que Marek e Sefa discutiam. Discutiam sobre a melhor maneira de acender uma fogueira, quantas pancadas eram necessárias para bater um tapete direito, que tipo de semente de fruta ficava melhor torrada. Quaisquer noções que os outros pupilos tivessem sobre a natureza do relacionamento de Marek e Sefa foram logo descartadas. As brigas eram uma válvula de escape para frustrações amorosas reprimidas ou consequência de exposição prolongada. A primeira se resolveu com o tempo, a segunda não. As discussões

raramente se transformavam em brigas sérias. E antes de hoje, eu nunca tinha visto Marek e Sefa gritarem um com o outro.

— Estávamos dispostos a fugir de Mahair com ela a reboque e incorrer na ira do Comandante, mas ficar em um abrigo com comida, água e camas é demais para você? — gritou Sefa.

Sentei-me na cama nova de Sefa, observando com uma mistura peculiar de curiosidade e arrependimento. Se Niyar e Palia não tivessem matado Emre, imaginei que ver meus pais discutindo poderia ter provocado um sentimento semelhante.

— Ele acha que estamos ligados à magia dela. Ele pode nos usar contra ela! — Marek passou a mão pelos cabelos. — Não podemos ficar aqui!

— Como tentar escapar ajudaria? — Sefa bateu a poeira da colcha aos pés da cama. Ela a dobrou com agressividade em um retângulo. — Ele estaria empenhado em nos encontrar, e teríamos muito menos liberdade do que temos agora!

Marek cobriu o rosto, deslizando pela porta. Sefa o observou, rebelde, por um longo momento. Tentei me fazer menor, menos como uma voyeur espiando seus momentos íntimos. Com um suspiro profundo, Sefa deixou a colcha e se ajoelhou ao lado de Marek, gentilmente afastando seus pulsos.

— É só até depois dos testes. O que é mais uma aventura?

Senti-me compelida a falar.

— Ele não iria machucar vocês como punição pela minha desobediência. — Diante do olhar feroz de Marek, acrescentei: — Não por compaixão. Logicamente, machucar vocês dois arruinaria a minha boa vontade e me impediria de treinar com eficiência. Poderia até nos motivar a fugir juntos. Não nego que infligir dor seja mais uma ferramenta à disposição dele. Só não uma à qual ele recorrerá com outras opções disponíveis. Mas se vocês fugirem, se contarem a alguém sobre os

túneis... uma vez que o Comandante tome uma decisão, ele não pode ser dissuadido.

— Quer dizer que ele vai nos matar? — Sefa riu, abafando o som com o cotovelo. — Que perigo há em um bruto? — perguntou Sefa, repetindo a resposta que lhe dei na noite em que matei o soldado. — Fiquei me perguntando o que você quis dizer. Você quis dizer isso, não é? O Herdeiro de Nizahl é educado, brilhante, bonito. Ele é o oposto de um bruto, e mil vezes mais perigoso por isso, porque não se pode saber de que direção ele vai atacar.

— Você acha isso engraçado? — Marek olhou para Sefa com preocupação. Ele pressionou as costas da mão na testa dela.

Sefa caiu no chão, juntando-se a Marek contra a porta. Ela apoiou a cabeça no ombro dele.

— Não.

Ficamos ali sentados até que as pálpebras de Sefa fecharam e roncos leves vibraram em seu peito.

Os lábios de Marek se apertaram.

— Ele sabe quem somos.

Dei um sorriso fraco.

— Caleb é um nome bonito.

O estremecimento de Marek quase acordou Sefa. Sua expressão se fechou, e uma tristeza distante tomou conta de seu rosto.

— Era.

Seu olhar endureceu e se fixou no meu.

— Não entraremos em Nizahl. Se você não encontrar um jeito de convencê-lo a nos libertar antes do terceiro teste, vamos nos arriscar na floresta.

— Entendido.

— Então. Você é uma Jasadi.

Seu desconforto era evidente. Havia muitas histórias sobre os

Jasadis, habilmente plantadas por Nizahl ao longo dos anos para destruir qualquer simpatia remanescente pelo reino devastado. A maioria das pessoas se lembrava de Jasad antes do cerco, negociava fora da fortaleza e enviava convites para os seus waleemas. Mas mesmo aqueles com idade suficiente para se lembrar de Jasad no auge de seu poder sucumbiram à desconfiança e ao medo semeados nos últimos dez anos.

— Eu te assusto agora? — Eu estava apenas brincando em parte.

Marek riu, pegando Sefa nos braços enquanto se levantava.

— Não mais do que o normal. Nunca acreditei muito na ideia de loucura mágica. — Ele a deitou na cama, afastando os cachos da testa. — Mas Sefa está bem brava. Ela queria saber por que você a fez lavar roupa à mão todos esses anos.

Algo apertado e desconfortável se soltou no meu peito. Eu não tinha percebido o quanto estava preocupado com as reações deles. Era a primeira vez que ser Jasadi não me custava nada.

— Marek. O que aconteceu com o padrasto da Sefa?

Os músculos das costas dele se contraíram.

— Não é minha história para compartilhar.

— Não quero perguntar a ela. — Não depois que aquele vazio horrível invadiu Sefa à simples menção do homem. — Por favor. Por que vocês dois têm tanto medo de voltar para Nizahl?

Marek permaneceu em silêncio por longos minutos. Eu estava prestes a aceitar a derrota quando ele disse, com uma voz carregada de fúria antiga:

— O pai de Sefa morreu quando ela tinha onze anos. Seu pai era Lukubi, mas a sua mãe era Nizahlana. Sua mãe se mudou de Lukub para Nizahl e se casou com o Sumo Conselheiro um ano após a morte do pai de Sefa. O Sumo Conselheiro era poderoso e muito respeitado na Cidadela. Ele não era um bom padrasto. Ele tomou... liberdades com Sefa. Liberdades que um homem não toma com uma criança.

A náusea me percorreu o estômago. Olhei para o rosto adormecido de Sefa e imaginei vividamente arrancar a pele de um homem que eu nunca tinha conhecido. Não era de se admirar que Sefa sempre se assustasse tanto quando uma das meninas da fortaleza a acordava. Mesmo depois de muitos anos e quilômetros, seus instintos ainda se lembravam.

— Escapamos e nos infiltramos pelos reinos. Mas não fomos cuidadosos o suficiente. Após o ataque no mercado, eu carreguei Sefa até a casa de Raya e segurei sua mão enquanto o aprendiz do curandeiro a tratava. Quando ela acordou, eu disse a ela que ou nos estabeleceríamos em Mahair ou ela continuaria sem mim. Nenhum plano valia a pena arriscar a vida de Sefa.

Eu mal estava ouvindo, presa em repassar tudo o que Sefa já havia me contado. Procurando por pistas. Sinais do horror que ela havia vivenciado. Ela era a garota mais animada da fortaleza. Se alguém precisasse de uma opinião, Sefa chegaria com mil. Os fazendeiros não gostavam dela por soltar suas galinhas se desaprovasse o estado dos galinheiros. Ela havia se tornado minha *amiga* contra a minha vontade, e isso não era uma façanha fácil de se conseguir.

Marek, adivinhando os meus pensamentos, deu um tapinha no local perto da minha mão para chamar a minha atenção.

— Ela vai falar sobre isso com você quando quiser. Deixe-a em paz.

— Eu deixarei. — Hipocrisia não estava no topo da minha lista de defeitos. Eu não pediria segredos a Sefa se não tivesse interesse em retribuir a confiança.

— Vá tomar banho — disse Marek. — Você cheira a rio.

— Você me empurrou para dentro dele!

— Isso não é desculpa. — Marek me expulsou do aposento. Ele sorriu ironicamente diante do meu olhar furioso antes de bater à porta.

Senti o cheiro de mim mesma e me encolhi. Marek não estava

mentindo. Quando o corredor ficou escuro e silencioso, aqueci alguns barris de água e os despejei em uma ampla banheira de madeira. O vapor subia em volutas brancas do chão de pedra. Fiquei no banheiro até tarde da noite, tentando não pensar no rosto de Sefa à beira do rio e nas mentiras do Sumo Conselheiro.

Verificando o corredor vazio, saí correndo, estremecendo com a rajada de ar frio. Os Jasadis que ficaram aqui antes de nós encantaram as paredes para brilharem à noite como uma alternativa inteligente às arandelas. A magia restante era fraca, no entanto, e pouco ajudava a iluminar meu caminho.

Dobrei o corredor e bati em um corpo firme. Uma mão tapou a minha boca, me empurrando contra a parede. Agarrei a minha toalha. A luz fraca delineou o sorriso irônico de Vaun.

— Se você revelar a sua magia a alguém outra vez, decorarei estes salões com o seu sangue e as suas lágrimas — rosnou ele. — O Herdeiro *não* será incriminado por você.

Lambi uma longa faixa sobre sua palma. Ele puxou a mão com um som de nojo.

— Se necessário, o Herdeiro pode dizer que não sabia que eu era uma Jasadi — respondi bruscamente. Eu já estava grudada na parede, mas Vaun se aproximou.

— Sua Alteza também não será feito de bobo. Uma reputação como a dele não será manchada por atrocidades como você. — Ele se inclinou, perto o suficiente para que eu pudesse distinguir cada fio de cabelo eriçado no topo de sua testa. — E se *algum dia* você levantar uma lâmina contra o Comandante outra vez...

— Você vai... o quê? — Eu respondi ao seu olhar severo com um olhar maníaco. — Me repreender em segredo de novo?

Vaun cuspiu nos meus pés. Com outro olhar de ódio, ele virou no mesmo corredor de onde eu viera. Olhei para os meus punhos. Nem um

traço de calor ou pressão.

— Útil como sempre.

Se o resultado do Alcalah dependesse da minha magia, estaríamos todos condenados.

CAPÍTULO 15



A história tem um senso de humor distorcido.

O dia em que a fortaleza de Jasad foi erguida foi lembrado por todos os motivos errados. A recém-nomeada Qayida Hend estava lado a lado com Malika Safa e Malik Mustafa. Atrás deles, uma multidão de Jasadis se reuniu na colina que se tornaria o pátio de Usr Jasad. Como um só, eles levantaram as mãos e derramaram sua magia. Naquela época, a magia ainda era tão poderosa em suas veias quanto rica na terra. Um condutor ficava no centro da multidão, guiando o fluxo de magia para a Qayida. Dizem que, no dia da ascensão da fortaleza, todo o corpo da Qayida brilhava em prata e ouro enquanto ela lia o encantamento que Malik e Malika haviam trabalhado arduamente durante anos para produzir.

A fortaleza era um sonho para Jasad desde logo após a era dos Awaleen. Proteção. Paz. Os monstros em Essam perseguiam suas fronteiras. Visitantes vinham para ficar na borda de Sirauk, contemplando a ponte enevoada e deixando oferendas bizarras espalhadas em Janub Aya. O comércio havia se tornado instável e as escaramuças com Omal estavam se intensificando. Uma fortaleza sintonizada com o marcador mágico único de cada cidadão de Jasad nos permitiria mover-nos livremente, mas manteria nosso reino seguro de qualquer pessoa – ou coisa – que nos cercasse.

O chão tremeu, derrubando todos, exceto a Qayida. Ela tinha a magia de milhares fluindo através dela e, se parasse, se deixasse a magia se acalmar, ela a incineraria. Com um rugido ouvido até nos cantos mais

distantes de Lukub e Orban, o chão se abriu. Uma parede da cor de resina espessa surgiu da terra, passando pela colina e curvando-se ao redor das fronteiras de Jasad. Dizem que o grito da Qayida encheu os ouvidos de Malik e Malika de sangue. Esferas de ouro e prata explodiram de seu peito, rasgando o interior da parede. As cores que se moviam dentro da fortaleza ficariam conhecidas como Zeenat Hend, em homenagem à Qayida que queimou por dentro para erguer a fortaleza impenetrável de Jasad.

Eu não pensava na Qayida Hend há anos. Sua bravura garantiu que cada Qayida subsequente fosse encarregada de renovar anualmente o encantamento que mantinha a fortaleza intacta.

Lavei o rosto na bacia perto da porta. A água ondulou com o meu reflexo. Tentei não me demorar, mas a visão do meu rosto ainda doía. As olheiras estavam mais escuras que caroços de tâmara. Meu cabelo pendia em uma trança sem brilho pelas costas. O rosto de alguém que não conseguiu cumprir um legado de sacrifício.

Empurrei a bacia para longe. Qayida Hend queimou por sua bravura. Uma das maiores heroínas de Jasad. Mas, se me perguntasse, a morte de Qayida Hend foi uma brincadeira do destino. Ela queimou para despertar a magia, e séculos depois, Jasad queimaria para que pudessem destruí-la.

Lamentamos o que a história zomba.

No centro de treinamento, o Herdeiro de Nizahl não se deu ao trabalho de me cumprimentar. Apontou para as minhas pernas e se virou, concentrando-se no baú de armas. Eu deveria ter ficado grata pelo seu silêncio. A língua de uma serpente só deslizava quando tinha veneno para espalhar.

— Os Herdeiros não deveriam viajar com seus chefs pessoais? — perguntei, passando correndo pelo muro com os meus avós. Como sempre, desviei o olhar. A culpa apertava a minha garganta cada vez que

eu olhava para eles, então me esforcei ao máximo para não olhar.

Arin arrumou diligentemente as ferramentas do dia em cima do baú. Tudo o que eu ouvira sobre o misterioso Herdeiro antes daquele dia fatídico em Essam tinha a ver com a sua aparência e a sua destreza em combate. É considerado muito mais agradável falar poeticamente sobre a beleza comovente do Herdeiro ou sua graça letal do que refletir sobre esse intenso perfeccionismo.

Um dardo balançava no baú. Arin franziu a testa, movendo-o para a segunda fileira. Após um momento de reflexão, ele empurrou tudo o mais um centímetro para a direita.

Perfeccionismo talvez seja um termo muito generoso.

— Sim, normalmente. Por quê?

Terminei os meus circuitos, apoiando-me nos joelhos.

— Os guardas não sabem cozinhar — ofeguei. — Quero um chef da realeza.

— Você vai ganhar um. — Ele estendeu a ponta arredondada da lança. — Eu como o que você come.

— Tenho plena consciência disso — gemi. Se Arin não fosse tão irritantemente Nizahlano, eu poderia ter acreditado que ele era Orbaniano, tamanho era seu desinteresse por luxo e conforto.

Senti um arrepio na nuca quando ele se aproximou.

— Abra os pés. — Ele chutou os meus tornozelos com um movimento rápido, me pegando de surpresa por um instante.

Eu saltei para frente, impulsionando meu corpo com a perna traseira para empurrar a lança. Ela voou com precisão, quebrando a tábua de madeira no centro.

— Você viu isso? — exclamei. Se havia algo que impressionaria o Herdeiro inexpressivo, seria lançar uma lança com força suficiente para partir o peito de um homem em dois. — Metade do exército Orbaniano não consegue acertar um arremesso desses!

Ele me fez repetir vinte e sete vezes antes de ficar satisfeito. Nossa próxima tarefa do dia exigia uma viagem à superfície. Arin se recusou a revelar detalhes sobre o que esse treinamento em particular envolvia ou por que precisávamos completá-lo fora dos túneis.

Wes passou um pedaço de tecido para Arin.

— O que você sabe sobre o primeiro teste? — perguntou Arin.

Eu mudei de pé, lançando um olhar nervoso para os três guardas que aguardavam.

— O primeiro teste acontece dentro de uma floresta amaldiçoada em Orban. Ninguém tem permissão para entrar na floresta fora do Alcalah.

— Por que eles não podem entrar? — Jeru perguntou. Um rubor subiu por suas bochechas bronzeadas quando Arin olhou para ele.

— A floresta é o local de um massacre da era dos Awaleen. Durante a batalha de Ayume, Awala Dania trouxe vida à floresta. As árvores, o lago, até mesmo as folhas. Dania encantou tudo na floresta para matar os soldados em marcha de Kapastra. Embora os séculos tenham enfraquecido a maldição da Floresta de Ayume, o veneno da magia de Dania ainda permanece.

Jeru pareceu devidamente impressionado.

— Correto — disse Arin, arrancando as fibras felpudas do tecido. Observei os movimentos hábeis de seus dedos, estranhamente absorta, até que Arin continuou: — O teste será realizado ao meio-dia. A história mostra que os Campeões que não chegam ao outro lado da floresta ao anoitecer não chegam a lugar nenhum. Nosso objetivo hoje é fazer com que você navegue usando a magia como seu único sentido. Você vai me seguir pela floresta, e os guardas servirão como iscas.

A sobrancelha bifurcada de Kapastra era quase uma réplica do antigo treinamento de Hanim. Exceto que ele não estava ressuscitando criaturas de três cabeças para perseguir.

— Minha magia não vai me ajudar. Vou segui-lo apenas por instinto.

— Veremos. — Arin ergueu a tira de pano, preparando-me para o contato iminente. Mais uma vez, fiquei perplexa com a estranheza de seu código de ética pessoal. — Feche os olhos.

O couro macio pressionava as laterais das minhas bochechas. Ele puxou o tecido com força sobre os meus olhos. Arbustos farfalhavam ao nosso redor enquanto os guardas presumivelmente se dispersavam, montando postos para me desorientar.

— Quão perto Sefa e Marek estarão? — Dirigir-me a Arin no escuro causou um arrepio de inquietação na minha nuca.

— Eles se movimentarão pela floresta durante a sessão. Precisamos determinar se a distância física deles é importante para ativar a sua magia.

Arin se afastou.

— Tente me seguir.

A floresta ficou em silêncio quando Arin desapareceu. A escuridão não me abalou tanto quanto eu esperava, e caminhei com relativo conforto. Passei as mãos de árvore em árvore, esforçando-me para ouvir passos. Minha magia permaneceu distante dessa aventura, deixando minhas algemas dóceis e sem vida em meus pulsos.

O barulho das folhas estalando me alertou segundos antes de um ombro bater no meu. Cambaleei, mal conseguindo me segurar de uma queda vergonhosa.

Galhos estalaram à minha esquerda e me abaixei. Agulhas choviam sobre a minha cabeça. Como Arin esperava que eu o encontrasse enquanto era sacudida em todas as direções por seus guardas? Minha magia não se importava que Marek e Sefa estivessem por perto.

O som do meu corpo se tornava ensurdecedor à medida que eu cambaleava. Minha respiração era áspera aos meus ouvidos, os meus

passos desajeitados e altos. O palpitar do meu coração combinava com a batida em minha cabeça. Eles não estavam me caçando; estavam brincando com o prêmio conquistado.

Afastei esse pensamento. Eu não era mais uma menina de onze anos, vagando pela Floresta Essam à noite, enquanto monstros nascidos dos feitiços de Hanim a perseguiam. O terror não havia induzido a minha magia naquela época, e não me ajudaria agora.

Algo úmido e pegajoso atingiu minha testa. Engoli em seco, enxugando o rosto freneticamente.

— Porcaria por porcaria — Vaun sussurrou diretamente no meu ouvido.

Eu me lancei em direção a ele e encontrei o ar vazio. Desta vez, não consegui me equilibrar e caí com força sobre os joelhos.

Um zumbido precedeu o barulho de pernas pontiagudas sobre minha mão. Um munban. Eu me debati, levantando-me depressa e batendo o ombro contra uma árvore. Eu estava cercada por ameaças que não podia ver, e elas estavam vencendo.

A próxima finta veio da direita. Em vez disso, mergulhei para a esquerda, colidindo com um corpo distintamente humano. Essa era a *minha* floresta. Alimentei este solo com o meu sangue e lágrimas, afiei os seus dentes na carne fina de monstros. Em Essam, eu reinava suprema.

Ruídos ofegantes escaparam da minha boca aberta enquanto eu cerrava o punho e o esmagava contra o que eu esperava ser uma cabeça. Vaun achava que eu não o mataria? Eu não estava sujeita ao mesmo código de ética que seu precioso Herdeiro. Eu arrancaria sua cabeça dos ombros e cuspia em seu crânio. Eu esmagaria o que restava dele na terra, porque seus restos mortais não eram adequados para alimentar animais.

— Sylvia!

O canto de sangue que gemia dentro de mim parou. Por um momento terrível, não consegui localizar minha boca na selvageria

turbulenta.

— Marek? — Apalpei o peito abaixo de mim, procurando o colete de um guarda. Não estava lá. — Marek, me desculpe!

Eu rolei para longe dele, mas a vontade de rasgar um ser vivo em pedaços e plantar minha fúria em seu coração trêmulo permaneceu.

Passos se aproximando me empurraram para baixo. Eu me agachei, pronta para pular.

— Remova a venda — disse Arin.

A consciência chegou tarde demais, depois que eu já havia me lançado. Um aperto de esmagar os ossos agarrou meus braços antes que eu pudesse me chocar contra o Herdeiro.

— Você — disse Arin. — Tire a venda dela.

O pano caiu no chão e eu pisquei depressa contra a luz penetrante. Arin me soltou. Seu olhar inquisitivo lembrava o que ele usara quando me pendurei sobre Hirun. Como se eu tivesse falhado em algum teste elusivo, mas não da forma como ele esperava.

— Por que esperou? — perguntou ele. — Por que você mesma não tirou a venda?

Minha visão se estabilizou. O tambor, com a sua melodia selvagem, desapareceu, levando Hanim e os seus demônios consigo. As palavras nebulosas que saíram da minha boca pertenciam a uma garota diferente, dirigidas a uma mulher morta.

— Você não disse que eu podia. Tenho que seguir as instruções.

Boa menina, Hanim sussurrou.

Em uníssono quase humorístico, Marek e Arin franziram as sobrancelhas. Arin relaxou outra vez, mas eu sabia que sua curiosidade perigosa havia sido despertada.

— No futuro, evite tocar nas árvores enquanto corre — disse Arin, com leveza. — Até mesmo a seiva de Ayume pode te matar.

Na manhã seguinte, entrei na cozinha e senti o aroma de Mahair me envolver. Frutas dispostas em arranjos coloridos, costeletas de cordeiro frescas, especiarias moídas empilhadas em tigelas de madeira. Maravilhada, examinei os alimentos, alguns dos quais já tinham passado da estação há meses.

— Isso foi obra sua, não foi? — perguntou Wes. Afundei-me no assento, puxando para mim uma tigela de aveia embebida em lavanda e mel.

— Sua Alteza ordenou que uma patrulha seguisse um dos pupilos de Raya pelo mercado e trouxesse itens tipicamente encontrados em uma mesa Omaliana — acrescentou Jeru. — Ele nunca demonstrou qualquer interesse extracurricular por comida.

"Talvez eu também devesse começar a reclamar a plenos pulmões quando estiver infeliz — ponderou Jeru. Cruzei as pernas, equilibrando um prato no joelho erguido. Sefa tomou uma tigela de bileela[18], o trigo leitoso coberto com passas e açúcar.

— Você não é tão atraente — disse Marek. Ele bateu nas costas de Sefa quando ela engasgou com a terceira tigela. Ocupei-me com a comida para esconder a minha perplexidade. Por que Arin se daria ao trabalho de trazer comida Omaliana para os túneis se não se importava nem um pouco com o que comia?

Não expressei as minhas dúvidas em voz alta. Jeru e Wes ficaram um pouco mais à vontade comigo com o passar das semanas. A chegada de Marek e Sefa também ajudou. Ren continuou fingindo que eu não existia, e Vaun... gostaria que Vaun fingisse que eu não existia.

— Marek está certo — concordou Wes.

Jeru agarrou o peito e caiu no chão.

— Wes, me segure! Estou ferido!

Terminei de mastigar um pedaço de gibna areesh[19] o suficiente para dizer:

— Tenta atirar adagas nele, Jeru. Ele parece gostar disso.

Todos os três guardas se viraram para me olhar. Wes colocou a cabeça sobre a mesa.

Quebrei um ovo cozido na testa de Marek. Wes e Jeru recuaram. Era uma tradição consagrada pelo tempo na fortaleza: quebrar ovos na testa da vítima mais próxima. Eu retirei os pedaços de casca e perguntei:

— A patrulha encontrou balas de gergelim?

Em uníssono, os dois guardas franziram a testa. Ah, eu havia esquecido que o último encontro deles com doces de gergelim aconteceu quando retiraram um do corpo do soldado Nizahl que eu havia matado.

Marek inspecionou as frutas coloridas com uma expressão séria. Ele arrancou uma do caule, rolando-a entre os dedos.

— Esta fruta não cresce em Mahair — disse ele. — Eu nem sei o nome dela.

— Deixe-me ver. — Marek deixou a fruta cair na palma da mão aberta de Sefa. Ela observou a fruta branca e balançou a cabeça. — Eu também não. Sylvia, você sabe?

Aceitei a fruta quando ela a estendeu. Cortei-a ao meio e coloquei um pedaço na boca.

O sabor seco e azedo que explodiu na minha língua trouxe consigo uma interação antiga, nebulosa demais para ser chamada de lembrança. Niyar não tentara me dar uma tigela dessas frutas brancas? Deve ter sido antes de Soraya se tornar a minha assistente e assumir a organização das minhas refeições. Lembrei-me de Niyar falando sem parar sobre como elas eram especiais, como só cresciam no leste de Jasad e os nobres as tratavam como uma iguaria. Eu as chamava de “frutas do vômito da lua” e cerrava os dentes quando Niyar empurrava uma contra meus lábios.

Quando ele não desistia, eu gritava, e minha magia descontrolada jogava a mesa e as cadeiras contra a parede. Alguém ficou comigo depois que meu avô saiu furioso – Dawoud, não era? Ele enxugou minhas lágrimas e me levantou nos braços.

— Até as rainhas precisam morder frutas azedas às vezes, Essiya. Agora ajude os criados a arrumar essa bagunça.

Joguei as frutas na mesa, com o pulso acelerado nos ouvidos. Como elas poderiam estar ali? Nizahl não havia deixado nenhuma parte de Jasad ilesa, e a existência dessas frutas estava confinada às wilayahs do leste.

— Não as reconheço — sussurrei.

— Curioso.

Dei um pulo na cadeira. Arin e Vaun estavam em pé na entrada da cozinha. O Herdeiro de Nizahl olhou para a fruta descartada às pressas, e uma compreensão gelada tomou conta de mim.

Eu ainda estava sendo caçada. Arin não pararia até descobrir a minha identidade, selecionando a lista de potenciais nobres com o seu método sistemático e eficiente.

Meu coração desacelerou com uma nova determinação. Não bastava apenas esperar ter escondido os meus rastros. Ele continuaria trilhando esse caminho, e a minha única opção era indicar para onde o levaria. Se ele quisesse pistas, eu deixaria pistas que o levassem para bem longe de Essiya, a Herdeira de Jasad.

Eu já tinha começado bem. Ele pareceu intrigado com a minha explosão de violência quando os guardas me perseguiram pela floresta. Nobres não caíam em estado selvagem nessas condições: eles se enrolavam como uma bola e choravam.

Vaun fez uma careta para as frutas vermelhas como se tivessem insultado pessoalmente sua mãe. Arin seguiu em frente com tranquilidade, o momento preso em sua teia.

— Use roupas mais justas — instruiu. — Você vai para Hirun.

CAPÍTULO 16



Arin e Ren ficaram longe dos túneis pelos dias seguintes. Ouvira os guardas discutindo as novas rotações do Comandante em Essam em busca de evidências que pudessem ajudá-lo a descobrir mais sobre os movimentos dos grupos Jasadi. Fiquei feliz com o alívio. Outros pareciam encarar a ausência do Herdeiro com menos alívio. Voltei do banheiro e encontrei uma porção de frutas amassadas na minha porta. O suco escorria pelo chão, ameaçando atrair vários exércitos de formigas. Raspei um pedaço do topo e o levei até a luz.

A fruta branca de Jasad.

Vaun não estava tão inclinado a esperar o momento oportuno quanto Arin. Estava se tornando um padrão perigoso com o guarda. Havia maneiras preocupantes de ele me ferir sem violar diretamente as ordens de Arin. O dever que ligava Vaun a Arin era mais profundo do que o dos demais guardas. Jeru, Wes ou Ren entregariam as suas vidas aos pés de seu Herdeiro com prazer, mas não estavam sujeitos ao tumulto de proteção e fúria que assolava Vaun.

Em nossa caminhada até os túneis, Wes mencionou que Vaun estivera ao lado de Arin desde a infância. Em vez de florescer por si só, o guarda parecia ter crescido em torno de Arin, ramificando-se em uma extensão do Herdeiro. Vaun acreditava no trono de Nizahl, na supremacia máxima de seu reino, com o mesmo fanatismo que alimentava seu ódio vitriólico por Jasadis.

A resposta me atingiu com a força de um vendaval.

Arin era para Vaun o que Sefa era para Marek.

O que significava que Vaun não mediria esforços para garantir a segurança do Herdeiro, mesmo que isso significasse ir contra a vontade de Arin.

Esse pensamento me incomodou durante todo o dia seguinte. Arin ainda não havia retornado. Depois que terminei meu treino, Jeru me acompanhou até Hirun carregando duas cestas de roupas sujas. Inspirei o aroma do rio e senti um nó no peito se soltar. O cheiro era horrível, como sempre, mas um cheiro horrível e familiar.

Jeru praguejou enquanto chapinhava na margem rasa do rio, tentando estender as roupas nas pedras sem perdê-las na correnteza. Pensei em me oferecer para ajudar, mas estava aproveitando um raro momento de sol e não me senti inclinada a me mexer. Encostei-me a uma árvore e cruzei as pernas na altura dos tornozelos, lamentando não ter trazido um doce da cozinha.

Por fim, Jeru conseguiu prender as roupas sobre as pedras e pedregulhos. Ele pegou água dos cestos vazios e despejou sobre as roupas. Não vi os casacos de Arin em lugar nenhum. Uma pena. Eu adoraria chutá-los para os peixes.

Eu tinha acabado de fechar os olhos para aproveitar a luz do sol quando um grito me fez levantar.

Jeru estava mergulhado no meio de Hirun, lutando para se manter à tona. A água fluía ao *redor* dele, deixando-o paralisado no mesmo lugar.

Magia.

Levantei-me de um salto. Uma mulher impecavelmente vestida estava às margens do Hirun. Sete fendas na parte inferior de sua abaya faziam o tecido parecer flutuar em torno de suas pernas, protegidas por calças douradas.

— Estávamos procurando por você. — Ela se virou. Prata e ouro giravam em seus olhos. — Mawlati.

O terror me agarrou e apertou. O mundo girou, e eu me agarrei à árvore para me equilibrar. Ela sabia. Ela *sabia*. Eu não suspeitava disso? Estava tão desesperada para estar errada que mal me permiti pensar no que faria quando me deparasse com os Jasadis que me perseguiam.

Mawlati. Eu nunca tinha ouvido ninguém além da minha avó ser chamada de Mawlati. Nunca pensei que o título pudesse pertencer a outra pessoa além dela.

Eu me forcei a ficar em pé. A fraqueza não me traria nenhum benefício.

— Por que me chama de Mawlati? A família real Jasad está morta.

Ela riu baixinho.

— Foi o que todos nós pensamos. Não conseguimos entender como você permaneceu escondida por tanto tempo, mas não precisa mais ter medo. Viemos ajudá-la a recuperar o trono que lhe foi tirado.

A negação era um caminho fadado ao fracasso. Ela já teria me nocauteado sem a graça de uma conversa se não soubesse quem eu era.

— Você pertence aos Mufsids ou aos Urabi?

Ela contornou delicadamente uma pilha de ninhos munban. As cores da magia continuavam a fervilhar em seus olhos, segurando Jeru no rio. A força de sua magia, as suas roupas, o seu comportamento. Eu havia crescido cercada de um poder como o dela. Ela devia ser da primeira ou segunda wilayah.

Ela torceu o nariz.

— Não tenho nenhuma ligação com a brigada de covardes que se autodenominam Urabi.

Eu queria bater a cabeça na árvore. Ela pertencia aos Mufsids. O grupo Jasadi, segundo Arin, deixou mais corpos de Jasadi mortos em seu rastro do que os seus soldados.

— Como você me encontrou?

Ela se aproximou. Eu enfiei a mão no bolso, mas senti as costuras se

fecharem. A Mufsid balançou o dedo.

— Venho em paz, Mawlati. Sugiro que você me receba em paz também.

— Você está afogando o guarda.

— Não, de jeito nenhum. Afogar seria rápido demais. Prefiro vê-los engasgar por um tempo. — Ela enxugou a testa brilhante. A magia estava cobrando o seu preço.

A magia Jasadi não é um poço sem fundo. Cada Jasadi tem um suprimento finito do qual pode extrair.

Eu precisava mantê-la ocupada até que esgotasse a sua magia. Quando ela se renovasse, eu já teria ido embora há muito tempo.

— Não tenho desejo de me juntar aos Mufsids. Vocês matam Jasadis.

A Mufsid me lançou um olhar como se eu tivesse acabado de declarar que comi pregos de rato.

— Ainda assim, você se alia ao Herdeiro de Nizahl? — Ela balançou a cabeça, erguendo a mão em tom de desculpas. — Perdoe-me, Mawlati. Sabemos que você está sob pressão e não planeja completar o Alcalah como a sua Campeã. Vim para levá-la. Os nossos líderes estão ansiosos para conhecê-la.

Pensei em uma dúzia de abordagens e fiquei de mãos vazias. Não conseguia explicar exatamente que pretendia traí-los para o Herdeiro Nizahl.

— Se você quer me recrutar, por que me atacou com o espectro de uma mulher morta? — O cadáver em decomposição de Hanim pairando sobre mim ainda assombrava os meus sonhos.

As suas sobrancelhas grossas se uniram.

— Nós não fizemos tal coisa. Nunca faríamos. Os Mufsids não se escondem como os Urabi. Uma vez que escolhemos um caminho, não nos esquivamos dele.

Engoli em seco. A agitação de Jeru havia piorado, transformando-se em contorções letárgicas. Ele poderia não sobreviver à magia desta Mufsid.

Observei-a. De certa forma, senti um eco de afinidade com essa Jasadi. Compartilhamos uma perda mútua. Uma cicatriz em nossas almas na forma do nosso lar queimado.

— Por que vocês estão matando Jasadis?

A luz do sol refletia nos fios mais claros de seus cabelos castanhos. O dourado e o prateado haviam se dissipado à medida que a sua magia se esgotava com o esforço de conter Jeru.

— Estamos tentando *salvar* Jasadis. Mas alguns do nosso povo acreditam que é melhor se esconder, viver sob o controle de outrem, do que se levantar e recuperar o que nos tiraram. Não podemos permitir que esses Jasadis sejam usados como armas contra o nosso movimento.

— Por que vocês podem fazer essa escolha por eles? — Balancei a cabeça. — E como eu entro em qualquer um desses planos?

O marrom havia substituído quase completamente as outras cores em seus olhos. Em breve, Jeru se libertaria das garras de seu poder. Ele poderia ouvir essa conversa. Ouvi-la me chamar de Mawlati.

Ou ela o mataria. Provavelmente o mataria.

— Você não é Essiya, a antiga Herdeira de Jasad? Filha de Niphran, neta de Malik Niyar e Malika Palia? Você nasceu para nos liderar. Para lutar ao nosso lado.

Ferrugem encheu a minha boca. Eu queria me juntar a Jeru no rio.

Diga a verdade a ela. Diga que você é covarde e patética, que acredita que não deve a vida ao seu reino, disse Hanim.

— Como você sabia que eu estava viva?

Sua irritação aumentava a cada pergunta. Não demoraria muito para que a sua paciência chegasse ao limite.

— Um novo recruta decidiu tentar um feitiço de localização e

descobriu o corpo de Qayida Hanim. Não conseguíamos rastreá-la desde seu exílio. Qualquer proteção que ela usou para impedir que a encontrássemos desmoronou quando ela morreu. Eles insistiram em investigar. Apesar de nossas dúvidas, concordamos e passamos o ano seguinte tentando rastrear sua magia, mas era como tentar pegar um grão de areia em uma tempestade. Finalmente encontramos aquela horrível vilazinha Omaliana há um mês, mas, infelizmente, a informação vazou para os Urabi de que acreditávamos que a Herdeira Jasad estivesse viva.

"Nem todos ficaram satisfeitos com a ideia de recrutá-la para nossa causa — continuou. — Houve forte dissidência em nossas fileiras. Alguns acreditam, com razão, que reintegrar qualquer pessoa criada dentro dos muros corruptos de Usr Jasad vai contra a nossa missão. Eles queriam encontrá-la e matá-la. Mas acreditamos que seu nome, e, mais importante, a sua magia, servirá a um propósito maior do que qualquer um imagina.

Muros corruptos de Usr Jasad? Do que ela estava falando?

Eu não tinha tempo para processar as informações que me foram dadas. Eu tinha um plano que, com sorte, faria com que nós três saíssemos vivos desse encontro.

Mentiras misturadas com verdades saíram da minha boca, combinando-se perfeitamente.

— O Herdeiro de Nizahl acredita que o meu poder ajudará a conquistar o Alcalah para o seu reino. O Herdeiro é como seu pai: sedento por poder, obcecado por glória. Ele não sabe quem eu sou ou que você me caça. Se eu desaparecer agora, todos os quatro reinos dedicarão seus exércitos e esforços para encontrá-la. O Alcalah é bem protegido, mas posso criar oportunidades para você me encontrar. Se eu desaparecer durante um dos testes, simplesmente assumirão que morri. Encontre uma vulnerabilidade na segurança deles e me leve então.

Ela franziu a testa, mas eu podia ver a ideia girando em sua cabeça.

— Me disseram para trazer você de volta agora.

Endureci a voz com firmeza.

— Se você quer que eu lidere, precisa ouvir.

O prateado e o dourado em seus olhos evaporaram. A correnteza enfim puxou Jeru, levando-o rio abaixo. Eu não estava preocupada. Ele se recuperaria em uma curva e sairia.

A Jasadi inclinou a cabeça.

— Ao seu comando, Mawlati. Espero que se lembre disso quando chegar a hora de escolher entre nós e os nossos covardes.

Covardes, porque os Urabi achavam que homens como Adel não mereciam morrer por preferirem passar a vida trabalhando em uma padaria Omaliana a se juntar a uma rebelião fadada ao fracasso? Por outro lado, os Urabi também não teriam deixado Adel em paz. Jasadis passaram a vida vigiando Nizahl. Quão devastador deve ser o ataque vir de dentro, por cima do ombro, em vez de através das linhas inimigas.

Ela parou perto do meu ombro ao passar.

— Até a próxima.

Eu cerrei os dentes diante da ameaça implícita. Ela falou comigo como se eu lhe devesse um dever de longa data. Essiya sempre seria uma âncora em meu pescoço, acorrentando-me a um destino que eu nunca quis nem pedi.

Encarei seu olhar com um olhar frio.

— Só se você me pegar antes deles.

Alguém bateu na minha porta no meio da noite.

Sentei-me ereta, com o cobertor caindo até a minha cintura, e apertei os olhos pelo meu aposento escuro. E agora? Nada de bom

poderia vir de uma visita a esta hora.

Arin estava do outro lado da porta. A lama manchava as suas botas e os seus cabelos, despenteados pelo vento, caíam em um choque prateado sobre sua testa. Ele devia ter retornado aos túneis e vindo direto para cá. Era gratificante ver o Herdeiro exigente tão desgrenhado. Apesar de seus melhores esforços, Arin ainda era humano.

— Está tudo bem?

— Há um assunto urgente que gostaria de discutir com você — disse ele. — Posso entrar?

Acenei para que ele entrasse, acomodando-me de pernas cruzadas na cama. De qualquer forma, eu não tinha conseguido dormir. As palavras "*paredes corruptas de Jasad*" soavam como tambores cada vez que eu fechava os olhos. Não fazia sentido. Se o resto dos Mufsids fosse como a mulher que eu conhecera, então a maioria deles pertencera às wilayahs mais ricas e poderosas de Jasad. Que desavença poderiam ter com a coroa que os mantinha em suas riquezas?

Depois de deliberar por um momento, Arin sentou-se na cadeira no canto.

— Jeru falou com você — eu disse.

— Sim. — O Herdeiro bateu no joelho. — O que ela disse para você?

Não hesitei. Eu já tinha imaginado essa conversa desde o momento em que a Mufsid deixou o rio.

— Como você consegue sentir a magia?

Arin fez uma pausa. A diversão se insinuou em seu rosto. Fiquei perplexa com o quanto ele parecia gostar de ser encurralado ou ultrapassado. Cada troca de farpas com o Herdeiro Nizahl era um jogo. Uma batalha de vontades em um campo encharcado de sangue, com ele como o último homem de pé.

— Você quer negociar?

— Sim. — Eu lhe dei um sorriso inocente. — Você me disse que toda verdade tem seu tempo. Deixe que este seja o seu.

— Eu poderia arrancar isso de você. De maneira dolorosa.

Golpe frontal. Óbvio e fácil de bloquear. Fácil demais.

— Só temos três semanas até partirmos para Lukub. A minha magia ainda não está funcionando. Você não pode se dar ao luxo de perder tempo de treinamento enquanto eu me recupero da sua tortura.

— Mas posso me dar ao luxo de perder o tempo dos seus amigos. — Ele inclinou a cabeça. — Com quem devo começar, Sefa ou o garoto?

— Você não terá minha total cooperação se torturá-los. Pode até correr o risco de motivá-los a fugir, o que seria um desperdício de recursos e a perda de uma ferramenta de treinamento.

Eu estava me divertindo. Tive poucas oportunidades de ser realmente astuta em Mahair. Era como flexionar um músculo que eu havia esquecido que existia.

Nunca conheci ninguém tão *imóvel* quanto Arin de Nizahl. O homem parecia esculpido em pedra.

— Tenho uma teoria.

Levantei uma sobrancelha.

— Parabéns.

Ele me ignorou.

— Proponho uma troca diferente. Conte-me sobre os Jasadi perto do rio e eu compartilharei minha teoria por trás do seu ataque em Essam.

Ah, um golpe fatal. Puxei as pontas desfiadas do meu vestido enquanto considerava as minhas opções. Descobrir por que ele possuía uma estranha sensibilidade à magia era importante, mas não urgente. De nada me serviria a menos que ele também mencionasse como se pode desenvolver imunidade ao seu toque. Mas a pessoa que me atacou em Essam me conhecia, conhecia a minha história com Hanim e queria me matar por isso.

Um suspiro escapou dos meus lábios.

— Aceito a sua troca. — E assim ele mais uma vez ficou sozinho no campo de batalha, minha sombra de resistência perseguida até o esquecimento.

Ele cruzou as mãos sobre o estômago. Recostou-se.

— Da próxima vez, talvez você tenha mais com o que negociar.

— Não preciso do seu consolo.

— Você prefere a minha zombaria?

— Só a sua teoria. Ou a sua mentira bem elaborada. Provavelmente são a mesma coisa.

Um trovão estalou em sua expressão, brilhante e assustadoramente violento. Ah, eu tinha perfurado as suas camadas de granito, não é?

— Eu não *minto*. Quem você pensa que é, para que eu manche a minha integridade para enganá-la?

— Eu sou a sua Campeã. Sua aluna. Você se esforça para trazer a minha magia à existência. — Desta vez, fui eu quem permaneceu calma. — Tenho notícias lamentáveis sobre a sua integridade, Comandante.

A onda de raiva se dissipou tão rápido quanto surgiu. Sua expressão se suavizou, assumindo a máscara que eu havia aprendido a abordar com extrema cautela, e a velha advertência de Teta Palia ressoou em meus ouvidos. *Uma árvore sem raízes é como um rio sem correnteza, Essiya. Um sinal de natureza perturbada. De caos. Se algo não é feito para se curvar, o que pode fazer além de quebrar?*

Eu não achava que Arin de Nizahl pudesse ser quebrado. Mas eu achava que ele poderia ser pressionado o suficiente para quebrar todos os outros.

Quando ele voltou a falar, foi sem emoção. Uma recitação de fatos.

— Minha teoria diz respeito ao número de Jasadis atrás de você. Os Urabi e os Mufsids mantêm um padrão geral. Os Urabi recrutam ou sequestram Jasadis úteis. Os Mufsids levam os Jasadis dispostos e

massacram o restante. Nas poucas ocasiões em que perseguem o mesmo Jasadi, a identidade do alvo permanece um mistério. Você é a exceção, porque eu a alcancei antes deles.

— Sua teoria é sobre o porquê de eles estarem atrás de mim?

Os lábios de Arin se contorceram ironicamente.

— Uma teoria é uma resposta possível para uma pergunta formulada. Eu tenho uma resposta para o motivo pelo qual estão atrás de você.

— Que eu era uma nobre, ou alguma figura importante de Jasadi? Você acha mesmo que um nobre poderia sobreviver como um camponês de aldeia por anos? — Balancei a cabeça, mudando depressa de assunto. — Qual é a sua teoria?

— Alguém dos Mufsids ou dos Urabi se rebelou — disse Arin.

Puxei os fios soltos da ponta da minha trança, enrolando-os no dedo.

— Rebelou como?

— O espectro na floresta teria te matado se eu não estivesse por perto. Se os Mufsids e os Urabi estão tentando te recrutar e você não os rejeitou, por que te matariam? Deve haver um desertor, provavelmente alguém dos Mufsids. Eles devem ter um motivo forte para quererem você morta, se estão dispostos a ir contra o próprio grupo.

A implicação era clara. Olhei o Herdeiro de Nizahl diretamente nos olhos.

— Eu não pertenço aos nobres.

Ele cantarolou:

— É o que você diz.

Lhe lancei um olhar de reprovação.

— Por que não me pendurar em Mahair e esperar até que eles ataquem? O Alcalah estará lotado de gente.

— O Alcalah estará fortemente protegido, e há pontos fracos entre

os testes onde ambos os grupos tentarão atacar. Mahair deixa muita margem para erros. Os Urabi enviam os seus Jasadis mais poderosos para recrutar, e eles levam apenas alguns instantes para subjugar o alvo e levar todos embora. Se você se tornar a Vitoriosa, estará constantemente cercada por guardas, protegida em casas na cidade alta. O Alcalah é a melhor chance deles de capturá-la.

— E o Banquete dos Campeões? Seria melhor me atacarem no Palácio de Marfim do que durante o Alcalah?

— Chega de perguntas. Conte-me sobre a Jasadi.

Dobrei os joelhos contra o peito e me perguntei, não pela primeira vez, se as nossas almas tinham forma. Se eram como as ovelhas penduradas no gancho do açougueiro, e cada decisão que eu tomava retalhava a minha até os ossos pendurados e ensanguentados. Mas me recusei a acreditar que era uma falha em priorizar minha própria liberdade, mesmo que a voz de Hanim insistisse no contrário.

Abri a boca e contei tudo a Arin. Como os Jasadi mencionaram que havia divergências em suas fileiras em relação ao meu recrutamento. A mentira que contei a ela sobre deixar uma abertura para os Mufsids. Moldei a história da forma mais próxima da verdade, cortando os pedaços de *Essiya* e *Mawlati* como mofo de um pão.

Arin sentou-se à minha frente enquanto eu falava, com os cotovelos apoiados nos joelhos. A máscara sinistra havia caído, dando lugar a algo que eu nunca imaginei que veria: perplexidade.

— Você escolheu ficar. Aqui, nesta prisão de pedra, treinando para um torneio que tem aproximadamente duas em três chances de te matar — disse ele devagar, incrédulo. — Os Mufsids me evitam há anos. Eles são a sua melhor chance de se esconder de Felix e de mim. Por que você ficaria?

Cerrei o maxilar.

— Eu já disse. Estou aqui por escolha própria. Escolhi a minha

liberdade, e você é minha melhor chance de conquistá-la.

— Às custas do seu próprio povo?

— Eles não são o meu... — Prendi a respiração, horrorizada. Pelo túmulo contaminado de Rovial, eu quase disse. Quase contei um segredo pior que Essiya, pior que Hanim. Cerrei os dentes, com lágrimas repentinas de frustração brotando no fundo dos meus olhos. — Por que eu deveria a eles a minha vida? Por que é aceitável que outros escolham a si mesmos, mas é egoísmo quando eu faço isso? Eu não pedi por isso. Não quero isso.

De repente, levantei-me, horrorizada por revelar um resquício das minhas dúvidas mais profundas à pessoa com maior probabilidade de usá-las contra mim.

— Você deveria ir.

— Sylvia. — O uso do meu nome, a primeira vez desde Mahair, fez com que o meu olhar relutante se voltasse para o dele. Arin me olhou com seriedade. Uma sombra de compreensão. — Diga-me quem você é.

O choque me deixou muda. Eu tinha uma oportunidade. Havia demonstrado honestidade ao relatar a conversa do Mufsid e uma demonstração acidental de vulnerabilidade; aparentemente o equilíbrio certo de ingredientes para apaziguar a desconfiança contida de Arin por um triz. Se eu tropeçasse, se ele sentisse um sinal de desonestidade, nunca mais a baixaria.

— Você não vai acreditar em mim.

Ele esperou.

— Meu pai era Waleed Rayan. — Embalei o nome com uma pitada de saudade, uma dose de tristeza e um monte de reprovação. As emoções de uma filha traída, mas outrora amada. Pelo menos, eu esperava. Eu nunca fui filha de ninguém. Meu pai desapareceu do mundo com uma flecha na garganta, e meus avós jogaram Niphran na Torre Bakir quando ela tentou segui-lo.

— Waleed Rayan. O Juiz de Ahr il Uboor. — Arin bateu o dedo no joelho. — Quer dizer que você é Mervat Rayan, filha da terceira família mais poderosa de Jasad?

Eu havia escolhido Mervat Rayan por três motivos. Primeiro, tínhamos a mesma idade. Os pais dela visitavam Usr Jasad com frequência, deixando-me com a árdua tarefa de entreter a menina. Waleed Rayan era importante o suficiente para ser amplamente odiado, então Arin entenderia a importância de recrutar a filha de Waleed. Segundo, eu não gostava dela. Ela não subia nas tamareiras comigo nem perseguia meu caracal[20] de estimação pelos jardins.

Terceiro, eu sabia, com certeza, que Mervat Rayan e a sua família estavam mortos. Eles tinham vindo visitar meus avós antes de partirmos para a Cúpula Sanguinária, e Gedo Niyar os convidou a permanecer em Usr Jasad até o nosso retorno. No momento em que a fortaleza ruiu, os soldados do Supremo massacraram todos os habitantes de Usr Jasad.

— Prefiro Sylvia — eu disse.

E talvez eu estivesse no lado errado da exaustão. Talvez meu encontro com o Mufsid tenha deixado uma marca mais profunda do que eu pensava.

— Eu sei o que você pensa de mim.

A cicatriz se destacava nitidamente contra sua pele. Os olhos de Arin se estreitaram quando levantei a mão perto do seu queixo. Foi uma atitude estúpida, tão tremendamente estúpida que eu sabia que passaria o resto da noite me repreendendo. Tracei o ar acima da cicatriz, os meus dedos a um fio de cabelo do seu rosto. Ele não podia esconder suas cicatrizes atrás de uma túnica ou um manto.

As que eu tinha nas costas eram uma marca de vergonha. As de Arin, não. Seja qual for a causa, ele tinha essa cicatriz enquanto usava as luvas. Outra barreira entre ele e o resto do mundo.

— Você prefere morrer protegendo os seus do que viver uma meia-vida escondido. Eu sou fundamentalmente repugnante para você, não só porque sou uma Jasadi, mas porque acredita que eu sou uma covarde. — Segurei uma de suas mãos enluvadas, virando a palma para cima. Um arrepio de terror percorreu a minha espinha quando ele não recuou. Parecia um triunfo proibido fazer aquilo. Estender a mão e tocar um Herdeiro cuja reputação de inacessível havia crescido a proporções míticas. A vontade de provocá-lo, de provocar uma reação do homem mais reservado de todos os reinos amaldiçoados pelos Awaleen, era forte demais para resistir.

"Considere isto, meu suserano: há destinos piores que a morte. — Tracei uma flecha da borda de sua luva até a ponta de seu dedo mais longo. — Quando o tratado se tornou o resultado mais importante da Batalha de Zinish, ninguém se perguntou o que restava dos soldados Orbanianos que sofreram as consequências da magia da Sultana. Aqueles que guardaram as suas armas, dobraram os seus uniformes e voltaram para casa, para as suas famílias. Você se perguntou?

— Eles se desmembraram.

Sorri.

— Nada motiva os humanos mais rápido do que o medo. É uma lição que o seu pai adotou ao máximo. Vivi com medo. Isso não me motivou a me juntar aos Mufsids ou Urabi e marchar para uma batalha que eles podem muito bem vencer, mas ao custo do meu desmembramento.

Coloquei a mão dele sobre o coração e me afastei.

— Não sou covarde, assim como você não é o salvador.

Arin não moveu a mão por um longo minuto.

— Que eloquente. Quase acredito em você.

Ele se levantou e eu prendi a respiração. Se a espada de alguém algum dia colocasse esse homem de joelhos, nunca o humilharia. Seu

poder não vinha da magia ou do status, mas de um senso de identidade inabalável.

Talvez fosse a única coisa que eu odiava mais do que sua linhagem.

Arin levantou meu queixo, esperando até que eu parasse de olhar para sua testa para falar:

— Você disse que me é repugnante. E é, mas não pelos motivos que pensa.

Uma mecha de seu cabelo deslizou contra sua bochecha, e a seda do cabelo causou um arrepio de desconforto na minha espinha.

— Não acho que seja o medo que te motiva. Eu te entendo, então. Uma fera encurralada ataca para se proteger. Mas você…

Sua mão se moveu para o meu queixo em um movimento incontrolável, virando a minha cabeça para a dele. Eu conseguia ver todos os tons de azul em seus olhos claros, contando os cílios prateados curvando-se ao redor deles. Eu estava presa em seu abraço.

— Você é uma criatura de puro rancor. Não reagiria por medo, mas por fúria. Penso diariamente em acorrentá-la a uma parede e ver quem você atacaria primeiro: a mim ou à parede. — Sua voz era baixa, carregada de... curiosidade? Não, não podia ser isso. Apesar dos esforços para desvendar a minha identidade, Arin parecia me achar tão notável quanto um machado sem corte.

Agarrei o seu braço, cravando os meus dedos em seu casaco. Se ele fizesse mais um movimento, eu o atingiria na garganta desprotegida.

— Você. Definitivamente você.

— Quase acreditei em você, Suraira. Quase. Mas você se esqueceu de uma coisa.

Ele afastou um cacho da minha bochecha. Lá estava de novo – o lampejo de curiosidade.

— Você me deu seu nome sem pedir nada em troca.

CAPÍTULO 17



Duas semanas antes do Banquete dos Campeões, a minha magia continuou a representar um obstáculo intratável.

Arin queria que funcionasse. Ele me garantiu em inúmeras ocasiões quão eficiente a morte me encontraria se eu competisse contra os outros Campeões sem a ajuda da minha magia. Para isso, os nossos treinamentos aumentaram. Em intensidade e quantidade.

No sexto dia, antes da nossa partida para Lukub, entrei no centro de treinamento, enrolando a minha trança em um nó no alto da cabeça. Senti imediatamente a incongruência no ar. Minha apreensão aumentou ao ver as ferramentas do dia espalhadas descuidadamente em frente ao baú.

Arin jogou uma adaga familiar – a adaga de Dania, da sala de guerra – para cima e a pegou. Ele fez isso de novo, pegando o punho a cada descida.

— O que está errado?

Ele continuou jogando a adaga para cima. Peguei as ferramentas, tentando me lembrar de como ele gostava de separá-las. A lança de três pontas ia atrás da lança ou do martelo?

Quando o silêncio de Arin se prolongou, esfreguei a ruga acima do meu nariz e disse:

— Por que você insiste em se torturar?

Isso chamou a sua atenção. Ele fechou a mão em volta do cabo da adaga.

— Me torturar. — O próprio tom, fino como um fio e

transbordando condescendência, deveria ter me alertado para não fazer isso.

— Eu sei o que você faz quando desaparece na superfície. Os Mufsids e os Urabi ceifaram vidas por todos os reinos. Fugiram dos seus soldados mais capazes. É por isso que estou aqui, não é? Sou sua isca. Deixe-os ser atraídos em vez de persegui-los constantemente.

A risada sem humor de Arin ecoou.

— Minha isca, cuja magia não conseguiria induzir um pássaro a voar.

Cerrei os dentes.

— Estou tentando.

Seu humor sombrio era palpável, percorrendo o centro de treinamento e deixando rastros de destruição.

— Ninguém pode dizer que você não deu tudo de si. É uma pena que tudo o que você tem não signifique nada.

Envolver-me com ele nesse estado não ajudaria em nada. Arin poderia facilmente transformar seu gelo em crueldade insuportável, cortando aqueles que estivessem em seu caminho de ponta a ponta. Eu não podia prever isso. A crueldade de Hanim era ingênua, direta, feita para causar um impacto forte e rápido. Gostava de pensar que era feita de uma fibra mais resistente, mas não era uma teoria que eu quisesse testar.

Antes que eu pudesse sair, a porta do outro lado do centro de treinamento se abriu. Sefa e Marek entraram, em meio a uma discussão acalorada.

Sefa percebeu a tensão e ficou em silêncio. Seu olhar se alternava entre Arin e eu.

— Desculpem. Não queríamos interromper.

Marek, no entanto, tinha os instintos de uma pulga de cabra. Ele ergueu uma sobrancelha loira em nossa direção e perguntou devagar:

— Briga de namorados?

Mais tarde, eu me lembraria de como Arin empalideceu. Como aquelas duas palavras pareciam ter lhe causado um golpe debilitante. Eu consideraria se a tolice de Marek não era seu próprio tipo de intuição. Naquele momento, tudo o que vi foi Arin girando o pulso e lançando a adaga.

Ela teria cortado o coração de Sefa. Limpo e eficiente. Ela estaria morta antes que seu corpo atingisse o tapete.

Antes que a lâmina pudesse atingir o alvo, uma forte onda de náusea me derrubou de joelhos, e o mundo congelou.

Pressionei as costas da minha mão trêmula contra a boca, lutando para manter o café da manhã. Todos estavam estranhamente imóveis. A ponta da adaga estava congelada a cinco centímetros do peito de Sefa.

Apoiando-me contra a parede, cambaleei até me levantar. Não havia como prever quanto tempo minha magia duraria. As feições de Marek congelaram com o horror que se aproximava, as de Sefa com irritação. Ainda presa ao comentário idiota de Marek, completamente alheia ao fato de que cinco centímetros de ar vazio era tudo o que a separava da morte.

Envolvi a adaga com a mão e puxei. Para meu alívio, ela saiu na minha mão. Com a ameaça imediata eliminada, minha raiva fervilhou.

Virei-me. Arin estava imobilizado, com o braço ainda erguido no ar.

— Eu devia te matar aí mesmo — rosnei. Equilibrei a ponta da adaga na parte de baixo do seu queixo. — Te sangrar até a morte bem aqui.

Arin e eu havíamos chegado a um impasse. Eu não sonhava em atravessá-lo com minha lâmina com tanta frequência. Ocasionalmente, quando ele estava contemplativo ou fingia me ignorar, eu até tolerava sua companhia. Matar a minha amiga por capricho? Qual era o sentido disso?

A ponta da adaga se aprofundou em sua pele.

— Você mirou em Sefa — murmurei. — Não em Marek.

Quatro semanas atrás, a minha força de vontade talvez não tivesse superado a vontade de cravar esta adaga na nuca dele. Hoje, foi uma vitória apertada.

— Outro teste. — A qualidade crua da minha risada raspou os meus ouvidos. — É mais seguro apostar que a minha magia interviria por Sefa do que por Marek.

O olhar de Arin se fixou no meu. Será que a minha magia o havia afetado? Seu humor perigoso não havia mudado, e eu me preparei para não recuar.

— E se você estivesse errado? E se tivesse calculado mal?

— Perguntas sem sentido são melhores deixadas para os poetas — disse Arin. Ele me obrigou a dar um passo para trás. Travei o maxilar, encarando-o com raiva.

Um movimento na minha periferia sinalizou que Marek e Sefa estavam animados outra vez. Arin atacou com um movimento rápido, batendo com a palma da mão na parte interna do meu pulso e fazendo a adaga voar.

Os olhos do herdeiro Nizahl eram fragmentos de uma promessa letal.

— Aponte uma adaga para mim mais uma vez, e será a sua última.

A frágil paz que Arin e eu havíamos cultivado desapareceu.

Para a minha consternação, a sua aposta valeu a pena. Agora que sabia que a minha magia reagia a ameaças contra Sefa ou Marek, ele encontrou maneiras criativas de garantir que eu sentisse medo genuíno por eles em todas as sessões. Ele fez Vaun levá-los para um passeio até Essam, e a minha magia arremessou uma pá no painel. Em outra, ele

descreveu exatamente como uma corte condenaria Sefa por agredir o Sumo Conselheiro, e os métodos que poderiam escolher para condená-la à morte. Consegui levitar um dos baús de guerra. Apenas por um segundo, enquanto a magia queimava as minhas algemas e o medo por Sefa apertava o meu estômago.

Hoje, o baú de guerra voou pela sala, colidindo com a imagem de Niyar. Ele tremulou, revelando a parede branca atrás da pintura animada, antes de se recompor.

Em vez de se alegrar com o acontecimento, Arin pareceu ficar ainda mais carrancudo.

— Você está comendo?

Fiquei surpresa.

— Sim? — Embora a qualidade da comida tivesse melhorado desde a primeira semana de trigo com leite, o talento dos guardas para cozinhar não havia melhorado. Eu tinha usado o pão de Wes como arma no outro dia.

— A magia Jasadi é um poço que se reabastece em velocidades imprevisíveis. Se você chegar ao fundo do seu poço muito rápido, poderá ficar impotente até que se reabasteça. Você está raspando pedra.

— Estou movendo os baús. — O resto era irrelevante. Eu já estava fraca e cansada antes. Conseguiria superar isso.

Pensei no corpo de Marek pendurado nos portões da Cidadela. Desta vez, o batimento nos meus pulsos não doeu. As armas que Arin colocou em cima do baú pairaram no ar por um milissegundo e depois voaram para a parede do outro lado do centro com precisão mortal.

Os limites da minha visão ficaram turvos. Quando abri os olhos, o céu falso me deu as boas-vindas.

Arin moveu a cabeça em direção ao sol. Ele me encarou.

— Preciso de um momento — eu disse casualmente.

— Você precisa de mais de um momento. — Ele se abaixou, e a sala

girou outra vez enquanto eu era puxada para cima. As minhas pernas traiçoeiras cederam. Arin me segurou pela cintura, franzindo ainda mais a testa.

Colada ao seu lado e sem peso, abri a boca para gritar obscenidades diretamente em seu ouvido, mas reconsiderei. Por que me incomodar? Não tinha energia para uma birra respeitável.

Seu corpo era uma linha sólida contra o meu. Essa era a maior proximidade que eu já tinha tido com um homem que não estava tentando esfaquear. A maior proximidade que eu já tinha tido com alguém que não estava tentando me matar, na verdade. Que deprimente.

Esperei que a onda de pânico me atingisse ao seu toque. Eu havia considerado sua ausência da última vez que ele me tocou como um acaso. Eu estava distraída demais imaginando se ele iria quebrar meu pescoço para pensar em entrar em pânico. Mas ele estava me tocando agora e... nada. Nenhum pânico.

Ainda assim, muito desconforto. No momento em que estávamos próximos o suficiente, eu me esgueirei, cambaleando em direção à minha cama.

Arin não hesitou.

— Wes e Jeru acompanharão vocês até Mahair. Eles ficarão por perto durante todo o dia, mas vou instruí-los a respeitar sua privacidade.

— Mahair? Estou pedindo para me deixar visitar há semanas, e você escolhe agora? Não podemos perder tempo.

— Fica a menos de meio dia de cavalgada. Mandei que preparassem os cavalos.

Fiquei de queixo caído. Eu estava a menos de meio dia de viagem de Mahair esse tempo todo?

Olhei para Arin até que me dei conta.

— Você se sente culpado. — Eu explodi em risos, que logo se transformaram em tosse seca. — O famoso Comandante se sente culpado

por quase matar uma aldeã. Não se preocupe, acho que Sefa não está chateada com você.

— Você já terminou?

— Você terminou? — retruquei. — A minha magia é fraca e incerta. Finalmente temos uma vantagem, e o Banquete dos Campeões é em duas semanas. Deveríamos estar aproveitando isso. — Formei um círculo em volta dos meus pulsos, apertando as algemas.

Uma veia na testa de Arin saltou.

— Não me entenda mal. Eu não estava oferecendo. Você *irá* para Mahair amanhã. Se eu descobrir que você tentou praticar sozinha...

— Se isso é sobre Sefa...

— Estou pouco me lixando para a garota! — gritou Arin, me fazendo ficar em silêncio. O desabafo claramente o pegou de surpresa também. Ele travou o maxilar. Nunca tinha visto o Herdeiro de Nizahl ter dificuldade para se expressar... arrisco dizer que poucos tinham.

As pontas dos seus dedos enluvados formavam uma torre na superfície da mesa.

— Mártires não sobrevivem ao Alcalah.

— Você não consegue distinguir um mártir de um mercenário?

— Eu pensei que tinha contratado o último. Você provou que eu estava errado.

Esfreguei as têmporas, bloqueando a enxaqueca que se aproximava e os travesseiros tentadores na minha visão periférica.

— Como? Fazendo todo o possível para cumprir minha parte do acordo?

Como ele não respondeu, continuei, compelida a me defender.

— Há muita coisa que você não sabe sobre mim, mas entenda isto: lutarei pela minha liberdade até o meu último suspiro. Você a tirou de mim e não pode criticar a forma ardente como decidi recuperá-la. Até que você se sinta caçado, menos que humano, rejeitado desde o momento

em que nasceu por algo que não pediu e não pode controlar... até lá, não me fale de mártires e mercenários.

Eu me preparei para o discurso que já tinha ouvido inúmeras vezes. Todos gostavam muito de lembrar como a magia forçou os Awaleen a se refugiarem em seus túmulos depois que Rovial devastou os reinos. Eles não mencionavam como ele deu vida às terras áridas para começar. Falavam de Jasad em sussurros abafados, da magia acumulada que corrompeu até mesmo as folhas das figueiras. Da loucura mágica que se acumulava nas veias dos Jasadi como uma doença, ameaçando nossa sanidade. Esquecendo que, antes de Jasad, os poderes de Nizahl eram restringidos, sua função como árbitro da paz era rigorosamente mantida. Eles não desfrutavam dos poderes irrestritos que a destruição de Jasad lhes permitia.

O Herdeiro de Nizahl não repetiu nada disso. Ele me encarou e disse:

— Entendido.



Rory reagiu à minha visita com seu toque de alegria efervescente.

— Você está atrasada.

Ele me deu um tapinha no queixo, com um sorriso largo no rosto.

— Há tigelas de lavanda que precisam ser peneiradas.

Sorri para ele como uma boba.

— Quando não tem? — Peguei uma tigela vazia e me sentei no banco que ele mandou Marek esculpir na parede para os idosos e as gestantes, que costumavam frequentar a sua loja. — Como vai?

Os óculos que poucos sabiam que ele usava secretamente escorregaram pela ponta do nariz. Ele virou a página que fingia ler.

— Ocupado. Parece que perdi uma aprendiz.

— Dezenas ficariam felizes em me substituir se fossem convidados, velhote. Não sei se já ouviu falar, mas as pessoas têm a impressão de que você é um químico talentoso.

— Eu tenho uma aprendiz — disse Rory, por fim, me olhando nos olhos. — Uma aprendiz barulhenta, desagradável e completamente perturbada, que eu esperava que comandasse esta loja depois da minha morte.

Depois da sua morte? Examinei-o criticamente, procurando por quaisquer sinais de saúde debilitada. Ele estava bem, exceto por uma fraqueza por drama.

— Quando eu terminar o Alcalah, poderei comprar a loja de você. Você poderá se sentar em uma cadeira lá fora e gritar com as pessoas o quanto quiser.

Rory colocou o livro de lado.

— Você acredita mesmo que sobreviverá ao Alcalah? Além do encontro com o Supremo? — Ele olhou para a porta. Wes e Jeru patrulhavam do lado de fora da vila, me dando a privacidade que Arin prometeu.

Peguei um maço de sálvia e o joguei na tigela aberta.

— O Supremo não me reconhecerá.

— O Supremo é um homem mais perigoso do que você pode imaginar. Nada é certo.

A razão pela qual eu originalmente queria visitar Mahair era para escapar dessas dúvidas incessantes, não para que elas se intensificassem.

— Mesmo que ele descubra a minha identidade, não prenderá a sua própria Campeã. Partirei rápida e silenciosamente, e o resto é com o Herdeiro.

— O Comandante deixaria a Herdeira de Jasad simplesmente desaparecer na selva? Pense bem, Sylvia! Se a sua existência for descoberta, todos os Jasadi escondidos se unirão à sua coroa. Você lhes

dará um motivo para se levantarem e se reunirem. Você é a maior ameaça ao poder dele. O Supremo não hesitaria em matá-la perante as cortes convocadas, Campeã ou não.

As minhas mãos tremiam. Reunir-se atrás de mim?

— Que coroa, Rory? A virtude do sangue não me torna adequada para liderar ninguém.

— Sangue não pode liderar um reino — disse Rory. Sua voz se suavizou. — Sacrifício pode. Um verdadeiro governante é aquele que coloca o seu povo antes de si mesmo. Custe o que custar.

— Não sou assim. Não está na minha natureza...

— É claro que não. Altruísmo não faz parte da natureza de ninguém. Não seria nem de longe tão extraordinário de outra forma.

Ele pegou a lavanda peneirada. O som do pilão batendo contra a pedra me aterrou. Separei os talos em feixes, perdendo-me na repetição.

— Você está horrível — disse Rory.

A próxima pessoa a comentar sobre a minha aparência receberia um soco na garganta.

— Parece que esse é o sentimento geral, sim.

— Ele não pode esperar que você treine como uma soldado Nizahl — começou Rory, preparando-se para um ataque de fúria. — Uma aprendiz de aldeia não tem as habilidades...

— Não sou apenas uma aprendiz de aldeia — interrompi. — O treinamento não é um problema.

— Não consigo imaginar os métodos que o Comandante emprega para treinar uma Campeã. — Ele raspou o pilão com força.

— Os seus métodos não me deixam delirante nem à beira da morte. Isso é mais do que posso dizer dos outros.

Rory parou. Em todas as nossas revelações, eu nunca havia discutido os anos perdidos entre a Cúpula Sanguinária e o meu aparecimento à sua porta. Talvez viver no subsolo, na companhia de

pessoas que dançavam sobre o meu túmulo, tivesse me tornado um rosto gentil. Eu queria que ele soubesse.

Peguei o próximo maço de sálvia, mantendo o olhar fixo nele.

— Uma ex-Jasadi, expulsa do reino em desgraça, me encontrou na floresta após a Cúpula Sanguinária. Ela sabia quem eu era. Desbloquear a minha magia tornou-se a sua única obsessão.

— Desbloquear a sua magia?

Ah. Eu tinha esquecido que Rory não sabia das minhas algemas.

— Minha magia é... complicada. No waleema foi a primeira vez que ela se manifestou em mais de uma década.

Pela primeira vez, Rory não interrompeu a minha história. Ele cruzou as mãos sobre a ponta curva da bengala. Depois de semanas guardando cada palavra minha, senti-me livre para falar sem reservas.

— Vivíamos na floresta, em algum lugar protegido para manter os outros afastados Jasadis. Ela aprendia feitiços horríveis para me ensinar a lutar. Encantava a água para ferver e testava quanto tempo eu conseguia tocar a superfície. Obrigava monstros a me perseguir pela floresta. Minha magia não se manifestou, nem uma única vez, em todos os anos que passei com ela. Ela ficava furiosa por ter falhado onde o Herdeiro de Nizahl teve sucesso..

Rory se levantou. A profunda tristeza em seu tom de voz me atingiu.

— Ela te deixou essas cicatrizes, não foi? Nas suas costas?

Por um instante, me perguntei quando Rory teria visto minhas costas, até me lembrar da noite em que ele me encontrou em sua loja. Eu estava encharcada com o sangue de Hanim, e ele me deu uma túnica para eu vestir. Deve ter visto as minhas cicatrizes antes de se virar.

Eu ri baixinho.

— Hanim queria que suas lições fossem duradouras.

Rory levantou a cabeça com brusquidão.

— O que você disse?

— Estou falando rápido demais para você? — Meu sorriso desapareceu diante do horror crescente de Rory. — O quê?

— Diga-me que você não está falando de Hanim, a Qayida das forças Jasadi.

— A mesma. Rory, o que houve?

Coloquei Rory, cambaleante, na cadeira. Ele não respondeu, agarrando a bengala com força. Minha preocupação aumentou. Peguei um copo d'água para ele. A reputação de Hanim claramente a precedia.

Depois de esvaziar o copo, ele pigarreou.

— Aquela mulher detestava a sua família.

Bufei.

— Sério? Eu não tinha percebido.

— Não, não, ela... — Ele tossiu forte, com os ombros curvados para dentro. Bati em suas costas até o barulho parar. O pobre coração do Rory devia ser duas vezes mais forte antes de ele me conhecer.

Ele me deu um tapa no braço.

— Ela te contou por que Niyar e Palia a exilaram de Jasad?

— Ela violou os princípios da guerra. — Minha voz se elevou no final, transformando a declaração em uma pergunta.

— Sim, sem dúvidas, e ela cometeu traição.

Dei de ombros. Rory parecia achar que essa informação deveria me abalar. Eu cometia traição todos os dias, apenas por existir. A palavra havia perdido o efeito.

— Como? Os crimes de guerra?

— Ela foi considerada culpada de conspiração contra a coroa com um partido inimigo.

Peguei o copo vazio e o coloquei no balcão. Minha voz estava monótona.

— Partido inimigo.

— Supremo Rawain — confirmou Rory. — Quando ele era apenas um Herdeiro, encontraram registros indicando que ele e Hanim conspiraram para derrubar os seus avós e tomar Jasad.

Ele devia estar brincando. Se havia alguém que Hanim odiava mais do que os meus avós, era o Supremo Rawain. Por que ela se rebaixaria a cooperar com ele contra Jasad?

— Eu pensei que ela odiasse Nizahl.

— Não a princípio. — Rory fez uma careta. — Assim que ela foi descoberta, Rawain e o seu pai, o Supremo Munqual, denunciaram a sua farsa. Seus avós não estavam interessados em guerra, então aceitaram as tentativas de reconciliação de Rawain. Imagino que Qayida Hanim não tenha aceitado bem perder sua posição e seu lar por nada.

— Por quanto tempo ela conspirou com ele?

— Eles se comunicavam há anos. A traição dela não foi uma revelação para os seus avós. Eles sabiam há muito tempo do desdém de Qayida Hanim pela coroa.

Esfreguei o cabelo, puxando cachos da trança. Nada fazia sentido. Não pensei duas vezes antes de Arin chamar Jasad de arquiteto da própria ruína; ele acreditava genuinamente que a magia destruía tudo o que tocava. Mas a mulher Mufsid descrevendo as muralhas de Usr Jasad como corruptas?

Manter uma Qayida indigna de confiança era colocar o reino inteiro na ponta da faca e torcer para que ele não caísse. Apesar de todos os seus defeitos, eu sempre acreditei no amor dos meus avós por Jasad acima de tudo. Isso acalmou a angústia de perder minha magia quando criança, sabendo que Niyar e Palia tinham restringidos os meus poderes para proteger o nosso reino.

Rory percebeu a confusão no meu rosto.

— Acredito que eles tinham a impressão de que o papel dela era supérfluo. Eles confiavam demais na magia e na fortaleza.

— É dever do Qayida reforçar a fortaleza!

Náuseas se acumularam em meu estômago enquanto as minhas algemas apertavam. *Tristeza. Raiva. Medo.*

— A fortaleza. Você acha que ela... ela poderia ter feito isso?

Os jarros atrás de Rory chacoalharam, e o sino sobre a porta balançou freneticamente. Se Hanim havia colaborado com o Supremo para derrubar Niyar e Palia, era bem possível que ela tivesse conspirado com outros dentro do reino. Todos mentiram para mim. Meus avós, Hanim, minha mãe. O que mais eles haviam escondido sobre Jasad?

— Hanim não é o motivo da queda da fortaleza — disse Rory, cutucando um pote de ervas flutuantes com a bengala. — Hanim foi expulsa de Jasad dois anos antes da Cúpula Sanguinária. A fortaleza era renovada anualmente. Renovar a fortaleza sempre foi dever de Niphran. Os seus avós decidiram, assim que a filha nasceu, nomear a sua Herdeira como Qayida, na tradição Nizahlana. Esperando que isso demonstrasse o poder do sangue real. Muitas wilayahs desaprovavam a quebra do costume, acreditando que isso desonrava a memória de Qayida Hend. O problema se resolveu depois que... — Rory pigarreou.

Depois que uma flecha rasgou a garganta de Emre e deixou Niphran incapaz de sair da cama, muito menos de servir como Qayida de Jasad.

— As wilayahs desaprovaram. — Andei de um lado para o outro em sua loja, a pressão nos meus punhos latejando. — O que mais desaprovaram?

— Eu não estava particularmente envolvido na política Jasadi naquela época, mas os seus avós tinham um longo histórico de causar alvoroço.

E se os Mufsids existissem antes do cerco a Jasad? Os Urabi? E se um ou ambos tivessem conspirado contra a coroa de Jasad muito antes da Cúpula Sanguinária?

Mas por que eles desejariam a queda da fortaleza? Não podiam controlar um reino que não existia, e não havia chance de vitória contra os exércitos de Nizahl sem uma fortaleza, um Qayida ou um único membro da realeza.

— Sylvia… por que você está rindo?

Que ironia, ah, deliciosa ironia! O ódio de Hanim por Nizahl era pessoal desde o início. Ela queria um peão em sua luta para recuperar uma terra que considerava sua por direito. Como deve ter sido doloroso ver Rawain se erguer sobre Jasad enquanto ela apodrecia na floresta! O que ele havia prometido em troca da traição? O que havia oferecido?

Rory cutucou a minha lateral com sua bengala, parecendo não ter certeza se deveria me repreender ou me acalmar.

— Isso não é motivo de riso. Hanim não é uma mulher que perdoa. Ela vai estar procurando por você — disse ele. Adorável.

— Ela não vai me procurar. — Enxuguei as últimas lágrimas. Eu precisava dar uma boa risada.

— Você não pode saber...

— Hanim está morta — eu disse. — Mas se alguém pode exercer vingança terrena do além, é ela.

Retribuí o olhar arregalado de Rory com indiferença. O que quer que ele tenha visto nos meus olhos fez com que a sua expressão desaparecesse.

— Essiya — ele sussurrou —, o que você fez?

Passou pela minha mente em um instante. Uma adaga cortando uma garganta que nunca disse uma palavra gentil. A desaceleração de um coração tão partido e feio quanto o meu. Um corpo enfiado em um buraco – uma cova – meticulosamente cavada no chão congelado.

Quão fundo você consegue cavar, Essiya?

Tirando a lavanda amassada dos meus punhos, sorri.

— Eu te encontrei, Rory.

CAPÍTULO 18



Eu não conseguia me obrigar a visitar a fortaleza. Raya tentaria me alimentar com dez refeições e reclamaria das minhas olheiras, as meninas implorariam por histórias sobre o Herdeiro e o treinamento, e Fairel... Fairel tentaria esconder sua dor para não me incomodar. Ela poderia tagarelar demais, como sempre, mas talvez não. Talvez ficasse olhando para o teto e fingisse que estava sozinha, como me via fazer quando caía em meus humores mais sombrios. Era egoísta e fraco, mas eu só não suportava ver como Felix havia alterado Fairel permanentemente. Pelo menos não ainda.

Minha respiração se transformou em nuvens brancas. Puxei a minha capa para mais perto. Onde estavam Wes e Jeru?

O barulho dos cascos dos cavalos vinha do outro lado da estrada. Virei-me, tremendo, com um comentário ácido pronto na ponta da língua.

Jeru e Wes não eram os que se aproximavam com dois cavalos a reboque. Arin estendeu um par de rédeas, observando a rua atrás de mim com cautela.

Contive um sorriso. Sempre em busca de uma ameaça.

— Por que você está aqui? Não me diga que são mais negócios em Gahre.

Montamos em nossos cavalos. Arin examinou as árvores, e eu tinha certeza de que a sua audição aguçada se esforçava para detectar qualquer ruído estranho.

— Cuidado é uma área em que sou propenso a excessos — admitiu

Arin. — Minha fé em meus guardas sofreu um golpe.

— Você? Paranoico? Segure-me, senhor, talvez eu caia da montaria.

O canto da boca dele se contraiu. Uma pequena vitória. Eu me perguntava se algum dia veria o Herdeiro de Nizahl sorrir sem agir como se fosse ser multado por isso.

— Você deveria ter enviado Wes e Jeru. Ver você assusta os aldeões.

— Não fiz nada para assustá-los.

Lhe lancei um olhar seco.

— Você existe.

— Apesar dos seus esforços mais bem-sucedidos.

Olhei para ele, surpresa. O Herdeiro de Nizahl brincava como um pássaro cauteloso abrindo as asas para o primeiro voo. Milagre dos milagres.

O barulho dos cascos dos cavalos diminuiu quando passamos pela muralha que separava Mahair de Essam. Relaxei na minha égua, segurando as rédeas frouxamente na coxa. Lanternas brancas e azuis pendiam da fileira de árvores mais próxima da muralha. Miniaturas de argila das adoradas rochelyas de Kapastra circulavam a base das árvores. Os protetores de Omal, com as suas escamas azuis.

— Perigoso. — Arin olhou para a cortina de pele de carneiro tingida estendida sobre os galhos mais baixos. *MEHTI*, diziam as letras costuradas na pele de carneiro. O Campeão de Omal.

— Celebrativo.

— Está discutindo comigo de novo. Você deve estar melhor. — Nossos cavalos se aproximaram em algum momento.

— Me sinto melhor. — Tirando o momento na loja do Rory, a tontura e a náusea não tinham aparecido. Ontem, eu duvidava que conseguiria ficar em pé naquele cavalo. — Não vou dizer que você estava certo, apenas que não estava tão errado como sempre.

Um brilho de riso iluminou os olhos de Arin.

— Ficar longe de mim por algumas horas aparentemente fez maravilhas para o seu humor.

— Vou interpretar seu entusiasmo renovado pelo desrespeito como um bom sinal. — Meu joelho bateu no dele antes que eu endireitasse as rédeas, abrindo mais espaço entre nossos cavalos.

Passamos pelo local onde o espectro ressecado de Hanim havia ceifado vários anos da minha vida. Quanto mais nos distanciávamos de Mahair, mais parecia que eu nunca voltaria. As chances de eu perecer na Floresta Ayume de Orban, durante o primeiro teste, eram incrivelmente altas. Minha respiração ficou acelerada, formando nuvens de vapor branco. Eu morreria no Alcalah como a Campeã de Nizahl. Encontraria a minha família caída vestindo as cores do inimigo.

— Eu gostava de arquitetura — disse Arin, de forma um tanto abrupta. — Na minha juventude. Decorei esboços da Cidadela e dos outros palácios.

Corei de vergonha. O Herdeiro manteve o olhar fixo à frente.

— Arquitetura? — Uma busca detalhista digna de um homem que certa vez passou quarenta minutos talhando todas as flechas do baú para que combinassem umas com as outras.

— Usr Jasad era a minha favorita. — Arin conduziu o seu cavalo ao redor de um pássaro morto. — Era uma maravilha. Sem magia, a ala sul teria desabado. — Ele balançou a cabeça. — Uma pena, a perda.

Eu não conseguia acreditar no que ouvia.

— Quebrar a roda da sua carroça é uma pena. Chegar em casa e descobrir que as frutas boas foram comidas é uma pena. O que aconteceu em Jasad foi uma atrocidade.

— O que aconteceu em Jasad foi merecido. — Dito em um tom curto.

Puxei as rédeas do meu cavalo e parei.

— Merecido? O seu pai se deleitou com as ruínas de Jasad. Arrasou

o que restava do palácio. Você deveria ter mencionado que gostava dele. Talvez ele tivesse guardado um pedaço da ala sul para você. — Parei o cavalo. A fúria apertou as minhas algemas, cravando pontas afiadas em meu crânio. *Tristeza. Raiva. Medo.*

A uns três metros de distância, Arin girou o cavalo, os lábios franzidos em resignação. Desmontamos ao mesmo tempo.

Um pássaro solitário grasnava acima de nós, deslizando na brisa sinuosa.

— Você não tem ideia do que aconteceu em Jasad.

Cerrei os punhos.

— É mesmo? Me esclareça. Houve um segundo reino que o seu pai destruiu?

A noite mais escura do inverno não se comparava ao gelo na voz de Arin.

— Eu permiti que você persistisse em suas ilusões de perseguição por tempo suficiente. Não somos carrascos imorais, e os Jasadis estão longe de ser inocentes.

Eu tinha insistido demais desta vez. A leve irritação que ele demonstrava sempre que eu insultava seu pai ou Nizahl por fim transbordou.

— Você sabia que Malik Niyar liderou um ataque através de Essam até o sul de Lukub durante uma disputa territorial e usou a magia para estrangular jovens soldados Lukubi que dormiam em suas tendas? O quanto você já ouviu falar sobre o encantamento que Malika Palia lançou sobre os campos Omalianos para apodrecer as suas plantações e adoecer os seus rebanhos? Vilas inteiras morreram de fome.

— Pare com isso — eu disse. — Mentir é coisa do seu feitio.

Isso só o enfureceu ainda mais, e eu tive que reprimir o instinto de recuar.

— Por centenas de anos, Jasad sangrou a sua glória das vidas que

arruinou. Basta olhar para os últimos Malik e Malika, que mataram o amante da própria filha, o pai da criança dela, porque uma aliança com Omal significava o fim de sua prosperidade manchada de sangue. Eles jogaram a herdeira de Jasad em uma torre para silenciá-la quando ela exigiu que cessassem suas operações de mineração nos wilayahs de Jasad. Jasadis trabalhavam em condições abismais, morriam aos montes, e por quê? Porque o rei e a rainha desejavam mais ouro e prata para mobiliar o seu palácio. Eles acumularam artefatos mágicos e colocaram as outras cortes umas contra as outras. Não existiram dois membros da realeza mais insidiosos desde então.

Arin nunca tinha falado tanto de uma só vez. Meu pulso latejava nas têmporas, a pressão nos meus punhos subindo para a cabeça. Ele devia estar mentindo. Como Hanim e a mulher Mufsid. Todos eram farinha do mesmo saco, odiando Jasad.

— Pare — repeti, com mais fraqueza. Em algum lugar, uma ameaça à espreita despertou. Podia sentir os seus dedos batendo na minha espinha.

— Alguém usou magia para atacar a Cúpula Sanguinária. Magia que só um Jasadi poderia ter empunhado. Centenas morreram. A magia inevitavelmente leva à tirania e ao abuso. Ela te devora por dentro e não pode ser permitida a florescer mais uma vez. Meu pai não agiu sozinho ao desmantelar Jasad. Todos os reinos enviaram soldados para ajudar a garantir que ninguém pudesse reivindicar legitimamente o trono Jasadi. Perceba as suas ações como quiser, mas não vou deixar você trabalhar sob a ilusão da pureza Jasadi.

A agonia queimava em largas faixas na minha cabeça, alimentada pela minha magia enjaulada. Embaralhando minha visão em branco. Eu podia sentir, meu corpo enviando pulsos frenéticos de alerta. Ele interpretou mal meu silêncio e suspirou.

— Eu entendo a sua posição...

— Arin — ofeguei. Era a primeira vez que o nome dele saía dos meus lábios. — Por favor, pare.

Funcionou. Ele ficou tenso, inclinando a cabeça. Seus olhos se arregalaram.

A criatura disparou em nossa direção, saltando direto para Arin. Nos dois segundos restantes entre o voo e o pouso, avaliei o novo monstro. Seu corpo era belo, composto de cristais vermelhos afiados que cintilavam na penumbra. Uma camada de rubis esculpidos em pontas mortais o cobria desde as patas, mais largas do que os meus quadris, até as orelhas compridas. Era grande demais para ser um lobo.

O mais importante, é claro, eram os dentes. Eles atravessariam Arin e o despedaçariam.

Ótimo! gritou Hanim.

Estalei os dedos e a criatura diminuiu o passo.

Não congelou, mas o ar congelou ao redor, tornando o movimento pesado e incômodo. Eu tinha menos de um minuto antes que rompesse. Minha montaria disparou, seguindo o cavalo de Arin, sem cavaleiro e em fuga.

— Segure o máximo que puder. — Arin tirou um objeto circular da bota. Uma bússola, talvez?

Ele tirou as luvas.

— Se a sua magia falhar, corra. Não olhe para trás nem reaja a nada atrás de você. Chegue à barreira acima dos túneis. O Cão não conseguirá atravessar.

— E você? — perguntei. Garras de marfim se contraíram no ar. Trinta segundos.

O objeto se abriu e se estendeu, com pequenas pontas de metal projetando-se para fora de cada lado dos dois discos planos.

— Isso vai doer — disse Arin, e apertou a sua mão nua na minha.

A reação foi imediata. Minha magia rugiu em direção à superfície

da minha pele, martelando contra as minhas algemas. A agonia da Sala das Relíquias se renovou. Minha magia me desnudou até os ossos, de dentro para fora.

O aperto de Arin se tornou esmagador, e se não fosse pelo monstro a poucos metros de distância, um medo diferente poderia ter tido prioridade.

Meu domínio sobre a criatura se despedaçou.

Arin avançou no momento em que as enormes garras da criatura se moveram, enfiando seu braço na boca do animal. Teria ele enlouquecido?

Quando lancei minha magia dessa vez, ela estava mais forte. Forcei a mandíbula da criatura a se abrir enquanto Arin – que claramente havia sofrido um surto de insanidade – empurrava o objeto para o céu da boca do monstro. Perto dali, uma pedra se partiu em pedaços pedregosos, e galhos das árvores trêmulas caíram sobre nós.

Pelo menos uma vez na sua maldita vida, comporte-se!, gritei para a minha magia.

A criatura atacou Arin e rosnou.

— Para trás! — gritei.

Minha magia vacilou. Arin agarrou o braço no momento em que os dentes da criatura se fecharam. O objeto parecia tê-lo confundido. Ele balançou a cabeça com força, tentando se livrar da obstrução.

Tentei arremessar um tronco distante nele. Minha magia cutucou o tronco, desinteressada, e decidiu explodir outra pedra.

Os olhos vermelhos da criatura passaram por Arin e se estreitaram em mim.

Já deveria saber quando uma criatura foi enviada atrás de você, disse Hanim. *Isso não é aleatório.*

Encarei a fera sem piscar.

— Espere — disse a Arin. — Não se mexa.

Ele se levantou de um salto, claramente com a intenção de me

ignorar. Não desta vez. Usei minha magia contra ele, e o Comandante se viu preso.

— Sylvia! — Seus olhos se arregalaram, fixos na criatura que avançava em minha direção. — Corra!

Se eu estivesse errada essa seria uma maneira embaraçosa de morrer.

Alcancei a cabeça da criatura, emoldurando com cuidado a sua enorme mandíbula entre as mãos. Arin emitiu um som abafado, mas a criatura não mergulhou em minha carne. Sentou-se sobre as patas traseiras e ofegou.

Olhos feitos das mesmas joias vermelho-sangue que compunham seu corpo irregular fixaram os meus.

— Consegue me ver? — sussurrei. Um único Jasadi não poderia encantar uma criatura como essa para cumprir suas ordens, ver através de seus olhos... isso era obra de vários Jasadis. Poderosos. — Não entendo. Você está tentando me matar ou entrar em contato comigo?

Preparando os meus nervos, manobrei o meu braço passando por seus dentes e encontrei o objeto de Arin grudado no céu da boca. Tracei as suas bordas.

— Permita-me me apresentar de forma adequada — murmurei, audível apenas para a criatura e os seus mestres. — Sou Sylvia, guardiã da vila e aprendiz de química. Não posso ser recrutada e não serei intimidada.

Um fecho estalou e o objeto se apertou. Arin não havia acionado o interruptor. Quase senti pena da criatura miserável. Assim que a magia que a mantinha viva se extinguisse, ela retornaria ao pó de onde veio.

— O momento do nosso encontro está próximo, meus amigos, mas aqui está uma amostra do que está por vir.

Apertei o interruptor.

A criatura uivou, rasgando um pedaço da minha túnica. Cambaleei

para trás enquanto ela se contorcia, jogando a cabeça de um lado para o outro. As suas patas dianteiras se dobraram em outro uivo lamentoso.

Quando parou de chutar, deitada imóvel e lamentavelmente na terra, ousei me aproximar. Sua pata se contraiu e um clarão branco atraiu o meu olhar. Um pedaço de pergaminho havia caído de seus membros que chutavam.

— Está morta — disse Arin, assustando-me. Ele se agachou, tirando o objeto da boca da criatura. Ele torceu os lados em direções opostas e os espinhos desapareceram. Ele permaneceu abaixado, avaliando o cadáver adornado com joias. Eu lhe dei as costas e desdobrei o bilhete. Estava escrito em Resar. Eu examinei as palavras, com o coração batendo rápido. Não havia nenhuma menção ao meu nome verdadeiro. Eu o passei para Arin.

Ele leu em voz alta.

— Oferecemos aqui uma demonstração do nosso poder. Unidos, podemos ressuscitar Jasad das cinzas e trazer a guerra àqueles que querem nos exterminar. Não confiem nos outros. Os inimigos de Jasad começam de dentro. — Seu polegar roçou a base do pergaminho, onde as asas de um kitmer se abriam de cada lado. — Este é o selo dos Urabi.

Os inimigos de Jasad começam de dentro. Estariam se referindo a Hanim ou aos Mufsids? Quão profunda a infiltração dos Mufsids havia ocorrido antes da Cúpula Sanguinária? Talvez todos os eventos terríveis que Arin descreveu tenham sido perpetuados pelos Mufsids. Incompetência era um crime mais fácil de atribuir aos meus avós do que corrupção.

Estiquei o pescoço para ver os nossos cavalos fugitivos.

— Precisamos ir.

Arin guardou o bilhete no bolso, examinando a vasta região selvagem ao nosso redor.

— Eles devem ter descoberto que um membro dos Mufsids entrou

em contato com você e estava vigiando a estrada para Mahair.

Lancei um olhar nervoso ao redor da floresta. Eles ainda podiam estar por perto.

Arin se abaixou para pegar as luvas e fez uma careta. Quase imperceptível, e na maioria das vezes eu teria ignorado, mas a careta de Arin era equivalente a uma dúzia de soldados gritando. Ele favoreceu o lado direito, onde o Cão o havia golpeado.

— O que você disse sobre mártires mesmo? — perguntei. — Está com raiva porque usei a minha magia em você? Você passou por ela em meio minuto.

Ele calçou as luvas, contente em fingir que eu não existia. O tecido do seu lado direito estava emaranhado, um pouco mais escuro que o resto.

Eu joguei meus braços para cima.

— Se você quer sangrar silenciosamente pela próxima hora, não cabe a mim impedi-lo. Mas não espere que eu o arraste até os túneis se você desmaiar!

Ele fez uma pausa.

— Eu não desmaiaria.

— Sei que você é o poderoso homem imortal, imune aos infortúnios de nós, plebeus. Se Vossa Alteza me permitisse tratar do seu ferimento... ora, não consigo expressar quão honrada...

— Tudo bem — Arin franziu a testa. — A menos que sua magia inclua habilidades médicas secretas, não tenho certeza se você não causará mais danos.

— Você me feriu. — Levei a mão ao coração. — De alguma forma, encontrarei forças para viver mais um dia. Talvez você não encontre, e tenho pouca vontade de ser implicada no assassinato do Herdeiro de Nizahl sem o prazer de assassiná-lo. Tire o colete, por favor. Prometo proteger a sua virtude.

Pelo seu olhar sombrio, parecia que ele não apreciava a minha consideração. Arin abriu os cadarços do colete com um único puxão. Senti um calor na nuca e estudei as minhas unhas.

Ele tirou o casaco, o colete e a túnica. Inspirei fundo. A criatura havia feito marcas em seu flanco. Algumas eram superficiais o suficiente para serem ignoradas temporariamente, mas quatro arranhões eram do tamanho do meu antebraço. Como ele ainda estava acordado?

— E então? — Ele se sentou na base de uma árvore, com as costas retas e o braço esquerdo afastado do flanco machucado. Agachei-me diante dele e peguei a túnica.

O material era mais fino do que qualquer coisa que eu tivesse e não rasgava com facilidade.

— Meu aprendizado com Rory não foi só perseguir sapos. — Na verdade, foi principalmente, mas Arin não precisava saber que eu tinha aprendido a enfaixar os meus próprios ferimentos com o pano e o copo de água suja que Hanim geralmente deixava para eu me tratar.

Por fim, as mangas rasgaram. Desfiei-as em pedaços longos, evitando o rosto dele.

— Você se esqueceu de me dizer se está com raiva.

— Você esqueceu de mencionar uma habilidade oculta de sentir os Cães Rubi.

— Cães Rubi, esse é o nome! Não eram os cães de guarda de Baira? — eu disse. — Achei que estivessem extintos.

Após o sepultamento, a magia se esvaiu como uma vela se apagando pelos reinos. Os Cães Rubi levaram três séculos a mais que os rochelyas de Kapastra para morrer. Em sua época, os deslumbrantes Cães Rubi atendiam apenas as Sultanas de Lukub. Eles corriam para a batalha ao lado dos corcéis mais ferozes de Lukub e rondavam os jardins do Palácio de Marfim à noite. Um século antes da Batalha de Zinish, os Cães Rubi começaram a adoecer, morrendo apesar dos melhores esforços

da Sultana. A magia já havia desaparecido em Omal e, com Lukub enfraquecendo depressa, os Cães Rubi apodreceram como frutas plantadas em solo contaminado. Orban seguiu trinta anos depois.

— Eles estão, sim. Ressuscitar um é algo inédito. Os Urabi ficarão enfraquecidos depois de exercer tamanha magia. — O olhar de Arin, embora envolto em desconforto, ainda perscrutava os arredores. — Eles devem querer mesmo impressionar você.

Amarrei as tiras da manga.

— Isso vai doer — avisei-o, e coloquei a ponta de uma tira entre os dentes. Os músculos da barriga de Arin se contraíram, mas ele não emitiu nenhum som enquanto enrolava com firmeza a bandagem improvisada em seu torso. Precisei pressionar o meu joelho contra o seu quadril para alcançar as suas costas. Meus nós dos dedos roçavam em todos os lugares onde eu envolvia as bandagens. Seu peito, sua cintura, a parte inferior de suas costas. O efeito na minha magia foi significativamente mais fraco do que quando ele agarrou a minha mão.

Cometi o erro de olhar para cima e me deparei com o meu rosto a centímetros do de Arin. A curiosidade encobriu o olhar fixo no meu, atento demais para alguém em sua condição.

— Pare de me olhar — exigi. — Não vou cometer um erro.

Uma risada suave escapou de Arin. O som reverberou sob a palma da mão que eu havia colocado em seu peito. Foi a primeira vez que o ouvi rir de verdade. Pelos cabelos abençoados de Baira, quanto sangue ele havia perdido?

— Sabia que tem cinco sardas embaixo do maxilar? — Ele me ofereceu essa informação com toda a seriedade, como se tivesse escapado de um cofre de segredos.

Resisti ao impulso de tocar meu queixo.

— São chamadas de hasanas em Jasad, não sardas. — Amaldiçoei o calor em meus ouvidos, que significava que estavam ficando da mesma

cor do Cão morto, e me concentrei depressa na tarefa.

— Você se balança sobre o leito rochoso de um rio, derruba os meus guardas, enfia o braço na boca de um Cão. E ainda assim você fica vermelha diante de um peito nu.

Naturalmente, isso fez com que a vermelhidão nas minhas orelhas se espalhasse para as bochechas. Amarrei a próxima tira com mais força do que pretendia, arrancando um grunhido de dor do Herdeiro.

— Não estou corando. Receio que você esteja delirando.

Arin inclinou a cabeça para trás, encostando-a na árvore.

— Talvez.

Minha brincadeira sobre arrastar Arin para os túneis pode estar mais próxima da realidade do que eu imaginava. Eu o forcei a lutar contra a minha magia. Quanto sangue ele derramou lutando contra a barreira?

— Desculpe — eu disse. — Eu não devia ter te prendido. É que... você teria interferido e perdido um membro sem necessidade. Sabia que ele estava aqui por mim.

— Não faça isso de novo. — O humor passageiro desapareceu de sua voz. Ele estava completamente sério. — Se estivesse errado, eu não teria sido libertado até que você estivesse morta e a sua magia tivesse sido quebrada.

— Você teria tido tempo de fugir se isso me matasse primeiro. — Terminei de apertar as bandagens. Embora eu apostasse que Arin caminharia por uma poça do próprio sangue em vez de se render ao seu corpo, a tenacidade não concedia nenhuma habilidade sobre-humana, mesmo aos seus discípulos mais fervorosos.

O olhar de Arin estava fixo no meu rosto.

— Sim, acho que sim — ele disse, e desviou o olhar.

CAPÍTULO 19



No momento em que Marek se apresentou a mim, cinco anos atrás, todo charme, membros esguios e dentes brilhantes, eu o reconheci instantaneamente pelo o que era: encrenca. Caos com um rosto bonito. A impressão se solidificou nas primeiras semanas de seu flerte incessante. Fazer cara feia e me afastar furtivamente não o detiveram. Arrancar os seus olhos do crânio não era uma opção se eu quisesse manter a minha pretensão de fragilidade. Então, aproveitei a segunda melhor opção. Contei para Sefa.

Agora que bater em Marek era uma opção, achei difícil resistir à tentação de bater a cabeça dele na mesa de cabeceira. Eu o vinha evitando com cuidado desde o incidente no centro de treinamento. Saber o quanto ele se arrependia do seu comportamento não aliviou a minha frustração. *Briga de namorados*. Três palavras descuidadas poderiam ter acabado com a vida de Sefa.

No dia seguinte ao ataque do Cão Rubi, Marek me encurralou em meus aposentos.

— Se estivéssemos em Mahair, eu poderia ganhar o seu perdão com uma pilha de figos da Índia ou doces de gergelim. Estou perdido, Sylvia. — Ele abriu os braços.

Observei Marek, mais uma vez desejando o talento de Arin para enxergar através das pessoas. Ignorando o barulho e entrando no coração da fera. O que quer que tenha causado a sua explosão estava ligado ao mesmo impulso que levou Marek a aceitar sua posição exaustiva com Yuli e o seu ódio feroz por Nizahl. De muitas maneiras, eu entendia

Marek melhor do que Sefa. O coração de Sefa era a força motriz por trás de suas ações. Ela categorizava todas as decisões em colunas inflexíveis de certo e errado. Para queimar adequadamente, a raiva precisa ter espaço para crescer, e Sefa havia decidido há muito tempo que jamais se abriria para ser seu combustível.

Não Marek e eu. O que quer que sentíssemos, sentíamos em toda a sua violência. Mas enquanto eu mantinha os meus sentimentos sob controle, Marek sentia – e expressava – as suas emoções em toda a sua plenitude.

Eu precisava entender o que se passava na cabeça dele. Outro comentário superficial como aquele do lado de fora daqueles túneis poderia terminar em desastre.

— Vamos fazer da verdade a nossa moeda desta vez. O que você deixou para trás em Nizahl, Caleb?

Sua contrição se transformou em uma careta. Marek levou os nós dos dedos às têmporas, massageando a testa.

— Nada de bom.

Cruzei os braços.

— Se quer meu perdão, conquiste-o.

Marek se jogou na cama. A resistência se esvaiu dele em um movimento rápido.

— O que você quer ouvir? Pessoas como você e eu guardamos os nossos segredos por um motivo.

— "Pessoas como você e eu"? — repeti com um desgosto típico de quem pisa em um balde cheio de cabeças de peixe. Será que ele queria que eu lhe desse um tapinha na mão e reclamasse do nosso sofrimento compartilhado? — Você também é um Jasadi, Marek?

— Eu não quis dizer...

— Eu não ligo.

Ele suspirou.

— Você quer uma história, Sylvia? Eu nasci o caçula de cinco filhos em uma família com um legado militar infame. Meu pai e minha mãe serviram no exército do Supremo Munqal. Meus avós, no do Supremo Tairal. E assim por diante. A família Lazur era sinônimo de excelência militar Nizahlana. Esperava-se que nos alistássemos assim que tivéssemos idade suficiente. Minha irmã, Amira, morreu aos 21 anos em um confronto entre as aldeias mais baixas de Nizahl. Os estoques de grãos estavam baixos, e o solo de Nizahl é hostil a quase todas as plantações, exceto algumas. O Supremo Rawain era o Comandante na época e enviou os soldados para reprimir a violência com mais violência.

Marek ergueu a cabeça para verificar se eu estava ouvindo, depois a deixou cair de volta na cama. Os cabelos dourados esvoaçavam em volta do seu rosto. Sentei-me ao seu lado, mantendo a expressão cuidadosamente neutra. Considerei essa revelação da linhagem de Marek com o mesmo escrutínio que daria a um corte na palma da minha mão. Cutucando as bordas, testando a ardência.

— Darin morreu nas batalhas de fronteira com Orban. Os khawaga[21] o abriram e despejaram cerveja barata em suas entranhas para os animais cheirarem. Deixaram-no ao sol por seis dias. Meu último irmão, Binyar, ascendeu depressa na hierarquia sob o comando do Supremo Rawain. Ele estava entre os escolhidos para liderar o cerco à fortaleza de Jasad após a Cúpula Sanguinária. Ele nunca mais retornou.

Uma lágrima escorreu pelos cabelos de Marek. Ele a enxugou.

Marek cobriu o rosto com o braço.

— Hani era dois anos mais velho que eu. Ele queria conquistar a confiança do Supremo Rawain, conquistar um lugar para nossa família nas mesas mais altas do reino. Passou anos tentando ganhar convites para as festas mais exclusivas e conquistar os ouvidos dos ricos e poderosos do reino. O que Hani não compreendia era que o interior da

Cidadela era mil vezes mais letal do que qualquer coisa que ele pudesse encontrar no campo de batalha. Quando eu tinha treze anos, um prisioneiro foi jogado na masmorra mais fortificada de Nizahl. Um prisioneiro jasadi de alto risco que quase matou o Herdeiro. Hani e uma dúzia de soldados que guardavam as celas foram massacrados por um grupo de Jasadis mais tarde naquela noite. O prisioneiro desapareceu, e enterramos Hani ao lado de Binyar e Amira. Quando chegou a minha vez de ser convocado, fugi.

Sentei-me.

— Um grupo Jasadi matou o seu irmão?

Marek se endireitou. Lançou um sorriso meio-formado em minha direção.

— Não tenho nenhuma animosidade contra Jasadis como um todo, se é isso o que você teme. O grupo que resgatou o prisioneiro e matou o meu irmão era formado por criminosos habilidosos.

Um grupo de Jasadis invadindo uma prisão Nizahlana altamente fortificada deveria ter sido notícia na boca do povo. Hanim, que viajava com regularidade aos reinos em busca de suprimentos, sem dúvida teria ouvido falar disso. Sem mencionar um Jasadi que quase matou o Herdeiro de Nizahl. Arin teria... dezesseis anos? O Supremo Rawain deve ter se esforçado muito para esconder a notícia.

Uma antiga conversa entre Wes e Jeru veio à tona.

Fui nomeado guarda dele quando ele tinha dezesseis anos.

Pensei que só Vaun estivesse presente.

Quão ruim deve ter sido o ataque a Arin para ainda assombrar os seus guardas uma década depois?

Tentei engolir seco.

— Marek, você lembra o nome do grupo?

Marek olhou para a porta, baixando a voz para um sussurro.

— Sim, mas você não pode falar sobre isso com ninguém. Só sei

porque Hani mencionou isso alguns dias antes do assassinato dele, e ele me fez jurar segredo.

Um pressentimento percorreu minha espinha.

— Eu prometo.

— Acredito que eles se autodenominavam Mufsids.



Como previsto, Arin veio aos túneis apenas para dormir e trocar de guarda. Tínhamos apenas alguns dias antes de partirmos para Lukub, mas ele optou por passar pelo menos um deles caçando os Urabi que enviaram o Cão. Ele deixou instruções detalhadas sobre o que cada sessão de treinamento precisava realizar, mas os guardas podiam ser criativos quanto aos métodos.

Passos pesados se aproximaram do mastro de treinamento enquanto eu me alongava. *Por favor*, que Jeru seja o substituto hoje. Wes se concentrou mais em estratégias defensivas e evitou por completo a minha magia. Ren preferia que eu corresse na parte mais lamacenta da floresta e atirasse lanças em alvos em movimento até que eu mal conseguisse me mexer.

A pessoa que entrou no mastro de treinamento não era nenhum deles. Era Vaun.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, disfarçando o meu desconforto com indignação. Roupas largas de treino haviam substituído o seu uniforme. — Eu não treino com você.

— Errado. Sua Alteza disse que você não deveria treinar comigo se houvesse alternativas disponíveis — respondeu Vaun. — Os outros não estão aqui.

O alarme tomou conta de mim. Vaun e eu nunca tínhamos estado sozinhos por completo. Sua aversão por mim só aumentava com o

tempo, e eu mal conseguia escrever prosa sobre ele.

Vaun cresceu com o Herdeiro. De todos os guardas, ele era o melhor. Rápido, forte e brutalmente eficiente. Eu não sairia ilesa.

Se eu me opusesse, ele recuaria. Ele tinha que recuar.

— Com medo? Eu sempre posso ir embora — provocou Vaun. Ele estava esperando por isso. Talvez tivesse orquestrado as tarefas para manter todos ocupados.

Nossa prestação de contas havia chegado, e eu não estava desistindo.

— Escolha a sua arma — eu disse. — Vamos acabar com isso.

A malícia brilhou por trás do sorriso largo de Vaun.

— Ah, aí está. Tanto orgulho para uma órfã tão esfarrapada. — Ele não poupou um olhar para as armas alinhadas no peito. — Combate corpo a corpo. Nem sempre haverá uma arma para salvá-la, não é?

— Você fala demais para alguém que deveria ser visto e não ouvido.

Nós circulamos um ao outro. Eu saltava nas esteiras elásticas, observando as formas de Palia e Niyar na parede. O pássaro pairava no ar, com as asas batendo na brisa enquanto a magia se renovava, e a cena se repetia.

— Condições?

— Tente não morrer. — Vaun deu de ombros. — Sua Alteza tem planos que dependem da sua existência.

As pessoas que se moviam nas muralhas ao nosso redor significavam menos que nada para ele. Ele ameaçava os meus amigos, me aterrorizava em cada momento livre que podia. Inúmeros Jasadis morreram sob a sua espada odiosa.

— Vou aproveitar isso — eu disse.

Pulei primeiro, mirando em seu estômago. Deitá-lo no chão e desorientá-lo era tudo o que precisava para terminar a luta de maneira

vitoriosa. Dali em diante, seria uma simples questão de arrancar os seus olhos. O treinamento de Arin era para uma Campeã; o de Hanim, para uma Sobrevivente.

Vaun se esquivou, batendo o punho na lateral da minha cabeça. Eu cambaleei, piscando para conter faíscas brancas, e ri.

— É só isso? Vamos lá, Vaun. Onde está a sua paixão? — Ataquei outra vez. Meu golpe acertou o alvo, e ele fez uma careta.

Vaun lutava bem. Quase bem demais. Quando eu estava limpando o sangue do queixo, eu sabia que ele estava prestando atenção. Ouvindo as conversas dos guardas sobre meu progresso, memorizando minhas fraquezas. Caímos em um padrão violento; eu atacava, ele revidava, eu recuava ou desferia meu próprio golpe. Ele contava com a minha impaciência aumentando e causando um deslize.

A estratégia dele poderia ter funcionado se meu oponente fosse qualquer outro. A paciência de Vaun rivalizava com a minha em fragilidade. Era uma questão de quem quebraria primeiro.

— Tudo isso pelo o seu precioso Herdeiro? Admito que ele não é o cara mais afiado do arsenal, mas não é totalmente inútil. Ele sabe lutar as suas próprias batalhas. — A provocação saiu distorcida. Ele havia cortado meu lábio com o cotovelo algumas rodadas atrás.

As narinas de Vaun se dilataram. Um insulto a Arin sempre o afetava de forma desproporcional. Dei um pulo para frente. Seu nariz estalou contra o meu punho. Ele puxou meu braço com força suficiente para estalar e me deu um chute no peito, me derrubando.

Levantei-me com dificuldade. Rangendo os dentes, coloquei meu braço de volta no lugar.

— Sinceramente, acho a incompetência dele emocionante. Estou aqui porque ele não consegue cumprir o seu único dever como Comandante e capturar Jasadis. — Isso era fácil demais. Sem dúvida, Vaun perceberia esses truques de adolescente.

Ele corou.

— Mantenha o nome dele longe da sua boca imunda.

Então eu vi. O caminho mais rápido para a linha de chegada.

— Mas ele gosta da minha boca — ronronei.

Pela maneira como Vaun reagiu, dir-se-ia que ele havia engolido uma dúzia de frascos de veneno de rochelya. Um vazio perturbador tomou conta dele.

— Estou avisando...

Apressei a fala.

— Seu grande líder, se rebaixando com uma abominação. Eu tolero os seus afetos desajeitados. Que escolha tenho? Ele é tão incompetente em ser...

Não terminei a frase. Vaun me atacou. A raiva não o deixou desajeitado. Apenas removeu as suas reservas. Lutamos, mas ele manteve a posição superior. Em seu frenesi, me bateu, repetidas vezes. Relaxei sob ele. Um zumbido penetrante ecoou em meus ouvidos.

— Nunca mais — ele rosnou. Pegou um punhado do meu cabelo e jogou a minha cabeça para trás. — Prostituta mentirosa. Ele não faria isso... não. Nunca mais.

Seu antebraço pressionou a minha traqueia. Eu não precisava que o espectro de Niphran soubesse que ele pretendia me matar. Eu o agarrei, deixando linhas sanguinárias em sua bochecha.

Não seria assim que a minha família terminaria.

— Eu devia ter te matado no primeiro dia — ele cuspiu. — Um lixo como você jamais deveria sobreviver tanto tempo.

Atrás dele, o coelho saltava no ar, fora do alcance das crianças. A árvore se agitava sobre a cabeça de Niyar e, sentado na base, ele virava a página do livro eternamente aberta em seu colo. Palia olhava de soslaio para os degraus do palácio, procurando por Niyar. Eu já tinha visto essa cena um milhão de vezes desde que chegara.

— Você tem razão — ofeguei. Pontos negros surgiram na minha visão. Meus punhos se apertaram. Eu deveria ter morrido na Cúpula Sanguinária ao lado de todos que eu amava. Uma morte honrosa, uma morte digna. Sem nunca conhecer o gosto férreo do sangue enchendo a minha boca, o estalo de um chicote cortando a minha carne. Todo o meu potencial de grandeza não teria sido testado. Eu não teria falhado com Jasad tão catastroficamente.

Mas, como um rato lutando no escuro, eu sobrevivi.

Na parede, Palia colocou as mãos na cintura, como se estivesse esperando.

Recorrendo a cada último vestígio de força, desdobrei meus dedos.

Nós explodimos em chamas.

Elas se acenderam de maneira inofensiva ao meu redor, mas Vaun berrou e recuou. Pequenas chamas envolveram meu corpo, deslizando pela minha trança.

Arrastei-me até ficar de pé, ignorando meu corpo que gritava. Vaun recuou. Saboreei seu medo, absorvi-o. Dobrei os dedos, e a espada curva em seu peito voou, a ponta afiada parando em seu coração. Forcei o meu punho, e ela cortou as suas roupas. Vaun se jogou contra a parede. A espada o seguiu, prendendo-o no lugar.

Matar Vaun resolveria muitos problemas. Deixá-lo viver seria deixar mais Jasadis morrerem.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

— Largue a espada, Sylvia — disse Arin, baixo e tranquilizador. Eu não o ouvira entrar, mas não importava. Eu o sentiria a quilômetros de distância.

As palavras saíram roucas da minha garganta embargada.

— Por que eu deveria?

Arin entrou no meu campo de visão, obscurecendo Vaun. Poeira o cobria dos ombros à cintura, e um hematoma brotava no alto de sua

bochecha.

— Você não é uma assassina.

— Na verdade, eu sou — ri. O fogo aumentou, impedindo-o de se aproximar. — Não se faz essa distinção ao matar Jasadis. Por que eu não deveria me comportar como uma assassina se vou sofrer o mesmo destino de qualquer maneira?

Arin avaliou a minha aparência, o meu rosto destruído e o ângulo estranho dos meus ossos quebrados. A compreensão o invadiu, dando lugar a uma resolução sombria.

Ele deu um passo para o lado.

O som estrangulado que Vaun fez foi quase o suficiente para me satisfazer. Quase.

Eu não me importava se aquilo fosse mais um teste. Vaun era uma ameaça para mim, para todos com quem eu me importava. Minhas algemas pulsavam. Sangue escorria pela ponta da espada.

Eu queria. Tanto. Minha magia tremia junto.

Mais uma vez, meu olhar encontrou Niyar e Palia. As crianças passaram correndo por Niyar na grama, perseguindo o coelho que fugia no ar. Assim que a cena mudou, uma folha voou sobre a cabeça de Niyar. Eu já tinha visto a folha e a árvore contra a qual ele estava sentado inúmeras vezes.

Segui a folha para cima. No topo da árvore, a perna de uma criança balançava. Sua sandália estava mal presa, pendendo precariamente dos dedos dos pés. Mais alguns instantes e ela cairia em cima do livro de Niyar.

Palia mandou fazer essas sandálias para o meu sétimo aniversário. Ela não estava procurando por Niyar, ela estava procurando por mim.

A prodígia de Hanim o cortaria sem hesitação. Ninguém me culparia. Ninguém vivo, pelo menos.

A folha flutuava enquanto a perna da criança balançava.

Estalei os dedos. O grito de Vaun abalou a sala enquanto a espada cortava sua coxa com precisão e o prendia contra a parede.

Ele não valia o que restava da minha alma.

CAPÍTULO 20



Arin veio ao meu quarto algumas horas depois. Eu preferia ter sofrido meus ferimentos a induzir minha magia já turbulenta à superfície, mas ele ficou parado na porta até que eu rolasse para fora da cama. Ele segurou meu braço – não minha mão – até que eu não parecesse mais ter sido esmurrada repetidas vezes contra uma parede. O desaparecimento dos meus ferimentos só serviu para aumentar o meu desgosto. A marionete deve permanecer intocada para o seu mestre. A onda de magia com esse toque pareceu mais controlada, mas vi a outra mão de Arin se fechar em um punho. Ótimo. Eu esperava que ele sofresse. Esperava que a atração da minha magia o esfolasse por dentro.

Assim que ele tirou a mão, subi na cama e lhe dei as costas.

O sono não vinha. Minha magia estava ativa, a pressão contra as minhas algemas era desagradável, mas suportável. Ela achou que ainda estávamos lutando, mas esse tipo de luta não era algo em que uma espada ajudaria. Eu não conseguia fechar os olhos sem ver a morte: minha família, Dawoud, Soraya, até mesmo Adel e Mervat Rayan.

A perda era uma âncora que sempre arrastava atrás de mim. Se eu parasse de me mover, se deixasse a âncora se prender, nunca teria forças para continuar. Eu não era gentil. Não escolhia o certo em vez do errado, nem o meu coração em vez da minha cabeça. Mas eu era tenaz. Era rancorosa. Havia cultivado essas características menores, as alimentado com cada pedaço que podia, porque alguém bom não teria sobrevivido a Hanim. Alguém bom teria morrido tão miseravelmente quanto Adel. Mas, uma vez que eu não precisasse mais sobreviver, o que restaria? E se

as piores partes de mim já tivessem canibalizado as melhores?

Dormi mal e acordei algumas horas antes do amanhecer com vontade de encontrar Vaun e terminar o que comecei. Talvez os guardas pudessem prever a minha sede de sangue, pois Sefa e Marek estavam à minha porta na manhã seguinte. Eles me ajudaram a arrumar o quarto enquanto conversavam sobre coisas sem importância. Apreciei isso; me dando um sinal para consertar e me concentrar enquanto reconstruía as paredes que havia danificado na noite anterior.

— Sylvia? — Marek estendeu a mão para o meu ombro e pensou melhor. Eu não me mexia há mais de dez minutos. — Quer que a gente te deixe em paz?

— Não. Não, fiquem. — Engoli em seco e dei um tapinha hesitante no braço de Marek. Ele se mantinha mais imóvel do que um homem atraindo um pássaro raro para a palma da mão. Apesar de sua impulsividade, Marek sempre sabia quais momentos exigiam uma mão mais gentil. Ter sido criado por uma família com herança militar Nizahlana não o tornara alguém severo e intransigente, e eu o admirava por isso.

Enquanto olhava para Marek, uma perspectiva intrigante me ocorreu. Havia deixado o discurso de Arin sobre Jasad se intensificar em silêncio. Eu não tinha ninguém confiável para relatar os eventos da guerra, mas ali estavam duas pessoas que cresceram perto do coração da política Nizahlana. Duas pessoas em quem eu confiava tanto quanto qualquer pessoa.

— O que as pessoas diziam sobre Jasad antes da guerra? — perguntei a Sefa.

Sefa terminou de guardar os seus materiais de costura sob uma camada protetora de saias. Ela não pareceu perturbada pela pergunta.

— Sobre Jasad em geral?

Tive que ir com cuidado.

— O Malik e a Malika, a política real, a natureza do governo deles. Esse tipo de conversa. — Olhei para Marek. — Qualquer um de vocês.

— Sendo honesta, não consigo me lembrar de frases específicas. A maior parte do que me lembro é de ressentimento — disse Sefa. — Muito ressentimento. Em um inverno, a geada chegou muito cedo e fez com que a maioria das fazendas florescesse antes que alguém estivesse preparado para a colheita. Uma quantidade inacreditável de alimentos foi desperdiçada, apodrecida por doenças ou pelo frio. Foi um inverno difícil. Nenhum reino foi poupado das dificuldades... exceto Jasad. A Sultana anterior engoliu o orgulho e pediu ajuda aos Malik e Malika, mas eles a recusaram.

Eu já havia me preparado para tal conclusão, mas ela ainda me fez franzir o cenho. Lembrei a mim mesma que a crueldade não significava necessariamente corrupção.

Sefa ainda não tinha terminado.

— Dez dias depois, as fronteiras montanhosas do nordeste de Lukub foram atacadas. As forças Jasadi invadiram os depósitos de metais preciosos de Lukub e roubaram todo o seu suprimento de prata e cobre. A Sultana não conseguiu retaliar. Os seus exércitos estavam enfraquecidos, e...

— A fortaleza — concluiu Marek. — A fortaleza era um assunto recorrente na nossa mesa de jantar quase todas as noites.

Uma inquietação nauseante se instalou em meu estômago. Eu ainda estava presa no ataque a Lukub. Por que fariam isso? Eles tinham bastante prata e cobre em Jasad; dificilmente precisariam roubá-los. Nada em minha vida jamais fora tão estável quanto as minhas noções de Jasad. Tantas rachaduras começaram a se estilhaçar na imagem de Usr Jasad e dos meus avós, e eu podia sentir que estava ficando na defensiva, preparando-me para a destruição.

— Sua família serviu ao Supremo. É claro que eles falavam com

frequência sobre o maior obstáculo à invasão.

— Todo mundo falava da fortaleza, Sylvia — disse Marek, um tanto friamente. — Ela permitia que Jasad fizesse o que quisesse. Eu entendo que você odeie o que Nizahl se tornou. Eu também. Mas é o único reino criado pela vontade de três Awaleen. Sua função mais básica era proteger contra as tiranias da magia e do poder após a loucura de Rovial. Ninguém poderia ter replicado a fortaleza de Jasad, nem mesmo quando cada reino ainda possuía magia. Eles estavam protegidos das consequências de suas ações, e Nizahl não podia fazer nada a respeito.

Meu pulso batia forte na cabeça. Isso foi um erro. Eu não deveria ter pedido aos Nizahlanos que refutassem a palavra do Comandante. Eles achavam que toda magia era inerentemente injusta.

— Que alívio deve ser para os Nizahlanos enfim atingirem o seu propósito completo — eu disse, incapaz de evitar que a mágoa transparecesse em meu tom de voz. — Eles certamente equilibraram a balança.

Sefa gritou quando saí do quarto, mas a porta já estava se fechando atrás de mim.

Acalmei-me depois de me esconder em um dos cômodos vazios para comer. Sabia que correria o risco de não gostar das respostas deles, e perguntei mesmo assim.

Eles pararam de falar quando entrei. Odiei a cautela que tomou conta do rosto de Marek.

— Desculpe — eu disse. — Fui infantil.

Sefa já balançava a cabeça.

— Não, desculpe. Deveríamos saber que a fortaleza significava algo completamente diferente para você. Você tinha razão em ficar chateada.

— Eu não fiquei chateada.

Marek revirou os olhos e jogou uma trouxa de túnicas na minha cabeça.

— Termine de fazer as malas. Vamos nos atrasar.

Como a maioria dos meus pertences seria enviada de volta para Raya, não fui tão recatada em guardar tudo quanto Sefa. Ao passarmos pelo centro de treinamento, pressionei a palma da mão contra a parede.

— Me perdoem — sussurrei para os meus avós. Seus defeitos eram muitos, provavelmente mais do que eu sabia, mas eles tinham dado tudo por mim. Eu não podia dizer o mesmo.

Sefa e Marek esperavam perto da carruagem, com os pertences já guardados. Levaríamos duas carruagens na viagem. Sefa e eu observamos Marek se movimentar em volta dos cavalos, verificando com diligência as engrenagens, e trocamos um olhar ressentido. Ele tinha a energia de dez pessoas.

— Não são muito ostentosas, não é? — comentou Sefa, apontando com a cabeça para as carruagens. Comparadas à engenhoca dourada em que Felix entrou em Mahair, estas ostentavam poucos adornos. Cada roda tinha um suporte secundário para ajudar a transitar pelo terreno irregular, e os exteriores retangulares eram pintados de um marrom opaco. Se uma caravana vagante ou uma conspiração inimiga nos encontrasse, eles não dariam a mínima para nenhuma das carruagens.

— O ego raramente derrota a praticidade de Arin — eu disse.

Sefa me encarou. Toquei meu queixo, constrangida.

— O quê?

— Arin?

No mesmo instante, as minhas bochechas ficaram vermelhas. Com o cabelo puxado para trás, Sefa percebeu imediatamente. Ela agarrou o meu cotovelo, nos afastando dos outros.

— Qual é a sua relação com o Herdeiro?

Seu tom acusatório me irritou. Uma lasca de raiva percorreu o meu maxilar, rachando entre os dentes. Meus olhos se estreitaram.

— Peço desculpas.

— Você o chamou de Arin.

— Esse é o nome dele.

— Para você, não! — sibilou. Ela deu um passo à frente, inconsciente ou despreocupada com a raiva que emanava de mim. — Para você, ele é o Herdeiro de Nizahl. O Comandante. O homem que a cortaria em mais pedaços do que há folhas em Essam se tivesse a mínima chance. A forma como vocês dois gravitam um em direção ao outro me assusta. Você é uma Jasadi.

— Não há nada com que se preocupar.

Pela tensão em suas têmporas, ela não se convenceu.

— Espero que não.

Voltamos para onde os outros montavam em seus cavalos. Dispensei a ajuda de Marek com um gesto, subindo na carruagem com um grunhido. Embora aparentemente banal, o interior da carruagem tinha espaço para acomodar dois bancos paralelos, bem acolchoados e largos o suficiente para deitar e dormir. Arin já estava sentado lá dentro, com uma pilha de pergaminhos cuidadosamente dobrada ao seu lado.

— Onde está Vaun? — Consegui não fazer a pergunta parecer um rosnado.

— Vaun foi dispensado do meu serviço — disse Arin, riscando uma frase.

Fiquei boquiaberta. Arin levava Vaun em quase todas as suas caçadas. Se os outros guardas estavam certos, os dois estavam juntos desde a infância.

— Não tenho utilidade para guardas que se irritam com facilidade.

Se eu fosse uma mulher mais caridosa, talvez tivesse sentido uma pontada de compaixão pelo guarda devotado. O que Marek faria se Sefa

o rejeitasse com tanta crueldade?

Ele encontraria um caminho de volta, alertou Hanim.

Com um rubor de mortificação, perguntei-me se Vaun teria repassado as minhas provocações durante a nossa briga.

— Vaun mencionou em detalhes o que aconteceu entre nós?

Arin entrelaçou as mãos sobre a barriga enquanto se recostava.

— Estou aberto a qualquer sugestão sobre como posso melhorar os meus afetos desajeitados...

Joguei uma colcha dobrada nele, fervendo de vergonha. Ele a jogou para o lado.

— Vaun tinha um ponto fraco. Você o explorou. Para onde estamos indo, você luta por todas as vantagens que puder.

— Os outros Campeões podem não ser tão sensíveis a insultos à sua virtude.

— Esta é a quarta vez que você menciona a minha virtude — disse Arin, e eu poderia jurar a Sirauk que ele parecia divertido. — Talvez se preocupe com outro assunto.

— Eu não... eu *não tenho*... — Como eu preferiria ter enfiado a cabeça debaixo das rodas da carruagem do que continuar a conversa, fiquei quieta.

Significativamente mais animada pela ausência de Vaun no meu futuro, estiquei as pernas e bati os dedos do pé no outro lado da carruagem. Wes me encarou do cavalo até eu fechar a cortina da janela, nos deixando na escuridão. O perfil de Arin no banco oposto desapareceu. A carruagem começou a se mover com um solavanco.

O balanço acalmou alguns dos meus nervos mais aguçados. Eu estava pensando se seria sensato cochilar quando Arin falou, me assustando.

— Depois que o Cão me atacou, você não correu. Se tivesse usado a sua adaga para aprofundar os ferimentos existentes, eu teria perdido a

consciência e sangrado até a última gota. Você poderia ter jogado a culpa nos pés do Cão. Os guardas teriam acreditado em você. Meu corpo teria sido levado para Nizahl, o Alcalah adiado e você libertada.

Eu já havia me acostumado ao labirinto arrepiante de sua mente. Mesmo assim, este me fez hesitar.

— Você tem razão. — As garras do Cão haviam se cravado fundo. Cortá-las um pouco mais não teria chamado a atenção. Alguns arranhões e cortes em mim, e a autenticidade do encontro não poderia ser questionada. — Jeru dissiparia as dúvidas de Wes e Ren. Os Mufsids seriam responsabilizados... talvez Lukub também, por causa do Cão. Na confusão, eu seria esquecida. É um bom plano.

Eu não havia considerado a enorme confiança que Arin demonstrara ao me permitir acesso aos seus ferimentos. Ele permanecera sentado ali, rígido, contemplando os métodos de seu próprio assassinato. Embora eu não pudesse confirmar na penumbra, o formigamento na minha nuca sugeria que ele estava me observando. Dei de ombros.

— Não me ocorreu — disse eu, com sinceridade. — Tenho que me planejar com antecedência para um assassinato a sangue frio.

A carruagem deu um solavanco, balançando para a esquerda. Wes bateu na janela em sinal de desculpas.

— Mulher peculiar — refletiu Arin. A carruagem seguiu em frente, levando-nos para o coração da Floresta Essam.

A viagem até Lukub levou três dias. Três dias pulando a cada barulho, tomando banho no rio e dormindo na base da árvore com menos formigas. Os olhos de Arin ficavam mais vermelhos à medida que nos aproximávamos de Lukub. Duvidei que ele tivesse dormido mais de uma hora. O ambiente aberto e descontrolado devia estar deixando os

seus nervos à flor da pele.

A brigada Nizahl nos encontrou a uma hora do palácio. Cinquenta soldados, rígidos em seus uniformes Nizahl, ajoelharam-se quando Arin desceu da carruagem. O mar de preto e violeta me perturbou profundamente.

— Meu suserano, se me permitir — disse Jeru. Ele gesticulou para a carruagem que os soldados trouxeram. A nova carruagem se assemelhava mais ao pesadelo dourado de Felix. Inegavelmente Nizahlana, erguia-se sobre enormes rodas negras, a carroceria pintada de obsidiana e delineada em violeta. Elegante e ameaçadora. Asas gêmeas se projetavam das laterais da carruagem, com as suas penas de ferro brilhando ao luar. Sefa, que possuía uma necessidade inabalável de verificar os arredores através do contato, estendeu a mão para uma asa. Wes segurou seu pulso. — Se você valoriza seus dedos, pense bem.

O emblema real de Nizahl, um corvo pairando entre duas espadas cruzadas, havia sido meticulosamente pintado na lateral. O olhar penetrante do corvo me seguiu.

Observei os novos soldados com desprezo, seguindo Arin até a carruagem. Precisávamos mesmo de cinquenta soldados para o Banquete?

Dois painéis na janela se abriram, e Arin não me impediu de abri-los. Coloquei a cabeça para fora.

— Saudações, viajante — disse eu a Wes. Ele se assustou violentamente em seu cavalo. Sua cabeça balançou na altura da minha, tamanha era a altura ridícula da carruagem. A fileira de árvores havia diminuído alguns quilômetros atrás de nós, deixando mais espaço para a carruagem manobrar. Os soldados se espalharam atrás de nós como podridão escorrendo de uma fruta esquecida, o ritmo de seus cavalos reverberando ao meu redor.

— Entre! — ordenou Wes.

Olhei para Arin.

— Você pode ordenar que ele seja mais gentil comigo? Ou pelo menos, menos tenso?

Arin desenrolou um mapa do Palácio de Marfim no colo.

— Não.

— Acho que isso seria hipócrita da sua parte.

Wes gemeu, longo e alto. Por sorte, todos os outros estavam fora do alcance da voz.

— Sylvia, você vai ter que pensar um pouco antes de falar — disse Arin, abrindo um frasco de tinta de bolso. Ele circulou um ponto no mapa. — Os outros soldados podem reagir mal às suas tentativas de humor.

Indignada, consegui dizer "Tentativas?", antes de perder a noção do resto. A carruagem tremeu enquanto o solo mudava de terra dura e compactada para terra macia. À nossa esquerda, as árvores se abriram, revelando seis poços idênticos cavados no chão. Um fedor repugnante me atingia enquanto passávamos pelos poços. Olhei para baixo – e imediatamente recuei.

— Por que tem gente nesses poços? — sussurrei.

Com seis metros de profundidade e lisos por todos os lados, todos os poços estreitos, exceto um, tinham um ocupante. Um homem idoso, com a barba emaranhada de sujeira, virou-se para nos encarar quando passamos. Uma poça de água suja espirrou em seus tornozelos. Os outros estavam emaciados, curvados em posição fetal. Os poços eram estreitos demais para que pudessem se deitar. Se já não estivessem mortos, logo estariam.

— Traidores — disse Arin. Passamos pelo último poço e eu me forcei a me afastar da janela. — A Sultana Vaida mandou cavar poços depois do assassinato da mãe. Traidores de Lukub são jogados lá para morrer de fome e morrer. Metade do conselho dela morreu lá.

— Ninguém a impede?

A tortura era limitada apenas pela imaginação. As formas que assumia eram incontáveis. Mas eu pensava que pelo menos uma regra, um decreto inquestionável, unia as mãos da crueldade. A tortura deveria ser privada. A tortura era destinada a masmorras e celas de pedra. Ao silêncio de Essam. Às árvores que observavam você sangrar e à terra silenciosa que você encharcava com suas lágrimas.

— Você devia ver o que Orban faz com os traidores. — Arin bateu os dedos no joelho. — Vaida prefere uma abordagem mais sutil.

Eu odiava entender a Sultana. Poucas armas atormentavam tão completa e sem derramamento de sangue quanto o medo. Os Lukubis passavam por esses poços, ouvindo os lamentos tristes dos prisioneiros, e rezavam para não serem os próximos. Pessoas de todos os reinos fugiam para Lukub por seu glamour e estilo. Escalavam os Ombros de Baira, o penhasco mais alto do reino, para contemplar a beleza de uma terra fundada por uma Awala cujo rosto era capaz de encantar um inimigo e fazê-lo cair sobre sua própria espada.

A beleza deslumbrava. Atraía o olhar para si... e para longe dos horrores que se escondiam em sua sombra.

— Malika Palia e Malik Niyar faziam os seus soldados erguerem ladrões e traidores no ar. — Arin colocou de lado sua pilha organizada de pergaminhos. — Uma vez suspensos sobre a multidão, cada soldado encontrava uma maneira criativa de executar o seu prisioneiro. Um soldado afogava seu prisioneiro em terra firme. Outro partia a terra com um aceno de mão, enterrando seu prisioneiro vivo. Acredito que um soldado particularmente criativo decidiu dividir o seu prisioneiro ao meio e cobrir a multidão de vísceras.

As minhas unhas cravaram-se em luas crescentes nas palmas das mãos.

— A magia é uma arma pior do que um poço?

— O poço não é promovido depois.

As algemas pulsavam com a minha magia penetrante.

— Onde estava essa compaixão quando o seu pai saqueou as nossas aldeias? Quando os soldados de Nizahl destruíram séculos de costumes e cultura? Quando Lukub, Omal e Orban ajudaram a despojar as nossas terras? Quando as Jasadis foram estupradas, dilaceradas ou vendidas? — Uma fúria ardente preencheu a carruagem, ardendo no pequeno espaço entre nós. — Não me insulte fingindo que invadir Jasad foi uma questão de misericórdia.

— Nossas. — Arin inclinou a cabeça. — Você disse *nossas* terras. *Nossas* aldeias. Não os Jasadis.

Olhei feio, procurando o truque dele. Eu sempre dizia *nosso*. O que mais eu poderia dizer?

O movimento da carruagem mudou, me arremessando para a outra ponta do banco. Arin apoiou o cotovelo na janela, usando o outro braço para evitar que o pergaminho se espalhasse.

Jeru apareceu na janela.

— Desculpe-me, meu suserano. Estamos nos terrenos do palácio.

Ansiosa por distância, abri a porta da carruagem e me inclinei para fora, jogando um braço sobre o teto enquanto avançávamos. O vento chicoteava a minha trança contra o queixo.

Tão magnífico quanto a Awala responsável por seu nascimento, o Palácio de Marfim brilhava com intensidade contra o céu noturno. Pilares se erguiam em espirais cereja entre paredes de marfim imponentes. Atrás do portão, um obelisco rubi perfurava o céu. Flores brancas cresciam nas juntas das paredes, suas pétalas mais afiadas do que as asas de nossa carruagem. Segui o caminho das joias preciosas soldadas nos portões brancos imponentes que formavam um enorme Cão Rubi rosnando para nossa carruagem que se aproximava. O Cão brilhava com um vermelho escuro e sinistro sob a lua crescente. Ao contrário de

Arin, eu pouco me importava com a sofisticação da simetria ou com os significados ocultos por trás do design. O Palácio de Marfim deixou de lado a sutileza em favor de uma mensagem que ninguém pudesse interpretar mal.

Algo belo esperava por trás dessas paredes, e era tão provável que te acariciasse quanto te devorasse vivo.

Voltei ao meu lugar quando paramos na frente do portão, deixando a porta da carruagem se fechar. Dois guardas Lukubi se aproximaram de Jeru e Wes. Meu coração disparou. Eu entraria em Lukub como a Campeã de Nizahl. Ia me sentar entre os Herdeiros que alegremente lideraram as suas tropas contra Jasad, molhando suas botas com sangue Jasadi em troca da aprovação de Nizahl.

Que liberdade vale isso?, pensei, enlouquecida. *Será que consigo cortar a minha própria alma e vender os pedaços Jasadi?*

A porta da carruagem se abriu.

— Vossa Alteza — disse o guarda Lukubi. — Sultana Vaida dá as boas-vindas a você e a sua Campeã ao Palácio de Marfim.

Arin respondeu. Eu não estava ouvindo, concentrada em controlar a minha magia e a minha respiração frenética.

Os portões se abriram com um gemido.

— A lealdade mostra a sua face rebelde — disse Arin baixinho. — Mervat Rayan.

Olhei em seus olhos azuis invernais, tão parecidos com os de seu pai. O ar se mantinha parado ao nosso redor. O Herdeiro de Nizahl e a de Jasad. Eu deixaria esta carruagem para entregar ao Supremo a vitória mais completa sobre mim. Sobre Jasad.

Um dia, eu seria julgada pelos espíritos dos meus mortos. Um dia, os corpos que nunca enterrei me invocariam para responder pelos meus pecados.

Um dia, mas não hoje.

CAPÍTULO 21



Fui conduzida ao meu quarto sem alarde. Três mulheres chegaram para me atender. Ou tentaram. Eu disse a elas – com bastante ênfase – que podia tomar banho e me despir sozinha.

Sefa gemeu quando fechei a porta na cara das funcionárias perplexas.

— Lukub não valoriza a hospitalidade tanto quanto Omal — eu disse, na defensiva. — A Sultana não vai se importar.

Depois de meses nas paredes austeras e nos corredores empoeirados dos túneis, os cômodos caóticos do Palácio de Marfim me deixaram apavorada. Tapeçarias tingidas em tons vibrantes de vermelho pendiam das paredes, com as suas borlas brancas balançando sobre tapetes de pele de raposa. Feixes de bukhoor[22] misturados com resina pairavam sobre as arandelas, saturando o ar com um aroma doce e floral. Uma máscara de marfim estava apoiada diante de cada vela. A luz tremeluzia por trás de seus olhos esculpidos.

— Os Lukubis podem não se importar com hospitalidade, mas dão grande valor ao serviço — disse Sefa. — Servir o corpo e o espírito. Encontrar a harmonia entre os dois. — Ela passou por cima de Marek, que havia adormecido com um pedaço de mushabak no peito. O rolo de massa frita embebido em mel se movia com a elevação do peito dele.

Espremi o excesso de água do meu cabelo.

— É estranho visitar Lukub? Você é uma cidadã daqui de sangue.

A tristeza tingiu o sorriso de Sefa. Ela tirou o mushabak do peito de Marek e o jogou na lixeira.

— Eu não sou cidadã. A lei Nizahlana não permite casamentos fora de seus territórios, a menos que um deles renuncie ao seu reino de origem. Meu pai abriu mão de seu direito à proteção de Lukub quando se casou com minha mãe.

Puxei o travesseiro absurdamente macio contra o peito. Sefa cresceu dividida entre Nizahl e Lukub, mas eu raramente pensava duas vezes em Omal. Embora o sangue Omaliano do meu pai corresse em minhas veias, meus avós fizeram o possível para expurgar o meu interesse por ele. Como se meu valor como Jasadi diminuísse se eu tivesse qualquer noção da minha herança Omaliana.

— Não nos distraiamos — disse Sefa, severa. Ela se jogou na cama enorme, passando os dedos escuros pelas cobertas de pele de carneiro. — O reino de Baira é uma terra de ilusão. Eles constroem bibliotecas suntuosas e as enchem de livros vazios, encomendam pinturas gloriosas nas paredes de aldeias em ruínas. Meu pai me contou uma história sobre os banquetes que organizam para celebrar o aniversário do sepultamento. Uma tradição nas aldeias mais baixas exige que cada família deixe uma oferenda às margens do Hirun na véspera do aniversário. Hoje em dia, geralmente são bugigangas e a comida que conseguem dispensar. Mas, em séculos passados, as Sultanas encorajavam as aldeias mais baixas a jogar a criança mais forte de cada família no Hirun. Se a criança se afogasse, a família diria que o rio os havia abençoado, tomando a força da criança para si. Se a criança sobrevivesse, a família seria impedida de ter mais filhos.

— Deixe-me adivinhar — eu disse. — As aldeias mais baixas estavam morrendo de fome. As crianças com maior probabilidade de sobreviver aos invernos rigorosos foram jogadas em Hirun, deixando as mais fracas definhando.

— Menos bocas para as antigas Sultanas alimentarem — confirmou Sefa. — As Sultanas de Lukub não são mulheres para brincadeira, Sylvia.

As suas habilidades de enganar são inigualáveis.

Se elas conseguiram convencer os pais a afogar os seus filhos com um sorriso, que sussurros sinistros poderiam tecer em meu próprio coração?

O estrondo dos roncos de Marek e o brilho âmbar da aurora atrás da tapeçaria me embalaram em um sono inquieto. Sonhei com máscaras de olhos vermelhos sorrindo no escuro e crianças mergulhando em um Hirun fervente. Quando recuperei a consciência, o sol se punha muito mais alto no céu, e alguém batia com insistência na porta.

— Sylvia? — Era Jeru. — Você está bem?

Marek e Sefa tinham ido embora. Xinguei, rolando até o guarda-roupa em um emaranhado de membros. As mulheres de antes haviam arrumado os meus pertences lá dentro, e eu arranquei a primeira peça de roupa que toquei.

— Que horas são? — Joguei os vestidos no chão.

A voz cansada de Jeru surgiu da porta. Há quanto tempo ele estava batendo?

— Já passa do meio-dia.

Pulei no vestido, cambaleando pelo quarto.

— Não, não, não! Como você pôde me deixar dormir até tão tarde?

— Eu? — respondeu Jeru, indignado. — Marek e Sefa tentaram te acordar três vezes antes de irem comer.

O vestido deslizou sobre mim em um farfalhar de seda, acomodando-se sobre as minhas curvas. O trabalho meticuloso de Sefa não fora em vão. O vestido era longo, com um redemoinho de tons violeta. Fendas combinando se abriam sobre cada perna, e dois pequenos alfinetes Nizahl prendiam as alças finas em meus ombros. Se eu não estivesse tão terrivelmente atrasada, teria encontrado outro vestido. Essas fendas subiam até o meio da coxa, mostrando quilômetros de pele quando eu me movia.

Fiz uma careta para mim mesma no espelho e saí correndo pela porta.

Jeru olhou fixamente.

— É isso que você vai vestir?

— Sim. Talvez — cutuquei o tecido. — O banquete só acontece amanhã. Ninguém vai notar.

Jeru começou a falar e reconsiderou. Balançou a cabeça.

— Sefa certamente conhece as modas de Lukub.

Passamos depressa por servos agitados e salões decorados com tapeçarias elaboradas e entalhes delicados. Nos revezamos, e me perguntei se talvez eu devesse ter pedido a Arin para compartilhar o seu mapa do Palácio de Marfim. Ele havia me dado pilhas de leitura para completar as três primeiras semanas, principalmente plantas dos edifícios em que entraríamos, textos de história e instruções sobre como seguir os costumes esperados de um Campeão em cada reino. Eu não havia prestado muita atenção a eles, já que o único o tempo livre que eu tinha eram os quinze minutos entre o banho e o sono profundo. Eu me arrependi; a grandiosidade daquele palácio me fazia perder o rumo.

As paredes mudaram de tons de vermelho para marfim puro. As obras de arte nas paredes se estreitaram até se transformarem em uma pequena coleção de molduras embutidas na parede. Eu queria parar e observá-las, mas Jeru me incentivou a prosseguir. Tínhamos chegado à ala da Sultana.

Uma pesada cortina de veludo bloqueava o corredor seguinte. Jeru a puxou para o lado, revelando fileiras paralelas de guardas alinhados nas paredes. Nizahl de um lado, Lukub do outro.

— A Campeã de Nizahl — disse Jeru. Ele me empurrou para frente.

Os guardas de Lukub me encararam. Os de Nizahl sorriram. Eu não sabia o que era pior.

Vai, Jeru moveu os lábios. Eu me forcei a me mover.

Um soldado de cada lado agarrou uma barra nas portas e puxou. Elas se abriram, revelando uma sala de recepção ainda mais suntuosa em decorações do que os corredores. Fitas trançadas em formas esféricas pendiam do teto. Tiras de cortina transparente ondulavam em torno das fitas e esvoaçavam ao longo das paredes. Um pássaro elegante, de bico branco e penas vermelhas exuberantes, saltava em uma gaiola em forma de Cão Rubi.

Arin e uma mulher belíssima estavam sentados frente a frente, com uma bandeja de sobremesas delicadas disposta entre eles. Ambos olharam para mim quando cheguei.

Arin era a imagem da elegância. Nem um único fio de cabelo escapava do laço na nuca, e ele havia trocado seu uniforme habitual por uma roupa mais majestosa. Os dois juntos formavam uma imagem impressionante. Alisei as mãos ao longo do vestido, mal conseguindo me conter para não mexer no tecido. Ansiava pelo conforto de roupas familiares.

— Vossa Majestade — abaixei a cabeça. — É uma honra.

Quando Sultana Vaida se aproximou de mim, meu queixo caiu. Esbelta e graciosa, ela se portava com a segurança de alguém com o triplo de sua idade. Seu vestido branco brilhava contra a pele lisa e escura. Dezenas e dezenas de tranças intrincadas caíam até a cintura, com pequenas flores brancas e rubis meticulosamente entrelaçadas. Esguia e de ombros largos, ela me olhava com olhos castanho-escuros e astutos.

— Sylvia de Mahair. A honra é minha. — Antes que eu pudesse reagir, ela se inclinou para me beijar na bochecha. Meu olho tremeu, mas consegui me conter com o contato. — Junte-se a nós, sim?

— Perdoe-me o atraso — disse eu, sentando-me ao lado de Arin no sofá curvo. Para minha surpresa, ele não abriu espaço. Será que ficaria por perto caso precisasse intervir? Mantive as mãos no colo,

intensamente consciente da proximidade delas com a coxa de Arin.

Vaida acenou com a mão cheia de anéis.

— Detesto acampamentos noturnos naquela floresta. Não te culpo nem um pouco. Sou eternamente apegada ao meu conforto material.

— Estávamos discutindo quão rápido você progrediu em seu treinamento — disse Arin.

— Recebi uma ajuda excelente.

Vaida deu uma risadinha, um som musical.

— Não hesite, querida, não na minha companhia!

Sem que eu pedisse, os avisos de Arin sobre Vaida vieram à tona. Ele passara horas detalhando o que esperar de todos que encontraríamos durante o Alcalah. Sua descrição da Sultana me deixou intrigada.

— Vaida deve acreditar que você é insignificante, uma simples órfã de aldeia com aspirações à glória. Não a desafie nem se destaque de forma alguma — dissera ele. — A Sultana brinca com as pessoas, as provoca para se divertir. Mas se ela achar que você merece um segundo olhar, fará de sua última missão eviscerar os seus segredos e ceifar a sua alma.

Arin não era um homem propenso ao melodrama.

Vaida adicionou uma colher de açúcar à bebida.

— Como sua sorte mudou magnificamente, querida Sylvia. Não conseguia acreditar na notícia. Uma aprendiz de químico das aldeias mais baixas de Omal, escolhida para o Alcalah? Escolhida a dedo pelo Herdeiro de Nizahl, nada mais, nada menos? Devo confessar que meu reino não falou de outra coisa por um tempo. Minha pobre Campeã ficou bastante perturbada por perder a atenção deles. — Ela empurrou um cálice cravejado de rubis para mais perto de mim. Ousei olhar para Arin, que me deu um pequeno aceno de cabeça. Peguei a bebida vermelha e tomei um gole.

Karkade[23]. O sabor seco perfurou o excesso de xarope que ela havia derramado no chá de hibisco. A bebida era de origem Jasadi, mas não fiquei alarmada. Após a queda de Jasad, os abutres haviam se aproveitado da cultura Jasadi, arrancando os melhores pedaços para os seus próprios ninhos. Tinha visto a evidência em Mahair, observando padeiros virarem aish baladi em seus fornos como se fizessem isso há gerações. Por outro lado, Adel provavelmente *tinha*...

— Estou grata — eu disse quando ficou claro que Vaida esperava uma resposta.

— Ah, gratidão. — Vaida torceu o nariz. — Corte-a com a sua faca mais afiada e jogue-a fora. A gratidão abaixa o pescoço das mulheres por uma corrente muito mais do que as eleva por uma briga. Você mereceu seu lugar. Certo?

— Correto. — Eu diria qualquer coisa se isso significasse que ela pararia de falar comigo.

— Diga-me, Sylvia, seu marido espera ansiosamente em casa por seu retorno seguro?

Pisquei.

— Meu o quê?

Percebi o crescente desconforto de Arin.

— Vaida...

Ela falou por cima de Arin, a primeira que encontrei com coragem para fazer isso.

— Uma esposa, então? Ou uma amante? — Diante da minha perplexidade constante, Vaida recostou-se. Parecia genuinamente perturbada. — Faz anos desde a minha última visita a Omal, mas será que todos os seus cidadãos perderam o apreço pela beleza?

Minha fachada se desfez um pouco, e estreitei os olhos.

— Não se preocupe, Vossa Alteza. Minha vida não é desprovida de

realização.

Ao meu lado, Arin estava rígido e disfarçava isso de forma fantástica. Vaida e eu nos encaramos. Pensei nas pessoas no poço, definhando em sua imundície. Sofrendo uma morte lenta e indigna.

Inquieto, Arin a chamou. Eu precisava quebrar o meu olhar, para corar e tropeçar com as minhas palavras. Para minha consternação, um resquício de arrogância real emergiu, uivando para responder ao seu desafio.

— Quem a satisfaz? — perguntou, com a voz rouca. Ela desviou o olhar significativamente para Arin, e nós dois nos endireitamos como se tivéssemos sido atingidos.

— Chega — rosnou Arin. Até seu controle férreo se dobrou contra a mulher. — Não antagonize minha Campeã. Somos convidados em sua casa.

Instantaneamente, a atmosfera mudou. Vaida pegou seu prato.

— Sylvia sabe que estou brincando! De qualquer forma, eu já a amo. A curiosidade é uma amante tentadora. Ninguém sabe disso melhor do que você, Arin.

Embora a atenção de Vaida permanecesse em Arin pelo resto da hora, eu não tinha dúvidas de que ela estava atenta a cada movimento meu. Nervosa demais para pegar os doces espalhados na mesa, fiquei do meu lado do sofá até sairmos da sala de visitas. Arin nos conduziu pelos pátios do palácio até um jardim florido.

— Um dos lugares favoritos de Vaida — disse Arin.

Guardas com as cores de seus respectivos reinos circulavam por ali. Servos passavam correndo por nós, em preparação frenética.

— Agache-se perto das papoulas e finja admirá-las. — Arin sentou-se em um banco de concreto.

Lutei contra uma pontada de vergonha.

— Quais são as papoulas? — Mahair não desperdiçava solo fértil

com plantas que não podiam ser consumidas ou usadas para fins medicinais. As únicas flores que eu conseguia reconhecer à primeira vista eram aquelas que Hanim avisara que poderiam me envenenar.

Nenhum sinal de desprezo cruzou a expressão de Arin enquanto ele apontava para um canteiro de flores vermelhas com pétalas finas, parecidas com pergaminho, enroladas em torno de um centro preto e felpudo.

Com um pequeno sorriso de agradecimento, deslizei para o chão, dobrando as pernas.

— Eu sei o que você vai dizer.

— Ah é?

— Eu não deveria ter olhado feio para ela.

— Você se saiu bem, Sylvia.

Fingi cair de lado nas papoulas. Sua boca se contorceu com tristeza.

— Eu realmente gostaria que você não tivesse correspondido ao olhar dela, já que Vaida se orgulha de provocar. Ela te acha interessante, mas não vai provocá-la se você ficar perto de mim. Ela não pode se dar ao luxo de criar animosidade entre Lukub e Nizahl.

A boneca no armário da sala de guerra e sua bandeira manchada passaram pela minha cabeça.

— A Batalha de Zinish — lembrei-me. — Ela deve honrar os acordos de paz.

— Em parte, os acordos de paz, sim. Com ou sem o tratado, Vaida não me trairia.

Meu vestido ficou preso em um espinho de outro canteiro de flores.

— Ela tem medo de você.

— Ela não é a única pessoa capaz de jogar este jogo — disse ele, com um toque de desdém aristocrático. — Conheço Vaida desde que éramos crianças. Nossas mentes são muito parecidas.

— Bem. Isso é assustador. — Ajustei as minhas pernas para uma

posição sentada mais confortável. A fenda deixou a minha coxa exposta e desisti de tentar arrumá-la. — Vamos partir ao anoitecer depois de amanhã?

Arin demorou um segundo a mais para responder. Parecia estar reparando no meu vestido pela primeira vez. Seu olhar me percorreu, uma leitura vagarosa que me deixou com a boca seca. A atenção de Arin era geralmente tão eficiente quanto ele; ele não demorava e, sem dúvida, nunca examinava.

— As cores da Nizahl combinam com você.

Algo perigoso pulsou no fundo do meu estômago. Não pude deixar de imitá-lo, estudando a mudança em seu traje que eu havia notado anteriormente. Os laços de sua camisa paravam em suas clavículas. Parecia errado ver o comprimento de sua garganta tão exposta. Seu cabelo se soltara em algum momento entre sair de Vaida e entrar no jardim, caindo como uma nuvem prateada ao redor de seu queixo. Arin de Nizahl era irritantemente elegante. Eu queria cortá-lo ao meio e comparar nossos ossos para entender por que os dele lhe davam graça e os meus me davam dor nas costas.

Ocupei-me com as flores. Passei muito tempo inalando a poeira do túnel; isso confundiu minha cabeça.

— Crepúsculo. Sim — respondeu Arin, tardiamente. — Nossa rota para Orban é mais longa que as outras.

Os outros não estavam viajando pela Passagem Meridiana.

A Passagem Meridiana era um cânion estreito e plano, encravado entre dois penhascos avermelhados. Embora se estendesse por apenas cinco quilômetros, muitos cavaleiros encontraram a ruína ali, esmagados por pedras caídas ou perseguidos pelos vagabundos e fugitivos acampados na entrada.

A Passagem também foi palco de um massacre. Dez famílias Jasadi, fugindo da captura em Omal, se viram presas dentro da Passagem

Meridiana, com guardas de Omal de um lado e soldados de Nizahl do outro. Eles tiveram um fim terrível.

A maioria dos Campeões que saíam do Banquete seguiria a rota que os mercadores usavam para viajar entre Lukub e Orban. Arin não queria correr o risco de os Urabi ou os Mufsids me levarem embora no meio da multidão de carruagens, então seríamos o único contingente a atravessar a Passagem Meridiana.

Eu estava prestes a perguntar a Arin se viajaríamos na mesma carruagem de novo quando um gato laranja passou por cima da mão que eu pressionara contra o chão. Recuei, esmagando três flores na pressa. Ouvi dizer que gatos vadios eram comuns em Lukub. Parecia que nem o Palácio de Marfim conseguia mantê-los afastados. Um gatinho deu uma patada no meu vestido, balançando o rabo cinza em uma pilha de pétalas de rubi. Um gato mais velho e presunçoso se jogou no colo de Arin, me encarando de cima do joelho. Coçando as orelhas distraidamente, Arin disse:

— Permita que os criados a ajudem. Os guardas revistam qualquer um que entre em seu quarto, para que os criados estejam seguros. É uma má impressão para os serviços de Vaida se seus criados vagarem por aí.

Retomamos a caminhada assim que os gatos se afastaram.

— Você permite que as seus acompanhantes o *ajudem* a tomar banho e a se despir? — desafiei. Corei assim que terminei, já arrependida da pergunta. Não conseguia imaginar Arin permitindo que alguém tirasse o seu casaco dos ombros ou desfizesse as alças apertadas de seu uniforme. Será que as encararia com firmeza enquanto os seus dedos trêmulos o despiam? Ou encarava a parede do fundo com total indiferença, inflexível em corpo e comportamento?

Franzi a testa com uma expressão feroz. As bobagens da Sultana sobre amantes claramente haviam mexido com os meus sentidos. Arin era atraente – era tão óbvio e indiscutível quanto o sol. Mas eu havia

passado quase 21 anos capaz de reconhecer a atratividade sem me sentir atraída. Nunca desejei ninguém, nunca ansiei pelos relacionamentos físicos que Marek buscava.

Por fim, me identifiquei com as meninas da fortaleza. Especialmente com Gana. A elegante pupila costumava se vestir com os melhores vestidos de Raya toda semana, cantar baladas melodiosas enquanto espalhava fragrâncias nos pulsos e atrás da orelha.

— Há poder em conquistar o invencível — dissera Gana um ano atrás, após rejeitar as investidas de mais um sujeito. O grupo fora à casa de Zeila para um chá comemorativo e um ahwa depois de uma feira bem-sucedida. Zeila estendeu tapetes de junco no chão, e nos sentamos em almofadas de contas, com uma mesa de madeira balançando a nossos pés.

Eu estava algumas almofadas abaixo com Sefa e Marek, bebendo meu ahwa amargo em uma xícara lascada. A conversa de Gana com Daleel chegara aos meus ouvidos.

— Os homens não veem as mulheres, querida Daleel. Eles veem poder. Qual de nós tem mais poder e com que facilidade eles podem drená-lo dela.

Pelo visto, essa não era uma característica reservada aos homens, pois uma emoção sombria me percorreu ao pensar em conquistar o Herdeiro de Nizahl. Roubar um pedaço do poder de Arin na rendição.

A brisa agitou os cabelos de Arin. Ele riu baixinho, me trazendo de volta ao presente.

— Não são permitidos criados em meus aposentos. Vaida já se resignou às minhas excentricidades há muito tempo.

Perturbada com a direção macabra dos meus pensamentos, afastei-me dele.

— Preciso me preparar para o banquete.

Sem olhar para trás, caminhei pela sombra de um Cão Rubi que se

projetava do contraforte e corri para dentro do palácio.

CAPÍTULO 22



Sem a exaustão necessária, meu corpo se rebelou contra o sono em um lugar estranho. Circulei pelo meu quarto, abrindo gavetas e arrumando o meu vestido para o Banquete. A noite ficou mais profunda e, ainda assim, o sono me escapava. Troquei o meu robe por calças largas de linho e uma túnica elegante. Se eu quisesse alguma esperança de dormir esta noite, precisava caminhar.

Ren se assustou quando abri a porta. Ele olhou para as minhas roupas e franziu a testa.

— Não.

— Preciso ir ao banheiro — eu disse.

— Eu vou acompanhá-la.

— Isso não parece muito apropriado.

Dobrar Ren à minha vontade foi mais fácil do que eu esperava. Sua antipatia por mim era do tipo enfadonha; não tão forte quanto a de Vaun, nem tão maleável quanto a de Wes. Depois de alguns minutos discutindo como Vaida ficaria ofendida se eu me sentisse insegura a ponto de levar um guarda ao banheiro, Ren se afastou, sua insatisfação evidente nas linhas rígidas de seus ombros.

— Depressa.

No silêncio da escuridão, os olhos do Palácio de Marfim me seguiram enquanto eu atravessava o salão. Usr Jasad também era grande, com alas separadas e muitos cômodos inexplorados para atormentar uma criança entediada. Mas sempre fora, antes de tudo, um lar, depois um palácio. Ameaça e magnificência pulsavam como uma só no Palácio de

Marfim. O palácio da Sultana Vaida refletia uma mensagem clara: *cuidado com o abraço da beleza, pois as suas entranhas são gananciosas e os seus dentes, afiados.*

Por outro lado, talvez Usr Jasad representasse a mesma coisa. O único ponto em comum que descobri entre os Nizahlanos e os Jasadis era o ódio que sentiam pelos os meus avós.

Dobrei a curva e parei diante de uma tapeçaria de Baira. A Lukub Awala descansava em seu trono, com um humano seminu ajoelhado a seus pés. Dezenas de Cães Rubi a cercavam. Baira segurava a cabeça de um cão rosnando, seus dedos brilhando com magia contra a sua pelagem vermelho-sangue. Estremeci ao ver o olhar de puro desespero nos olhos do homem ajoelhado. Ser mortal na época dos Awaleen... eu não conseguia imaginar maldição maior.

A cena se desenrolou ao longo do corredor. Meus passos eram silenciosos contra o tapete. O homem ajoelhado aos pés de Baira se levantou, movendo-se sobre a tapeçaria. Ele agarrou a cabeça, a boca aberta em um grito quando uma mulher chorando estendeu a mão para ele. Suas mãos se encontraram. As cores da tapeçaria mudaram quando o homem caiu no chão, morto, e a mulher chorando se dissipou no ar. Uma ilusão.

O salão se curvou novamente, e este lado revelou uma emboscada. Baira envolvia o peito de Rovial com os braços, contendo-o. Dania desenhava runas em sua testa enquanto Kapastra erguia palmas brilhantes em sua direção. Eles estavam na Ponte Sirauk. Nuvens se agitavam sob a ponte, reagindo à magia que emanava dos Awaleen. Seu poder havia destruído o próprio céu.

— O sepultamento — disse uma voz suave. Virei-me, procurando por uma adaga que não tinha. Sultana Vaida ergueu os braços em um gesto tranquilizador. — Ora, ora. Assustei você?

Era uma pergunta idiota, então dei uma resposta ainda mais idiota:

— Não.

— Você está preocupada com Felix? O contingente Omal dorme na ala norte. — Diante do meu olhar inexpressivo, Vaida tocou um dos cristais vermelhos pendurados em suas orelhas. Ela piscou. — Notícias correm rápido, querida. Maldito Felix e o seu temperamento ruim. Que destino terrível ele deu àquela garotinha.

— O sepultamento? — repeti, optando por não satisfazer a sua curiosidade. Apontei para a tapeçaria. Uma quantidade enorme de detalhes havia sido empregada na tecelagem de Sirauk. A ponte amaldiçoada mergulhou em uma névoa branca atrás dos irmãos que se debatiam. Os olhos de Rovial estavam arregalados e selvagens. Louco por magia.

Vaida passou a ponta dos dedos pelo rosto de Baira.

— Todos os Awaleen partiram por vontade própria para o sono eterno, exceto Rovial. Subjugar o Awal Jasad os deixou fracos o suficiente para caírem de Sirauk e caírem nas tumbas que os aguardavam lá embaixo.

Ouvir o nome do meu reino vindo da boca de Vaida me trouxe de volta à consciência. Com Arin presente, ela tinha sido um terror. Eu não tinha a mínima vontade de descobrir onde ela traçaria os seus limites na ausência dele.

— Peço desculpas por incomodá-la, Sultana. — Comecei a me mover ao redor dela. Uma pressão delicada no meu ombro me manteve no lugar.

Os olhos da Sultana Vaida brilharam tão escuros quanto os meus. Olhos de Kitmer, como Niphran costumava chamá-los. Ficamos cara a cara; um fato que achei indevidamente irritante, tendo me acostumado a ser a mulher mais alta em um cômodo.

— Meu palácio ostenta muito mais do que esta tapeçaria. Deixe-me mostrar a você. — Ela soltou meu ombro, um sorriso deslumbrante

desmentindo a dureza de seu olhar. — Eu insisto.

Ela começou a andar sem esperar por uma resposta. Brinquei com a tentação de ignorá-la e correr direto para o meu quarto. Eu não era o assunto dela, e ela não tinha direitos sobre mim.

A cautela de Arin me fez parar. *Não a desafie nem se destaque de forma alguma.*

Vaida já havia contornado a curva. Xingando baixinho, corri para segui-la. A Sultana de Lukub caminhou a passos largos até a ala leste do Palácio de Marfim. Uma fileira de cabeças de Cães Rubi se projetava da parede à nossa direita. No lugar de seus dentes, velas tremulavam, projetando longas sombras sobre o salão. O vestido cereja incrustado de joias de Vaida lançava padrões em seu rastro, com as mangas de renda arrastando-se atrás dela.

Ela virou à direita e quase tropecei nos pés. Dezenas de guardas estavam alinhados em cada lado do corredor. Eles não reagiram à minha aparição, com a atenção fixa à frente.

Parei no início do corredor.

— Os guardas do Herdeiro ficarão preocupados com a minha ausência.

Ela olhou por cima do ombro.

— Eles criticam a segurança do meu palácio? A eficácia dos meus guardas?

— Claro que não, mas...

— Então eles não deveriam ter motivos para se preocupar.

Sem se virar, ela curvou os dedos, chamando-me para segui-la. Pelas profundezas condenadas de Sirauk, eu permitiria que aquela mulher me matasse por decoro?

Ela pode ter informações. A presença de Hanim me assustou. *Ela odeia Nizahl. Pode ser útil.*

Fiz uma careta. Por que eu não podia apenas pedir a Ren um

remédio para dormir?

Assim que cruzei a soleira dos aposentos privados da sultana, as portas se fecharam com um rangido triste. Enquanto os aposentos de Arin eram um exercício de austeridade, Vaida encheu os seus com todas as cores dos reinos. Uma parede era de um índigo vibrante, outra de um esmeralda recatado. Luminárias de todos os formatos e tamanhos pendiam do teto pontudo, lançando um brilho quente sobre o enorme cômodo. Sua cama era mais larga que a loja de Rory, e colchas de vários modelos e espessuras estavam empilhadas aos pés. A mistura bizarra de caos e estilo que eu havia passado a associar à Sultana de Lukub.

— Por que estou aqui? — perguntei, renunciando à decência. A vivacidade dos aposentos de Vaida era perturbadora, mais do que se eu tivesse entrado em um aposento com cortinas vermelho-sangue e armas enferrujadas.

— Quando soube que Arin havia escolhido uma órfã Omaliana de uma aldeia mais baixa, não compartilhei da surpresa de todos — disse Vaida. Ela pegou uma boneca de vidro, ajustou os seus membros antes de colocá-la de volta na mesa de cabeceira. Ela bateu em seu nariz com uma unha polida. — Arin… ele vê através das pessoas. Calcula o potencial e o risco como um arquiteto avalia terrenos promissores. Ele vê valor onde outros talvez vejam desperdício. Com sucesso, também... o Campeão de Nizahl obteve sucesso nos últimos três Alcalahs.

Franzi os lábios, tentando descobrir se tinha sido insultada ou elogiada.

Da última gaveta do criado-mudo, Vaida retirou um anel ornamentado. Ela o segurou brevemente, fechando os olhos.

— Mas você, Sylvia. Há mais por trás do motivo pelo qual ele a escolheu como Campeã.

Minha voz cortava aço.

— Se você está insinuando que tenho algum tipo de acordo

amoroso com Sua Alteza...

Vaida bufou. Seus ares reais desapareceram por um momento, deixando uma jovem apenas alguns anos mais velha que eu.

— Minha querida, se Arin de Nizahl a ama, pode ter certeza de que o Alcalah é a menor das suas preocupações. Arin não é o tipo de homem que coloca o coração à frente da razão. Seus inimigos são muitos, e ele imagina todas as maneiras pelas quais podem atacá-lo. Tenho certeza de que viu como ele se mantém imóvel, como exerce forte controle sobre o seu temperamento. Mesmo que fosse capaz de cuidar de outra pessoa, não consigo imaginar que fosse tão egoísta a ponto de se deixar apaixonar. Ele conhece a sua própria natureza e todos os lugares sombrios para onde o amor pode levá-lo.

O pensamento me incomodava por razões que não conseguia explicar. Ela basicamente descrevera Arin como uma fera com a capacidade de se tornar selvagem a qualquer momento.

— Ele disse que você o conhece bem. Claramente, ele se expressou mal. — A resposta saiu irritada. — Ele não está... quebrado. Ele amaria como qualquer homem.

— Ah, minha doce Sylvia. — O sorriso de Vaida era só dentes. — A maneira como a maioria dos homens ama é *tão* chata. É frequente, inconstante e completamente incomum. Arin amaria até a obsessão. Até a loucura. Mas você quer saber a verdadeira razão pela qual ele nunca se permitiria amar outra pessoa? — Vaida se aproximou, seu perfume floral fazendo cócegas no meu nariz. — Arin é consumido pelo o que ama. Se lhe pedissem, ele se ajoelharia e deixaria isso matá-lo. Ele reprime seu coração por instinto de autopreservação.

A imagem surgiu antes que eu pudesse impedi-la. Arin de joelhos, firme e resoluto. O queixo inclinado para a frente, aceitando o destino que lhe seria imposto. Ou talvez ele se tornasse selvagem pela primeira e última vez na vida, com os olhos desesperados e curiosos. Mordi o lábio

inferior até sentir gosto de sangue. Eu nunca deveria tê-la seguido até ali e lhe dado a chance de encher minha cabeça com o seu veneno.

— Chega de falar do Herdeiro. Tenho algo para te mostrar. — Vaida deslizou o anel em seu dedo e o pressionou contra a parede esmeralda. Um silvo de ar liberado soprou poeira em meu nariz quando o centro da parede se abriu para dentro, revelando uma escada que levava a um vazio. Eu deslizei para longe, meu mundo ricocheteando em seu eixo, procurando por um item que pudesse transformar em uma arma.

— Isso foi magia!

— Não é minha. A magia de Baira ainda manipula partes do palácio. — Ela ergueu o anel. Um Cão Rubi rosnou em sua superfície. — Venha. Você está segura comigo.

Ela não esperou pela minha resposta, entrando no buraco e mergulhando na escuridão. Puxei as portas dos seus aposentos. Estavam trancadas. Apoiei o pé na porta e puxei. Nada.

Ela não vai matar a Campeã de Nizahl em seu próprio palácio, murmurou Hanim. *Vá. Veja o que a Sultana tem para lhe mostrar.*

Amaldiçoando as portas, guardas e membros da realeza, entrei com cautela na abertura. O cheiro de mofo que pairava no ar só aumentava à medida que eu descia no vazio. Passei os dedos pela parede úmida, tentando ouvir Vaida. E se ela me matasse e selasse as provas?

Seu pescoço é mais grosso que os dois braços dela. Se ela conseguir te derrotar, você merece morrer, disse Hanim. Franzi a testa, resistindo à vontade de verificar a circunferência do meu pescoço.

A escada se transformou em um pequeno patamar. Uma luz se acendeu, revelando Vaida segurando uma vela. Eu só conseguia enxergar alguns metros em cada direção. A escuridão nas bordas se *agitava*. Viva. Faminta. Meus pelos se arrepiaram. Eu me sentia como uma intrusa, violando a santidade de um espaço destinado apenas à

mulher à minha frente.

— Este esconderijo pertencia a Baira. Toda Sultana depois dela herda esta câmara, e a escuridão se molda à vontade de sua nova dona. Se acha que é assustador agora, deveria ter visto quando minha mãe comandava. — Ela ergueu a vela mais alto, e a minha atenção se fixou em seu anel. Um anel que essencialmente servia como uma chave para o esconderijo mais privado da Sultana. A semente de uma ideia criou raízes no fundo da minha mente.

— Por que estou aqui?

As luzes tremeluziam sobre a sua boca sorridente. Atrás de sua cabeça, tiras de pergaminho estavam presas à parede, dezenas e dezenas delas, com nomes rabiscados em cada uma delas com tinta preta.

— Preciso de um favor seu, Sylvia. — Ela pronunciou meu nome com uma familiaridade reservada a amizades para a vida toda. — Você precisa perder o Alcalah.

Fiz uma pausa. Ela me atraiu para uma masmorra repleta de malícia para perguntar se eu abriria mão do Alcalah? Eu pensei em possíveis respostas, procurando a versão mais respeitosa de "Prefiro engasgar com uma sandália enlameada".

— Você sabe ler? — perguntou Vaida abruptamente. Ela segurou a vela em direção à parede, projetando sombras sobre os nomes pregados.

Eu era fluente na língua nativa de todos os reinos, mesmo naquelas raramente usadas atualmente. Uma habilidade que Arin havia descoberto ao me enganar e me fazer ler o pergaminho em sua mesa. Nossas línguas se misturaram em harmonia há um século, e apenas algumas aldeias falavam algo diferente.

— Não. — Um órfão da aldeia teria trocado a alfabetização pelo trabalho.

Ela olhou por cima do ombro, avaliando a minha desonestidade. Pelo visto, era apenas Arin quem meu estoicismo não conseguia enganar,

porque ela se virou sem discutir.

— Estes são nomes. Membros do conselho de Sultana Bisai. Funcionários do palácio. Todos que participaram do assassinato da minha mãe estão nesta parede.

Sultana Vaida moveu-se para a esquerda, iluminando um conjunto inteiramente novo de nomes.

— Estes são os suspeitos de serem espiões Nizahl em Lukub. Há muitos que não consigo localizar. Espiões enviados sob o reinado do Supremo Munqual estão em Lukub há décadas. O Supremo Rawain instituiu uma prática no início de seu poder, na qual órfãos Nizahl eram treinados e enviados para reinos estrangeiros. Eles poderiam crescer lá, tornar-se parte da comunidade. O Supremo Rawain plantou crianças em nossos reinos para nos espionar, deixou essas sementes insidiosas criarem raízes e drenarem os nossos recursos.

A luz se moveu por um instante, delineando fileiras e fileiras de nomes diferentes antes que Vaida se virasse.

— Você acha que eu matei minha mãe? — Ela parecia vagamente entretida, como uma criança pedindo aos pais para adivinharem um número.

— Eu vi os poços na Floresta Essam — eu disse. — As pessoas que deixou apodrecendo dentro deles. Se está me perguntando se eu acredito que você é capaz de matar sua mãe, temo que não gostará da minha resposta.

Vaida soltou uma risada. Ela ecoou, ricocheteando nas bordas cavernosas.

— Ah, mas eu entendo por que Arin gosta de você. Você tem o ódio fervente de uma camponesa e a língua de uma nobre.

A escuridão sussurrava, aproximando-se cada vez mais. A vela na palma da mão de Vaida era a única barreira que impedia as sombras de nos envolverem. Eu queria recuar depressa, mas até a escada havia sido

engolida pela escuridão.

— Não posso perder o Alcalah, Sultana. Peço desculpas se Nizahl lhe causou problemas, mas tenho um dever.

Sultana Vaida se aproximou. A vela em forma de concha pressionava entre nós, e no vazio atrás dela, fileiras e mais fileiras de mulheres se materializaram, com a coroa de joias Lukub brilhando em cada cabeça. Elas desapareceram em um piscar de olhos, mas a escuridão fervilhava com as suas presenças. As Sultanas de Lukub. A vontade de Vaida manifestada na masmorra de Baira.

— Você não deve fidelidade a Nizahl. Se perder, Nizahl a abandonará. O ego de Felix a privou de um refúgio em Omal. Você também não estará segura em Orban. A relação comercial de Orban com Omal concede a Felix o direito de levar qualquer cidadão Omaliano de volta ao seu reino de direito para uma corte. Ou, no seu caso, uma execução.

As linhas angulares do rosto de Vaida se acentuaram na penumbra. Seu peito inchou, pressionando a vela entre nós.

— Posso te dar um lar, Sylvia. Aponte para qualquer edifício em Lukub e eu o tornarei seu. A patrulha de Felix não pode te tocar dentro das fronteiras do meu reino. Qualquer posição de liderança no meu exército estará aberta para você antes de qualquer outra pessoa.

A traição casual em sua oferta me intrigou. Ela se oporia aos outros governantes, ganharia a ira de Omal e Nizahl juntos, tudo para conquistar o Alcalah?

A escuridão nos envolveu, e eu não conseguia distinguir qual perigo avaliar: o que estava atrás de mim ou o que sorria para mim. Circulei meus pulsos com o polegar e o indicador, me tranquilizando com o metal gelado das algemas.

— Por que me pedir isso? Eu poderia perder sozinha, sem nenhum incentivo.

Vaida girou o pulso, ignorando a pergunta.

— Os três Campeões que Arin escolheu nos últimos nove anos emergiram como Vitoriosos. Nizahl não perde um Alcalah desde que Arin era criança. Tenho certeza de que ele escolheu outra vencedora.

Minha respiração ficou ofegante, lutando contra a pressão da noite por todos os lados. A escuridão cheirava a frutas esquecidas no calor, doces e podres. Pressionei os nós dos dedos contra a boca, reprimindo a vontade de vomitar.

— Sim, os aposentos de Baira são inóspitos para aqueles que não possuem o anel. Sofri a mesma reação quando a minha mãe me trouxe aqui. — A vela estava quase acabando, o pavio reduzido a um toco. Tínhamos alguns momentos até que a luz se apagasse. — Pense bem em seu curso de ação, minha querida. Pense no seu pequeno químico, mancando pela loja. Aquela fortaleza em ruínas e os seus órfãos desgrenhados. A garota tagarela e as suas cadeiras. Se você se tornar a Vitoriosa de Alcalah, não poderei lhe fazer mal. Mas Arin não é o único capaz de destruir os seus inimigos. Felix tem uma dívida comigo; ele pode ser persuadido a esquecer alguns acidentes trágicos em uma aldeia mais baixa.

Meus punhos esquentaram. Um pouco da escuridão recuou enquanto a minha magia se expandia, respondendo à ameaça dela. *Dor. Raiva. Medo.*

— Que benefício você ganha se eu perder? Está tão determinada a ver o seu Campeão triunfar?

As sombras se dissiparam, o zumbido da minha magia ecoando nas cavidades.

— Não se preocupe com o meu ganho. Ocupe-se com o que você tem a perder. Pense nos seus entes queridos. — Vaida se afastou, encostando-se na parede oposta. Uma determinação arrepiante brilhou em seu olhar. Ela deu mais um passo para trás. — Acima de tudo, pense

em si mesma. — Mais um passo, e a vela moribunda lançou sua luz sobre a parede atrás dela. Dezenas de rostos, bocas abertas em gritos silenciosos, se projetavam da parede. Sua pele estava esticada e manchada, os olhos eram buracos abertos em seus crânios branqueados.

Na frente deles, Vaida sorriu, e as sombras extinguiram a luz.



Fui direto para o aposento de Arin.

Apesar de todas as ameaças de Vaida, ela caiu de cabeça no único erro que Arin nunca cometeu comigo: ela superestimou e muito a minha disposição de arriscar.

O que eu tinha a ganhar aceitando a oferta dela era substancial. Ela havia apresentado a proposta com o equilíbrio certo entre persuasão, tentação e coerção. Perca o Alcalah e você poderá chamar Lukub de lar. Perca o Alcalah ou perca a sua aldeia.

Infelizmente, eu não tinha interesse em redesenhar os limites da minha prisão para que se adequassem às fronteiras de Lukub. Supondo, é claro, que Vaida não me vendesse ao maior lance assim que Felix e Arin manifestassem o seu sincero desejo de cravar a minha cabeça nos portões de seus palácios. Arin conquistara minha confiança – embora depois de me cravar várias adagas – e confiança não era um recurso que eu carregasse em dobro.

Localizar o aposento dele foi ridiculamente fácil. Era o único, além do meu, com o seu próprio conjunto de guardas.

Wes e Jeru não pareciam felizes em me ver.

— Ren veio nos dizer que não conseguiu te encontrar — disse Wes.

— Tomei um banho.

— Seu cabelo está seco.

— Não lavei. Deixem-me passar. Tenho um assunto urgente para

discutir com o Herdeiro.

Jeru olhou para Wes e deu de ombros.

— Ele nos disse que ela poderia entrar quando quisesse.

Eu arqueei as sobrancelhas. Ele disse?

Wes bateu na porta duas vezes.

— Senhor?

— Entre — disse Arin, distraído. Wes suspirou e abriu a porta para mim. Arin não olhou para cima quando entrei. Wes fechou a porta com um baque ressentido.

O Herdeiro de Nizahl estava de costas para mim. Usava uma calça de dormir larga, amarrada na cintura, e nada mais. Uma bandeja de jantar estava abandonada sobre a cama. Arin estava curvado sobre uma mesa, com o quadril inclinado para o lado, enquanto rabiscava em um pergaminho. Observei a curva acentuada de seus ombros, as curvas de sua coluna. Vagamente, me perguntei se suas costas seriam mais difíceis de quebrar do que as dos soldados.

— Seu quarto é maior que o meu — comentei.

Os músculos das costas de Arin se contraíram. Joguei-me na cama, revirando os itens em sua bandeja. Mergulhei um pedaço de seu pão no molokhia[24] verde-escuro. Já havia esfriado há muito tempo, e a casca de cima grudou no meu pão.

Arin se virou. Recostou-se, apoiando as mãos na mesa.

— Quer trocar?

Engoli o pedaço na boca com dificuldade. Meu olhar permaneceu em seu peito. Os sinais do nosso encontro com o Cão Rubi ainda não haviam cicatrizado por completo. O curativo parecia muito mais limpo do que as mangas que eu havia enrolado aleatoriamente em volta dele.

— Não. O meu fica mais perto da escada.

Pela saia sagrada de Dania, mas ele era tão *pálido*. Como se alguém

tivesse esticado uma fina folha de pergaminho sobre ele e chamado isso de pele. Em outra pessoa, eu diria que era doentio, mas o torso de Arin era longo e magro. Seu corpo carregava o tipo de força adquirida em anos de combate implacável. A elegância de sua beleza brilhava no corte acentuado de seus quadris, nas cavidades de suas clavículas.

Arin arqueou uma sobrancelha, divertido demais para o meu gosto.

— Algum problema, Sylvia? Você ficou pálida.

Revirei os olhos. É claro que ele não ignorava o efeito que causava nos outros. Seu charme era mais uma arma em seu arsenal, afiada até a perfeição mortal.

— É a minha tez natural, garanto. — O eco de uma conversa proferida há muito tempo.

Levei a bandeja até a mesa, lhe dando privacidade. Arin pegou uma túnica do guarda-roupa e a vestiu. Eu expirei quando ele estava vestido novamente, pressionando os nós dos dedos contra as bochechas superaquecidas. Que Vaida seja condenada às tumbas.

Era estranho. Eu passara os meus anos de formação sem mais do que um interesse passageiro pelos homens de Mahair. Mesmo que suportasse ser tocada por eles, me faltava as habilidades necessárias para uma intimidade genuína. Uma mão muito perto da minha garganta, qualquer pressão repentina – era mais provável que eu arremessasse um amante contra a parede do que o apertasse contra mim.

O Alcalah não era o momento para tais absurdos. Dei uma olhada furtiva enquanto Arin amarrava o colete com destreza e imediatamente me arrependi. Se a mente de Arin era uma adaga finamente afiada, então o seu corpo era a sua armadura. Não conseguia imaginar como alguém o tocou e permaneceu inteiro. Estar com ele seria uma aniquilação melosa, demais para um corpo de carne e osso suportar.

Chega. Revirei os ombros. Dormir pouco e quase morrer demais eram o meu problema.

O Herdeiro se acomodou em uma cadeira de madeira.

— Há algum propósito nesta visita tardia, ou você só queria o meu jantar?

— Gostaria de fazer um acordo.

Arin se recostou, com as mãos enluvadas sobre o estômago.

Contei tudo a ele. Como Vaida me atraiu para a sua ala do palácio, o anel que ela pressionou na parede para abrir o esconderijo de Baira. Descrever a escuridão consciente se mostrou mais difícil, e evitei relatar o medo que me atingiu quando a vela se apagou. Eu havia tropeçado na escada na pressa e fugido dos guardas estoicos.

— Há nomes de pessoas que ela matou. Nomes de espiões Nizahlanos que vivem em Lukub. Rostos... rostos decepados que podem pertencer a esses mesmos espiões. — A expressão de Arin não se alterou até eu mencionar a ameaça de Vaida. A oferta que ela fez se eu perdesse o Alcalah.

— E você está me dizendo isso com pleno conhecimento de causa. Não posso impedi-la de aceitar a oferta de Vaida, nem posso impedi-la de abrigá-la em Lukub. A menos que eu a exponha como uma Jasadi, o que me arruinaria, atrasaria o Alcalah e daria aos Mufsids e Urabi a oportunidade de fazer uma nova vítima. — Os olhos de Arin brilharam de aprovação. — Impressionante.

Agitei a mão em uma reverência fingida.

— Adquiri uma gama considerável de habilidades sob a sua tutela. Depois de considerar os benefícios da oferta de Vaida, decidi que não compensam os riscos. Ou seja, viver em um segundo reino dilacerado pela guerra com Nizahl.

Com isso, Arin abriu um sorriso. Meu coração, que havia batido tão bem durante os meus quase 21 anos de vida, gaguejou diante daquela visão. As maravilhas daquela noite jamais cessariam.

— Você estava tão preocupada que a realeza preparasse armadilhas

invisíveis para você. Aqui está você, enxergando através delas.

Não tão rápido quanto ele, disse Hanim. *Ele descobriu o plano de Vaida enquanto você ainda estava falando.*

Eu arranhei o braço acolchoado da cadeira. Não consegui apreciar o elogio; esperava estar errada. Vaida teria enlouquecido?

— Se ela violar os acordos de paz de Zinish, Lukub será devastada. Omal e Orban unirão forças com Nizahl para manter o tratado.

Arin deu de ombros.

— Não se Nizahl violar o tratado primeiro. Depois que o Campeão de Lukub se tornar o Vitorioso, imagino que ela subornará um soldado de Nizahl ou um membro do conselho Nizahlano em dificuldades para assassiná-lo. O ato de matar o Vitorioso de um reino é sua própria declaração de guerra, e os exércitos de Vaida, prontos para atacar Nizahl.

A crueldade insidiosa do plano de Vaida me fez tremer de repulsa. Ela desencadearia uma guerra devastadora... para quê?

Arin permaneceu impassível. Ele já havia testemunhado Nizahl destruir um reino.

— Ela jamais vencerá uma guerra com Nizahl — eu disse. — Mesmo se passar três vidas se preparando.

— Algo a convenceu de que ela pode.

— Mas por quê? Por que arriscar?

— Talvez ela culpe a Cidadela pela morte da mãe. Talvez não se importe se os seus soldados morrerem em massa. Pouco importa. A sensatez das ações de Vaida não está em questão. — Arin inclinou a cabeça. — A sua sensatez, por outro lado... o que você veio negociar, Suraira?

Eu havia ruminado sobre essa pergunta inevitável durante todo o caminho, desde a ala de Vaida. Só havia uma resposta. Eu havia feito uma promessa e pretendia cumpri-la.

— A libertação de Marek e Sefa — eu disse prontamente. — Se você

lhes der permissão para retornar a Omal após o segundo teste, manterei nosso plano.

Ao contrário de Arin, a minha disposição não me permitia ficar muito tempo parada. Mexi na almofada com borlas e tentei imaginar o que ele estaria pensando.

Quando eu tinha sete anos, um dos meus tutores adoeceu. Soraya tentou me animar construindo um labirinto com os livros mais grossos de Niyar. Espalhamos arroz nos túneis sinuosos e dobramos pedaços de tecido descartado para criar becos sem saída. Depois que terminamos, Soraya reuniu grilos para correrem pelo nosso labirinto. Das quase duas dúzias que competiram, apenas um teve sucesso. Ele pulou no topo dos livros e espiou ao redor, estudando nossa criação aleatória. Em vez de descer para a massa de grilos lutando abaixo, ele pulou nas lombadas dos livros, cortando o labirinto.

— Ele trapaceou! — eu gritei, segurando-o na minha saia.

— Talvez. — Soraya pegou o grilo e o equilibrou no dedo. — Para vencer um jogo, você precisa analisá-lo de todos os ângulos, amari. Caso contrário, não conseguirá superar a comoção e garantir a vitória.

Por fim, Arin falou:

— Sofrerei uma perda e não ganharei nada em troca. Os seus deveres permanecem inalterados, independentemente de suas opções.

O medo percorreu os meus ossos.

— Fale com clareza. O que você quer?

— Mate o Campeão de Lukub durante o primeiro teste — disse Arin. — Se ele morrer, você elimina a possibilidade de Vaida usá-lo para instigar a guerra.

Ele é um adversário à altura, disse Hanim, relutantemente satisfeita. *Uma conclusão eficiente para um problema em potencial.*

Eficiente. Sempre *eficiente*. Levantei-me da cadeira e fui até a janela com vista para o pátio. Daquela altura, conseguia ver além dos limites do

Palácio de Marfim, além das cidades nobres aglomeradas ao seu redor. Montanhas cobertas de neve pontilhavam o horizonte como dentes tortos.

— Se o Campeão de Lukub perder a primeira prova naturalmente, ele não se tornará o Vitorioso. Por que matá-lo e irritar Vaida ainda mais?

— Vaida não saberá que você o matou. Ninguém entra em Ayume, exceto os Campeões. Os três primeiros Campeões a cruzar a floresta e escalar o penhasco avançam. O Campeão de Lukub apenas nunca chegará ao penhasco. Trágico, mas dificilmente inédito no Alcalah. — Arin apareceu ao meu lado, olhando para Lukub. — Vaida não terá escolhido um Campeão fraco. Sem a sua interferência, sem dúvida, ele quase avançará. Se você apenas sabotar o Campeão de Lukub, ele informará Vaida ao chegar.

Da densidade do pandemônio político, Arin de Nizahl se ergueu. Ele traçou todos os caminhos visíveis até o fim e garantiu sua vitória.

Engoli em seco, tentando superar o nó na garganta.

— Se eu fizer isso, Sefa e Marek receberão soldados para escoltá-los até Mahair.

— Muitos — confirmou Arin. Eu podia sentir o seu olhar no meu rosto. — Os soldados ficarão encarregados de proteger Mahair caso Vaida busque vingança.

Tracei formas na janela embaçada. Lukubis não tinha a constituição para ser cruelmente exilado de suas terras, nem a magia para se integrar a sociedades estranhas.

— Só *você* é capaz de pintar o assassinato como a escolha lógica.

A respiração de Arin roçou o topo da minha cabeça. Se eu me virasse, tinha a impressão de que não estaríamos a mais de um fio de cabelo de distância.

— Estamos de acordo?

Desviei meu olhar do reino brilhante.

— Estamos.

CAPÍTULO 23



Como uma boa Campeãzinha, permiti que as criadas me ajudassem a me vestir para o banquete. Zizi, Mirna e Ava conversavam sem parar enquanto desembaraçavam o meu cabelo e mexiam no meu vestido. Comentários sobre a refeição, os convidados, os guardas que circulavam. Tentaram esfregar óleos perfumados no meu corpo, mas as afastei com tapas. Minha educação tinha limites.

Como estavam ali como funcionários do Herdeiro, Sefa e Marek jantariam com os soldados. Depois que as criadas partiram, desenterrei as luvas douradas de Rory dos meus pacotes. Precisava de uma âncora para me conectar com meu lar, uma linha que pudesse seguir para chegar à costa em um mar de desconhecido.

Coloquei a palma da mão no espelho. A mulher no reflexo tinha uma figura imponente em um vestido preto esvoaçante. Rendas finas violetas cruzavam-se de seus quadris até os seios, expondo faixas de sua pele. A saia era mais curta na frente, revelando suas botas de salto alto, e caía em uma cauda sedosa atrás dela. O símbolo de Nizahl pendia de seu pingente, exibido abaixo de suas clavículas. Seu cabelo caía em mechas brilhantes ao seu redor.

Majestosa. Impressionante. Uma falsa rainha.

Agarrei o pingente e fechei os olhos. Me imaginei arrancando-o do pescoço e esfregando-o sob a bota. Me arrancando deste vestido e o incendiando, limpando a mancha de Nizahl do meu corpo com água fervente.

De pé, usando um vestido Nizahlano, sob um teto Lukubi, me senti

mais como a Herdeira Jasad do que nunca. Seria possível sentir falta de alguém que você quase tinha sido? Alguém que, se não fosse por um tropeço nas areias do destino, eu teria me tornado.

Inexplicavelmente, o sapo guarda-costas surgiu em meus pensamentos. Seu coaxar frenético afastava os outros sapos das minhas garras às suas próprias custas. O que tornava o guarda-costas mais corajoso do que os sapos que fugiam?

Abri os olhos. Esfregando o metal macio das minhas algemas, concentrei-me no motivo de estar ali. Eu seria quase Essiya até o fim do Alcalah, quando enfim me tornaria Sylvia. Eu era meu fantasma mais persistente e estava cansada de sua assombração.

Abri a porta. As sobrancelhas de Wes quase desapareceram na parte de trás de sua cabeça.

— Ahn.

Articulado. Caminhei a passos largos pelo corredor lotado. Deveríamos nos reunir na enorme escadaria do segundo andar. Cada governante, exceto Vaida, desceria com o seu Campeão. Se eu me atrasasse duas vezes e interrompesse a entrada triunfal de Vaida, Arin poderia simplesmente me empurrar escada abaixo.

Um grupo de guardas, membros da realeza e Campeões se reunira no topo da escada, conversando. Um zumbido de expectativa vibrava no ar. Procurei Arin e o encontrei enfiado em uma alcova, com os braços cruzados sobre o peito. A única cor em seu traje preto era um cinto violeta em volta da cintura fina e os detalhes combinando em seu casaco. Ele havia penteado o cabelo para trás, mas uma mecha prateada renegada caía sobre sua têmpora. De ombros largos e elegante, Arin observava os outros com tédio fingido. Um predador brincando de docilidade, provavelmente contemplando as maneiras criativas que alguém poderia tentar matá-lo. Ele era a ameaça mais dolorosamente bela que eu já vira.

Arin olhou para cima e congelou. Uma miríade de emoções passou por seu rosto, tantas e complexas que era impossível nomear.

Ele se endireitou, o olhar percorrendo o meu vestido.

— Sefa fez um trabalho maravilhoso no seu vestido. — Ele parecia atordoado. Eu o tinha visto sangrar até quase morrer sem parecer nada além de composto. — Embora, sem dúvida, você não esteja conquistando Vaida.

— Ah é? — consegui dizer.

— É costume a anfitriã ofuscar os convidados. — Os olhos de Arin brilharam com humor e algo mais tranquilo, mais íntimo. Só para mim.
— Você tornou isso impossível.

Mal o ouvi. Uma sensação bizarra percorreu o meu corpo. Uma violência que eu não reconhecia. Violência... essa não era a palavra certa.

Contra a minha vontade, toquei o cabelo solto em sua têmpora. Arin se manteve imóvel como uma estátua enquanto eu colocava a mecha atrás da orelha. Meus dedos se demoravam na linha forte de seu maxilar. Eu tinha o desejo mais irracional de que minhas luvas se dissolvessem em cinzas. Mas sem elas, ele não teria permitido que eu o tocasse, para começo de conversa.

Que reviravolta, que eu tenha procurado um toque e não tenha sido tocada.

— Pronto — eu disse, enfiando a mão trêmula na saia. Ela queria continuar, provocar seu controle implacável, enfiar as mãos gananciosas nos cabelos sedosos e observar o gelo em seus olhos derreter em chamas líquidas. Meu controle estava se rompendo sob uma pressão que eu não reconhecia. Não podia confiar no meu próprio corpo. — Agora ela vai nos odiar.

A batida constante de um tubluh cortou o barulho. A multidão se silenciou, voltando-se para o fundo da escadaria. Servos trajando túnicas vermelhas ou marfim empurraram as portas imponentes do banquete.

Todos se reuniram no topo da ampla escadaria, agarrando-se aos corrimãos ou se inclinando para a frente. Fiquei na retaguarda com Arin. Eu já tinha visto mais do que a minha cota das demonstrações ostentosas de Vaida.

— O rubi de Lukub. Campeão da nossa brilhante Sultana Vaida. Ergam as suas vozes para o próximo Vitorioso do Alcalah, Timur de Lukub!

Os corredores escureceram quando as luminárias e arandelas atrás de nós se apagaram. Um brilho vermelho iluminou as paredes, lançando sombras flamejantes sobre nós. Os servos espalharam um pó nas tochas, e os convidados gritaram quando o fogo disparou em nuvens vermelhas e laranjas. As chamas rugiram entre as mandíbulas dos Cães Rubi que se projetavam das paredes e estavam esculpidos nos balaústres de cada lado da escadaria. Estávamos inundados de vermelho, o estrondo ensurdecedor do fogo misturando-se aos sussurros animados.

— Como você acha que ela se sentiria se soubesse que vimos um Cão Rubi de verdade? — murmurei.

Um lampejo de deliciosa malícia passou pelo rosto de Arin.

— Assassina.

— Nada de novo, então — eu disse, e Arin mordeu o lábio. Tentando não sorrir. — As minhas tentativas de humor estão melhorando?

Ele suavizou suas feições quase instantaneamente, mas era tarde demais. Ele havia revelado algo totalmente não intencional, algo que eu não conseguia conciliar com minha própria compreensão dele. Arin de Nizahl era um homem de 26 anos, cheio do tédio de alguém que considerava quase todos no cômodo inferiores a ele, lutando para não trocar risadas com a garota em seus braços.

Talvez Arin também fosse seu próprio fantasma.

O Herdeiro de Omal e o seu Campeão estavam à nossa esquerda. O

olhar penetrante de Felix perfurou o meu rosto. Esperei Arin ajustar as mangas e pisquei para Felix. O pirralho ficou vermelho, com as narinas dilatadas. Ninguém deveria chegar à idade de Felix sem levar uma surra sólida. Isso fortalece o caráter. Eu adoraria ser aquela que martelasse a humildade em seu crânio. Não era para isso que serviam os primos?

Arin estendeu a mão.

— Vamos?

Minha luva dourada encaixou na preta dele. Em um acesso de nervosismo, eu disse:

— Estamos combinando.

Em vez de aproveitar a excelente oportunidade para zombar do meu comentário insano, o olhar de Arin se suavizou.

— Estamos mesmo.

Começamos a descer, perfeitamente sintonizados com os outros pares. O drama agradou Vaida, que havia colocado a sua coroa para a ocasião. Ela e o seu Campeão subiram os degraus primeiro. Quando chegou a nossa vez, uma fenda bizarra se abriu dentro de mim. Era como se a metade empoeirada de Omal permanecesse no topo da escada, observando a metade decorada de Jasadi descer no braço do Herdeiro mais poderoso dos reinos.

Ele está nos braços da Rainha mais forte desde os Awaleen, disse Hanim. *Ou do fantasma dela, pelo menos.*

Resisti à vontade de olhar para trás. A voz de Hanim tinha ficado mais baixa nos últimos dias, abrindo mais espaço para os meus próprios pensamentos.

— Devo tomar cuidado com a comida? Felix não está nada feliz em me ver.

Arin inclinou a cabeça para falar no meu ouvido:

— Ren está na cozinha observando os cozinheiros. Já temos criados experimentando a comida. Não se preocupe. Vaida jamais permitiria que

algo tão grosseiro quanto uma tentativa de assassinato arruinasse o seu banquete.

O salão de jantar me deixou sem fôlego. Luminárias pendiam de correntes brancas presas ao teto abobadado de vidro. Elas iluminavam pétalas brancas florescendo ao longo da parede leste e trepadeiras de marfim entrelaçadas nos seis Cães Rubi. Os Cães circulavam em movimentos pintados pelo cômodo. Uma mesa mais extravagante não poderia existir em todos os reinos. Os servos puxaram cadeiras de espaldar alto quando entramos.

— O símbolo do seu reino marca o seu assento — anunciou Vaida. Ela se sentou à cabeceira da mesa, balançando o cálice sobre o braço da cadeira com garras. — Meus convidados Lukubi, podem sentar-se onde houver lugar.

Olhei para Arin em pânico. Não havia me preparado para a possibilidade de me sentar à parte. Faltava-me sua agilidade de fala e a sua constituição equilibrada. Sua mão enluvada apertou a minha uma vez, antes de ele ir para o outro lado da mesa. Um criado me conduziu mais adiante, onde o símbolo Nizahl estava gravado em relevo na vela bruxuleante diante do meu prato.

Olhei ao redor e engoli um gemido. O Campeão de Orban e o Campeão de Lukub sentaram-se um de cada lado de mim, deixando o Campeão de Omal à nossa frente.

O arranjo poderia ter sido pior, suponho. Eu poderia estar com Arin, presa entre Vaida e Felix. Os Campeões estavam sentados em uma ponta da mesa, os membros da realeza na outra. Cerca de doze nobres que Vaida havia convidado ocuparam os seus lugares no centro, e as suas conversas animadas ecoavam pelo salão.

Alguns criados se movimentavam ao redor, enchendo os nossos cálices com um vinho floral. Na ponta da mesa, Felix torceu o lábio em minha direção. Levantei a faca cega do meu prato e encontrei seu olhar

enquanto batia a parte plana da faca na palma da mão. Ele se encolheu e escondi uma risada contra o pulso. A perspectiva de não precisar mais fingir era inebriante. Fingir que me esforçava para carregar caixotes, porque precisava parecer fraca. Fingir sorrir quando queria gritar, porque uma aldeã deveria ser grata por qualquer destino além de um marido e seis filhos.

A oferta de liberdade de Vaida jamais poderia ter me dado isso. A mim mesma.

E quem é você?, perguntou Hanim, depreciativa. *Você acha que pode se arrancar como uma flor do jardim que a criou, das raízes que a formaram? O passado é o nosso sol, Essiya. Só permitindo que ele brilhe você poderá florescer.*

— Olá — disse uma voz grave à minha direita, trazendo-me de volta ao meu entorno. O Campeão de Lukub sorriu. Era um homem atraente, com a pele alguns tons mais escura que a de Sefa, e um brilho nos olhos que deslumbrou várias criadas, fazendo-os derramar a sua bebida. Era alto, provavelmente próximo da altura de Arin, e ostentava um corpo rijo, conhecido por anos de trabalho. — Sylvia, não é?

— Sim! Timur? Ou era Mehti? Perdoe-me, eu me abstive de comer o dia todo em preparação para o banquete. Mal consigo pensar — estendi a mão para o braço dele, engolindo o tremor que senti com o contato. Era mais fácil suportar um toque que eu havia iniciado. Como previsto, a cautela se dissipou nos olhos de Timur. Sorri radiante, apertando seu braço mais uma vez antes de soltá-lo. — Adorei a sua apresentação! O fogo vermelho foi simplesmente... — Gesticulei descontroladamente, como se encontrar as palavras certas em meio à tempestade da minha apreciação fosse muito difícil.

Timur riu. Ótimo. Os campeões não ficariam confortáveis perto da Campeã de Nizahl se pensassem que eu era parecida com meu anfitrião, o Herdeiro. Eu precisava que eles estivessem relaxados.

— Obrigado — disse ele. — É um prazer conhecer outro Campeão

das vilas mais baixas.

A Campeã Orbaniana, Diya, olhou para nós. Eu a observei assim que ela se sentou. Arin tinha pouco a dizer sobre ela. Um fato que o incomodava profundamente, eu tinha certeza. Diya, de Orban, não possuía nenhum talento especial. Ela era baixa e curvilínea, segurando a sua bebida como se alguém pudesse tentar envenená-la. Arin me contou que a decisão de Sorn de escolhê-la como a sua Campeã havia deixado Orban perplexo, e à primeira vista, eu compartilhei a confusão deles.

— Acredito que a Campeã Orban também seja uma aldeã inferior em seu reino — eu disse magnanimamente.

— Interessante que você se lembre de tal detalhe, mas esqueça o nome de Timur — disse Diya sem olhar para mim. Ela fez uma careta para a criada que tentava servir vinho tinto em seu cálice. Seu cabelo estava raspado rente ao couro cabeludo, dos dois lados, com os longos fios do centro alisados até a nuca. Ela enfiou os dedos nos cachos castanhos ondulados, jogando-os para a esquerda.

Timur bateu a colher no meu prato.

— Ignore-a. Ela pretende conquistar o Alcalah por pura antipatia.

A Sultana Vaida bateu em seu cálice, silenciando a conversa. O branco delineava os seus olhos, brilhando sob a coroa. Rubis cintilavam no corpete justo de seu vestido cor de marfim. Uma capa de flores brancas flutuava atrás dela, o perfume pungentemente doce, quase enjoativo. Em mais duas horas, ela precisaria trocá-lo. Os dignitários Lukubi contemplavam sua Sultana com uma reverência que eu havia visto reservada apenas para os Awaleen.

— Milhares de anos atrás, os nossos Awaleen tomaram a dolorosa decisão de salvar os reinos que haviam fundado, expurgando o mundo de sua magia. Baira, Kapastra e Dania se reuniram em Sirauk para planejar como deteriam seu irmão. O Awal de Jasad não podia ser aprisionado nem morto. A magia em seu sangue havia corroído a sua

humanidade, e o que restava pouco se importava com os destroços que havia causado. As nossas bravas Awalas, temendo que a sua magia as levasse por um caminho semelhante, resolveram se colocar na mesma armadilha que conteria Rovial. Rovial seguiu Dania até Sirauk, conspirando para atacar a Awala de Orban. Mas ela tinha intenções secretas. Veja bem, as outras irmãs estavam à espreita. A amada Baira de Lukub se aproximou por trás e envolveu Rovial em seu abraço inquebrável. Dania desenhou as runas em sua testa que garantiriam um sono eterno. Kapastra de Omal ergueu as mãos e ativou a magia que elas haviam tecido ao redor da ponte. Estudiosos acreditam que Rovial gritou tão alto que fez os próprios céus caírem na terra. Nuvens e trovões envolveram os irmãos enquanto mergulhavam da ponte, selando-se nas tumbas à espera abaixo.

Vaida ergueu o seu cálice. Ao meu redor, todos ergueram os seus. Prestando homenagem à pequena e sórdida história. A magia de Rovial, a loucura de Rovial. Sinônimos em suas mentes. O destino de Jasad começou naquela ponte, e me revoltei ao erguer um cálice em comemoração a isso.

Meu pescoço se arrepiou. Arin estava observando. Eu tinha um papel a desempenhar, e dignidade não estava incluída na minha performance. Ergui o cálice. Meus punhos brilhavam sob a luz vermelha da lâmpada.

Esta é a liberdade que você busca, disse Hanim. *Não para provocar os estúpidos Herdeiros Omalianos, nem para gritar ou ser forte, mas para ficar em silêncio. Liberdade é verdade, e você não tem coragem de dizê-la.*

— Aos nossos Campeões. O Alcalah fará de todos vocês inimigos, mas lembrem-se: os Awaleen que vocês honram nestas provações já foram família, e foi trabalhando juntos que nos salvaram.

— Aos nossos Campeões! — gritaram todos ao redor da mesa. Timur bateu seu cálice no meu. Meu sorriso ficou tenso como um galho

sob um joelho, prestes a se quebrar a qualquer momento.

— Sua Sultana é uma oradora eloquente — eu disse.

— Ah, você devia ouvir os discursos dela durante o Sedain. Bastava ela apontar o dedo e a multidão a segue para qualquer lugar.

Sedain era o realinhamento anual da mente, do corpo e do sangue de Lukub. Eles jejuavam por três dias. O primeiro dedicado ao estudo acadêmico, o segundo a atividades físicas e o último dia à sangria. Sanguessugas, espinhos ou dentes de animais drenavam o "sangue ruim", deixando-os mais limpos e cristalinos. O sangue ruim, é claro, era qualquer vestígio de magia. *Ha*! Vaida provavelmente prepararia um caldo de cabeças de bebês se isso significasse que o seu reino poderia ter a vantagem máxima sobre Nizahl; magia e prontidão para a guerra. Uma das quais faltava a Jasad.

Quando trouxeram sopas fumegantes, pães com manteiga e travessas transbordando de pato e cordeiro assados, esqueci a minha ira e enchi meu prato.

O Campeão de Omal se empanturrou de pato e fofocas. Para o pesar de todos os que estavam sentados a uma distância que permitia ouvir, Mehti gostava de fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Corpulento e bronzeado, o Campeão de Omal lembrava os trabalhadores da fazenda de Yuli.

Preocupei-me que talvez Felix o tivesse instruído a fazer alguma travessura comigo. À medida que a refeição avançava, tornou-se evidente que eu não precisava ter me preocupado. A inteligência de Mehti cabia no dedal de Sefa. Na quarta vez que ele deu um tapa no traseiro de uma criada que passava, não consegui mais segurar a língua.

— Mehti, é? — perguntei. Fingi olhar para Vaida. — Eu tomaria cuidado se fosse você. Ouvi dizer que a Sultana pegou o braço do último homem que tocou em uma de suas criadas sem permissão.

Mehti limpou a boca na manga, franzindo as sobrancelhas grossas,

desconfiado.

— Verdade? — perguntou a Timur.

Timur era um modelo de sinceridade.

— É verdade. Ela teria arrancado a cabeça dele se ele não fosse um nobre.

A asa de pato gordurosa nas mãos de Mehti bateu no prato.

— Ela arrancou o braço de um *nobre*?

Apertei os lábios, contendo um bufo. Até Diya parou de mastigar para ouvir.

Timur partiu uma cenoura ao meio.

— Até o ombro.

O Campeão de Omal não se deu ao trabalho de esconder a sua consternação.

— As mulheres Lukubi não são feitas para serem... — Ele gesticulou, em uma tentativa sem entusiasmo de se mostrar decoroso. — Mais aventureiras?

— Sem dúvidas, mas elas têm essa necessidade peculiar de escolher com quem embarcar na aventura. — Timur deu de ombros. — Só espero que não sintam necessidade de reclamar com Vaida.

As mãos de Mehti não se moveram durante o resto da refeição. Timur piscou para mim, provocando um sorriso sincero.

Pelo machado ensanguentado da Dania. Eu não ia gostar de matá-lo.

Barrigas cheias inspiravam uma atmosfera de cordialidade no grupo. Depois de devorar o fiteer desfiado, mergulhado em geleia e mel, todos se dirigiram para o pátio. Encostei-me no batente da porta, observando as festividades. Felix apareceu ao meu lado, com um cálice na mão e um sorriso falso à mostra. Ambos olhávamos para a frente.

— Se divertindo?

— Imensamente — respondi. — Empurrou alguma menininha na

frente de cavalos nos últimos dias?

Ele apertou ainda mais a haste do cálice, mas seu tom de voz permaneceu leve.

— A noite é uma criança.

Se Niyar e Palia não tivessem assassinado meu pai, seria Emre quem compareceria ao Banquete como Herdeiro de Omal. Felix, sobrinho de Emre, seria mais um membro da realeza esquecido no palácio.

— Quando você perder o Alcalah, tem alguma preferência quanto ao método de execução? Eu tenho uma queda por desmembramento, mas estou aberto a sugestões — disse meu primo, olhando de soslaio para uma criada que passava.

— Quando eu me tornar a Vitoriosa, quão suntuoso será o festival em minha homenagem? Talvez um festival após a derrota de Mehti seja muito embaraçoso. O Herdeiro de Nizahl veio a Omal e escolheu uma Campeã digna, enquanto o próprio Herdeiro de Omal falhou em fazer o mesmo. Não pense no meu sucesso como uma humilhação, mas como um presente extremamente necessário para Omal.

Felix esvaziou o conteúdo do cálice e estalou os lábios.

— Acho que colocar a sua cabeça no meu jardim particular será a melhor parte do ano.

Minha mão tremulou em direção ao coração. Enfurecer o Herdeiro de Omal enquanto as leis de anistia o proibiam de encostar um único dedo em mim era completamente divertido.

— Ah, que triste. Espero que o próximo ano seja mais gratificante para você.

Sorn fez um gesto para que Felix se aproximasse. O ódio do Herdeiro de Omal chamuscava o ar da noite, e muitos dentes brilhavam em seu sorriso.

— Espero que você sobreviva ao primeiro teste. Mal posso esperar para hospedar você e os seus ratos da aldeia no palácio de Omal. — Após

fazer essa promessa sinistra, ele jogou o cálice aos pés de um servo e se juntou a Sorn do outro lado.

O pátio vibrava com canções e luzes. O músico dedilhava em seu alaúde, os doces sons flutuando na brisa noturna. Uma mulher deslumbrante estava esparramada no colo de Sorn, pressionando o seu cálice contra os lábios e rindo.

— Cortesãs — disse uma voz perto do meu ombro. Diya observou Mehti esparramado na grama, equilibrando uma tigela de uvas e morangos no peito. — Você sabe como chamam um bordel em Lukub?

O Campeão de Orban não hesitou em responder.

— Uma casa.

Olhei para ela.

— Eles têm costumes diferentes. Não devemos julgar.

Diya riu baixinho. Ela representava as cores Orbanianas em seu vestido simples, verde-musgo, até a panturrilha, cingido na cintura por um cinto de couro marrom. Os braceletes de batalha de Dania tilintavam nos pulsos de bronze de Diya.

— Que diplomático.

Arin gostaria que eu conversasse educadamente com ela, para descobrir tudo o que pudesse sobre a misteriosa Campeã.

— Orban tem a sua cota de tradições estranhas.

A coleta de informações poderia esperar. Felix me deixou com vontade de provocar.

Ela ergueu o queixo.

— Somos uma cultura de honra fundada em tradições antigas. Lukub é o lugar para onde adolescentes desobedientes correm para experimentar a libertinagem. Não tente comparar os dois.

A garota de Sorn parecia estar cavando a boca dele com a língua enquanto outra lhe dava beijos no ombro. Eu queria perguntar se ela considerava o exibicionismo particularmente honroso. Em seu Herdeiro,

ela provavelmente o celebraria como uma demonstração de virilidade.

— Seu herdeiro não é imune — disse Diya.

Arin e Vaida compartilhavam um banco, cabeças inclinadas. Uma conversa claramente privada, e a maneira como Vaida se inclinava em sua direção sinalizava intimidade. Sabia que Vaida queria destruir o seu reino, tão certo quanto eu sabia que Arin quebraria seu pescoço sem pensar duas vezes. E, no entanto, um nó se formou na minha garganta.

Tentei conter a raiva desconhecida que crescia em minhas entranhas.

— Como você foi escolhida como Campeã?

Um criado estendeu-nos uma bandeja de makroudh[25] em forma de diamante. Levantei um dos doces recheados com tâmaras e acenei em agradecimento. Diya dispensou a bandeja com um gesto. A felicidade floresceu em minha língua à primeira mordida amanteigada. Depois de quase dois meses de refeições Nizahlanas, eu estava pronta para me enterrar em boa comida.

— Esfaqueei minha mãe e meu pai quarenta e três vezes cada um — disse Diya em tom de conversa. Engasguei com a segunda mordida, espalhando migalhas. Ela continuou: — Sua Alteza Sorn me salvou da forca. Eu possuía uma qualidade que ele desejava no Campeão de Orban. Tem pasta de tâmara no seu vestido.

Dei um tapinha no meu vestido, avaliando outra vez a Campeãzinha.

— Oitenta e seis facadas e nenhuma cãibra no pulso? O Alcalah não vai te dar trabalho.

Diya fungou, e a sua altivez indiferente me lembrou muito Rory.

— Não era uma faca pesada.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta para tal afirmação, Timur se aproximou, soprando a superfície fumegante de seu chá de

menta.

— Este parece ser o melhor canto do Banquete — disse ele. — Principalmente porque está sem Mehti.

O Campeão de Omal encantou algumas cortesãs ao demonstrar quão rápido conseguia rastejar para trás, apoiado nos cotovelos.

— Rastejar sobre os cotovelos é uma habilidade essencial para um Campeão — eu disse. — Assim como para um caranguejo.

Diya aparentemente atingiu a sua capacidade de companhia. Ela correu para o lago dos cisnes sem se despedir. Timur se encostou na parede ao meu lado, mergulhando a folha de hortelã dentro e fora do chá.

— Ela te contou como foi escolhida? Você está com a mesma cara que eu quando descobri.

— Devo ficar alarmada por estar mais intrigada do que qualquer outra coisa?

Coloquei o resto do makroudh na boca. A conversa com Timur era fácil demais. Marek e Sefa provavelmente gostariam do Campeão de Lukub.

— Com certeza.

— Droga. — Afastei os restos da sobremesa do meu vestido, relaxando os músculos em falso desinteresse. — E você, Timur? Por que a Sultana Vaida escolheu um aldeão inferior como o seu Campeão?

— Ah, receio que minha história não seja tão convincente. Frequentei festivais por Lukub durante anos e venci todas as lutas de treinamento que as nossas cidades sediavam. O general do exército da Sultana Vaida me convidou para o Palácio de Marfim para me encontrar com a Sultana. Ela me pediu para ser seu Campeão, e eu recusei.

Olhei para ele de soslaio, esperando a gargalhada e o tapa no joelho.

— Como?

Timur terminou o chá de menta.

— Eu disse não da primeira vez. Minha mãe e as minhas duas irmãs dependem inteiramente do meu salário, e eu não tinha o luxo de trabalhar e treinar ao mesmo tempo. A Sultana disse que pagaria meu salário ela mesma. Ofereceu mais, mas eu não queria que se espalhassem boatos de que a coroa de Lukub precisava comprar o seu próprio Campeão, não depois da gentileza da Sultana Vaida. Quando eu for Vitorioso, a minha família terá muito mais do que eu ganhava como pedreiro.

— Vejo que Lukub tem um pequeno problema de ego.

Timur deu um tapa na parede atrás da cabeça enquanto se afastava. Ele saltou sobre os calcanhares.

— Você está dizendo que tem medo de perder o Alcalah?

Eu sorri de volta. Sua morte seria gentil. Um pedido de desculpas, tanto quanto uma misericórdia.

— É claro que não.

Todo o peso de Mehti atingiu Timur, derrubando-o no chão. O Campeão de Omal montou no Campeão de Lukub e ergueu os braços sob uma onda de aplausos.

— A chave para um ataque surpresa... — começou Mehti.

Timur colocou um pé no peito de Mehti e atirou no outro Campeão no meio do pátio. Mehti rolou ladeira abaixo, parando aos pés de Diya. Ela pisou no peito dele e continuou andando.

— Como ele é? — perguntou Timur, sentado de pernas cruzadas na grama. Não precisei seguir seu olhar para entender a quem ele se referia. Não havia muitos homens que um Campeão pudesse reverenciar.

— Eficiente. — Olhei para ver Vaida se aproximando de Arin, selando seus corpos dos ombros aos quadris. Ela falou com Sorn enquanto sua mão se movia em direção ao joelho de Arin. Arin estendeu a mão para pegar um cálice de um servo, empurrando sutilmente sua

mão errante para o lado.

Timur gemeu.

— Você treinou com Arin de Nizahl por meses, e a melhor palavra que tem é *eficiente*?

— O que você quer saber, Timur? — perguntei, percebendo a segunda tentativa de Vaida de alcançar o joelho de Arin. Ela estava adorando a resistência dele. — Ele é brilhante. Frio, astuto. Come muito devagar, tem uma fixação anormal por mapas e, se deixá-lo perto de uma bagunça por tempo suficiente, ele vai te matar e organizar tudo ou organizar tudo e te matar.

— Muito melhor — disse Timur. — Não consigo entender como você conseguiu treinar com o Comandante de Nizahl. Não consigo conversar com ele sem me dissolver em uma poça de suor. — Um servo circulava com xícaras de muhallabia[26], chamando a atenção de Timur. O Campeão de Lukub correu atrás dele, acenando para mim.

Não percebi quanto tempo fiquei observando Arin e Vaida até Jeru aparecer.

— Não se preocupe. Ela não pode brincar com Sua Alteza — ele me tranquilizou. — Vontades mais fortes que as dela já tentaram.

Arin representava um desafio impossível, e a Sultana não saboreava nada além de um esforço fadado ao fracasso.

— Você acha que é cedo demais para ir para o meu quarto?

— Acredito que Sua Alteza queria que você...

Passei por Jeru, levantando as saias enquanto subia os degraus.

— *Sua Alteza* está ocupado. — Jeru fez menção de me seguir. Eu me virei, colocando minha mão entre nós. — Posso encontrar o meu quarto sozinha. Assim que tirar este vestido, estarei dormindo. Temos uma longa jornada pela frente e estou exausta. Venha guardar a minha porta somente quando a festa terminar. Seu desaparecimento alertará os

outros.

Embora visivelmente em conflito, Jeru ficou para trás. Passei pelos criados que limpavam o salão de banquetes. Minhas botas faziam barulho ao subir a escada, vazia da multidão agitada. Fechar a porta entre mim e o resto do palácio permitiu que a tensão saísse dos meus ombros.

Por que deveria me incomodar se Arin e Vaida conversavam a noite toda? Se ela decidisse tocar o joelho dele e sussurrar em seu ouvido, isso era da minha conta? Que audácia a dela, continuar fazendo avanços e se deleitando com a maneira cuidadosa com que ele os rejeitava.

Uma batida na porta interrompeu minha guerra interna.

— Quem é? — perguntei.

— Ava, milady. Disseram que talvez você precise de ajuda para tirar o vestido. — A voz da jovem criada tremeu, provavelmente nervosa por estar cuidando de uma Campeã sozinha.

Eu tinha me esquecido do enorme volume de laços neste vestido. Ganchos cruzados nas costas, cobertos por um painel de renda delicada. Abençoado Jeru, ele deve ter percebido que eu não conseguiria alcançar os ganchos sozinha. Para ser justa, eu poderia facilmente cortar o vestido, já que não planejava usá-lo novamente.

Abri a porta, convidando Ava a entrar. Seu cabelo caía em longas cortinas sobre o rosto, e ela mantinha a cabeça baixa. A Lukubi mais recatada que eu já tinha conhecido.

— Feche a porta, por favor. Não vou precisar de ajuda com mais nada esta noite — eu disse. Dei as costas para ela e joguei as luvas na cama. — Diga à Zizi e à Mirna para não se darem ao trabalho.

Pelo menos eu estaria descansado para a jornada de amanhã. Se Arin perguntasse sobre a minha saída abrupta do pátio, eu poderia inventar uma doença.

Fiquei imóvel, mas Ava não pegou as amarras. Olhei para ela. Ela

estava de costas para mim enquanto remexia na bolsa. Acalmando-se antes de mexer nos meus ganchos?

Suspirando, virei-me para ela.

— Eu consigo fazer isso sozinha...

Uma adaga mergulhou no meu peito.

O tempo parou. Respirei fundo, me recompondo, antes que tudo explodisse em caos.

Agi sem pensar, com o instinto correndo mais rápido que a sensação, e agarrei o punho antes que Ava pudesse retirá-lo.

Na fração de segundo em que ela e eu estávamos perto o suficiente para compartilhar nossa respiração, vi os contornos mutáveis de um feitiço. Pisquei, puxando os cantos, e o feitiço se quebrou.

— Olá, amari — sussurrou Soraya.

Não. Não, não, não. Não era possível. Isso não podia ser real.

Cambaleei para longe, segurando o cabo com firmeza. O mundo girou, e a adaga perfurando meu peito não se comparava ao pandemônio que se espalhava dentro do meu coração.

— Você está morta — eu disse, ofegante.

Os longos cachos de Soraya haviam desaparecido, substituídos por um corte curto e reto. As ondas negras emolduravam um rosto jovem envelhecido além do tempo. Ela teria 27 anos agora, talvez? Pequenas cicatrizes cobriam os dedos da minha antiga assistente.

— Dói? Não deveria. Desculpe. Tive que fazer isso rápido — disse Soraya, olhando para a adaga com preocupação, como se tivesse aparecido no meu peito durante uma conversa casual. — Se eu hesitasse, teria perdido a coragem. — Ela se jogou pesadamente na cama. — Matar você é a tarefa mais difícil que já realizei, e a pior.

Aquilo era demais. Eu não conseguia deixar isso de lado. Não conseguia pensar direito.

Soraya estava aqui. Ela estava *viva.*

E veio aqui para me matar.

Analisei depressa as minhas opções. A posição de Soraya interceptou meu caminho até a porta. Supondo que as outras criadas fossem inocentes daquele esquema, não saberiam que deveriam me procurar tão cedo.

— Seu glamour deve ser excelente. — Bati a palma da mão contra a parede, resistindo à determinação dos meus joelhos de ceder. Uma dor lancinante percorreu meu peito. — Para me infiltrar na equipe pessoal da Sultana.

Os olhos cor de mel de Soraya se suavizaram. Como ousa? Ela não tinha o direito de me olhar como se se importasse depois... depois...

— Na verdade, não. Eu me mantive fora de vista, e o glamour distorcia qualquer lampejo que alguém visse.

Olhamos uma para a outra, e a traição pungente venceu a raiva. Minha voz tremeu.

— Por que você fez isso comigo?

Imediatamente, os olhos de Soraya se encheram de lágrimas.

— Eu não queria, Essiya. Rezei para que você tivesse morrido rápido na Cúpula Sanguinária. Nunca quis que você soubesse disso. — O rosto de Soraya endureceu, uma fúria aterradora percorrendo as suas feições. Eu nunca a vira parecer nada além de paciente ou discretamente entretida. — Eu deveria saber que Qayida Hanim estragaria tudo.

— Estragar tudo por não *me matar*? — soltei uma risada. — Todos esses anos eu pensei que o destino não poderia me amaldiçoar com ninguém pior que Hanim, e o tempo todo, você...

A indignação fez Soraya se levantar.

— Se ela tivesse feito o que deveria, nada disso estaria acontecendo! Todo o nosso esforço não estaria em risco porque a Rainha legítima de Jasad ainda estava viva! — Soraya andava de um lado para o outro em meus aposentos. — Eu deveria ter desconfiado. Ela já tinha arruinado

nossos planos uma vez.

A dor no meu peito aumentou, transformando-se em uma agonia que eu mal conseguia superar. Minha mente teimosa disparou, lutando para entender o que Soraya disse.

— É você — ofeguei. — Você é a Mufsid rebelde. Você me atacou na floresta com o espectro de Hanim.

Eu tossi, salpicando os lençóis de vermelho. O sangue encharcou a frente do meu vestido, manchando meus dedos. Estimando grosseiramente, restavam dez minutos antes que o dano que ela causou se tornasse irreversível.

— Sim, e se Arin tivesse se dado ao trabalho de dormir, poderíamos ter evitado toda essa farsa de Campeã. Os outros estão desesperados para pegá-la antes dos Urabi e trazê-la para o nosso rebanho. Eles se esqueceram por que fomos fundados, para começo de conversa. Eu não. — A mulher que me encarava era implacável. Pior que Hanim, porque pelo menos a antiga Qayida demonstrava o seu ódio por fora. — Não há lugar para membros da realeza na Jasad que planejamos reviver. Seus avós trouxeram destruição ao nosso povo, e eu não ressuscitarei o sistema que nos falhou repetidas vezes. Os Mufsids foram forjados para gerar mudanças, para recuperar o poder de Jasad e pressionar todos os reinos que buscavam nos destruir. — Seus lábios tremeram, e ela pegou as luvas de Rory. — Não importa o quanto eu te ame.

Tateei atrás de mim, procurando por qualquer coisa que pudesse usar como arma. Meus dedos deslizaram, esbarrando em uma protuberância curva. A vidraça da janela.

— Amor? — sussurrei. Pensei em Sefa e Marek me seguindo até Essam na calada da noite para enterrar um soldado de Nizahl. Arriscando a morte para me encontrar após o waleema, abandonando as suas vidas em Mahair para se tornarem fugitivos mais uma vez. — Agora eu sei como o amor deve ser, e não é assim.

Soraya apertou as luvas contra o peito.

— Sabe por que te chamei de amari? Não significa apenas "minha beleza". Amari significa "minha lua". Era isso que você era para mim. Constante e verdadeira. Tudo o que eu queria era te fazer feliz.

Jogando as minhas luvas de lado, Soraya soltou um suspiro determinado.

— Mas é hora de o sol nascer sobre Jasad, Essiya. Já vivemos na noite por tempo demais.

— Vocês estão matando Jasadis, mas eu sou o sistema que está destruindo nosso povo?

Uma Soraya frustrada não me observou com a mesma atenção que uma Soraya triste. Ela chutou a minha cadeira para dentro do guarda-roupa, e aproveitei a oportunidade para pressionar a palma da mão contra a janela. Inclinei meu corpo sobre o vidro. Eu precisaria da minha magia por apenas uma fração de segundo, mas vacilar me condenaria.

Tristeza. Raiva. Medo.

Muita coisa de cada passou por mim, mas de qual precisaria para despertar minha magia?

— Matamos apenas os Jasadis fracos demais para se juntar ao movimento pela nossa terra recuperada. É uma bênção que morram pela nossa espada do que pela de um soldado de Nizahl. — Uma energia febril invadiu Soraya enquanto ela falava. — Pense nisso, Essiya. Uma Jasad construída com base na igualdade, sem realeza ou nobreza. Sem as aldeias inferiores. Os ricos recursos de Jasad disponíveis para qualquer cidadão que os procure. É isso que os Mufsids construirão. Os Urabi não se importam nem um pouco com o tipo de reino que renovam, contanto que seja deles.

Esta era a terceira vez que alguém difamou a honra do regime dos meus avós. *Uma Jasad construído com base na igualdade* soava assustadoramente semelhante as *muralhas corruptas de Usr Jasad*, e *não*

existiram dois membros da realeza mais insidiosos desde então. Hanim detestava Malik e Malika com cada fibra de seu ser imundo, mas eu sempre presumi que as suas histórias eram apenas isso: histórias. Se metade das histórias que ela me contava sobre meus avós ou o trono de Jasad fossem verdadeiras...

Hanim me contou que as wilayahs tentaram derrubar os meus avós. Ela relatou rebeliões e levantes desde Janub Aya até Laf il Rud. As wilayahs superiores se uniram em apoio à coroa enquanto as inferiores queimavam plantações em protesto. Mas os Mufsids pertenciam às wilayahs superiores, e a mulher mufsida que eu conhecera deixara bem claro que me queriam por causa da minha magia e do meu nome. Para quem eles haviam mentido... para mim ou para Soraya?

— Meus avós te contrataram. Confiaram a você a herdeira da filha deles. Por que você aceitaria se os odiava? — Minha voz tremeu. Por que ela fingiria se importar comigo se não se importasse?

Soraya deu um passo em minha direção. Seus olhos estavam marejados. Não acreditei naquela doçura nem por um segundo. Ela já havia provado ser uma artista fenomenal.

— Eu tinha os meus motivos. Essiya, nunca planejei me importar com você. Eu me esforcei tanto para te odiar, para ver a podridão da realeza em seu rosto doce. Mas você me abraçava pela cintura, colocava os seus pezinhos em cima dos meus e pedia para me fazer companhia durante as tarefas. Você era a coisa mais carinhosa e inteligente.

Eu mal conseguia imaginar um momento em que pudesse abraçar alguém sem o pânico cravar as unhas na minha pele. E carinhosa?

As palavras lutaram para atravessar a agonia que queimava em meu peito. Eu não tinha muito tempo.

— Pare de me distrair. Por que os Mufsids acham que Jasad era corrupta quando isso os beneficiava mais? Por que você odeia o trono?

O olhar de Soraya endureceu.

— Você sabe por quê.

— *Eu não sei.*

Soraya agarrou os lados da minha cabeça antes que eu pudesse reagir. Suas unhas cravaram-se nos meus cachos enquanto ela aproximava meu rosto do dela.

— Por que a Cúpula foi convocada? Antes de ser o ímpeto para a Guerra de Jasad, antes de ser a Cúpula Sanguinária... por que os reinos se reuniram? O que eles estavam discutindo?

Tentei me soltar das mãos dela sem mexer o tronco.

— Eu era criança! Não me lembro.

Seus dedos se apertaram dolorosamente.

— Amari, você sabe por que deixei os Urabi descobrirem que você existia, apesar de desprezar aqueles pirralhos covardes? Por que me separei dos Mufsids, um grupo que liderei por metade da minha vida, quando escolheram recrutá-la em vez de enterrá-la? — Os anéis dos olhos de Soraya estavam salpicados de ouro. Eles queimavam nos meus. — Você tem o potencial e o poder de ser pior do que qualquer um que já existiu antes de você. Pode se remodelar para sobreviver a quaisquer condições em que for colocada. Quem somos é onde estivemos. De onde viemos. As gerações do nosso sangue e das nossas raízes. Mas você... você quebrou o braço de uma garota por não subir em uma árvore com você e se esqueceu disso no dia seguinte. Incendiou a colcha mais preciosa de Dawoud porque ele não permitiu que você brincasse com ela no pátio, e então perguntou a ele sobre a colcha menos de duas horas depois. Sua mente é um labirinto de espelhos, refletindo apenas as memórias que você escolhe salvar. A melhor coisa que Malik Niyar e Malika Palia fizeram por Jasad foi algemá-la.

Minha respiração estremeceu em sua testa. Do que ela estava falando? Eles me algemaram quando eu tinha seis anos. Antes da Soraya. Como ela sabia disso?

— Eu perguntei duas vezes. Se ela não ia usar os braços para escalar comigo, então não precisava que ambos funcionassem. — As palavras vazias vieram de algum lugar distante, e*, ah, ah, eu me lembrei, de Mervat Rayan e o seu rosto vermelho, dos seus gritos ásperos, o osso aparecendo na manga.*

Mas não, Essiya era boa. Não era? Essiya era gentil e compassiva, nada parecida com a garota que Hanim criou. Como ela pôde fazer uma coisa dessas?

Soraya me soltou com uma risada seca.

— Você vai se lembrar do que seus avós fizeram quando a sua mente se refletir no espelho certo.

Ela suspirou, brincando com as joias deixadas sobre a mesa.

— Sinto muito pela demora em encontrá-la. Você estava extremamente bem protegida depois da Cúpula Sanguinária, e ninguém procurou muito. Achávamos que estava morta até que um novo recruta sugeriu que tentássemos procurar por Hanim outra vez. Naquela vez, o feitiço nos levou direto ao túmulo dela. Assim que o vi, soube que você estava viva. Eu acreditei. Procuramos por você, mesmo quando os outros nos chamaram de tolos. Suas algemas resistiram aos feitiços de rastreamento mais fortes, e levei anos até que eu encontrasse aquela aldeia Omaliana feia.

Quantos Jasadis ela massacrou em sua perseguição? Quanto mais sangue do nosso povo as suas mãos derramaram?

Minhas algemas apertaram. Quantas as *minhas* tinham derramado?

— Você levou o Comandante até Mahair.

— Ah, sim. Estávamos tão preocupados que ele te matasse primeiro. Mas é claro que Arin não pode desperdiçar uma oportunidade. — Ela disse o nome dele com familiaridade, um carinho exasperado. — Será que ele ainda está bravo?

Antes que ela se vire, Essiya, disse Hanim. *Agora!*

Eu ainda tinha muitas perguntas, mas Soraya não mataria outra Jasadi esta noite.

— Quem é você para decidir quais Jasadis devem viver ou morrer? — rosnei. — Você não é melhor que o Supremo.

Minha magia pulsava preguiçosamente. Puxei o fio, abrindo mais os dedos contra o vidro grosso.

A cabeça de Soraya virou-se depressa em minha direção, mas era tarde demais. O vidro explodiu, espalhando cacos ao nosso redor.

Eu me joguei da janela.

A queda não demorou muito. Um assobio de ar, e aterrissei com força em um canteiro de flores. O impacto me deixou vibrando, os meus membros parecendo esticados e esquartejados. Minha pegada escorregadia no cabo da lâmina afrouxou. O sangue escorria lentamente em direção à minha garganta, devido à posição alterada.

À distância, tomei consciência dos gritos estridentes ecoando ao meu redor.

Fixei meu olhar em Soraya. Ela lançou um olhar de escárnio da minha janela, emoldurada por cacos de vidro. Virou-se e desapareceu no quarto.

Ela vai escapar. Ela vai escapar.

Eu havia pousado no canteiro de papoulas daquela tarde. Para a minha tristeza, sangue pingava nas pétalas esmagadas. Pontos negros dançavam em minha visão, misturando-se às estrelas no céu. Se eu morresse, pelo menos o Palácio de Marfim seria uma última visão encantadora.

Uma multidão se formou ao meu redor. Por que estavam todos ali? Precisavam encontrar Soraya!

Por fim, Arin passou por eles. O alívio me inundou. Arin a encontraria. Ele não deixaria Soraya escapar. Ao me ver, Arin ficou pálido e se virou para a multidão.

— Chamem um médico! — rugiu. Jeru e Wes conduziram os espectadores para longe.

Ele se ajoelhou ao meu lado.

— Fique comigo, Sylvia. A ajuda está chegando.

— Ela está fugindo — sussurrei. Arin afastou meu cabelo do rosto e se inclinou para mais perto. Virei o rosto para a mão dele, trocando temporariamente o pensamento pelo conforto.

— O quê? — A preocupação dele me incomodava. Por que ele deveria estar preocupado? A ladina Mufsid espreitava por perto. Uma pessoa que ele caçava quase todos os dias dos nossos treinamentos.

— Ela está perto. Os Mufsids... *Soraya.* Vá.

Meu significado era inequívoco. Arin recuou, balançando a cabeça.

— Não. Não, eu mesmo te ajudo — rosnou. Começou a puxar a luva. Jeru e Wes recuaram atrás dele. Enviei-lhes um sinal invisível para intervir, para detê-lo.

— Arin! — Com o que me restava de força, agarrei sua manga. O gesto fez com que mais sangue jorrasse pela minha frente.

Repeti várias vezes. *Ela está fugindo*.

Se ele me curasse na frente de todas essas testemunhas, estaríamos acabados. Meu segredo seria revelado e os planos dele arruinados. Mas se ele a pegasse, se eu aguentasse até ele voltar. Se, se, se. Poderia estar tudo acabado.

Um som áspero saiu da boca de Arin, um olhar de devastação singular destruindo as suas belas feições.

Relaxei. Ele tinha decidido.

Com um xingamento baixo, o Herdeiro de Nizahl levantou-se em um salto.

— Mantenha-a *viva* — rosnou, com uma ameaça tão intensa que Jeru e Wes se encolheram.

Ele desapareceu, vários braços se estenderam para mim e eu,

agradecida, abandonei meu controle da consciência.



Era ela.

O nome que Sylvia havia pronunciado era diferente do nome que havia sido dado a Arin dez anos atrás, mas ele sabia.

Ela o havia enganado uma vez. Não aconteceria outra vez.

O cavalo sob Arin saltou. Eles voaram sobre um bebedouro, dispersando um rebanho de ovelhas encurraladas. Ela estava se contorcendo, tentando dissipar os traços de sua magia. Mas ele podia senti-la deslizando sobre sua pele como uma lâmina afiada. Ela não escaparia dele desta vez.

Arin se inclinou para a frente, esporeando seu cavalo a velocidades perigosas. Ela encontraria algum lugar barulhento para se esconder. Havia muitas opções para escolher. As cidades altas de Lukub estavam comemorando o Alcalah ao lado do Palácio de Marfim. Multidões vestidas de vermelho e branco se espalhavam pelas ruas. Artistas giravam em plataformas elevadas, pés descalços se movendo com agilidade ao ritmo do tubluh. Caos por toda parte.

Um cavalo apareceu ao lado do dele.

— Vossa Alteza, vim ajudar — disse Wes. Estava sem fôlego.

— Por que você está aqui? — Arin sentiu os músculos do corpo se apertarem em alarme. — Ela está...

— Não, não. A Campeã está viva. Jeru e Ren estão com ela e os médicos. Não posso ajudar ninguém lá, então fui embora.

Arin encarou Wes. Ele sentia o rastro da magia de Soraya se esvaindo. Se tivesse alguma esperança de alcançá-la, precisava se mexer. Para interceptá-la no beco atrás do festival e vencer o jogo que ela havia começado quando ele tinha dezesseis anos.

Se ele fosse atrás de Soraya, Sylvia morreria.

Era um fato. O ferimento dela era profundo. Ela provavelmente havia quebrado vários ossos na queda.

Arin precisava de Sylvia para capturar os Mufsids e Urabi. Capturar Soraya satisfaria o seu ego, mas não sua missão.

Uma voz sensata lembrou Arin de que ele poderia apenas arrancar as informações necessárias de Soraya à força. Ela estava com os Mufsids há muitos anos; com a persuasão e o incentivo da dor, Arin poderia arrancar dela a localização deles. E a dos Urabi também, ele suspeitava.

Tudo o que ele precisava fazer era estimular seu cavalo a avançar.

— Por que eu não deveria me comportar como uma assassina se vou sofrer o mesmo destino de qualquer maneira? — O fogo dançava em seus cabelos. Vaun gemeu. Seus olhos escuros, que deveriam estar iluminados com a prata e o ouro da magia Jasadi, estavam cheios de dor. Uma dor tão forte que Arin suspeitava que ela tivesse deixado de vê-la pelo que era. Ela a teria transformado em raiva, como uma qualidade inata de seu caráter. Incompreensivelmente volátil, ele pensou. Falta de controle emocional. Ela provavelmente pensava o mesmo. Ela estava sangrando, bem ali na frente dele, e o ferimento fatal não era aquele que nenhum dos dois podia ver.

— Se Sylvia sobreviver, ela retornará — disse ele a Wes. Os olhos de seu guarda leal se arregalaram.

— Senhor, você não pode querer deixá-la ir. Você a persegue desde...

Arin virou seu cavalo em direção ao Palácio de Marfim e estalou as rédeas.

CAPÍTULO 24



Eu afundei em meio a nuvens de névoa e cinzas, lutando para me firmar.

Estávamos em um quarto de bebê, eu e mais duas sombras. Um bebê dormia em um canto.

— Você não pode fazer isso com ele! — exclamou uma mulher frágil. O reconhecimento percorreu meu corpo trêmulo. Isra de Nizahl. A mãe de Arin. — Ele não vai sobreviver. Por favor, Rawain, você tem que esperar.

A segunda sombra tomou forma. Tropecei para trás, batendo no berço do bebê. O Supremo não reagiu, alheio à minha presença. O Supremo Rawain olhou para sua esposa chorosa com desdém.

— O que te importa o que acontece com o meu filho?

— Ele é meu assim como é seu. Por favor, eu imploro. Dois anos, três. Ele resistirá, então. Imagine o poder da sua ascensão com um Herdeiro saudável ao seu lado. Seu pai teve você. Veja como ele prospera! Quando você se tornar Supremo, Arin será o seu Herdeiro. Seu legado.

Rawain segurou o orbe de vidro adornado com joias na ponta de seu cetro. Ao vê-lo, sua esposa estendeu a mão para pegar o bebê e o envolveu em seus braços.

— Dois anos, não três — resmungou Rawain. — Ele não consegue se lembrar da perda.

Ela embalou a criança nos braços, acariciando tufos de cabelo preto.

Cabelo preto?

Vozes flutuavam no vazio, chamando meu nome. Meu nome falso.

As vozes discutiam em voz alta. Uma delas, melódica mesmo em sua fúria, enviou consciência escorrendo pela névoa.

Eu estava com tanto frio.

A voz mudou, aproximando-se. A voz melodiosa falava em um Nizahlano suave. Olhei para o lugar onde minha mão costumava estar, assustada por uma pressão fantasmagórica.

Aterrissei em um vazio de escuridão. A água batia em minhas pernas.

A escuridão se contorcia, coalescendo em quatro tronos diante de mim. Tropecei para trás. Meu pé prendeu na borda de uma pedra íngreme. Se eu tivesse um corpo, talvez tivesse sangrado.

Cada trono, exceto um, tinha um ocupante. Eles brilhavam com a glória das estrelas e do sol, a única luz em um deserto árido. Eles eram o tempo, a vida e a morte transformados em magia, existindo além dos reinos das almas terrenas.

Lágrimas reverentes escorriam do meu queixo, juntando-se às águas rasas que se moviam sob o Awaleen.

— Uma eternidade de sono não garante a segurança deles — disse Kapastra, amada mãe de Omal. — E se acordarmos?

— E se não acordarmos? — sussurrou Baira. Sua beleza me impressionou tanto que não consegui levantar o olhar pela segunda vez. — E se vivermos entre os limites da vida e da morte para sempre?

— Não podemos permanecer acima do solo por mais tempo — bradou Dania. — Nossos filhos precisam de paz.

— Rovial os arruinou. Por que deveríamos nos punir com ele? — Baira murmurou. — Especialmente porque ele nem sequer é...

— Fortaleça a sua fé na minha profecia, irmã — disse Dania. O olhar da Awala Orbaniana permanecia sobre o trono vago, uma tristeza mais antiga que a estrutura do nosso mundo permeando as suas feições.

— O sono infinito não é o nosso destino. Quando...

Dania fez uma pausa. Virou a cabeça devagar.

A escuridão pulsou, e ela tomou forma bem na minha frente.

— Você não deveria estar aqui. — Seu poder ondulou o vazio ao nosso redor. — Ainda não.

Ela pressionou dois dedos nas minhas têmporas. O calor substituiu o frio invasivo, afastando-o para as margens. Cores preencheram o contorno sombrio do meu corpo. A névoa girou.

— Em breve, Essiya — Dania prometeu.

Acordei sufocada por um grito.

Por fim, meu coração acelerado desacelerou. Pisquei os olhos para o teto de uma tenda, muito maior do que aquela em que dormi durante a viagem para Lukub.

Sentei-me cautelosamente, esperando a dor lancinante da minha ferida. Nada aconteceu. Apalpei o meu peito. Senti a pele macia ao toque.

Uma agitação à minha direita me distraiu do meu completo espanto. Arin dormia profundamente, a um braço de distância do meu catre improvisado. Ele não havia acordado. Sombras crescentes circundavam os seus olhos, profundas o suficiente para deixar marcas.

Tentando me levantar, cambaleei sob uma onda de tontura e olhei para mim mesma. Deviam ter me tirado o vestido. Eu estava com um longo vestido de lã que se ajustava demais aos meus quadris. Estava deitada em vários sacos de dormir empilhados, mas Arin só tinha uma colcha fina por baixo.

Passei pela aba da barraca.

O amanhecer ainda não havia rompido o horizonte. O ar estava quente. Muito mais quente que o de Lukub. As solas dos meus pés roçavam a terra rachada, movendo pedrinhas de areia seca. Aquela era uma paisagem Orbaniana. Teríamos cruzado a fronteira?

Absorvi essas pequenas maravilhas, grata por estar viva para

apreciá-las. Nove tendas menores se aglomeravam perto da de Arin. Uma poderosa procissão de cavalos relinchava, batendo os cascos no chão.

Quanto tempo eu tinha dormido?

Os guardas de sentinela apareceram. Eu me escondi na tenda, sem estar pronta para ser vista ou abordada.

Arin se levantou em um salto, com a espada erguida antes mesmo de acordar completamente. Levantei os braços.

— Você acordou — disse ele. A lâmina caiu no chão.

— Sim, e não deveria ter acordado. — Franzi a testa. — Uma folha agitada poderia derrubá-lo. Venha, fique com meu catre.

Inanimado pela exaustão, o Herdeiro de Nizahl apenas me encarou. Fiz um gesto indicando o catre, e ele obedeceu à ordem sem discutir. Pelas barbas flamejantes de Rovial, quanto lhe custara me curar?

Nós nos sentamos um de frente para o outro.

— Você tem o hábito desagradável de quase morrer — disse Arin.

— Duas vezes não torna um hábito. — Toquei no local recém-reparado onde Soraya me esfaqueou. — Acho que tenho que agradecer a você por isso?

Arin expirou.

— Eu só consegui curar a ferida aos poucos. Tive que esperar até você despertar o suficiente para que a sua magia respondesse. Dois dias, pressionando sua mão e esperando.

Dois dias? Um arrepio percorreu os meus braços. Soraya quase conseguira.

Ergui as sobrancelhas.

— Como? Você não ficou com vontade de acabar comigo?

— A cada segundo que eu toquei em você — disse ele, sem rodeios. — Foi... muito mais difícil do que eu esperava. Ela causou um dano considerável.

Tremendo, deixei de lado a realidade de quão perto eu tinha chegado de provar a morte.

— Acho que te devo a minha gratidão. Obrigada.

— Não... — Arin se interrompeu, mais agitado do que eu jamais o vira. — Guarde a sua gratidão. Só a sorte te salvou.

A sorte não havia curado o buraco no meu peito, mas deixei passar. Fiz a pergunta mais importante:

— Você a pegou?

Arin fixou o olhar em um ponto por cima do meu ombro.

— Ela escapou.

Cerrei os dentes, reprimindo uma série de xingamentos. A pequena parte de mim que se soltou de alívio não foi reconhecida. Soraya estava tão morta para mim quanto antes do Banquete.

— Vamos pegá-la no Alcalah. Vamos pegar Soraya e o resto dos Mufsids.

— Por que você não está brava? — Arin retrucou. — Você quase morreu para me dar tempo de pegá-la, e eu falhei.

Em um dia bom, eu conseguia extrair uma ou duas emoções visíveis do Herdeiro de Nizahl. Um sorrisinho, um revirar de olhos. Ele estava sempre tenso, uma mola sem elasticidade. Os hematomas sob seus olhos não eram os únicos sinais de seu cansaço.

— Imagino que você já tenha se punido o suficiente. Se alguém tem culpa, sou eu. Deixei uma criada cravar a adaga no meu peito. Ela escondeu bem o glamour, e não pensei em verificar.

— Só para ficar claro — isse Arin, cheio de descrença —, sua frustração vem de, de alguma forma, não ter percebido as intenções de uma criada aleatória, que você permitiu entrar em seus aposentos somente depois que eu pedi?

Quando estava prestes a abrir a boca para corrigi-lo, parei. Eu teria que ter muito cuidado ao divulgar informações sobre Soraya. Um único

detalhe insignificante poderia ser a chave para Arin descobrir a verdade sobre minha identidade.

Mudei de assunto.

— Ela queria saber se você ainda estava com raiva. Raiva de quê?

Arin recostou-se, mais uma vez desviando o olhar. A consternação me fez levantar.

— O que você está escondendo?

O aviso em sua carranca era claro.

— Deixe isso para lá.

Deixar para lá?

Andei de um lado para o outro na tenda, torcendo para que a minha magia se acalmasse. Não entendi a minha reação. Nada havia mudado, não em essência. Arin guardava segredos. Dois grupos Jasadi buscavam restabelecer Jasad. Eu trabalhava com Arin para impedi-los. Ele nunca fingiu ser outra pessoa além de si mesmo. Era eu quem não tinha senso de identidade. Hanim, Arin... eles conheciam minha fraqueza, sabiam que eu poderia ser transformada em uma arma e direcionada para as mãos certas.

— Eu não a conhecia como Soraya — disse Arin.

Sua manobra – e era, com certeza, uma manobra, porque Arin não costumava divulgar informações de graça – funcionou. Parei de andar de um lado para o outro, o pânico dando lugar à curiosidade. Cruzei os braços sobre o peito.

Os traços de Arin estavam esculpidos em pedra.

— Eu a conheci em nossa academia quando tinha dezesseis anos. Ela dizia ser filha de uma nobre viajante. Sua riqueza e charme abriram portas em Nizahl. Em poucas semanas, ela conquistou minha amizade e confiança. Eu a admirava em todos os sentidos.

O choque reverberou até os cantos mais remotos do meu corpo. De quantas maneiras ele poderia querer dizer “admirar”?

Seus olhos ficaram frios.

— Nos tornamos íntimos. Eu não sentia a magia dela... suspeito que a drenava com regularidade. Ela tinha planos além da sedução, é claro, e procurou realizá-los depois que adormeci uma noite. Dividimos a cama por semanas. Ainda não sei por que ela decidiu tentar a sorte com os meus guardas bem do lado de fora da porta. Acordei com a lâmina dela na minha garganta.

— Sua cicatriz — sussurrei. Meu estômago embrulhou. Ela tinha chegado tão perto do sucesso.

Ele assentiu.

— Eu a desarmei, mas não sei como sobrevivi. Eu não deveria ter sobrevivido.

Estremeci com uma onda de ódio. Pelo menos eu não era a única a sofrer com a desonestidade de Soraya.

— Tenho o sangue de todos que Soraya prejudicou em minhas mãos — disse ele. — Permitir que ela escapasse da Cidadela foi meu maior erro.

Pensar que Arin usava a sua cicatriz como uma barreira entre ele e o mundo era subestimar o Herdeiro. Ele já tinha muitas barreiras. Sua cicatriz servia como um lembrete. Uma dívida a saldar. Seu relacionamento com Soraya explicava algumas discrepâncias. A animosidade raivosa de Vaun por mim, a reação visceral de Arin ao comentário sarcástico de Marek sobre uma briga de amantes. A conversa entre Jeru e Wes uma vida atrás.

— Como ela escapou? — Eu não conseguia imaginar que um ataque tão mortal ao Herdeiro de Nizahl fosse tratado de forma descuidada.

Arin se levantou.

— O que você acha? Alguém massacrou os soldados que guardavam a cela dela. Soldados altamente treinados, pouco mais velhos do que você. Eles não tinham nenhum arranhão e duvido que tenham

tido a chance de gritar. — A raiva apertou a mandíbula do Herdeiro de Nizahl, respondendo à pergunta que eu não ousei fazer. Qualquer afeição que ele nutria por Soraya morreu com seus soldados.

Uma conversa antiga veio à minha mente. Minha voz emergiu em meio a uma onda de horror.

— Espere. Hani. Pelas mãos ensanguentadas de Kapastra, por favor, não diga que Soraya matou o irmão de Marek.

Agarrei a cômoda para me equilibrar. Aceitar que a garota que me resgatou de uma infância solitária queria me matar? Tudo bem. Ela estava em boa companhia. Mas isso? O que meus avós fizeram para destruir Soraya tão completamente?

— O irmão de Caleb estava entre os mortos — confirmou Arin. — Não significa nada de bom que Soraya tenha ido contra os Mufsids para matar você.

Eu não tinha percebido que os Mufsids estavam operando há tanto tempo. Eu não estava derramando lágrimas por nenhum soldado de Nizahl, mas a quantidade de Jasadis que eles devem ter machucado em todos aqueles anos... eu não conseguia compreender. Não já tínhamos passado por bastante? Os Mufsids e Soraya não tinham o direito de exigir lealdade, nem de tomar o que não lhes fora dado livremente. Alguém deveria ter percebido. Alguém deveria ter se importado.

Fios sombrios de culpa se espalharam dentro de mim. O pânico, seu companheiro onipresente, subiu pela minha garganta. Eu conhecia essa sensação. Como se tivesse sido reprovada em um teste criado para mim. Essa culpa me estrangulava todos os dias em que convivi com Hanim, e eu havia me esforçado muito para deixá-la para trás.

Nizahl arruinou o nosso reino, mas você roubou a sua dignidade, disse Hanim. *Não finja se importar agora.*

— Soraya não sobreviverá ao Alcalah — jurei. Eu não havia dado muito ao meu povo, mas cumpriria a minha promessa. Cravei as unhas

na palma da mão. — Eu juro.



Levou menos de uma hora para preparar os cavalos. Arin saiu da barraca enquanto eu trocava de roupa. Sefa e Marek entraram no meio do caminho, e eu os tranquilizei de que estava tudo bem.

Como a brigada de soldados que nos acompanhava tornava impossível o anonimato, Arin decidiu não nos colocar nas carruagens. O grupo formou uma formação extensa. Nossos cavalos vagavam em ritmo constante pelo deserto que se estendia entre Lukub e Orban. Terra amarela rachada nos cercava, estendendo-se por quilômetros para todos os lados, interrompida apenas pelas montanhas de topo branco no horizonte. Uma paisagem de estações do ano das mais bizarras. Eu preferia o ambiente árido ao frio úmido de Essam, mas odiava o fato de estarmos tão expostos.

Mais à frente, dois soldados falavam com Arin. Ou pelo menos tentavam. O mais magro parecia incapaz de erguer o olhar além do queixo de Arin.

Por que Soraya tentaria matar o Herdeiro de Nizahl em vez do Supremo?

— Fique longe! Não vou deixar você tocá-la — gritou Niphran. Ela pegou o meu pequeno corpo nos braços e recua. Virei o pescoço e vi Dawoud se aproximar da minha mãe com as duas mãos levantadas.

— O Malik e a Malika querem que a segunda Herdeira se junte a eles para o jantar. Nenhum mal lhe acontecerá. Eu prometo.

O suor pingava dos braços que eu envolvia em volta do pescoço da minha mãe. Seu sussurro era visceral de medo.

— Eu sei o que querem fazer com ela.

Wes estalou os dedos a poucos centímetros do meu rosto, me

assustando.

— Sylvia?

Pelas bestas com chifres de Kapastra, o que foi isso? Uma lembrança ou um sonho?

As palavras de Soraya ecoaram em meus ouvidos. *Sua mente é um labirinto de espelhos, refletindo apenas as memórias que você escolhe guardar.*

Uma dor de cabeça ameaçava atingir as minhas têmporas.

— Quanto tempo mais? — perguntei a Wes.

— Não muito — disse ele. — Como você se sente?

— Com fome. Espero um banquete que rivalize com todos os banquetes quando chegarmos.

Wes deu um sorriso irônico.

— Os Campeões não se reúnem depois do Banquete. Eles entregarão bandejas em suas acomodações.

Resmunguei.

— Quem diria que eu sentiria falta do seu pão de lascar os dentes, Wes?

— Você pode mastigar o arreio do seu cavalo. Provavelmente é mais macio.

Cavalgamos em silêncio amigável. Os soldados perto de Arin se desviaram para a periferia da aglomeração, deixando-o solitário no centro. Cercado por aqueles que morreriam por seu Herdeiro, e ainda assim poucos que tiveram coragem de falar com ele. Seus cabelos brilhavam quase brancos sob o brilho do sol, presos impecavelmente atrás da cabeça.

— Ele voltou — murmurou Wes, tão baixinho que quase não percebi. Puxei as rédeas, diminuindo o passo do meu cavalo para acompanhar o dele. Abrindo distância entre nós e os ouvidos atentos de Arin.

— Voltou para quê?

— Depois que a Sua Alteza partiu para perseguir a ladra, deixei você com Ren e Jeru e o segui — disse Wes. — Ele a perseguiu pela cidade alta e deu de cara com um festival. Ela desapareceu na confusão.

"Mas veja, Sylvia, Sua Alteza memorizou todos os mapas de todos os reinos existentes. Ele conseguiu capturar infratores em condições muito mais complicadas. Ele poderia ter encontrado um caminho em volta do festival e impedido a fuga dela.

Ele fez uma pausa. Eu fiz um ruído impaciente.

— O que o impediu?

O olhar que Wes me lançou continha insolência suficiente para envergonhar Vaun.

— Ele fez um cálculo naquele momento entre o tempo que levaria para capturar a garota e o tempo que lhe restava. Ele fez a escolha dele.

Eu estava no waleema, enfrentando os guardas de Felix.

Eu a escolho.

— Não entendo — eu disse. O desespero coloriu a minha voz. — Por que ele voltaria por mim? Ele é um homem prático. Está atrás dela há anos. — Que importância tinha se a minha morte fosse uma possibilidade? Minha morte também era uma possibilidade no Alcalah.

— Não foi uma escolha baseada na praticidade — respondeu Wes, com um tom que indicava que eu havia excedido todos os limites da ingenuidade.

Ren guiou seu cavalo até nós.

— Chegamos. Sylvia, você passará ao lado do Comandante.

Franzi os lábios, aliviada com a interrupção. Era informação demais para alguém que havia passado os últimos dois dias dormindo. Os soldados se espalharam em formação enquanto eu galopava à minha frente. A Passagem Meridiana se erguia diante de nós, uma gigantesca formação rochosa marrom-avermelhada que se inclinava para um desfiladeiro íngreme. Na terra árida, a Passagem Meridiana bloqueava o

sol. O cânion que dividia o centro da Passagem não comportava mais do que dois cavaleiros lado a lado. Metade da cavalgada seguiu à frente de Arin no cânion estreito, e a outra metade seguiu atrás dos guardas.

O musgo crescia em faixas espessas sobre os penhascos vermelhos e escarpados. Uma crescente sensação de *erro* percorreu a minha espinha, intensificando-se à medida que nos aproximávamos da fenda sinistra.

— Eu me lembro do massacre — disse Arin. Eu me assustei. A primeira frota desapareceu na Passagem. Acariciei a cabeça da minha égua assustada. — Eu tinha dezessete anos e tinha acabado de ser nomeado Comandante.

Aproximamo-nos da abertura estreita. Os cavalos se assustaram com facilidade, e dobrei os joelhos com força, caso o meu tentasse me derrubar.

— Eu não autorizei — continuou Arin em voz baixa. — Havia crianças. Os soldados agiram como o antigo Comandante os ensinou.

O antigo Comandante, seu pai. Os penhascos lançavam uma longa sombra sobre nós. Um silêncio impenetrável pairava no cânion, quebrado pelo som de cascos batendo contra a rocha. A poeira rodopiava preguiçosamente na penumbra, e eu lutava para ver os soldados à nossa frente.

— O que você teria feito diferente?

Minha pergunta foi um duro golpe para ele. A respiração de Arin mudou, tornando-se ofegante. Seus dedos ficaram brancos ao apertar as rédeas.

— Eu não...

Ele respirou fundo, curvando-se para a frente sob uma pressão repentina. Por fim, me virei para ele.

— O que houve? — perguntei. Procurei um agressor secreto. — O que está acontecendo com você?

Seu olhar ficou vazio. As veias azuladas se esticaram sob a sua pele.

Duvidei que ele pudesse me ouvir.

— Eu não sou o meu pai — ele sussurrou.

Ren avançou da brigada que formava a retaguarda, puxando seu cavalo ao lado do de Arin.

— Senhor, nossos batedores não se apresentaram. Acho que podemos ter perdido a con...

Uma flecha perfurou o olho de Ren.

Gritos rasgaram o ar ao nosso redor. Choveu flechas no desfiladeiro. O corpo de Ren deslizou do cavalo.

Um suspiro morreu nos meus lábios. Segurei as rédeas do meu cavalo para evitar que ele tropeçasse em Ren. Sefa e Marek! Onde estavam Sefa e Marek?

Eu não podia deixar Arin naquele estado. Seu olhar estava vidrado, inconsciente de qualquer coisa fora de sua cabeça. Magia. Tinha que ser. Mas por que só ele?

A quantidade de poder necessária para prender Arin nesse estado era impressionante. Deveria ter passado por ele rapidamente, através de qualquer brecha em sua biologia que lhe permitisse sentir magia em primeiro lugar.

Uma flecha voou na garganta do soldado à nossa frente. A Passagem Meridiana cintilou e, de repente, era meu pai no cavalo à frente. Suas feições relaxando na morte enquanto o sangue jorrava em um V invertido ao redor da flecha que cortava sua garganta.

— Acorde! — gritei, apertando o braço de Arin. — Por favor!

Minha magia se agitava em volta das minhas algemas. Eu precisava deter as flechas. Era um ataque Jasadi, e eu não precisava arriscar adivinhar o que queriam. Como Arin poderia nos deixar arriscar a Passagem Meridiana? Estávamos esperando alvos aqui embaixo.

Os soldados protegeriam o seu Herdeiro. Sefa e Marek só tinham a mim.

Tristeza. Raiva. Medo. Eu não tinha dúvidas sobre o que motivava a minha magia desta vez.

Quando lancei minha magia contra ele, ela obedeceu. Só podia esperar que não o machucasse mais. Eu não tinha habilidade nem tempo para formar um escudo adequado.

Com grande dificuldade, virei meu cavalo para longe dele e o esporeei. Se alguém fosse matar Arin de Nizahl, seria eu.

Poeira e seixos se agitavam sobre o cânion, obscurecendo minha visão. Uma bênção. Os soldados não me veriam jogar as rédeas do meu cavalo para o lado e pular para o lado da Passagem Meridiana. A superfície lisa da rocha deslizava sob minhas botas, mas eu já havia escalado coisa pior. Com um empurrão da minha magia, eu a escalei depressa.

Eu me arrastei até o topo do cânion. Braços me agarraram. Uma dúzia de arcos miraram meu rosto.

— Vocês precisam parar — ofeguei. — Façam o que quiserem com os soldados, mas eu tenho amigos lá embaixo.

— É você. — Um homem abaixou o arco, incrédulo. Ele me observou como se eu pudesse desaparecer a qualquer momento. — Malika Essiya.

O grupo do outro lado do cânion ainda atirava flechas. Cada músculo do meu corpo estava tenso, esperando um grito que eu reconhecesse.

— Vocês são… os Urabi?

Ele assentiu, pressionando a palma da mão contra o coração. Um por um, os outros arqueiros abaixaram os seus arcos.

— Meu nome é Efra, Mawlati. Viemos resgatá-la.

Na próxima vez que eu visse Soraya, a faria gargarejar com todos os dentes que planejava arrancar da sua boca por ter vazado a notícia da minha existência para os Urabi. Eles me olhavam com uma reverência

que eu não merecia, me chamando por um título que deixei nas cinzas junto com os corpos dos meus avós.

Ela havia transformado o meu pesadelo em realidade. Meu coração batia forte em uma canção familiar: *fuja, fuja, fuja.* Eu observava Niphran queimar em um lago. O kitmer andava ao meu redor, esperando. Meus joelhos cederam sob o peso da multidão de sombras na margem.

— Ele está me usando para atrair vocês para o Alcalah — eu disse. — Vocês têm que fugir.

Efra me encarou.

— O Herdeiro de Nizahl sabe que você é uma Jasadi? — E então, com uma acusação fulminante: — E você concordou em ajudar a serpente prateada a nos atrair para a morte?

— Alguém vai pegá-la? Precisamos ir! — gritou um arqueiro do outro lado.

O desgosto de Efra me encheu de vergonha, e a vergonha era uma velha amiga. Meu coração desacelerou.

A Passagem Meridiana vibrou. Novos gritos alertaram os Urabi. Alguns ergueram os seus arcos; outros, as suas mãos. Girando pelo suprimento finito de magia à sua disposição.

Como uma nuvem negra se espalhando pelo horizonte, centenas de soldados de Nizahl marcharam em direção à Passagem Meridiana. Um objeto com três pontas de lança afiadas pousou perto do meu pé. A corda na outra ponta se tensionou, puxando o gancho de três pontas até a beira do penhasco e prendendo-o.

Meus lábios se entreabriram. Arin não nos havia levado a uma posição vulnerável ao escolher a Passagem Meridiana. Era uma armadilha calculada. Uma peça móvel em seu tabuleiro. Ele sabia que um ataque na Passagem Meridiana seria impossível para um inimigo resistir.

— Eles estão escalando!

Tínhamos segundos antes que nos atacassem. Esses Jasadis seriam massacrados. Eles haviam cometido crimes contra os outros Jasadis, sim, mas não cabia a Nizahl puni-los. Minha magia transbordava contra as minhas algemas, ansiosa para ajudar.

Nuvens de poeira ainda giravam em torno do cânion, garantindo-me a cobertura perfeita. Levantei as mãos, torcendo-as no ar como se apertasse um pano molhado. Minha magia se retesou. Aguardando meu comando.

— É uma armadilha! — gritei. Lancei um olhar desesperado para Efra. — Eles vão te matar!

Saber que Arin pretendia capturar esses Jasadis não diminuiu meu horror ao vê-los diante dos meus olhos. A cabeça do primeiro soldado apareceu sobre o penhasco. Os Urabi estavam sem tempo.

Eu não podia ver um Jasadi morrer outra vez. Não me sentia responsável por Adel, mas os Urabi estavam aqui por mim. Por minha causa.

Você disse "nossas terras". "Nossas aldeias". Não "os Jasadis".

Abri os braços. Um gemido agudo ecoou em meus ouvidos. Magia jorrava de mim em ondas, cada uma mais forte que a anterior. O chão abaixo de nós tremeu. A poeira explodiu enquanto as pedras desciam em cascata pela encosta trêmula.

Através da névoa, avistei Efra. O choque a imobilizara, e o Urabi que puxava seu braço parecia incapaz de movê-lo.

O chão se moveu. Com um rugido de detritos e poeira, cada lado da Passagem Meridiana se afastou. Toquei as minhas algemas. Elas queimaram os meus dedos. Minha magia... estava abrindo o cânion.

Quando olhei para trás, Efra havia sumido. Os soldados de Nizahl no cânion tropeçavam nos corpos de seus companheiros caídos, cambaleando sob a força da terra trêmula.

O alívio me inundou. Os Urabi haviam escapados.

Examinei os corpos caídos, com o coração na boca. Não vi nenhuma cabeça com cabelos loiros brilhantes ou cachos negros.

Por fim, a Passagem Meridiana parou de se mover. Agarrei a corda que o soldado havia jogado e fixei a ponta afiada no chão. Meus pés deslizaram pela lateral do cânion.

— Sylvia! — gritou Sefa. Ela e Marek estavam bem à frente, quase invisíveis do outro lado do cânion. Jeru acenou da direita de Marek. Ele devia tê-los levado para um lugar seguro.

Ah, graças aos túmulos. Exalei, pressionando a palma da mão na testa. Eles estavam vivos.

Encontrei Arin imediatamente. Em vez de cercado por seus soldados, ele estava completamente sozinho em seu cavalo. Curvado para a frente, na mesma posição de agonia em que eu o havia deixado. Como? Os Urabi haviam partido e levado sua magia consigo.

Devia ser outra força. Magia nos próprios penhascos, indetectável para todos, exceto para Arin. Ele havia mencionado o pai. E se fosse magia remanescente do massacre? Magia remanescente era rara, mas a violência das mortes ali talvez tivesse sido suficiente para deixar vestígios.

Wes passou direto por Arin, pescoço esticado em busca.

— Onde está o Comandante? — ele bradou.

Ele não conseguia vê-lo. Pelos chifres tortos de Kapastra, eu disse à minha magia para protegê-lo, e isso o tornou invisível.

Um sussurro de alarme percorreu o meu corpo. Eu havia usado mais magia do que todos os atacantes Urabi juntos. Deveria estar me sentindo exausta. Meio morta.

Corri em direção a Arin sem o menor sinal de fadiga. Agarrei seu casaco e montei no cavalo. Arrancando as rédeas de suas mãos frouxas, coloquei o cavalo em trote. Arin não reagiu, preso em seu tormento.

— Deixe-o em paz — rosnei para o nada. Minha magia pulsava. Eu

não sabia como repelir os rochedos, mas tinha uma noção razoável de como bloquear a sua influência. Minhas algemas queimavam enquanto minha magia cortava o poder insidioso que tomava Arin.

Seus músculos se soltaram um pouco. Eu não tinha bloqueado tudo.

Deslizei um braço sobre a barriga de Arin. O outro passou por cima do seu peito, curvado para que eu pudesse juntar as mãos em seu ombro. Um abraço diagonal, por trás. Seu coração disparou sob meu pulso.

— Um, dois — contei. — Você está vivo. — Apertei meu abraço enquanto a sua respiração superficial se acelerava. — Três, quatro. Você está seguro.

Eu não sabia se ele conseguia me ouvir. Uma distração ajudaria? As ferramentas à minha disposição eram poucas, então usei a mais rápida.

— Eu era uma criança má e um eterno incômodo para os meus cuidadores. Em Jasad, nossas figueiras e tamareiras às vezes se transformavam em uma só. Os jardineiros teciam essas árvores híbridas em criações que você nem imagina. Um labirinto de galhos quase tão alto quanto o obelisco do palácio de Vaida. Eu costumava encontrar o ponto mais alto naquelas árvores e desenhar por horas. Encantava as cigarras para atacar grupos de crianças ou criava monstros de folhas para se esconder atrás dos comerciantes de frutas e assustar os seus clientes. Um menino uma vez me disse que as manchas pretas nos morangos são ovos de aranha mortas, e eu não comi um morango desde então.

O subir e descer do seu peito começou a se equilibrar. Encorajada, continuei:

— A mulher que me criou depois da queda de Jasad é a razão pela qual não tolero o toque. — As palavras ficaram presas na minha garganta, sem vontade de sair. Envergonhada. — Sinto falta dela, às vezes. Ouço a voz dela, repreendendo-me. Ou me provocando, me guiando em perigo. Eu a ouço mais do que à minha própria mãe. Cinco

anos de terror e dor, e ainda tenho a coragem de sentir a *falta* dela.

Uma mão enluvada deslizou sobre a minha. Levei um susto e corri para retirar os braços. Arin apertou ainda mais.

— Não.

Depois de alguns minutos, relaxei. Encostei a bochecha no casaco dele. Ele carregava seu cheiro, uma mistura maravilhosa de tinta e chuva. Minhas pálpebras se fecharam.

Ah, o cansaço. Afinal, eu não era imune a ele. Era um prazer compartilhar uma experiência Jasadi tão pequena, mas universal.

Devo ter cochilado nas costas de Arin. Quando abri os olhos, tínhamos saído do cânion e dezenas de soldados nos cercavam. A expressão de Arin era cuidadosamente inexpressiva. O medo me revirou o estômago. Nada de bom jamais acompanhava o distanciamento de Arin.

Ele girou o pulso sem se virar para mim. Os soldados partiram, espalhando-se como formigas no deserto. Desmontamos.

— A magia dos atacantes moveu o cânion. Afastou-o ainda mais e soltou os meus soldados, permitindo que os Urabi escapassem. — Sua voz era monótona. — Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Se você planeja pendurar seu anzol na água — eu disse com veemência —, seria bom informar sua isca.

— Temos um acordo. — Sua ameaça foi quase ofuscada pela condescendência com que foi proferida.

— Eu ainda estou aqui, não estou? — Abri os braços. — Se eu quisesse ir com eles, teria ido. Eu disse que competiria por você, não que te ajudaria a pegá-los.

Eu havia baixado a guarda tolamente, esquecendo quão repentina e profundamente o comportamento gélido de Arin podia cortar. Ele puxou a ponta da minha mágoa e a deixou em frenesi. Dei um passo, aproximando-me do Herdeiro.

— Você tem razão. Você não é seu pai. Rawain é cruel por natureza, mas você? — Levantei o queixo, perfurando-o com toda a força da minha ira. — Você é cruel por escolha.

CAPÍTULO 25



Os soldados carregaram os corpos dos mortos para Orban após o anoitecer.

Wes e Jeru me levaram direto ao Pavilhão dos Campeões. Cinco casas, construídas a quatrocentos metros uma da outra, formavam um semicírculo solto. Cada casa tinha uma cozinha, um banheiro e dois dormitórios. A realeza ficava no castelo do Rei Murib. O Pavilhão era preparado para os Campeões a cada três anos e abrigava os depósitos de grãos de Orban no restante do tempo.

Ao contrário dos Lukubis, os Orbanianos rejeitavam qualquer extravagância. No início da história do Alcalah, eles tentaram forçar os Campeões a permanecerem em tendas.

O musgo obscurecera completamente a quinta casa. Trepadeiras cobriam a antiga morada do Campeão Jasadi. A casa era uma praga no Pavilhão do Campeão para alguns, uma lembrança incômoda para outros.

Guardas de Omal e Lukub se aglomeraram no círculo fechado ao redor do Pavilhão. Os soldados de Nizahl se separaram de nós, juntando-se às fileiras. A tentativa de Soraya de me matar durante o Banquete claramente motivou Arin a reestruturar as minhas proteções. Passei por nada menos que vinte soldados parados na frente da casa. Soraya e os outros precisariam escapar de várias camadas de segurança para chegar até mim.

Na casa da Campeã de Nizahl, pendurei as roupas que precisaria para os próximos dias. Sefa havia criado um vestido espetacular para o

Baile dos Vitoriosos. A celebração de elite para o Campeão vencedor acontecia na noite após o terceiro teste.

Será que eu teria a chance de usar este vestido? Qualquer um desses testes poderia ser o meu último. Embora alegassem que a morte não era o padrão no Alcalah, anos anteriores indicavam o contrário.

Algo se estilhaçou lá fora. Antes que eu pudesse pensar, estava encostando a parede nas minhas costas e me agachando atrás do guarda-roupa. Minha mão encontrou o meu coração.

Um, dois. Estou viva. *Três, quatro.* Estou segura. *Cinco, seis.* Não vou deixar que me peguem.

— Desculpe! — gritou Jeru ao longe. Expirei bruscamente, caindo da minha posição agachada. A mulher Mufsid, Soraya, a Urabi. A série de encontros com a morte finalmente estava me alcançando. Eu estava destinada a passar a vida esperando a próxima rede me levar embora?

Contei os meus batimentos cardíacos e finalmente saí de trás do guarda-roupa no número sessenta e sete. Sefa e Marek entraram logo depois com bandejas para o jantar. Eles estavam posicionados com o restante da equipe de viagem dos Campeões, então não os veria de novo até depois do primeiro teste. Supondo que eu sobrevivesse, é claro.

Mal conseguia ouvir a conversa deles.

— Acho que preciso dormir — disse eu, interrompendo o discurso de Marek sobre a falta de coordenação motora de Jeru. Aparentemente, a xícara quebrada era a favorita de Marek.

Sefa franziu a testa.

— Marek, nos dê um momento.

Recostei-me no colchão duro. Já sentia falta dos travesseiros luxuosamente macios e da cama de penas do Palácio de Marfim.

— Sefa, se você vai me dar outro discurso sobre aventuras...

— Não é por escolha.

Parei de me preocupar com a atrocidade que Orban chamava de

travesseiro. Sefa falou com uma solenidade incomum:

— O que não é?

— Eu ouvi você na Passagem Meridiana. Você disse ao Arin que ele era cruel por escolha, mas Sylvia, não é escolha.

Típico Nizahlano da parte dela falar assim.

Os meus pensamentos devem ter se revelado na minha carranca. Ela bufou.

— Eu estudei com o Herdeiro. Tínhamos anos de diferença, e eu raramente o via. Mas todos na escola tinham um pai ou mãe importante na Cidadela, e as crianças escutam. O Herdeiro nunca saía ileso. Sua mãe era uma mulher nervosa, obcecada em proteger o filho, então nenhum de nós entendia como ele conseguia quebrar ossos constantemente. Ouvi de um amigo do irmão de um amigo que, aos dez anos, Arin havia se recuperado de sua primeira facada.

— *Primeira* facada? — perguntei baixinho. Pelas barbas abençoadas de Rovial, o que estava acontecendo nas muralhas da Cidadela? — Quem?

— Assassinos, talvez? Só podemos especular. — Sefa suspirou. — Um passado doloroso não é desculpa. Eu jamais defenderia o Herdeiro de Nizahl para você. Mas eu queria que você soubesse, porque... a maneira como ele olha para você às vezes. Como se você fosse um penhasco com uma queda fatal, e a cada dia você o aproxima mais da beira.

— Ele acredita em magia-loucura. Jasadis nunca serão pessoas para ele. Ele sempre achará que é só uma questão de tempo.

Mas enquanto eu dizia isso, uma conversa diferente veio à minha memória.

Construímos a nossa realidade sobre a base que o mundo estabelece para nós.

Sefa deu um tapinha no local ao lado da minha mão e saiu. Deitei-

me na laje de tortura que o Rei Murib achou por bem chamar de cama e me entreguei a pensamentos, uma atividade que geralmente evitava com grande esforço. Minha mente não era um lugar para parar para apreciar as vistas, mas o discurso de Soraya sobre espelhos e memórias continuava a me atormentar. Ela havia mentido sobre tanta coisa. Deveria saber que não deveria acreditar em nada do que ela dissesse.

Ouvi uma batida na minha porta. Reconheci a batida cautelosa e me sentei.

— Entre.

Acenei para Arin entrar quando ele se demorou na soleira, e ele fechou a porta atrás de si. Nós nos olhamos por um instante interminável, cada um avaliando a atmosfera. Afastei da cabeça o que Sefa havia me dito. Gostaria que importasse, mas não importava. Não podia julgar um Arin que nunca conheci. Essa versão era o único Arin à minha disposição, e só ele seria julgado aos meus olhos.

Ele falou primeiro.

— Deveria ter avisado que estava esperando a emboscada. Eu conhecia os limites da sua lealdade e escolhi ir além mesmo assim.

Estreitei os olhos. Ele estava se desculpando? *Comigo*?

— Meus soldados não os teriam matado. Eles foram instruídos a levá-los a Nizahl para julgamento.

— Por favor — eu disse. — Eu o respeito demais para pensar que você seria tão tolo a ponto de acreditar que esses são dois destinos diferentes.

Não consegui reacender as mesmas chamas de fúria. Esta noite poderia muito bem ser a minha última, e não queria passá-la com tanta raiva quanto passei o resto dos meus dias. Um pedido de desculpas era mais do que eu poderia esperar.

— Sinto muito por Ren. — Apesar da minha antipatia pelo guarda, ele havia sido leal a Arin.

— Eu também. — Arin fechou os olhos por um segundo. Eu me perguntei se estava vendo os outros soldados que Soraya havia matado. Adicionando Ren à sua lista de fracassos.

— Não me arrependo de interferir. Você não pode me pedir para ajudá-lo ativamente a capturar Jasadis. Minha única função nisso é competir no Alcalah.

Arin franziu a testa.

— Eu não pedi sua ajuda. Era para prosseguir sem o seu envolvimento.

Meus lábios se separaram, sem fôlego devido ao golpe. Ele esperava que eu fizesse o que faço de melhor: ficar de braços cruzados. Talvez eu tivesse feito isso, se as flechas não tivessem colocado Marek e Sefa em risco. A maioria das pessoas temia o que eles eram capazes de fazer, mas eu... eu estava começando a temer o que eu era capaz de ignorar.

— Então você não está mais bravo?

Ele deu de ombros.

— O poder que você demonstrou encorajará os Urabi a usar todos os recursos para capturá-la. Quando voltarem, estarei pronto.

Ele não deu mais detalhes, e eu não pedi. Não importava o que a voz dentro de mim insistisse, essa não era minha batalha. Eu não permitiria que fosse.

— Sylvia. — Havia um tom estranho na maneira como ele disse meu nome. — Você me ajudou na Passagem. A magia poderia ter me enlouquecido se você não a tivesse impedido.

— Arin — repeti o nome dele. — Você é mais mesquinho com a gratidão do que com os elogios. Só diga obrigado.

Arin me presenteou com um de seus raros sorrisos. Meu estômago se contraiu e levei um tempo enorme para desviar o olhar da sua boca. Ele deveria saber que não deveria compartilhar seus sorrisos comigo. Eu

deveria saber que não deveria desejá-los.

— Obrigado — ele disse baixinho.

Raramente a sorte me colocava em posição vantajosa, e eu não queria desperdiçar essa oportunidade. Eu não havia me esquecido do estado agonizante de Arin na Passagem.

— Como você consegue sentir a magia?

No mundo de Arin, informação era uma transação. Ele não a dava de graça e, sem dúvida, nunca a desperdiçava. O preço por essa informação era proibitivamente alto. Eu não tinha nada para trocar por ela. Não tinha segundas intenções para ajudá-lo na Passagem, mas Arin dormiria melhor se soubesse que eu o ajudei, antecipando esse momento. Apenas mais uma troca material, longe dos caprichos da emoção.

Ele assentiu para si mesmo, como se estivesse preparado para a minha pergunta.

— Vou satisfazer sua curiosidade, Suraira.

Ele se sentou na cadeira em frente à cama. Com a lua projetando sombras em metade do seu rosto, as costas retas e as mãos enluvadas sobre os braços da cadeira, ele era o sonho de qualquer artista.

— Como Herdeiros, herdamos os inimigos e as dívidas do nosso pai. Sou filho único do meu pai. Eu representava uma moeda de troca emocional inestimável para os seus inimigos. A Cidadela era bem protegida, e minha mãe raramente saía do meu lado. — Arin virou a face para a janela. Seus olhos se dissolveram ao luar, rodopiando em suas cores. — Quando eu tinha dois anos, meu pai executou um comerciante Jasadi considerado culpado de encantar as armas dos dissidentes Nizahlanos nas aldeias mais baixas. Houve um protesto de Malik Niyar e Malika Palia. Eles queriam que ele fosse punido em Jasad. Duas semanas depois, uma musrira passou por nossos guardas e entrou no meu quarto.

Eu implorara a Dawoud para me apresentar a um musrira quando era criança. A maioria da magia jasadi não demonstrava preferência em

como era expressa nem exibia afinidade com um uso específico. Os musriras eram uma das raras exceções. Esses jasadis possuíam a habilidade de se mover pelo espaço em espírito. Eles podiam abandonar suas formas físicas em um lugar seguro e se transportar espiritualmente para qualquer lugar que quisessem ir. Usr Jasad era protegido com unhas e dentes, mas mesmo nossas barreiras de segurança mais poderosas não conseguiam impedir um musrira.

— Ela me amaldiçoou. Acreditamos que ela pretendia que a maldição me matasse, mas minha mãe interrompeu no meio do caminho. A maldição só teve efeito pela metade. Acordei três dias depois com uma nova sintonia com a magia. Eu podia senti-la, percebê-la. — Ele se virou da janela. Uma mecha de cabelo prateado se soltou em sua têmpora. — Drená-la temporariamente.

— Você disse... uma vez me disse que a minha magia era forte. Se te dói me tocar agora, quando mal consigo usar uma fração dela, o que aconteceria se a minha magia fosse liberada?

Arin ergueu o queixo, impassível diante da pergunta. Deve ter lhe ocorrido logo após os eventos na Sala das Relíquias.

— Não sei ao certo o que aconteceria se toda a sua magia estivesse acessível. Eu poderia drená-la normalmente. Talvez nunca chegasse ao fundo do seu poço mágico, por assim dizer, e só pudesse drenar partes temporariamente — disse Arin. — Mas, se quer saber a minha teoria mais forte, suspeito que tocá-la enquanto você pudesse expressar totalmente sua magia me mataria.

Ele ofereceu-a baixinho, como se relatasse a presença de chuva nas nuvens. Levei um minuto para me recompor e recolher o queixo que havia caído.

— Essa é uma teoria e tanto. — Uma teoria que eu duvidava ter qualquer chance de ser verdadeira. Minha magia era poderosa, mas não a ponto de drená-la matá-lo. Que me *tocar* o mataria.

— Mais alguma coisa? — Arin apoiou as mãos nos braços da cadeira, claramente pronto para encerrar a conversa.

Os sonhos que eu tinha despencaram depois do ataque de Soraya. Eram apenas sonhos, mas em um deles...

— Seu cabelo era preto antes da maldição?

Eu poderia ter perguntado se ele lambia cascos de cavalo enlameados devido ao choque que transparecia em sua expressão. Pelas bestas chifrudas de Kapastra, será que havia um fundo de verdade naqueles sonhos?

Pensei rápido. Arin iria querer saber como eu sabia, e "eu vi nos meus sonhos" não me serviria.

— Sefa me disse que ouviu um boato na escola que vocês frequentavam juntos.

A tensão diminuiu um pouco. Ele ainda estava desconfiado, mas a minha resposta devia ter sido aceitável por enquanto.

— Entendo. — Ele se levantou abruptamente, ajeitando as barras do casaco. — Você deveria dormir. Eu vou acompanhá-la ao teste amanhã.

Um final retumbante para a conversa, então. Minhas perguntas sobre o alcance total da sua maldição persistiam, mas ele me deu muito o que considerar.

— Claro. Sim. Vejo você de manhã. — Uma onda de tristeza inexplicável tomou conta de mim. Para o bem ou para o mal, amanhã seria o começo do fim. O fim de Essiya, e talvez o verdadeiro começo de Sylvia. Eu me cobri com uma reverência exagerada. — Boa noite.

Arin me observou. Meu sorriso irônico desapareceu. Eu já tinha usado mil rostos em meus vinte anos. Enganei amigos e inimigos com meus nomes falsos e sorrisos vazios. Mas às vezes, como agora, Arin me olhava de um jeito, e eu achava que ele via. Meu verdadeiro rosto, escondido sob os escombros.

Fiquei imaginando como seria.

Fiquei me perguntando por que, em um mundo cheio de monstros e magia, somente ele conseguia me ver com tanta clareza.

— Boa noite, Suraira.



Eles convocaram os Campeões ao meio-dia. Tínhamos duas horas a partir daí para chegar ao penhasco do outro lado da floresta. Os três primeiros Campeões a cruzar a Floresta de Ayume e subir até o topo do penhasco seguiriam para o segundo teste. Segui o restante dos Campeões pelo túnel úmido e sinuoso. Cada passo acrescentava uma nova onda de ansiedade. O túnel nos levaria aos limites de Ayume.

Um pouco à frente, Diya caminhava com os ombros erguidos. Gotas d'água grudavam em seus cabelos raspados. Timur e Mehti conversavam em voz baixa, e fiquei olhando para a nuca de Timur até que ele se virou. Ele acenou, apontando para Mehti com um revirar de olhos conspiratório. Eu sorri de volta.

O campeão de Lukub morreria hoje.

Alguém pigarreou incisivamente. Diya diminuiu o passo para acompanhar o meu ritmo.

— Você acha que eles têm uma aliança? — Ela acenou com a cabeça para Timur e Mehti.

Parecia mais provável que Mehti tivesse prendido Timur em uma conversa, e a polidez do Campeão de Lukub o manteve cativo.

— Por quê? Está sugerindo que você e eu formemos uma?

Diya bufou.

— Que valor uma aliança com *você* poderia proporcionar?

— Ora, Diya. Como você sabia que insultos eram o caminho para o meu coração?

Em vez de uma resposta sarcástica, Diya apertou o nariz.

— Você sente esse cheiro? — ela lançou um olhar furioso para

Timur. — Está vindo do Lukubi.

Bufei. Sua antipatia por tudo o que era Lukub não tinha limites. Da escuridão à frente, cinco degraus estreitos encerravam o túnel. Cinco degraus para cinco Campeões. Aonde quer que fôssemos, Jasad nos seguia.

Diya subiu os degraus à minha direita e Mehti à minha esquerda.

— Que possamos compartilhar a coragem dos Awaleen e nos vermos outra vez com alegria — disse Timur. Eu cutuquei a tela fina que cobria a abertura, subindo até o degrau superior. Os outros Campeões copiaram minha posição, com as palmas das mãos pressionadas contra a tela.

— Por Baira! — berrou Timur, e saltou através da lona. Um raio de sol inundou o túnel a partir da nova abertura.

— Por Kapastra! — Mehti gritou, desaparecendo atrás dele.

Diya e eu nos entreolhamos em silêncio, em um entendimento mútuo. Afastei uma ponta da lona e espiei ao redor. Como não encontrei nenhum animal ou ameaça à espreita, acenei para Diya.

— Você gostaria de se atirar dramaticamente primeiro, ou eu devo?

— Espero que Ayume goste de ar — disse ela. — Ele encontrará bastante entre as orelhas deles. — Diya puxou os joelhos até o peito e se arrastou pela abertura.

Contraí o estômago e me levantei. O sol brilhava no céu, queimando as minhas bochechas. O clima agradável contrastava com o cheiro que invadia meu nariz. Doce decadência com um toque de podridão. Já havia encharcado muitos panos com uma substância de cheiro idêntico durante o trajeto, incluindo aquele que usei para colocar a mãe de Zeinab para dormir.

O ataque de Ayume começava com seu próprio ar.

Tínhamos permissão para levar apenas uma pequena adaga conosco. Prendendo a respiração, tirei a minha e cortei um grande

triângulo da parte inferior da minha túnica. Atei duas das pontas atrás da cabeça, cobrindo o nariz e a boca com a máscara improvisada. A proteção que ela oferecia diminuiria quanto mais tempo eu permanecesse na floresta. Racionar a respiração era fundamental.

A paisagem era idêntica aos desenhos que eu havia visto na minha primeira semana. A colina descia até um lago que corria ao longo do perímetro das árvores. A floresta se estendia como um rolo de escuridão, densa e letalmente silenciosa. Além, as nuvens cortavam nosso objetivo final: o penhasco.

Desci um degrau e quase perdi o equilíbrio. A colina era íngreme, coberta de terra solta e sedimentos. Tentei enxergar além do brilho do sol para estudar as dimensões do lago. Se ele se estendesse muito naquele ponto, eu precisaria voltar. Qualquer erro desperdiçaria um tempo precioso e me deixaria mais perto de vagar por Ayume no escuro, com os efeitos do ar azedo entorpecendo os meus sentidos.

Cravando a minha adaga no solo para me apoiar, desci a encosta em paradas e recomeços. O sol lançava diamantes brancos deslumbrantes na superfície do lago. Redemoinhos semelhantes a teias de aranha viajavam para o corpo principal da água, a superfície cintilante do lago desaparecendo entre as árvores.

Meu reflexo me encarava nervosamente. Depois do ataque dos Urabi em Essam, eu havia praticado escalar a corda contra a correnteza do rio por uma semana. Forcei meu corpo a seguir em frente, apesar da insistência indomável de Hirun. Ouvi o severo aviso de Arin como se tivesse sido dito no presente. *A magia sombria está incrustada em Ayume, e em nenhum lugar mais do que em seu lago. O lago é um vazio, com água mais viscosa que areia. Em nenhuma circunstância você deve permitir que a água a submerja por completo. Mantenha a cabeça erguida. Deixe-se afundar, e o lago jamais a libertará.*

Se não fosse pela escassez de luz do dia, eu poderia dar a volta no

lago e desistir por completo de atravessá-lo. O Alcalah testava mais do que a capacidade de terminar; a destreza física de um Campeão vinha em segundo plano, depois da capacidade de ponderar escolhas. Discernimento, Arin chamava isso. Enchendo o meu peito com o ar contaminado, fechei os lábios e entrei no lago. A água estava chocantemente fria e sugava as minhas pernas, me puxando para mais fundo. Cruzei as mãos atrás do pescoço e levantei o queixo. A água envolvia minha cintura, subindo a cada passo.

Quando a água chegou aos meus ombros, o chão desapareceu sob meus pés. Abaixei os braços e chutei, remando através da água parecida com alcatrão. O peso do lago era uma rebelião contra a lógica, e meus pulmões queimavam por ar antes mesmo de eu chegar à metade do caminho. Algo longo e escorregadio enrolou-se na minha coxa, enrolando-se na minha perna. Ele desapareceu, mas não antes de o terror encher a capacidade limitada do meu peito.

Você se esqueceu da nossa primeira lição? O pânico apaga toda habilidade, qualquer treinamento. Mantenha a calma e faça o que precisa ser feito, ordenou Hanim.

Inclinei o queixo para trás, mantendo o rosto voltado para o sol enquanto a água engolia o meu pescoço. A água endureceu. Minhas pernas se arrastavam inutilmente contra a resistência. O lago acariciava as minhas bochechas, deslizando no meu lábio inferior.

Teria sido assim que Fairel acordara depois que os cavalos pisotearam as suas pernas? Fairel, que só queria proteger as cadeiras de Nadia. Ela jamais se juntaria às jovens equilibrando potes na cabeça enquanto vagavam por Mahair. Jamais perseguiria os patos que escapavam da fazenda de Yuli ou escalaria as árvores de Essam. Fairel levaria uma vida plena, porque o seu espírito não exigia nada menos, mas não era a vida que teria tido se não fosse por Felix de Omal.

A dor latejava em meus braços entorpecidos. A magia inundou o

meu corpo, e ofeguei quando a sensibilidade retornou aos meus membros. A água se soltou ao meu redor, tornando-se maleável outra vez. Nadei, saboreando o desconforto agudo das algemas, e quase chorei ao tocar o chão firme. Cambaleei para fora do lago. Qualquer tentativa de poupar o meu fôlego foi embora enquanto eu ofegava como um cachorro no verão Orbaniano.

Eu precisava encontrar Timur. O sol se punha no céu, projetando longas sombras nas árvores. Pareciam minutos, mas eu devia estar no lago há quase uma hora.

Assim que me levantei, um pássaro estridente mergulhou em minha direção. Protegi o rosto enquanto ele rasgava a minha manga, arranhando meu braço. Golpeei-o com minha adaga e corri para as árvores, saltando sobre arbustos com trepadeiras se contorcendo como serpentes. Folhas mais afiadas que vidro choveram ao meu redor. Timur já deveria ter terminado de atravessar o lago, a menos que tentasse atravessar em um ponto mais amplo. Se Mehti e Diya chegassem ao penhasco antes de mim, Timur perderia a chance no segundo teste. Sem a minha interferência, ele não poderia acusar Vaida de sabotagem. Ele não morreria em Ayume.

Arranquei um galho preso ao meu colete, esforçando-me para ouvir os outros Campeões. Um bando de pássaros gritou enquanto voava em direção às folhas laminadas. Penas ensanguentadas flutuaram em meu campo de visão, e tropecei em um redemoinho de água separado do lago. Um coelho jazia de lado na poça rasa, envolto no vazio, exceto por um único olho aberto.

A batalha de Ayume havia deformado este território, transformando-o em uma imitação doentia da natureza. A magia pervertida de Dania saturava os poros de Ayume. A floresta Orbaniana sobreviveu como uma relíquia, um massacre vivo, mantido senciente pelo sangue dos soldados caídos de Kapastra, que corria pelas veias da

floresta.

Perdi a noção do tempo enquanto cortava a floresta. Quando as árvores rarearam, desfiz os dedos cerrados da adaga e ofeguei. A encosta branca do penhasco se erguia à frente, sua borda uma linha torta no céu. O pôr do sol ameaçava no horizonte. Será que algum dos outros Campeões já havia chegado lá? Teriam escalado o penhasco?

Apertei o pano mais perto da boca, sorvendo o ar e percorrendo a vasta linha de Ayume. Onde estavam?

— Você terminou primeiro.

Virei-me. Timur jogava uma pedra de uma mão para a outra. O suor brilhava em sua testa e suas palavras saíam arrastadas. Ele havia inalado muito daquele ar tóxico.

— Gostaria que não tivesse terminado. Gostaria que a Sua Majestade estivesse errada, só desta vez.

Essiya, afaste-se, Hanim disse de repente, com urgência. *Afaste-se dele.*

— O que você quer dizer? — perguntei. Atrás das costas, puxei a minha adaga e coloquei o polegar na base. — Você está bem, Timur?

Eu já tinha entendido. Se eu não estivesse envolvida na lama da minha consciência, a possibilidade teria sido óbvia. Vaida precisava que seu Campeão vencesse. Eu continuava sendo seu maior obstáculo. Se eu não admitisse a derrota, seria impedida.

— O que ela te ofereceu? — O céu se agarrava ao sol poente enquanto o crepúsculo pintava listras alaranjadas no horizonte. — Riqueza? Proteção? — Lembrei-me da nossa conversa no pátio. — Ela está ameaçando sua família?

Os braços musculosos de Timur tremeram. Ele tossiu, cuspindo um filete de sangue no chão.

— Minha irmã está morrendo. Os suprimentos que os químicos precisam para fazer a cura são limitados, e não temos condições de pagá-

los nós mesmos. A sultana Vaida prometeu que, se eu garantisse sua derrota no Alcalah, Maram seria cuidada.

— E quanto às riquezas concedidas ao Vitorioso? Sem dúvida tal riqueza poderia produzir uma cura para sua irmã.

Timur já balançava a cabeça.

— Não há tempo. Só há um frasco da cura disponível agora, e se você não passar para o segundo teste, minha irmã o terá esta noite.

Eu queria jogar as folhas de Ayume em Vaida, cortar as suas camadas de artifício e manipulação e jogar o que restasse para os carniceiros.

— Ela criou o problema e agora negocia para consertá-lo! A realeza tece armadilhas para pessoas como nós. Eles observam enquanto nos contorcemos e esperam gratidão quando se dignam a libertar alguns poucos de sua teia. Eu era aprendiz de químico em Omal. O químico mais importante de todo o reino. Posso ajudar sua irmã, Timur. Faremos mais frascos. Você não precisa cumprir a vontade de Vaida.

— Saber que você está em uma armadilha não torna mais fácil escapar. — Os olhos de Timur brilharam com lágrimas não derramadas. Ele se moveu para o lado, revelando uma cavidade nas pedras cinzentas atrás de si. Atirou a pedra para dentro da caverna. — Me perdoe, Sylvia.

Três pares de olhos índigo se materializaram da caverna, e um rosnado gutural sacudiu a terra.

Em algum momento, os três pesadelos que emergiram da caverna provavelmente eram vira-latas comuns. Os cães sarnentos que Fairel amava, aqueles que costumavam ficar cobertos de fuligem, encontrados farejando o lixo fumegante de Mahair. Ayume havia colocado sua maldade sobre esses cães. Baba preta escorria de mandíbulas do tamanho de pedras. Garras se projetavam de patas deformadas e dentes longos e pontudos se chocavam. Eles não deram a mínima para Timur, mas fixaram o olhar em mim.

— Diya sentiu o cheiro — percebi. Os cães se espalharam formando um semicírculo ao meu redor. Eu não tinha pensado muito nisso, reduzindo o comentário dela a mais uma alfinetada aos Lukubis. — Você se encharcou com um odor antes de entrarmos nos túneis. Isso os está mantendo longe de você.

Desviei o olhar dos cães por tempo suficiente para rosnar para Timur.

— Siga-me, Timur. Garanta que sua missão seja cumprida, porque se eu sobreviver, matarei sua irmã antes que qualquer doença o faça.

Os cães uivaram, pulando. Corri para dentro da floresta. Os remoinhos do lago se estendiam até a floresta. Se eu conseguisse encontrar um braço do lago profundo o suficiente para afogar três cães, estaria a salvo.

Timur se espatifou nos arbustos atrás de mim. O sol se despediu do céu, os últimos raios de luz desaparecendo na correria do entardecer.

Os instintos que aperfeiçoei nas corridas com os olhos vendados em Essam se aguçaram com meu rancor. Arin me preparou para ter sucesso quando todas as condições exigiam o contrário. Eu não seria derrotada por uma matilha de cães em Orban.

Meus músculos ficaram letárgicos enquanto eu respirava fundo. Os cães mordiam meus calcanhares, seus latidos estridentes irritando meus ouvidos.

— Essiya, desça daí! Você vai se machucar!

Por pouco não tropecei em uma raiz enorme.

— Dawoud? — gritei.

As vozes ecoavam ao meu redor. Ayume ou minha magia? *Por que você faz isso? Sempre se afasta?*, perguntou o vento na voz de Fairel.

Cada membro do meu corpo queimava. Eu queria desabar, descansar por um tempo, apenas um momento no solo macio. Virei para a direita. Atrás de um aglomerado de ninhos abandonados, surgiu uma

parte do lago.

Mais alguns instantes e eu teria chegado lá. Mas, na minha ânsia, aventurei-me perto demais de um arbusto magro. Um galho se enrolou no meu tornozelo, quase me jogando no chão. Puxei, e o galho se apertou. Tentei subir na árvore atrás do arbusto e cortei a palma da mão contra a casca pontiaguda. Fui pega depressa.

Os cães irromperam pela direita, Timur logo atrás. Seus focinhos se abriram em um sorriso macabro, e Timur virou a cabeça.

— Adeus, Sylvia.

Minhas algemas esquentaram.

— Se você vai me matar — eu disse com raiva —, tenha a decência de me olhar nos olhos.

Estalei os dedos.

Os cães congelaram no meio do salto, seus olhos índigo odiosos fixos nos meus. Minha magia arrancou o galho do meu tornozelo, mas o sofrimento do meu corpo também afetou a minha magia. Tropecei com a liberação e me segurei na árvore.

— V-você — Timur ofegou. Ele caiu de joelhos, o efeito de me perseguir evidente em seus traços abatidos. O ar o colocaria para dormir muito antes que ele pudesse chegar ao penhasco, ainda mais escalá-lo. — Jasadi.

Uma parte de mim insistiu que eu deixasse Timur dormir. O cheiro que repelia os cães não duraria muito, e eles o comeriam vivo. O mesmo destino terrível que ele reservara para mim. Com a magia aquecida dentro do meu corpo debilitado, forcei as imagens de Sefa e Marek a substituírem os cães. Ignorei o mal que se agitava naquela floresta e me cerquei dos jarros meticulosos da loja de Rory e do calor da fortaleza de Raya. Essas eram as exceções à minha regra de *tristeza, raiva e medo*, mas seu efeito sobre a minha magia era o mesmo.

— Eu lhe concederei um fim melhor do que aquele que você

planejou para mim.

Estalei os dedos. Uma pedra se chocou contra a lateral da cabeça de Timur, e seus olhos arregalados ficaram vazios. Uma das patas dos cães tremeu. Não conseguiria manter minha magia por muito tempo.

Contornando os cães, procurei o pulso de Timur na garganta e gemi quando senti um batimento fraco contra meus dedos. A cauda bifurcada de um cão balançou.

Tirei o casaco de Timur dos ombros dele e o vesti. Deveria ter sobrado cheiro suficiente para impedir que os cães me seguissem. Convoquei os últimos traços da minha magia em declínio e empurrei a palma da mão para fora.

O corpo inconsciente de Timur flutuou, passando pelos cães e sobre o arbusto. Meu braço tremeu com o esforço de manter minha magia. Ele precisava ser baixado no ângulo correto, ou esse esforço seria uma misericórdia desperdiçada.

O calor deixou minhas algemas e o corpo de Timur caiu como uma pedra. Ele não espirrou ao impactar a água. A água o cobriu avidamente, centímetro por centímetro. O lago engoliu o Campeão de Lukub com um suspiro. A superfície ondulante ficou lisa. Outra vida digerida na barriga de Ayume.

Cambaleando na direção do penhasco, o mundo se inclinou e girou. Cerrei os punhos e gemi com a pontada de dor resultante na palma da minha mão direita. Uma umidade pegajosa escorreu pela minha manga. Levantei o braço, evitando por pouco outro galho serpenteante.

Uma gosma cor de âmbar grudava no centro da minha palma, escorrendo pelo meu punho. A pele embaixo borbulhava com gotas rosadas de sangue.

O aviso de Arin. *No futuro, evite tocar nas árvores enquanto corre. Até mesmo a seiva em Ayume pode matá-la.*

— Que você apodreça eternamente em seu túmulo, Dania — cuspi.

Ser aprendiz de Rory não vinha sem seu conhecimento amaldiçoado. Embora Rory criasse curas em áreas onde poucas soluções existiam, mesmo ele raramente se preocupava com veneno. Pela dor que se espalhava pelo meu braço, julguei que tinha menos de vinte minutos antes que a seiva imobilizasse todo o meu corpo.

Uma corda pendia do penhasco, a ponta desfiada roçando meu ombro. A face íngreme da rocha zombava de mim. O penhasco cortava o céu noturno como uma lâmina de escuridão. Pressionei minha testa contra a pedra em ruínas e fechei os olhos. Os dedos da minha mão direita já doíam ao dobrar. Se meu braço desistisse no meio da escalada, talvez eu conseguisse me pendurar na corda por tempo suficiente para que o ar terminasse sua tarefa e me levasse ao sono. Pelo menos assim eu não estaria consciente quando caísse para a morte.

Tirei o casaco de Timur e me icei na corda. Dobrando as pernas, me empurrei para fora do penhasco e usei o impulso do balanço para começar a escalada. Agarrei a corda com uma mão na parte de baixo e a outra em cima. Enrolei os nós dos dedos da mão de baixo na corda para fazer alavanca, enquanto a de cima me puxava para cima; um velho truque de Hanim para evitar deslizar. O padrão se manteve; empurrei-me da lateral do penhasco e subi trinta centímetros, trocando a mão de baixo a cada poucos minutos. Tentei pensar em Fairel ou Rory, Sefa ou Marek. Qualquer coisa para revigorar minha magia. Mas meus braços doíam e meus olhos lutavam para permanecer abertos. A seiva bombeava seu veneno através de mim, competindo com a fadiga para ver qual deles me mataria primeiro.

Em vez de alguém querido, pensei em Soraya.

Eu a adorava por completo. Chorei por sua morte muito depois que as lágrimas pelos meus avós secaram. Ela também me amava. Mas o ódio... o ódio que envenenava mais do que qualquer seiva, que apodreceu Soraya e deixou para trás a mulher que me esfaqueou em

Lukub.

Um vento repentino me jogou para o lado. A corda me catapultou para o penhasco. Bati nas pedras e perdi o equilíbrio, escorregando por alguns segundos vertiginosos antes de me recompor. O atrito da corda rasgou as minhas palmas, cobrindo os meus antebraços de sangue.

Balançando suavemente, tentei avaliar o quanto ainda havia para escalar.

— Você nem chegou na metade — disse uma garotinha à minha direita. Eu me sobressaltei, as fibras da corda cravando-se em minhas mãos em carne viva. A garotinha pendia de uma segunda corda, me olhando com desgosto.

Não é real, disse Hanim. *É a magia da floresta.*

— Eu não sou a magia da floresta. Sou sua — ela reclamou. — Depressa. Você tem alguns instantes.

— Essiya — eu sussurrei.

— Essiya — ela respondeu. — Ou Sylvia, suponho, que não é o nome que eu teria escolhido. Você nos deu o nome da mãe de Soraya. Um pouco estranho, não é? — A garota girou na corda. — Por que você está me mantendo presa? Nós vamos morrer.

— Eu não estou te mantendo... — Tossi, apertando os joelhos em volta da corda para não escorregar mais para baixo. — Tem algemas bloqueando a minha magia.

Essiya bufou. Ela se contorceu, pendurada de cabeça para baixo.

— Você me usaria sem as algemas? Você nunca faz isso em seus sonhos. Nós apenas observamos nossa mãe e todos queimarem.

— É claro que sim.

— Eu acho — continuou Essiya, e, pelo túmulo maculado de Rovial, eu tinha mesmo sido um incômodo quando criança? — Acho que mesmo que sua magia estivesse livre e você tivesse todas as vantagens para recuperar nosso reino, ainda assim não salvaria Jasad. Você está contente

em viver nos arredores da terra de outras pessoas, uma vagabunda em tudo, menos no nome. Culpa Hanim por endurecer o seu coração, mas ela está morta. Seu coração pertence a você outra vez, e você se recusa a entregá-lo a Jasad. É por isso que Soraya nos quer mortas.

Percebi tardiamente que as minhas algemas estavam presas em meus pulsos. Minha magia se espalhou pela minha pele, anestesiando os piores efeitos do veneno. Retomei a minha escalada.

— Você é ousada para uma alucinação — retruquei. — Há outros capazes de liderar Jasad melhor do que eu. O que tenho além de um nome real?

Essiya acompanhou o ritmo, escalando junto comigo. Minhas mãos eram pouco mais que carne crua, mas o formigamento da minha magia impediu que a agonia paralisasse a minha subida.

— O que mais você precisa? — Essiya rebateu. — Os Mufsids e os Urabi juntos não têm um décimo do poder que você tem. Mesmo assim, eles lutam. Os Jasadis escondidos em Lukub, Orban, Omal e até em Nizahl... lutam. Poder é uma escolha, Sylvia. Quando se escolhe por quem está disposta a lutar, você escolhe quem você é.

— Mesmo que eu não vença? Mesmo que eu seja uma onda insignificante em um oceano de resistência? Há todas as chances de eu viver uma vida pacífica e mundana como Sylvia. Nada é garantido para Essiya. Nem uma vida boa, nem vitória, nada. — A borda saliente do pico do penhasco surgiu. Resmunguei, contraindo o estômago enquanto me balançava em direção à encosta. Chutei a superfície dura, fazendo as pedras rolarem lá embaixo. — Eu deveria abrir mão da certeza, abrir mão de Sylvia, por uma legião de Jasadis sem rosto?

Alcancei à beira do penhasco, mas errei por centímetros. Mais um balanço, mais um puxão. Um leve toque no meu pulso me fez desviar do meu destino. Essiya se materializou na minha frente, e nos agarramos à mesma corda. Olhos negros como os de Kitmer me fitaram.

— Todas as suas escolhas exigem sacrifício. A questão é: o que você está disposta a perder?

Essiya soltou a corda, caindo na escuridão. Minha magia diminuiu com o desaparecimento dela, e um grito escapou dos meus lábios com a sensação renovada nas minhas palmas. Com um grito gutural, eu me puxei para cima no último metro, enganchando meu braço na borda do penhasco. Eu enfiei a adaga na terra e me arrastei para terra firme. Assim que meus joelhos tocaram o chão, eu me afastei rastejando da queda íngreme e descartei a adaga. Meu sangue deixou manchas no punho.

Uma pausa. Eu expirei, arrancando o pano de trás da minha cabeça. Minha magia recuou ainda mais, expondo-me a uma agonia intensa.

Inúmeras luzes queimavam meus olhos. Milhares de rostos se moviam na minha periferia, mas nenhum era o que eu queria. A multidão reunida me encarava boquiaberta.

— A Campeã de Nizahl se junta aos campeões de Orban e Omal no segundo teste! — anunciou o locutor.

A multidão explodiu.

Os aplausos foram abafados, as cores dos espectadores reduzidas a pontos em movimento em uma paisagem que escurecia depressa. Uma figura alta surgiu dos pontos frenéticos.

— Sylvia? — chamou Arin. Sua voz baixa era o melhor som que eu já ouvira. O Comandante praguejou. — Peguem a tela!

Costurei as palavras que precisava e levantei a palma da mão.

— Seiva — grasnei. — Por vinte minutos.

O resto da minha magia se dissipou e me afundei no peito de Arin. Os braços do Herdeiro de Nizahl me envolveram, e percebi vagamente que ele estava gritando, mas eu já não me importava mais. Ele era quente e forte, e cheirava à chuva que nunca caía em Ayume.

Inspirei Arin, a minha cabeça pendendo sobre a curva do seu braço enquanto o ar de Ayume finalmente me fazia dormir.

CAPÍTULO 26



— Eu agradeceria muito se você parasse de tentar se matar — disse Sefa quando acordei. O médico se sobressaltou na cadeira e correu para o meu lado. Minhas palmas estavam enfaixadas com força, mas a pior sensação era o gosto ruim na boca. Eu ainda estava em meus aposentos no pavilhão, então não devia ter dormido muito. Um dia, no máximo. Dobrei os dedos dos pés e me espreguicei, aliviada quando os meus músculos obedeceram. Devo ter expelido o veneno mais rápido do que meu corpo o absorveu.

— Sabe, expressei o mesmo sentimento para Ayume — eu disse, dando um tapa nas mãos do médico e me sentando ereta. Ofendido, o médico correu até sua maleta e saiu apressado do quarto. — Onde está Marek?

— Ele foi patrulhar com alguns soldados — respondeu Sefa. — Para alguém que odeia o exército de Nizahl com tanto vigor quanto Marek, ele sem dúvida é capaz de conquistar a simpatia dos soldados.

Sorri para Sefa até que a angústia tomou conta da expressão da outra garota. Ela provavelmente pensou que eu sofria de algum problema mental.

— Você e Marek não entrarão em Nizahl. Eu me certifiquei disso — eu disse. — Vaida ficará descontente, mas tenho uma ideia para garantir que ela não revide.

— Como se certificou disso? — No mesmo instante, as suas sobrancelhas se franziram, formando as seis colunas de estresse de Sefa em sua testa.

— Eu não matei nenhuma criança chorona, Sefa — eu disse. Timur já era um adulto quando o afoguei. — O que importa agora é que você e Marek podem ficar em Omal após o segundo teste sem precisar nos acompanhar até Nizahl.

Sefa, juntando as peças da morte do Campeão de Lukub e sua recém-conquistada liberdade de Nizahl, não compartilhava da minha empolgação.

— E como exatamente você planeja impedir Vaida de cumprir a sua ameaça? Perdão não é uma virtude compartilhada por muitos membros da realeza.

— O símbolo dela — eu disse. Ver o anel de Vaida abrir as portas de seu perturbador quarto subterrâneo havia plantado a semente. Meu acordo com Arin era bom e sólido, mas nenhum plano estaria completo sem uma contingência. — Precisarei da sua ajuda e da de Marek para roubar o selo da Sultana no palácio de Omal. Podemos usá-lo para negociar a nossa segurança.

Uma batida na porta interrompeu a resposta de Sefa. Ela se endireitou, seu olhar petrificado colidindo com o meu.

— Entre! — gritei. — Sefa, o que foi?

A porta se abriu e o meu pescoço se arrepiou. Um pressentimento sinistro chegou segundos antes de eu ouvir a sua voz.

— Nossa Campeã enfim acordou — disse o Supremo Rawain.

O eixo do meu mundo parou bruscamente. Um estilhaço silencioso ecoou na minha cabeça.

Um homem com um bastão com cabeça de corvo senta-se perto de uma mulher afogada em suas vestes Nizahlanas. Uma senhora mais velha, com olhos castanhos suaves, fica olhando para mim e depois desviando o olhar. Teta Palia disse que ela era a Rainha de Omal e que eu não deveria falar com ela. Do outro lado da mesa de carvalho, Gedo Niyar me entrega um doce de gergelim. Teta coloca a mão no meu joelho para impedir que minhas pernas inquietas chutem.

Eu quero ir para casa. Dawoud disse que me levaria a Har Adiween para que eu pudesse escalar as árvores dançantes. Olho ao redor da mesa. Algo importante está sendo discutido, provavelmente. Volto a olhar para o bastão com cabeça de corvo. Será que me deixariam segurá-lo?

O homem de violeta e preto me chama a atenção. Ele pisca.

A mesa explode.

Pendurar-me na corda em Ayume não era nada, *nada* comparado à guerra travada dentro de mim. As minhas algemas se transformaram em grilhões de fogo em volta dos meus pulsos, represando a magia que clamava por violência em mim. Sangue. Lágrimas furiosas se acumularam nos cantos dos meus olhos. Ferro encheu a minha boca enquanto eu mordia o lábio inferior. Eu não estava pronta.

Virei a cabeça.

Milhares de Jasadis acompanhavam o Supremo. Seus contornos sombrios, deformados, lúgubres, se dobravam no cetro ao seu lado.

Minha memória havia prestado um desserviço ao Supremo Rawain. A idade havia deixado um toque conservador em seus traços bonitos e constituição física poderosa. Ele era mais baixo que seu filho, mas mais alto que eu. Mechas grisalhas marcavam o cabelo em suas têmporas.

Seus olhos. O mesmo tom não natural que encontrou o meu no dia em que perdi tudo. O dia em que ele roubou meu mundo. Tão imaculados pelas armadilhas da compaixão ou bondade como estavam na Cúpula.

Meu estado de cama tinha uma vantagem: ele não questionaria por que eu não me ajoelhava, e eu não precisava explicar que cortaria minhas pernas antes de me ajoelhar diante dele.

O Supremo Rawain entrou no quarto. Enquadrado na porta, o olhar indecifrável de Arin seguia seu pai.

— E então? Como ela está? — perguntou o Supremo.

O médico recuou, pigarreando.

— Excelente, Vossa Alteza. O veneno passou sem efeitos colaterais, e o pior dano foi nas palmas das mãos.

Rawain bateu palmas.

— Maravilhoso. Você nos deu um susto, Sylvia. Admito que tinha reservas quanto à escolha de Arin para uma Campeã, mas você sem dúvidas correspondeu à visão dele. — Ele riu, e o som deslizou como óleo viscoso sobre a minha pele. — Meu filho tem relutado em nos apresentar. Temendo que eu a intimidasse. — Ele ergueu as sobrancelhas para um Arin impassível. — Viu? Ela é mais resistente.

Eu tremia com o esforço de conter a minha magia. Ela me atingia repetidas vezes, com raios carbonizando seu frágil receptáculo. O suor escorria pela a minha testa. Eu precisava falar. Meus dentes estavam grudados, e eu tinha a terrível sensação de que eles estavam me protegendo do que poderia sair da minha boca se desarticulasse o maxilar.

Rawain não pareceu se importar com o meu silêncio ou com a incapacidade de desviar o olhar do seu peito.

— Já que você está se sentindo melhor, insisto que se junte a Arin e a mim para jantar esta noite.

— Partiremos para Omal ao amanhecer — disse Arin, enfim falando. — Ela precisa descansar.

— E ela descansará — disse o Supremo Rawain. — Depois do jantar.

Minhas algemas se apertaram, resistindo desesperadamente ao ataque da minha magia. Em um piscar de olhos, Arin estava entre nós.

— Vou mandar os guardas levá-la. Devemos ir; o Rei Murib está nos esperando.

Eu queria empurrar Arin para o lado e atacar. Arrancar a garganta que vomitava veneno, esmagar a cabeça que moldava sua coroa nos restos chamuscados do meu reino. Como ele ousa entrar aqui e falar

comigo? Elogiar os meus esforços por ele?

Tristeza. Raiva. Medo. Um poço de escuridão alimentava a minha magia, e escolhia qual mão ajudar – e qual ignorar. Cuidava de Jasad e daqueles que eu amava, mas me observava alegremente gritar sob a boca aberta de uma fera ou o chicote de Hanim, sem se mexer.

Não é de se espantar que a minha magia nunca tenha me ajudado. Ela me odiava tanto quanto eu me odiava.

— Então, vamos. Não posso tolerar mais uma visita ao seu banal depósito de armas — disse o Supremo. Ele ergueu o queixo em desdém. — Quem roubaria das cabanas e casebres Orbanianos?

A voz de Rawain se moveu em direção à porta. Eu estava com as duas mãos agarradas ao cobertor.

— Cure-se rápido, Sylvia. Mal posso esperar para conhecer uma Campeã tão digna.

Assim que a porta se fechou atrás deles, desabei da cama. Dobrei-me, envolvendo a cintura com os braços. O furacão da minha magia rugiu. Me carbonizando até virar cinzas, assim como o resto do meu reino.

Não era isso que você queria? A voz gentil, porém severa, de Niphran substituiu a de Hanim. *Você queria ser esquecida. Desconhecida, irreconhecível. Você conseguiu. Não passa de Sylvia, a Campeã de Nizahl.*

— Sylvia? — Sefa colocou uma mão hesitante entre as minhas omoplatas.

— Não me toque! — Cada centímetro da minha pele pulsava, como se pudesse se desfazer para criar um novo e melhor eu por baixo.

Vários pares de passos se aproximaram. O murmúrio dos guardas me atingiu. O médico – ou talvez Jeru – estendeu a mão para mim, apenas para parar de repente com meu recuo trêmulo.

— Eu disse para não *me tocar*!

— Deixe-a. — Marek.

— Agora — acrescentou Sefa.

O barulho diminuiu e a porta se fechou atrás deles com um ruído agudo. Rasguei os curativos em volta das minhas mãos, revelando palmas perfeitamente curadas. Eu não precisei do toque de Arin para trazer minha magia à tona desta vez.

Ótimo. Rawain gosta de sua propriedade em condições impecáveis, zombou Hanim.

Coloquei os meus braços em volta da minha cintura e me balancei.



Na raiz de todo o caos está a razão. Era um conforto que Dawoud compartilhava comigo quando eu estava especialmente assustada ou com raiva. Ele foi criado em Ahr il Uboor, uma wilayah com uma população de setecentos habitantes e, segundo ele, mais histórias fantasiosas do que sensatas.

Mas o erro da minha existência era um caos que minha mente não conseguia compreender. Quatro reinos que viviam em harmonia com Jasad há milhares de anos decidiram nos invadir e nos reduzir a escombros. Devemos ter feito algo para merecer isso. Devemos ter merecido o destino que nos sobreveio. Certo?

Tremi no canto e pressionei a minha testa na parede.

Por centenas de anos, Jasad extraiu a sua glória das vidas que arruinou.

Todo mundo falava da fortaleza, Sylvia. Ela permitia que Jasad fizesse o que bem entendesse.

… é hora de o sol nascer sobre Jasad, Essiya.

Porque se não merecêssemos o nosso destino, eu não poderia suportar a alternativa por muito mais tempo.

Quando a porta se abriu outra vez, eu estava diante de uma fileira de vestidos. Meu pescoço formigava enquanto eu ajustava a toalha em

volta do corpo.

— Qual vestido o Supremo prefere para sua Campeã? — Minha voz soou tão vazia quanto eu me sentia. — Eu não gostaria de desagradá-lo.

Quando o silêncio se prolongou, olhei por cima do ombro. Arin havia parado a poucos passos de mim, olhando fixamente para as minhas costas. Fechei a boca com um estalo. Eu tinha me esquecido de cobrir a evidência do passatempo favorito de Hanim. Até então, Rory e Raya eram os únicos com o azar de ver o meu cemitério de cicatrizes.

— Quem fez isso com você?

Virei-me para encará-lo. Uma luva no meu ombro me manteve virada.

— Isso não é da sua conta.

— São antigas — murmurou ele. — Em camadas.

Quando sua mão roçou a minha pele, não consegui conter um arrepio. Ele traçou o caminho nodoso de carne ao longo das minhas costas, avaliando a condição defeituosa de sua Campeã. Encostei a testa no guarda-roupa, forçando a minha respiração ofegante a se estabilizar. Eu não estava em um estado de sanidade suficiente para lidar com o Herdeiro.

— São de um chicote de jalda — ele adivinhou. A pressão passou para o meu lado direito. — Um galho.

Desfiz o nó da toalha o suficiente para revelar a parte inferior das costas, morbidamente curiosa. Será que ele conseguiria dar um nome a cada instrumento que Hanim usara contra mim? Eu não conseguia.

— Isto é um arakin? — ele exclamou, colocando a palma da mão na base da minha coluna. Eu pulei.

— Um o quê?

— Eles foram proibidos há décadas. Suas cicatrizes... não podem ter mais de seis ou sete anos. — Ele parecia furioso. — Esses chicotes causam danos reais. Você poderia ter morrido.

Apertei minha toalha e me virei.

— Um arakin é aquele com pontas de metal envenenadas? Sim, eles eram bastante sofisticados. Com veneno suficiente para fazer você gritar até ficar rouco por uma semana ou mais, mas não o suficiente para acabar com seu sofrimento.

— O quê... — Ele parou. Fechou os olhos por um momento, reunindo as palavras. O homem mais articulado dos reinos ficou sem fala pela obra de Hanim. — O que aconteceu com você, Sylvia?

Eu ri. Foi um riso alarmantemente abafado.

— Você não é o primeiro a me usar para os seus próprios fins. Tenho um histórico de decepcionar as pessoas, sabe?

Mantive minha atenção fixa no ombro de Arin enquanto ele passava por mim. Ele colocou um vestido preto com mangas abotoadas e decote violeta em meus braços.

— Ainda estou esperando — disse Arin.

— Esperando?

Eu havia aprendido a me defender de todas as versões de Arin. Desenvolvera estratégias para me proteger de sua mente sempre perversa e língua afiada. Mas ninguém me ensinou a me proteger do Herdeiro de Nizahl quando ele me olhava daquele jeito: gentil, humano, com seu olhar firme cravando-se no meu. Me ancorando.

— Ficar decepcionado.



Ao contrário do Palácio de Marfim, o castelo de Orban era uma visão modesta. Pintado de um tom bronzeado desagradável, erguia-se a apenas três andares e estendia-se do final do Pavilhão do Campeão até a divisa da Floresta Essam. O que lhe faltava em brilho, o castelo duplicava em proteção. Os khawaga Orbanianos eram uma versão mais mortal e

menos disciplinada da patrulha Omaliana. Eles resolviam disputas de acordo com seus próprios padrões rigorosos, e as histórias de seus abusos nas aldeias mais baixas haviam circulado por toda parte. Cinquenta deles cercavam o palácio, com suas adagas janbiya curvas penduradas na cintura.

Na entrada principal, um khawaga segurava um cão que rosnava e latia pelo pescoço. Eu o encarei enquanto Wes se aproximava do khawaga. Os cães de Ayume teriam farejado a margem do lago, procurando o cadáver de Timur? Timur, que amava sua família o suficiente para matar por ela.

O único adorno do castelo monótono ficava nas portas duplas que davam para o interior. Um touro de chifres verdes nos encarava com raiva enquanto nos aproximávamos, elevando-se sobre nós. Meu corpo inteiro cabia dentro de uma de suas narinas dilatadas. As três caudas do touro se estendiam de uma porta à outra.

Três khawagas lançaram seu peso contra a porta, e ela relutantemente se abriu para nos deixar entrar.

— O Supremo fica no segundo andar — resmungou o khawaga, olhando para os guardas. — Não se afastem.

Os tapetes de junco rangiam sob nossos pés enquanto nos dirigíamos para as escadas. O rei Murib certamente seguia o espírito de frugalidade de Orban. Nenhuma tapeçaria ou joia decorava as paredes. As escadas rangiam sob nossos pés.

Jeru e Wes assumiram seus postos em ambos os lados da porta. Dentro da sala, doze cadeiras cercavam uma mesa retangular. As luminárias tinham a forma do touro de Orban, com metade do corpo saindo da parede e uma vela tremeluzindo em sua boca aberta. Os servos acenderam as velas ao longo da mesa, banhando a sala com um brilho alaranjado.

— Campeã — chamou um servo. Apontou para uma cadeira a três

assentos da cabeceira da mesa. — Para você.

Sentei-me e fiquei parada enquanto os criados zumbiam ao meu redor, servindo travessas com folhas de uva enroladas, rabo de boi temperado e cascos de boi gordurosos. A cultura Orbaniana não se concentrava na agricultura criativa como em Omal. Eles comiam o que seu solo produzia, principalmente grãos densos e vegetais da primavera. A carne em Orban era uma iguaria que poucos podiam comprar.

— Sylvia. — Desviei o olhar do prato vazio. Arin havia se acomodado no assento à minha frente. A porta se abriu antes que o Herdeiro de Nizahl pudesse falar.

— Excelente. Vocês dois já estão aqui — disse o Supremo Rawain.

Fitas violetas teciam um padrão complexo na frente de suas vestes esvoaçantes, e cada manga terminava com o selo real de Nizahl estampado no punho. Seus dedos anelados se fecharam em torno do cetro. O conjunto não combinava nem um pouco com o ambiente humilde de Orban. Ele se sentou à cabeceira da mesa. Um criado foi fechar a porta.

— Deixe aberta. Estou esperando outro convidado — ordenou Rawain. — Que dia! Murib fala demais para alguém com tão pouco a dizer. Vaida poderia cantar duas notas e ele cairia de um penhasco. — O criado deixou um miswak[27] ao lado de cada um dos nossos pratos. O Supremo Rawain bateu o bastão de limpeza de dentes na mesa. — Caso um Campeão não escape de Ayume durante a primeira prova, Murib geralmente mantém um khawaga esperando no penhasco durante a noite. Se a corda estiver intacta até o amanhecer, o khawaga encontra um uso melhor para o seu tempo do que esperar por um Campeão morto. Você viu o Campeão de Lukub em Ayume, Sylvia?

— Não, meu suserano. — Concentrei-me em um ponto além do ombro do Supremo Rawain.

Meu suserano, Hanim repetiu com desgosto.

Rawain balançou a cabeça, apoiando o cetro na cadeira.

— Vaida está insistindo para que Murib deixe um khawaga no penhasco por mais um dia. Murib está cedendo à vontade dela. Absurdo. Qualquer coisa que rastejar pela beira do penhasco será morta assim que for vista.

Uma batida na porta arrancou um sorriso de Rawain.

— Ah, o último membro da nossa comitiva chegou.

A porta se abriu e vislumbrei o mesmo alarme nos rostos de Wes e Jeru segundos antes de Vaun entrar no aposento.

O guarda de Nizahl curvou-se profundamente.

— Vossa Alteza, Comandante.

Um rápido olhar para Arin confirmou que ele estava tão surpreso ao ver seu antigo guarda ali quanto Wes e Jeru.

— Vaun, sente-se. Você e Sylvia já se conhecem bem, não é?

Um mancar pronunciado retardou o passo de Vaun, e ele se acomodou em uma cadeira entre Arin e o Supremo com uma careta de dor.

— Sim, senhor. Nós nos conhecemos. — O guarda de Nizahl enfim olhou para mim. Em vez da aversão que eu esperava, uma alegria vingativa animava Vaun.

Isso não está certo, disse Hanim. *Rawain não se lembra dos nomes dos guardas. Ele não os convida para um jantar privado a dois reinos de distância.*

— Sylvia ia nos contar como terminou o primeiro teste — disse Rawain. Ele olhou para o cálice e tomou um gole experimental. Fez uma careta. — Estou especialmente curioso para saber como você escalou uma corda com seiva envenenada coagulada na palma da mão.

O prato de Arin permaneceu intocado. Sustentei seu olhar enquanto as minhas algemas se apertavam, a minha magia expulsando o vazio de volta para seu canto escuro. Apenas uma informação possível poderia

compelir Rawain a convidar Vaun contra a vontade de Arin.

Rawain suspeitava que eu fosse uma Jasadi. Por que mais faria uma pergunta tão direta sobre o primeiro teste?

Estranhamente, achei a perspectiva emocionante. Deixe-o suspeitar que eu era sua inimiga. Que a acusação de Vaun abrisse um espaço em sua cabeça e gravasse meu nome em seu crânio. Eu havia vivido na boca da descoberta quase toda a minha vida, simplesmente esperando que seus dentes se fechassem. Mas agora... o medo havia perdido seu valor, e um poder mais perigoso pavimentava o caminho à frente.

Dei um sorriso radiante para o Supremo Rawain.

— Escalei-o da mesma forma que teria feito sem a seiva envenenada, só que com mais gritos. Senhor.

Ah, eu tinha sentido falta do olhar furioso de Vaun. Sua presença terrível e confiável desfez parte do dano que eu havia causado a mim mesma depois da visita de Rawain.

Rawain riu, fazendo com que Arin e Vaun se virassem em sua direção.

— Desculpe a pergunta boba. — Ele desenrolou uma folha de uva, avaliando o arroz temperado dentro. Tentou embrulhá-la outra vez. — Você estava em um estado angustiante quando chegou até nós. Meu filho fez vários médicos chorarem.

— Sua Alteza tem sido diligente em me preparar para o Alcalah. — Eu poderia jogar limpo se isso provasse que Vaun era um mentiroso. — Odiaria desperdiçar os seus esforços logo no primeiro teste.

— Sim, ele é bastante exigente com esses assuntos. Às vezes, exigente demais. Mas eu não poderia ter esperado um Comandante mais talentoso.

Arin inclinou a cabeça em reconhecimento. Seu desconforto era óbvio, pelo menos para mim – ele havia afiado a ponta do miswak.

— Como a seiva grudou em você? — perguntou Vaun. — Lembro-

me expressamente de Sua Alteza a alertando para não se apoiar nas árvores.

Dei de ombros. Vaun queria uma resposta incriminadora que pudesse aproveitar.

— O medo torna a memória obsoleta. Reagi por instinto e sofri pelo erro.

— Você foi a última Campeã a emergir, uma hora inteira depois do Campeão de Omal. Como é que o ar não te fez dormir? — Vaun insistiu.

Arin virou a cabeça devagar para encarar seu guarda. Vaun se encolheu, retraindo-se em seu assento como uma criança repreendida.

— Amarrei um pano em volta da boca e do nariz para retardar o avanço. Sou aprendiz de químico — informei a Rawain. — Reconheci o odor.

— Absolutamente impressionante. — Rawain recostou-se na cadeira. Segurou o cetro em concha, passando o polegar sobre a delicada esfera de vidro no centro. — Me lembra do Alcalah de doze anos atrás. O Campeão de Jasad enfeitiçou a corda para içá-lo do penhasco. Os outros Campeões ficaram furiosos com a injustiça, é claro. O Alcalah tem sido muito mais interessante com quatro competidores, já que a força decide o Vitorioso em vez do acaso do nascimento.

Minhas algemas se transformaram em tornos no momento em que "Jasad" saiu dos seus lábios. Cerrei os dentes, me protegendo do excesso de magia.

— Eu teria compartilhado a fúria dos outros Campeões — eu disse. — A honra do Alcalah não se encontra em atalhos.

— Exatamente — disse Rawain. — Só existe traição na magia.

Se puxássemos esse fio por muito mais tempo, minha magia controlada passaria pelas algemas e lançaria a mesa em direção a Rawain. Seu cetro brilhava sob a luz das velas, com diamantes brancos brilhando na esfera de vidro.

— O vidro é imune a quebras — disse Rawain, seguindo meu olhar. — Não pode rachar nem lascar. Foi um presente da minha querida e falecida esposa após o nascimento de Arin.

A dor me atingiu a cabeça, e a lembrança floresceu como uma gota de sangue carmesim. Isra de Nizahl estava sentada ao lado de Rawain na Cúpula Sanguinária, com as mãos entrelaçadas no colo. Ela tinha a aparência de uma mulher sempre preparada para o pior, e eu a encarei por um momento antes que ela o fixasse em algum ponto distante. *As mulheres de Nizahl são tão tímidas*, pensei, e me ocupei com as borlas na manga de Teta Palia.

Ela sabia o que estava por vir. Sabia que ele iria matá-la junto com todos os outros, disse Hanim.

— É lindo. — O cetro exalava malícia. Garras de aço se fecharam em torno do orbe de vidro, e um corvo violeta brilhou no elmo de ferro. Por que meu eu de dez anos quis tocá-lo estava além da minha compreensão.

Cada minuto da refeição se estendia por um milênio, e quando os criados retiraram as travessas de sobremesa, eu me sentia mais tensa do que uma corda de alaúde. As táticas de interrogatório de Rawain diferiam em quase todos os aspectos das de Arin. Rawain disfarçava suas manobras cuidadosas com bom humor e charme.

Ao final da refeição, o Supremo Rawain se aproximou de mim. Meus dedos tremeram, ansiando pela adaga no bolso da minha capa. Minhas algemas eram círculos aquecidos em volta dos meus pulsos, e se eu soltasse a minha magia fervente, poderia cravar o cetro de Rawain em sua garganta sem sair do lugar.

— Aguardo ansiosamente seu sucesso no segundo teste, Sylvia — disse. Fiquei imóvel quando ele agarrou meu queixo e me deu um beijo leve na testa. — Tenho a sensação de que você será um mérito para Nizahl.

CAPÍTULO 27



Nos cinco anos que passei em Omal, nunca me aventurei na cidade-palácio. O palácio de Omal foi construído no centro do reino, uma presença sólida em torno da qual fluía a vida cotidiana em Omal. Sefa e eu esticamos o pescoço para fora da janela da carruagem, ignorando as provocações de Marek. Pintado no azul-claro de um céu primaveril, o palácio ofuscava o coração da cidade alta. Portões construídos em ágata branca circundavam o palácio, opacos à luz do sol. Os portões se abriram para nossa procissão. Comparada aos khawaga e seus vira-latas, a patrulha Omaliana era uma visão bem-vinda.

Quatro longos pilares erguiam-se nos cantos do palácio, encimados por um cone de safira cintilante. Cúpulas reluzentes separavam cada andar do palácio. Sete arcos arredondados, compostos por azulejos brilhantes alternados em azul e branco, conduziam, passando por uma fonte jorrante, aos degraus da frente. O calcário acima dos arcos era decorado com padrões geométricos entrelaçados.

— Não é de se admirar que as aldeias estejam morrendo de fome — murmurou Marek.

— Só quero sentar em algum lugar e ficar olhando para ele — disse Sefa com ar sonhador.

Azulejos de cerâmica deslumbrantes compunham o caminho até a entrada. Por um momento, esqueci que estávamos entrando na casa de um homem que havia demonstrado interesse em colocar a minha cabeça em seu jardim.

A entrada do palácio quase jogou Sefa no chão. Estendendo-se mais

alto que o arco, uma rochelya feita de vidro azul e branco cintilante nos observava. O animal de estimação estimado de Kapastra e o símbolo de Omal. A cauda escamosa da criatura semelhante a um lagarto se enrolava em torno patas com garras. Sefa deu um tapinha na curva achatada da orelha dele.

— Para dar sorte — explicou.

As portas já estavam abertas, e um grupo de criados em uniformes Omalianos aguardava para nos receber. Chegamos mais tarde do que o previsto, e nem Felix nem a Rainha estavam presentes para nos receber.

— A Rainha Hanan e o seu Herdeiro aguardam ansiosamente a sua presença no jantar desta noite — disse o servo-chefe, curvando-se. Os soldados de Arin nos cercaram, pegando os nossos pertences antes que os servos pudessem.

Nossos passos ecoaram no saguão de entrada. O cotovelo de Sefa cravou em meu flanco e ela apontou para cima de nossas cabeças.

Círculos sinuosos e linhas diagonais ondulavam em camadas afiladas do topo do palácio sobre os corrimãos decorados e as paredes ornamentadas abaixo. A luz refratada de cada triângulo era uma opulência que rivalizava com o céu aberto.

— Parece um favo de mel — disse Sefa.

— Elas são chamadas de muqarnas[28] — disse Arin. — Omal não é o local original de concepção delas.

— Jasad é — eu disse. Metade do palácio de Omal possuía aspectos da arquitetura de Jasad. — A única parte que se origina de Omal é a audácia. As muqarnas remontam ao Awal de Jasad. Rovial as projetou para seu reino. Cada muqarna foi criada para abrigar um pequeno ponto focal de magia que brilha sobre os vulneráveis de Jasad. Os moribundos vinham se curar sob as muqarnas, e os de coração partido encontravam paz.

Ao ver o olhar semicerrado de Arin, acrescentei com inocência:

— Havia um na minha vila em Ahr il Uboor. — A vila de Mervat Rayan podia estar cheia deles, pelo o que eu sabia. Ainda não tinha certeza se Arin acreditava na história de Mervat, mas a sua atenção parecia ter sido temporariamente redirecionada graças a Soraya e Vaun.

Os amplos salões lembravam as tapeçarias retorcidas que serpenteavam pelo Palácio de Marfim de Lukub. Pessoalmente, achei a economia de espaço de Orban mais adequada à segurança, mas pelo menos ali a assembleia de Nizahl tinha um andar inteiro só para si. Cadeiras foram colocadas ao lado das portas, um aceno atencioso aos guardas posicionados do lado de fora dos nossos alojamentos. Sefa e Marek dividiram um quarto em cada reino que visitamos, e Omal não foi exceção. O servo-chefe apontou para uma porta à direita, e Sefa entrou correndo, alegre, seguida por Marek com a bagagem. Jeru fechou a porta e se posicionou diante dela, ignorando a cadeira.

Os aposentos de Arin abriam-se bem no centro do salão, onde um agressor teria que passar por um mar de guardas, mas não tão longe que um grito não pudesse ser ouvido da escada. Arin não entrou, mas caminhou comigo até o último cômodo.

— Estes serão os aposentos da Campeã de Nizahl — disse o servo-chefe. Sua civilidade severa me lembrou Dawoud. — Há criados disponíveis para ajudar nos preparativos da refeição desta noite ou guiá-la pelo palácio. Por favor, não hesite em chamar os servos de Omal, e agradeço mais uma vez pela honra da sua estadia.

Arin gesticulou para Wes.

— A porta dela precisa de supervisão a cada minuto em que ela estiver lá dentro. Dois soldados podem servir como substitutos para você ou Jeru, mas prefiro que um de vocês esteja presente o tempo todo.

Wes se moveu para a frente da minha porta. Ele não mencionou que essa situação deixou Arin sem um único guarda em sua própria

porta. Aparentemente, era mais provável que Felix tivesse planos contra mim ou os meus companheiros do que contra o Herdeiro de Nizahl.

— Não podemos deixar nenhuma janela para que ela ou os outros avancem em sua direção, sem perder a oportunidade de capturá-los — disse Arin.

Uma vantagem de ter inúmeras pessoas tentando me prender ou me matar? Não terei mais servos.

Arin caminhou pelo corredor, seguido por uma comitiva de soldados. Ele passou por seus aposentos e vários soldados se afastaram para ficar do lado de fora da porta. Eles afastaram os criados que se ofereciam para desempacotar os pertences do Herdeiro.

— Acho que Felix não está tão familiarizado com as "excentricidades" de Arin quanto Vaida está. — Diante da carranca de Wes, levantei as mãos em sinal de rendição. — Frase dele. Se quiser entrar e descansar os pés, fique à vontade. Não vejo como Felix poderia me atacar em um salão cheio de soldados de Nizahl.

— Você não vê — disse Wes. — Eu não vejo. Mas o Comandante vê, e minimizaremos o risco de acordo.

Revirei os olhos e chutei a porta para fechá-la atrás de mim. Depois da escassez do Pavilhão dos Campeões em Orban, aqueles cômodos transbordavam extravagância. A luz entrava pelas janelas abertas em forma de crescentes e triângulos. Um lustre em camadas sustentava dezenas de velas sobre uma mesa redonda. Um longo pescoço esculpido de rochelya envolvia a mesa, sua cauda de pedra serpenteando pela perna da mesa. A cama acomodava todas as garotas da fortaleza, repleta de travesseiros com babados e com uma cabeceira branca estampada. Subi no divã azul felpudo e espiei pela janela, apoiando os cotovelos na vidraça abobadada. O céu se abriu em uma chuva fina.

Estávamos na casa do meu pai. Teria ele lido os seus livros perto da fonte? Teria encantado uma garota para passear pelos jardins com ele sob

as estrelas?

A Rainha Hanan era a minha avó, e Felix, o seu sobrinho. Rumores diziam que a Rainha Hanan raramente saía de sua ala do palácio, desde que perdera o filho em Jasad e o marido na Cúpula Sanguinária. Felix controlava Omal em tudo, exceto no nome, e as evidências de sua incompetência estavam por toda parte.

O palácio de Omal havia sugado a riqueza de seu reino para si. Lukub era o reino mais rico porque cada cidadão tinha uma casa para chamar de sua, comida para comer e um ofício para praticar. Orban rejeitava o conceito de vilas e cidades hierárquicas, e só se podia obter um título ou status nobre por meio de distinção no exército de Orban. Suas vilas ao sul ainda se saíam pior do que as demais, e eu me perguntava se a determinação de Orban em reivindicar igualdade em seu reino os impedia de ver todos os lugares onde ele ruiu. Enquanto isso, Omal tinha a maior população, os mais ricos nobres, os mercados mais lucrativos, e ainda assim suas aldeias mais baixas chegavam mais perto da fome a cada inverno.

Desabei na cama, jogando os travesseiros desnecessários para o lado. Um deles passou voando pelo criado-mudo, fazendo um objeto cair ruidosamente no chão.

Chutando para o lado o travesseiro estofado, peguei uma boneca de barro cinza. O brinquedo se estendia do meu pulso até a ponta do meu dedo mais alto. Um barbante preto e rígido a envolvia da cabeça aos pés.

O barbante. O barbante deveria ter sido desenrolado. Por que estava ali? A boneca precisava respirar. Ela não conseguia respirar com o barbante em volta dela.

De maneira sonhadora, deslizei a unha por baixo de um fio do barbante e puxei. A boneca escapou da minha mão, deslizando pelos meus pulsos antes que eu a pegasse.

Em um piscar de olhos, a minha mente clareou. Assim que separei a

boneca das algemas, a névoa se instalou outra vez em mim, e franzi a testa para o barbante. Ele não deveria estar ali. A boneca não conseguia respirar. Eu precisava devolver o ar a ela.

Larguei a boneca e saí correndo.

— Ghaiba — ofeguei.

Não havia muita gente que deixaria uma coisa dessas nos meus aposentos. Usei uma túnica descartada para pegar a boneca. Hesitante, pressionei sua cabeça contra o meu punho esquerdo e me preparei.

Nada.

Soraya dissera que as minhas algemas resistiam aos feitiços de rastreamento mais fortes. Presumi que os feitiços apenas não conseguiam encontrar nenhuma magia minha para rastrear. E se as minhas algemas desviassem alguns tipos de feitiços? Se as runas mantinham minha magia dentro, era possível que também a mantivessem longe.

Felix devia ter esperanças de que eu não reconhecesse aquela boneca terrível. Dizia-se que vinha de Lukub, durante o reinado de Baira, a ghaiba era uma entidade ancestral que se manifestava como uma nuvem informe e cruel. Uma vez dentro da vítima, ela invadia sua mente, distorcendo a realidade e mostrando visões de todos os arrependimentos, agonias ou dúvidas secretas que ela mantinha escondidas. Se permanecesse dentro por muito tempo, a ghaiba poderia deixar seu hospedeiro catatônico ou morto. Após o enterro, os Lukubis encontraram uma maneira de aprisionar a ghaiba nessas bonecas e selá-la com barbante preto. Hanim passou meses tentando encontrar uma e testar se minha magia conseguiria expulsar a ghaiba depois que penetrasse em mim.

Por que ele deixaria uma no meu quarto? Se estava tentando me intimidar sem alertar Arin, os alvos mais fáceis eram...

Saí correndo do meu quarto e passei por Wes, correndo. O corredor se estendia sem parar, e quase chorei de alívio ao ver Jeru. Uma sinfonia

de terror explodiu em meu peito quando abri a porta.

Jeru e Wes se chocaram contra mim por trás. Wes praguejou baixinho.

— Chame o Comandante — Jeru grasnou. — Agora!

Jeru tentou entrar depois de mim, mas eu o empurrei para trás.

— O ghaiba pode se dividir entre várias pessoas. Não entrem.

Bati a porta com força.

Sefa e Marek flutuavam no meio do quarto, seus olhos dilatados vagando descontroladamente, perseguindo os pesadelos em suas próprias cabeças. Seus membros balançavam para frente, espasmódicos. O cheiro de ovos estragados agrediu meu nariz. No chão abaixo deles, estava uma boneca idêntica à minha. Um fio preto pendia frouxamente dos dedos de Marek.

Os olhos de Sefa reviraram para trás. Ela se contorceu violentamente. O braço de Marek se torceu em uma posição antinatural, e um gemido gutural escapou de sua boca aberta.

A porta se abriu com um estrondo. Arin entrou, a chuva grudando em seu casaco e escurecendo seu cabelo. Ele observou a cena macabra e empurrou a porta quando os seus guardas tentaram segui-lo.

Ele pegou a boneca.

— Quanto tempo?

— Não sei, encontrei a minha há cinco minutos. — O ombro do Marek se moveu para trás e eu gritei. — Como tiramos isso?!

Ele arrancou o barbante da mão de Marek.

— Amarre isso na boneca.

Amarrar o barbante amaldiçoado em volta da boneca inverteria a compulsão da boneca, atraindo o ghaiba para fora de seu hospedeiro. Enrolei o barbante de cima a baixo na boneca.

— Cada um deles absorveu metade do ghaiba. Vai levar horas para a boneca retirá-lo deles!

— Eu sei — disse Arin. Ele tirou as luvas e o casaco. — Talvez seja melhor esperar lá fora. — Diante da minha carranca, ele cerrou os dentes. — Então esteja preparado para pegá-los.

— O que você vai fazer? — Eu tinha um palpite, mas não podia estar certo. Ele não podia estar considerando...

O Comandante moveu-se com a rapidez de um ataque de serpente, agarrando o pulso exposto de Marek com uma das mãos e o de Sefa com a outra. O peso morto de Marek caiu sobre a cama, e corri para frente enquanto Sefa tombava. Colidimos ao lado de Marek. Verifiquei a respiração deles; superficial, mas constante.

Um estrondo alto me fez levantar. As portas do guarda-roupa se espatifaram no chão, e os músculos das costas de Arin ficaram rígidos enquanto o ghaiba atacava o Herdeiro. Ele se dobrou, agarrando-se a uma prateleira do guarda-roupa enquanto seu rosto se contorcia de agonia.

Um grande arrepio o percorreu. Seus dedos ficaram brancos ao redor da prateleira. Que dúvidas Arin tinha que o ghaiba poderia se alimentar? Que arrependimentos?

Segurei seu antebraço, apertando os tendões rígidos. Tocá-lo nesse estado era tolice, mas eu não suportava me sentir tão impotente. Outro momento interminável se passou, e Arin exalou, abrindo os olhos.

Ele arrancou o braço de mim, o brilho branco em seu rosto se dissolvendo com a raiva.

— Seus sentidos limitados te abandonaram? Mal consigo suportar seu toque, mesmo nas melhores circunstâncias. Leva apenas alguns segundos para perder o controle, segundos para quebrar o seu pescoço.

— *Meus* sentidos limitados? Não sou eu quem está absorvendo ghaibas! Como sabia que sua manobra daria certo?

Arin tirou o cabelo da testa, ignorando deliberadamente a minha pergunta.

Levantei os braços.

— Era uma teoria, não era? Você calculou a probabilidade de sua capacidade de sentir magia atrair os ghaiba o suficiente para deixar Marek e Sefa.

— Chega — disse Arin, sem dar nenhum esclarecimento. Sentou-se de costas para o guarda-roupa. — Quanto mais forte a mente, maior o desafio do ghaiba. Imagino que ele me achou tentador.

— Não faça isso de novo. — A aspereza do meu tom nos pegou de surpresa. Eu ainda estava ajoelhada ao lado dele, um tremor persistente percorrendo o meu corpo. A visão de Arin curvada de dor não era algo que eu queria presenciar duas vezes. — Um dia, vai calcular mal. Não pode testar uma teoria usando você mesmo, entendeu? Você é um Herdeiro, há riscos que você só não pode correr! É pura loucura, irresponsabilidade...

— Respire. — Com uma careta, ele pegou as suas luvas abandonadas e as calçou. Sua mão enluvada cobriu a que estava presa ao meu joelho.

— Não.

Os pássaros praticavam as suas doces canções há gerações, mas mesmo a sua música não se comparava ao som da risada de Arin.

Ficamos nos encarando até que as sombras no quarto aumentaram.

— Por que você continua tentando me salvar? — ele disse, e se eu não estivesse a centímetros dele, não teria ouvido.

— Por que você continua precisando ser salvo?

Ah, sua garota tola, tola, Hanim gemeu.

Arin pareceu perceber que sua mão ainda estava sobre a minha. Ele se endireitou e pigarreou.

— Você disse que tinha uma boneca no seu quarto? — perguntou Arin.

Sacudi-me, tentando tirar a monstruosidade embrulhada do bolso

da minha capa. Passei-a, evitando o olhar de Arin. Ele se levantou com cuidado. Segui-o à distância, movendo-me para pairar sobre Sefa e Marek.

— Eles não se mexeram — eu disse.

— Eles provavelmente não vão acordar até de manhã. — Ele acenou para as malas descartadas. — O menino desembrulhou a boneca logo após entrar no quarto.

— Ele odeia quando você o chama de menino — eu disse.

— Sim, ele odeia — concordou Arin. Revirei os olhos, puxando uma colcha sobre o casal adormecido. Que nunca se diga que o comandante era superior à mesquinhez.

— Felix vai tentar de novo — eu disse. — Não podemos acusá-lo abertamente de sabotagem, e ele é um ratinho trapaceiro.

O sorriso de Arin era um produto de pesadelos.

— Deixe isso comigo.



O refeitório Omaliano me tirou o fôlego tanto quanto o resto do opulento palácio. Uma fileira de lustres cintilava no meio do teto, iluminando a longa e luxuosa mesa de jantar repleta de comida. Minha boca salivava com os patos assados, a abóbora recheada, a bissara[29] fumegante. Comida para alimentar vinte pessoas ali teria alimentado toda Mahair.

Os criados se alinhavam nas paredes ao redor da longa mesa. Sentei-me entre Diya e Mehti, no meio. A Rainha Hanan jantava à cabeceira da mesa, com Felix à sua esquerda e Arin à sua direita.

Ela não desviou o olhar da comida, e aproveitei a oportunidade para observar a minha avó paterna. Embora ela e Palia fossem rainhas, elas diferiam em todos os aspectos. Longos cabelos castanhos

emolduravam o rosto magro da Rainha Hanan, escondendo os seus olhos penetrantes. Ela não comandava a sala com uma palavra como Palia. Muito pelo contrário. A governante de Omal parecia determinada a se aconchegar no menor espaço possível, discreta e despercebida. O que diria se soubesse que dividia a mesa com a filha de Emre?

Diya me deu uma cotovelada e acenou para Mehti quando olhei em sua direção. O Campeão de Omal mastigou mais um anel de mumbar[30] dourado. O intestino frito recheado com arroz, cebola e grão-de-bico era um dos pratos favoritos dos Omalianos.

— Quantos você já comeu? — perguntei.

Mehti fez uma pausa, olhando-me com a incerteza de alguém cujo gato doméstico começa a latir.

— Você quer um?

Fiz uma careta.

— Uma vez ajudei a preparar mumbar na minha fortaleza. Fazer um furo em sacos finos de carne e enchê-los até estourar costuma acabar com o apetite.

O Campeão de Omal deu de ombros, impassível com a descrição.

— Eu já abri buracos em humanos sem perder o apetite pela batalha.

Embora ninguém entendesse por que Diya fora escolhida como Campeã de Orban, o mesmo não se podia dizer de Mehti. Embora nascido em família rica, Mehti não possuía status nobre, e os seus pais rejeitaram as ofertas da coroa para atraí-los para o rebanho. Arin explicara que escolher Mehti era uma forma de impor o título de nobreza à família recalcitrante, sob a máscara da honra de um Campeão. Caso Mehti se tornasse Vitorioso, ele seria elevado à nobreza, e sua família, consigo.

— Você tem muita prática em fazer buracos em humanos? —

perguntou Diya devagar.

Mehti bufou, levando uma tigela de sopa aos lábios e bebendo. Os nobres Omalianos na ponta da mesa o observavam perplexos.

— Não tanto quanto você — disse ele quando se levantou para respirar. Limpou a boca gordurosa.

Diya deu de ombros modestamente.

— Eu fiz muitos furos em duas pessoas. É a quantidade de furos ou a quantidade de pessoas que medimos?

— Tudo bem — interrompi em voz alta. — Gostaria de aproveitar a minha refeição, por favor.

— Ninguém está te impedindo — disse Diya.

— Eu queria perguntar. — Mehti apoiou o cotovelo na mesa e se virou para mim. — Por que demorou tanto para você escapar de Ayume? Eu estava do outro lado do lago. Você não me viu, mas atravessamos ao mesmo tempo.

Cortei o broto do alarme antes que pudesse florescer. Não havia ninguém por perto quando matei Timur. Mehti se movia como um javali; eu o teria ouvido a quilômetros de distância.

— Um arbusto prendeu meu tornozelo — eu disse. — Ele jogou minha adaga para fora do alcance.

Soprei a minha sopa de frango com orzo[31]. Em Mahair, chamavam-na de sopa de língua de pássaro, o que me alarmou até Raya explicar que se referia ao formato do orzo, não ao conteúdo da sopa. Marek, em sua infinita maturidade, passou meses apontando para cada pássaro que passávamos e perguntando se eu estava com fome.

Os dois Campeões estremeceram, solidários, com a mentira.

— Uma das árvores tentou me arrastar enquanto eu corria — disse Diya. Ela arregaçou a manga, expondo um arranhão fino e vermelho do pulso ao cotovelo.

— Desviei de um daqueles galhos e caí em um redemoinho do lago. Usei toda a minha força para me puxar para fora — disse Mehti. — Acham que os Awaleen apreciam o que fazemos por eles?

— Os Awaleen dormem em seus túmulos, não ouvem preces nem se importam com honrarias — disse Diya. — O Alcalah é um concurso de ostentação para a realeza, com as nossas vidas como cartas de baralho.

Um zumbido baixo desviou a minha atenção da resposta de Mehti. Ninguém mais pareceu ouvi-lo. Segui a fonte até uma criada encostada na parede atrás de Sorn. Ela interrompeu abruptamente a conversa com outra criada, com o olhar embotado. Enfiou a mão no bolso com a mesma expressão sonhadora que eu exibira algumas horas antes. A cabeça de Sorn bloqueava a minha visão de sua mão, mas o mistério do que ela segurava desapareceu quando um barbante preto caiu de seus dedos.

Gritos irromperam ao nosso redor enquanto uma nuvem branca e sinuosa se espalhava sobre a mesa. Alguns, incluindo Mehti, tentaram se esconder debaixo da mesa, mas lascas brancas se desprenderam da ghaiba e penetraram em seus narizes. A ghaiba se dividiu em pequenos grupos, cada um atacando uma pessoa diferente à mesa. Os gritos desapareceram quando a ghaiba se enraizou dentro deles. Diya afundou na cadeira; a cabeça de Mehti pousou no mumbar.

Um jato branco correu em minha direção, e uma sensação de pura queimação preencheu o meu nariz. Tossi, e a ghaiba escorreu da minha boca aberta em baforadas cinzentas, dissipando-se tristemente. Frustrada pelas minhas algemas.

Na ponta da mesa, os membros da realeza jaziam de bruços, choramingando no linho. Exceto Arin, que fechou os olhos e apertou a ponta do nariz, como se a ghaiba não passasse de uma enxaqueca incômoda. Embora não o deixasse inconsciente, nem mesmo ele conseguia evitar completamente os efeitos da ghaiba.

Olhei para a mesa sem reação e empurrei a minha cadeira para trás.

Esta era a oportunidade que eu esperava. Durante a viagem para Omal, conspirei com Sefa e Marek para invadir o quarto de Vaida antes do segundo teste e tomar o seu selo. Precisávamos de garantias caso ela viesse atrás de Mahair pela perda de Timur.

Se ela usasse o anel agora, eu poderia arrancá-lo de seu dedo inerte e retornar ao meu lugar em segundos. E seriam apenas segundos, porque Arin romperia a lasca de ghaiba dentro dele e recuperaria a consciência mais rápido que os outros. Não havia compartilhado nosso plano de roubar o anel com ele, embora Sefa quisesse. Houve casos em que minha amiga esqueceu que o Comandante estratégico também era o Herdeiro de Nizahl, sempre manobrável. Embora o símbolo fosse uma alavanca útil em minhas mãos, seria uma arma letal nas de Arin.

Nenhum dos muitos anéis nos dedos de Vaida era o mesmo que havia pregado na parede em Lukub. Vasculhei os seus bolsos, verifiquei seu colar tilintante, mas o anel não estava com ela.

Vaida cambaleou para o lado, derrubando uma tigela de bissara no colo de Felix. Eles lutavam contra a minúscula quantidade de ghaiba dentro deles. Acordando, o que significava que Arin abriria os olhos a qualquer segundo.

Lancei-me para o meu lugar quando o olhar de Arin se voltou para mim, questionador. Ele me viu retornar ao meu lugar, mas não sabia de onde.

Arin recuperou a boneca das mãos da criada que gemia, enrolando o fio preto em torno dela mais uma vez. Sem a concentração da ghaiba em um único lugar, a compulsão da boneca agiu rapidamente nas peças individuais, e plumas brancas saíram das bocas e narizes flácidos. Arin envolveu a boneca em um pano branco e a colocou na mão da criada, recuperando sua cadeira enquanto a mesa ganhava vida.

Murmúrios se espalharam. Guardas carregaram a Rainha Hanan, que chorava, para fora da sala. Alguns empurraram a serva chorosa em

direção a Vaida. Ela depositou a boneca sobre a mesa.

— Sultana, estava no meu bolso, não sei como foi parar lá, por favor, sinto muito. — Desconsolada, ela cobriu o rosto.

Meus lábios se entreabriram. Eu havia confundido a garota com uma serva Omaliana, mas ela era Lukubi. Arin havia colocado a boneca de Felix no bolso de uma das criadas que viajavam com Vaida.

Ao ver a boneca, Felix ficou roxo. A raiva floresceu no rosto de Vaida, e os dois membros da realeza se levantaram de um salto. Os efeitos colaterais da ghaiba os deixaram dispersos, menos vigilantes em relação ao público.

— Seu *idiota* — rosnou Vaida. — Eu os entreguei a você em uma caixa de pedra fortificada, e você os jogou para uma serva encontrar?

— Eu os deixei exatamente onde disse que deixaria! Meus servos são competentes o suficiente para evitar objetos que não reconhecem!

— Se ela tivesse desamarrado aquela boneca em qualquer outro lugar, nós dois estaríamos mortos! — Vaida disparou.

Uma voz interrompeu a discussão, suave e contida.

— Eu não sabia que a magia tinha se tornado um problema tão grande em seus reinos — disse Arin.

Sua mão enluvada fechou-se em torno da boneca. Uma palidez mortal empalideceu o rosto de Felix ao perceber a realidade do erro. Os olhos delineados de Vaida se arregalaram. A mesa prendeu a respiração. Ele havia pronunciado a palavra que poucos ousavam pronunciar. *Magia.* Jogou a boneca na frente de Vaida. Aqueles de nós, fora do olho da tempestade, permaneceram imóveis e em silêncio.

— Nizahl ajudará Omal e Lukub a varrer o flagelo da magia com prazer. Os meus exércitos estão prontos a qualquer momento.

Arin se levantou. O Herdeiro de Nizahl, eloquente, transformou-se diante de nós. Gelo envolvia as suas feições endurecidas, e o perigo sussurrava em cada movimento de seu corpo equilibrado. O olhar do

Comandante era a carícia fria da morte, roubando o fôlego de Vaida e Felix.

Imaginei a cena que se desenrolava na mente da realeza. Soldados de preto e violeta invadindo os seus reinos como gafanhotos, destruindo aldeias e saqueando cidades em busca de magia. Jovens problemáticos seriam rotulados como potenciais usuários de magia e detidos. Qualquer Jasadi preso usaria magia ofensiva para evitar a captura, fazendo as cidades ruírem ao seu redor. O Comandante deslizaria pela destruição, o condutor do caos.

Nizahl não entrava em um reino que pretendia deixar intacto.

O sorriso arrepiante de Arin enervaria até as profundezas mortais de Sirauk. A mensagem era clara: um ataque a sua Campeã não ficaria sem resposta uma segunda vez.

— Isso será necessário?

— Não, não — disse Felix, tropeçando nas palavras na pressa. — Há um mal-entendido em jogo. Nós não... Vaida trouxe as bonecas para...

Vaida falou por cima do atrapalhado Herdeiro de Omal, clara e firmemente:

— Não será necessário.

Ela abaixou o queixo, jogando as suas tranças floridas sobre os ombros. O espectro de horror indizível recuou, deixando o Herdeiro de Nizahl inclinar a cabeça em concordância. A sala respirou fundo pela primeira vez.

Na confusão de guardas e servos que se seguiu, Arin escapuliu. Eu o segui, hesitante na porta. Vaida falou baixinho com a sua guarda. Felix lançou um olhar de escárnio na minha direção. Acenei, deleitando-me com a sua aversão.

Ele tinha batido a pata na fera errada. Eu sofreria as consequências do seu orgulho se falhasse no Alcalah, mas não importava. Observando a experiência da Sultana e do Herdeiro de Omal por um momento em que

o que meu povo suportava todos os dias sob o cemitério da sombra de Nizahl valeu a pena qualquer coisa que Felix pudesse fazer.

Persegui Arin, subindo dois lances de escada em alta velocidade. Parei derrapando na frente dele antes que ele pudesse entrar no nosso corredor. Ele ergueu uma sobrancelha quando fiquei ali, em silêncio.

— Sim?

Quão fácil foi para ele enfiar a boneca no bolso da criada de Vaida? Ela teria ficado perturbada, arrasada com a proximidade dele. O peso da boneca em seu bolso nem seria registrado. Da criada de Vaida, não de Felix, porque a culpa precisava ser dividida entre os dois. Ele sabia quantas pessoas estariam no refeitório. Quantas vezes a ghaiba se dividiria para atacar a todos. Quanto tempo levaria para ele lutar contra a sua cota, quanto tempo levaria para os outros. Sabia que a influência da ghaiba desorientaria Vaida e Felix, levando-os a uma briga de crianças, uma que ele poderia usar para condená-los.

— Se eu fosse uma mulher sensata, cortaria a sua garganta enquanto você dormia.

Olhos azuis-claros brilharam na penumbra.

— Isso é uma ameaça?

A mesma fome cruel contra a qual lutei no Palácio de Marfim floresceu em minhas veias. Clamando por ação. Uma fome que exigia que eu a *aceitasse*, que forjasse uma reivindicação sobre ele em carne, osso e poder. Gravasse o meu nome em seus ossos para o mundo ver.

O olhar de Arin escureceu. Éramos duas espadas se encontrando em um campo de batalha ensanguentado. Inevitável. Envolto em violência.

— Ainda não decidi — sussurrei.

CAPÍTULO 28



Na noite anterior ao segundo teste, escapei do festival da cidade-palácio, com Sefa e Marek logo atrás. A realeza tinha sua própria seção do festival, cercada por guardas no chão e observada por guardas nos telhados. Mantive uma boa distância do Supremo Rawain e Vaun, que assistiam à celebração barulhenta com igual desgosto. Os mercadores que montavam barracas ao redor da grande plataforma de madeira pintavam o que vendiam na frente de suas barracas. Nenhum membro da realeza comeu delas, é claro, mas avistei Mehti empurrando um saco de moedas para um mercador parado atrás de uma barraca com uma galinha pintada.

Treinos de luta como a que Mahair organizava ocorreram na plataforma elevada, intercaladas com grupos de dançarinos e atores. Eles encenaram a conversa dos Awaleen em torno da mesa de carvalho enquanto os nossos predecessores debatiam se deveriam sepultar-se com Rovial. Encenaram a batalha final entre os irmãos, sua queda de Sirauk para os túmulos à espreita abaixo. Kapastra brilhou como a heroína, a irmã corajosa na performance dos Omalianos.

Como o festival acontecia por toda a cidade, músicas diferentes tocavam à medida que se avançava. Eu já tinha ouvido os tons doces de uma cítara e uma canção de ninar Omaliana acelerada no alaúde, visto homens balançando varas enquanto dançavam ao som de um tambor tubluh. Os comerciantes Omalianos vindos das cidades centrais eram relegados aos arredores do festival. Tomei um gole do meu caldo de cana, desviando da saia arco-íris giratória de um homem dançando

tannoura. Um velho comerciante acenava do chão, com os joelhos nodosos dobrados sob o corpo esguio. Ele havia disposto as suas mercadorias sobre uma colcha, e as cores vibrantes me atraíam.

— Você tem dinheiro? — perguntei a Wes. Quando ele assentiu, ajoelhei-me para inspecionar os itens mais de perto.

Pulseiras de contas e tornozeleiras trançadas misturavam-se a anéis de todos os tamanhos e modelos. No canto da colcha, empoeirado por causa da sujeira que pendia, um colar de corda trançada chamou a minha atenção. Tingida de um preto irregular, a corda fina sustentava um pingente pendurado. Virei o pingente, revelando o interior de um figo cortado ao meio. As sementes eram pequenas contas douradas, com as veias que as conectavam bordadas em violeta e rosa. A parte externa do figo era violeta e contornada em dourado. Passei o polegar pela frente felpuda.

— Quanto custa isto?

Dei a ele o dobro do que pediu. Eu não era mesquinha com o dinheiro Nizahlano, e Arin compensaria Wes. Guardei o colar no bolso.

— Seu gosto é horrível — disse Jeru.

A estrada fez uma curva abrupta ladeira abaixo, fazendo com que as pedras deslizassem para os lados. Meu coração batia forte quando uma mulher de cabelos negros e cacheados desapareceu na multidão. Para onde quer que eu olhasse, lampejos de Soraya se espalhavam pela cidade exuberante. Qualquer um dos Urabi ou Mufsids poderia estar no festival. Eles me cercaram, predadores em volta de um veado sangrando, esperando para ver quem estaria mais perto quando minhas pernas cedessem.

Tentei aliviar minha inquietação concentrando-me na tarefa em questão. Retornamos ao palco principal e à sua multidão de foliões. As dançarinas que subiam ao palco usavam vestidos de gaze em forma de rochelyas. Uma tira de tecido envolvia seus seios e quadris,

representando o longo pescoço da rochelya. Uma saia curta se abria na cintura. Elas mantinham os cabelos presos para expor os dentes da rochelya presos atrás do pescoço, sustentando o conjunto lascivo. Nuas, exceto pelas partes cobertas pelos rochelyas, a aparição dos dançarinos no palco distraiu igualmente a realeza e os guardas.

Sefa, Marek e eu nos despedimos enquanto eles começavam sua sinuosa dança do ventre. Os guardas Omalianos no palácio me reconheceram, permitindo-nos entrada livre. Se tivéssemos tentado essa aventura em Orban, eu tinha a sensação de que a khawaga teria tornado a nossa missão obsoleta.

— Você sabe onde fica o quarto da Vaida? — perguntei a Marek.

Os criados subiam e desciam as escadas, preparando os quartos para os nobres e membros da realeza bêbados que tropeçariam neles.

— Terceiro andar, ala leste. Vou reconhecer a porta dela pelo guarda em frente.

Marek e Sefa acordaram de manhã com dor de cabeça, mas nada que os afetasse. Recusaram-se a falar sobre o que a ghaiba lhes mostrara e gostaram da minha descrição da retaliação de Arin no jantar.

Enquanto desperdicei o dia caminhando pelos jardins com os outros Campeões e me vestindo para o festival, eles se prepararam para esta noite.

Até então, o plano estava avançando com um sucesso surpreendente. Sefa havia perguntado a um guarda Omaliano onde poderia entregar o vestido da Sultana para a noite, e ele lhe indicou o caminho certo. Marek ficaria encarregado de distrair o único guarda de plantão enquanto Sefa e eu vasculhávamos o quarto de Vaida.

Quanto ao que seria feito com o anel depois que o roubássemos, Sefa ofereceu uma solução inesperada. Parecia que ela e Marek não estavam esperando de braços cruzados em Orban enquanto eu completava o primeiro teste. Eles haviam retornado de sua viagem às

aldeias de Orban com um feitiço rabiscado por um pequeno boticário. Três cortes marcavam o feitiço, que Sefa explicou como a quantidade de magia que um Jasadi gastaria ao usá-lo. Eu perguntei:

— Três de quê? — e recebi um silêncio perplexo em resposta.

Depois de roubarmos o selo e usá-lo para negociar a nossa proteção, o feitiço teoricamente impediria Vaida de renegar a sua promessa. Ela não saberia que ele havia sido lançado, a menos que tentasse nos prejudicar, caso em que perderia o controle de seus pensamentos.

Os criados nos deram pouca atenção quando nos aproximamos, e apenas alguns guardas permaneceram na ala de Vaida, espiando com inveja pela janela no final do corredor. Quando chegamos ao corredor com o quarto da Sultana, Sefa e eu nos escondemos na esquina. Uma guarda lukubi estava encostada na porta de Vaida, ajustando distraidamente os cordões de seu colete. Marek bagunçou o cabelo, desfez os laços superiores de sua túnica e passou por nós com arrogância.

Seu rosto se iluminou com a aproximação de Marek. Ela o reconheceu do Palácio de Marfim. Ele lançou um sorriso travesso para ela, apoiando um braço acima da cabeça da guarda enquanto murmurava em seu ouvido. Ela riu. Observando Marek exercer o apelo que lhe era tão natural, não consegui conter a minha onda de inveja. Minha personalidade não se prestava a reflexões românticas, mesmo as passageiras. Ou assim eu pensava. Eventos recentes pareciam indicar o contrário. Mas enquanto Marek podia estar morrendo com seis facadas e ainda encontrar energia para encantar a criatura viva mais próxima, quase quebrei o tornozelo tentando evitar Arin esta manhã. Eu não entendia as reações que estava experimentando, então fiz o que faço de melhor em momentos de turbulência interior: ignorei.

Um grito de alegria me trouxe de volta à atenção. A guarda batia no peito de Marek com a mão livre enquanto ele beijava seus dedos um por um. Pelo suspiro exasperado de Sefa, aquele estava longe de ser seu

primeiro encontro com o fascínio armado de Marek.

A guarda enganchou os dedos na cintura de Marek, puxando seus quadris para perto dos dela. Ele capturou seus lábios em um beijo lascivo. Mãos largas a ergueram contra a parede. A guarda envolveu as pernas em volta da cintura de Marek, despenteando seus cabelos dourados e mordiscando sua orelha. Marek agarrou suas coxas grossas e a carregou para trás, piscando em nossa direção antes de chutar uma porta aleatória e desaparecer lá dentro.

Endireitei-me e segui Sefa até a porta abandonada de Vaida.

— Deveríamos... interferir?

Sefa fechou a porta atrás de nós.

— Seduzir mulheres bonitas não é um problema para Marek. Deixe-os se divertirem.

Os aposentos de Vaida eram duas vezes maiores que os meus, e reprimi o meu gemido. Havia inúmeros lugares onde ela poderia ter escondido um anel. A brisa que entrava pela janela aberta trazia uma leve nota da música do festival.

— Fico com o lado direito, você com o esquerdo. — Abri a gaveta do guarda-roupa dela. Uma montanha de roupas íntimas vermelhas se abriu. — Marek fazia isso com frequência enquanto vocês dois pulavam de aldeia em aldeia?

Sefa vasculhou a mesinha de cabeceira de Vaida, varrendo cada gaveta.

— Constantemente. Ele parecia não conseguir evitar chamar atenção por onde passávamos.

— Isso te incomoda? — Abri as portas do guarda-roupa, procurando por algum baú de joias escondido.

— Por que incomodaria? — Sefa foi até a mesa de cabeceira oposta. — Só porque não tenho interesse nessas coisas não significa que espero o mesmo de Marek.

Minha curiosidade escolheu esse momento inoportuno para exigir satisfação. Virei as almofadas das cadeiras de Vaida, remexendo nos cantos do divã.

— Houve algum momento em que Marek quis mais do que amizade?

Sefa franziu os lábios antes de tatear sob os travesseiros empilhados na cama cavernosa de Vaida.

— Sim, e então esse tempo passou. Eu o encorajei a encontrar alguém em Mahair, a construir uma vida com uma parceira que acolhesse sua paixão e devoção. — Ela se arrastou para debaixo da cama, e fui para o banheiro. Quando saímos, ela continuou: — Ele se recusa.

— Aonde quer que você vá, ele irá atrás. Um relacionamento com outra pessoa fracassará sob o compromisso dele com você — apontei.

Sefa suspirou, abrindo as portas do segundo guarda-roupa adjacente à cama. Uma dúzia de vestidos cor de marfim estavam pendurados lá dentro.

— Dependemos um do outro há muito tempo. Ele acha que se deixar amar alguém vai quebrar o apego que sente por mim. Não sei como provar a ele que não me deve a vida. — Sefa admirou a costura na bainha de um delicado vestido de seda. Ela olhou para mim enquanto eu abria uma almofada e enfiava o braço dentro. — Essas perguntas são novas para você?

Virei a almofada para o lado bom e a empurrei de volta para o assento.

— Não era minha função perguntar antes.

— Mas agora é? — perguntou Sefa, sorrindo. Ela analisou os itens na penteadeira de Vaida, misturando perfumes e pós. — Se significa alguma coisa, sempre foi sua responsabilidade perguntar.

Parei de cortar as almofadas de Vaida. Sefa sempre fazia isso. Casualmente oferecia seu coração para mim. Eu achava que era uma

falha pessoal, a facilidade com que ela se entregava. Mas Sefa... Sefa era mesquinha com as suas confidências. Ela apenas escolhia confiar em mim, em particular, repetidas vezes.

— Sylvia? O que foi? — Sefa abandonou a mesa e sentou-se no divã ao meu lado.

Essiya, Hanim avisou.

Engoli em seco.

— Você tinha razão.

— Razão sobre o quê? — Sefa franziu a testa. Ela examinou o meu olhar abatido. A compreensão passou por suas feições, e o seu queixo caiu. — Ah, Sylvia, não.

As palavras saíram com a força do sangue jorrando de uma artéria cortada.

— O Herdeiro... ele me enfurece, Sefa. Nunca encontrei um homem mais paranoico em minha vida. Ele vive de uma teoria para outra, manipulando as pessoas com total distanciamento, e nunca consigo imaginar os horrores que a sua mente irá inventar. Sabia que ele come com a mão direita quando está de bom humor e com a esquerda quando não está? Por que eu me lembro disso? E se ele me toca, isso não... eu não.. — Enfiei a adaga na almofada, rasgando uma linha diagonal na superfície de veludo. Eu não suportava olhar para Sefa. — Ele é o Comandante de Nizahl. Eu deveria arder de ódio a cada segundo passado em sua presença.

— Não me diga o que você deveria sentir — disse Sefa. Seus olhos castanhos encontraram os meus sem nenhum traço de julgamento. — Diga-me o que é verdade.

Como eu poderia dizer a ela que não tinha palavras? Palavras... essas eram o menor dos meus problemas. Não eram meus olhos, fixos nele assim que ele entrava em uma sala. Meu coração, batendo duas vezes mais rápido com sua proximidade. Mas o pior de tudo era que eu

não conseguia admitir para Sefa que o Herdeiro de Nizahl me fazia sentir mais como eu mesma... e eu mesma não era alguém que eu tivesse o luxo de conhecer.

A voz de Vaida ecoou lá de fora.

— Ela está vindo! — Sefa entrou em pânico.

— Para o guarda-roupa vermelho. Vai! — Empurrei-a para fora do divã, esperando até que ela fechasse as portas sobre si mesma para saltar sobre a cama. Fechei as portas do guarda-roupa branco, mergulhando na escuridão no momento em que a porta chacoalhava.

Espiei pelas ripas estreitas do guarda-roupa. A porta se abriu com tudo, e tive uma visão surpreendentemente clara de Vaida entrando cambaleante no quarto.

— Este reino miserável pode ter deficiências em todos os outros aspectos, mas os festivais de Omalia... — ela soluçou — não decepcionam.

Pelo seu andar instável, a Sultana não fora conservadora no consumo dos vinhos de Omal. Uma segunda figura se adiantou, e reconheci a linha de seus ombros largos antes que ele falasse.

— Cuidado com onde pisa — disse Arin.

Vaida tropeçou na perna de uma cadeira e colidiu com o Herdeiro. Ela se apoiou no peito de Arin e pareceu perplexa ao ver os seus pulsos presos por uma luva e mantidos afastados. Vaida franziu a testa.

— Isso é por causa de ontem? Foi um mal-entendido. Você não acredita em mim? — Ela se arqueou na ponta dos pés. Apertei os olhos, equilibrando-me precariamente contra as portas do guarda-roupa.

— Você nunca se perguntou como seríamos, Arin? — murmurou ela. — Você nunca faz nada por puro prazer? Você precisa; nenhum controle é tão perfeito.

Eu só conseguia ver o perfil de Arin, e vislumbrei as suas feições implacáveis. Indiferente à mulher mais bela de todos os reinos, a própria

descendente de Baira.

— Meu controle está longe de ser perfeito — disse ele. — Mas é melhor do que o seu.

Com um único movimento, Arin pressionou os dedos em um ponto no pescoço da Sultana e puxou a sua cabeça para o lado. Os olhos de Vaida reviraram. Cobri a boca com as duas mãos enquanto ele segurava o corpo inerte da Sultana, depositando-a na cama. Deixei-me respirar quando o peito de Vaida se moveu. Ele só a tinha colocado para dormir.

Arin puxou a cômoda de Vaida para a frente. Ele passou a mão pelas costas, parando no meio do caminho. Fora do meu campo de visão, vi-o se endireitar e tirar uma caixinha do bolso.

Ele realizou em um momento o que você e a sua companheira inútil não conseguiram fazer em vinte, disse Hanim.

Ele encontrou o selo. O que estava fazendo com ele?

Mencionei o selo de passagem no dia em que descrevi a oferta de Vaida para ele. Não deveria ter me surpreendido que mesmo uma breve menção tenha servido de catalisador para o próximo plano de Arin.

Ele guardou a caixa no bolso mais uma vez, guardando o lacre no fundo da cômoda. Arin parou a caminho da porta, erguendo o queixo.

A audição dele, sua tola!, Hanim repreendeu.

Cobri o meu nariz e minha boca com o vestido de Vaida. Arin passou depressa pelo guarda-roupa, demorando-se por um instante que me deixou em pânico. Eu expirei quando ele se virou e abriu as portas da câmara.

— A Sultana caiu ao tirar os sapatos e bateu a cabeça na descida — disse ele.

— Ah, não! Devo chamar o médico do palácio? — ofegou a guarda.

— O dano será apenas uma dor de cabeça e uma lembrança distorcida dessa noite — disse Arin. — Recomendo que traga gelo. Imediatamente.

— É claro — disse a guarda, preocupada. A porta bateu atrás deles. Contei até dez antes de irromper pelas portas do guarda-roupa. Sefa fez o mesmo, afastando os vestidos colados.

— Você viu o que ele fez com o selo?

— Ele o enrolou em algum tipo de material de moldagem — respondeu Sefa. — Como ele sabia onde Vaida o escondeu? — Ela puxou a mesa para a frente. Olhei para Vaida, verificando se ela dormia profundamente.

— Eles se conhecem desde a infância — resmunguei, agachando-me atrás da cômoda. — Parece que Vaida mantém a sua rotina.

O anel pendia de um prego que Vaida havia pregado no fundo da cômoda. Vitoriosa, peguei-o – apenas para deixá-lo cair enquanto o calor escaldante queimava os meus dedos.

— O que foi? — Sefa estendeu a mão para o anel e, assim que tocou o objeto de metal, recuou com um grito. — Está protegido contra nós.

— Como ele o pressionou no molde?

Sefa tentou pegá-lo com a barra do vestido. O tecido chamuscou e escureceu.

— Talvez as luvas dele tenham oferecido alguma proteção?

Cerrei os dentes, a vontade irreprimível de estrangulá-lo me dominando.

— Ou ele fez exatamente o que fez com o ghaiba. A magia passa por ele como uma peneira, e ele deve ter imaginado que conseguiria tolerar a agonia por tempo suficiente para moldar o selo e devolvê-lo.

— É um palpite. — Sefa olhou com desdém para o local onde o anel estava no tapete grosso.

— Não é um palpite — rosnei. — Uma teoria. Bem, ele não é o único que pode tê-las. — A compulsão da boneca por mim se dissipou quando ela caiu sobre as minhas algemas. Se Soraya acreditasse, e as minhas algemas resistissem aos feitiços de rastreamento mais fortes, era

possível que anulassem a magia do selo por tempo suficiente para que pudéssemos levá-lo para a nossa ala.

— Depressa, a guarda não vai demorar muito na cozinha — disse Sefa.

Equilibrar o anel nos meus pulsos sem tocá-lo provou ser uma tarefa mais complicada do que eu esperava. Sefa claramente achou que eu tinha perdido a cabeça, a julgar pela sua expressão cautelosa. Sefa só conseguia ver o anel na parte interna do meu pulso, sem nenhuma explicação para o motivo de ele não ter queimado a minha carne. Com a mão voltada para cima e os dedos apontados para o chão, equilibrei precariamente o anel no punho direito.

— Ótimo, ótimo — Sefa sussurrou. — Vou na frente e desobstruirei o caminho para a nossa ala. Marek provavelmente está esperando na esquina. — Verificando mais uma vez para se certificar de que o anel não havia queimado o meu pulso, Sefa saiu pela porta, deixando-a aberta para que eu a chutasse.

Dei um passo cauteloso em direção à porta, depois outro. O anel balançou. Tentei manter meu pulso o mais reto possível. Eu estava quase chegando à porta quando ouvi a voz.

— Eu a aconselharia a não dar mais um passo — dizia.

Quase deixei o anel cair. Me virar sem tirá-lo do punho levou segundos agonizantes.

A Sultana sentou-se, e as duas órbitas brancas me encararam no lugar dos olhos. Não havia a mínima dúvida em meu estômago rebelde de que aquela coisa ereta e sorridente na cama não era a Sultana.

— Você é... Baira? — engasguei.

A coisa riu, jogando a cabeça de Vaida para trás.

— Ah, céus, não. Mas foi ela quem me fundiu ao seu selo, e receio que deva insistir que você o devolva a sua legítima herdeira.

Eu não tinha suportado essa aventura apenas para ser frustrada por

um ghoul sem forma. Mantendo o meu olhar fixo nele, recuei arrastando os pés.

Entre uma respiração e outra, a coisa que usava Vaida materializou-se à minha frente. O anel caiu do meu pulso, caindo em algum lugar entre os nossos corpos. Ficou perto demais, compartilhando meu ar. Seus olhos leitosos brilharam.

— Quase lá — cantava. — Eles tentaram várias vezes, mas as suas escolhas nunca mudaram. Quem diria que esta daria certo?

Sua curiosidade infantil desapareceu, e me encolhi diante da ameaça implacável no rosto manipulado de Vaida. Os ricos bairros Omalianos desapareceram ao nosso redor, e a voz da coisa ecoou em uma caverna escura e voraz. Magia ancestral pressionava os meus flancos, arranhando a minha pele com unhas. Com a certeza dos condenados diante do machado do carrasco, eu sabia que aquela não era uma magia que meros mortais deveriam ver. Era o grito do primeiro pássaro a ser empurrado para fora do ninho, asas hesitantes se esticando para voar. O primeiro trovão de um céu inquieto. As águas se movendo sob os Awaleen enquanto repousavam em seus tronos sob Sirauk, mantidas vivas por sua magia e também aprisionadas por ela. Eu era um mosquito esvoaçando em direção à superfície do sol, queimando com o mero voo.

— O selo de Baira é somente para as suas Sultanas. Não desobedeça a sua ordem outra vez.

A coisa retornou recatadamente à sua posição anterior e, com um último sorriso para mim, os seus olhos se voltaram para a frente. Vaida desabou na mesma posição de onde havia se levantado.

Ouvi passos na porta, e ouvi a voz provocadora de Marek tentando persuadir a guarda a se afastar. Sem saber o que fazer, chutei o anel para debaixo da cômoda e rezei para que Vaida pensasse que ela o havia derrubado do prego durante seu estupor de embriaguez.

Eu me espremi para fora. Marek segurou o rosto da guarda com as mãos, bloqueando a sua visão periférica enquanto eu me esgueirava pelo corredor.

— Onde está? — exclamou Sefa quando virei a esquina. — Começou a queimar?

Massageei os meus pulsos, abalada pelo eco do poder que esperava para me devorar no vazio cavernoso.

— Sim, começou.

CAPÍTULO 29



Para o segundo teste, tivemos o privilégio de sermos escoltados de carruagem até o local de partida. Diya pressionou a testa contra a janela, contando baixinho cada árvore por onde passávamos. Mehti lidava com o estresse da mesma forma que parecia lidar com tudo: em excesso. Manteve um fluxo constante de conversas sobre os dançarinos dos festivais do dia anterior e, em seguida, mergulhou em uma descrição detalhada sobre a basturma[32] que havia comido enrolada em um frango assado.

Mehti jogou os pés para cima entre nós, bufando quando Diya os empurrou para fora do banco.

— As crianças da nossa cidade contam histórias sobre Dar al Mansi. Um menino se ofereceu para trocar a sua pedra comigo quando estávamos na escola se eu entrasse nos limites dela.

— Você fez isso? — perguntou Diya, relutante. Mehti era divertido à sua maneira peculiar, e eu adorava a distração de ouvir o barulho das rodas da carruagem.

— Era uma pedra muito bonita. — Ele fungou, cruzando os braços. — Os outros meninos ficaram impressionados.

— Que diferença faz? — Diya voltou para a janela. — Dar al Mansi só é perigosa durante o Alcalah. As criaturas capturadas ficam nas prisões Nizahlanas o resto do tempo.

Ao contrário da Floresta de Ayume, Dar al Mansi não apresentava corrupção em seu cerne. Chamada de "lar dos esquecidos" em homenagem à vila soterrada nela, Dar al Mansi era uma nova adição ao

Alcalah. A preparação para este teste causou grande tensão em Arin.

Dois anos após a Cúpula Sangrenta, grupos de Jasadis fugindo do cerco de Rawain se depararam com a solitária vila de Omal. No mapa de Arin, Dar al Mansi estava ligada à própria Omal em uma forma distorcida de ampulheta. Dar al Mansi ficava na parte inferior, envolta pela Floresta Essam, e Omal na parte superior. A aldeia já estava abandonada quando os Jasadis a encontraram, deixada à mercê da natureza por seus antigos ocupantes. Os esboços que Arin me deu no início do treinamento mostravam uma imagem dos Jasadis vivendo felizes, sem incomodar ninguém, com sua magia revivendo a terra ao seu redor. O próximo esboço a carvão mostrava as forças de Nizahl e Omal rastejando por Essam, cercando a aldeia por todos os lados.

Os Jasadis em Dar al Mansi sentiram a invasão e uniram a sua magia para atrair a Floresta Essam para a aldeia. Árvores brotaram dentro das casas, ninhos munban substituíram o chão das lojas e o solo lamacento ondulou sobre o terreno rochoso. Sua magia foi drenada por tamanha onda de poder que os Jasadis ficaram impotentes para se defender. Os estudiosos acreditavam que eles ordenaram que a Floresta Essam cobrisse a sua aldeia na esperança de confundir os soldados. Eu havia estudado os esboços que Arin me deu por horas; os Jasadis sabiam o seu destino quando gastavam sua magia. Era aceitável para eles. Permitir que Nizahl e Omal destruíssem uma segunda casa não era.

Um bosque sobre uma encosta arborizada mantinha Dar al Mansi separada das outras cidades de Omal. Quaisquer criaturas que os Campeões não conseguissem exterminar seriam deixadas para os soldados.

— Quais são os três troféus que você quer? — perguntou Mehti. — No último Alcalah, um Campeão emergiu com a cabeça de um nisnas[33], uma pena de Al Anqa'a[34] e a cauda de um viroli. Quero tentar cortar um

pedaço de um zulal, se tiverem um.

— Quero um troféu das três coisas mais fáceis de matar — disse Diya. — Como se atravessar a vila vivo não fosse um desafio em si. Um zulal? Você vai irritar um verme maior que Hirun e alto como as árvores de Essam na esperança de que a plateia aplauda mais alto quando você aparecer? Só precisamos trazer três provas de nossas mortes, e é isso que vou fazer.

— Onde está o seu espírito esportivo? — Mehti fez beicinho. — O vigor de batalha do Awala de Orban deve se refletir em sua Campeã.

A carruagem sacudia, balançando de um lado para o outro. Diya olhou com desdém para Mehti – uma bela conquista, considerando que ela tinha metade do tamanho dele.

— Este teste celebra o seu Awala demente, não o meu. Dania não andava com criaturas selvagens.

— Como você chama o khawaga, então?

Toquei a maçaneta da porta da carruagem. O que eu mais temia era o segundo teste. Era mais difícil ignorar a realidade da minha traição enquanto caminhava pelo cemitério do meu povo como Campeã de Nizahl.

— A patrulha Omaliana está esperando na Floresta Essam para matar qualquer criatura que escape de Dar al Mansi — eu disse, silenciando a dupla. Eu não falava nada desde que a carruagem deixou os jardins do palácio. — Será que os soldados *nos* atacariam?

— Por que diabos fariam isso? Nós não somos monstros — disse Mehti, horrorizado.

Nem os Jasadis, eu quase disse.

— O que nos torna diferentes? Entramos nesta aldeia para matar e mutilar. Se somos monstros ou homens, o que faz a diferença?

Mehti pareceu ainda mais escandalizado com a pergunta. Diya franziu os lábios. Contemplativa.

A carruagem parou com um sobressalto.

— Campeão de Omal, desça! — gritou o cocheiro. Ao contrário de Ayume, fomos deixados em pontos de partida diferentes para o segundo teste. Mehti estufou o peito, esfregando as mãos ansiosamente.

— Uma boa caçada é exatamente o que preciso para me reanimar desta conversa tediosa. Por Kapastra! — Ele saltou da carruagem, batendo o punho na lateral. Diya e eu o observamos, entusiasmadas, examinar as armas que lhe foram fornecidas.

— Escolha — disse Diya. Diante da minha expressão interrogativa, ela cruzou os braços. — A capacidade de escolher é o que faz a balança pender. Monstros não têm escolha em sua maldade, mas os humanos a escolhem deliberadamente. Os meus pais escolheram vender a minha irmã mais nova para os khawaga. Convenceram-se de que não tinham escolha; como poderiam deixar a sua próspera cidade por uma aldeia invadida por vagabundos? Trocaram minha irmã gentil por um telhado mais alto e paredes mais bonitas. Os khawaga devolveram minha irmã em pedaços. Puni minha mãe e meu pai por cada parte dela que enterrei.

— Quarenta e três facadas cada um — lembrei-me. — Espero que tenham vivido o suficiente para sentir cada uma delas.

Diya deu um leve sorriso.

— Eu também posso fazer escolhas.

A carruagem parou com um estrondo.

— Campeã de Orban, desça!

Diya parou na porta.

— Tente não morrer. Eu odiaria ouvir Mehti tagarelar pela terceira vez.

Pisquei os cílios.

— Ora, Diya. É esta a sua proposta formal de amizade?

Ela considerou a distância entre ela e o chão.

— Morra, então. — Ela pulou.

Eu tremia de tanto rir. Ignorei os resmungos do cocheiro e coloquei a cabeça para fora da janela enquanto a carruagem seguia em frente.

— Mas eu aceito!

O cocheiro estalou as rédeas e Diya desapareceu entre as árvores. Levantei o queixo, procurando o sol no céu nublado. Sentia mais falta dele nos túneis do que imaginava.

— Campeã de Nizahl, desça!

Respirando fundo, saltei da carruagem. O cocheiro não me olhou nem uma vez, incitando os cavalos na direção oposta de Dar al Mansi. Uma camada de orvalho cobria as armas deixadas na base da árvore. Os invernos Omalianos não eram o cenário ideal para um teste que dependesse da acuidade da visão e do som.

Uma névoa pálida pairava ao nosso redor. Finos raios de sol espiavam no céu cinzento. Prestei atenção em qualquer movimento e me deparei com um silêncio profundo demais para ser natural.

Avaliei as armas. As instruções de Arin foram claras. Duas armas que poderia enfiar na roupa e uma que eu carregaria. Escolhi uma adaga redonda com bainha, prendendo-a entre os seios. Havia enrolado uma roupa íntima apertada em torno dos seios e costelas para esse fim específico. O pobre Wes ficou da cor de uma ameixa durante o treinamento quando me recusei a enfiar a adaga na cintura e, em vez disso, coloquei a mão na túnica. Enfiei a segunda lâmina, mais curta, na bota.

Mordi o lábio inferior, hesitando entre o machado e a lança. Eu praticava quase exclusivamente com a lança. Seu peso seria familiar, e era a arma preferida de Arin.

Passei a unha pela linha afiada do machado. Conforto demais na batalha era um perigo por si só.

Um grito agudo ecoou acima de mim. Joguei-me no chão, enroscando-me sob a árvore mais próxima. Através do manto de galhos

esqueléticos, observei com espanto ofegante enquanto Al Anqa'a se lançava sobre Dar al Mansi. Asas do tamanho de uma carruagem se abriram. A luz limitada refletia-se em penas de vidro que se desvaneciam nas cores de um pôr do sol, um gradiente de magníficos tons de laranja e rosa se misturando ao longo de suas asas, terminando em penas com pontas acinzentadas. Garras longas, como um homem e mais afiadas do que qualquer espada, curvavam para a frente.

Al Anqa'a foi a única criatura que não mataram ao final do teste. Cortaram as suas asas para garantir que só pudesse voar em círculos baixos, e os seus olhos pequenos e brilhantes vasculhavam a vila abaixo em busca de movimento. Suspirei fundo quando ele bateu as asas, circulando para a esquerda. Disparei entre as árvores, desconfiada de qualquer espaço aberto. Uma vez que Al Anqa'a se fixava em sua presa, não havia como escapar de suas garras.

Contornando um aglomerado de cardos, deparei-me com Dar al Mansi em toda a sua glória sinistra. Trepadeiras verdes e espessas cobriam a terra como veias salientes, subindo pelas laterais de lojas em ruínas e sobre os escombros. Árvores adultas brotavam de prédios baixos, com as suas bases pulverizando as paredes externas. Vida humana recuperada pela vida selvagem.

O espaço entre as árvores aumentava a partir daqui, o que significava que eu precisava ficar encostada nas paredes para ficar escondida de Al Anqa'a.

Corri da árvore em direção a uma carruagem capotada no meio da estrada. Minha náusea aumentava a cada passo em Dar al Mansi. Não sabia dizer se minhas algemas estavam reagindo aos resíduos de magia deixados ali ou se meu estômago apenas não aguentava o cheiro sufocante de decomposição.

Agachada atrás da roda da carruagem, calculei a distância que precisaria percorrer para chegar à loja mais próxima. Al Anqa'a circulava

sobre a praça. Encolhi-me como uma bola.

Um som gutural de estalo irrompeu à minha esquerda. Mancando do que poderia ter sido uma botica, a forma inconfundível de um nisnas emergiu. Eu ouvira histórias sobre criaturas macabras, mas elas empalideciam em comparação com a realidade. Um nisnas era o que poderia ter acontecido com Timur se eu o tivesse deixado deitado no chão da floresta de Ayume, vulnerável à magia sinistra da floresta. Um braço arrastava-se atrás do nisnas, mais longo que o resto de seu corpo disforme. Onde o outro braço deveria estar, havia um saco translúcido de sangue, balançando lentamente em direção a mim. Meia perna se projetava do centro de seu torso, e o único olho amarelo em sua cabeça bulbosa piscava para mim. Dedos grossos formavam um colar com pontas em volta de sua garganta. Pele amarela crescia sobre a sua boca, deixando-o incapaz de qualquer coisa além de um gorgolejo abafado.

A descrição que Wes fez do assunto foi a que mais fez justiça.

— *Um nisnas é o que acontece se você coloca um corpo mortal em decomposição em uma tigela de ferro e o esmaga com um pilão* — ele disse.

O nisnas se arrastava para a frente com uma velocidade surpreendente. Al Anqa'a circulou a praça uma, duas vezes, ignorando o nisnas. Implorei ao pássaro que voasse para outro lugar antes que eu tivesse que escolher entre arriscar um espaço aberto ou o nisnas. Quando o fedor fétido do nisnas chegou às minhas narinas e pude ver a pele enrugada de seu rosto, Al Anqa'a desviou da praça com uma rajada de vento.

Atirei-me para longe no momento em que o braço pendurado do nisnas se projetou para o lado. Rolando para me levantar, balancei o machado, cortando o saco líquido do braço. Um gemido gorgolejante que poderia ter sido um grito irrompeu enquanto sangue e pus jorravam no solo. O nisnas deslizou em minha direção sobre protuberâncias pontiagudas de osso. O machado atingiu a linha de sua cabeça inchada,

cortando os dedos que cresciam em seu pescoço. Embora apenas uma tira de tendão marrom mantivesse sua cabeça presa, o nisnas não diminuiu o ritmo. Seu braço se debateu em volta das minhas pernas, me jogando no chão.

— Sai de cima de mim! — grunhi, cortando a coisa. Tentei conjurar pensamentos para provocar minha magia. Ela parecia relutante em participar.

Por fim, cortei o nisnas o suficiente para me soltar de seu aperto. Os pedaços tremiam no chão e, bem diante dos meus olhos, começaram a se unir novamente. Agarrei um dedo que se contorcia e o enfiei em um dos nós da minha trança para mantê-lo imóvel.

Icor escorria do machado enquanto eu corria. Os lugares em minhas roupas onde o nisnas me tocou estavam chamuscados, a lama que cobria seu corpo corroendo o tecido fino. Parei depressa para esfregar a terra em todos os lugares onde a lama havia tocado minha pele.

Corri como uma barata pelo próximo quilômetro, ziguezagueando entre prédios em ruínas e matagais crescidos. A sombra projetada por Al Anqa'a era um aviso suficiente de sua aproximação, e eu me encolhia toda vez que ele circulava.

Quando ele voltou, me escondi em uma porta aberta. Os restos de uma casa familiar rangeram sob meus pés. Uma árvore enorme se erguia no centro da casa, crescendo em meio às ruínas. Um chocalho de bebê balançava em um galho, e um berço combinando estava esmagado ao redor das raízes da árvore, que se espalhavam pelo chão como uma pedra jogada em águas calmas.

O que Nizahl e os outros reinos devem ter feito a Jasad para que os aldeões daqui preferissem essa morte a outra invasão? Que horrores foram infligidos às casas dos jasadis para que o consumo pela floresta fosse a alternativa misericordiosa? Eles não reuniram sua magia para repelir os soldados, mas para destruir sua aldeia em seus próprios

termos.

Vidros estalavam enquanto eu me aprofundava no monumento da morte. Como seria a aparência de Jasad, se aquilo fosse o resultado de um desastre em uma vila qualquer?

Fugir não era uma opção para eles, disse Hanim. *Nizahl já havia liderado o ataque contra as suas terras uma vez, e eles não seriam expulsos de outra casa.*

Peguei um remendo rasgado de uma colcha colorida. Eles tinham bordado o corpo ágil e felino do kitmer, com as suas asas douradas e até mesmo sua cabeça emplumada. Agarrado a Jasad, mesmo depois de ele ter partido há muito tempo.

— Peço desculpas pela bagunça — disse o homem encostado na árvore. — Eu não esperava visitas.

Deixei cair o remendo. A surpresa se transformou em alarme, e levantei o machado, procurando o buraco mais próximo na parede por onde eu pudesse passar. Xinguei a mim mesma por me meter tão fundo.

O homem que se aproximava de mim parecia completamente normal. Poderia ser um comerciante falante, um nobre lascivo, um vagabundo. As suas feições eram muito insossas, como se um artista tivesse delineado as linhas básicas do rosto de um homem e se esquecido de preencher o resto.

— Não precisa disso — disse ele amigavelmente, gesticulando para o meu machado. — Não com toda a magia deliciosa que você pode usar no lugar.

Fiz uma pausa, e ele riu da minha expressão.

— Achou que eu não sentiria o cheiro? Ah, mas faz tanto tempo que não sinto o gosto da magia. Estava procurando um pedaço, e eis que um banquete se apresentou para mim.

— O que você é? — Segurei o machado entre nós enquanto me afastava.

— Faminto — disse ele. — Morrendo de fome, na verdade. Você

entende. Também posso sentir sua fome. — Ele se aproximou de mim, imperturbável quando golpeei o machado em advertência. Ele suspirou. — Eu preferia comer magia Lukubi, na época em que a tinham. Jasadis dão muito trabalho.

— Não tenho nenhuma magia para você comer. Seja lá o que for que esteja sentindo, é deste cômodo. — Olhei para a porta. Mais alguns passos. Lutar em uma casa fechada com uma árvore atravessando o meio não era receita para o sucesso.

— Bobagem. Sua magia é madura. Perfumada. — Ele respirou fundo. — Muito melhor do que qualquer coisa que esses idiotas miseráveis já possuíram.

Eu estava sendo provocada. Mesmo ciente disso, deixei o meu temperamento explodir.

— Para um homem faminto, você parece ter energia para uma abundância de estupidez.

Suas feições desapareceram por um segundo, como se o seu rosto tivesse sumido. Quando retornaram, ele exibia um sorriso irônico.

— Eu me empanturrei com Jasad enquanto ela queimava. Nada se compara ao sabor da magia usada em desespero. Eu me saciava nas ruínas do reino, e ninguém se incomodava em me impedir. — Ele deu mais um passo em minha direção. — Eu me alimentei da magia da Herdeira de Jasad antes que ela deixasse seu corpo frio. A magia dela era amarga, deixava um gosto terrível. Como a própria Niphran.

Minha mão no machado vacilou.

— V-você a matou?

— Eu? Querida, minha espécie nem mesmo podia entrar em Jasad até que a fortaleza desabasse. A pobre Niphran já havia sido morta em sua pequena torre solitária quando chegue.

— Quieto! — gritei. A porta pressionava as minhas costas, mas eu não conseguia me fazer sair. — Você não vai difamar a Herdeira de Jasad

nesta aldeia.

— Mas esta é Dar al Mansi, não é? — ronronou ele. — E quem foi mais esquecido do que Niphran?

As minhas algemas eram tornos em chamas, a magia pulsando ao som da minha fúria. Suas narinas se dilataram, seu olhar reptiliano se arregalou.

— *Ah* — ele murmurou, e lambeu os lábios.

Eu já estava farta da tagarelice dele. O machado o atingiu no estômago, abrindo um corte grosso na barriga. Deveria ter esvaziado as suas entranhas no chão. Ele nem se mexeu.

— Eu gostaria de ter me alimentado de Malik e Malika. Até mesmo da filhinha bastarda de Niphran. Em vez disso, tive que me contentar com gente como essas. — Ele acenou para a casa destruída. — Uma pena que o reino mais fraco tenha retido a magia por mais tempo.

Minha magia rugiu, e os meus braços se moveram com velocidade sobrenatural para cravar o machado em sua garganta. Arranquei-o do aperto de tendões e músculos.

As feições do homem derreteram enquanto seu corpo começou a se deformar. Peludo, pernas bovinas alongadas substituíram as humanas, e seis membros longos e curvos de aranha irromperam de seu torso alongado. Três cabeças irromperam de seu pescoço em expansão, juntando-se em seguida, uma cabeça na parte superior e duas na parte inferior.

— Dulhath[35]. — A única criatura que nem mesmo Hanim ousara invocar. Desviei das pontas afiadas de suas muitas pernas de aranha e pisei na ponta mais próxima. Ela estalou, e o grito do dulhath perfurou os meus ouvidos. Cortei o membro que vinha da direita.

Outra perna arrancou os meus pés de debaixo de mim. O mundo girou e bati a cabeça contra a árvore. Uma dor ofuscante explodiu em

minha têmpora quando uma pilha de cacos de vidro amorteceu a minha queda. Uma lama viscosa pingou de dentes mais afiados que facas, rangendo em meu rosto. Levantei-me bruscamente, rasgando as mangas da minha túnica no vidro.

O dulhath avançou em minha direção. Levantei a mão, enfim cedendo à demanda devastadora da minha magia. Ele gemeu enquanto as suas cabeças começavam a se desenrolar, com uma gosma branca grudada entre cada pedaço de cabeça enquanto se movia. Estalei os dedos e as cabeças se lançaram em direções diferentes, rasgando o seu corpo enorme em três.

Cortei a parte inferior de uma perna de aranha e a amarrei em volta da minha coxa com um pedaço da colcha abandonada. Zombei das cabeças trêmulas do dulhath, jogando o chocalho do bebê onde eu esperava que estivesse seu rosto.

— A única coisa fraca que pode morrer nesta casa é você.

Depois de verificar o céu sombrio em busca de Al Anqa'a, corri a toda velocidade passando pelo conjunto de lojas, saltando sobre crateras repletas de ninhos de munban e panelas enferrujadas. Ao ver a silhueta iminente de Al Anqa'a, corri pela estreita fenda que separava um açougue de um aglomerado de árvores jovens. Olhei por cima do ombro enquanto contornava a borda.

Uma parede elástica me jogou no chão, fazendo meu machado voar. Apertei os olhos, ajustando a visão na sombra. Um grito estrangulado escapou dos meus lábios antes que eu pudesse me conter.

Um zulal ondulava ao redor do corpo de Mehti. Apenas sua cabeça era visível do abraço sinuoso do enorme verme. A morte nublou os olhos que horas antes dançavam com malícia. O zulal pulsava ao redor do Campeão de Omal, sugando a umidade de seu corpo em sua espiral mortal. Quando o verme terminasse, deixaria para trás sua carcaça ressecada e enrugada e deslizaria para longe, à espreita de sua próxima

refeição.

Meu machado havia caído parcialmente sob o zulal. Rastejei em sua direção, esticando os dedos o máximo que pude. Quando o cabo me escapou, rastejei um pouco mais para perto.

O zulal parou abruptamente de ondular ao redor do cadáver de Mehti. Pelos túmulos amaldiçoados! Abandonando o machado, corri para longe enquanto a metade superior do verme branco se desfazia com um ruído úmido de sucção. Não olhei para trás para ver se estava me perseguindo. Puxei a adaga escondida na minha túnica, sua leveza contrastando desagradavelmente com o peso satisfatório do machado.

Quando Al Anqa'a terminou o seu próximo circuito, desci do prédio. Não muito longe, as árvores voltaram aos seus grupos naturais, com o fim de Dar al Mansi e o início da Floresta Essam. Dali, seria uma caminhada de quinze minutos até onde a multidão aguardava para saudar os Campeões que retornavam.

Atravessei um jardim florido, com a sola da minha bota acumulando lama e pétalas mofadas. Quando cheguei à fronteira, não havia encontrado nenhuma outra criatura. A perspectiva de voltar para pegar o zulal e encarar o rosto pálido de Mehti me apavorou. Tinha que haver outra criatura tão perto da fronteira, certo?

Um farfalhar à direita me fez girar. Levantei a adaga, flexionando o braço em preparação. Um golpe certeiro e eu encerraria o segundo teste para sempre. Um homem cambaleou por cima da linha das árvores, desgrenhado e mancando. Meus dedos apertaram o cabo. Outro dulhath?

O homem levantou o queixo, lançando um olhar vidrado ao redor.

Não o reconheci a princípio.

Os anos não o trataram com gentileza. Os fortes braços marrons que me tiravam das árvores e me colocavam nos ombros estavam enfraquecidos. Rugas se formavam em sua testa orgulhosa, e parecia que

ele precisava de toda a sua força para levantar a cabeça.

Eu recuei quando seu olhar cansado encontrou o meu.

Dawoud, chefe da equipe de Niyar, o homem que me trazia bolos escondidos da cozinha, que passava seus raros momentos livres ouvindo-me tagarelar sobre o meu dia, que me ensinou a melhor maneira de subir em uma figueira, estava em Dar al Mansi.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele também me reconheceu.

Mesmo que tivessem me jogado em um barranco de sujeira, queimado os pecados de cinquenta vidas na minha pele, eu não poderia me sentir mais suja do que naquele momento.

— Você é real? — perguntei. Meu punho na adaga tremeu.

— Essiya — ele sussurrou, e o som que saiu da minha boca não era humano.

Dawoud correu até mim, o instinto de conforto superando a sua deterioração física. Eu me afastei dele.

— Como você está aqui? — perguntei, engasgada. — Como está vivo? — A mais terrível das ideias me ocorreu, e a bile queimou na minha garganta. — Diga que você não está com eles, Dawoud. Diga que os Mufsids ou Urabi não o enviaram.

— É claro que não! — Um eco do seu antigo eu ecoou em seu tom ofendido. — Não cruzo com nenhum dos dois grupos há um ano.

— Então *como*?

Dawoud suspirou.

— Fui capturado em Orban há três meses por um grupo de soldados de Nizahl. O Sumo Conselheiro de Rawain sabia do meu papel em Jasad e encontrou métodos inovadores para extrair informações de mim.

A compreensão me atingiu como uma chuva de gelo. Coloquei a mão sobre a boca, afastando-me de Dawoud com o estômago embrulhado. Ele era prisioneiro do Supremo Rawain. Soltaram-no na

Floresta Essam, em direção a Dar al Mansi, apesar de saberem que ele era um Jasadi.

Eu estava certa o tempo todo. Vaun plantou as sementes da dúvida na cabeça do Supremo Rawain. Deixei os guardas me convencerem de que Rawain não confiaria em ninguém mais do que no seu filho. E, na maioria dos casos, Rawain não confiaria.

Mas Jasadis não eram a maior parte do problema.

Dawoud franziu a testa, ressuscitando o fantasma de um analista outrora brilhante.

— Se você não me matar, o Supremo vai pensar que você é uma Jasadi — disse Dawoud. — Eu me pergunto como ele soube que tinha que me enviar. Não sou o único prisioneiro.

Enquanto eu permanecia ali, em silêncio, a voz de Dawoud se suavizou.

— Pensei em você todas as noites. Quando soube o que tinha acontecido, o que tinham feito, não consegui pensar em nada além de você. A discussão que tivemos por causa do seu vestido; seria a última? Você estava tão brava comigo, batendo os pezinhos e se escondendo na sua árvore.

— Não gostei dos babados dourados. — Eu não conseguia respirar.

— Eu pensei: "Essiya não. Ela também não. Qualquer outra pessoa, menos ela".

A tristeza queimava em meu peito.

— Sinto muito, Dawoud. Sinto muito mesmo.

Ele nunca deveria ter me visto assim.

— Chamaram você de Sylvia — disse ele. — Os guardas. Disseram que você é a Campeã de Nizahl.

A vergonha que me percorria queimava mais forte que o selo de Vaida, queimando mais do que uma mão enfiada em chamas crepitantes. Ele disse isso com clareza, sem nenhum sinal de julgamento na voz, mas

as palavras me chicotearam até me fazerem em pedaços.

Sylvia. Campeã de Nizahl, murmurou Hanim. *Essa foi a sua escolha.*

— Eu tive que fazer isso. Foi o razoável... foi a escolha lógica — balbuciei, plenamente consciente da preocupação que se formava no rosto de Dawoud. Como eu deveria estar, resmungando para mim mesma, coberta de poeira e sangue, carregando troféus de monstros? A filha de Niphran assediada por uma nova loucura. — Eu não pude ajudá-los! Não posso. Não tenho nada a oferecer. Olhe ao nosso redor. Como eu poderia ter impedido isso? Não sabia que você estava vivo... como poderia saber?

Você poderia possuir toda a magia do mundo e ainda assim daria as costas para Jasad, disse Hanim. Apertei os cabelos com as mãos, balançando a cabeça como um cachorro tentando espantar uma mosca persistente.

Antes que Dawoud pudesse responder aos meus delírios, um grito abalou a terra. Tarde demais, registrei a longa sombra sobre nós. Al Anqa'a mergulhou, e me lancei contra Dawoud enquanto as suas garras se curvavam sobre o local onde ele estivera.

— Aqui, pegue isso. — Enfiei o cabo da adaga em sua mão, puxando a da minha bota enquanto me levantava num salto. — Vá, fique perto dos prédios!

Dawoud olhou para a adaga, sem compreender.

— Acha que vou deixá-lo lutar sozinha?

Al Anqa'a gritou, e eu esperava fervorosamente que a multidão que esperava além de Dar al Mansi pudesse ouvi-lo. Que soubessem que Dar al Mansi, por mais esquecida que fosse, jamais pararia de exigir ser ouvida.

Virei a adaga, mantendo Al Anqa'a fixo em mim enquanto ele dobrava as asas para mergulhar de novo.

— Sou mais do que capaz de lutar sozinha.

Asas de vidro ressoavam com o vento enquanto Al Anqa'a

avançava em minha direção. Deslizei por um longo caminho enquanto ele se aproximava, apontando minha adaga para cima. Preparei os meus braços, mantendo a adaga firme e alta. Al Anqa'a gritou quando a adaga perfurou sua parte inferior sem penas, e suas garras me atingiram no ombro e balançaram. Eu caí contra a lateral de uma casa em ruínas.

Al Anqa'a sacudiu-se e a adaga caiu no chão. Seu olhar penetrante estreitou-se. Empurrei-me para fora da fenda dos escombros. Uma garra afiada perfurou minha panturrilha, arrastando-me para fora do beco estreito. Tentei agarrar-me a uma âncora, arrancando raízes e agarrando-me às pedras.

Al Anqa'a abriu o bico, suas asas se abrindo sobre mim. Um quadro de cores de tirar o fôlego se desenrolou, mais brilhante do que todos os amanheceres e entardeceres que eu já tinha testemunhado.

Eu me contorci sob suas garras inflexíveis, deixando um rastro de sangue atrás de mim.

De repente, Al Anqa'a rugiu outra vez, soltando-me para voar pelo ar. Atrás dela estava Dawoud, com as mãos levantadas e os lábios se movendo. Seus olhos brilhavam em ouro e prata. Al Anqa'a balançou no céu, uma poderosa rajada de vento de suas asas fazendo Dawoud tropeçar.

— Dawoud, pare! — gritei. Ele precisaria de cada gota de magia que tivesse para escapar da patrulha que cercava Dar al Mansi. Não podia desperdiçar tudo com o Al Anqa'a.

O suor brotava em sua testa, acumulando-se em sulcos profundos.

— Essiya, acabe com isso — disse Dawoud. Manquei até a minha adaga e a limpei na coxa. — Você sabe o que Rawain quer.

Foi a minha vez de encará-lo sem entender.

— Eu *não* vou te matar — rosnei.

A parte sensata de mim sabia que falhar no teste de Rawain significaria o fim de todos os meus planos. O fim dos desígnios de Arin.

Mas eu havia sobrevivido até aquele ponto por reconhecer os fardos que podia suportar, e matar Dawoud não estava entre eles.

Al Anqa'a derrubou uma parede de uma loja, fazendo com que tijolos voassem ao nosso redor. A magia de Dawoud não aguentou por muito mais tempo. Meus punhos se apertaram, inchados de medo.

Ele não conseguiu segurar, mas eu conseguiria.

Fiquei olhando para os meus punhos enquanto ficavam mais apertados do que nunca.

Al Anqa'a atacou Dawoud, errando-o por centímetros. Joguei os meus braços para o alto, com as minhas algemas latejando enquanto a minha magia se lançava contra Al Anqa'a. A criatura gritou, com as suas asas de vidro crepuscular tilintando. Uma névoa opaca cobria o céu.

Dawoud observou o pássaro que gritava com grande admiração. Mas, quando olhou para mim, o choque tomou conta de seu rosto.

— O que há de errado com os seus olhos?

Franzi a testa, piscando depressa. Meus braços tremiam com o esforço de segurar Al Anqa'a.

— Eles... eles não mudaram. Não há nenhum traço de ouro ou prata. — Ele se aproximou para olhar melhor. — Onde está a magia em seus queridos olhos kitmer?

— As algemas — cuspi. — Minha magia flui através das algemas, não do meu corpo. Dawoud, você precisa fugir. Por favor. Não consigo segurar por muito mais tempo, e a patrulha está se aproximando de Dar al Mansi.

Dawoud ficou pálido como a morte. Ele cambaleou para longe, olhando para meus pulsos com mais terror do que reservava para Al Anqa'a. Será que os efeitos de gastar tanta magia o atingiram?

— Como elas ainda podem estar aí? Como? — ele ofegou. — Ah, minha querida Essiya, ah, não. O que aconteceu com você?

Você tem o potencial e o poder de ser pior do que qualquer um que veio

antes de você.

— Dawoud — ajeitei os pés enquanto Al Anqa'a se chocava contra a barreira. Eu deslizava para trás a cada golpe da minha magia. — Eu já queimei sua colcha favorita?

Um olhar peculiar passou pelo chefe de gabinete de Usr Jasad. Era o olhar de alguém que acreditava que um puxão errado nas cordas faria o céu desabar. Um olhar que eu reconheci da minha infância. Suas sobrancelhas grossas franziram.

— Eu deveria ter deixado você levá-la para o pátio — disse ele.

Soraya estava certa.

Espelhos. As minhas memórias eram fragmentos, reflexos do que eu precisava que fossem para sobreviver. A dolorosa admissão de Dawoud se rompeu no dia em que queimei a sua colcha. O estilhaço ecoou pelo meu corpo, ressoando em meus ossos.

Essiya não era melhor do que Sylvia. Eu sempre fui assim tão quebrada. Tão egoísta.

Sylvia era apenas um reflexo das piores partes de uma garota que eu havia enterrado.

Em uma explosão de fúria, Al Anqa'a ultrapassou a barreira da minha magia. Faíscas caíram como chuva dourada da barreira rompida. Suas garras se fecharam em torno do meu corpo, e eu xinguei quando meus pés deixaram o chão.

Seu aperto vacilou quando eu dei um chute. Uma única garra perfurou as costas da minha túnica como um gancho. Eu balancei para baixo, o tecido da minha túnica se rasgando devagar. As asas de Al Anqa'a se agitavam, lutando para nos levantar contra a parede da minha magia.

No chão, Dawoud pegou a adaga. Ele olhou para mim, lágrimas escorrendo pelo rosto que antes era mais amado por mim do que o da minha própria mãe.

A boca de Dawoud se moveu e eu percebi o que ele pretendia fazer uma fração de segundo antes de ele enfiar a adaga em seu coração.

— Não! — gritei. Al Anqa'a gritou quando a barreira se rompeu em um tremor que sacudiu o céu. Faíscas douradas dispararam pelo ar como estrelas cadentes. Dawoud se encolheu e eu levantei os braços, escorregando para fora da túnica e caindo no chão. A adaga havia penetrado Dawoud no mesmo lugar em que Soraya me apunhalou. Al Anqa'a voou para o leste, abandonando a presa que havia se tornado mais problemática do que valia a pena.

— Seu Gedo Niyar ficaria tão orgulhoso de você — disse Dawoud quando me ajoelhei ao lado dele. Pressionei as minhas mãos trêmulas em seu ferimento, e ele gemeu. — Eu deveria ter acreditado neles quando disseram que você estava viva. Não ousei. A ideia de você sozinha por tanto tempo, enquanto nós... — Ele tossiu, gotas vermelhas respingando em seu queixo. — As suas algemas não foram feitas para durar tanto tempo. Ninguém é feito para ficar sozinho por tanto tempo.

— Então não me deixe. — O desespero transformou as palavras em um apelo.

O sangue jorrava entre os meus dedos e as minhas algemas esquentavam enquanto eu invocava cada gota de magia que possuía. Minha magia precisava agir de alguma forma. Dawoud não morreria na lama em Dar al Mansi. Não seria mais um Jasadi reivindicado por esta aldeia.

— Eu nunca deveria ter parado de te procurar. — Sua mão pousou sobre a minha, sua palma calejada fria sobre os meus dedos. Estremeci com o toque, e os olhos penetrantes de Dawoud se estreitaram. — O que aconteceu com você, Essiya? Onde você estava?

Minha magia se espalhou inutilmente ao nosso redor.

— Hanim — eu disse com dificuldade. Eu falaria, nem que fosse apenas para impedir que aquele homem teimoso o fizesse. — Ela me

manteve em Essam por cinco anos.

Meu objetivo de convencê-lo a relaxar falhou miseravelmente, porque ele tentou se levantar cambaleando. Sangue escorria pela sua frente.

— Qayida Hanim? — A cor restante desapareceu de seu rosto, deixando-o pálido e horrorizado. — Aquela traidora miserável. Ela te levou? Ela... ela arruinou a todos nós. Soraya, Essiya, você sabe sobre Soraya?

— Dawoud, por favor, fique parado — implorei.

— Hanim a trouxe para o palácio. Para a nossa casa. Hanim a recomendou aos seus avós porquê... — Parecia que era puro rancor que mantinha Dawoud acordado. Seus olhos reviraram descontroladamente. — Elas planejaram tudo. Mas Hanim... — Ele estremeceu, o que poderia ter sido uma risada. — Soraya deveria ter sido mais esperta do que confiar na fidelidade de traidores.

— Não me importo com elas — insisti. — Fique *quieto*.

Dawoud sorriu com lábios brancos.

— Minha pequena e determinada Essiya — ele sussurrou. — Morrer sabendo que você está viva é tudo o que eu poderia desejar.

Perdi a batalha contra o meu coração.

— Por favor, fique. Por favor. Tenho tanto para lhe contar. Fui aprendiz de um homem chamado Rory. Um químico. Eu mal conseguia tolerar o assunto com meus tutores, lembra? Mas ele me ensinou como curar o corpo por dentro e por fora. Ele me levou a uma mulher chamada Raya. Ela me lembrava você, só que mais rígida. Tornei-me sua pupila, e ela me tratou com gentileza. — Meus dentes batiam, tremendo junto com o resto do meu corpo. A respiração de Dawoud ficou mais lenta sob mim. O ataque da minha magia a Dar al Mansi evaporou.

Dawoud estava morrendo.

Limpando o sangue das mãos, deslizei para trás dele, puxando a

sua cabeça para o meu colo. Passei os dedos pelos seus cabelos, acariciando o seu couro cabeludo como ele costumava fazer comigo depois de um pesadelo.

— Estou aqui. Não vou embora — eu disse, e repeti as palavras muito depois de o peito de Dawoud se acalmar e seu corpo gelar.

CAPÍTULO 30



A noite caía sobre Dar al Mansi. Saí de baixo do corpo de Dawoud. Assim que a noite caísse, hordas de guardas em patrulha atacariam as criaturas restantes em Dar al Mansi.

Olhei para o rosto imóvel de Dawoud. O Supremo Rawain fez isso. Ele jogou Dawoud em Dar al Mansi para que eu o matasse. Éramos animais para ele, brinquedos para usar e descartar.

E eu era a sua Campeã.

A raiva acalmou a dor uivante em meu peito. Abaixei-me e, mesmo sem meses de treinamento, não teria lutado para levantar Dawoud nos braços. Embora faminto e torturado, Dawoud nunca se curvou diante de Nizahl. Orgulhoso até o fim, morrendo como todos os Jasadi em Dar al Mansi.

Mas, diferentemente deles, ele não moraria na casa dos esquecidos.

Carreguei Dawoud pelo trecho da Floresta Essam que separa Dar al Mansi do resto de Omal. A luz dos lampiões e o movimento tremeluziam entre as árvores. A patrulha marchando.

Essam se dissipou e uma comoção saudou a minha entrada. A plateia fervilhava em duas encostas opostas, esticando o pescoço para ver o estreito patamar entre elas. Aplaudiram enquanto eu caminhava pela trilha, embora os que estavam no fundo se aquietassem ao ver o homem morto em meus braços.

A expressão do locutor se contraiu de confusão quando me aproximei. Olhei para trás. O Supremo Rawain e os outros membros da realeza estavam à frente, cercados por guardas. Com cuidado, desviei o

olhar do Supremo Rawain ou de seu filho.

Jeru e Wes saíram da periferia enquanto o locutor observava Dawoud e o meu estado de nudez. Al Anqa'a havia agarrado a minha túnica com as suas garras, e uma grande faixa branca cobria os meus seios, mantendo minha barriga e ombros expostos. Ele pigarreou.

— Você... ahn...

Coloquei Dawoud delicadamente nos braços de Jeru e Wes, sem olhar nos olhos de nenhum deles. Eles cuidariam dele. Levariam-no para algum lugar onde os necrófagos não pudessem alcançá-lo.

Joguei o dedo do nisnas no chão e tirei o membro aranha do dulhath que estava preso à minha coxa.

— Um dedo de nisnas. Uma perna de dulhath. Um Jasadi. Três monstros. Três troféus. — Sorri, e o locutor deu um passo para trás. — Vá em frente. Declare-me.

— Sylvia — Jeru tentou, com a voz rouca. Olhei para ele, e o soldado de Nizahl empalideceu.

O locutor virou-se para a multidão reunida:

— A Campeã de Nizahl se junta a Campeã de Orban para avançar para a terceira prova!

Passei por ele, por Jeru e Wes e pelo homem morto em seus braços, pelos aplausos da realeza. Não parei para ver a satisfação no olhar de Rawain ou a irritação no de Vaun. Entrei na carruagem dos Campeões com Diya, e as rodas rangeram quando a carruagem se pôs em movimento bruscamente.

Ficamos em silêncio até chegarmos ao palácio. Diya puxou a colcha dos ombros e a jogou no meu colo.

— Não dê a eles nada para ver além do seu olhar — disse ela.

Entorpecida, puxei a colcha sobre os ombros. Nenhum servo me interceptou quando entrei no palácio, e nenhum guarda fez perguntas. Flutuei escada acima, atordoada. No silêncio dos meus aposentos, deixei

a colcha cair no chão.

Dói mais quando os seus fracassos têm nomes?, sussurrou Hanim. *Dói mais dar um rosto às pessoas que você decepcionou?*

As gavetas da mesa de cabeceira chocalharam, atirando-se para dentro parede oposta. Minhas algemas pulsavam em volta dos pulsos em carne viva, mas eu não sentia dor.

Você pode não enfrentar nenhum obstáculo e ainda assim encontrar uma desculpa para se afastar do seu povo, disse ela. *Dawoud está morto, a sua família está morta. Soraya nunca foi sua. Quem lhe resta?*

O guarda-roupa voou para dentro do divã, virando caixas de vestidos meticulosamente embalados. Cobertores se rasgaram e a estrutura da cama se partiu, levando a cama ao chão. Chamas dançaram sobre o tapete, subindo pela parede.

Dawoud pronunciou o meu nome antes de cravar a adaga no peito. Um nome que eu amordacei e enterrei bem fundo dentro de mim, um nome que deveria ter virado cinzas junto com o resto de Jasad.

Por muito tempo, pensei que o nome Essiya trouxesse morte por onde passasse. Mas ouvir Dawoud pronunciá-lo... tinha esquecido o que significava ser real para alguém. Eu me senti mais completa naqueles poucos minutos do que em onze anos. Mesmo sem saber mais quem era Essiya.

A porta se abriu quando vários travesseiros explodiram, fazendo chover penas no fogo dançante.

Meu pescoço se arrepiou e me virei para ver o Herdeiro de Nizahl fechando a porta.

O fogo lambia o colchão, lançando um brilho alaranjado pelo quarto. Algo molhado pingava do meu queixo desde que entrei no palácio, e enxuguei as bochechas com um olhar distante e maravilhado.

— Você sabia que não me lembro da última vez que chorei? Talvez seis, sete anos atrás. — Rachaduras se formaram no espelho. O vidro

estourou, espalhando cacos sobre o guarda-roupa destruído. Peguei uma lágrima com o canto do olho e a examinei pensativamente. — Elas só não param de cair.

— Você pretende derrubar o palácio de Omal, então? — perguntou Arin em tom de conversa, como se os objetos arremessados pelo cômodo não fossem nada mais importantes do que partículas de poeira superexcitadas.

— Ah, não sou gananciosa. Só esta metade serve. — A parte triangular da janela caiu em uma fenda no concreto branco.

Uma vantagem de viver com o Herdeiro de Nizahl por meses era como eu me familiarizava com as menores mudanças em sua expressão inescrutável.

— Qual era o nome dele?

Tudo do meu lado do quarto subiu no ar e foi arremessado contra a parede oposta.

— Fique quieto — rosnei.

Arin não conseguiu me ancorar desta vez. Eu não o deixaria romper o vazio abençoado outra vez.

Arin limpou cacos de madeira do casaco. Suas botas apagaram as chamas sob elas enquanto ele se aproximava.

— Quem era ele para você?

— Estou avisando. — Em vez de florescer com a minha indignação, minha magia começou a falhar.

Arin me prendeu contra a parede, com os seus braços envolvendo os lados da minha cabeça. Tudo o que eu conseguia ver era um azul-claro, firme e inabalável.

— Ele será levado para Jasad — disse Arin. Agarrei o peito, balançando a cabeça. — Eles o prepararão para o enterro, seguindo o costume Jasadi.

— Pare, pare — gritei. Empurrei os seus ombros.

— Ele será enterrado em um local onde a grama ainda cresce. — A voz de Arin ecoou na minha cabeça. Uma força firme e cauterizante abriu caminho pela ferida. — Uma figueira será plantada para marcar a sua memória.

Meus punhos afrouxaram enquanto o abismo dentro de mim se abria cada vez mais. Tentei bloquear a visão, mas ela se desdobrou diante de mim mesmo assim. Dawoud lavado por mãos gentis e envolto em linho branco. Os ritos fúnebres sussurravam baixinho em Resar. Uma figueira florescendo ao lado dele a cada primavera.

Arin me segurou enquanto eu deslizava pela parede. O Herdeiro de Nizahl me puxou para seu peito enquanto soluços sacudiam o meu corpo, nos levando ao chão. Chorei como não chorava desde a Cúpula Sanguinária, quando a minha primeira vida terminou. Pressionada contra o filho do homem que havia tirado tudo.

— Eu não sou uma açougueira — chorei na garganta de Arin. — Não sou um machado para ser brandida em qualquer direção que me apontem. Ele merecia mais do que isso. Ele merecia mais do que eu.

Todos naquela vila mereciam algo melhor. Supremo Rawain ferir Jasadis não foi nenhuma surpresa, mas a própria Herdeira deles? Matei e enterrei Hanim para evitar esse destino.

Arin não respondeu. Braços firmes me envolveram com mais força. Ele era real. Arin era real, Dawoud era real, e eu não passava de um fantasma dentro do corpo de uma covarde.

Mãos enluvadas emolduraram o meu rosto, puxando-me para trás. A compostura férrea de Arin vacilou enquanto ele examinava o meu rosto manchado de lágrimas. Havia nele uma selvageria que eu nunca tinha visto antes.

— Olhe para mim, Suraira. — Um desafio feroz irradiava do Herdeiro de Nizahl. — Você não precisa fazer isso. Fuja. Pegue um cavalo e vá o mais longe que puder.

Pisquei.

— O-o quê?

— Não irei atrás de você. Tenho propriedades escondidas em todos os reinos. Por toda a Floresta Essam. Elas são suas. Pegue-as. Seja livre. — O aperto de Arin era forte o suficiente para machucar, desmentindo as suas palavras.

Examinei o seu rosto. Quem de nós tinha perdido o juízo?

— Um burro que levou seis coices na cabeça não sugeriria uma ação tão irracional. Você está zombando de mim?

Arin olhou para mim até começar a doer. Um polegar coberto deslizou pela minha bochecha.

— Que apelo a razão pode ter diante das suas lágrimas?

Olhei para ele. As mechas sedosas de cabelo prateado caindo em volta das orelhas. Sua cicatriz que desafiava a morte. O formato da sua boca. Uma boca que eu vira espalhar terror aos olhos dos homens e girar o eixo do destino em direção à sua vontade inflexível. Uma boca letal e venenosa. Uma boca que se curvava para cima sob meu olhar pesado.

Por que a Cúpula foi convocada? Antes de ser o ímpeto para a Guerra de Jasad, antes de ser a Cúpula Sanguinária... por que os reinos se reuniram?

— Os Malik e Malika de Jasad eram mineradores mágicos.

Nós dois congelamos. Pressionei as pontas dos dedos nos lábios, sem ousar acreditar que eles haviam se moldado em torno de palavras tão horríveis. Palavras que poderiam me levar à mordaça e à prisão quase tão rápido quanto minha magia.

— Sua magia é poderosa, Essiya. Gedo Niyar e Teta Palia podem tentar tomar um pouco dela. Diga não a eles. Lute contra eles se for preciso. — Niphran alisou os meus cachos, afastando-os do rosto, ofegante com o esforço de sair da cama. — Vou te contar uma história perdida há muito tempo, mas você nunca poderá compartilhá-la com ninguém. Nem com Dawoud. Nem com Soraya.

A mineração mágica era um mito. Uma história tão perigosa, tão

potente, com o potencial de desencadear o caos, que até mesmo pronunciar as palavras já foi motivo de punição. O tempo a tirou da importância, fazendo com que os únicos que se lembravam do mito estivessem mortos e esquecidos há muito tempo. Ou mulheres loucas trancadas na Torre Bakir.

Minhas unhas cravaram nas palmas das mãos. Os espelhos na minha cabeça estavam se estilhaçando. Desbloqueando minhas memórias em pedaços, fragmentos desconexos que eu me machucaria ao tentar juntar. Fairel quebrou o primeiro, e eles não pararam desde então. Quantos mais restavam?

Eu abafei meu suspiro quando Arin me puxou para si. Meus braços envolveram suas costas. Ele estava tremendo.

— Sua mentirosinha — ele sussurrou. Abafado e baixo. — Sua Jasadi enlouquecedora, eu aprecio demais sua língua para vê-la cortada da sua cabeça. Nunca mais diga essas palavras para mim ou para qualquer outra pessoa. Você entende?

Ele me puxou e apertou os meus braços. Meus dentes estalaram. A urgência endureceu em sua voz.

— Diga que você entendeu!

Meus olhos estavam arregalados. Eu, sozinha, havia deixado o homem menos reativo dos reinos em pânico.

— Eu entendo.

Ele me soltou. Sentei-me sobre os calcanhares, colocando distância entre nós. Dawoud pairava sobre os meus pensamentos como uma mortalha negra. Eu não conseguia pensar além dele por tempo suficiente para analisar os pedaços do espelho que haviam levado Arin a tal estado.

Olhamos um para o outro por um momento tenso. Eu queria pressionar por respostas, mas a veemência da reação dele me abalou. O que Arin sabia?

Eu gostava da minha língua, então a minha investigação seria feita

longe do Herdeiro de Nizahl.

Falei alto demais, ansiosa para tirar a expressão abalada do rosto de Arin.

— Eles ainda não atacaram. Os Mufsids ou os Urabi, até mesmo a Soraya. E eles vão esperar até depois do Alcalah, depois que os seus soldados partirem?

Arin fechou os olhos por um breve segundo. Quando os abriu, qualquer sinal de incerteza ou tensão havia desaparecido.

— Sobre isso. — Arin me ajudou a me levantar, e olhei ao redor, para os destroços do quarto. Nenhuma força mortal sozinha poderia ter causado tamanho dano, e tudo estava quebrado demais para ser reconstruído. Cheirava a magia.

Arin chegou à mesma conclusão. Chutou uma lasca do guarda-roupa em chamas nos travesseiros caídos. Eles se incendiaram, e o fogo saltou para o colchão. Ele provavelmente alertaria os servos Omalianos depois que as nuvens de cinzas escondessem os destroços. Poderia dizer que um lampião ou vela caiu, e os servos acreditariam, porque ele era Arin de Nizahl, e o Comandante não ateava fogo em aposentos de outras pessoas.

— Outra teoria?

— Melhor. — Arin encontrou uma túnica aproveitável no guarda-roupa e me passou. — Um plano.



Uma frota de carruagens pintadas em um espectro de cores cercava o palácio Omal na aurora da nova manhã. O êxodo para Nizahl para o terceiro teste havia começado, com vários contingentes partindo logo após o segundo julgamento. Entre eles, Vaun e o Supremo Rawain, este último precisava saudar os convidados da Cidadela ao entrarem em

Nizahl.

No frio rancoroso, pulei de um pé para o outro ao lado de duas carruagens. Sorn, o Herdeiro de Orban, afagou a sua carruagem verde e marrom vibrante e perguntou a Arin se as cores de Nizahl não combinavam com seu gosto. Ao que Arin respondeu:

— Se eu for emboscado na estrada, não será por causa da pintura da minha carruagem. — Até Diya conteve um sorriso irônico diante do constrangimento de Sorn.

— Há um mercado chegando em breve — eu disse. Minha respiração saía em nuvens brancas. Apertei minha capa contra o corpo. Sefa franziu a testa para a gola comida pelas traças. Eu havia recebido dezenas de mantos luxuosos para usar, e ela não gostava de ver que eu ainda me agarrava a minha capa surrada. — Ajude o Rory a montar uma barraca. Certifique-se de que seja perto da fonte, ou ele vai ter um ataque.

— Ah. — Sefa olhou para Marek.

Ele suspirou.

— Sylvia, nós vamos com você.

Apertei os olhos, esperando que a sua expressão se transformasse em humor.

— Que piada peculiar.

— Não é brincadeira. Nós estamos indo. Sua Alteza nos pegou ontem, antes mesmo de entrarmos no palácio — disse Sefa. — Esperamos que você nos pedisse para ir com você. Por que não pediu?

— Por quê? — gaguejei. — Pelo amor de Dania, seus juízos escaparam das suas cabeças? O Sumo Conselheiro está em Nizahl. Marek é procurado por agressão e fuga ao alistamento. Sob nenhuma circunstância vocês entrarão em Nizahl!

— Na verdade — disse Marek. — Nós vamos.

Virei-me, verificando se estávamos em frente ao palácio Omal e não em algum sonho bizarro.

— Marek, você está lutando contra isso desde o começo! Sei que a Sua Alteza pode ser extremamente persuasivo, mas podemos realizar o que precisamos sem vocês. Se isso for sobre o episódio da noite passada... é improvável que se repita, e vocês não precisam...

— Pelos túmulos amaldiçoados, Sylvia, você não precisa suportar tudo sozinha! — Marek passou a mão pelos cabelos. — Por que é tão inacreditável que viemos sem sermos arrastados pela orelha?

— Seus tolos imprudentes. Podemos executar o plano de Arin sem vocês! Eu ficarei bem.

— Voltamos para Mahair com você ou não voltamos — disparou Sefa. Abaixou a voz e olhou ao redor discretamente. — Compramos encantos de um vagabundo em Orban que disse ter pago um Jasadi para encantá-los.

Levantei os braços.

— O glamour não dura muito contra pessoas que conhecem de perto as suas verdadeiras faces. — O Sumo Conselheiro, por exemplo.

— É por isso que as instruções do Comandante são para nos enviar para as aldeias mais baixas. Marek é das cidades militares e a minha mãe é uma nobre, então não haverá risco de reconhecimento nas províncias do sul de Nizahl.

Arin saiu do palácio, acompanhado de seus guardas. Acenou para Felix e trocou algumas palavras com a Rainha Hanan. Meu primo e avó paterna o observaram caminhar em nossa direção. O olhar sombrio de Felix me encantou. Ele havia sido efetivamente neutralizado. Ele não iria me atacar no próprio reino de Arin e, depois do desastre com as bonecas, Vaida não confiaria em Felix nem para servir água em um copo. Todas as suas esperanças de retribuição dependiam do resultado do terceiro julgamento.

Meu olhar cruzou com o da Rainha Hanan. Procurei as características de um pai que nunca conheci no rosto da mulher mais

velha. O olhar perpetuamente cansado nos olhos da Rainha de Omal vacilou. Suas sobrancelhas se franziram. Rapidamente desviei o olhar.

Ao chegar à carruagem, Arin percebeu minha expressão furiosa e olhou para meus companheiros.

— Eu não os forcei — disse ele, adivinhando a fonte da minha ira. — Jeru, prepare os cavalos. Pegaremos a rota sul. Diga aos soldados para se manterem dentro do nosso raio de ação, mas não para convergirem para o caminho. Sefa e Marek, sua carruagem irá à nossa frente.

— Espere, eu tenho... — As minhas objeções foram abafadas pela agitação enquanto os cavaleiros saltavam para os seus cavalos, e os trinta soldados de Nizahl começaram uma procissão para fora do palácio.

— Ele não te chamou de menino! — disse Sefa em um sussurro alto, entrando na carruagem. Marek a seguiu, revirando os olhos.

Xingando, entrei na carruagem. Eu não teria a oportunidade de falar com Marek e Sefa até pararmos na primeira cabana. A essa altura, seria tarde demais para mudar qualquer coisa.

O sol nasceu no leste, uma palma de luz corada se desdobrando atrás do palácio Omal. Passamos pelos portões cristalinos. Seus contornos brilhavam na manhã nascente.

— Você sabia que eles viriam se dissesse que era por mim — acusei depois de uma hora de cavalgada. Enfim havíamos chegado ruidosamente à Floresta Essam. A visão das árvores retorcidas ameaçou me catapultar a reviver a caminhada da noite anterior com Dawoud nos braços. Engoli em seco, lutando contra o instinto de afastar a lembrança. Um instinto tão natural para mim quanto respirar. Ele merecia ser lembrado, mesmo que isso me fizesse desejar ter morrido com ele.

Somos quem nossos antepassados foram. Dawoud era Jasad para mim. Ele era amor, calor e compaixão gratuita. Ancorei sua memória, fixando-a no solo inóspito da minha mente, e uma parte de mim suspirou de alívio.

— Eu não pedi. — Arin abriu o seu pergaminho assim que a carruagem saiu do palácio, fazendo marcas meticulosas em todos os lugares. — Comuniquei a minha intenção de atrair os grupos e disse a eles que eram livres para decidir o caminho.

O plano surgiu na loucura da nossa última noite em Omal.

Em vez de esperar que os Mufsids, Urabi ou Soraya se movessem primeiro, Arin pretendia atraí-los para fora durante o terceiro teste. Os guardas espalhariam rumores sobre a saúde debilitada do Campeão de Orban, que se espalhariam entre os soldados, que os espalhariam pelas cidades altas. Sefa e Marek cavalgariam para as aldeias baixas com alguns soldados disfarçados, fingindo ser organizadores sitiados do Alcalah. Beberiam em várias tavernas e, sob o pretexto de embriaguez, reclamariam da fraca segurança oferecida pelo terceiro teste em comparação com Omal e Orban.

Com a suposta saúde debilitada de Diya aumentando a minha probabilidade de me tornar uma Vitoriosa e, portanto, de ser designada com guarda pessoal pelo resto dos meus dias, os grupos veriam a sua janela de oportunidade se fechando. Sefa e Marek difamando as proteções em torno do terceiro teste forneceriam ainda mais incentivo para atacar.

— Os grupos não suspeitariam que algo estava errado? Se conseguiram escapar de vocês por tanto tempo, tenho dificuldade em acreditar que uma quantidade considerável de trapaças os levará a agir — eu disse.

— Ah, sem dúvida, eles quase perceberão a trama. — Arin abotoou o casaco habilmente, observando os criados correndo entre a fonte e meu quarto em chamas. — Mas nenhum deles estará disposto a arriscar que outro morda a isca e consiga pegá-la primeiro.

A viagem a Nizahl passou em um turbilhão de discussões e cabanas frias. Sefa cantarolava toda vez que eu tentava lhe dar juízo. Marek

molhava as mãos na lama e me perseguia pela cabana. Idiotas, os dois.

Tínhamos que chegar em Nizahl hoje. Para me distrair do meu medo inquieto, peguei um dos mapas de Arin e o abri sobre as pernas. Estudei o mapa por longos momentos, tentando decifrar as marcações ininteligíveis.

— Você já começou a rabiscar nas horas vagas? — perguntei, semicerrando os olhos para os Vs virados para baixo e os nomes rabiscados. Tracei uma ponte que poderia ser Sirauk.

Arin não pediu para ver o mapa.

— As montanhas.

Minha testa se franziu. O movimento da carruagem me empurrou contra a janela.

— Quais? — Centenas de montanhas ladeavam os reinos, teoricamente com vista para mares e terras desertas. Teoricamente, porque menos de cinco haviam completado a jornada de ida e volta das montanhas. Por mais vastas que fossem, a maior atenção que as montanhas recebiam nos mapas era um rápido rabisco de suas localizações gerais.

— Todas elas — disse Arin. Ele cruzou o tornozelo sobre o joelho e separou os papéis sobre o colo triangular. Diante do meu silêncio, ele olhou para cima.

— Você tem um mapa das montanhas? — perguntei baixinho. — Um mapa detalhado?

A expressão de Arin sugeria fortemente que ele achava que eu tinha batido a cabeça na porta da carruagem muitas vezes.

— Tenho vários, mas estão longe de estar concluídos.

O punho em volta do meu coração se apertou. Reconhecer o brilhantismo do Herdeiro veio naturalmente, mas em algum momento não identificado, passei a admirá-lo. Esquecendo que a sua mente inigualável estava a serviço de um reino implacável.

— Nunca tivemos chance contra você, não é? O cerco de Rawain nunca terminou de verdade, porque ele tem você para levá-lo adiante até o último Jasadi. Mesmo com mil fortalezas, Jasad ainda estaria condenado.

O olhar de Arin se fechou. Uma fria cautela, que já se fora há tempo suficiente para tornar seu retorno assustador, desceu sobre o Herdeiro.

— Posso contornar muita coisa — disse Arin. — Mas até eu poderia vacilar diante de mil fortalezas.



A poucos quilômetros da Cidadela, outro guarda conduziu a carruagem de Sefa e Marek para o sul. Somente os Campeões e os convidados reais tinham permissão para entrar nos terrenos da Cidadela, e, desses poucos, nenhum poderia passar a noite lá dentro. A realeza se alojaria nas cidades altas para passar a noite, e o teste aconteceria pela manhã. Ao final do Baile dos Vitoriosos, na noite seguinte, todos seriam obrigados a demonstrar o propósito de permanecer no reino.

A hospitalidade não estava entre as virtudes limitadas de Nizahl.

Sefa e Marek começariam sua parte do plano esta noite. Depois de vestirem os seus disfarces, a dupla espalharia rumores sobre a segurança do terceiro teste em todas as vilas mais baixas. Eu queria que Sefa e Marek passassem a noite comigo nas suítes dos Campeões, mas os quartos ficavam espremidos entre o segundo e o terceiro portões da Cidadela. Perto demais da realeza de Nizahl e de pessoas que poderiam reconhecê-los.

Só os veria depois do teste. Eles me esperariam na carruagem durante o Baile dos Vitoriosos. Partiríamos com uma brigada de soldados de Nizahl e, se eu vencesse, com os guardas designados para os Vitoriosos.

— Sabemos como cuidar de nós mesmos — Sefa me garantiu.

Deixei Marek me puxar para um abraço leve, empurrando os meus braços pouco cooperativos para lhe dar um tapinha nas costas.

— Confie em si mesma — ele murmurou. Quando eu o empurrei para me soltar, seu olhar estava na carruagem de Arin. — Em mais ninguém.

Minha preocupação continuou por muito tempo depois que a carruagem desapareceu. Lembrei-me de que eles eram uns bandidos e vagabundos antes de chegarem a Mahair – se virariam em uma única noite. Contanto que Sefa não parasse para ajudar nenhum cachorrinho chorão e acabasse sendo jogada na traseira de uma carroça, pelo menos.

Um dos mapas de Arin voou para o meu pé quando a carruagem arrancou para a direita. Olhei pela janela, observando a natureza selvagem de Essam desaparecer na terra firme.

Os soldados se espalharam ao nosso redor. O primeiro dos três portões negros e imponentes apareceu. Eram impossivelmente altos, desaparecendo na névoa nebulosa que se estendia sob a lua. Um corvo forjado em aço reluzente alçou voo entre duas espadas em choque no leme da entrada. O símbolo de Nizahl se partiu em dois quando o portão se abriu. Minha apreensão aumentou ao passarmos pelos dois portões seguintes, e prendi a respiração enquanto nossa carruagem deslizava para frente.

A Cidadela erguia-se à nossa frente em uma espiral cilíndrica de ferro e aço retorcidos. O pico em forma de lâmina empalava o céu, como se punisse as nuvens por ousarem habitar mais alto. Várias pernas de metal se estendiam do meio da torre principal, cada uma conectada a uma das sete asas ameaçadoras da Cidadela. Uma aranha de destruição pronta para atacar. Enormes cristas violetas e pretas brilhavam no pico de cada asa, os olhares sinistros dos sete corvos acompanhando os imprudentes que se aventuravam na boca da besta.

— Bem-vinda a Nizahl — disse Arin.

CAPÍTULO 31



Eu daria isso a Nizahl: eles eram muito mais silenciosos que os outros reinos.

Por serem o reino mais jovem e o único sem um Awal ou Awala para honrar, os costumes de Nizahl divergiam bastante dos outros. Não havia festivais, mercados ou celebrações. Uma vez por ano, os Nizahlanos se reuniam para assistir aos jovens soldados avançarem para o exército do Comandante em uma cerimônia especial. Eles comiam caça, grãos e pão. Eram uma sociedade estritamente hierárquica, que valorizava muito o respeito aos superiores.

Para os Nizahlanos, os Lukubis eram depravados, os Orbanianos, animais, e os Omalianos, vigaristas barulhentos. Eles não percebiam que a esterilidade de seu reino era um perigo em si. Nizahl vivia como um predador à espreita, prendendo a respiração pelo momento certo para atacar.

Jeru me acompanhou até os aposentos de Diya para o jantar. Arin foi levado pelos outros portões assim que saí da carruagem.

— Talvez lhe interesse saber que a Sua Alteza, o Supremo, não convidou Vaun para entrar em sua carruagem quando partiu de Omal.

Bati na porta de Diya. Não queria pensar em Dawoud enquanto estivesse no reino do seu assassino.

— Ótimo. — Eu não era tola o suficiente para acreditar que as suspeitas do Supremo Rawain estavam completamente dissipadas, mas a morte de Dawoud pelo menos lançara dúvidas sobre o mérito das alegações de Vaun.

Nossa refeição foi tranquila. Diya inspecionava cada pedaço de comida antes de comê-lo e olhava pela janela enquanto mastigava.

— Eu odeio aves — ela disse. Ela cortou o pombo cozido em seu prato. — Mas adoro comê-los.

Quase me afeiçoei à natureza beligerante de Diya. Ela era um cacto no qual eu adorava espetar o dedo. Tinha a impressão de que a Orbaniana Fairel teria uma grande simpatia por Diya. A jovem protegida tinha um péssimo gosto para pessoas.

— É por isso que você fica olhando feio para o brasão de Nizahl? Com medo de que um dos corvos desça para te devorar?

A Campeã de Orban partiu a asa do pombo em duas, sem graça.

— Ria à vontade. Sei que você consegue sentir a pulsação sombria desta terra. Esses corvos me aterrorizam. — Diya estremeceu, empurrando o prato para o lado. — Você deveria tomar cuidado com símbolos de poder. Eles têm a tendência de criar vida própria.

Diya me expulsou assim que terminamos de comer. Voltei para o meu quarto, entre o segundo e o terceiro portões que delimitavam as suítes dos Campeões. Um meio-termo por não permitir que os Campeões passassem a noite na casa do Supremo; ainda estávamos protegidos dentro do perímetro da Cidadela. Passei por khawagas vestidos com galabiyas[36], com as vestes marrons e verdes caindo até os pés calçados com sandálias. Soldados de Nizahl circulavam minha suíte, com as suas librés engomadas em desacordo com os trajes Orbanianos vizinhos.

Enquanto isso, a minha eterna incapacidade de dormir em lugares novos estava no auge esta noite.

— Quero dar uma volta pelos jardins — reclamei. — Quem poderia me atacar na Cidadela? Não consigo dormir, Jeru.

Um Jeru irritado puxou as pontas do cabelo cacheado. Eu já estava insistindo com ele há quase uma hora.

— Ajudaria se eu batesse seu crânio na porta algumas vezes?

Senti um arrepio na nuca. Os soldados atrás de Jeru se curvaram, abrindo caminho para uma figura alta subir os degraus.

— Isso parece imprudente — disse Arin, assustando Jeru tanto que o guarda engasgou com a própria saliva.

— Senhor, eu... — Jeru assumiu a cor de uma romã madura, mas Arin ignorou a mortificação do guarda.

— Pegue a sua capa — disse Arin. — Vou levar a Campeã de Nizahl para dar uma volta pelos terrenos da Cidadela.

O choque percorreu o rosto de Jeru antes que ele se recompusesse. Supus que Arin não tinha o hábito de acompanhar pessoalmente os convidados pelas dependências.

— É claro, meu senhor. Alertarei os soldados para abrirem o terceiro portão.

— Presumi que você se trancaria em seus aposentos até amanhã — disse eu, vestindo a minha capa. Droga, onde eu tinha jogado as minhas botas?

Arin acompanhou os meus movimentos frenéticos pelo quarto com vaga diversão. Não havia muitos lugares onde as botas pudessem estar. A única decoração no quarto era uma pintura do Supremo Rawain, colocada em frente à cama para garantir pesadelos a noite toda. Ele era retratado apoiado em seu cetro em uma das câmaras da Cidadela.

— Você ouviu os rumores — suspirou Arin.

— Que você é um recluso? Todo mundo ouviu. — Ah, eu os tinha enterrado debaixo das minhas malas. Se eu tivesse um pouquinho do instinto de organização de Arin, levaria uma vida completamente diferente. — Pode admitir. Não vou te menosprezar. Você gostaria de estar sozinho com os seus mapas e um copo daquela bebida horrível de lavanda, não é?

Virei-me, com as botas firmemente amarradas, e encontrei Arin

dobrando com cuidado a única muda de roupa que eu havia desempacotado: a minha roupa para o teste. Algo em meu peito se apertou com aquela visão. A ruga em sua testa enquanto alisava as mangas, a maneira como inclinava a pilha para que eu não a perdesse. Manuseando os meus pertences com a consideração e o cuidado que eu originalmente confundi com severidade e perfeccionismo intransigente.

Quando ele me viu olhando, um tom avermelhado iluminou o alto de suas bochechas. Pisquei, e o tom desapareceu... talvez um efeito de luz.

— Não — disse Arin.

— Não?

— Não, eu não queria estar sozinho com os meus mapas e meu talwith. Estou onde quero estar.

Antes que eu pudesse abrir a boca, ele saiu da suíte. Agasalhei-me melhor contra o frio da noite e corri para alcançá-lo. Acenei para Jeru, que resmungou e se afastou pisando duro.

— Vou sentir falta de antagonizar os seus guardas. — O terceiro portão se abriu à nossa frente, ladeado por soldados. Eles se curvaram quando passamos.

Apesar da tensão do teste de amanhã, o comportamento de Arin estava mais leve do que o normal.

— Você está feliz por estar em casa.

Uma mecha de cabelo se prendeu na borda do seu sorriso.

— Eu estou.

Tão perto da Cidadela, entendi o que Diya queria dizer sobre o pulso escuro. Os corredores que conectavam a torre principal às alas eram retangulares e estreitos, estendendo-se acima de nossas cabeças como túneis a céu aberto. Até o vento farfalhando na grama parecia sussurrar avisos que eu não conseguia entender. Cada faceta dos terrenos da Cidadela era petrificante.

— O Baile dos Vitoriosos será realizado nesta ala — apontou Arin. — A de trás é para reuniões com os conselheiros do Supremo.

Lutei para conter o riso. Embora não fosse facilmente perceptível para a maioria, Arin estava de bom humor. Ele falava com facilidade, e a linha tênue entre os seus ombros e pescoço havia se afrouxado um pouco. Era uma pena que o que lhe trazia conforto tivesse o efeito oposto em mim.

— E aquela? — apontei para a ala atrás da Cidadela. A única sem um corvo surgindo entre as duas espadas.

— A ala de guerra — respondeu Arin. Um pouco da tensão retornou às suas feições. — Não entramos nela desde o cerco. Quando precisamos intervir para resolver disputas entre os reinos, usamos a terceira ala.

Franzi a testa, com uma pergunta na ponta da língua. Não seria mais prudente usar a ala de guerra para disputas regionais se o objetivo fosse uma arbitragem eficiente? Que motivação mais rápida poderia haver para reinos em conflito se resolverem do que a perspectiva de uma guerra?

— Seu sistema nimwa — percebi. Passamos pela Cidadela e fiquei feliz por ter a casa do Supremo fora da minha vista. Fileiras idênticas de prédios baixos e quadrados de metal pontilhavam a estrada à frente. Os soldados que circulavam por ali curvaram-se profundamente ao ver seu Comandante. — Se Nizahl entrar em estado de guerra ativa, o recrutamento obrigatório entrará em vigor outra vez. As aldeias mais baixas precisarão enviar seus filhos para a Cidadela.

Arin me lançou um olhar penetrante.

— Como você sabe sobre o sistema nimwa?

Mordi a parte interna da bochecha.

— Por que importa como eu sei? Acho que é um sistema maravilhoso que você criou.

Para o meu puro deleite, Arin franziu a testa diante do elogio. Pelas profundezas amaldiçoadas de Sirauk, o Herdeiro de Nizahl ficou *perturbado*.

— Isso dificilmente pode ser chamado de sistema.

Contei nos dedos.

— Você dá a cada família nas aldeias mais baixas uma cota de grãos, aveia, batatas e arroz. Quanto mais membros houver na família, maior será a cota. Um jovem que sustente a sua família está isento do recrutamento, e se houver várias crianças elegíveis em uma mesma família, a idade para se alistar sobe para vinte anos. O que, é claro, significa essencialmente que todos nas aldeias mais baixas estão isentos.

Arin franziu os lábios.

— Wes.

Toquei seu braço enquanto passávamos pelo primeiro dos prédios de metal.

— Você se importa com o seu povo, Arin. Essa não é uma qualidade da qual se envergonhar. — A declaração soou como uma confissão, feita para ser sussurrada na escuridão solitária. — Você será um excelente Supremo um dia.

Diante do silêncio de Arin, olhei para cima e o encontrei me encarando, com um olhar indecifrável em seus olhos. Meus dedos se fecharam nos bolsos da capa, lutando contra a vontade estúpida de alcançá-lo. Eu queria rir, desviar o olhar, qualquer coisa para aliviar a pressão. Se eu a deixasse se acalmar, se a olhasse com muita atenção, o frágil palco sobre o qual circulávamos poderia ruir.

— Fico feliz em ouvir você dizer meu nome fora de uma situação de perigo iminente — disse Arin baixinho, e a batalha foi perdida.

Idiota! Hanim uivou. *De quantas maneiras você pode nos trair, Essiya?*

Não parecia traição. Era como vagar pela floresta por uma noite sem fim e enfim tropeçar no amanhecer.

Foi a sensação que tive ao ver Mahair depois de horas pegando sapos ao luar. A correria de Hirun ao meu redor. A risada de Fairel e o estalo da bengala de Rory. Âncoras, reais e sólidas, me prendendo à terra.

Dei um sorriso trêmulo.

— Então, farei uso frequente.

Depois de uma vida inteira correndo, ele foi o meu retorno para casa.

Círculos se formaram no lago à minha direita enquanto o chão tremia. Arin sorriu, a mão enluvada se fechando em volta da minha enquanto me puxava para frente. Um grupo de soldados saiu cambaleando de um dos prédios de metal – complexos militares – e correram para o sul. Estávamos atrás deles, fora de vista. A visão de tantos soldados de Nizahl esfarrapados, desprovidos da rígida disciplina que o treinamento exigiria, me fez rir. O Supremo não ficaria feliz em ver isso. O Comandante havia levado um aldeão Omaliano para as profundezas da Cidadela, para os complexos que abrigavam os novos recrutas de Nizahl.

— A corrida da meia-noite — eu disse. — Tem alguém segurando um esfregão?

Arin gemeu, soltando a minha mão. Meus dedos se fecharam em torno da ausência.

— Você não pode mais ficar sozinha com os meus guardas.

Retomamos a nossa caminhada. A visão de seus soldados pareceu revigorar Arin; ele falou com mais liberdade do que nunca. Descreveu os ofícios que os soldados precisavam aprender, pois os seus deveres iam além da vigilância e da luta. Os recrutas se revezavam entre os complexos, e somente quando eram considerados como tendo desempenho excepcional em seus treinamentos e ofícios é que eram promovidos ao exército.

— Você mesmo treina os novos recrutas?

— Raramente. Eles têm muito medo de mim. — Ele parecia descontente com um fato que a maioria acharia agradável. — Eles apenas obedecem.

Perdi a conta de quantos soldados se curvaram diante de Arin enquanto caminhávamos.

— Obediência não é o que um Comandante deve buscar?

— A obediência deve ser consciente, não instintiva.

Demos meia-volta e começamos a retornar aos meus aposentos. Outro soldado fez uma reverência, e eu bufei.

— Já pensou em pintar o cabelo? Talvez você consiga andar uns três metros sem ser reconhecido.

Arin ergueu uma sobrancelha. Seus cabelos prateados eram luminescentes, uma coroa por si só.

— Por que eu evitaria ser reconhecido? As únicas pessoas que não querem ser conhecidas são aquelas que têm algo do que se envergonhar.

A silhueta da Cidadela tomava forma à frente. O coração e a alma de Nizahl. Lá dentro, Rawain brindava ao sucesso de sua Campeã nos testes. Antecipando a glória que eu traria ao seu reino.

— Sim — eu disse. — Suponho que você esteja certo.



O caminho até a arena transcorreu em um silêncio tenso. Espalhada no centro de imensos campos marrons, a arena se erguia à frente como uma praga na terra. Para evitar uma aglomeração de espectadores, as carruagens foram paradas a oitocentos metros da arena. Meu estômago não parava de roncar de ansiedade desde que saíra das suítes, uma hora antes.

— Posso ir andando o resto do caminho.

— Está chovendo — disse Jeru.

Pisquei deliberadamente para tirar a água dos meus cílios para comunicar os meus pensamentos sobre sua observação astuta.

— Eu irei com ela. — Arin desceu suavemente da carruagem.

Wes e Jeru ficaram boquiabertos.

— Mas, Vossa Alteza, o senhor estará a pé enquanto os outros membros da realeza entrarão de carruagem.

— O Herdeiro merece um pouco de impropriedade — eu disse. Jeru parecia não saber se eu tinha enlouquecido ou se ele tinha. A resignação afrouxou os ombros de Wes, e o guarda mais velho até pareceu um pouco divertido.

Arin adotou um passo rápido. Os soldados se alinhavam na trilha, um de cada lado, distantes o suficiente para nos dar um mínimo de privacidade.

— Meus soldados estão posicionados em cada canto da arena. Estão posicionados em cada entrada, cada saída, cada local possível que um intruso possa explorar. Estão vestidos com as cores de outros reinos, e eu os instruí a não portar armas que possam identificá-los como soldados de Nizahl.

— Tenho certeza de que você está pronto — eu disse.

— Não quero que você se distraia com questões de segurança durante o teste. Seu único objetivo hoje é derrotar a Campeã de Orban, e o resto é comigo.

Dei de ombros.

— Talvez seja melhor para os Mufsids ou Urabi se aproximarem. Será mais fácil para os seus soldados identificarem os agressores na multidão se estiverem tentando ativamente me alcançar.

Foi a coisa errada a dizer. Arin girou, bloqueando meu caminho. Uma raiva incandescente iluminou as suas belas feições.

— De novo, não! Sylvia... — Ele se interrompeu e lançou um olhar

furioso para os soldados. — Virem-se! — ordenou.

Eles rapidamente deram vários passos para trás e nos deram as costas.

A chuva pingava da base de seus cabelos, molhando a gola do casaco.

— Você sairá deste teste inteira e se tornará a próxima Vitoriosa do Alcalah. Não há outro resultado aceitável. — O vento levou embora as cinzas de sua raiva, revelando um medo que me tirou o fôlego. — Não me peça para tolerar a sua morte em minhas mãos.

Engolindo em seco, eu disse:

— Eu me expressei mal. Tenho toda a intenção de sair desse teste como uma Vitoriosa insuportável.

Arin pontuou as palavras com um olhar furioso.

— Confie nos seus instintos. Sua magia sentirá a ameaça, mesmo que você não sinta. Você é mais forte que eles. Vai ficar bem. — Parecia que ele estava falando consigo mesmo tanto quanto comigo.

Balancei a mão, imbuindo a minha voz com uma confiança que eu não sentia.

— Guarde-me uma dança no Baile dos Vitoriosos, Vossa Alteza.

Seu sorriso foi breve e fugaz.

— Eu teria que aprender primeiro.

Arfei, apertando o coração.

— Será que me deparei com alguma falha? No magnífico Comandante, o nobre Herdeiro de Nizahl? Impossível. Não consigo acreditar.

Arin suspirou.

— Já chega.

A arena era curvada para cima nas laterais e mais baixa no centro, em forma de tigela alta. Colunas pretas e violetas circundavam a arena, e uma estátua de pedra do corvo e das espadas de Nizahl elevava-se sobre

os convidados que chegavam.

Apontei para onde Diya desaparecia sob um toldo violeta.

— Preciso ir sozinha daqui. — Fiz uma reverência dramática para Arin, satisfeita quando a exasperação tomou conta de seu rosto tenso.

Cada passo que me afastava dele pesava mais do que o anterior. Essa provação representava uma ameaça dupla. Embora Diya parecesse gostar de mim e pudesse hesitar em desferir um golpe mortal, ela era a campeã mais letal do grupo. Enquanto isso, Soraya espreitava em algum lugar, preparando-se para me matar antes que os Mufsids e Urabi pudessem me levar embora.

Havia uma chance real de eu não o ver outro dia.

Eu me virei. Arin tinha uma figura imponente contra as nuvens espumantes, botas brilhando com a chuva e casaco levantando contra o vento. Ele ficou ali, me observando partir, mesmo com a tempestade rugindo ao nosso redor.

— Mande a sua guarda se virar de novo — gritei. Mal consegui ser ouvida.

Arin levantou dois dedos e os moveu para o lado. Os guardas nos deram as costas pela segunda vez. Corri até ele, tirando minha capa. Estendi-a.

— Você poderia cuidar disso para mim?

Um momento agonizante em que eu tinha certeza de que ele recusaria, e eu teria que me empalar na espada de Diya por causa da humilhação.

Ele pegou a capa, dobrando-a com cuidado sobre o braço.

— Vou tratá-la como se fosse minha.

— Melhor — eu disse. Sem o carretel de ódio no centro, o carinho em seus olhos estava me desfazendo. — Lã...

— é um material difícil de lavar — concluiu Arin. — Eu me lembro.

— Ótimo. — Agora seria um ótimo momento para correr. Meus pés

permaneceram firmes.

Era só isso. Ele se lembrava.

Uma gota de chuva escorreu por seu queixo.

— Mais alguma coisa?

— Vou tentar uma coisa. — Endireitei os ombros. — Não me esfaqueie.

Pretendia me aproximar com precisão, posicionar os braços em posições pré-aprovadas e inclinar a cabeça exatamente como eu queria. Estávamos ambos cautelosos, e Arin parecia gostar de toques tanto quanto eu.

Em vez disso, lancei-me contra o Herdeiro de Nizahl. Ele me pegou com um grunhido de surpresa, envolvendo os braços em volta da minha cintura. Ele era alto demais, deixando meus pés balançando no ar. Envolvi os meus braços em volta dos seus ombros.

Arin expirou, quente contra meu pescoço, e me segurou com firmeza.

— Tenho uma piada sobre um herdeiro e uma órfã. É tão ridícula que até o seu estoicismo vai quebrar — sussurrei. Enterrei o rosto em seu colarinho. — Gostaria de ouvir?

Sua respiração roçou a minha pele.

— Provavelmente não.

— Tudo bem. É mais engraçado na minha cabeça.

Eu queria ficar ali. Queria dizer a ele que não havia abraçado ninguém com facilidade desde que Soraya se despediu de mim na manhã da Cúpula Sanguinária. Que, para ele, toda aversão era um anseio. Que, mesmo que um dia eu me ajoelhasse diante dos juízes de Jasad na vida após a morte para prestar contas, eu não renunciaria a um único momento de amar o Herdeiro de Nizahl.

Afastei-me com relutância. Dei um tapinha na capa, evitando olhar para Arin. Eu já o tinha encarado, e a criatura pulsante em meu peito não

aguentaria mais um pouco.

— Você devia começar a praticar os seus passos. Eu sou uma dançarina maravilhosa.



A arena em Nizahl levou três mil homens para ser construída. A estrutura oval tinha dois andares de altura em seu topo, cada nível recuando, como níveis em uma escada para o céu. A base da arena, por onde os competidores emergiam, tinha cerca de 300 metros. Os assentos mais baixos se erguiam acima das longas paredes que cercavam os competidores, protegidos de quaisquer flechas ou lâminas perdidas por uma divisória de vidro grossa. Cada reino tinha sua própria seção, marcada por um pilar no nível mais alto, e seus brasões únicos estavam esculpidos na frente do pilar. A seção à direita pertencia exclusivamente às famílias reais. O Supremo, a Sultana Vaida, o Rei Murib e a sua Rainha, e a Rainha Hanan sentavam-se na frente. Atrás deles estavam os seus Herdeiros, e atrás dos Herdeiros estavam os irmãos mais novos, primos e as suas diversas esposas. Olhei para além do assento vazio ao lado do Supremo e me concentrei na tarefa em questão. Mais um teste.

A voz estrondosa do locutor sacudiu a arena. Diya e eu ficamos nos túneis, aguardando as nossas apresentações. Ele falou do primeiro Alcalah, de união e paz, de unir-se ao próximo para celebrar o melhor de nossos reinos. Um completo absurdo, assustadoramente idêntico aos discursos proferidos na Cúpula Sanguinária.

— Este é o tipo de bobagem de honra de Awaleen e glória do reino que Mehti devorou — murmurou Diya. A água pingava no túnel úmido enquanto o locutor se preparava para nos chamar. — Se ele tivesse chegado ao terceiro teste, ainda assim nunca se tornaria o Vitorioso. Que esperança ele teria de enxergar através de ilusões fabricadas quando não

consegue enxergar através destas?

O locutor chamou os nossos nomes, e emergimos em uma cacofonia de aplausos e rostos radiantes. Uma mesa repleta de armas ocupava espaço de cada lado da arena. Uma linha preta havia sido desenhada na areia, demarcando o lado de Diya do meu. Caminhamos para as nossas seções.

O locutor saltitava em torno de uma laje de concreto, mantendo-se afastado da areia movediça. Assim que terminasse de falar, correria de volta para uma das portas sob a arena para se esconder.

— O dia que esperávamos enfim chegou. Agradecemos aos Awaleen pelo ato de se sepultarem com o seu irmão perverso, Rovial. Eles amaram a humanidade o suficiente para se sacrificarem por ela e, em troca, apresentamos a vocês as Campeãs mais fortes que os reinos têm a oferecer. Nossa Awala Baira acreditava no potencial da nossa imaginação e nas profundezas da mente humana. Em comemoração à Baira, as nossas Campeãs receberão um elixir para induzir alucinações vívidas. Elas se verão lutando contra leões nas planícies desérticas de Orban, escapando de caçadores nas terras selvagens de Essam. Conseguirão lutar contra os desafios do elixir antes que a areia abaixo delas afunde ou a outra Campeã acorde? — O apresentador ergueu os braços. — Mas esperem! Estão vendo os quatro túneis ao redor das nossas Campeãs? De um deles emergirá uma fera mais temível do que qualquer ilusão. Se uma Campeã não se libertar da ilusão de Baira a tempo de lutar contra a fera, a areia será a menor de suas preocupações. Nossa Vitoriosa será capaz de cortar a ameaça fabricada para chegar à verdadeira!

O locutor pegou uma bandeja. Um líquido esmeralda balançava dentro de dois frascos de vidro. Ele segurou a alça longa da bandeja e estendeu os frascos para pairar entre nós.

— Se as nossas Campeãs cruzarem a linha preta que vocês veem à

sua frente, a natureza da luta mudará. Em vez de obter sucesso apenas dominando o oponente, a vitória só será conquistada através de uma luta até a morte.

Eu apostaria todos os cabelos da cabeça loira de Marek que eles criaram esses elixires para causar alucinações que tornariam quase impossível permanecer em nossos lados do fosso. Se estivéssemos fugindo de caçadores e leões em nossas cabeças, nossos pés naturalmente nos levariam para frente. Rory havia falado sobre esses elixires, sobre os venenos leves que eles infundiam para dar ao corpo a impressão de morte e as raízes que misturavam para confundir nossos sentidos.

Diya e eu levantamos nossos frascos. *Boa sorte*, ela murmurou.

O elixir não era tão doce quanto a cor sugeria. Eu franzi o nariz e joguei o frasco vazio na areia. Diya limpou a boca com uma careta.

— Você já se sente elevada? — perguntou Diya.

— É difícil dizer, já que sou muito mais alta que você.

Ela revirou os olhos, e a ação me lembrou tanto de Sefa que precisei desviar o olhar. Diya enganchou uma flecha no arco.

— Preciso praticar mira. Você tem uma cabeça grande, e eu preferiria evitar te matar se pudesse evitar.

A náusea se instalava entre um insulto e outro. Não era diferente das sensações que eu experimentara logo no início da minha prática de magia, quando qualquer demonstração de força me fazia pular para pegar um balde.

— Tem alguma coisa errada — murmurei. Minha magia não tinha se movido, mas a náusea se expandiu, invadindo meu corpo.

Três eventos aconteceram em rápida sucessão.

Primeiro, os olhos de Diya reviraram para trás. Ela desabou na areia.

Em seguida, uma barreira brilhante fechou-se ao redor do poço, bloqueando Diya e eu dos túneis e do resto da arena. Gritos irromperam,

mas eu não conseguia ver nada atrás da barreira. O que significava que eles também não podiam nos ver.

Meu estômago se contorceu. Eu caí sobre a mesa, espalhando armas por toda parte. A arena girou.

Os elixires. Havia magia nos elixires.

— Soraya — eu disse com a voz rouca.

Soraya sabia que um ataque mágico direto seria repelido pela mesma força que distorcia os seus feitiços de proteção, então encontrou uma nova maneira de fazer a sua magia passar pelas minhas algemas: me fazendo ingeri-la.

Por fim, o enjoo explodiu e me consumiu por inteira.

Meu último pensamento antes de cair na areia foi triunfante. Arin tinha conseguido. Ele os atraiu para uma armadilha criada por ele mesmo. Os Mufsids e Urabi ficariam frenéticos, tentando romper a barreira antes que Soraya conseguisse me matar.

Seria seu ato final.



Ela me levou para um sonho. Talvez uma lembrança.

Eu estava na Torre Bakir. Ao contrário da opulência de Usr Jasad, o calcário e os tijolos de barro da torre dissipavam a cor e a luz. No centro da sala estreita, Niphran caminhava de um lado para o outro. Não a esguia Niphran dos meus sonhos, mas a própria mulher. Ela parecia forte, com os ombros longos e retos, o cabelo em cascata preso atrás da cabeça. O mais surpreendente de tudo eram seus olhos – claros e lúcidos como não eram há anos. Olhos negros de kitmer.

— Mamãe? — sussurrei.

Ela não me ouviu. Cheguei mais perto. O circuito de Niphran pelo quarto não diminuiu. Ela apoiou as mãos na janela e ofegou.

Do lado de fora da Torre Bakir, os sinos do palácio soaram, e uma multidão marchou para a cidade alta de Jasad. Eu não conseguia apreciar o quadro comovente de Jasad como ele era antes. Gritos ecoavam do palácio.

Estávamos sob ataque.

A porta de Niphran se abriu e nós duas nos viramos. Uma Soraya adolescente estava do outro lado.

— Onde está a minha filha? Onde está Dawoud? O palácio está sob ataque! — gritou Niphran.

Do cinto, Soraya sacou uma adaga ondulada.

— O palácio finalmente está nas mãos certas.

Pela janela, vi pessoas subindo no telhado do palácio, gritando dos minaretes. Os servos do palácio eram conduzidos para fora na ponta de lanças, acovardando-se diante de seus polidos conquistadores.

Os Mufsids.

Niphran tocou a têmpora, olhando ao redor do quarto vazio em busca de algo que pudesse usar para se proteger.

— A coluna da cama! Quebre-a do meio da curva da ampulheta — insisti. Ela não reagiu. Quando tentei alcançá-la, a madeira passou inofensivamente por mim.

— Minha cabeça está clara pela primeira vez em anos — Niphran suspirou. — Posso pensar de novo.

Uma cruel diversão passou pelo rosto da minha jovem assistente.

— Eu acho que sim. É o primeiro dia em que você está livre das suas *bebidas especiais* em seis anos. Queria que você visse a verdadeira Jasad nascer sem uma mente perturbada. Você é o único membro da realeza que ainda pode.

Niphran e eu nos apegamos a diferentes partes da declaração de Soraya.

Bebidas especiais?

— A loucura dela... era só veneno? — Mas como? Soraya entrou ao serviço do palácio dois anos antes da Cúpula Sanguinária, e Niphran deteriorou-se anos antes disso. Niyar esperou para nomear Niphran como Qayida até que ela recuperasse a saúde e, entretanto...

Entretanto, Hanim foi escolhida para liderar os exércitos de Jasad.

Meu coração parou. A loucura de Niphran era obra de Hanim?

— Única da realeza? Onde estão Malik e Malika? — Niphran avançou, parando quando Soraya ergueu a adaga. — Onde está a minha filha?

O tédio no rosto de Soraya desapareceu por um instante. Niphran ficou pálida.

— Não, não, não diga...

— Ela ainda não morreu — Soraya retrucou. — Ele planeja atacar o último dia da Cúpula, depois que o mensageiro trouxer a notícia de sua morte.

Ele. Ela só podia estar se referindo a Rawain. Eu sempre soube quem era o verdadeiro culpado pela Cúpula Sanguinária, mas a confirmação ainda assim me deixou sem forças. Minhas memórias eram verdadeiras. Eu não estava louca. Mas como ele tinha feito isso?

Eu estava vendo minhas piores suspeitas se tornarem realidade. Os Mufsids estavam trabalhando contra Usr Jasad antes do cerco. Foram eles que massacraram todos no palácio, dias antes mesmo de Nizahl chegar ao reino. Mas por quê? Os Mufsids pertenciam a wilayahs ricos, lucrando com os ganhos de Jasad muito antes dos outros wilayahs. Eles tinham menos motivos para odiar os Usr.

Niphran cobriu o coração com as duas mãos.

— Essiya te ama. Ela tinha tão poucas pessoas para amar, e ela escolheu você.

— Cale a boca! — ecoou nas cavernas solitárias da Torre Bakir. — Se eu pudesse ter... — Soraya se virou e, para a minha total descrença,

lágrimas brilharam em seus olhos. — Quero que vocês, os imundos, apodreçam debaixo da terra. Se eu pudesse ter poupado Essiya, acha que não teria feito isso? Ninguém pode herdar Jasad! Não pode haver reivindicação de sangue ao trono.

Niphran não se intimidou. Para alguém que estava ressurgindo de anos de letargia, minha mãe sem dúvida pensou rápido.

— Então esconda-a. Dê-lhe um novo nome. Mande-a morar com a família de Emre em Omal. Ela é apenas uma criança, Soraya.

— Trabalhei muito e com afinco para resgatar Jasad da praga da realeza. A morte de Essiya é responsabilidade da coroa de Jasad, não minha. — Soraya suspirou. — Ela se juntará à você em breve.

— Seus cúmplices sabem que você pretende matá-la? — Niphran apontou para a janela, onde as chamas começavam a arder nos jardins do palácio. Observei o fogo saltar sobre a mesma figueira e tamareira ilustradas na parede do centro de treinamento e tive vontade de chorar. — Não consigo imaginar que eles concordariam com seu plano se soubessem. Tudo isso é por causa da magia dela, não é? Eles a querem mais do que qualquer outra coisa. Eles a querem tanto que são capazes de incendiar todo o nosso reino.

A incerteza tomou conta de Soraya.

— Eles entenderão por que Essiya teve que morrer. Verão que o potencial da magia dela não vale o custo que exigirá.

— Não vou deixar você levá-la. — Ouro e prata brilhavam fracamente nos olhos de Niphran, a sua magia lenta após anos de desuso.

A adaga cravou-se no peito de Niphran. Minha mãe agarrou o ombro de Soraya, e o olhar implacável da criada foi a última coisa que ela viu antes de seus olhos se fecharem. A adaga deslizou, derrubando Niphran no chão.

Os seus cabelos se espalhavam ao redor dela em uma poça negra. Sangue escorria de seu ferimento enquanto os passos de Soraya se

desvaneciam, deixando apenas o silêncio implacável da Torre Bakir.

A trama sinistra se desenrolou quando minha mãe deu seu último suspiro. Hanim envenenou a Herdeira de Jasad por anos. Manteve-a desorientada e instável demais para assumir o seu papel legítimo como Qayida de Jasad. Quando Hanim se viu banida, Soraya já estava posicionada no palácio para assumir os deveres de Hanim e manter a Herdeira dócil.

Levei a mão à bochecha de Niphran. Passei a maior parte do meu curto tempo com a minha mãe ressentindo-me de suas deficiências. Que tipo de pais eram Niyar e Palia para testemunhar a queda de sua poderosa filha e não questionar a sua causa?

Um estrondo enorme sacudiu o chão. Quando olhei para cima, eu estava ao lado de Soraya e de um enxame de pessoas em uma das varandas do palácio. A fortaleza se estendia até onde a vista alcançava, serpenteando ao redor do nosso reino. Colorida com o âmbar da resina das árvores, a barreira etérea elevava-se mais alto que a própria Cidadela. Ouro e prata riscavam a superfície como o rastro cintilante de uma estrela cadente.

— Vai aguentar — disse Soraya secamente. As pessoas ao seu redor – os Mufsids – olhavam para a fortaleza enquanto a terra tremia com outro estrondo. — Usamos toda a nossa magia para lançar o encantamento.

— E se a gente tiver escrito errado? — A razão pela qual adultos maduros estavam se submetendo a uma garota de dezesseis anos ficou clara quando Soraya respondeu em um tom cortante:

— Eu li o encantamento exatamente como Hanim o escreveu.

Um homem avançou para a frente, virando-se para Soraya. Um corte profundo lhe abriu a bochecha, do nariz à orelha.

— Você considerou que talvez ela quisesse que o feitiço falhasse? Ela nos pediu para atacar antes de ser banida, e nós recusamos. E se isso

for sua vingança?

— Ela nunca deixaria Jasad cair nas mãos do Supremo Rawain!

— Por que não? — berrou ele. Outro baque reverberante sacudiu o ar, e uma rachadura se abriu na fachada da fortaleza. — Nós a traímos. Com Jasad sob o seu controle, ela está prestes a recuperar o seu poder. Hanim não tem lealdades nem princípios. Ela quer o trono e acredita que o Supremo pretende governar Jasad. Quando ela descobrir as suas verdadeiras intenções, o reino inteiro estará destruído!

— Como ela pôde pensar que o Supremo Rawain a deixaria tomar o trono de Jasad? — Soraya hesitou. Com um estrondo ensurdecedor, as rachaduras que se multiplicavam na fortaleza se romperam. Os Mufsids se jogaram no chão enquanto um milhão de raios dourados e prateados os engolfavam. Como uma ruptura do sol, a luz envolveu Jasad em calor, resultado de séculos de magia e encantamentos transmitidos à fortaleza inexpugnável.

O estrondo de milhares de cascos sacudiu Jasad enquanto cavalos surgiam pela fortaleza destruída. Uniformes pretos e violetas estendiam-se até onde a vista alcançava. Nas cristas que cobriam os cavalos, um corvo erguia-se entre duas espadas em choque. A crista tremulava enquanto os cavaleiros avançavam sobre o chão queimado onde antes ficava a fortaleza. A chama de suas tochas pontilhava o horizonte como uma noite estrelada.

Nizahl desceu sobre Jasad em um enxame de escuridão.

Os Mufsids já estavam fugindo, mas Soraya permaneceu ao meu lado. Observamos os soldados galopando para as cidades. Ouvimos os gritos começarem.

— Não era para ser assim — disse Soraya. Quando se virou, estava mais velha. A Soraya do Banquete.

Jasad se desfez ao nosso redor. Muros brancos substituíram os seus campos verdejantes.

Ao nosso redor, lampejos de Jasad se infiltravam nas paredes. Cascos batendo na rua. Chamas consumindo a lateral da escola de uma vila mais abaixo.

— Hanim me enganou. Ela nos arruinou — disse Soraya. — Eu queria te mostrar que jamais te teria enviado para a Cúpula Sanguinária se suspeitasse que a fortaleza cairia.

— Não me trate com condescendência. Você mentiu desde o momento em que te conheci.

— Não se trata disso! Eu mesma era pouco mais que uma criança quando Hanim me recrutou para o palácio. Você se agarrou a mim, e eu a agarrei de volta. Não tinha escolha, Essiya. Meu amor por você não poderia superar o que precisava ser feito.

— Sempre há uma escolha — rosnei. — O que não entendo é o porquê. Eu não teria desafiado a sua reivindicação de poder se tivesse unido nosso povo e garantido sua confiança e segurança. Eu estava contente em Mahair, com a minha vida na aldeia. Minha magia está presa! Ela não pode machucar ninguém.

A amargura permeou o riso de Soraya.

— Tenho uma memória excelente, Mawlati. Muitos perdoaram os pecados dos seus avós, presos na nostalgia de uma era perdida. Mas eu me lembro. Você teria se tornado a imagem de todos os nobres que a precederam.

O ambiente desapareceu. Estávamos na província oriental de Jasad, em uma pequena aldeia em ruínas. Palha e madeira mofada sustentavam os pequenos casebres, e um líquido fétido enlameava a estrada de terra esburacada. Moscas zumbiam ao redor de um munban morto. Crianças com roupas três números menores jogavam pedras nas poças de água imunda.

Três soldados Jasadi marcharam em uniformes dourados e prateados, dispersando o enxame de moscas. As crianças recuaram, com

os olhos arregalados em seus rostos abatidos. Dois dos soldados carregavam uma lona esticada semelhante ao que os médicos do Alcalah usaram. Uma figura grande e envolta em manto jazia imóvel no topo.

O soldado Jasadi bateu em uma das portas. Uma mulher carrancuda colocou a cabeça para fora. Ela afastou as três meninas que espiavam por trás de suas saias. O soldado estendeu uma carta grossa, selada com um kitmer voador. O brasão real de Jasad.

Seu olhar voou para o corpo.

Soraya ficou perto das crianças enquanto a mulher caía de joelhos, rasgando o sudário. Os soldados tentaram puxá-la de volta.

— Lembro-me da carcaça destroçada e carbonizada do meu pai. Do cheiro.

Uma das meninas que estava atirando pedras correu até ela. Ela não tinha mais que dez ou onze anos, mas as meninas, chorando, puxaram sua manga, dizendo um nome. *Soraya.*

A menina pegou a carta que sua mãe havia deixado cair. A Soraya adulta se moveu para ler por cima do ombro dela.

— "Malika Palia e Malik Niyar expressam os seus mais sinceros pêsames pelo *trágico* acidente". Quase todas as casas da nossa aldeia receberam uma dessas cartas. Eles nos alimentaram com a sua ganância e fingiram se importar quando ela mastigou.

— A mineração mágica — percebi. Levei a mão à boca. A lembrança que eu havia descoberto em Omal... — Os outros governantes estavam acusando os meus avós durante a Cúpula Sanguinária. Mas eu pensei... pensei que a mineração mágica fosse impossível.

— É impossível extrair magia da terra. — A mãe de Soraya tirou o sudário que cobria o marido, e meu estômago se revirou. O cadáver do pai de Soraya não se parecia com nenhuma criatura que já tivesse pisado na Terra. Os seus ossos estavam esmagados em fragmentos e reorganizados. As bordas afiadas de seus ossos eram claras e vítreas. Seu

esqueleto – por não ter massa nem carne – estava coberto de fuligem e icor.

— Mas não as pessoas. Ninguém jamais pensou em extrair magia do sangue até seus avós. Quando perceberam que a magia de Jasad estava enfraquecendo e que nossos filhos nasciam com menos poder a cada geração, Malik e Malika drenaram a magia das pessoas nas wilayahs mais pobres, uma por uma. Retirando nossa magia para Usr Jasad ou devolvendo-a às suas wilayahs favoritas. Você tem ideia de como é ter a fonte da sua magia arrancada do seu corpo? Meu pai acreditava na importância de respeitar o trono, e eles *o consumiram*.

Sua magia é poderosa, Essiya. Gedo Niyar e Teta Palia podem tentar tomar um pouco dela.

Se os meus avós foram cruéis o suficiente para extrair magia de seu próprio povo, quão aterrorizados pela minha magia eles devem ter ficado a ponto de colocá-la atrás de algemas?

— Então por que você trabalharia com os Mufsids? Eles são tão cúmplices quanto os meus avós!

— Os Mufsids têm recursos e conexões. Providenciaram que Hanim fosse nomeada Qayida. Me colocaram como a sua assistente. E quando chegou a hora de livrar o trono de Jasad da escória da sua família, estavam prontos para atacar. O único ponto de discórdia era você. Os objetivos deles eram inteiramente centrados na sua magia, mas depois que a fortaleza caiu e você foi declarada morta na Cúpula Sanguinária, não tive problemas em consolidar o meu controle.

— Por que a minha magia? — perguntei, completamente perdida. Sabia que era poderosa, mas como poderia merecer todo esse caos? — O que eles querem fazer com ela? — Eles não podiam simplesmente minerar a minha magia como a haviam minerado do pai de Soraya. Poderiam ter feito isso a qualquer momento antes do cerco, especialmente se tivessem acesso irrestrito a mim através de Soraya.

De repente, Soraya cambaleou, a agonia ecoando por seu rosto.

— Ele me encontrou — ela cuspiu. — Droga, como?

As paredes se moveram outra vez, e não desperdicei a chance. Atirei-me contra Soraya, levando a nós duas ao chão. Em um instante, ela desapareceu debaixo de mim, e eu caí em um quarto enorme.

Uma Soraya diferente estava sentada em frente a um espelho oval. Sem a sujeira grudada no cabelo e a raiva estampada no rosto, essa versão mais jovem da minha assistente era mais fácil de reconhecer. Ela passava uma escova pelo cabelo liso que caía sobre os ombros. Minha Soraya, suando com o esforço de permanecer em pé, resmungou:

— Eu odiava estragar meus cachos. Mas eu já tinha muitas marcas que me identificavam como uma Jasadi.

Passei pela versão jovem e parei aos pés de uma cama larga. Prendi a respiração. Sob as cobertas, um Arin adolescente dormia. Observei-o respirar, abalada pela vulnerabilidade em suas feições juvenis.

— Ele gosta de pensar que fui eu quem o tornou tão frio — disse Soraya, subindo ao lado dele. Seus dedos passaram pela bochecha dele, e eu queria quebrá-los um por um. — Ele já era um grande *desafio*. Paranoico, desconfiado. Constantemente procurando um motivo para duvidar. Ele não confiava em gestos gentis e interagia com a vida à distância.

Ela sorriu para mim com um lampejo da mesma travessura que conquistou a minha devoção em primeiro lugar.

— Se alguém fosse colocar uma montanha de joelhos, seria você, amari. Arin de Nizahl se apaixona pela Herdeira de Jasad. Há! E ele achava que minha traição era ruim. Não é à toa que ele fechou seu coração com tanta força: essa maldita coisa continua levando-o para o caminho errado.

— Eu não o enganei — eu disse. — Quando nos conhecemos, eu não era a Herdeira de Jasad. Eu era uma aldeã Omaliana, quase uma

Jasadi. Eu não pretendia me tornar... começar...

A outra Soraya terminou de escovar os cabelos. Ela colocou a escova na penteadeira.

— Começar a se importar? — concluiu Soraya. — Sim, Hanim faz um excelente trabalho em extirpar essa falha específica. Não importa. Arin não considera a traição como nós. Para ele, é a fúria de ser manipulado. De calcular mal. — A outra Soraya sentou-se sobre Arin, sobre as cobertas, olhando para seu rosto sereno. Seu rosto sem cicatrizes.

Enquanto isso, a magia de Soraya enfraquecia. As cores do quarto oscilavam, e a sua pele adquiria um tom pálido.

Na cama, uma lâmina se materializou na mão da outra Soraya. Com a respiração trêmula, ela desferiu um golpe em direção à garganta de Arin. Os olhos do Herdeiro de Nizahl se abriram. Ele se contorceu, mudando a trajetória da adaga. Sangue subiu por seu maxilar, formando a linha da infame cicatriz do Comandante.

Arin jogou Soraya contra a parede. Ela desabou no chão. Arin cambaleou até a porta quando um jovem Wes entrou com uma enxurrada de guardas, alertado pelo baque. Wes se moveu bem a tempo de segurar Arin quando ele caiu no chão.

Entre eles estava Vaun. Ele segurava um pano grosso sobre o corte que sangrava profusamente de Arin, os olhos se voltando para a porta enquanto Soraya, contorcida, era arrastada para fora. O Supremo entrou correndo e, assim que o aposento se distorceu, eu poderia jurar que as cores em seu cetro começaram a girar.

Entramos com tudo no quarto branco. Soraya se curvou.

— Acho que isso é um adeus. Preciso preservar magia suficiente para lutar contra ele. — Seus olhos brilharam com um brilho dourado e prateado. — Eu te amo, amari. Espero que se lembre disso quando a morte nos encontrar outra vez algum dia.

Eu me lancei e, dessa vez, consegui derrubá-la no chão. Ela me

empurrou, e eu ri enquanto o ouro e a prata em seus olhos giravam mais rápido. Tentando fugir, não é?

— Você não pode ir embora, Soraya. Minha magia pode não funcionar lá fora, mas estamos em seu domínio agora — eu disse. Seu plano grandioso para frustrar as proteções da minha algema, despejando sua magia nos elixires do teste, havia se esquecido de que colocar magia no meu corpo não era o problema. Levantei-me, mostrando os dentes em um sorriso perturbado. — Minhas algemas, sabe, têm esse hábito irritante de prender magia dentro de mim.

O arrependimento de Soraya, com os seus olhos de corça, desapareceu. As paredes ao nosso redor ruíram como uma frágil folha de outono, espalhando-nos em um milhão de direções.

Depositando-nos na superfície congelada de um lago.

Figuras sombrias balançavam na margem distante. Me observando. Esperando. Eu já estive aqui antes.

— Não se você morrer antes da minha magia. — Ela oscilava para dentro e para fora, a luta para me manter presa ao sonho e lutar contra os efeitos de Arin era evidente.

Passei a mão pelo topo da cabeça, examinando as bordas da minha coroa. Meu vestido prateado ondulou sobre o lago. O bordado na minha saia ganhou vida, e o kitmer enjaulado andava de um lado para o outro nas dobras do tecido, seu corpo felino se espreguiçando em agitação.

Soraya me fez mergulhar no meu pesadelo mais recorrente.

— Eu queria mais tempo para você — disse Niphran. Majestosa e melancólica, o coração de Jasad feito de carne. — Mais paz. Mais amor. Uma chance de prosperar no mundo antes que ele desabasse ao seu redor.

“Mas, pensando bem — continuou, com uma expressão de espanto e perplexidade —, acho que você teve, não é? Ah, se minha mãe e meu pai pudessem nos ver agora. A filha apaixonada pelo tímido e estudioso

Herdeiro de Omal, e a neta apaixonada pelo Comandante de Nizahl. O que você acha que é pior? — Sua risada vibrante não alcançou os seus olhos. Fogo lambeu o seu vestido, gavinhas alaranjadas subindo por seu corpo imobilizado.

Girei em círculos. Tinha que haver uma saída. Todo feitiço tinha costuras, cantos por onde se podia enfiar os dedos e puxar. Melhor ainda, onde estava Soraya? Eu usaria a cabeça dela para quebrar o gelo.

— Não estou apaixonadoapelo Herdeiro de Nizahl.

— Não minta para mim, Essiya — disse Niphran, severa. As chamas dançavam em volta da cintura dela.

— Podemos nos concentrar? — Na margem, as sombras se agitavam mais rápido. Esforçando-se para ouvir nossa conversa ridícula? — O fogo...

Ouro e prata brilhavam em seus olhos.

— Ele é muito bonito. Antes de conhecer seu pai, eu era apaixonada por garotos como ele. Todo aquele gelo e arestas afiadas. O Herdeiro de Nizahl, no entanto! Acho que nunca poderia ter sido tão audaciosa, mesmo na minha juventude. Estou impressionada.

O kitmer agarrou-se, incapaz de escapar de sua prisão de seda.

As chamas consumiram com alegria a minha mãe. No momento em que desapareceu de vista, ela gritou. Gritos estridentes e ensurdecedores.

— Socorro!

Bati com os punhos no gelo. Arranquei a coroa do meu cabelo e a raspei na espessa camada de gelo do lago. Por que o gelo não quebrava?

A fumaça ardia em meus olhos. Esfreguei-os, e os gritos lancinantes de Niphran se intensificaram. Aconteceu como em centenas de sonhos. Olhei para baixo e vi a pele lisa e nua onde minhas algemas estavam.

Sabia como seria. O fogo explodiria. Devoraria os seres das sombras e depois se banquetearia comigo. Eu não podia ver aquilo acontecer de novo. Se minha magia liberta não era a solução, qual seria?

A velha provocação de Hanim. *Você poderia possuir toda a magia do mundo e ainda assim daria as costas para Jasad.*

— Essiya!

Eu já tinha visto minha mãe morrer uma vez hoje. Joguei-me no fogo e colidi com Niphran, envolvendo-a em meus braços. As criaturas das sombras avançaram. Em vez de nos consumir, o fogo se elevou, rastejando pelo céu noturno. Trazendo o amanhecer às sombras. Não sombras – Dawoud, Niyar, Palia. Incontáveis Jasadis, finalmente com rostos e nomes.

Os olhos de Niphran brilharam.

— Você me salvou.

Meus braços se fecharam em volta do vazio enquanto a minha mãe desaparecia, levando o lago e os Jasadis consigo. Ficamos apenas Soraya e eu, em pé no meu antigo quarto no palácio.

Soraya caiu, agarrando a barriga enquanto a minha magia ondulava ao nosso redor. Sentei-me no chão ao lado dela, e a tristeza tomou conta do meu peito. As melhores lembranças da minha infância estavam neste quarto com ela e Dawoud.

— Sinto muito que Hanim tenha te traído, Soraya. Ela nos treinou para sermos peões no jogo dela. — Toquei o topo da cabeça curvada de Soraya. *Dor. Raiva. Medo.* Eu os havia deixado me guiar, mas Soraya se deixara transformar neles. — Se eu nunca tivesse ido para Mahair, teria me tornado tão vazia e perdida quanto você. Tratando o amor como uma doença a ser expurgada.

Segurei seu rosto entre as mãos. Seu olhar era de dor e pânico.

— Adeus, Soraya — sussurrei.

Minha magia surgiu ao redor da criada, rajadas de ouro e prata girando ao seu redor cada vez mais rápido. Ela jogou a cabeça para trás enquanto a minha magia fluía para dentro dela, iluminando a sua pele.

Soraya gritou, e eu joguei meu braço sobre o rosto enquanto a

magia pintava o quarto de branco.

CAPÍTULO 32



Eu me preparei para o Baile dos Vitoriosos sozinha.

Eles haviam colocado os meus pertences em um quarto na torre principal da Cidadela. Meu vestido cor de ameixa se espalhava sobre o banco almofadado em um sussurro de seda enquanto eu praticava diferentes expressões no espelho dourado. Orgulhosa, humilde, encantada. Minhas bochechas doíam.

Não havia muito o que fazer com os meus olhos. De um preto morto e implacável, não havia como convencê-los a imitar qualquer forma de vida. Delineei-os com um pó fino de kohl azul e desviei o olhar.

Alguém bateu na porta. Hora de se apresentar mais uma vez.

O espelho refletia a entrada de Arin. Ele fechou a porta atrás de si e eu calcei as luvas que Rory me deu.

— Quanto tempo tenho que ficar?

Ele se encostou na porta. Eu podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que vi Arin se *inclinar*. O homem saiu do ventre da mãe rígido e indiferente. Era um sinal revelador.

— Duas horas. Quando estiverem bem embriagados, ninguém vai notar se você for embora.

Prendi meu cabelo para trás do rosto. Os cachos apertados caíram sobre minhas costas.

— A carruagem da Vitoriosa está pronta. Sefa e o menino vão te encontrar lá. Designei um grupo dos meus soldados mais qualificados para te acompanhar. Eles a levarão aonde você quiser ir e, quando chegar ao seu destino, você poderá escolher dez deles para se tornarem seus

guardas permanentes. Seus ganhos serão entregues separadamente e discretamente em um local de sua escolha. — Arin falou sem inflexão. Eu me perguntei se ele também havia praticado as suas expressões para esta noite.

Girei no banco. A visão completa dele momentaneamente atrapalhou todos os outros pensamentos.

Uma túnica tingida no mais vívido tom de violeta emoldurava os seus ombros largos e as vidraças planas e rígidas de seu torso. Costurado sobre o seu coração, estava o símbolo de Nizahl. Calças pretas elegantes pendiam de sua cintura estreita, enfiadas em botas leves e limpas. Uma tiara de ametista repousava em uma nuvem de cabelos prateados. Ele havia substituído seu casaco pesado por um fraque preto justo que afunilava atrás dos joelhos. Cinco botões roxos brilhantes ladeavam o lado esquerdo do casaco, com pequenos corvos no lado oposto.

— Não fique perto de mim — consegui dizer. — Não vou conseguir escapar com todos os olhos em você.

— Posso garantir que não serei o assunto de interesse esta noite — disse ele ironicamente, mas um pequeno sorriso surgiu nos cantos de seus lábios. Um Arin tímido; agora eu já tinha visto de tudo.

Suspirei, apoiando os cotovelos nos joelhos e cobrindo o rosto.

— Alguma mudança?

A pausa de Arin respondeu por si só:

— Não.

Quando acordei no fosso, a anarquia reinava na arena. Soldados de Nizahl haviam capturado os visitantes do lado de fora, e os soldados escondidos na multidão capturavam qualquer um cujos olhos refletissem o mínimo de ouro ou prata. Sorn e Arin saíram correndo dos túneis no momento em que a barreira esmeralda caiu.

A areia quase submergiu o topo da cabeça de Diya, inconsciente. Foram necessários o Herdeiro de Orban e seis khawagas para retirá-la

das garras da areia. Observei, impotente, Sorn arrastar o corpo inerte de Diya para os seus braços e sacudir seus ombros, gritando por um médico. Eu era significativamente mais alta que Diya e havia afundado apenas na metade quando Arin me alcançou. Assim que se certificou de que eu estava acordada e lúcida, o Herdeiro de Nizahl tirou as luvas e abriu uma única saída para o arena. Os convidados formaram uma fila na porta, e ele pressionou os dedos na testa de todos que saíam. Aqueles que resistiram foram detidos.

Cinquenta Mufsids foram capturados. Qualquer sentimento que eu pudesse ter nutrido com a captura deles foi extinto ao assistir os Mufsids massacrarem o pessoal de Usr Jasad e destruírem a fortaleza.

Mais tarde, descobri que Arin havia encontrado uma Soraya glamorosa dormindo sob uma carruagem, segurando um frasco vazio.

— A magia dela já estava desaparecendo quando a toquei — dissera Arin. — Em instantes, estava morta.

Evitando detalhes, expliquei como ela me perseguiu através de suas memórias. A magia que ela infundiu no elixir tornou possível que eu morresse em meus próprios sonhos, mas também tornou possível que ela morresse nos meus. Se minhas memórias eram espelhos, então as de Soraya eram um vazio vingativo.

Soraya estava morta, um bando de Mufsids foi capturado e eu era a Vitoriosa. A Campeã Orbaniana, a vítima da nossa vitória, mergulhou em um sono do qual nada conseguia despertá-la. Sorn havia providenciado uma carruagem para transportá-la até Orban e espalhado mensageiros por todos os cantos dos reinos em busca de uma cura.

— Diya está viva. Sorn é um homem teimoso. Se houver uma cura, ele a encontrará. Ela sabia dos riscos que o terceiro teste representava. Poderia ter sido muito pior — disse Arin.

— Como? — caminhei até o guarda-roupa. — Ela bebeu um elixir envenenado. Acha que Sorn a treinou para isso?

Pisei na brasa da raiva que ardia em meu peito. A raiva abriu as portas para que tudo o mais invadisse minha mente.

— Você pegou os seus Jasadis — murmurei. — Nosso acordo foi cumprido.

Um músculo saltou no maxilar de Arin.

— É isso. A liberdade é sua.

Minha risada soou vazia aos meus próprios ouvidos. O sonho de assumir a loja de Rory e financiar outra fortaleza para os pupilos de Raya, de comprar a velha carruagem de Yuli para Marek e levar Sefa em aventuras. Agora manchado, apodrecido por um conhecimento infernal e inescapável.

Meus avós traíram nosso povo da maneira mais traiçoeira que se pode imaginar. Usr Jasad era uma ilusão, uma bela história que escondia raízes podres. Minha magia levou os Mufsids a inadvertidamente pavimentarem o caminho para o cerco. Tudo o que eu pensava saber era mentira.

Em algum lugar entre Soraya e Dawoud, minha última ilusão de liberdade se despedaçou.

— Aqui. — Arin estendeu a minha capa. — Eu não queria deixá-la na carruagem.

Peguei o embrulho e o virei. Para minha incredulidade, a gola roída pelas traças havia sido consertada. Passei o polegar pela nova costura.

— Obrigada.

— Sylvia — a voz de Arin estava tensa. — Não faça isso consigo mesma.

— Fazer o quê? — Havia um caroço no bolso direito da capa. Estranho; minha adaga estava na minha bota.

Arin se moveu, ficando perto o suficiente para que eu quase derrubasse a capa. Ele deslizou o indicador sob meu queixo, atraindo o meu olhar relutante para cima. A agitação coloriu a voz de Arin,

realçando seu leve sotaque.

— Eu quero te ajudar. Me diga o que eu posso dizer...

Cobri a boca de Arin com a mão. Ele agarrou o meu pulso em um piscar de olhos. Seu olhar fixou-se no meu, e quando a minha mão não se soltou, me deixei falar.

— Soraya tentou me matar. Durante anos, ela liderou os Mufsids no assassinato de Jasadis. Diya pode nunca acordar por causa dela. Sua morte deveria ter me deixado efervescente de alegria.

Minhas palavras saíram em um acesso de fúria, como a maioria das verdades desagradáveis costuma fazer, clamando para serem ouvidas. O peso irrompeu em seu rastro.

— Mas tudo o que sinto é tristeza, Arin, porque outro Jasadi morreu. — Meus avós tinham uma influência tão forte quanto Hanim naquilo em que Soraya se tornara. No sentimento de direito que levou os Mufsids a se voltarem contra o seu próprio povo.

Eu havia me esforçado muito para bloquear essa dor. Para transformar culpa em raiva, tristeza em desprezo. Hanim me envergonhou e me sobrecarregou além do que eu podia suportar, e quando matá-la não fez o barulho parar, construí barreiras mais altas do que os portões da Cidadela.

— Tudo o que eu queria era existir para mim mesma, mas eu... não existo de verdade, existo? — sussurrei, e aquelas foram as palavras mais verdadeiras que eu já havia dito.

Recolhi a mão, esfregando os olhos úmidos.

— Como você chamou isso? Um "domínio infantil das minhas emoções"?

Arin olhou para mim. Não com os seus olhares calculistas e pensativos, nem com seu olhar cauteloso. Ele apenas me olhou, quase impotente.

— Enfim. — Tossi, tateando o bolso da capa. Uma torrente de

tagarelice insana fluía pelos espinhos do meu desconforto. Eu havia compartilhado demais. — Infelizmente para você, se não estou remoendo, estou reclamando, e pretendo fazer bastante das duas coisas esta noite.

Tirei do bolso o colar de figo que comprei do vendedor ambulante de Omalian. Ah. Eu tinha me esquecido disso.

Arin arqueou a sobrancelha. O gesto era injustamente atraente.

— Você está ficando vermelha.

— Eu não fico vermelha — argumentei, mas esta poderia muito bem ter sido a exceção. Cada gota de sangue subia às minhas bochechas. Eu havia suportado um elixir contaminado, uma seiva envenenada, as garras de Al Anqa'a. Elas empalideciam em comparação com o esforço que era necessário para estender o colar de figo na direção do Herdeiro de Nizahl. — Comprei isto para você — disse eu em uma chuva de sílabas. — Você não precisa usá-lo, é claro, só pensei. Se você quisesse. A cor violeta me lembrou os corvos em seu casaco. — Não disse que os figos me lembravam segurança e conforto. Duas coisas que, em uma reviravolta dolorosamente irônica do destino, eu passei a associar a Arin.

Arin olhou para o colar. Mais dois segundos e eu fingiria desmaiar, ou talvez me jogasse na espada de um soldado que passava. Qualquer coisa para evitar que ele me revivesse para esse fervor de mortificação. O que eu estava pensando? O Comandante não usava joias, e, sem dúvidas, não um colar Omaliano barato com *frutas*...

Uma mão enluvada fechou-se em torno do colar. Ele o amarrou em volta do pescoço sem tirar os olhos de mim, acariciando o local onde se acomodou.

— Como se eu fosse recusar um presente da própria Suraira — refletiu. Balançou a cabeça, como se o próprio conceito frustrasse a racionalidade. — Da Vitoriosa do Alcalah.

A vermelhidão se espalhou das minhas bochechas para o couro

cabeludo. Ri, mexendo na capa.

— Considere-me lisonjeada. O grande e poderoso Comandante aceitando a minha humilde oferenda! A verdadeira vitória para celebrar.

Os dedos de Arin se fecharam em torno do figo.

— Pare.

Será que ele achava que eu conseguiria controlar esse pânico crescente? Queria conter a epifania de que eu queria mais de Arin, mais da sua vida, do seu tempo, dos seus sorrisos raros? Eu queria ser conhecida por ele. Colocar minha vergonha e meu arrependimento em sua confiança e acreditar que ele os manteria firmes.

— Ora, meu suserano, modéstia não lhe cai bem. — Meus membros tinham uma vontade própria, gesticulando para nada e para tudo. — Estou apenas me regozijando com a honra e a alta dignidade de tal gesto de...

— Chega! — Arin gritou.

Deixei cair a capa. Ele avançou, com uma complexa mistura de desespero e raiva transparecendo em seu rosto.

— Eu não sou imortal, sublime, poderoso ou magnífico. Não posso ser, porque sou apenas um homem. — Cada palavra era cortada, tirada de um lugar que fervia em negligência por tempo demais. Olhos azul-gelo, olhos que viam demais, enxergavam através das minhas pretensões cuidadosas, perscrutavam os meus. — Sou apenas um homem.

Mais tarde, não me lembraria de quem chegou primeiro. Esses detalhes desapareceram para dar espaço ao resto.

Nos encontramos em uma colisão que deveria ter abalado os alicerces da Cidadela. A boca de Arin se inclinou sobre a minha, seus braços entrelaçando faixas de aço em volta da minha cintura para me puxar com força contra o seu peito. Enterrei as minhas mãos em seus cabelos macios, desalojando o seu diadema.

Uma tensão dentro de mim se dissipou, e mil espirais de tensão

surgiram para tomar seu lugar. Espigas de necessidade cega, de pura demanda.

Arin não tinha gosto de nada que eu pudesse nomear. Havia feito um voto contra a embriaguez, mas me retrataria imediatamente pela chance de saborear a decadência dele. Mal notei as minhas costas batendo no guarda-roupa. Minhas pernas se enrolaram em sua cintura e rasguei uma das luvas de Rory na pressa de tirá-las. Tracei a cicatriz de Arin, as olheiras, puxei seu colarinho. Voraz para tocá-lo, para soletrar o meu nome em sua pele, deixá-lo tão completa e irrevogavelmente marcado quanto ele me deixaria.

Arin me beijou com a mesma atenção e habilidade singulares que demonstrava em todas as facetas de sua vida. Ele me desfez a cada roçada de seus lábios nos meus. Suas mãos ágeis encontraram o caminho por baixo da minha saia, a pressão de couro de seus dedos contra minhas coxas com força suficiente para causar hematomas.

E eu queria isso. Queria pressionar os meus dedos contra a evidência dele e vibrar na pontada de dor.

Um eco acompanhava cada batida do meu coração palpitante, um som oco na cacofonia. Tínhamos feito algo terrível um ao outro. Desvendado o cerne de um monstro compartilhado.

Conhecimento amaldiçoado, diria Raya. Como eu poderia ir embora depois de saber como ele se parecia em meus braços? Meu nome sussurrado em sua voz destroçada... como eu poderia permitir que outra pessoa dissesse meu nome depois dele?

Desfiz os laços do colete de Arin, xingando contra os seus lábios. Por fim, consegui afrouxá-los e puxar a sua túnica. Tracei as curvas de sua barriga, cravando as minhas unhas em seu quadril quando ele estremeceu. Um calor me percorreu com a estranheza dele. Este homem indecifrável, que nunca reagia aos meus insultos ou ao meu temperamento, mas tão receptivo ao meu toque. Eu precisava de mais

dele. Mais *disso*. Precisava levar o inabalável Comandante à loucura sob os meus dedos, lábios e pele. Parar de vasculhar os escombros da minha cabeça e me perder nele.

— Você tem a mínima ideia de como me frustra? — Sua boca encontrou a pulsação acelerada na minha garganta. Os contornos sólidos do seu corpo me pressionaram contra o guarda-roupa, me prendendo no lugar. — Como você me fascina?

Minha magia estremeceu quando palmas de couro deslizaram mais alto pelas minhas coxas, acompanhando o calor que corria em minhas veias.

— Cama. Agora.

O brilho selvagem no sorriso de Arin me fez estremecer de ansiedade. Eu nunca me sentiria totalmente segura com ele. Ele nunca estaria completamente seguro comigo.

— Isso é uma ordem, Suraira?

Apertei as minhas pernas em volta da cintura dele em resposta.

O mundo girou quando Arin passou o braço em volta da minha cintura e se virou. Eu caí na cama com um *oomph*. Arin apoiou o joelho na cama. Ele me encarou com fome e algo mais silencioso. Uma emoção muito mais perigosa.

A maneira como ele olha para você às vezes. Como se você fosse um penhasco com uma queda fatal, e a cada dia você o aproximasse mais da beira.

Estendi a mão para Arin e o puxei para a cama. Segurei seu rosto entre as mãos. Garanti que tinha toda a sua atenção antes de roçar meus lábios em sua testa. Ele agarrou os meus pulsos, segurando firme. Não se afastou.

Queria abri-lo e memorizá-lo de dentro para fora. Eu estava tão errada. Arin não era uma mola sem elasticidade. A pressão o comprimira nas partes mais afiadas e frias de si mesmo. As partes mais propensas a suportar a pressão. Sob uma força idêntica, eu quebrei. Eu me despedacei

para evitar isso, sabendo que talvez nunca fosse capaz de me reconstruir da mesma forma. Mas queria ter esperança de que o que havíamos perdido ainda pudesse ser salvo. Que, apesar do que havíamos nos tornado, poderíamos aprender a ser suaves outra vez.

Beijei seu olho esquerdo, depois o direito. O canto de sua boca. O queixo. Arin começou a tremer.

— Sylvia. — Era meio súplica, meio dor.

A voz de Vaida encontrou caminho através da névoa da carência. *Ele reprime o seu coração por autopreservação.*

— Eu te desprezo. — Passei os dedos pelos cabelos dele, saboreando o peso do seu corpo contra o meu. Ele se segurava com cuidado, como se pudesse me esmagar se perdesse o foco. Homem bobo. Chutei seu tornozelo e soltei uma risada quando ele se equilibrou, rolando-me para cima.

Segui a linha afiada de seu nariz.

— Eu sonho em te matar.

Arin afastou os meus dedos. A preocupação me atingiu. Será que tinha ido longe demais?

Olhos escuros de divertimento perscrutaram os meus. Ele alisou a ruga que se formava na minha testa com o polegar.

— Minha louca Suraira, temos muito o que discutir sobre sedução.

Uma batida na porta me arrancou um grito de susto. Arin cobriu a minha boca.

— Vitoriosa Sylvia? Precisa de ajuda?

Mordi a luva dele. Ele se afastou com um sorriso malicioso.

— Não, obrigada!

Seus lábios selaram os meus em um deslizar sensual. Agarrei a sua nuca, me enrolando nele como uma cobra capturando a sua presa. Enfiei o polegar em sua cintura, traçando a curva de seu quadril.

A perda repentina do calor de Arin me fez voltar à consciência. Ele

havia virado a cabeça para o lado, com o maxilar tenso.

— Preciso de um momento — ele forçou a frase. — Sua magia...

— Qual é a sensação?

— Não posso confiar nas minhas próprias mãos. Parece que vou acariciar seu lindo pescoço e quebrá-lo.

Eu deveria ter tido medo. Na verdade, tive, mas sempre tive medo. A emoção era um pilar fundamental do nosso relacionamento.

Ele estava dizendo a verdade sobre a musrira; ou a verdade, como acreditava que fosse. Uma maldição frustrada o tornara tão sensível à magia que o meu simples toque podia lhe causar dor. Era uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

Mas eu me perguntei.

Com delicadeza, coloquei minha palma na bochecha de Arin.

Se quer saber minha teoria mais forte, suspeito que te tocar enquanto você pode expressar plenamente sua magia me mataria.

Ele agarrou a minha mão com força. Seus dedos enluvados se flexionaram em volta do meu pulso nu, mas ele não jogou minha mão para o lado.

— Arin. — Encostei a bochecha no cabelo dele. — Estou te machucando?

Ele me deu um beijo leve como uma pluma no queixo.

— Constantemente. — Mas era um beijo melancólico, contente.

Acariciei seu rosto. As rapsódias dos poetas e as melodias apaixonadas. Agora eu as entendia. Não tinha talento para composição, então tracei as veias na parte inferior do seu pulso, depositei beijos na linha dura do seu maxilar, memorizei o formato do seu sorriso. Talvez isso se traduzisse.

— Devemos ir — murmurou Arin contra os meus lábios. — Eles já devem ter terminado os discursos. A maioria dos convidados está imersa na conversa.

— Ugh, talwith. — Ele me ajudou a sair da cama. — E se dissermos que o Herdeiro de Nizahl estava expressando os seus parabéns pessoais a sua Campeã? — Balancei as sobrancelhas.

Arin ajustou o diadema na cabeça, resmungando baixinho. Provavelmente implorando paciência a um poder superior. Soltei o cabelo, deixando-o balançar em volta das minhas bochechas acaloradas.

Quando tentei alcançar a porta, Arin agarrou meu pulso.

— Eu aguento mais um. — Ele me puxou para trás para um beijo forte. Enroscou a mão nos meus cachos soltos, inclinando a minha cabeça com o polegar no meu queixo para me manter parada. Eu já o vira empunhar armas letais de forma semelhante, manejando-as com precisão. Se Arin era tão meticuloso com as suas amantes quanto era com todo o resto, eu não via como alguém poderia sobreviver a ele. Ele mal havia me tocado, e eu já me sentia completamente carbonizada.

Quando Arin recuou, uma promessa perversa floresceu em seus olhos.

— Você não é o que eu esperava — ele sussurrou.

— Você já me disse isso antes — eu disse, sem fôlego, envergonhada.

O corredor estreito que ligava a torre à ala onde acontecia o Baile dos Vitoriosos ecoava com nossos passos. Painéis de vidro iam do topo até a base de cada parede, e eu estava dolorosamente ciente de quão alto estávamos do chão, com apenas o piso fino nos sustentando.

O corredor angustiante terminou e descemos uma escada em espiral. No final, um arco em forma de corvo abrindo as asas levava ao salão de baile. Duas espadas formavam o topo do arco.

Arin afastou a cortina.

— Depois de você. — Controlando os meus nervos, passei pelo arco e entrei em um salão de baile de puro esplendor. Luminárias pendiam dos tetos abobadados e cobriam as paredes. Uma plataforma foi erguida

no centro, coberta por um lençol preto e sedoso, para as mesas reais. Nizahl, sem dúvidas, não poupou gastos. Bebidas alcoólicas fluíam livremente. Os músicos tocavam instrumentos Omalianos em homenagem ao meu reino natal. Centenas de convidados bem-vestidos rodopiavam pelo salão, suas conversas me atingindo em uma onda sonora.

Diya não passou despercebida. A mesa do banquete ostentava uma grande variedade de carnes salgadas e pão za'atar espesso, sementes de romã açucaradas em tigelas de madeira entalhada, pão adocicado umedecido e assado em leite fresco. Três outras mesas estavam dedicadas a cervejas e garrafas de talwith de lavanda, a especialidade de Orban.

Os membros da realeza sentaram-se em cadeiras almofadadas de espaldar alto na plataforma, observando os dançarinos animados e conversando. Um membro da realeza permaneceu notavelmente ausente da mesa Orbaniana. Sorn permaneceu nas sombras, com uma taça pendurada na ponta dos dedos.

— Eu já volto — murmurei. Arin franziu a testa, mas não tentou me impedir.

O Herdeiro de Orban acompanhou a minha aproximação com uma mistura de desprezo e tédio.

— Ora, se não é a Vitoriosa. Veio se gabar? — Sorn esvaziou a taça. Eu mal conseguia ouvi-lo com todo aquele barulho.

Embora achasse que a inteligência de Sorn fosse equivalente à de uma noz sem casca, ele se importava com a sua Campeã. Era mais do que se poderia dizer de Vaida e Felix.

— Sinto muito pôr o que aconteceu com Diya. Ela não merecia perder de forma tão enganosa e desonrosa. Tenho certeza de que ela vai acordar.

Do nada, Sorn tirou uma garrafa, despejando o que sobrou em sua

taça. Meu nariz se enrugou com o cheiro enjoativo. Talwith. Quanto ele havia consumido?

— Você tem certeza? Nossa, a órfã da aldeia está confiante de que Diya vai acordar. Rápido, chame os arautos! Precisamos compartilhar esta notícia maravilhosa!

O que mais eu esperava? Virei-me, deixando Sorn fazer mais um espetáculo. Gostaria que Diya estivesse ali, nem que fosse para poder lhe perguntar o que fazia o Herdeiro grosseiro cativar a guerreira cáustica e perspicaz.

Tradicionalmente, o Vitorioso ocupava um lugar cobiçado na plataforma real. O Supremo Rawain recostava-se em sua cadeira, com o cetro debaixo do braço, enquanto rolava uma uva entre os dedos. Ele vestia as tradicionais vestes negras de Nizahl e uma capa violeta presa ao colarinho. Sentar-se em um balde de cacos de vidro era preferível a sentar-se em qualquer lugar perto de Rawain.

Arin estendeu a mão.

— Acredito que temos um acordo.

— Você aprendeu os passos?

Arin me girou, prendendo-me sob o braço e me girando. Algumas pessoas ao nosso redor aplaudiram. Ele me puxou com um sorriso que eu queria guardar no bolso.

— Aos nove anos.

— Mentiroso. — Balancei a cabeça, fingindo indignação. Arin estava chamando muito mais atenção do que eu. — Todo mundo, até o tio deles, está olhando para você.

Ele cantarolou.

— Eu normalmente não participo dessas coisas. Eles estão surpresos.

Examinei a realeza reunida.

— Qual deles é o Sumo Conselheiro?

— Ele foi atrás de um servo há alguns instantes — disse Arin. — Por quê?

— Dividir o ambiente com esse sujeito marica e abusivo está me dando nos nervos. — Inclinei-me e deslizei a mão mais para cima em seu ombro.

Arin estreitou os olhos.

— Abusivo?

Fiquei em dúvida se deveria ou não compartilhar a história de Sefa. Eu a havia ocultado até então porque não era minha para contar, e saber a verdadeira razão pela qual Sefa e Marek eram procurados pelo Sumo Conselheiro provavelmente não alteraria a ameaça original de Arin contra eles. Sefa havia compartilhado a verdade comigo no dia seguinte ao que Marek fez, mas ela não havia falado sobre isso desde então.

Mas se Arin pudesse livrar Nizahl da influência do Sumo Conselheiro, valia a pena contar a ele. Contei a história da forma mais sucinta possível, incluindo o envolvimento de Marek na fuga deles. Quando terminei, os ombros sob minhas mãos estavam mais tensos do que um arco.

— Pare de se autoflagelar — murmurei. — Você não tinha como saber. — A descrença me atingiu com a facilidade com que ele acreditou em mim. Desde quando Arin acreditava na palavra de alguém?

— Eu teria levado Sefa a uma corte dos aliados do Sumo Conselheiro. Levado ela à *justiça* — Arin retrucou. — Ele está perambulando perto da mesa do banquete para importunar os servos.

Um olhar rápido revelou um homem de estatura média entrando propositalmente no espaço da jovem criada. Ele tinha uma boca pequena e uma testa comprida. Absolutamente comum. Nada que indicasse que nutria um apetite por jovens indefesas.

O olhar de Arin passou por mim. Ele xingou, tropeçou e esbarrou no casal atrás de nós.

Nada me alarmava mais rápido do que um Arin visivelmente alarmado.

— Os guardas estão arrastando um homem e uma mulher usando um glamour.

Virei-me. De fato, Sefa, com o glamour de uma velha senhora, e Marek, com o glamour de um trabalhador braçal de cabelos negros, lutavam entre dois soldados de Nizahl. Um deles interrompeu a frase para sussurrar no ouvido do Supremo Rawain.

Tentei correr, mas o aperto de Arin no meu cotovelo era esmagador.

— Espere.

Na plataforma, o Supremo Rawain suspirou.

— Arin? — Ele inclinou a cabeça em direção a Sefa e Marek. Arin assentiu, cortando a multidão. Ele não soltou o meu braço.

O alívio tomou conta do rosto de Sefa ao me ver.

— Você está bem — ela suspirou. — Sylvia, alguém invadiu as carruagens da Vitoriosa. Os soldados acham que fomos nós. Dissemos a eles que estávamos esperando para viajar de volta para Omal com você, que as carruagens tinham sido saqueadas antes da nossa chegada.

— Eles não acreditam em nós — rosnou Marek, resistindo ao aperto do soldado.

Estremeci quando a dor floresceu onde Arin ainda me segurava. A urgência sublinhou a voz brusca do Herdeiro.

— Soltem-nos. Avisem os soldados para fecharem os portões. Quero os meus guardas pessoais nas carruagens. Todos os soldados nos terrenos da Cidadela precisam vasculhar os invasores, então acordem os recrutas.

Marek e Sefa foram libertados enquanto os soldados se dispersavam para obedecer. Cobri a mão de Arin em meu cotovelo com a minha, e ele finalmente olhou para mim.

— Os Urabi — explicou ele, impassível. — Não pegamos nenhum

deles saindo do julgamento, e presumi que não tivessem mordido a isca. Devem ter entrado sorrateiramente nos terrenos da Cidadela enquanto os soldados detinham a multidão. O terceiro teste não é o fim do Alcalah: o Baile dos Vitoriosos é.

Não tive chance de reagir. O Sumo Conselheiro, que havia se esquecido da criada para olhar de soslaio para Sefa enquanto ela falava, recuou de repente.

— Sayali — ofegou. — É você.

Sefa cuspiu em seus pés.

Três guardas avançaram para segurar Marek enquanto ele investia.

— Vossa Alteza! — gritou o Sumo Conselheiro. Ele ficou vermelho, a bebida derramada escorrendo pela frente da túnica. Mais guardas convergiram, cercando-os. — Estes são os animais que me roubaram e me deixaram para morrer.

O Supremo Rawain olhou outra vez, quase com relutância, e vagou pelo caos. Levantou-se, gesticulando com seu cetro.

— Prendam-nos — gritou, como se pedisse distraidamente um copo d'água. — Eles podem aguardar o julgamento nas masmorras.

Meu coração parou.

— Sylvia! — Sefa ofegou enquanto os soldados dobravam seus braços atrás das costas. Eles forçaram a cabeça de Marek contra o chão.

Eu estava em um lago congelado enquanto minha mãe queimava. Coletando sapos enquanto o mundo gritava ao meu redor. Eu estava na Cúpula Sanguinária, e Niyar gritava:

— *Corra!*

Arin impediu os guardas de arrastar Sefa e Marek para fora do salão de baile, mas somente seu pai poderia ordenar que fossem soltos. Com o pulso batendo no pescoço, considerei as possibilidades. Mesmo que eu esperasse o momento certo e elaborasse um plano brilhante para resgatá-los das prisões de alta segurança de Nizahl, eu poderia fracassar.

No minuto em que Sefa e Marek fossem retirados daquele salão, o destino deles estaria fora de minhas mãos.

Eu não poderia perder mais ninguém. Não perderia.

Essiya, não seja tola. Você tem tudo o que quer, ronronou Hanim. *Toda a riqueza que você sempre precisará. Segurança contra a perseguição dos Nizahl. Seu precioso Herdeiro. Por que perder tudo por um par de Nizahlanos tolos?*

Mas não era mais a voz de Hanim falando. Era a minha. Minha própria voz sussurrando na minha cabeça, me assombrando com mais força do que a memória de Hanim jamais conseguiria.

E pela primeira vez, respondi. Agarrei a voz e a enfiei em algum lugar muito mais fundo do que o buraco que eu havia usado para o corpo mortal de Hanim.

Não sou mais sua para atormentar, rosnei. Amor não era submissão. Não era testar até onde eu poderia me curvar antes de quebrar. Amor era a mão de Sefa encontrando a minha no escuro para se assegurar da minha presença. Amor era Marek entrando no reino dos seus pesadelos para me ajudar. A sopa de abóbora da Raya no meu aniversário, o sorriso áspero de Rory quando eu nomeava uma erva corretamente, a risada eufórica de Fairel. Dawoud virando a adaga contra si mesmo. Uma mesa explodindo na Cúpula Sanguinária. Amor era Arin embalando o meu rosto em um aposento em chamas e me dizendo para correr.

Olhei para Marek e Sefa e fiz a minha escolha.

— Vossa Alteza. — Subi a plataforma até o Supremo Rawain. Os degraus rangeram sob mim. — Estou aqui para implorar por suas vidas.

Rawain inclinou a cabeça. Eu tinha despertado a sua curiosidade.

— Quem são os ladrões para a Vitoriosa? — perguntou Rawain. Arin apareceu no ombro de Rawain, com os músculos tensos de apreensão. Eu não conseguia olhar para ele.

Ele nunca me perdoaria.

— Eles são meus companheiros. São inocentes deste crime.

O cetro bateu no chão. Ele pareceu entediado outra vez.

— O julgamento decidirá a inocência deles. Receio não poder atender a esse pedido, querida Sylvia.

Pensei em uma piscadela através de uma antiga mesa de carvalho. Um sorriso sereno enquanto o céu desabava ao nosso redor, trazendo destruição para a Cúpula Sanguinária. Ele não ficaria satisfeito até tirar tudo de mim.

Quando se escolhe por quem está disposta a lutar, você escolhe quem você é.

Ajoelhei-me aos pés do Supremo.

Cada linha do corpo de Arin se retesou. Juntei os punhados do meu vestido, curvando a cabeça.

— Por favor, Vossa Majestade. Imploro que os poupe.

O Supremo Rawain tinha o mesmo cálculo ponderado que eu adorava em seu filho. No primeiro caso, isso me fez sentir uma pontada de repulsa.

— Por que eu deveria?

Um acordo teria que ser fechado. Nada menos que isso garantiria a segurança de Sefa e Marek.

— Eu me ofereço no lugar deles.

Sefa e Marek não eram Jasadis, mas não havia dúvida em meu corpo de que eram meus. Eu não os reprimiria. Não me permitiria esquecer tudo de bom para me proteger do mal.

Minha magia descia em cascata, acumulando-se avidamente em meus punhos.

Rawain riu. Ele trocou um olhar compassivo com um perplexo Rei Murib.

— Não quero punir a minha própria Campeã. Principalmente alguém que nos deu tanto orgulho! — exclamou, provocando algumas risadas nervosas.

Ele não envergonharia Nizahl prendendo a sua própria Campeã. Não por alguns ladrões comuns. O Supremo Rawain não era diferente de Hanim. Uma coisa os uniu anos antes do meu nascimento. Uma necessidade imutável e depravada, e era isso que eu invocava agora.

Permiti-me olhar para Arin. Como uma mulher moribunda em um oásis, bebi até me saciar do belo Herdeiro. O horror se espalhou por suas feições. Por mais que tentasse planejar todos os resultados possíveis, nem mesmo o Herdeiro de Nizahl poderia se preparar para as sombras ocultas de uma mente perturbada; nem para o que poderia acontecer se a luz fosse lançada sobre elas.

Na medida do monstro ou do homem, o que inclina a balança?

Levantei-me.

— Você me conhecia antes de eu ser a sua Campeã. — Minha voz soou alta e clara. Minha magia uivava por libertação. Não havia tensão. Nenhuma dor.

Se era poder que ele queria, era poder que teria.

— Nós nos conhecemos em uma mesa sagrada de carvalho, muitos anos atrás. Em um local de paz e prosperidade. Você me conhecia por outro nome. Olhe com atenção, Rawain. Não se lembra de mim? — Inclinei-me sobre a mesa entre mim e o Supremo. — Eu, sem dúvidas, me lembro de você.

Olhei nos olhos pálidos e reptilianos e pisquei.

O choque varreu a expressão do Supremo Rawain.

— A filha de Niphran. — Seu aperto no cetro se contraiu. — Não pode ser. Você está morta.

Meu sorriso se iluminou.

— Não mais.

— *Guardas!* — berrou Rawain. Ele apontou a ponta cristalina de seu cetro para o meu peito enquanto os soldados invadiam o salão de baile. Sefa e Marek foram esquecidos na briga. — Uma abominação disfarçada

de nossa Campeã. Você vai pagar pelo que fez, Sylvia de Mahair.

Retruquei.

— Deixe-me refrescar a sua memória. — Meus pulsos doíam com a pressão nas algemas. — Meu nome é Essiya. Malika de Jasad.

Arin as viu primeiro.

— Algemas — disse ele, em um acesso de admiração.

As algemas brilhavam, iluminadas com magia derretida. Só que, desta vez, não pararam. Desta vez, o brilho inundou todos os cantos.

Você deve tomar cuidado com símbolos de poder, disse Diya. *Como o poder de um nome verdadeiro reprimido por muito tempo.*

Essiya foi além de rainha, além de Jasad. Essiya era um símbolo, e ela havia tomado vida própria. *Somos quem somos por causa de onde viemos.* Quem éramos.

Minhas algemas de prata caíram ruidosamente no chão. Rachaduras iridescentes percorreram o meu corpo, e as listras brilhantes se abriram sobre a minha pele. Vi meu reflexo no cálice da Rainha Hanan no momento em que prata e ouro rolaram sobre os meus olhos.

— Recuem! — rugiu Arin. Ele empurrou o pai para longe de mim e se virou, jogando o braço sobre a cabeça.

Minha magia chicoteou os cacos de vidro em todas as direções. Os convidados correram em direção ao arco, derrubando o brasão dos Nizahl na parede. Um kitmer tomou forma no centro do salão de baile. O felino se levantou, com sua cabeça emplumada dourada brilhando. Asas douradas se abriram, batendo nas paredes que o cercavam. Seu rugido sacudiu o chão enquanto o telhado desabava ao redor de sua cabeça.

Luminárias se quebraram entre mim e o resto da realeza, as chamas atingindo as toalhas de mesa espalhadas. Poeira flutuava das pedras que caíam, girando preguiçosamente acima do caos.

Tropecei nas patas do kitmer até onde Sefa e Marek se escondiam atrás de um pilar trêmulo. Os guardas se reuniram em torno da realeza,

levando-os rapidamente para fora do salão de baile que desabava ao nosso redor.

— Corram! — gritei. Pedras se chocaram contra as mesas. — Não consigo controlar!

— *Sylvia* — Sefa murmurou. Ela apertou os olhos, lutando contra a corrente de vento. Poeira espirrou em seus cabelos, segundos antes de uma pedra cair da parede à nossa direita. Ela estendeu a mão para mim.

Estalei os dedos. Sefa e Marek desapareceram, e a pedra caiu no lugar vago dela.

As asas do kitmer quebraram contra as paredes da Cidadela, e eu ri, girando na destruição.

Isso era liberdade. Enfim entendi por que Rawain se esforçou tanto para varrer a magia das terras. Imagine nunca conhecer esse tipo de euforia. Nunca sentir a magia fluindo por você, assobiando pelo ar ao seu comando. Uma pureza de poder, purificando a dor e a maldade da mortalidade.

Entendi por que meus avós matariam por isso.

Algo afiado se alojou no meu ombro. Depois outro e mais outro. Flechas atravessaram o kitmer em fúria e me atingiram, dezenas delas, cobrindo o meu corpo de pontadas de dor. O vento uivava e a plataforma achatou-se sob o teto em colapso.

Flechas normais não voariam nessas condições.

Tropecei em uma mesa e arranquei uma flecha da minha coxa. A ponta se dissolveu em manchas sépia.

Sim siya. Um agente paralisante Jasadi. Eu me agarrei, caindo sobre as rubis de romã espalhadas. A névoa desceu sobre minha mente.

Um círculo se formou ao meu redor. Mãos se uniram sobre meu corpo e vozes cantavam em Resar melódico. Embora minha visão estivesse embaçada, eu conseguia distinguir um rosto acima dos outros.

— Eu conheço você — falei arrastado. O homem na Passagem

Meridiana. Efra.

Os Urabi encontraram o seu momento de atacar.

A mulher ao lado do sombrio Efra sorriu.

— Isso só vai doer por um instante, Mawlati.

O cântico se acelerou enquanto a ala da Cidadela implodia. O kitmer pairava sobre a destruição, com as suas asas pintando o céu noturno com as cores flamejantes de Jasad. Uma renovação. Um voto mortal.

Minha mão caiu sobre o coração. Contei as batidas mais lentas enquanto os cânticos de Urabi ficavam mais altos e o mundo perdia as cores.

Um, dois. Eu estava viva. *Três, quatro.* Eu nunca mais estaria segura.

Em algum lugar, Arin estaria se recuperando da minha traição. Seus olhos ficariam gelados e implacáveis, e uma cicatriz igual à que tinha no queixo se gravaria em sua alma. Talvez ele me caçasse como caçou Soraya.

Cinco, seis.

— Eu a escolho — ele disse.

Em uma vida diferente, pensei, eu teria escolhido você também.

As mãos se separaram e nós desaparecemos.

EPÍLOGO

ARIN

Na loucura que se seguiu, Arin de Nizahl ficou parado em um mar de movimento.

Os convidados lotavam o gramado da Cidadela. Soldados conduziam carruagens carregadas de barris de água até a ala em chamas e corriam para dentro.

— Ela morreu. Pensei que tivesse morrido — repetiu a Rainha Hanan. A Rainha de Omal afundou no chão, desajeitadamente. Felix pairou sobre ela, tentando ajudar a avó a se levantar. — A filha de Emre está *viva*?

Acusações se espalharam entre os membros da realeza. Ela havia se hospedado sob o teto de cada um deles, comido em suas mesas.

— Encontrem-na! — Rawain cravou seu cetro na terra. — Fechem os portões! Mandem sentinelas para a floresta!

Arin sabia que deveria falar. Ele deveria dizer ao pai que os soldados não encontrariam nada nos terrenos da Cidadela. Instruí-los a barricar as estradas. Se a notícia chegasse às cidades altas de Nizahl, ela se espalharia pelo reino em poucos dias. O pânico se alastraria como fogo, e as aldeias mais baixas começariam a acumular alimentos e esconder crianças elegíveis para o alistamento.

Mas havia um caos diferente se instalando dentro do Herdeiro. Ganhando velocidade, preparando-se para explodir. Ele procurou controle na massa fervilhante, mas ela lhe escapou.

O Herdeiro de Nizahl não sabia o que sairia de sua boca se tentasse falar. Embora o fogo rugisse na ala da Cidadela, expulsando soldados

cobertos de fuligem e cinzas, Arin era a maior ameaça para as pessoas ao seu redor.

Pela primeira vez em sua vida, Arin não conseguia pensar.

A voz de Vaida dançava em seu ouvido.

— A Rainha de Jasad, sério? Pobre querida, como você deve se sentir horrível. Ter tido a sua maior inimiga tão perto por tanto tempo, só para perdê-la agora. — A Sultana se virou para encará-lo, com um sorriso presunçoso nos lábios rubi. Ela se inclinou para ele. — E você certamente a manteve *por perto*, não é... — As palavras da Sultana morreram em seus lábios quando a mão enluvada de Arin a atacou, fechando-se em volta de sua garganta.

Ele se deu conta, vagamente, dos guardas Lukubi dispersos gritando e correndo em sua direção. De seu pai golpeando com o cetro a linha rígida do braço de Arin enquanto erguia Vaida, que recuava, no ar.

— *Arin* — sussurrou Sylvia. Ela pressionou a bochecha contra o cabelo dele. — *Estou te machucando?*

Vaida agarrou os seus dedos inflexíveis, lutando contra a sua força. Ela olhou em seus olhos, e o que quer que a Sultana tenha visto a fez se contorcer como um gato na água. Os soldados de Nizahl colidiram com os guardas Lukubi em um choque de espadas.

Dois corpos se chocaram contra ele, vindos de um lado, levando-o junto com Vaida ao chão. Os guardas Lukubi agarraram a Sultana, que se debatia enquanto ela começava a chorar, e a levaram em direção às carruagens de Lukub.

Os rostos horrorizados de seus guardas pessoais o encaravam. O Supremo Rawain passou da raiva ao charme em um instante, apaziguando a realeza horrorizada.

— Todos sabemos que meu filho não é propenso a tais demonstrações terríveis de temperamento. Os efeitos da traição de uma Campeã, entendem. Ele se desculpará com a Sultana assim que Sua

Alteza tiver um momento para se recompor.

Se quisesse, Arin poderia repelir os seus guardas. Poderia massacrar todos os Lukubi que interceptassem o seu caminho até Vaida, entrar na carruagem e quebrar o pescoço que já havia poupado duas vezes.

— Senhor — Jeru murmurou, audível apenas aos ouvidos de Arin. — Encontramos flechas sim siya perto da mesa do banquete. Ela não partiu por conta própria. — Cinzas flutuavam no ar acima de Jeru.

— Os Urabi a levaram — concluiu Wes. — Meu senhor, você precisa voltar a si. Os Urabi reivindicaram a Rainha de Jasad para sua causa.

Seus guardas leais, treinados por ele, submetidos às jornadas mais árduas a seu serviço, estavam com medo por ele.

Arin olhou para o céu negro e deixou o gelo escorrer por suas veias, envolvendo a escuridão fervilhante, impedindo seu avanço.

Ele não poderia controlar a tempestade para sempre. Apenas o tempo suficiente.

— Saiam — Arin interrompeu.

Os guardas se levantaram rapidamente e os convidados recuaram quando Arin se levantou.

Para Wes, ele disse:

— Traga de volta todos os soldados que entrarem nas cidades altas. Se causaram comoção, digamos que um ladrão roubou os tesouros das carruagens Orbanianas. Se o Rei Murib concordar, leve dez khawagas com você.

Por fim, ele deu um passo em direção a Jeru. O guarda de cabelos cacheados ficou tenso.

A voz de Arin era suave.

— Encontre Sefa e Marek.

As narinas de Jeru se dilataram, mas ele assentiu brevemente.

Com os seus guardas desaparecendo para cumprir sua vontade, Arin se voltou para os convidados reunidos. Evitou o olhar astuto do pai.

— Somente aqueles na plataforma real estavam perto o suficiente para ouvir exatamente o que aconteceu antes da ala ruir. Os outros convidados apenas testemunharam a Campeã de Nizahl usar magia. Não se pode espalhar que a Rainha de Jasad está viva. Há Jasadis escondidos em cada um de seus reinos, enraizados profundamente na estrutura de nossa sociedade. Se descobrirem que a sua Rainha os está chamando, as suas terras se desintegrarão. Basta um único servo ouvir uma conversa. Sua identidade deve ser mantida em segredo a todo custo. — Ele moveu o olhar sobre seus rostos. — A Campeã de Nizahl se revelou uma Jasadi e atacou a Cidadela esta noite. Nem mais nem menos. Vocês entenderam?

Um por um, os membros da realeza assentiram. Felix tremeu de raiva, mas abaixou a cabeça. Teria que bastar.

No topo da Cidadela, Arin olhou para fora da varanda de ferro forjado. Ele passou o polegar pelas algemas que havia recuperado das ruínas fumegantes do salão de baile. Os primeiros raios de sol brilhavam sobre Nizahl. O início de um novo dia.

Quanto mais Essiya de Jasad vivesse, mais provável seria que a notícia de seu retorno se espalhasse. Sem um membro da realeza para liderar, o cerco contra Jasad custaria milhares de vidas. Uma revolta Jasadi com a filha de Niphran no comando mergulharia os reinos em uma guerra da qual eles nunca se recuperariam.

O Malik e a Malika de Jasad eram mineradores de magia.

Se ela continuasse as práticas profanas de sua linhagem, a guerra seria apenas o começo. Sua magia estava além de qualquer coisa que Arin já tivesse sentido. Além de qualquer poder que ainda deveria existir.

— Vossa Alteza? Você me chamou? — A voz de Vaun soou abafada atrás dele. O olhar de Arin não abandonou o rubor da aurora que tingia

os cantos distantes de seu reino. Ela estava em algum lugar por aí.

— Mande o conselho se reunir — disse Arin. Seu polegar percorreu as algemas sem parar. Não conseguiriam escondê-la dele para sempre.

A confusão atrasou a resposta de Vaun.

— O conselho já está reunido, meu suserano.

— Reúna-os na ala de guerra.

Vaun respirou fundo.

— Sim, senhor. — Arin não ouviu os passos do guarda desaparecerem nem a porta se fechando atrás dele.

O Herdeiro de Nizahl traçou as algemas de Essiya e começou a planejar.

Notas

[←1]

É um manto solto e longo, semelhante a um vestido, que as mulheres muçulmanas usam no mundo islâmico para cobrir todo o corpo, exceto o rosto, as mãos e os pés

[←2]

É um pão antigo egípcio, fofo e amanteigado, famoso pela sua textura em camadas e servido com mel e cremes. Acredita-se que seja a origem de outras iguarias como o croissant francês e o paratha indiano

[←3]

É o banquete de casamento islâmico, a segunda das duas partes de um casamento muçulmano, realizado após o nikah (a cerimônia de casamento) para celebrar e anunciar abertamente o casamento. O termo deriva de uma palavra árabe que significa "reunião" ou "assembleia", e é um símbolo de felicidade doméstica na casa após o casamento

[←4]

É um termo árabe com vários significados, mas mais frequentemente refere-se a uma região ou província administrativa (como um estado ou governadoria) em países como os da África e Ásia, e também a um território ou área em outros contextos, especialmente no Sudeste Asiático

[←5]

É um termo árabe que se refere a "histórias dos antigos" ou "as histórias do passado"

[←6]

É uma palavra de origem árabe que significa "a cidadela", "a fortaleza" ou "o castelo"

[←7]

Refere-se ao pão achatado egípcio (o "pão da vida"), feito tradicionalmente com farinha de trigo integral

[←8]

É um termo de origem árabe que se refere a um prato de favase cozidas

[←9]

Refere-se a um tipo de biscoito clássico do Oriente Médio, conhecido por sua textura amanteigada e delicada que "derrete na boca"

[←10]

"Ya Anisa" não é uma frase com um significado único e consolidado. "Ya" pode ser um vocativo em árabe (similar a "ó" ou "oh"), e "Anisa" é um nome feminino com origem árabe que significa "companheira agradável", "amiga íntima" ou "aquela que traz alegria e conforto"

[←11]

É uma sobremesa de semolina doce embebida em calda, popular em todo o Oriente Médio e Norte da África

[←12]

É uma bebida doce feita de frutas, flores, ervas, açúcar e água, frequentemente servida gelada

[←13]
Refere-se a uma província

[←14]

É um biscoito tradicional do Médio Oriente e do Sul do Sudão, que é coberto com açúcar em pó

[←15]

A palavra deriva do árabe "qahwa" e significa "café", sendo também usada para pedir uma chávena de café

[←16]

É um doce árabe feito de vermicelli, um tipo de massa bastante fina, semelhante à aletria, geralmente acompanhado de queijo

[←17]

Pode referir-se ao Halawi, um doce tradicional árabe feito de pasta de gergelim (tahine) e açúcar

[←18]

Um mingau de trigo, considerado uma alternativa saudável à aveia no Egito

[←19]

É um queijo egípcio tradicional semelhante ao queijo cottage, com uma textura macia, branca e esfarelada, feito de leite de vaca ou búfala desnatado

[←20]

O caracal, também conhecido como lince-do-deserto ou lince-persa, é um carnívoro da família dos felídeos habitante da África e da Ásia Menor

[←21]

Pode significar um título honorífico de "mestre" ou "senhor" em persa, e também se refere a um estrangeiro, especialmente de ascendência europeia ou americana, comumente usado no Egito e no Sudão

[←22]

É o termo árabe para um tipo de incenso feito de madeira aromática, como as lascas de oud, embebidas em óleos perfumados, resinas e outros ingredientes naturais

[←23]

É o nome, especialmente no Egito e Sudão, para o chá feito a partir da infusão das pétalas secas da flor de hibisco

[←24]

Refere-se tanto a uma planta (variedade de malva-juta) quanto a um prato tradicional feito com as suas folhas, especialmente popular no Egito e no Médio Oriente

[←25]

É uma sobremesa popular do Magrebe (Norte de África) feita com semolina, recheada com tâmaras, nozes ou amêndoas, e em forma de losango, do qual deriva o seu nome

[←26]

O malabi é um doce da culinária árabe que constitui-se num manjar com damascos

[←27]

É um palito de mascar feito a partir de ramos da árvore Salvadora persica, nativa do Oriente Médio, Ásia e África, utilizado como um método natural de higiene bucal há milénios

[←28]

Ornamento arquitetônico tridimensional da arquitetura islâmica, caracterizado por um padrão complexo em forma de favo de mel ou estalactite, usado para decorar cúpulas, arcos e nichos, ou para formar abóbadas inteiras

[←29]

É um prato tradicional do norte da África, principalmente do Egito e Marrocos, feito de puré de favas ou ervilhas secas, cebola, alho e especiarias

[←30]

É um prato tradicional do Oriente Médio, especialmente no Egito e na Turquia, que consiste em tripa de ovelha (ou outras vísceras) recheada com uma mistura de arroz, carne (como carneiro), temperos (pimenta, canela, sal) e cebola, sendo depois cozida e servida fatiada e frita

[←31]

É um tipo de massa em forma de grão de arroz, também conhecido como risoni, feito de sêmola de trigo duro, e é usado em sopas, saladas e como alternativa ao arroz, por vezes para fazer um falso risoto

[←32]

É um tipo de carne bovina curada e seca ao ar, originária da região da Anatólia (Turquia) e da Armênia, que se tornou parte da culinária de diversos países do antigo Império Otomano

[←33]

É um termo que se refere a uma criatura lendária presente em algumas tradições islâmicas, particularmente na tradição xiita, sendo retratada como descendente de um génio e um ser humano

[←34]

É o nome árabe para a Anqa, uma ave fêmea fabulosa e misteriosa da mitologia persa e árabe, descrita como uma ave dourada que voa para longe e só reaparece após séculos, associada ao pôr do sol

[←35]

É uma figura do folclore irlandês, descrita como um cavaleiro sem cabeça que cavalga um cavalo escuro. Ele carrega a sua própria cabeça na mão e é frequentemente associado à morte, aparecendo para anunciar a morte de alguém

[←36]

É uma peça de vestuário tradicional longa e larga, usada por homens e mulheres em países do Norte de África, como o Egito. Feita geralmente de algodão ou linho, esta túnica com mangas compridas é confortável e adequada ao clima quente, sendo usada para cobrir o corpo em contextos informais, domésticos e até em eventos sociais mais elegantes